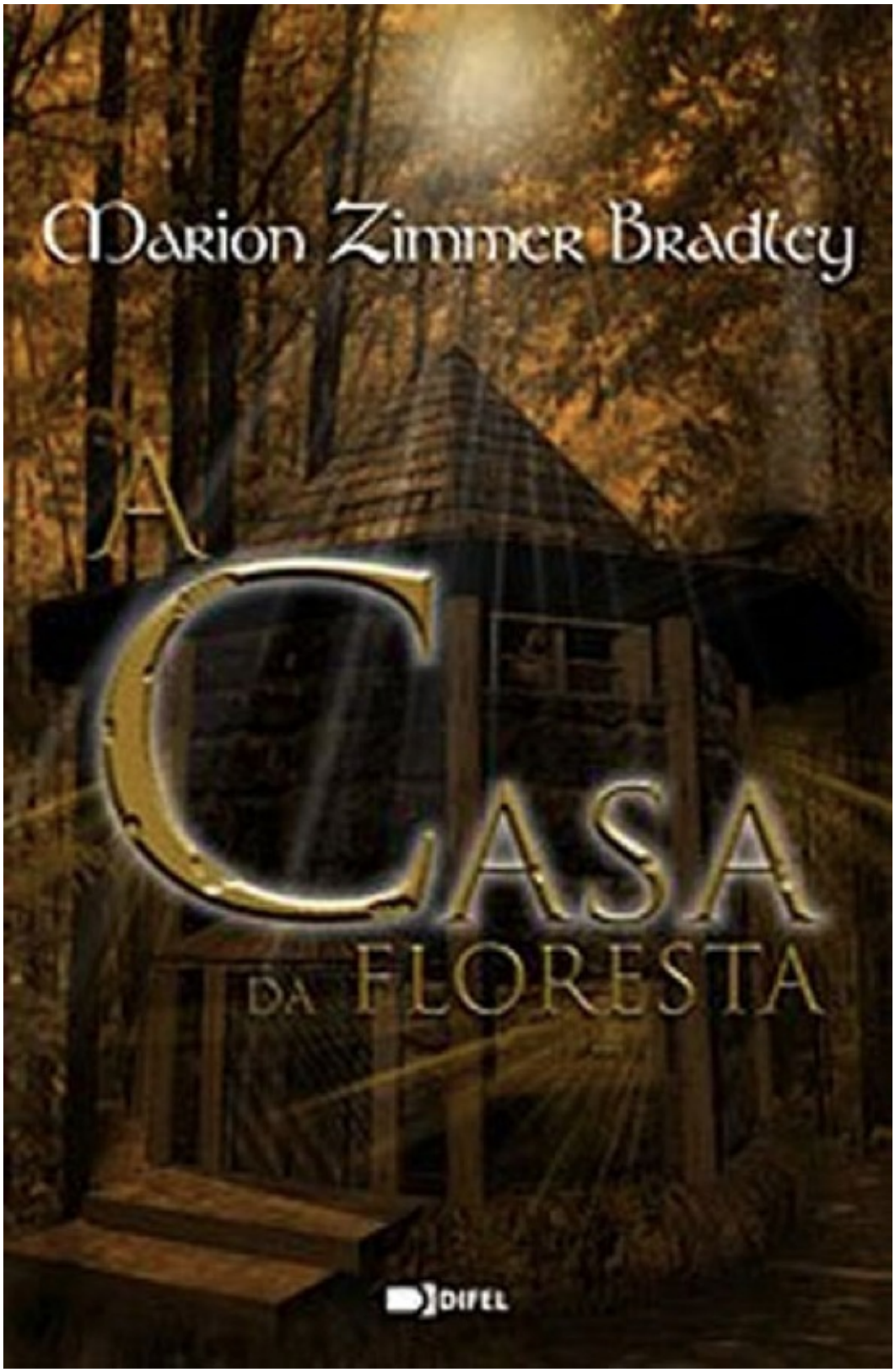

Marion Zimmer Bradley
A Casa da Floresta
DIFEL

A CASA DA FLORESTA

MARION ZIMMER BRADLEY

Para a minha mãe, Evelyn Conklin Zimmer, que tem suportado o meu trabalho no livro durante a maior parte da minha vida de adulta.

Para Diana Paxton, minha irmã e amiga, que firmemente ancorou este livro no tempo e no espaço e juntou Tacitus ao elenco dos personagens.

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe **Le Livros** para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la, ou aos que pretendem verificar sua qualidade antes de faze-lo.
Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.
A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e deseja e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

Le Livros

http://LeLivros.com



NOTA DO AUTOR

Aqueles que estão familiarizados com a ópera de Bellini Norma reconhecerão as origens desta história. Em homenagem a Bellini, os hinos nos capítulos Cinco e Vinte e Dois são adaptados do libreto do Acto 1, Cena 1, e os do Capítulo Trinta, do Acto 11, Cena 11. Os hinos a Lua nos capítulos Dezassete e Vinte e Quatro são retirados da Carmina Gadelica, uma recolha de orações tradicionais dos Highlands; (região montanhosa da Escócia) efectuada nos finais do século XIX pelo reverendo Alexander Carmichael.

PERSONAGENS

personagem histórica morto antes de história começar

ROMANOS

Gaius Macellius Severus Siluricus (chamado Gaius, de nome nativo Gawen), um jovem oficial, nascido de mãe inglesa.

Gaius Macellius Severus, sénior (chamado Macellius), pai de Gaius, Prefectus Castrorum da 11 Legião Adiutrix em Deva, divisão equestre.

(Moruadh, Mulher Real dos Sílures, mãe de Gaius). Manlius, médico em

Deva.

Capellus, ordenança de Macellius. Philo, escravo grego de Gaius. Valerius, secretário de Macellius.

Valeria (mais tarde chamada Senara), sobrinha de Valerius, meia bretã.

Martius Julius Licinius, Procurador (funcionário financeiro) da Bretanha.

Julia Licinia, sua filha. Charis, a sua criada grega. Lydia, ama dos seus filhos.

Licinius Corax, primo do Procurador, em Roma, Marcellus Clodius Malleus, senador, protector de Gaius.

Lucius Domítius Brutus, comandante da XX Legião Valeria Victrix, depois

da sua mudança para Deva.

Padre Petros, um eremita cristão.

Flavius Macro Longus - dois legionários que tentaram assaltar a Casa da Floresta.

(Gaius Julius Caesar, o «deificado Júlio», que iniciou a conquista da Bretanha).

(Suetonius Paulinus, governador da Bretanha durante a rebelião de Boudicca).

(Vespasiano, Imperador, 69-79 AD).

(Quintus Petililus Cerealis, Governador da Bretanha, 71-4 AD.). (Sextus

Julius Prontinus, Governador da Bretanha, 74-7 AD.).

* Gnaeus Julius Agricola, Governador da Bretanha, 78-84 AD.

* Gaius Cornelius Tacitus, genro e ajudante do anterior, um historiador.

* Sallustíus Lucullus, governador da Bretanha depois de Agricola.

* Titus Flavius Vespasíanus, Imperador Tito, 79-81 AD.

* Titus Flavius Domitianus, Imperador Domiciano, 81-96 AD.

* Herennius Senecio, um senador.

* Flavius Clemens, um primo de Domiciano, BRETÃOS

Bendeigid, um druida que vivia perto de Vernemeton. Rheis, filha de Ardanos e mulher de Bendeigid.

Mairi, a sua filha mais velha, mulher de Rhodrí. Vran, o seu jovem filho.

Eilan, a sua filha do meio, Senara, a sua filha mais nova. Gawen, filho de Eilan e de Gaius. Cynric, filho adoptivo de Bendeigid. Ardanos, Arquidruida da Bretanha. Dieda, sua jovem filha.

Clotinus Albus (Caradac), um bretão romanizado, Gwena, a sua filha.

Red Rian, um bandido irlandês.

Hadron, um dos Ravens, pai de Valeria (mais tarde chamada Senara).

* (Boudicca, «A Rainha Assassina», rainha dos Iceni, líder da revolta em 61 AD).

* (Caractacus, um líder da rebelião).

* (Cartimandua, rainha dos Brigantes, que traiu Caractacus aos Romanos).

* Calgacus, chefe caledónío que chefiou as tribos em Mons Graupius.

PESSOAS NA CASA DA FLORESTA

Lhiannon, Sacerdotisa do Oráculo, Grã Sacerdotisa de Vernemeton (a Casa da Floresta).

Huw, o seu guarda-costas.

(Helve, Grã Sacerdotisa antes de Lhiannon).

Caillean, uma antiga sacerdotisa que auxiliava Lhiannon. Latis, a senhora das ervas.

Celimon, instrutor de rituais. Eilidh.

Miellyn, Tanais amigas de Eilan.

Rhian - entraram em Vernemeton depois de Eilan se tornar Grã Sacerdotisa.

Annis, uma velha mulher surda que serve Eilan durante a sua gravidez.

Lia, ama do filho de Eilan, Gawen.

DIVINDADES

Tanarus, deus do Raio, britânico, equiparado a júpiter. O-Dos-Chifres (ou Chifrudo), deus arquétipo dos animais e florestas, com muitas variações locais.

Don, mítica mãe dos deuses e, por extensão, do povo britânico. Cathubodva, Senhora dos Ravens, deusa da Guerra similar a Morrigan.

Arianhrod, Senhora da Roda de Prata, deusa virgem associada à magia, ao mar e à Lua.

Ceres, deusa romana do Grão, agricultura. Vénus, deusa romana do Amor.

Marte, deus romano da Guerra. Bona Dea, a Boa Deusa.

Vesta, deusa do lar doméstico sagrada de Roma, servido por virgens. Mithras, um deus-herói persa, adorado pelos soldados.

Júpiter, rei dos deuses.

Juno, rainha dos deuses, sua mulher, patrona do casamento. ísis, uma deusa egípcia adorada em Roma como protectora do comércio no mar.

LOCAIS

Britannia Superior - Inglaterra do Sul Mona - a ilha de Anglesey.

Segontium - um forte perto de Caernarvon.

Vernemeton (o bosque mais sagrado) - a Casa da Floresta. Colina das Donzelas - Maiden Castle, em Bickerton.

Deva - Chester.

Glevum - Gloucester.

Viroconium Cornoviiarum - Wroxeter. Venta Silurum - Caerwent.

Isca Silurum - Caerleon. Acquae Sulis - Bath. Tor - Glastonbury.

O País do Verão - Somerset. Isca Dumnoniorum - Exeter. Lindum - LincoIn. Londinium - Londres.

Brittania Inferior - Norte de Inglaterra

Eburacum - York.

Luguvalium - Carlisle.

Caledónia - Escócia

Bodotria estuary - Firth of Forth.

Firth do Tava - rio Tay.

Sabrina Firth - SoIway .

Trimontium - Newstead.

Pinnata Castra - Inchtuthil.

Mons Graupius - localização incerta, talvez cerca de Inverness.

Hibernia - Escócia

Temair - Tara.

Drium Cliadh - Kildare.

Germania Inferior - zona superior do Oeste da Alemanha

Colonia Agrippensis - Colónia.

Rhenus - o rio Reno.

PRÓLOGO

Um vento frio açoitava as chamas dos archotes, transformando-as em chamejantes caudas de cometas. Uma luz ameaçadora brilhava nas escuras águas do estreito e nos escudos dos legionários que aguardavam na outra margem. A sacerdotisa tossiu com o cheiro desagradável de fumo e nevoeiro maritimo e escutou o clangor de latim militar que ecoava através das águas enquanto o comandante romano arengava aos seus homens. Os druidas cantaram em resposta, invocando a fúria dos céus e o barulho fez estremecer o ar.

Vozes de mulheres levantaram-se em guinchos de lamentação que a arrepiaram, ou talvez fosse do medo. Ela ondulou com as outras sacerdotisas, os braços levantados numa maldição; as suas roupas escuras abriam-se, esvoaçando como as asas de um corvo.

Mas os romanos também gritavam e a primeira fileira estava agora a lançar-se para a água. A harpa de guerra do druida vibrou com uma música terrível e a sua garganta ficou em carne viva com os gritos, mas, mesmo assim, o inimigo continuou a avançar.

O primeiro soldado de capote vermelho pisou na praia da Ilha Sagrada e os Deuses não o fulminaram. Nesse instante, o canto vacilou. Um sacerdote puxou a sacerdotisa para trás de si quando o aço romano brilhou à luz do archote; a espada caiu e sangue borrifou o seu manto escuro.

O ritmo do canto tinha-se perdido. Nesta altura apenas se ouviam gritos, e ela fugiu para as árvores. Atrás dela, os romanos ceifavam os druidas como tordos. Acabaram, rápido de mais, e a maré vermelha invadiu a ilha.

A sacerdotisa cambaleou pelo meio das árvores, à procura dos círculos sagrados. Um brilho alaranjado enchia o céu por cima da Casa das Mulheres. As pedras assomavam à sua frente, mas atrás dela ouviam-se gritos. Vendo-se sem possibilidade de escapar, abraçou-se à pedra central do altar. Agora, era certo que a matariam... Evocou a Deusa, e endireitou-se, à espera do golpe.

Mas não eram armas de aço que eles faziam tenção de usar contra ela. Lutou quando rudes mãos lhe agarraram o corpo, rasgando as suas roupas. Forçaram-na a deitar-se na pedra e o primeiro homem abateu-se sobre ela. Não havia fuga possível; apenas podia usar as disciplinas sagradas para fazer com que a sua mente se retirasse deste corpo até que tivessem acabado. Mas, enquanto a sua consciência se evolava, gritou: «Senhora dos Ravens, vingai-me! Vingança!»

- Vingança... - O meu próprio grito acordou-me e sentei-me, de olhos arregalados. Como sempre, levei alguns minutos a compreender que era apenas um sonho, e nem mesmo sobre mim, visto eu ser apenas uma criança quando as legiões assassinaram os sacerdotes e violaram as mulheres da Ilha Sagrada; uma indesejada criança-mulher chamada Caillean, a salvo em Hibernia, do outro lado do mar. Mas, desde que ouvi a história pela primeira vez, pouco depois de a Sacerdotisa do Oráculo me ter trazido para esta terra, os espíritos dessas mulheres têm-me perseguido.

A cortina na minha porta agitou-se e uma das donzelas que me servia olhou para dentro.

- Estais bem, minha senhora? Posso ajudar-vos a vestir? já são quase horas de saudar o nascer do Sol.

Acenei com a cabeça em concordância, sentindo o suor frio a secar-me na fronte, e deixei que ela me ajudasse a vestir um vestido lavado e a colocar os ornamentos de uma Grã Sacerdotisa no peito e na testa. Depois, segui-a para fora, até ao cume de outra ilha, uma verde Tor, que se erguia da mistura de pântano e campina a que os homens chamam o Mar do Verão. De baixo vinha o som do canto das virgens que guardavam o poço sagrado, e do vale mais distante, o do sino que chama os eremitas à oração, na pequena igreja em forma de colmeia situada ao lado do espinheiro branco.

Eles não eram as primeiras pessoas a buscar santuário nesta ilha no fim do mundo, para lá dos estreitos mares, nem, suponho, serão os últimos. Tantos anos já se passaram desde a morte da Ilha Sagrada e, embora vozes antigas ainda se ergam nos meus sonhos clamando por vingança, uma sabedoria duramente obtida diz-me que, desde que o conhecimento antigo não se perca, a mistura dos sangues fortalece uma raça.

Mas até hoje ainda não encontrei nada de bom, nem nos Romanos nem nos seus costumes. É por isto que, mesmo por Eilan, que me era mais querida que uma filha, nunca pude confiar em nenhum romano, nem mesmo em Gaius, que ela amava.

Mas, aqui, nenhum ruído de sandálias ferradas de legionário em estradas pavimentadas de pedra nos perturba, já que lancei um véu de nevoeiro e mistério para manter afastado o rectilíneo mundo romano.

Hoje, talvez eu conte às donzelas a história de como aqui chegámos, já que entre a destruição da Casa das Mulheres, na ilha de Mona, e o regresso das sacerdotisas à ilha das Maçãs, as mulheres dos druidas viveram em Vernemeton, a Casa da Floresta, e esta história não deve ser esquecida.

Foi aí que aprendi os Mistérios da Deusa e, por minha vez, os ensinei a Eilan, filha de Rheis, que se tornou na maior Grã Sacerdotisa e, di-lo-ão alguns, na maior traidora de todas ao seu povo. Mas, através de Eilan, o sangue do dragão e o da águia misturaram-se com o sangue dos sábios, e, na hora de maior necessidade, essa linhagem virá sempre em ajuda da Bretanha.

No mercado, os homens dizem que Eilan foi vítima dos romanos, mas eu não sou estúpida a esse ponto. No seu tempo, a Casa da Floresta preservou os Mistérios, e os Deuses não exigem que todos sejamos conquistadores, ou mesmo que todos sejamos sábios, mas apenas que sirvamos a verdade que nos é dada até que por nossa vez a possamos transmitir.

As minhas sacerdotisas estão a juntar-se à minha volta, cantando. Levanto as mãos, e, quando os raios do Sol começam a trespassar a neblina, abençoo a terra.

Um momento de silêncio e Caillean continuou: - Não me lembro nem da minha mãe!

UM

Raios de luz dourada brilhavam através dos ramos das árvores à medida que o Sol poente descia abaixo das nuvens, delineando em ouro cada uma das folhas recém-lavadas. O cabelo das duas raparigas que seguiam pelo caminho da floresta brilhava com o mesmo pálido fogo. Estivera a chover, durante esse dia. A espessa, escura floresta, que ainda cobria muito do Sul da Bretanha, estava ligeiramente húmida e adormecida, e alguns ramos baixos ainda deixavam cair algumas gotas dispersas, tal como numa bênção, sobre o caminho.

Eilan respirou profundamente o ar húmido, pesado, com todos os vivos aromas dos bosques e doce como incenso depois da fumarenta atmosfera da casa do seu pai. Na Casa da Floresta, tinham-lhe dito, usavam ervas sagradas para purificar o ar. Instintivamente, endireitou-se, tentando andar como uma das sacerdotisas que aí viviam, levantando o cesto das oferendas na sua melhor imitação da graça harmoniosa delas. Por um instante, então, o seu corpo moveu-se com um ritmo ao mesmo tempo pouco familiar e completamente natural, como se tivesse sido treinada para o fazer nalgum passado distante.

Só quando o período lhe apareceu pela primeira vez é que foi autorizada a

trazer as oferendas à Primavera. Tal como o seu ciclo mensal fez dela uma mulher, disse-lhe a mãe, assim também as águas da nascente sagrada eram a fertilidade da terra. Mas os rituais da Casa da Floresta serviam o seu espírito, fazendo com que a própria Deusa descesse quando da lua cheia. A Lua tinha estado cheia na noite anterior e, antes que a mãe a mandasse entrar em casa, Eilan tinha-se deixado ficar a olhá-la durante muito tempo, cheia de uma expectativa que não conseguia definir.

Talvez a Sacerdotisa do Oráculo me reclame para a Deusa durante o festival de Beltane. Fechando os olhos, Eilan tentou imaginar os hábitos azuis de uma sacerdotisa a arrastar-se atrás de si e o véu sombreando-lhe de mistério as feições.

- Eilan, o que estás a fazer? - o choque da voz de Dieda assustou-a, fazendo-a voltar à realidade e tropeçar na raiz de uma árvore, quase deixando cair o cesto. - Estás a arrastar-te como uma vaca coxa! Se não acabarmos cedo já estará escuro antes de voltarmos para casa.

Recuperando, Eilan correu atrás da outra rapariga, corando furiosamente. Mas já conseguia ouvir o suave murmúrio da nascente. Pouco depois, o caminho começou a descer bruscamente, e ela seguiu Dieda até à fenda de onde as águas pingavam vagarosamente, do meio de duas rochas, até caírem no lago. Numa era muito distante, homens tinham colocado algumas pedras à sua volta; ao longo dos anos a água tinha polido os seus espiralados entalhes. Mas a aveleira, a descendente de muitas árvores que aí tinham nascido, a cujos ramos as pessoas atavam os suas fitas de desejos, era recente.

Colocaram-se perto do lago e estenderam uma toalha para as oferendas; bolos primorosamente confeccionados, um frasco de hidromel e algumas moedas de prata. Não era mais que uma pequena lagoa, onde a deusa menor desta floresta tinha habitado, não um dos lagos sagrados onde exércitos inteiros sacrificaram os tesouros que tinham ganho; mas, ao longo de muitos anos, as mulheres da sua linhagem tinham-lhe trazido as suas oferendas, todos os meses depois da altura do seu período, de modo a que o laço com a Deusa pudesse ser renovado.

Tremendo um pouco no ar frio, despiram os vestidos e inclinaram-se para o lago.

- Lago sagrado, sois o útero da Deusa. Tal como as vossas águas são a origem de toda a vida, assim eu possa trazer nova vida para este mundo... - Eilan tirou um pouco de água com as mãos em concha e deixou-a escorrer lentamente pelo ventre e entre as coxas.

- Lago sagrado, as vossas águas são o leite da Deusa. Tal como vós alimentais o mundo, permiti que eu alimente aqueles que amo... - os seus mamilos formigaram quando a água fria os tocou.

- Lago sagrado, sois o espírito da Deusa. Tal como as vossas águas jorram das profundezas para todo o sempre, dai-me o poder de renovar o mundo... - tremeu quando a água lhe molhou a testa.

Eilan olhou fixamente para a superficie sombreada, vendo o pálido brilho do seu reflexo tomando forma à medida que as águas voltavam a acalmar-se. Mas, enquanto olhava para a água, o rosto que olhava de volta para ela mudou, Viu uma mulher mais velha, com uma pele ainda mais pálida e sombrio cabelo encaracolado, no qual luminosos pontos avermelhados cintilavam quais clarões de fogo, embora os olhos fossem os mesmos.

- Eilan!

Quando Dieda falou Eilan pestanejou e o rosto que da água olhava para ela tomou-se outra vez no seu. A sua parenta tiritava e, repentinamente, Eilan também sentiu frio. Apressadamente, vestiram as suas roupas. Depois, Dieda estendeu o braço para apanhar o cesto dos bolos e a sua voz elevou-se, rica e exacta, na canção.

«Senhora da Nascente Sagrada, Para vós trago estas oferendas; Pela vida, pela sorte e pelo amor eu oro, *Deusa, aceitai estas oferendas hoje.»*

Na Casa da Floresta, pensou Eilan, teria havido um coro de sacerdotisas para cantar a canção. A sua própria voz, fina e um pouco vacilante, combinava-se com a de Dieda numa harmonia singularmente agradável.

«Abençoai agora a floresta e os campos, Que a sua generosidade a nós se submeta; Possam parente e parenta ser robustos e sadios, Protegei o corpo e a alma!»

Eilan deitou hidromel do frasco para a água enquanto Dieda desfazia os bolos e os atirava para dentro do lago. A corrente arrastou-os num torvelinho e, por um momento, pareceu a Eilan que o seu som se tinha tornado mais alto. As duas raparigas inclinaram-se para a água, deixando cair as moedas que tinham trazido.

À medida que a ondulação se ia acalmando, Eilan viu os rostos das duas, tão parecidos, espelhados juntos. Endireitou-se, receosa de ver aparecer novamente a estranha mas, à medida que a sua visão escurecia, desta vez havia apenas um rosto, com olhos que brilhavam na água como estrelas no escuro mar do céu.

- *Senhora, sois o espírito do lago? O que quereis de mim?* - perguntou o seu coração. E pareceu-lhe que palavras vieram em resposta:

- *A minha vida flui através de todas as águas, tal como flui através das tuas veias. Eu sou o Rio do Tempo e o Mar do Espaço. Pertenceste-me ao longo de muitas vidas. AdsarTha, minha filha, quando consumarás tu os teus votos para Comigo?*

Parecia-lhe, agora, que nos olhos da Senhora cintilava um brilho que lhe iluminava a alma, ou talvez fosse da luz do Sol, pois quando voltou a si estava a pestanejar na direcção do resplendor que rutilava através das árvores.

- Eilan! - chamou Dieda, no tom de quem repete uma chamada pela segunda vez. - O que se passa contigo hoje?

- Dieda! - exclamou Eilan. - Não A viste? Não viste a Senhora no lago?

Dieda abanou a cabeça.

- Pareces uma dessas cadelas sagradas de Vernemeton, tagarelando sobre visões!

- Como podes dizer isso? És filha do Arquidruida; na Casa da Floresta poderias ter o treino dum bardo!

Dieda franziu as sobrancelhas.

- Uma mulher bardo? Ardanos nunca o permitiria, nem eu quereria nunca passar a minha vida encarcerada no meio do grasnar de mulheres. Antes preferia juntar-me aos Raven, com o teu irmão adoptivo Cynric, e lutar contra Roma!

- Chiu! - Eilan olhou à sua volta como se as árvores tivessem ouvidos. - És estúpida para estares a falar disso, mesmo aqui? Além disso, o que queres fazer ao lado de Cynric não é bem lutar, mas deitar-te... tenho visto como olhas para ele! - e sorriu maliciosamente.

Desta vez foi Dieda que corou.

- Não percebes nada disso! - exclamou. - Mas a tua vez há-de chegar e quando fores tu a cair que nem uma pateta por um homem qualquer será a minha vez de rir. - Começou a arrumar a roupa.

- Nunca o farei - disse Eilan. - Eu quero servir a Deusa!

- E por um momento a sua visão escureceu e o murmúrio da água pareceu tornar-se mais alto, como se a Senhora tivesse ouvido. Nesta altura já Dieda tinha o cesto nas mãos.

- Vamos para casa. - Levantou-se bruscamente para começar a caminhada. Eilan, no entanto, hesitou, porque lhe pareceu ter ouvido algo que não era o ruído da nascente.

- Espera! Ouves aquilo? Ao pé do velho fosso para javalis... Dieda parou, voltando a cabeça, e ouviram-no novamente, agora mais débil, como um animal em sofrimento.

- Seria melhor ir lá e ver - disse finalmente -, embora nos faça chegar tarde a casa. Mas se alguma coisa caiu lá, os homens terão que ca vir e acabar-lhe com o sofrimento.

O rapaz jazia, abalado e sangrando, no fundo da armadilha para javalis, as suas esperanças de salvamento desvanecendo-se à medida que a luz ia desaparecendo.

O fosso onde jazia era húmido e pútrido, e cheirava aos excrementos dos animais que aí tinham sido apanhados no passado. Aguçadas estacas estavam cravadas no fundo e nas paredes do fosso; uma dessas estacas tinha-lhe trespassado o ombro - não uma ferida perigosa, calculou, nem mesmo particularmente dolorosa por agora, visto o braço ainda estar adormecido devido à força da queda. Mas, ainda assim, por muito ligeira que fosse, parecia que seria o suficiente para o matar.

Não que tivesse medo de morrer; Gaius Macellius Severus Siluricus tinha dezanove anos de idade, e tinha feito o seu juramento de lealdade ao Imperador Tito como oficial romano. Tivera a sua primeira batalha antes mesmo de lhe ter crescido a barba. Mas morrer porque tinha tropeçado como uma lebre tonta numa armadilha enfurecia-o. A culpa era sua, pensou Gaius amargamente. Se tivesse dado ouvidos a Clotinus Albus estaria agora sentado em frente duma quente fogueira, bebendo a cerveja do País do Sul e namorando a filha do seu

hospedeiro, Gwenna a qual tinha posto de lado os castos hábitos dos Bretãos do interior e adoptado os modos e comportamentos das raparigas das cidades romanas, como Londinium, com a mesma facilidade com que o seu pai tinha adoptado a toga e a língua latinas.

E, contudo, foi exactamente devido ao seu conhecimento dos dialectos britânicos que foi enviado nesta jornada, lembrou-se Gaffis, e a sua boca torceu-se. O Severus mais velho, seu pai, era Prefeito do acampamento da 11 Legião Adiutrix, em Deva, e tinha casado com a filha, de cabelo escuro, de um comandante dos Silures, nos primeiros tempos da conquista, quando Roma ainda tinha a esperança de conquistar as tribos por meio de alianças. Gaius já falava o seu dialecto mesmo antes de balbuciar uma palavra de latim de jardim infantil.

Tinha havido uma altura, claro, em que um oficial de uma legião imperial, estacionada no forte de Deva, não se teria dado ao trabalho de expressar as suas exigências na língua de um país conquistado. Mesmo agora, Flavius Rufus, tribuno da segunda corte, não ligava a tais subtilezas. Mas o mais velho dos Macellius Severus, Prefeito Castrorum, respondia apenas perante Agricola, governador da província da Bretanha, e era da responsabilidade de Macellius Severus manter a paz e a harmonia entre o povo da província e a legião que os ocupava, guardava e governava.

Lambendo ainda as suas feridas, uma geração depois de a Rainha Assassina Boudicca ter tentado a sua infrutífera rebelião - e ter sido ferozmente punida pelas legiões - o povo da Bretanha estava pacificado o suficiente sob as pesadas imposições de taxas e impostos. Suportavam os recrutamentos forçados de mão de obra cada vez com menos humildade, e aqui, nas franjas do Império, o

ressentimento ainda estava latente, habilmente fomentado por alguns chefes de menor importância e outros descontentes, Flavius Rufus ia enviar um destacamento de legionários para o interior deste canteiro de agitação, a fim de supervisionar uma leva de homens mandados trabalhar nas minas imperiais de chumbo, nas montanhas.

A política imperial não autorizava que um jovem oficial estivesse colocado numa legião em que o pai tivesse um posto tão importante como o era o de prefeito. Era assim que Gaius tinha, nesta altura, o posto de tribuno militar na Legião Valeria Víctríx, em Glevurn, e, apesar do seu meio sangue britânico, desde a infância que tinha experimentado a severa disciplina de um filho dum soldado romano.

Até agora o Macellius mais velho ainda não tinha tentado obter quaisquer privilégios para o seu único filho. Mas Gaius tinha sido ligeiramente ferido numa perna durante um incidente fronteiriço; antes de ter recuperado totalmente, umas febres enviaram-no para casa, para Deva, com autorização de aí ficar a convalescer antes de voltar ao seu posto. já recuperado, sentia-se impaciente na casa do seu pai; a oportunidade de partir com a leva para as minas tinha-lhe parecido apenas umas agradáveis férias.

A viagem fora extremamente monótona; depois de os sombrios trabalhadores forçados terem sido entregues, Gaius, com uma quinzena das suas férias ainda por gozar, tinha aceite o convite de Clotinus Albus, secundado pelos pouco modestos olhares da filha, para ficar durante alguns dias e divertir-se a caçar. Clotinus também era um entusiasta e, além disso - Gaius sabia-o - tinha ficado satisfeito com a ideia de oferecer hospitalidade ao filho de um oficial romano.

Gaius tinha encolhido os ombros, gozado a caça, que era excelente, e contado à filha de Clotinus uma série de mentiras inofensivas, o que também foi excelente. Ainda no dia anterior, matara um veado nestes mesmos bosques, provando ser tão competente com a lança curta como estes bretões com as suas próprias armas; mas agora...

Deitado na imundície do fosso, Gaius tinha despejado desesperadas pragas sobre o timorato escravo que se tinha oferecido para lhe indicar um atalho entre a casa de Clotinus e a estrada romana que levava directamente, ou assim ele o disse, até Deva; sobre a sua própria loucura por deixar o simplório guiar a biga; sobre a lebre, ou o que quer que tivesse sido, que tinha arremetido à sua frente e assustado os cavalos; sobre os próprios mal treinados animais e no louco que os tinha deixado sair; e sobre o momento de distracção em que tinha perdido o equilíbrio e sido atirado, meio atordoado, para o chão.

Atordoado, sim, mas se não estivesse meio fora de si devido à queda, teria tido o senso suficiente para se deixar ficar no lugar em que tinha caído; mesmo um idiota tão completo como o condutor teria, mais cedo ou mais tarde, recuperado o controlo dos cavalos e voltado atrás para o vir buscar. Ainda mais que tudo isto, amaldiçoou a sua própria loucura em tentar encontrar o seu próprio caminho através da floresta e por ter abandonado a picada. Deve ter vagueado durante muito tempo.

Devia estar ainda tonto devido à queda recente, mas lembrava-se, com doentia clareza, do súbito escorregar, do resvalar das folhas e dos ramos quando a armadilha deu de si e, depois, da queda, impelindo a estaca através do seu braço com uma força tal que o privou da consciência durante alguns minutos. A

tarde passou-se antes que tivesse recuperado o suficiente para fazer o inventário dos seus ferimentos. Uma outra estaca tinha-lhe rasgado a barriga da perna, reabrindo a sua velha ferida; não um ferimento grave, mas tinha batido com o tornozelo com tanta força que este tinha inchado até ficar da largura da sua coxa; estava partido - ou pelo menos parecia-o. Gaius, no seu estado normal, era ágil como um gato e teria saído dali em segundos; mas agora estava demasiado fraco e entontecido para se mexer.

Sabia que se não sangrasse até morrer antes do cair da noite, o cheiro do sangue certamente iria atrair animais selvagens que acabariam com ele. Tentou evitar lembrar-se das histórias da sua ama sobre as piores coisas que tal cheiro podia atrair.

O frio húmido atravessava-lhe todo o corpo; tinha gritado até ficar rouco. Agora, se tinha de morrer, fá-lo-ía com uma dignidade romana. Aconchegou uma dobra do seu capote empapado em sangue à volta da cara, depois, *com* o coração a bater loucamente, arrastou-se até ficar direito; porque tinha ouvido vozes.

Gaius pôs toda a sua debilitada força num grito - meio guincho meio uivo. Envergonhou-se do som inumano depois de este ter saído da sua garganta e lutou para lhe acrescentar um apelo mais humano, mas não lhe saiu nada. Agarrou-se a uma das estacas, mas não conseguiu senão pôr-se de joelhos e encostar-se à suja parede.

Por um momento, um último raio de sol cegou-o. Pestanejou, e viu uma cabeça de rapariga enquadrada pela luz acima de si.

- Grande Mãe! - gritou ela numa voz clara. - Em nome de que deus conseguiu você cair aí para dentro? Não viu as marcas de aviso que põem nas árvores?

Gaius não conseguiu pronunciar uma palavra; a jovem mulher tinha-se-lhe dirigido num dialecto excepcionalmente puro, que não lhe era de todo familiar. Aqui, claro, deviam ser homens da tribo dos Ordovící. Teve de pensar por um momento para o traduzir para o calão silure da sua mãe.

Antes que pudesse responder, uma segunda voz feminina, esta mais rica, e de algum modo mais forte, exclamou:

- Insensato, devíamos deixá-lo ali para servir de isca aos lobos! - Outro rosto apareceu ao lado do primeiro, de tal modo parecido que, por um momento, pensou se a sua visão não lhe estaria a pregar uma partida.

- Vá lá, agarre a minha mão e penso que entre as duas conseguiremos tirá-lo daí - *disse ela*. - Eilan, ajuda-me! - Uma mão de mulher, esguia e branca, baixou na sua direcção; Gaius estendeu a sua mão útil; mas não conseguiu fechá-la.

- Qual é o problema? Está ferido? - perguntou a rapariga mais suavemente.

Antes que Gaius pudesse responder, a outra - Gaius não conseguia ver nada sobre ela excepto que era nova - inclinou-se para ver por si própria.

- Oh, estou a ver... Dieda, ele está a sangrar! Corre e trás Cynric para o tirar daqui para fora.

A sensação de alívio que percorreu Gaius foi tão poderosa que a consciência quase o abandonou e ele caiu para *trás*, gemendo quando o movimento o fez bater nas feridas.

- Não pode desmaiar - chegou a voz clara por cima dele. - Deixe que as minhas palavras sejam o fio que o prende à vida, está a ouvir-me?

- Ouço-a - murmurou. - Continue a falar comigo. Talvez fosse porque a ajuda estava a chegar que ele se pudesse permitir o sentir, mas as feridas começavam a doer-lhe muito. Gaius podia ouvir a voz da rapariga por cima de si, se bem que, para ele, as palavras já não fizessem qualquer sentido. O seu som era como o de um sussurro duma corrente de água, transportando-lhe a mente para além da dor. O mundo escureceu; Gaius só percebeu que era a luz do dia e não a sua visão que lhe tinha faltado, quando viu a luz bruxuleante de archotes nas árvores.

O rosto da rapariga desapareceu e ele ouviu-a chamar:

- Pai, está um homem preso no fosso dos javalis.

- Tirá-lo-emos então - replicou uma voz mais profunda.

- *Hum*... - Gaius sentiu movimento acima de si, - Isto parece um trabalho para uma padiola. Cynric, é melhor desceres e veres o que se passa.

No instante seguinte, um homem jovem tinha descido pelas paredes do fosso. Olhou para Gaius e perguntou prazenteiramente:

- No que é que estavas a pensar? É preciso ser-se mesmo um verdadeiro desmiolado para cair para aí, quando toda a gente nas redondezas sabe que isto está aqui há mais de trinta anos!

Reunindo os últimos restos do seu orgulho, Gaius começou a dizer que se ele o tirasse para fora seria devidamente recompensado, depois ficou contente por não ter falado. À medida que os seus olhos se adaptavam gradualmente à luz do archote, o jovem romano percebeu que o seu salvador era mais ou menos da sua idade, não muito acima dos dezoito anos, mas era um gigantesco pedaço de homem. O seu encaracolado cabelo escuro caía solto até aos ombros e o seu rosto, ainda imberbe, parecia tão feliz e calmo como se o ter de salvar estranhos meio mortos fizesse parte de um dia normal de trabalho. Vestia uma túnica de tecido axadrezado e calças de couro finamente tingido; o seu manto de pele de lobo, bordado, estava preso por um alfinete de ouro exibindo um estilizado corvo feito em esmalte vermelho. Estas roupas eram as de um homem de uma casa nobre, mas não de um que desse as boas-vindas aos seus conquistadores e macaqueasse os hábitos romanos.

Gaius disse simplesmente, na linguagem das tribos:

- Sou um estranho aqui; não conheço as vossas marcas.

- Bem, não te preocupes com isso; vamos tirar-te daí e depois conversamos sobre como fizeste para conseguir cair aí.

- O rapaz enfiou o braço por baixo da cintura de Gaius, segurando no jovem romano tão facilmente como se ele fosse uma criança.

- Cavámos aquele fosso para javalis, ursos e romanos notou calmamente. - Foi apenas azar que tivesses sido apanhado nele. - Olhou para cima, para o topo do fosso e disse: - Dieda, deixa cair a tua capa; será mais fácil que encontrar alguma coisa para servir de padiola; o capote dele está completamente empapado em sangue.

Quando a capa foi deixada cair, o rapaz atou-a à volta da cintura de Gaius e, depois, atando a outra ponta à sua própria, pôs um pé na estaca mais baixa e disse:

- Grita se eu te magoar; já puxei alguns ursos desta maneira, mas estavam mortos e não se podiam queixar.

Gaius cerrou os dentes e agarrou-se, quase desmaiando com a dor quando o seu tornozelo inchado bateu numa raiz saliente. Alguém, no topo, inclinou-se e agarrou-lhe as mãos e, finalmente, rastejou pela .borda fora, deixando-se ficar por um momento apenas a respirar, antes de ter forças para abrir os olhos.

Um homem mais velho estava inclinado sobre ele. Suavemente puxou para o lado o capote de Gaius, sujo e manchado de sangue, e assobiou.

- Algum deus deve gostar de ti, estrangeiro; uns centímetros mais abaixo e aquela estaca tinha-te perfurado os pulmões. Cynric, raparigas, olhem para isto - continuou. - No sítio onde o ombro ainda sangra o sangue é escuro e lento, o que significa que está a voltar para o coração; se estivesse a vir do coração, seria vermelho brilhante e em esguicho; e ele teria, provavelmente, sangrado até à morte antes que o tivéssemos encontrado.

O rapaz louro e as raparigas inclinaram-se, um após o outro, para olhar. Gaius jazia silencioso. já tinha desistido de qualquer ideia de se identificar e de lhes pedir que o levassem para a casa de Clotinus Albus em troca de uma recompensa substancial. Sabia agora que apenas a velha túnica britânica que tinha posto de manhã para viajar o tinha salvo. A pouco cerimoniosa perícia médica deste discurso disse-lhe que estava em presença de um druida. Depois, alguém levantou-o, e o mundo escureceu e desapareceu.

Gaius acordou à luz da lareira, o rosto duma rapariga observando-o. Por um momento, as suas feições pareceram flutuar numa auréola de fogo. Era nova e o seu rosto belo, mas os olhos eram duma tonalidade estranha, entre a cor-de-avelã e o cinzento; afastados, sob pálidas pestanas. A boca fazia-lhe covinhas no rosto, mas estava tão solene que parecia mais velha que o resto.

O seu cabelo era tão claro como as suas pestanas, quase descolorido, excepto onde a luz da lareira o fazia brilhar em tons de vermelho. Uma das mãos dela moveu-se sobre a sua cara e ele sentiu-a fria; ela tinha estado a banhar-lhe a cara com água.

Olhou-a, pelo que pareceu um tempo imenso, até que as suas feições ficaram desenhadas na sua memória para sempre. Então, alguém disse:

- Chega Eilan, penso que ele está acordado - e a rapariga retirou-se.

Eilan... Ele já tinha ouvido antes este nome. Teria sido nalgum sonho? Ela era encantadora.

Gaius lutou para poder ver, e deu-se conta de que estava deitado numa cama de bancada, encastrada na parede. Olhou à sua volta, tentando perceber onde se encontrava. Cynric, o jovem que o tinha arrastado para fora do fosso, e o velho druida cujo nome não sabia, encontravam-se de pé a seu lado. Estava deitado numa casa de madeira, circular, construída no velho estilo céltico, com toros aplainados irradiando desde o ponto mais alto do telhado até à parede, mais abaixo. Não tinha estado numa casa destas desde que era uma criancinha, quando a sua mãe o tinha levado a visitar os seus parentes.

O chão estava espessamente coberto com vergas; as paredes, de ramos de vime cor-de-avelã, tinha as fendas tapadas e remendadas com barro caiado, e os tabiques que separavam os cubículos das camas também eram feitos de vime. Uma grande cortina de couro resguardava a entrada fazendo as vezes duma porta, Encontrar-se neste lugar fazia-o sentir-se muito jovem, como se todos os anos de treino romano se tivessem evaporado.

O seu olhar moveu-se lentamente à roda da casa e de volta à rapariga. O seu vestido era de linho vermelho acastanhado e segurava uma bacia de cobre na mão; era alta, mas mais nova do que ele tinha pensado, o seu corpo ainda com as formas do de uma criança por baixo das dobras do vestido. A luz que vinha da lareira ao centro da casa, atrás dela, brilhava-lhe no seu cabelo louro.

A luz da lareira também lhe mostrou o homem mais velho, o druida. Gaius virou um pouco a cabeça e observou-o através das pestanas. os druidas eram

homens de sabedoria entre os Bretões, mas tinha-lhe sido dito durante toda a vida que eram uns fanáticos. Ver-se a si próprio na casa de um druida era como acordar na toca dum lobo, e a Gaius não custava admitir que estava com medo.

Teve, pelo menos, quando ouviu o ancião a discursar calmamente sobre a circulação do sangue, uma coisa que tinha ouvido dizer ao médico grego do seu pai ser um magistério dos sacerdotes curandeiros do mais alto nível, o bom senso de não revelar a sua identidade romana.

Não que estas pessoas fizessem qualquer segredo sobre quem eles eram. *«Cavámos este fosso para javalis, ursos e romanos »,* tinha afirmado o jovem dum modo bastante casual. Isto devia ter-lhe significado que estava a uma boa distância do pequeno círculo protegido de domínio romano. No entanto não estava a mais de um dia de viagem do posto da legião em Deva!

Mas, se estava nas mãos do inimigo, pelo menos eles estavam a tratá-lo bem. As roupas que a rapariga vestia eram bem feitas; a bacia de cobre que ela transportava era finamente trabalhada - tinha, sem qualquer dúvida, vindo de um dos mercados do Sul.

Pequenas velas feitas com pavios de junco mergulhados em sebo ardiam em lamparinas suspensas; o leito em que jazia estava coberto com brancos lençóis e a palha cheirava a ervas doces. Estava um calor pesado, depois do frio do fosso.

O ancião que tinha dirigido o seu salvamento chegou e sentou-se a seu lado, e, pela primeira vez, Gaius pôde observar bem o seu salvador.

Era um homem grande e poderoso, com ombros suficientemente fortes para derrubarem um touro. O seu rosto estava rudemente talhado no crânio, como se tivesse sido descuidadamente esculpido em pedra, e os olhos eram cinzentos claros e frios. Tinha o cabelo generosamente polvilhado de cinzento; Gaius pensou que ele devia ter mais ou menos a idade do seu próprio pai, cerca de cinquenta anos.

- Escapaste mesmo por muito pouco, jovem - disse o druida. Gaius teve a impressão de que a repreensão lhe surgia com naturalidade. - Da próxima vez mantém os olhos abertos. Daqui a pouco já vou ver esse ombro. Eilan ... - chamou a rapariga com um gesto e deu-lhe algumas instruções em voz baixa.

Ela foi-se embora e Gaius perguntou:

- A quem devo a minha vida, honrado senhor? - Nunca tinha pensado vir a mostrar respeito por um druida. Gaius, como toda a gente, tinha sido educado a ouvir as velhas histórias de César sobre os sacrifícios humanos e as lendas de guerras que tinham sido travadas para subjugar o culto druida na Bretanha e na Gália. Hoje em dia, aqueles que restavam estavam bastante bem controlados pelos éditos romanos, mas podiam provocar tanto transtorno como os cristãos. A

diferença era que, enquanto os cristãos espalhavam a dissensão nas cidades e se recusavam a adorar o Imperador, os druidas podiam incitar, até mesmo os povos conquistados, a uma guerra sangrenta.

Havia, no entanto, qualquer coisa neste homem que infundia respeito.

- O meu nome é Bendeigid - disse o druida, mas não fez qualquer pergunta a Gaius e o jovem romano lembrou-se de ouvir a sua mãe dizer que, entre os Celtas, um convidado ainda era considerado sagrado, pelo menos fora das terras dos Romanos. O pior inimigo podia reivindicar comida e abrigo e partir, se assim o escolhesse, sem que qualquer pergunta lhe fosse feita. Gaius respirou de alívio por esta moratória; neste lugar talvez fosse mais seguro - e mais sensato - pedir hospitalidade como um convidado do que exigi-la como o direito de um conquistador.

A rapariga, Eilan, entrou de novo na alcova, transportando uma pequena arca de madeira de carvalho fechada com fecho de ferro, e um chifre com uma bebida. Disse timidamente:

- Espero que seja este o certo.

O pai acenou-lhe bruscamente com a cabeça, agarrou na arca, e fez-lhe um gesto para que desse o chifre a Gaius. Este estendeu a mão para o agarrar e, para sua surpresa, viu que os dedos não tinham força para se fecharem.

O druida disse:

- Bebe isso - com os indiscutíveis modos de um homem que está habituado a dar ordens e a ser obedecido. Acrescentou, depois duns instantes: - Vais precisar disso quando tivermos terminado contigo. - Ele pareceu bastante amável; mas Gaius tinha começado a ficar assustado.

Bendeigid fez um gesto na direcção da rapariga e esta voltou para a cabeceira de Gaius.

Ela sorriu, provou algumas gotas no tradicional gesto de hospitalidade, depois levou o chifre até aos seus lábios. Gaius tentou levantar-se um pouco mas os seus músculos não lhe queriam obedecer. Com um grito de compaixão, Eilan levantou-lhe a cabeça com o braço para que pudesse beber.

O jovem romano beberricou na taça; era um hidromel muito forte, ao qual tinha sido juntada alguma especiaria amarga, obviamente medicinal.

- já quase tinhas passado todos os obstáculos até à Terra da juventude, estranho, mas não morrerás - murmurou ela. Vi-vos num sonho, mas éreis mais velho... e com um rapazinho ao vosso lado.

Olhou para cima, para ela, já deliciosamente sonolento de mais para achar aquilo perturbador. Apesar de ela ser muito nova, estar encostado ao seu seio era como estar de volta aos braços da sua mãe. Agora, que sofria, quase conseguiu lembrar-se dela e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Estava vagamente consciente quando o velho druida lhe cortou a túnica, e ele e o jovem Cynric lhe lavaram as feridas com qualquer coisa que ardia - mas não era pior que o remédio que o velho Marilius lhe tinha posto na perna quando a tinha ferido antes. Untaram-lha com alguma coisa pegajosa e ardente e ligaram-na firmemente com faixas de linho branco. Depois, mexeram-lhe no tornozelo deslocado e ele prestou atenção, sem muito interesse, quando alguém disse:

- Aqui não há nada de muito errado, nem sequer está partido.

Mas acordou em sobressalto do sonhador torpor quando Cynric disse:

- Aguenta-te agora, rapaz; aquela estaca estava imunda, mas penso que podemos salvar o braço se o queimarmos.

- Eilan - ordenou o velho bruscamente -, sai daqui para fora; isto não é coisa a que uma rapariga deva assistir.

- Eu agarro nele, Eilan - disse Cynric. - Podes ir-te embora.

- Vou ficar, Pai. Talvez possa ajudar. - A sua mão fechou-se na de Gaius e o velho resmungou.

- Sendo assim, faz como quiseres, mas não grites nem desmaies.

No minuto seguinte Gaius sentiu umas mãos fortes - as de Cynric? - a manterem-no na horizontal e bem seguro. A mão de Eilan estava ainda entrelaçada na sua, mas ele sentiu-a tremer um pouco; virou a cabeça para o lado, fechando os olhos e cerrando os dentes, não fosse escapar-se-lhe algum

grito vergonhoso. Sentiu o cheiro da aproximação do ferro em brasa e *uma* terrível agonia dilacerou-lhe todo o corpo.

Um grito contorceu-lhe os lábios e sentiu-o escapar como um fraco grunhido; o contacto ardente abandonou-o e apenas sentiu o suave toque das mãos da rapariga. Quando conseguiu abrir os olhos, viu o druida a observá-lo, um sorriso frio na sua barba cinzenta. Cynric, ainda inclinado para ele, estava branco; Gaius tinha visto aquele olhar em jovens sob o seu proprio comando depois da sua primeira batalha.

- Bem, cobarde é que de certeza que não és, rapaz - disse o jovem numa voz sufocada.

Obrigado disse Gaius absurdamente. E desmaiou.

DOIS

Quando Gaius voltou de novo a si, sentindo que tinha estado inconsciente durante muito tempo, as luzes das lamparinas tinham-se extinguido. Só vinha uma fraca luz das brasas na lareira e, nela, apenas conseguia entrever a rapariga, Eilan, sentada a seu lado, quase adormecida. Sentia-se cansado, o braço latejava e estava cheio de sede. Podia ouvir vozes de mulheres não muito longe.

O ombro estava envolvido em espessos envoltórios de linho - sentia-se como se tivesse sido envolvido em fraldas, como um bebé recém-nascido. O ombro ferido estava escorregadio devido a algum unguento gorduroso e o linho cheirava a gordura e a bálsamo.

A rapariga sentava-se calada a seu lado, num banco com três pernas, tão pálida e esbelta como um jovem vidoeiro, o cabelo, um pouco ondulado, penteado para trás das têmporas; a sua textura era fina de mais para que se mantivesse completamente liso. Tinha uma corrente chapeada a ouro à roda do pescoço, com uma espécie qualquer de amuleto. Gaius sabia que estas raparigas bretãs amadureciam tarde; poderia ter à volta duns quinze anos de idade. Dificilmente se podia considerar uma mulher, mas de certeza que também não

era uma criança.

Ouviu-se um estrondo como se alguém tivesse deixado cair um balde e uma voz jovem gritou:

- Então podes ir e ordenhá-las tu mesma se te apetece!

- O que é que se passa com a mulher do estábulo? perguntou rispidamente uma mulher.

- Oh, lamuria-se e chora como uma das fadas que predizem a morte, porque aqueles carniceiros dos romanos vieram e levaram o seu homem nas levas de mão de obra, e ela ficou sozinha com três criancinhas - disse a primeira voz -, e agora o meu Rhodri foi atrás deles.

- A maldição de Tanarus para todos os romanos... - começou uma voz que Gaius reconheceu ser a de Cynric, mas a voz da mulher mais velha interrompeu-o.

- Agora pouco barulho. Mairi, põe os pratos na mesa, não fiques aqui a gritar com os rapazes. Eu vou falar com a pobre mulher... digo-lhe que pode trazer os pequenos cá para casa... mas alguém tem que ordenhar as vacas hoje à noite, mesmo que os romanos levem todos os homens da Bretanha.

- Sois boa, mãe adoptiva - disse Cynric, e as vozes transformaram-se de novo num zumbido. A rapariga olhou na direcção de Gaius e levantou-se do seu banco.

- Oh, estás acordado - disse ela. - Tens fome?

- Podia devorar um cavalo e uma carroça e ainda perseguir o condutor até meio caminho de Venta - disse Gaius gravemente, fazendo com que ela o fitasse por um momento antes que os olhos se lhe abrissem de espanto e risse.

- Vou ver se há um cavalo e uma carroça na cozinha disse, rindo, a luz por trás dela tornando-se mais forte quando uma senhora apareceu à entrada da porta. Por um instante ficou surpreendido com a claridade; porque a luz que entrava no quarto era a luz do Sol.

- já estamos no dia seguinte? - deixou escapar sem pensar, e a senhora riu-se, virou-se e puxou totalmente a cortina para cima, prendendo-a num gancho e apagando a gotejante luz das lamparinas com um movimento fluído.

- Eilan não nos deixou incomodá-lo nem mesmo para comer - disse ela. - Insistiu que descansar lhe faria melhor que comer, Suponho que tinha razão; mas agora deve estar esfomeado. Lamento não ter estado aqui para lhe dar as boas-vindas a nossa casa; estava fora, a tratar duma mulher doente numa das propriedades do nosso clã. Espero que Eilan tenha cuidado de si como deve ser.

- Oh, sim - disse Gaius. Pestanejou, porque algo na sua atitude o tinha dolorosamente feito recordar a sua própria mãe. A senhora olhou para baixo, para ele. Ela era linda, esta mulher bretã, e tão parecida com a rapariga que o seu parentesco era óbvio, mesmo antes de esta ter exclamado, «Mãe ... » e parado, tímida de mais para continuar. O seu aspecto era de quem tinha estado a trabalhar com as suas criadas, porque a sua fina túnica de linho estava coberta de farinha, mas a roupa que se via por baixo era dum linho o mais branco e fino que ele tinha visto até agora na Bretanha, com as bainhas bordadas. Os seus sapatos eram de couro tingido de óptima qualidade e elegantes fechos de ouro espiralado apertavam-lhe o vestido.

- Espero que te estejas a sentir melhor - disse bondosamente.

Gaius ergueu-se, apoiado no seu braço são.

- Muito melhor, senhora - disse -, e eternamente grato a si e aos seus.

Ela fez um pequeno gesto de quem não dá importância ao assunto.

- Vens de Deva?

- Tenho estado de visita perto de lá - respondeu. O acento latino do seu sotaque explicar-se-la se ela pensasse que ele vinha duma cidade romana.

- Uma vez que estás acordado, enviarei Cynric para te ajudar a lavar e a vestir.

- Vai ser agradável poder lavar-me - disse Gaius, puxando o cobertor para cima quando se deu conta de que estava despido, com excepção das ligaduras.

A mulher seguiu o seu olhar e disse:

- Ele trar-te-á algumas roupas; poderão estar muito grandes mas por agora servirão. Se preferires ficar aqui estendido e descansar podes fazê-lo; mas se achares que estás capaz, sente-te à vontade para te juntares a nós.

Gaius pensou por um momento. Sentia-se como se cada músculo do seu corpo tivesse sido moído à cacetada; por outro lado, não podia deixar de se sentir curioso sobre esta família, e não podia dar a impressão de desprezar a sua companhia. Tinha acreditado que os bretões que não se tinham aliado a Roma eram na sua maioria selvagens, mas não havia nada de primitivo nesta casa.

- Juntar-me-ei a vós com muito prazer - disse, e passou uma mão pela cara, desalentado com a desmazelada barba. - Mas gostaria de me lavar... e talvez barbear-me.

- Não creio que te devas dar ao trabalho de te barbeares... certamente não por

nossa causa - disse ela. - Mas Cynric ajudar-te-á a lavares-te. Eilan, vai procurar o teu irmão e diz-lhe que ele é preciso.

A rapariga escapuliu-se. A senhora virou-se para a seguir, depois olhou para ele, vendo-o mais *claramente* à luz do cubículo da alcova. Os seus olhos suavizaram-se de um sorriso de cortesia para um que o fazia lembrar do modo como a sua mãe o costumava olhar, há muito tempo.

- Mas - disse ela -, tu não *passas* dum rapaz.

Por um momento, Gaius sentiu-se ferido por estas palavras já fazia o trabalho dum homem há três anos - mas antes que pudesse arquitectar qualquer resposta cortês, uma voz trocista disse:

- Sim, e se ele é um rapaz, madrasta, eu não passo dum bebé com roupas compridas. Bem, meu desajeitado, já estás pronto para ir dar cambalhotas noutras armadilhas de javali?

Uma vez mais Gaius ficou impressionado pelo enorme que *ele era*, *mas*, excepto pela sua grande altura, também era ainda um jovem; embora fizesse dois

de Gaius. Ele riu.

- Bem - disse -, pareces um pouco menos pronto para seres levado na carreta do velho que se encarrega dos loucos e dos bêbedos. Deixa-me olhar para a tua perna e veremos se estás pronto para pores o pé no chão. - Apesar de todo o seu tamanho, *as mãos* foram suaves ao examinar a perna ferida e, quando acabou, riu novamente.

- Todos devíamos ter pernas tão boas para andar! É, principalmente, um inchaço desagradável; o que é que fizeste, bateste com ela numa estaca? Bem me parecia. Qualquer pessoa com um bocado menos de sorte tê-la-la partido *em três* sítios e ficado coxo para toda a vida; mas, tu, penso que vais ficar bom. Já quanto ao ombro a coisa é diferente; não estarás pronto para viajar antes de mais ou menos sete dias.

Gaius lutou para se levantar.

- Tenho que. - disse. - Tenho que estar em Deva dentro de quatro dias. - A sua licença teria acabado...

- Deixa-me que te diga... se estiveres em Deva dentro de quatro dias é lá que os teus amigos te enterrarão - disse Cynric. - Até mesmo eu to posso dizer. Oh, já agora - pôs-se numa pose calculada e recitou, como se estivesse a repetir uma lição - Bendeigid envia as suas melhores saudações ao hóspede da sua casa e espera que recupere o melhor que lhe for possível; lamenta que a necessidade o obrigue a estar ausente durante o dia e a noite de hoje, mas ficará contente por te ver quando voltar. - Acrescentou: - Seria necessário um homem mais corajoso que eu para o enfrentar e dizer-lhe que não aceitaste a sua hospitalidade.

- O teu pai é muito bondoso - respondeu Gaius.

Bem podia descansar. Não havia nada que pudesse fazer, Dificilmente podia mencionar Clotinus. O que acontecesse a seguir apenas dependia do idiota que ia a conduzir a biga; se ele tivesse voltado para trás e relatado, como era sua obrigação, que o filho do Prefeito tinha sido atirado ao chão e talvez tivesse morrido, já estariam a passar os bosques a pente fino à procura do seu corpo. Por outro lado, se o atrasado mental tivesse mentido, ou aproveitado a oportunidade para fugir para alguma aldeia que não estivesse sob o domínio dos Romanos - e havia muitas, mesmo tão perto de Deva -, bem, ninguém podia dizer nada. Podiam não dar pela sua falta até que Macellius Severus começasse a fazer perguntas sobre o filho.

Cynric estava inclinado sobre uma arca aos pés da cama; tirou de lá uma camisa e olhou-a com uma mistura de divertimento e desânimo.

- Os trapos que vestias só servem para espantalhos - disse.

- Direi às raparigas para os limpar e remendar, mas duvido que isso possa ser feito; de qualquer modo, com este tempo elas não têm muito mais que fazer. Mas nestas roupas irias parecer uma donzela com um vestido comprido. - Atirou-as para a arca. - Vou pedir emprestado alguma coisa mais para *o teu* tamanho.

Saiu, e Gaius remexeu nos bocados de roupa que estavam dobrados ao lado da cama, à procura da bolsa presa ao cinto de couro que tinham cortado para lho tirar. Tanto quanto podia dizer não tinham tocado em nada. Alguns dos quadrados de estanho que ainda eram usados como moeda fora das *cidades romanas,* um broche, uma navalha de ponta em mola, um ou dois pequenos anéis e alguns outros adornos que não tinha querido usar para ir à caça - Ah, sim, ei-lo. Tinha-lhe servido de muito! Olhou de relance para o pedaço de pergaminho com o selo do Prefeito; o seu salvo-conduto não lhe iria servir de nada aqui, se é que, mesmo, não o poria em perigo; mas, quando se fosse embora, iria precisar dele para viajar.

Rapidamente voltou a pô-lo de volta na bolsa. Teriam eles visto o anel de sinete? Começou a tirá-lo do dedo para o pôr na bolsa; mas, nessa altura, Cynric entrou novamente no quarto, com algumas roupas debaixo do braço. Gaius sentiu-se quase culpado; parecia que estava a examinar as suas posses para ver se tinha sido roubada alguma coisa.

Disse:

- Penso que o selo do anel ficou solto quando caí - e mexeu a pedra verde um pouco. - Estava com medo que se o usasse ele caísse.

- Trabalho romano - disse Cynric, olhando para ele.

- O que é que lá diz?

Tinha apenas as suas iniciais e as armas da legião, mas ele tinha muito orgulho neste anel, pois tinha sido Macellius que o tinha encomendado a um cortador de aço em Londinium quando ele recebeu a sua patente de oficial.

- Não sei; foi um presente.

- O desenho é romano - disse Cynric carregando o sobrolho. - Os Romanos têm o lixo deles espalhado daqui até à Caledónia. - Acrescentou desdenhosamente - Não há nada a dizer donde é que veio.

Algo nos modos de Cynric disse a Gaius que corria um perigo mais mortal agora que quando estava no fosso. O próprio druida, Bendeigid, nunca violaria a hospitalidade; sabia-o pelas histórias que a mãe e a ama lhe tinham contado. Mas não se sabia o que este irascível jovem poderia fazer.

Num impulso, tirou um dos anéis mais pequenos da sua bolsa.

- A minha vida devo-a a ti e ao teu pai - disse, - Aceitarás isto como um presente meu? Não é caro, mas pode servir para te recordar uma boa acção que praticaste.

Cynric tirou-lhe o anel da mão; era pequeno de mais para qualquer dos seus dedos, excepto para o mais pequeno.

- Cynric, filho de Bendeigid o Druida, agradece-te, estranho - disse. - Desconheço qualquer nome pelo qual possa retribuir os agradecimentos...

Era o mais longe que uma insinuação podia ir sem fugir às boas maneiras e Gaius não podia, em cortesia, ignorá-lo. Teria dado o nome do irmão da sua mãe; mas o nome do chefe silure que tinha dado a sua filha em casamento a um romano podia já ter chegado mesmo até este canto da Bretanha. Uma pequena violação da verdade era preferível a uma maior na educação.

A minha mãe chamava-me Gawen - disse finalmente. isto, pelo menos, era verdade, já que Gaius, o seu nome romano, tinha sido estranho à língua dela, - Nasci em Venta Silurum, mais para o sul, de nenhuma linhagem que conheças.

Cyriric pensou sobre isto durante um momento, virando o anel no dedo mindinho. Então, uma estranha luz de compreensão iluminou-lhe o rosto. Disse, olhando intencionalmente para Gaius:

- os corvos voam à meia-noite?

Gaius não ficou menos espantado pela pergunta que pelos modos de Cynric.

Por um instante ponderou se o jovem não seria um simples de espírito; depois, respondeu descuidadamente:

- Receio que em assuntos florestais me leves a palma; nunca conheci nenhum que o fizesse.

olhou para as mãos de Cynric, viu que os dedos estavam entrelaçados dum modo peculiar e começou a perceber. Devia ser o sinal de uma das muitas sociedades secretas, na sua maioria religiosas como os cultos de Mithras ou do Nazareno. Estas pessoas seriam cristãs? Não, o seu sinal era um peixe ou algo do género, não um corvo.

Bem, nada o podia interessar menos e a sua expressão deve tê-lo mostrado. A face do jovem bretão mudou ligeiramente e disse rapidamente:

- Vejo que cometi um erro - e virou as costas. - Aqui está, penso que isto te servirá; pedi-o emprestado à minha irmã Mairi. São do marido dela. Anda, vou ajudar-te a ir até ao balneário e buscar a navalha do pai, se te quiseres barbear... se bem que já tenhas idade suficiente, penso, para deixares crescer a barba. Cuidado... não ponhas todo o peso nesse pé ou cais no chão.

Lavado, barbeado e, com a ajuda de Cynric, vestido com uma túnica lavada e com as soltas calças que os Bretões usavam, Gaius sentiu-se capaz de se levantar e tentar coxear. O braço latejava e ardia, e a perna doía-lhe em diversos sítios, mas podia estar muito pior, e sabia que os músculos endureceriam se ficasse na cama. Mesmo assim, foi com gratidão que se apoiou no braço de Cynric, quando o rapaz mais alto lhe guiou os passos através do pátio até ao grande salão de festas.

Uma mesa de tábuas desbastadas ocupava todo o centro, com pesados bancos de cada lado. o calor era fornecido por uma lareira em cada extremidade do salão. Perto destas, estava reunido um indistinto número de homens e mulheres e, até, umas poucas de crianças. Homens pesadamente barbados, com aventais de tecido grosseiro, falavam uns com os outros num dialecto tão rude que Gaius não conseguia perceber uma palavra.

Se bem que o seu tutor lhe tivesse ensinado que o termo latino *família* tivesse, na sua origem, significado todos os que partilhavam os mesmos alojamentos: amos, crianças, homens libertos e escravos, os Romanos, agora, mantinham os seus servidores afastados da família. Cynric interpretou o seu olhar de indulgente aversão por fraqueza e apressou-se a levá-lo para um banco almofadado no extremo do grande salão.

Aqui, um pouco afastada do heteróclito bando na outra ponta da mesa, estava sentada, numa espaçosa cadeira, a dona da casa. Perto dela, outra cadeira, coberta com uma pele de urso, estava evidentemente reservada para o patrão.

Outros bancos e cadeiras, também espaçosos, estavam ocupados por homens e mulheres jovens, cujo vestuário de melhor qualidade e modos bem educados os proclamavam como filhos ou filhos de criação da casa, ou, talvez, servidores superiores. A dona da casa acenou com a cabeça na direcção dos rapazes mas não interrompeu a conversa com um homem idoso sentado perto da lareira, alto e esquelético como um velho fantasma, com cabelo cinzento aos caracóis cortado dum modo quase afectado. A barba também era cinzenta e primorosamente encaracolada. Olhos verdes brilhavam na face do velho; a sua longa túnica era branca de neve, profusamente bordada, e a pequena harpa que estava ao seu lado era decorada e ornamentada a ouro.

Um bardo! Mas isso não era muito surpreendente na casa de um druida. Não faltava senão um adivinhador para que aqui estivessem representadas as três classes de druidas que César tinha descrito Mas um adivinho não se teria deixado iludir pelo disfarce do jovem romano. Apesar disso, o velho bardo favoreceu Gaius com um longo olhar, que o fez arrepiar-se todo, antes de se voltar novamente para a sua anfitriã.

Cyriric disse em voz baixa:

- Conheces a minha madrasta Rheis; este é o bardo Ardanos; chamo-lhe avô porque ele é pai da minha mãe adoptiva; eu sou *órfão.*

Esta frase silenciou completamente Gaius, porque já tinha ouvido falar de Ardanos nos quartéis-generais da legião. Acreditava-se que ele era um druida muito poderoso, talvez o chefe dos que restavam nas Ilhas Britânicas. Se bem que, à primeira vista, Ardanos se parecesse com qualquer outro druida prestes a começar a tocar, todos os seus gestos obrigavam a que se olhasse para ele. Não pela primeira vez, Gaius pensou como conseguiria escapar ileso.

Ficou contente por se poder deixar cair numa cadeira perto da lareira e passar despercebido. Se bem que ainda fosse dia claro no exterior, sentiu um calafrio, e deu graças pelo calor do fogo. já se tinha passado muito tempo desde que tinha tido necessidade de se lembrar dos costumes dos parentes da sua mãe. Esperava não cometer nenhum erro que o traísse.

Cyriric continuou.

- A minha irmã Eilan já conheces; a seu lado está a irmã da minha mãe, Dieda. - Eilan estava sentada perto de Rheis. Cynric riu-se com o espanto de Gaius, já que ao lado de Eilan viu outra rapariga, vestida com um vestido de linho verde, encostada às costas da cadeira e a ouvir o velho bardo. Por um momento achou-a tão parecida com Eilan como duas folhas de um carvalho; depois, viu que a rapariga a quem Cynric tinha chamado Dieda era um pouco mais velha e que tinha olhos azuis, enquanto os de Eilan eram quase cinzentos. Lembrava-se vagamente de ter visto dois rostos a olhar para ele desde a borda do fosso dos javalis, mas tinha pensado que estava a delirar.

- Existem mesmo duas; são mais parecidas que duas gémeas, não são?

Era verdade, mas Gaius apercebeu-se repentinamente de que a certeza com que tinha reconhecido Eilan nunca o abandonaria. Durante toda a sua vida seria um dos poucos que seria capaz de distinguir as duas mulheres, como que por instinto. Um fragmento de memória, estreitamente ligado a dor e a fogo, veio-lhe ao espírito - Eilan tinha sonhado com ele.

E, agora que as contemplava, podia ver que eram diferentes também em muitos pequenos detalhes; Dieda era um pouco mais alta e o seu cabelo permanecia liso e suave junto à fronte, enquanto o de Eilan lhe escapava da faixa que o prendia, formando uma minúscula auréola de caracóis. O rosto de Dieda era regular, pálido e perfeito, quase solene; o de Eilan parecia róseo, como se a sua face tivesse agarrado a luz do Sol e aí a tivesse guardado.

A ele pareciam-lhe muito diferentes, e as suas vozes também o eram. Dieda disse qualquer coisa descuidadamente cortês; a sua voz era rica e musical, sem a timidez da de Eilan, ou o seu riso.

- Então és tu o simplório que anda para aí a tropeçar em armadilhas para javalis? - disse Dieda solenemente. - Pelo que Cynric me contou, esperava ver

um grosseirão meio aluado, mas tu pareces razoavelmente civilizado.

Gaius assentiu sem se comprometer; era estranho ver uma rapariga tão nova capaz de manter uma reserva tão fria. Ele tinha gostado imediatamente de Eilan, mas, de algum modo, se bem que parecesse não haver nenhuma razão para que ela se importasse, supôs que esta não gostava dele, Cyriric acenou com a cabeça e voltou-se para uma jovem que tinha passado com um jarro de leite.

- Mairi, o nosso hóspede chama-se Gawen, se é que não te tornaste numa leiteira tão zelosa que nem ao menos o possas cumprimentar. - A mulher mais velha inclinou a cabeça num polido cumprimento, mas não respondeu. Quando se voltou, ele pôde ver que ela não era gorda, mas sim que estava num estado de gravidez muito adiantado. Parecia que tinha estado a chorar.

- E somos todos, com excepção da minha irmã mais nova, Senara - disse Cynric. Esta era uma rapariga de seis ou sete anos, com cabelo louro como o de Eilan. Olhou timidamente por detrás da saia de Mairi e ganhou coragem, dizendo:

- Eilan não veio para a cama comigo de todo; a mãe disse que ela ficou sentada ao pé de ti toda a noite.

- Fico, então, honrado pela sua gentileza - disse Gaius rindo -, mas o meu sucesso com as mulheres não é muito se *a* mais bonita de todas não me presta atenção. Por que não estavas tu também ansiosa para me velar, pequenina?

Ela era uma coisa pequena, rosada, de cara arredondada, e que lhe lembrava a sua própria irmã, que não tinha sobrevivido muito tempo à morte da mãe há três anos. Puxou a criança para si com o braço são e esta trepou para a cadeira, a seu lado, onde alegremente se deixou ficar. Mais tarde, ela insistiu em partilhar o prato com ele, quando as raparigas mais velhas, Mairi e Dieda, lhes trouxeram comida, e Gaius, rindo, fez-lhe a vontade.

Cyriric e Dieda estavam a falar em voz baixa- Gaius tentou lidar com a sua comida, mas o seu braço ligado tornava a tarefa difícil. Eilan viu a dificuldade que ele estava a ter e veio sentar-se do outro lado. Com uma pequena faca afiada que usava no cinto, cortou-lhe discretamente a comida em pedaços que ele podia manejar e disse à criança, numa voz suave que não passou dos ouvidos deles, para não maçar o seu hóspede. Feito isto, a timidez de Eilan voltou-lhe. Dirigiu-se para a lareira, sem dizer uma palavra, e Gaius ficou satisfeito por poder observá-la.

Uma das servidoras trouxe uma criança de cerca de um ano até Mairi e a jovem mulher, sem o mínimo constrangimento, desabotoou o vestido e começou a dar-lhe de mamar enquanto conversava com Cynric. Olhou para Gaius com uma curiosidade inocente, e disse:

- Agora vejo porque é que tiveste que pedir emprestadas a outra túnica e as calças do meu marido. Ele partiu para... Parou, franzindo as sobrancelhas. - Não pensei que ele se importasse de emprestar a outra roupa que tem a um hóspede, se bem que possa ter uma palavra a dizer-me se descobre que dei as suas roupas secas enquanto ele estava a tremer de frio na floresta. Diz-me Gawen, todos os Silures são tão pequenos como tu, como um dos do povo pequenino, ou algum romano trepou para a cama da tua avó uma noite?

Qualquer resposta que Gaius pudesse ter dado foi abafada pelas gargalhadas de toda a mesa. Gaius lembrou-se de que os Bretões eram dados a um tipo de gracejos mais pesados do que os que um romano de boa educação acharia de bom gosto. Era verdade que os Silures, para bretões, eram pequenos, escuros e de ossatura fina, quando comparados com os homens das tribos belgas, grandes e de pele clara. Cynric, Eilan, Dieda e Rheis eram desse tipo. Mas as poucas memórias que Gaius tinha do seu tio que governava os Silures eram as de um homem de poder, apesar da sua falta de altura, um homem de fúrias ou gargalhadas fáceis, com dragões tatuados enrolados pelos braços acima.

Veio-lhe uma resposta, que não ousaria dar na sociedade romana, mas que, aqui, serviria muito bem.

- Quanto a isso nada posso dizer, senhora Mairi, mas elas servem-me bastante bem... e se não estivésseis relutante bem que as encheria.

Cyriric atirou a cabeça para trás dando uma estrepitosa gargalhada, imitada por todos os outros. Até a calma Rheis sorriu um pouco, mas rapidamente ficou séria outra vez, como se soubesse alguma coisa que Mairi não sabia. Por um momento pareceu que ela se forçava à congenialidade. Virou-se para Ardanos.

- Pai, vamos ouvir um pouco de música?

Ardanos agarrou na harpa e olhou penetrantemente para Gaius. O homem mais novo teve a súbita convicção de que o velho druida sabia perfeitamente o que é que - e, talvez - quem ele era. Mas como é que podia? Gaius tinha o cabelo escuro como o seu pai, mas os Silures, tal como as outras raças do Oeste e do Sul, também eram conhecidas pelo seu cabelo escuro e encaracolado. Tinha quase a certeza de nunca ter posto os olhos no ancião anteriormente. Disse a si próprio que estava a imaginar coisas - provavelmente aquele olhar fixo, de suposto reconhecimento, tinha sido apenas devido a falta de visão.

O velho druida agarrou na harpa, dedilhou uma corda ou duas, depois pô-la de lado.

- Não estou com disposição para cantar - disse, olhando para uma das raparigas de cabelo loiro. - Dieda, minha filha, cantas tu para nós?

Eilan fez duas covinhas na cara e disse:

- Estou sempre ao vosso dispôr, Avô, mas não quereis realmente ouvir-me cantar, pois não?

Ardanos riu-se, mortificado.

- Ah, lá estou eu outra vez, Eilan; és tu não és? juro que tu e a Dieda estão sempre a tentar confundir-me. Como se alguém as pudesse distinguir até que abram a boca!

Rheis disse suavemente:

- Não vejo que elas sejam tão parecidas como isso, Pai. Claro, uma é minha irmã e a outra minha filha, mas a mim não me parecem nada parecidas. Tendes a certeza que não é a vossa vista a começar a falhar?

- Não, confundo-as sempre até que uma delas começa a cantar - protestou o druida. - Aí é que ninguém consegue confundir uma com a outra.

Eilan disse:

- Não é preciso fazeres uma cara como uma triste maçã azeda, avô; eu não tive o treino dum bardo! - Caíram depois em silêncio, quando, sem qualquer acompanhamento, Dieda começou a cantar:

«Um pássaro no ar contou-me um enigma; Um peixe é um pássaro que nada no mar, Um pássaro é um Peixe que nada no ar.»

A coberto da canção, Rheis chamou Mairi até si e perguntou:

- os romanos levaram mais alguém além do homem da mulher do estábulo?

- Não que eu saiba, Mãe, mas Rhodri foi atrás deles antes que eu pudesse perguntar - disse Mairi abanando a cabeça.

- Ele disse que a maioria das outras levas de mão de obra foram conduzidas para o Norte.

- Esse grande porco do Caradac! Ou devia dizer Clotinus, como os romanos lhe chamam! - explodiu Cynric. - Se o velho percevejo nos apoiasse os Romanos nunca se atreveriam a enviar as suas legiões para esta parte do país... mas enquanto toda a gente se juntar ou aos Romanos ou aos Caledónios...

- Está calado! - disse Dieda rispidamente, interrompendo a canção. - Ainda acabas por também teres que ir para o Norte...

Rheis disse gentilmente:

- Então, crianças, estes assuntos de família não interessam ao nosso hóspede. - Mas Gaius percebeu que o que ela pretendia dizer era, «Não é seguro falar assim com um estranho em casa.»

Ardanos disse calmamente:

- Esta região do país está mais calma que o que tem estado desde há anos. Os Romanos pensam que estamos domesticados, bons apenas para sermos espremidos para pagar impostos. Mas o melhor das tropas deles está fora, tentando conquistar a Novantae; logo, aqui há menos ordem.

- Uma ordem dessas bem a podíamos dispensar - disse Cynric ferozmente, mas Ardanos olhou-o fixamente e ele acalmou-se.

Gaius inclinou-se um pouco para a frente, na direcção da luz da lareira. Tinha a sensação de que o melhor que tinha a fazer era manter-se em silêncio, mas estava curioso.

- Estive em Deva há pouco tempo - disse vagarosamente.

- Havia rumores de que o Imperador poderia mandar regressar Agricola, de volta de Alba, apesar das suas vitórias. Dizem que não há proveito em gastar homens e abastecimentos Para manter uma terra tão inóspita.

- Dificilmente podíamos ter tanta sorte - disse Dieda, e riu com desprezo. - Os Romanos podem, na realidade, vomitar o que comeram para arranjar espaço nas barrigas para lá meter mais; mas nunca nenhum romano cedeu um centímetro de terra conquistada!

Gaius abriu a boca; depois pensou melhor. Rheis disse:

- Agricola é assim tão formidável? Conseguirá mesmo conquistar toda a Bretanha, até aos mares do Norte?

Ardanos fez uma careta.

- Os boatos em Deva podem ter algum fundo de veracidade; no meio de lobos e de homens selvagens duvido que até mesmo os lavradores romanos consigam espremer muito lucro.

Dieda olhou para Gaius com uma súbita maldade.

- Tu que tens vivido entre romanos - disse -, talvez nos possas dizer porque é que eles estão a levar os nossos homens e o que é que lhes acontecerá.

- Os senadores provinciais pagam os seus impostos com os homens das levas. Suponho que os levarão para as minas de chumbo nas montanhas do Mendip - disse relutantemente -, e, aí, não sei o que lhes acontece.

Mas sabia. O chicote e a má alimentação seriam usados para lhes quebrar a força de vontade e a navalha do castrador para desvirilizar quem quer que continuasse a resistir. Os que sobrevivessem à marcha seriam largados para trabalhar nas minas enquanto vivessem. Um brilho de triunfo nos olhos de Dieda disse-lhe que ela tinha adivinhado que ele sabia mais do que o que iria dizer. Ele estremeceu quando Mairi começou a chorar. Nunca tinha conhecido - ou sequer

pensado que o faria - alguém que pudesse estar sujeito às levas.

- Não se pode fazer nada? - gritou ela.

- Não este ano - respondeu o velho.

- Não há muito que se possa fazer a esse respeito - disse Gaius defensivamente - mas não podem negar que as minas enriqueceram toda a Bretanha...

- Podemos viver sem essa riqueza - disse Cynric furiosamente. - Roma enriquece no topo, e escraviza no fundo.

- Não foram apenas os romanos que enriqueceram... começou Gaius.

- Estás a falar de traidores como Clotinus?

Rheis inclinou-se para a frente, para terminar uma conversa que se tinha tornado desagradável, mas Cynric não se deixava interromper.

- Tu que tens vivido entre romanos - disse iradamente Cynric - sabes como é que Clotinus, o hipócrita, fez a sua fortuna? Guiou as legiões até Mona, ou és romano de mais para te lembrares que outrora havia aí um lugar sagrado, a Ilha das Mulheres, talvez o lugar mais sagrado da Bretanha antes da chegada de Paulinus?

- Apenas que havia lá um santuário - disse dum modo neutro Gaius, o seu pescoço a formigar de novo com a sensação de perigo. Para os Romanos, a destruição de Mona tinha sido ofuscada pela catástrofe provocada pela rebelião dos Iceni, mas ele não era estúpido para discutir Mona na casa de um druida, especialmente porque Agricola, ainda no ano passado, tinha varrido qualquer resistência que ainda aí pudesse ter restado.

- Temos aqui sentado um bardo, ao pé da nossa própria lareira - disse Cynric -, que nos pode cantar sobre as mulheres de Mona dum modo tal que o teu coração se partirá!

Quase ao mesmo tempo o druida disse:

- Hoje à noite não, rapaz - e a dona da casa inclinou-se para a frente.

- Não à minha mesa; não é história para ser contada enquanto hóspedes tentam comer o seu jantar - disse enfaticamente.

A sugestão, pensou Gaius, foi impopular - ou suficientemente política para ter como resultado uma discussão arriscada.

Mas concordou com os sentimentos do bardo; neste momento não tinha qualquer desejo de ouvir nenhuma história sobre atrocidades dos Romanos.

Cynric pareceu ficar de mau humor por um instante, depois disse a Gaius em voz baixa:

- Então conto-te mais tarde. Pode ser que a minha mãe adoptiva tenha razão; não é uma historia para ser contada à mesa do jantar, nem em frente de crianças.

- Faríamos melhor - disse Rheis -, se falássemos sobre os nossos preparativos para a festa de Beltane - e Mairi e as raparigas, como obedecendo a um sinal, levantaram-se da mesa. Cynric ofereceu o braço a Gaius e ajudou-o a voltar para a cama.

O jovem romano estava bastante mais fatigado do que julgara; todos os músculos no corpo lhe doíam e, se bem que estivesse decidido a não adormecer antes de ter exaustivamente passado em revista tudo o que se tinha passado, cedo se viu a dormir.

Durante os dias que se seguiram, o ombro ferido de Gaius inchou, o que o obrigou a ficar acamado com dores consideráveis - mas Eilan, que o tratou devotadamente, disse que este desconforto não era nada comparado com a doença que poderia ter sido provocada por uma estaca tão suja.

A única parte do dia que era tolerável, era quando, duas ou três vezes por dia, Eilan - que parecia ter-se nomeado a si própria sua enfermeira - lhe trazia as refeições e o alimentava, já que ele dificilmente podia segurar numa colher, quanto mais cortar carne. Não tinha estado tão próximo de qualquer mulher desde que a sua mãe tinha morrido, e nunca compreendera bem o quanto tinha

sentido a falta dessa proximidade. Talvez porque ela fosse mulher, ou porque fosse do povo da sua mãe, ou talvez por causa de alguma afinidade espiritual que os ultrapassava a ambos, sentiu-se realmente capaz de se descontrair com a sua companhia. Nas longas horas entre as suas aparições não tinha mais nada em que pensar, e parecia que, em cada dia que passava, a ânsia que tinha de a ver era cada vez maior.

Uma manhã, Cynric e Rheis sugeriram que lhe faria bem sair à rua para apanhar um pouco de sol e tentar andar. Manquejou dolorosamente até ao pátio, onde a pequena Senara o encontrou, tagarelando que Eilan e ela iam até ao prado apanhar flores e fazer grinaldas para o festival de Beltane do dia seguinte.

Em circunstâncias normais, a ideia de ir sozinho com duas raparigas não teria atraído muito Gaius; mas depois dos últimos dias na cama, teria dado as boas-vindas a uma viagem ao estábulo para ver Mairi - ou até a mulher do estábulo - ordenhar as vacas. De facto, parecia mais um piquenique, já que Cynric e Dieda se lhes juntaram. As raparigas mais novas tiranizavam Cynric: como se este fosse verdadeiramente seu irmão, e deram-lhe os seus xales e o cesto do almoço para transportar.

Senara escoltou Gaius; apoiou-se nela com mais força do que verdadeiramente queria e disse para si próprio que estava apenas a fazer a vontade à criança. Cynric parecia pairar sobre Dieda de um modo que pouco tinha de fraternal, falando em voz baixa. Ao olhar para eles, Gaius pensou se estariam prometidos um ao outro; não sabia o suficiente sobre os costumes das tribos para o dizer, mas não era tão estúpido que os fosse incomodar.

Colocaram o conteúdo do cesto na relva; havia pão cozido de fresco, fatias de carne assada fria e maçãs - bastante mirradas e castanhas -, as últimas, disseram as raparigas, da *reserva* do Inverno.

- Deixa-me ir procurar algumas bagas - Senara levantou-se num pulo, olhando à sua volta, e Eilan riu-se.

- Pateta, estamos na Primavera. Pensas que o nosso hóspede é um bode, para o poderes alimentar com flores?

Gaius não queria saber o que iam comer; estava exausto. Havia um frasco de sumo de fruta e outro de cerveja campestre fermentada de fresco. As raparigas não a beberam, dizendo que era amarga de mais; mas Gaius achou-a refrescante. Também havia bolos doces, que a própria Dieda tinha feito. Ela e Cynric partilharam um chifre a servir de copo, e deixaram Gaius na companhia das outras raparigas.

Quando todos tinham comido tanto quanto podiam aguentar, Senara encheu uma bacia com a clara água duma nascente que havia num canto do prado e

perguntou a Eilan se podia ver a cara do seu amado na água.

- Isso é uma superstição antiga - disse Eilan -, e eu não tenho nenhum amado.

- Eu tenho - disse Cynric, agarrando na bacia e olhando fixamente para ela. - Mostrar-me-á a água a tua cara, Dieda? Ela chegou-se e espreitou por cima do seu ombro.

- É tudo um disparate - disse. Gaius pensou que ela ficava mais bonita quando corava.

- Olhaste para a água, Eilan? - perguntou Senara, puxando-lhe pela manga.

Eilan disse:

- Penso que é uma blasfémia tentar forçar a Deusa a exprimir-se dessa maneira! O que é que Lhiannon diria?

- Alguém aqui se importa? - perguntou Dieda com um pequeno sorriso estranhamento duro. - Todos sabemos que ela não diz nada a não ser o que lhe é dito pelos sacerdotes.

- O teu pai importa-se - disse Cynric sobriamente.

- É verdade, importa-se - disse Dieda e, sendo assim, suponho que tu também te devas importar.

Senara virou-se para ela.

- Diz-me o que viste na água, Dieda pediu estridentemente.

- A mim - disse Cynric -, ou pelo menos espero-o.

- Nesse caso ficarias mesmo nosso irmão. - Senara sorriu-lhe.

- Por que é que pensas que quero casar com ela? - Cynric sorriu maliciosamente. - Mas ainda temos que falar com o teu pai.

- Pensas que ele se oporá? - Dieda pareceu subitamente ansiosa, e ocorreu a Gaius que ser filha do Arquidruida podia ser ainda mais constrangedor que ser filho de um Prefeito.

- De certeza que se ele me tivesse prometido noutro lado qualquer já me teria falado sobre isso!

- E com quem te casarás tu, Eilan? - perguntou Senara. Gaius inclinou-se para a frente, a sua atenção subitamente desperta.

- Ainda não pensei nisso - disse Eilan corando. - Por vezes parece-me que ouço a Deusa... talvez eu deva entrar para a Casa da Floresta como uma das virgens do Oráculo.

- Antes tu que eu - disse Dieda. - Nunca te invejarei essa vida.

- Ugh! - Senara abanou a cabeça. - Querias mesmo viver completamente sozinha?

- isso seria um desperdício vergonhoso - disse Gaius.

- Não há nenhum homem com quem queiras casar?

Eilan olhou para ele, e manteve-se silenciosa um instante antes de responder, dizendo então, vagarosamente:

- Nenhum ao qual os meus pais achassem apropriado entregar-me. E a vida na Casa da Floresta pode ser muito recompensadora. As mulheres sagradas aprendem todas as formas da sabedoria e as artes curativas.

Então, pensou Gaius, ela gostaria de ser uma sacerdotisa curadora. Tal como tinha dito a Senara, pensava que seria um grande desperdício para alguém que tinha trazido tanta beleza ao mundo. Eilan era bastante diferente de tudo o que tinha ouvido dizer sobre as raparigas bretãs, as quais, pensava ele, eram todas parecidas com a filha de Clotinus. O seu pai tinha falado, algumas vezes, em prometê-lo em casamento à filha dum velho amigo, um alto funcionário em Londinium, mas ele nunca tinha visto a rapariga.

Agora, ocorria-lhe que lhe poderia ser de mais utilidade casar com alguém como Eilan. Afinal de contas, a sua própria mãe tinha sido uma mulher das tribos da Bretanha. Olhou para Eilan durante tanto tempo que esta se sentiu incomodada.

- Tenho alguma mancha na cara? - perguntou ela. - Devíamos começar com as nossas grinaldas para o festival. - Subitamente, pôs-se em pé e começou a percorrer o prado, que estava literalmente coberto com flores azuis, púrpuras e amarelas. - Não, não os jacintos - disse para Senara, que a tinha seguido. - Vão murchar cedo de mais.

- Mostra-me então as que devo usar - pediu Senara.

- Gosto destas orquídeas azuis... no ano passado vi as sacerdotisas usá-las.

- Penso que os pecíolos delas são duros de mais para entrelaçar mas vou tentar - disse Eilan, agarrando na mão-cheia de flores de Senara. - Não. Não consigo fazê-lo; sem dúvida que as donzelas de Lhiannon conhecem algum truque que eu não conheço - declarou Eilan. - Tentemos as primaveras.

- São tantas como as ervas daninhas - queixou-se Senara, e Eilan começou a franzir as sobrancelhas.

- O que é que acontece no festival? - perguntou Gaius para a distrair.

- Levam o gado pelo meio das fogueiras e Lhiannon invoca a Deusa para dizer os Oráculos - declarou Eilan, as mãos cheias de flores.

- E os apaixonados encontram-se junto das fogueiras - disse Cynric, olhando para Dieda -, e casais prometidos tornam conhecidos os seus votos. Aqui, Senara, tenta estas.

- Essas são as que eu estava tentar entrançar - queixou-se Eilan -, mas os seus pecíolos são duros de mais. Dieda, essas flores irão servir?

A rapariga mais velha estava ajoelhada em frente de uma moita de um espinheiro, em plena, estrelada florescência. Ao ouvir a pergunta, virou-se e picou o dedo num espinho. Cynric aproximou-se dela e beijou-o o que a fez corar e perguntar rapidamente:

- Queres que te faça uma coroa, Cynric?

- Como quiseres. - Nesta altura, um corvo crocitou no meio das árvores e o seu rosto modificou-se. - O que estou eu a dizer? Agora não devia estar a pensar em grinaldas.

Gaius viu-a abrir a boca, como que para perguntar a Cynric por que não, depois deter-se, e pensou se seria por ele ser um estranho. Ela deitou fora as

flores e começou a recolher os pratos em que tinham comido, Eilan e Senara tinham acabado as suas grinaldas.

- Rheis vai ficar muito zangada se nos esquecermos de levar nem que seja apenas um prato destes - notou Dieda. - E vocês, raparigas, é melhor acabarem de comer esses bolos.

Senara pegou num dos bolos e partiu-o em dois, entregando metade a Gaius.

- Agora que partilhámos o mesmo bolo és o meu hóspede do coração - disse. - Quase meu irmão.

- Não sejas tão pateta, Senara - disse Eilan reprovadoramente. - Gawen, não deixes que ela te aborreça.

- Oh, deixa-a estar - disse Gaius -, ela não me está a maçar. - Pensou outra vez na sua irmã morta e tentou imaginar como teria sido a sua vida se ela fosse viva, Quando se pôs de pé cambaleou um pouco e Eilan veio segurar-lhe no braço, entregando as suas grinaldas a Dieda.

- Temo que te tenhamos cansado, Gawen - disse, - Aqui, apoia-te em mim. Cuidado não batas com o braço em nada avisou, afastando-o duma árvore.

- Ora, Eilan, já estás uma sacerdotisa curadora - disse Cynric. - Gawen, se quiseres podes apoiar-te em mim, Claro, Eilan é muito mais bonita do que eu, por isso talvez eu deva ajudar Dieda - disse, o rosto iluminando-se-lhe; e deu o braço a Dieda quando começaram a andar de volta pelo caminho.

- Gawen, penso que o melhor é ires directamente para a cama em vez de te levantares para o jantar. Eilan leva-to lá depois. Tive demasiado trabalho com esse braço para que agora estragues tudo.

TRÊS

A residência da Sacerdotisa do Oráculo era quadrada, como um santuário, rodeada por um pórtico com um telhado e situada um pouco afastada dos outros edifícios dentro dos muros de Vernemeton. Se bem que o povo se referisse à totalidade do recinto como a Casa da Floresta, esta era, na verdade, uma comunidade completa, cujos numerosos edifícios eram ligados por caminhos cobertos. jardins e pátios, entre eles, faziam com que o conjunto formasse como que um labirinto. Apenas os alojamentos da Grã Sacerdotisa estavam localizados longe dos outros, porque apenas ela estava rodeada pelo género de total simplicidade que é mais difícil de suportar que o mais rígido dos rituais.

Quando o Arquidruida Ardanos chegou foi imediatamente levado à sua presença pela sacerdotisa que a assistia, uma mulher alta, de cabelo escuro, chamada Caillean. Estava vestida de modo muito semelhante à Grã Sacerdotisa, com um vestido de linho azul-escuro, mas as argolas nos braços e o colar na garganta de Lhiannon eram de ouro puro, enquanto os da sua servidora eram de prata.

- Podes retirar-te, criança - disse Lhiannon a Caillean. Ardanos esperou até

que a cortina da porta se tivesse fechado atrás dela e sorriu.

- Ela já não é nenhuma criança, Lhiannon. Muitos Invernos já se passaram desde que viestes com ela para a Casa da Floresta.

- É verdade, perco a conta aos anos - retorquiu Lhiannon. Ela ainda era, reflectiu desapaixonadamente o druida Ardanos, uma mulher excepcionalmente bonita. já a conhecia há muitos anos e era, provavelmente, a coisa mais parecida com um amigo, da sua própria geração, que ainda vivia. Quando ela era mais nova isso tinha-lhe custado muitas noites de insónia; agora estava mais velho, e era muito raro lembrar-se de como ela tinha perturbado a sua paz.

Todas as sacerdotisas da Casa da Floresta, em Vernemeton, o Bosque Mais Sagrado, eram escolhidas tanto pela sua beleza como por qualquer outro atributo. Isto surpreendeu-o sempre. Conseguia entender que um deus quisesse ser servido por mulheres bonitas, especialmente se fosse alguma desprezível divindade romana, mas não estava nada de acordo com o que ele sabia sobre as mulheres que uma deusa quisesse que as suas servidoras fossem bonitas de mais.

O seu silêncio não era minimamente compelido pela presença do grande labrego, Huw, que exibia um cacete e estava parado junto à porta, e que estoiraria imediatamente os miolos a qualquer homem - até os do próprio Arquidruida - que fizesse um movimento ofensivo ou pronunciasse uma palavra

desrespeitosa à sacerdotisa. Ardanos, claro, não tinha essa intenção; a presença de Huw assegurava simplesmente a segurança de Lhiannon e concedia-lhe uma liberdade para receber visitantes que não era permitida a outras.

Ardanos sabia que não parecia suficientemente venerável para honrar a posição de Arquidruida e também, que não era o renascido Merlin da Bretanha. Mas consolava-se com o pensamento de que Lhiannon também já não se parecia muito com a encarnação viva, e profetisa, da Sagrada Deusa da Sabedoria e Inspiração. Ela era graciosa e delicada, e o seu rosto estava refinado pela austeridade mas, quanto ao resto, era apenas uma mulher envelhecida, se bem que o seu cabelo fosse tão loiro que era quase impossível detectar os fios cinzentos que, ele sabia, tinham de lá estar. O seu vestido sacramental azul-escuro caía em pregas duras e deselegantes. Os direitos ombros tinham começado a descair um pouco com a fadiga. Ardanos sentiu ainda mais a sua própria idade ao olhar para os sinais tão evidentes da dela.

Nos últimos anos, em consideração pela sua idade, Lhiannon tinha começado a usar uma touca na cabeça, como fazia a maioria das matronas e mulheres mais idosas, excepto quando soltava o cabelo para o ritual. E no entanto, reflectiu Ardanos, durante vinte anos - e ele tinha-a conhecido durante a maior parte desse tempo - a figura e o rosto desta mulher tinham sido fundamentais para a sua fé, e através dos seus lábios tinha saído, se não a palavra literal dos deuses, pelo menos essa palavra tal como interpretada pelos sacerdotes do Oráculo.

E, deste modo, talvez houvesse, apesar de tudo, algo de divino no rosto desta mulher que envelhecia, uma divindade que se pegava como uma fragrância. Talvez fosse algo que aí tivesse sido investido pelas multidões perante as quais

esta mulher aparecia como a própria Deusa; não, para eles, como um mero símbolo da sua fé, mas, nas suas literais mentes infantis, como o próprio eu da Deusa - a grande Virgem Mãe das Tribos, Senhora da Terra, em carne e osso.

Lhiannon levantou a cabeça.

- Ardanos, tens estado a olhar para mim há tanto tempo que dava para mungir uma vaca! Vieste aqui para me dizer qualquer coisa ou para fazer perguntas? Atira-o cá para fora, homem!

O pior que posso fazer é dizer que não. E quando é que alguma vez fui capaz de te dizer não? - E eram estas as palavras da divindade, pensou Ardanos, contente por colocar uma capa de cinismo sobre uma disposição que se estava a tornar opressiva.

- Perdoai-me, Senhora da Santidade - disse suavemente.

- Os meus pensamentos estavam noutro lugar.

Viu a surpresa dela quando se levantou outra vez, deu alguns passos impacientemente, e disse de modo abrupto:

- Lhiannon, estou preocupado; ouvi um boato em Deva, e que foi repetido por nada menos que o filho do Prefeito; Roma pode retirar as legiões. É a terceira vez que ouço falar disto e, é sabido, há sempre uma facção a gritar « Abaixo Roma », mas...

- E muitos desses que passam boatos e gritam estão à espera, ou pelo menos têm a esperança, que nos ergamos e gritemos com eles. Não acredito nesse teu rumor - disse Lhiannon asperamente. - Mas, se isso fosse verdade, tenho a certeza de que podíamos viver sem eles. Não é para que isso aconteça que temos estado a rezar desde que Caractus passeou acorrentado pelas ruas de Roma?

- Fazeis alguma ideia do caos que isso criaria? - perguntou Ardanos. - A própria facção que grita « Abaixo Roma ... » via-se que tinha gostado da metáfora...

- ... certamente não percebe o que acontecerá se o seu desejo se concretizar - disse Lhiannon.

« Ela conhece-me muito bem; agora até acabámos os pensamentos um do outro », pensou Ardanos. Mas ele não queria deixar acabar aquela sequência de pensamento.

- Concedo que tenha existido uma facção dessas desde que César ganhou a fama que precisava para governar Roma ao invadir a Bretanha! Mesmo agora, eles esperarão que nós, os do Bosque Sagrado, nos juntemos aos seus gritos - disse Ardanos -, e não perceberão quando nos mantivermos silenciosos. Nesta altura estou preocupado que estoure a desordem durante Beltane...

- Não. Penso que Beltane está suficientemente seguro disse Lhiannon. - As pessoas vêm para os jogos, para as fogueiras, para se divertirem, e tudo o resto. Se fosse Samaine, isso...

- Estas últimas levas de mão de obra pioraram as coisas disse Ardanos. - Levaram trinta dos homens de Bendeigid, todos os escravos libertos quando ele foi proscrito e até o seu próprio homem ajuramentado. Proscrito. - Riu melancolicamente. Ele não sabe a sorte que teve; apenas o proibiram de viver a menos de vinte milhas de Deva! E, todavia, ainda não foi informado sobre todas as levas, mas quando o for... bem, já antes me chamou coisas piores que traidor; as suas blasfémias não me incomodam.

- Tenho autorização para realizar a reunião de Beltane; falei com o próprio Macellius Severus e pedi-lhe licença para realizar um ,festival pacífico, como tem sido nestes últimos sete ou oito anos, dedicado a Ceres, e é porque ele me conhece e *confia em* mim que não enviaram alguns legionários para se assegurarem de que eles não saiam da ordem e, digamos assim, decidam em vez disso adorar Marte.

Lhiannon pestanejou e ele percebeu que se estava a lembrar desses dias de sangue e fogo, quando Boudicca tinha sacrificado homens à Deusa em troca da vitória. Eram todos tão jovens, nesses dias, tão seguros que podiam fazer voltar os dias de glória com um pouco de coragem e uma espada bem afiada.

- Se houver qualquer distúrbio - disse Ardanos -, nem que seja uma simples demonstração, sabeis tão bem como eu que esta parte do país será feita em pedaços. Mas como é que eu podia saber que as legiões deles tinham acabado de Passar por aqui e levado trinta bons homens para apodrecer nessas imundas minas de Mendip?

Mas ele deveria tê-lo sabido; era suposto ele saber o que os romanos estavam a preparar mesmo antes de eles próprios o saberem. Tinha de estar pronto para a afronta seguinte qualquer que ela pudesse ser.

Ela disse:

- Cancelar os ritos tão tarde criaria, provavelmente, desassossego mesmo onde antes nada havia. Queres que o tente? Têm havido quaisquer incidentes... talvez em reacção às levas?

- Não tenho a certeza - disse Ardanos. - Parece que alguém tentou fazer com que o filho do Prefeito... desaparecesse...

- O filho do Prefeito - Lhiannon levantou uma fina sobrancelha como se a pensar porque é que alguém se importaria. Para protestar ou para causar problemas ao nosso povo? Não seria mais do género de Bendeigid matar os homens que vieram para escoltar as levas?

- Ele encontrou o rapaz preso numa armadilha para javalis, salvou-lhe a vida e, agora, o rapaz é hóspede na sua casa. Lhiannon olhou fixamente para ele durante um bom momento e começou a rir.

- E o teu genro, Bendeigid, não o sabe?

- O rapaz parece-se o suficiente com a sua mãe silure para passar por um dos nossos e tem presença de espírito que chegue para não se denunciar. Mas ainda precisa de se restabelecer antes de se poder deslocar. Se acontece alguma coisa ao moço, que nunca, tanto quanto sei, fez nada de bom ou de mau, sabeis tão bem como eu que seremos culpados por isso. Somos culpados por tudo o resto, até por factos tão remotos como a pilhagem de Troy, e até mesmo pelo simples facto de as legiões estarem aqui e não de volta à Gália, aonde pertencem. Existem as velhas histórias das atrocidades que remontam ao deificado Júlio... que descanse em paz - acrescentou Ardanos, com uma careta de ferocidade que mostrava, ela estava segura, que ele queria dizer exactamente o contrário.

- Há, não obstante, um elemento de revolta - disse ele.

- Não o podeis ver, situada onde estais; não dou muito por ele, vivendo no meio de romanos há tanto tempo. Mas é minha obrigação ver os ventos. Ler sinais e presságios. Por exemplo... onde os corvos voam à meia-noite; falo da sociedade secreta que adora a Senhora das Batalhas.

Isto fê-la rir.

- Oh, Ardanos! Esses velhos meio malucos que fazem sacrifícios a Cathubodva, lendo a sina e à procura de presságios nas entranhas de pássaros mortos, tão maus como as legiões com os seus galinheiros sagrados... nunca ninguém lhes prestou a mínima atenção...

- Isso é o que eles eram - disse Ardanos. Disse para si próprio que ficava contente com a possibilidade de poder contar a Lhiannon alguma coisa que ela não sabia. Nos velhos tempos, as sacerdotisas tinham tido o mesmo peso que os druidas nos seus conselhos, mas, desde a queda de Mona, tinham aprendido a ser reservados para poderem sobreviver. Nalgumas ocasiões, o Arquidruida tinha, mesmo, de agir por si próprio. Por vezes Ardanos pensava se não estariam a levar isto longe de mais se as sacerdotisas não poderiam cumprir melhor as decisões do conselho se tivessem voz na sua realização. Se assim fosse, não se teria sentido tão sozinho com o problema.

- Isso é realmente o que eles eram, ainda não há uns três anos. Agora, de repente, em vez de velhos sacerdotes e sacrificadores, são um grupo de jovens, nenhum com mais de vinte e um anos de idade, a maioria dos quais nasceram na Ilha Sagrada, que pensam ser a reincarnação do Bando Sagrado...

- *Essas* crianças! Nascidos como nasceram não me admira.

- A sua testa ia-se enrugando à medida que começava a perceber.

- Exactamente - continuou ele. - Esse rapaz, Cynric, que Bendeigid está a criar, é um deles, e o meu genro, que teve sempre um traço de fanatismo, não perdeu tempo a partilhar as suas ideias políticas com o rapaz!

Lhiannon ficou branca.

- Como, se é que posso perguntar, aconteceu isso?

- Nunca pensei que fizesse qualquer diferença; foi antes de a minha filha Rheis casar com Bendeigid e eu não o conhecia assim tão bem. Quando percebi o sarilho que qualquer deles podia causar era tarde de mais. Cynric está preparado para começar onde o seu pai adoptivo parar. Ele e Bendeigid, entre ambos, conseguiram encontrar a maioria dos rapazes... e lá estavam os Ravens, com um nome e uma organização prontos a entregar...

- Se alguma coisa me acontecer, ou a vós... - Ele abanou a cabeça, com uma

careta. - Quem poderá fazer com que eles ponham fim à tentativa de se vingarem, sobre Roma, da vergonha das suas mães? As pessoas, daqui até aos lagos, já estão a espalhar que estes homens são heróis reencarnados.

- E pode ser que o sejam - disse Lhiannon. Ardanos resmungou.

- O pior de tudo é que o parecem.

- Eu aconselhei que fossem todos afogados, não apenas as raparigas, lembras-te? - disse Lhiannon, recuperando a compostura. - Por cruel que pareça, teria evitado os problemas agora. Mas havia outros que tiveram outras ideias; foram compassivos ou, como Bendeigid, quiseram educar os rapazes para vingarem as sacerdotisas. E, assim sendo, ainda estão vivos, e já é vinte anos tarde de mais para negar a sua existência. Não posso, agora, dizer que eles não têm nenhum direito à vingança.

Isso nunca, pensou Ardanos. Não podia sugerir, nunca, que a palavra de Lhiannon era a sua própria palavra, ou a palavra dos sacerdotes, e não a palavra da Deusa. Não podia recordar-lhe que a palavra de Lhiannon nunca tinha diferido, em nenhum modo essencial, da vontade expressa do Conselho dos Druidas ou que a Deusa - se é que ela existia de todo, pensou cinicamente não teria há muito deixado de se preocupar em intervir no que acontecia aos seus adoradores, ou a qualquer outra pessoa, excepto - ou talvez até incluindo - a sua

sacerdotisa.

Disse cautelosamente:

- Não estava a insinuar nada. Lembro-vos, simplesmente... não preferis sentar-vos? O vosso guarda está a olhar para mim dum modo muito inquietante... eu apenas disse que se a Deusa responder às vossas preces em favor da paz, Ela também ouvirá, e ignorará, as preces da maioria da população a favor duma revolta declarada ou da guerra. Durante quanto tempo mais continuará Ela a ouvir as vossas preces e a ignorar as deles? ou, pondo-o ainda mais directamente - *mas não suficientemente directo*, pensou ele -, desculpai-me por isto, mas já não sois nenhuma jovem; e no dia em que já não estiverdes ao serviço do santuário?

Se ao menos pudesse dizer-lhe a verdade. Uma paixão que pensava já ter esquecido apertou-lhe a garganta. *Ela e eu enfraquecemos com a idade, mas Roma ainda é forte. Quem ensinará os mais novos a preservar os nossos antigos costumes até que* Roma, por seu turno, se torne velha e a nossa terra seja a nossa própria de novo?

Passado um momento ela deixou-se cair numa cadeira e tapou os olhos com as mãos. Disse:

- Pensas que eu não pensei nisso?

- Sei que pensásteis nisso - disse ele. - E sei o resultado dos vossos pensamentos. Vernemeton poderia ser um dia servida por alguém que, digamos, correspondesse aos gritos de muitos a favor da guerra em vez de o fazer às preces da sua Sacerdotisa. E, nessa altura, haveria guerra. E sabeis o que seria de nós então.

- Só posso servir o santuário enquanto for viva - disse Lhiannon amargamente, - Mesmo tu não podes pedir-me mais que isso.

- Enquanto viveres - fez-se eco o velho druida - é disso que precisamos de falar neste momento. - Lhiannon passou a mão pelos olhos. Mais suavemente, ele perguntou:

- Não sois vós a escolher a vossa própria sucessora?

- De certo modo. - Ela respirou fundo. - Dizem que o saberei quando estiver para morrer, para assim poder transmitir os meus poderes e a sabedoria que possuir. Sabes quem faz a verdadeira escolha, Não fui eu a escolhida de Helve. Ela amava-me, é certo, mas não fui eu a sua escolha. Essa escolha, o seu nome não interessa, tinha apenas dezanove anos e era um pouco lenta de espírito. Foi nela que recaiu a escolha de Helve; deu a essa rapariga o beijo de despedida e, no entanto, ela não foi sequer considerada, nem lhe foi dado nenhum julgamento às mãos dos deuses. Por que não? Sem dúvida que o sabeis melhor do que eu. Os sacerdotes fizeram a escolha final. O que eu disser sobre a minha sucessora terá pouco peso... a menos que eu seja suficientemente cuidadosa para nomear alguém aceitável para eles.

- Contudo - disse Ardanos -, isso podia-se arranjar... que a vossa escolha fosse a deles.

Ela disse:

- A tua escolha, queres dizer.

- Se preferirdes, - Ele suspirou, Ela era rápida de mais a adivinhar-lhe os pensamentos, o que dificilmente lhe poderia levar a mal - certamente não nestas

circunstâncias.

- Tentei isso uma vez - disse Lhiannon fatigadamente com Caillean; e sabes no que é que deu essa tentativa.

- Sei? - perguntou ele.

Lhiannon olhou para ele de um modo estranho.

- Devias prestar mais atenção ao que se passa na Casa da Floresta. Desconfio que irias achar muito difícil. confiar nela; ela tem o hábito extremamente incómodo de pensar, e isto, especialmente, logo nas alturas erradas.

- Mas ela é a sacerdotisa mais antiga. Se morresses amanhã sabeis que Caillean seria a escolhida, a não ser - acrescentou com ênfase - que ela morresse durante o julgamento, - Lhiannon empalideceu, e ele continuou: - Sois quem melhor sabe se ela seria aceitável para os deuses...

Desta vez ela ficou silenciosa, e ele acrescentou persuasivamente:

- Mas se houvesse outra pessoa, menos bem conhecida, alguém que pudésseis treinar. Se o Conselho... nunca suspeitasse de um arranjo prévio.

- Se a rapariga fosse adequada e inteligente não vejo porque se pudesse pensar que era um crime, ou uma blasfémia, prepará-la para a escolha dos deuses... ou até para o ordálio às suas mãos - disse pensativamente a velha Grã Sacerdotisa.

Ardanos ficou em silêncio; sabia que isto era o máximo até onde podia tentar influenciá-la. Lá fora podia ouvir o vento a sussurrar nas árvores, mas dentro do quarto não havia nenhum som excepto o da sua respiração.

- Quem escolheste para eu escolher? - perguntou Lhiannon.

Durante os três dias que precediam um dos festivais no qual deveria servir como a Voz da Deusa, a Grã Sacerdotisa vivia em reclusão, servida apenas pelas

sacerdotisas por si escolhidas, descansando, meditando e purificando-se. Caillean, que quase sempre lhe ficava a fazer companhia, ficava grata por este período de isolamento. O refúgio da Casa da Floresta podia tornar-se constrangedor e, onde quer que tantas mulheres, se bem que sagradas, vivessem juntas, era inevitável haver conflitos de tempos a tempos.

Nesta altura, porém, achava difícil deitar para trás das costas as memórias do mundo exterior. Ela deitou alguma papa de aveia tornada mais nutritiva pela adição de nozes, uma vez que a Grã Sacerdotisa não podia comer nenhuma carne durante o seu período de purificação - numa tigela de madeira esculpida e ofereceu-a a Lhiannon.

- O que é que Ardanos queria de vós? - Caillean sentiu *a* amargura na sua própria voz, mas não conseguiu deter as palavras.

- Não esperava vê-lo senão no dia do festival.

- Não deves falar dessa maneira do Arquidruida, criança.

- Lhiannon abanou a cabeça, franzindo as sobrancelhas. - Ele tem que

suportar um pesado fardo.

- Também vós tendes - disse Caillean acidamente -, e ele não o torna mais leve com as exigências que vos faz. Lhiannon encolheu os ombros e Caillean pensou, uma vez mais, quão frágeis eles eram para suportar o peso de tantas esperanças e medos.

- Ele faz o melhor que pode - *disse* a Grã Sacerdotisa como se não tivesse ouvido. - Preocupa-se com o que se passará depois de eu me ter ido.

Caillean olhou-a alarmada, Dizia-se que uma sacerdotisa, especialmente uma de alta posição, sabia quando chegava a sua altura.

- Tivésteis algum presságio... teve ele?

Lhiannon abanou a cabeça com irritação.

- Ele falou dum modo geral, mas alguém deve pensar nestas coisas. Ninguém é imortal, e quem quer que venha a suceder-me deve começar rapidamente o seu treino.

Durante um instante Caillean olhou para ela. Depois riu-se.

- Pelo que dizeis devo entender que nenhuma de nós, que já estamos treinadas, é aceitável... especialmente eu? Não vos preocupeis em responder - disse depois. - Sei que apenas o defendereis e, na verdade, não me *importo. O* título de Grã Sacerdotisa não é suficiente para justificar o que vos tenho visto sofrer durante todos estes anos. - Especialmente, pensou, na medida em que a dignidade desse título estava esvaziada enquanto Lhiannon não escolhesse exercer o poder que detinha.

Lhiannon teve um gesto de desconforto e Caillean percebeu que estava a entrar de mais *em* terreno proibido. Tinha sido mais íntima da idosa mulher que uma filha, ainda antes do seu primeiro período lhe ter aparecido, e isso já tinha acontecido há mais de vinte anos, pelo que sabia como Lhiannon estava dependente das ilusões que a protegiam da realidade.

outra mulher podia ter perguntado a Caillean o que é que ela queria em vez disso. os lábios de Caillean retorceram-se quando pôs de lado a papa meio comida porque, na realidade ela própria também não o sabia. Mas o coração

dizia-lhe que devia haver alguma coisa mais no serviço da Deusa que estes rituais formais com as suas torturantes sugestões de poder.

os ensinamentos secretos dos druidas incluíam lendas de um tempo muito antigo, quando sacerdotes de uma terra perdida, agora afundada debaixo do mar, tinham chegado à Bretanha, Tinham sido mestres da magia e, à medida que casavam dentro das linhagens reinantes do povo que aqui tinham encontrado e, mais tarde, com as famílias de cada novo grupo de conquistadores, o sangue antigo e o novo conhecimento tinham sido preservados. Mas aqueles que eram mais versados nessas tradições tinham morrido em Mona e o seu conhecimento com eles.

Por vezes, parecia a Caillean que o que a Casa da Floresta ainda retinha eram apenas resíduos do poder. Muitas das outras mulheres estavam satisfeitas com a sua pequena magia mas, de tempos a tempos, Caillean sentia uma estranha convicção de que devia haver qualquer coisa mais. Tinha falado a verdade a Lhiannon - não queria ser Sacerdotisa do Oráculo. E, no entanto, se não era isso, o que é que era que ela queria fazer?

- São horas das nossas orações da manhã - a voz de Lhiannon penetrou a sua abstracção. A mulher mais idosa agarrou-se à mesa e pôs-se de pé.

«E a Deusa proíbe que falhemos, mesmo no mais ínfimo dos pormenores do

ritual », pensou Caillean enquanto ajudava a Grã Sacerdotisa a dirigir-se para o jardim e a colocar-se em frente do modesto altar de pedra que aí se encontrava. Mas, quando Caillean acendeu a lamparina que estava em cima dele e trouxe as flores para depositar à sua frente, reencontrou uma certa paz de alma.

- Olhai, Tu que chegaste com a aurora, adornada com flores - disse suavemente Lhiannon, erguendo as mãos numa saudação.

- O Vosso resplendor brilha no fortalecido Sol e no fogo sagrado - respondeu Caillean.

- A leste nascendo, Tu estás a surgir para trazer nova vida ao mundo. - A voz da Grã Sacerdotisa parecia tornar-se mais jovem, mais pura, e Caillean sabia que se tivesse olhado teria visto as rugas desaparecerem da face de Lhiannon, até a beleza da Deusa Virgem resplandecer nos seus olhos.

Mas, nessa altura, já o mesmo poder lhe enchia o seu próprio coração.

- As flores brotam onde pisais; a terra torna-se verde onde Vós passais - Como tantas vezes o tinha feito, deixou que o ritmo do ritual a transportasse para

um lugar onde apenas existia a harmonia da Senhora.

Na manhã do festival de Beltane, Eilan acordou antes do nascer do Sol, na casa das mulheres onde dormia com as suas irmãs. A cama de Eilan, uma estrutura de madeira ligada com tiras de couro cru e coberta de peles e finos cobertores de lã, estava construída junto ao inclinado tecto de colmo, tão perto que ela podia estender um braço e tocá-lo. Ao longo dos anos, tinha alargado uma racha no emboço de lama até a transformar numa abertura pela qual podia espreitar. Lá fora, a luz duma matinal alvorada de Verão estava prestes a romper.

Deitou-se de novo, com um suspiro, tentando lembrar-se dos seus sonhos, Tinha havido algo sobre O festival, e depois o cenário tinha mudado. Ela sabia que tinha havido uma águia e ela tinha sido um cisne e, nessa altura, pareceu-lhe, a águia tinha-se transformado também num cisne e tinham ambos voado para longe.

A pequena Senara ainda estava a dormitar; dormia encostada à parede porque ainda era suficientemente pequena para cair da cama. Os seus joelhos dobrados, pontiagudos, espetavam-se no flanco de Eilan. Do outro lado do quarto, Mairi, que tinha temporariamente voltado para junto das irmãs até que soubessem o que tinha acontecido a Rhodri, dormia com o seu filho; e, do lado de fora, dormia Dieda, com o seu cabelo solto espalhado pela cara e com a roupa desabotoada, de modo que Eilan podia ver à volta do seu pescoço a corrente que segurava o anel de Cynric.

Rheis e Bendeigid ainda não sabiam que os dois se tinham comprometido um com o outro. O segredo tornava Eilan apreensiva. Mas eles faziam tenção de o anunciar neste festival, e pedir à família que começasse as complexas negociações respeitantes ao dote e aos acordos, para que se pudessem casar. Cynric, pelo menos, não tinha nenhum parente vivo, o que tornava as coisas mais simples.

A única outra mobília neste quarto era um banco fixado à parede e a arca de carvalho na qual as raparigas guardavam as suas mudas de roupa e os trajes de festa. Tinha pertencido a Rheis antes de se ter casado, e esta tinha dito sempre que faria parte do dote de Dieda. Eilan não lho invejava, porque outro, igualmente bom, destinado a Eilan, já estava a tomar forma às mãos do velho Vab, o marceneiro. E, na devida altura, haveria um para Senara. Ela tinha visto as pranchas de carvalho esfregadas até brilharem e as cavilhas de madeira Pintadas até ser impossível notá-las.

O bebé choramingou ensonadamente, começou a berrar e Mairi sentou-se com um suspiro, o seu cabelo encaracolado formando uma auréola à volta do rosto. Levantou-se para lhe mudar as fraldas, depois voltou atrás e pô-lo em cima da cama. Ele gorgolejou e ela deu-lhe umas pancadinhas.

Eilan calçou uns tamancos e disse:

- Ouçam; estou a ouvir a mãe lá fora. Suponho que seja melhor levantarmo-nos. - Vestiu o vestido e Dieda abriu os olhos e disse:

- Visto-me num instante.

Mairi riu.

- Ajudo a Rheis assim que acabar de dar de comer ao bebé Tu e a Eilan podem ficar aqui a porem-se bonitas para o festival. Se algum dos rapazes tiver ganho a vossa simpatia o melhor é prepararem-se para brilhar. - Ela sorriu gentilmente para as suas parentas mais novas. Dieda, com dois irmãos mais novos em casa, não estava acostumada a ser mimada e toda a gente conspirava um pouco para a estragar sempre que ela estava aqui.

Quando Mairi e o filho já tinham saído, Dieda sorriu e disse ensonadamente:

- É mesmo o dia do festival? Pensei que era amanhã.

- É hoje - troçou Eilan - que tu e Cynric farão o vosso juramento de fidelidade.

- Pensas que Bendeigid aprovará? - perguntou Dieda.

- Afinal de contas ele é o pai adoptivo de Cynric.

- Oh, se o teu pai der o consentimento não interessa muito O que pensa o meu - observou Eilan com perspicácia. - E se ele desaprovasse o facto de vocês os dois se juntarem suponho que já o teria dito. Além disso, a noite *passada* sonhei contigo e com Cynric no festival.

- Sonhaste? Conta-me! - Dieda sentou-se, enrolando as roupas da cama à sua volta porque o ar ainda estava frio.

- Não me lembro de muito sobre ele. Mas o teu pai estava feliz, Tens a

certeza que queres casar com aquele meu irmão?

- Quero mesmo - disse Dieda com um pequeno sorriso, e Eilan percebeu que ela não diria mais nada.

Eilan disse:

- Talvez deva perguntar a Cynric... pode ser que ele tenha mais qualquer coisa a dizer! - e riu.

- E talvez não - disse Dieda. - Ele também não fala muito. Tu não queres casar-te com ele, pois não?

Eilan abanou a cabeça enfaticamente.

Ele é meu irmão! - Se ela tivesse de casar, de certeza que o último rapaz que

escolheria seria o grande e tosco grosseirão que costumava pôr-lhe rãs na *cama* e puxar~lhe o cabelo!

- Sabes que não é bem assim - disse Dieda.

- Ele é meu irmão adoptivo e isso é como ser um parente corrigiu Eilan. - Se o Pai quisesse que nos casássemos não o teria adoptado. - Estendeu um braço para apanhar um pente de corno esculpido e começou a desemaranhar os brilhantes cabelos.

Dieda recostou-se com um suspiro.

- Suponho que Lhiannon vá estar no festival... - disse passado algum tempo.

- Com certeza que estará. Afinal de *contas* a Casa da Floresta está junto da nascente, no sopé da colina. Porquê?

- Oh, não sei. Agora que estou a pensar em casar-me dá-me arrepios imaginar alguém a *passar* a vida daquela maneira - disse Dieda.

- *Ninguém* to pediu - disse Eilan.

- Não em tantas palavras - disse Dieda -, mas o Pai perguntou-me, uma vez, se eu nunca tinha pensado em entregar-me aos deuses.

- Ele perguntou-te isso? - Os olhos de Eilan arregalaram-se.

Sim - disse Dieda *mas* Disse que nunca tinha pensado mas eu durante semanas tive pesadelos em que discutíamos E ele me aprisionava numa árvore oca. E eu amo mesmo o Cynric.

De qualquer modo, não suportaria viver toda a minha vida dentro da Casa da Floresta... ou confinada em qualquer outra casa.

Tu serias capaz?

- Não sei - disse Eilan. - Talvez se me pedissem eu aceitasse... - Lembrou-se de COMO as sacerdotisas se passeavam pelo festival, tão serenas nos seus vestidos azuis-escuros. Essa vida não seria melhor do que estar às ordens de qualquer homem? E as sacerdotisas aprendiam todas as tradições secretas.

E, no entanto, vi-te a olhar para o jovem estrangeiro provocou-a Dieda. - Aquele que Cynric salvou; penso que darias uma sacerdotisa ainda pior do que eu!

virou-se de costas para que a outra rapariga não pudesse ver o rubor que lhe incendiou a face, Estava preocupada com Gawen porque tinha passado tanto tempo a cuidar dele, era apenas isso.

isso. Mas, agora me lembro - disse pensativamente Lhiannon também entrava no meu sonho.

QUATRO

Mais tarde nessa manhã a família, pôs-se a caminho para o festival. Estava um claro dia de Maio, com uma pequena frescura no ar devido à chuva da noite anterior, mas o vento tinha arrastado a última das nuvens para leste e o céu estava limpo, Numa manhã como esta todas as cores do mundo pareciam recriadas para saudar o dia.

Gaius ainda coxeava, mas Cynric: tinha-lhe tirado a ligadura do tornozelo, afirmando que lhe faria bem caminhar com esse pé. Andou cuidadosamente, respirando profundamente o ar fresco, duplamente inebriante depois de ter passado tanto tempo deitado dentro de casa, Duas semanas atrás tinha parecido que nunca mais conseguiria andar de novo sob o céu aberto. Para já, era suficiente estar vivo, vendo a luz do Sol nas verdes folhas, as flores da Primavera e a brilhante roupagem das pessoas que o rodeavam.

Eilan tinha posto um vestido comprido, solto, tecido em quadrados cruzados em pálidos tons de ouro e castanho, e uma cor semelhante à de folhas em botão, sobre uma túnica dum verde pálido. O cabelo caía como uma brilhante capa cobrindo-lhe os ombros, mais brilhante que o ouro dos seus broches e braceletes.

A ele parecia-lhe que em todo aquele resplandecente mundo ela era, de todas as coisas, a mais formosa.

Prestou pouca atenção à tagarelice deles sobre o festival. Tinha visto umas poucas de celebrações entre o povo da sua mãe, quando era criança, e supunha que esta seria muito parecida, Ouviu o ruído do festival antes de lá chegarem, visto os grandes festivais celtas serem geralmente associados a uma feira. As festividades tinham, na realidade, começado há já alguns dias, e ainda continuariam durante algum tempo, mas isto - a noite de Beltane - era a fase crucial do festival. Seria no crepúsculo que a Sacerdotisa do Oráculo faria a sua aparição.

Os bosques tinham desabrochado com tendas e barracas feitas com ramos entrelaçados, já que o festival tinha atraído gentes de lugares distantes de dias de viagem. A maioria das pessoas que aqui se encontrava eram Comovii, mas Gaius reconheceu a tatuagem tribal dos Dobunni e dos Ordovices, e até alguns Deceangli, muito acima de Deva. Depois de duas semanas na casa de Bendeigid, a sua língua britânica de nascença vinha-lhe facilmente à boca, e Deva e as legiões começavam a parecer embaçados e muito distantes.

À volta do sopé da velha colina estavam apinhadas barracas que vendiam pratos e pequenos artigos de louça, alguns parecendo que tinham sido feitos pelos camponeses locais e outros que podiam ter sido vendidos até na própria Roma. Talvez fossem de feitura romana, já que havia um comércio crescente entre a Bretanha e Roma, e os comerciantes gregos e gauleses se deslocavam por todo o lado. Havia barracas de maçãs e doces, mercados onde pessoas trocavam cavalos e uma feira onde se podia encontrar de tudo, pelo menos foi o que

Cynric disse, desde um porqueiro até uma ama de leite.

Mas quando Gaius chegou ao topo achatado da colina, que se levantava como uma ilha acima do mar de floresta, os seus olhos arregalaram-se. A feira ocupava os terrenos de um grande e desbravado terraplano, demasiado cheia de barracas e de gente para que o seu perímetro fosse visível. Na extremidade da avenida principal erguia-se um grande túmulo feito de barro, com uma entrada de pedra. Cynric fez um sinal de reverência quando atravessaram a estrada.

Gaius perguntou:

- Então, este é que é o teu templo?

Cyriric deitou-lhe um olhar de curiosidade, mas disse apenas:

- É o cemitério dum grande chefe entre os nossos antepassados. A não ser que um dos velhos bardos saiba quem ele foi o seu nome está perdido, e se alguma vez houve uma canção sobre ele já a esqueci ou nunca a aprendi.

Uma outra avenida, mais comprida, conduzia até um edifício com a forma duma pequena torre quadrada, rodeado por um pórtico com um telhado de colmo, ao qual Gaius lançou um olhar de curiosidade. Eilan sussurrou:

- Aquele é o santuário onde guardam os objectos sagrados.

- Parece um templo - disse ele em voz baixa, e ela olhou-o fixamente.

- De certeza que sabes que os deuses não podem ser adorados em nenhuma casa feita por mãos humanas, mas apenas sob o céu aberto? - E acrescentou passados uns momentos: - Nalgumas das ilhas ocidentais, onde não crescem árvores, fazem os rituais em florestas de pedra; mas o meu pai diz que os segredos dos antigos grandes anéis de pedra, aqui no Sul, se perderam com os druidas mais antigos que foram mortos quando chegaram os Romanos.

Uma barraca onde se vendiam braceletes de vidro grego atraiu-lhe a atenção e ela parou de conversar. Gaius suspirou. O melhor era não fazer mais perguntas, pensou, a fim de não se trair ainda mais. Havia certamente algumas coisas que eles esperariam que até mesmo um homem da tribo dos Silures soubesse.

Havia tendas de vassouras e esfregões, e lindas raparigas vendendo grinaldas - quase toda a gente usava uma -, outras flores, e uma grande quantidade de outras coisas, algumas estranhas de mais para que Gaius as identificasse. A gente jovem passeava-se pelo meio das barracas, olhando casualmente para as mercadorias. Cynric indagou por um porqueiro, mas disse que todos pediam de mais pelo seu trabalho.

- Os malditos romanos levaram tantos homens nas suas levas que temos que alugar homens para tomar conta dos nossos animais e cultivar os nossos campos - disse. - Mas foram tantas as pessoas que foram expulsas das suas terras que podemos, por vezes, encontrar homens que se nos dirigem apenas pela comida e pelo abrigo. Suponho que se fosse um lavrador ficaria contente com isso. Mas que os Deuses me guardem de ter que cultivar a terra!

Ao meio-dia Rheis juntou a família debaixo de um carvalho de grande envergadura, no sopé da colina, para uma refeição de carnes frias e pão. A velha colina era o ponto de convergência de inúmeras veredas. Daqui podiam ver um extenso e bem tratado caminho que se prolongava para oeste, ladeado por imponentes carvalhos. Mesmo no seu fim, os telhados de colmo da Casa da Floresta e os seus edifícios exteriores destacavam-se palidamente contra o verde carregado do Bosque Sagrado.

Cyriríc e Gaius tinham partido para ver os cavalos e Rheis tinha~se escapulido para falar com uma pessoa conhecida, As raparigas estavam a

arrumar a comida, quando Eilan se imobilizou e murmurou:

- Olha, ali está Lhiannon.

A Grã Sacerdotisa, com algumas das suas servidoras, vinha pelo Caminho Sagrado, entre as extensas filas de árvores. O seu débil vulto vislumbrava-se nos salpicos de luz do Sol que era filtrada pelos ramos das árvores, e ela movía-se com a passada deslizante de uma sacerdotisa treinada, de tal modo que não parecia de todo um ser humano enquanto se ia aproximando. Lhíannon parou, como para lhes desejar um alegre festival, e os seus olhos caíram nas raparigas.

- Sois as parentas de Bendeigid - disse. O seu olhar fixou-se em Dieda. - Que idade tens, minha filha?

- Quinze anos - murmurou a rapariga.

- já estás casada? - perguntou Lhiannon. Eilan sentiu o coração começar a bater surdamente no peito. Esta era a face da Grã Sacerdotisa tal como a tinha visto no seu sonho.

- Não - disse Dieda numa voz calma. Estava a olhar fixamente para a Sacerdotisa como que num transe provocado por aquele olhar luminoso.

- Nem prometida em casamento?

- Não... ainda, se bem que tenha pensado... - a sua voz vacilou.

«Diz-lhe », pensou Eilan. «Estás prometida a Cynric! Tens de lhe dizer agora!» Mas, se bem que os seus lábios se mexessem, Dieda estava paralisada, como uma jovem lebre quando cai a sombra do falcão.

Lhíannon desapertou a pesada capa azul que lhe caía dos ombros.

- Então reclamo-te para a Deusa; daqui por diante servirás Aquela que eu sirvo e mais ninguém... - A capa abriu-se como uma asa escura quando a sacerdotisa a fez voltear, e a luz cintilou quando os ramos das árvores se

moveram com uma súbita rajada de vento.

Eilan pestanejou. Decerto era apenas a luz do Sol - mas no encadeamento, por um momento, pensou que a abertura da capa tinha revelado uma figura a irradiar luz. Fechou os olhos, mas impressa na sua visão interior viu, ainda, uma face com um terno sorriso de mãe e ferozes olhos de ave de rapina, e pareceu-lhe que era ela, e não Dieda, que era fitada por esse olhar, Mas Lhiannon não tinha falado com ela, nem parecia sequer estar a vê-la.

- Doravante tu viverás connosco na Casa da Floresta, minha filha. Vem aí ter connosco... bem, amanhã será mais que suficiente.

- A voz de Lhiannon parecia vir de muito longe. - Assim seja.

Eilan abriu os olhos outra vez e viu a sombra cair quando a capa se abateu sobre os delgados ombros de Dieda.

As mulheres que seguiam Lhiannon entoaram:

- Ela é a amada da Deusa; a Sua escolha foi feita. Assim seja, Lhiannon tirou a capa dos ombros da rapariga e as suas servidoras ajudaram-na a apertá-la de novo. Depois, afastou-se delas, em direcção ao festival.

Os olhos de Eilan ainda estavam fixos nela.

- A escolha da Deusa... tu vais ser uma delas... o que é que se passa contigo? - Ela voltou a si e viu que a face de Dieda estava mortalmente branca, as mãos crispadas.

Dieda abanou a cabeça, a tremer.

- Por que é que não consegui falar? Por que é que não lhe consegui dizer? Não posso ir para a Casa da Floresta... estou prometida a Cynric!

- Mas ainda não estás, não oficialmente - disse Eilan, ainda entontecida pelo que tinha presenciado. - Promessas privadas não são vinculativas e nada foi tão

longe que não possa ainda ser desfeito. Penso que qualquer pessoa preferiria ser uma sacerdotisa a casar com o meu irmão...

- Pensas... - disse Dieda furiosamente. - Sim, devias mesmo pensar de vez em quando; seria uma nova experiência para ti, atrevo-me a dizer... - E parou, com algo parecido com desespero. - És tão criança, Eilan!

Ellan olhou para ela, percebendo que a outra rapariga não partilhava a sua excitação.

Dieda, estás a dizer que não queres ser uma sacerdotisa? Que pena a sua escolha não ter recaído em ti - disse Dieda desamparadamente. - Talvez devêssemos dizer que foste tu. Talvez, como o Pai, ela nos tenha confundido. Talvez fosses realmente tu que ela queria...

- Mas se a Deusa te escolheu a ti isso seria uma impiedade protestou Eilan.

O que é que eu vou dizer a Cynric? O que é que há que lhe possa dizer? - Perdeu o controlo e começou a rir desesperadamente.

- Dieda - Eilan pôs o braço à volta da outra rapariga não podes falar com o teu pai? Dizer-lhe que não queres isto? Se fosse eu estaria feliz, mas se tu odeias a ideia...

Entorpecida, sufocada pela miséria, Dieda disse:

- Não me atrevo. O meu pai nunca entenderia, nem enganaria a Grã Sacerdotisa. Há qualquer coisa... - Com uma voz que mal se ouvia, disse - O Pai é tão amigo de Lhiannon.... é quase como se fosse o seu amante...

Escandalizada, Eilan virou o olhar para a outra rapariga.

- Como podes dizer isso? Ela é uma sacerdotisa!

- Não quero dizer que eles tenham feito nada de mal; mas ele conhece-a há tanto tempo! Por vezes parece importar-se mais com ela do que com qualquer ser

vivo... seguramente mais que com qualquer uma de nós, raparigas.

- Tem cuidado com o modo como dizes essas coisas avisou Eilan, corando. - Pode alguém ouvir-te que não te perceba tão bem como eu.

Dieda disse lugubremente:

- Oh, o que é que interessa? Queria era estar morta! Eilan não sabia o que dizer para a confortar. Manteve-se silenciosa, agarrada à mão da outra rapariga. Não conseguia entender como é que Dieda podia querer recusar esta honra. E como Rheis ficaria feliz por a sua jovem irmã ter sido escolhida!

Também Bendeigid ficaria satisfeito; Dieda era como se fosse outra filha para ele e tinha sido sempre muito afeiçoado à irmã mais nova da sua mulher. Eilan tentou esquecer o seu próprio desapontamento.

Gaius e Cynric andavam pelo meio da multidão em férias, parando de tempos a tempos para comentar os pormenores dum qualquer cavalo, pondo-se de novo a caminho depois. Passado algum tempo, Cynric perguntou:

- É então verdade, amigo, que não sabes nada sobre o que sucedeu na ilha de Mona? Teria pensado... vivendo perto de Deva...

- Nunca ouvi a história - disse Gaius. - Sou do país dos Silures, lembra-te, mais para o Sul. - «E sabendo que a minha mãe era casada com um oficial romano », pensou nessa altura, «teria sido preciso um homem com mais coragem que a maioria para ma contar.» - É uma história muito conhecida? - perguntou em voz alta, - Disseste que o druida Ardanos a podia cantar.

- Ouve-a então, e não te admires mais porque é que tenho tão pouco a dizer de bom sobre os Romanos - disse Cynric furiosamente. - Havia, nos dias antes de os Romanos chegarem, um recinto sagrado de mulheres, onde não há nada agora senão um lago poluído. Um dia as legiões vieram, e fizeram o que sempre fazem; deitaram o bosque abaixo, saquearam os seus tesouros, assassinaram todos os druidas que lhes fizeram frente e violaram todas as mulheres, desde as velhas sacerdotisas até à mais jovem das noviças. Algumas eram quase avós em idade, outras não mais que crianças de nove ou dez anos de idade, mas isso não lhes interessou!

Gaius ofegou. Ele nunca tinha ouvido aquela parte da história. Os Romanos apenas falavam dos druidas a agitar os seus archotes e das mulheres vestidas de escuro que tinham guinchado maldições, e contavam que os legionários tinham tido tanto medo de atravessar as ferventes águas do estreito de Menai, que o seu

comandante teve de os envergonhar para que atacassem. Mona tinha sido o último baluarte do sacerdócio dos druidas, Até ter conhecido Bendeigid e Ardanos, tinha pensado que a maioria deles tinham sido eliminados, A lógica militar tornava óbvio que Mona tinha de ser destruída. Mas um bom comandante, pensou zangado, mantinha os seus homens na ordem. Teriam os soldados reagido tão violentamente porque as mulheres os tinham aterrorizado?

- O que aconteceu às mulheres? Bem o podes perguntar disse Cynric. Na realidade Gaius não o tinha perguntado; mas sabia que Cynric estava a contar a história tal como lha tinham ensinado e, mais cedo ou mais tarde, chegaria aí.

- Os Romanos deixaram a maioria das mulheres grávidas continuou Cynric. - Quando os bebés nasceram, as raparigas foram afogadas no lago sagrado que os Romanos já tinham dessacralizado e os rapazes adoptados pelas famílias dos druidas. Quando chegaram à idade adulta foi-lhes contado sobre os seus antecedentes e foi-lhes dado treino militar. E um dia eles deverão vingar as suas mães e os seus deuses; e, acredita em mim, fá-lo-ão! Eles fá-lo-ão... juro pela Senhora dos Ravens que me está a ouvir! - acrescentou com veemência. Caiu em silêncio, e Gaius esperou desconfortavelmente que ele continuasse. Cynric tinha falado de um movimento subterrâneo chamado Ravens.

O outro rapaz era, então, um deles?

Depois de um momento, Cynric continuou.

- Foi nessa altura que todas as mulheres dos druidas dessa ilha foram trazidas para aqui, para a Casa da Floresta, onde podiam ser protegidas.

Gaius ouviu, pensando se a história lhe tinha sido contada com alguma finalidade. Mas Cynric não sabia que ele era romano, facto pelo qual Gaius se sentia muito grato. Neste momento, ele próprio não estava seguro de querer ser romano, se bem que isso tivesse sempre sido a fonte de todo o seu orgulho.

À medida que o crepúsculo caía, homens jovens em vestimentas brancas, com colares dourados à volta do pescoço, começaram a fazer duas grandes pilhas de madeira no espaço aberto em frente do túmulo, assegurando-se - como o informou Cynric num sussurro - que cada uma delas incluía a madeira das nove árvores sagradas. Gaius não fazia a mínima ideia sobre o que é que elas eram, mas teve medo de o admitir, pelo que se limitou a abanar a cabeça em concordância. Entre as pilhas, tinha sido colocada uma prancha de carvalho, com uma peça colocada perpendicularmente, como um eixo. Nove druidas, homens velhos e imponentes nos seus imaculados mantos brancos, faziam turnos para rodar o eixo ao ritmo de um tambor. À medida que o céu ia escurecendo as pessoas juntaram-se à sua volta, observando, e o silêncio espalhou-se pela multidão.

E então, na altura mesmo em que o Sol deslizava para o outro lado das árvores, Gaius percebeu de relance um clarão vermelho. Outros também o tinham visto. Um murmúrio perpassou pela multidão e, nesse preciso momento, um dos druidas lançou alguma coisa pulvurulenta para a base do eixo e ele pareceu explodir em chamas.

- As fogueiras arderão até à alvorada, enquanto as pessoas dançam à sua volta - disse Cynric. - E alguns dos rapazes vigiarão a árvore de Beltane. - Ele fez um gesto na direcção dum alto poste que se erguia no outro extremo do cimo da colina.

- os restantes andarão por aí fora até de madrugada com as suas namoradas juntando verdura, ou pelo menos é o que eles dizem - sorriu maliciosamente -, e trá-la-ão de manhã para enfeitar o poste e dançar durante o dia.

o fogo tinha sido levado para as pilhas de madeira, que estavam agora a começar a crepitar alegremente. Estava a escurecer; Gaius deu um passo à retaguarda quando sentiu o primeiro sopro de calor na sua pele.

Formou-se uma linha de dançarinos que começou a rodear as fogueiras. Alguém colocou um frasco de vinho nos lábios de Gaius. A multidão já se estava a tornar desordeira, mergulhando livremente nos barris da cerveja e do hidromel, Tinha visto ritos como antes e sabia o que esperar. Reparou que nesta altura as

moças mais pequenas tinham sido levadas embora; as jovens -sacerdotisas da Casa da Floresta, nos seus mantos azuis,-àjxas e véus já não se encontravam no meio da multidão.

Gaius e Cynric vaguearam juntos pelo meio do risonho aglomerado até que, perto das fogueiras, encontraram Eilan e Dieda.

- Aqui estão vocês! - exclamou Cynric, precipitando-se para a frente. - Dieda, anda dançar comigo.

Toda a cor abandonou a face de Dieda e ela agarrou-se à mão de Eilan.

- Não ouviram? - perguntou Eilan alegremente.

- Ouvir o quê, irmã? - Cynric começou a franzir o sobrolho.

- Ela foi escolhida para a Casa da Floresta... pela própria Lhiannon, esta tarde!

Cynric levantou os braços na direcção de Dieda e depois, vagarosamente, deixou cair as mãos.

- A Deusa falou?

- Como podes aceitá-lo? - A força pareceu voltar-lhe.

- Sabes que não posso casar contigo se tiver que fazer votos.

- E tu sabes que votos já me prendem - disse ele sombriamente. - Tenho andado desfeito tentando decidir. Eu amo-te mas durante alguns anos, e se é que alguma vez o poderei, não posso deixar que uma mulher e filhos me estorvem. Talvez tenham sido os Deuses a escolher este caminho para nós.

Ele inspirou fundo, sentindo-se abalado, e, desta vez, quando levantou os braços ela veio até ele. Dieda era uma rapariga alta, mas rodeada pelos seus fortes braços parecia frágil.

- Ouve, amada, ainda há uma maneira - disse ele suavemente, puxando-a para um lado. - Podes oferecer três anos à Deusa; não precisas de te comprometer por toda a vida. Há uma escola militar nas ilhas do Norte e é para aí que eu estou destinado a ir. Mas tu não és nenhuma donzela guerreira; mesmo que estivéssemos comprometidos oficialmente, não podias ir para lá comigo. Talvez seja pelo melhor que devas servir o santuário durante uns tempos - estarás mais segura aí. E se acontecer a guerra...

Dieda deu um pequeno soluço e escondeu a cara de encontro ao seu ombro. Gaius viu as grandes mãos de Cynric fecharem-se-lhe nos braços.

- Durante três anos outros votos nos vincularão - murmurou ele -, mas esta noite é nossa. Eilan, fica aqui com Gawen acrescentou, a voz abafada pelo cabelo de Dieda.

Eilan hesitou.

- A Mãe disse que eu e Dieda devíamos ficar juntas... é Beltane...

Dieda levantou a cabeça e os seus olhos estavam enlouquecidos.

- Tem piedade! Rheis não se atreve a enganar o teu pai... e o meu Pai. - ela engoliu em seco. - Se eles soubessem não nos deixariam ter nem este bocadinho de tempo!

Eilan aquiesceu, os olhos arregalados e sérios.

- Fiz mal em deixar Eilan sozinha com o estranho? - perguntou Dieda, quando Cynric a levava embora. - Afinal de contas, ele tem vivido no meio dos romanos e pode ter os hábitos deles com mulheres.

- Ele é um convidado na nossa casa; mesmo que fosse o filho do próprio Procurador...

- isso é que ele não pode ser - disse Dieda com uma súbita risadinha. - O meu pai diz que o Procurador tem apenas uma filha... se ele fosse, seguramente respeitaria a filha do seu anfitrião. E Eilan é apenas uma criança - replicou Cynric.

- Ela e eu nascemos no mesmo ano - disse Dieda. - Pensas que ela é uma criança porque ela é tua irmã.

- Do que estavas à espera? - perguntou Cynric irritadamente. Que dissesse o quanto te amo à frente deles?

- O que resta para dizer? Decerto não o suficiente... - E ela parou, porque os seus braços a rodearam e ele inclinou~se para lhe cortar as palavras com um beijo.

Ela agarrou-se a ele por um momento, depois separou-se, preocupada.

- Isto não ajuda - disse - E se fôssemos vistos...

Ele riu melancolicamente.

- Elas não te puseram ’ainda sob votos, ou já? - E podia sempre dizer que era ilan que tinha beijado. Pôs as mãos debaixo dos cotovelos dela e inclinou-se para a beijar mais uma vez. Depois de um instante a sua resistência derreteu-se e ela deixou que ele a estreitasse de encontro a si, beijando-a uma e outra vez.

- O sensato que eu soei há bocado! Mas estava enganado. Não posso deixar-te fazer isto!

- o que queres dizer?

- Não posso deixar que sejas fechada no meio de paredes com essas mulheres todas.

- Que mais posso eu fazer? - Agora era ela que tinha de ser a ajuizada. - Cynric, foste educado por um druida, conheces as leis tão bem como eu. Lhiannon escolheu. Onde tenha caído a mão da Deusa...

- Tens razão, eu sei-o, mas mesmo assim... - Puxou-a para si rudemente, mas a voz era suave quando disse: - É Beltane. Faz amor comigo esta noite e a tua família ficará mais que satisfeita por nos deixar casar.

A boca dela era jovem de mais para mostrar tanta amargura.

- Talvez gostasses de explicar calmamente ao meu pai como isso aconteceu? Ou ao teu?

Ele disse:

- Bendeigid não é o meu pai.

- Sim, eu sei - disse ela. - Não que isso faça qualquer diferença. Mas, quer ele seja teu pai quer não, Ardanos é o meu, e ele estrangular-me-la e, a ti, açoitar-te-la. Está feito, quer eu goste quer não. Sou, agora, uma virgem prometida do Bosque Sagrado e tu és o filho de um druida... bem, pelo menos foste educado como tal, e, de qualquer modo, és o filho duma sacerdotisa - acrescentou rapidamente. - Cynric, tu próprio o disseste. Posso pedir para ser libertada ao fim de três anos. E então...

- E então - prometeu ele - levar-te-ei para o outro lado da terra se isso for preciso.

- Mas tu disseste que não querias ser sobrecarregado com mulher ou filhos - protestou ela, apenas para o ouvir responder:

- Não me interessa o que disse; quero-te a ti. - Depois acrescentou: - Então, senta-te aqui ao pé de mim; olhemos para as fogueiras. Pode ser que seja pela última vez. Ou durante três anos, o que - acrescentou desanimadamente - é quase a mesma coisa.

O Arquidruida da Bretanha estava parado no portão para a Casa da Floresta, observando a última luz desvanecer-se no céu. Vindo do cume do morro podia ouvir os sons de muitas vozes, o seu clamor abafado pela distância até se tornar numa música como a de um lago cheio de pássaros migratórios e, por baixo dos

outros sons, o profundo rufar dos tambores. Cedo as fogueiras de Beltane seriam acesas.

Se bem que o tempo estivesse a passar, Ardanos sentia-se curiosamente relutante em mover-se dali. Nessa manhã tinha estado em Deva, a ouvir o Prefeito romano. Esta noite teria de ouvir as queixas do povo governado pelos Romanos. Não havia maneira de poder satisfazer a todos. O mais que podia esperar era manter um equilíbrio incerto até que... de que é que, na realidade, estava ele à espera? Que as velhas feridas sarassem?

«Estarás morto antes que isso aconteça, velho!» disse para si próprio. «E Lhiannon também.» Suspirou, e viu que a primeira estrela tinha despontado no céu que escurecia.

- A Senhora está pronta - disse uma voz suave atrás dele. Ardanos virou-se e viu uma das virgens, Miellyn, pensou ele, segurando a porta.

O aposento de Lhiannon estava iluminado por lanternas de bronze. À sua luz tremeluzente ele viu-a, já afundada na sua cadeira, com Caillean, vigilante a seu lado. Durante um momento a sacerdotisa mais jovem enfrentou desafiadoramente o seu olhar, depois afastou-se para o lado.

- Ela já tomou as ervas sagradas - disse Caillean num tom de voz neutro.

Ardanos aquiesceu. Estava bem consciente da hostilidade da rapariga, mas enquanto Caillean observasse as normas do respeito pouco lhe importava o que ela pensava dele. Era o bastante que ela fosse devotada a Lhiannon.

Ainda de sobrolho carregado Caillean deixou-os sós. Numa altura destas, quando a Grã Sacerdotisa se encontrava soba sombra da Deusa que ela servia até nem mesmo o seu guarda-costas podia estar presente.

- Lhiannon - disse suavemente, e viu um tremor correr pelo seu débil corpo. - Podeis ouvir-me? - Houve um longo silêncio.

- Ouço-te sempre... - disse por fim a Grã Sacerdotisa.

- Sabeis que eu não faria isto, minha cara - disse, quase para si próprio -, se houvesse outra maneira qualquer. Mas soube que há mais sarilhos a propósito

das levas de mão de obra.

O genro de Bendeigid, Rhodri, foi atrás dos homens que eles levaram do clã do druida e atacou os soldados que os escoltavam. Houve uma luta e Rhodri foi capturado.

«Macellius conseguiu arranjar maneira de manter secreta a sua identidade, mas não há nenhuma maneira de ele o poder salvar. O louco foi capturado em armas contra Roma. Se essa notícia se espalha seguramente que haverá uma revolta. Tens que aconselhar a paz, minha cara. - A sua voz caiu para um sussurro. - Que haja paz na terra... a Deusa deseja-o. A altura de Roma há-de chegar, mas não ainda e não pela guerra. As pessoas devem ajudar-se umas às outras e serem pacientes; dizei-lhes, Senhora. Deixai-os rezar aos Deuses pela paz.

À medida que falava viu-a começar a oscilar e soube que as suas palavras estavam a atingir esse lugar profundo, para lá da memória consciente, através do qual vinham as palavras do Oráculo. Apesar do que Caillean pudesse pensar, Ardanos nunca duvidou de que algo falava por intermédio da Grã Sacerdotisa quando esta se encontrava num transe como este. Mas os druidas sabiam bem que a capacidade de um espírito para falar através de um oráculo humano estava directamente relacionada com o conteúdo e sofisticação da mente que era o seu veículo. Uma rapariga ignorante, não importa o quão sensitiva, podia falar apenas em termos simples, caseiros. Era uma das razões pelas quais as sacerdotisas druidas eram tão cuidadosamente escolhidas e treinadas.

Alguns podiam tê-lo acusado de manipulação, mas para o Arquidruida parecia que estava apenas a juntar o seu conhecimento particular das necessidades do país aos recursos sob comando do Oráculo. Se bem que tivesse feito o seu melhor para imprimir uma certa informação na memória do Oráculo, a Deusa, se era verdadeiramente Ela que falava, tinha seguramente a liberdade de decidir o que dizer.

- Paz e paciência... - repetiu vagarosamente. - Roma cairá quando os Deuses o quiserem, mas não às nossas mãos...

CINCO

Gaius viu Dieda e Cynric desaparecerem na multidão, lutando com um desejo de os chamar de volta. Eilan, com um súbito ataque de timidez, olhava para os pés. Ele pensou sobre o que é que poderia falar com ela. A história das sacerdotisas de Mona tinha-o deixado estranhamente acanhado, não de todo o senhor do mundo, como um romano se devia sentir. Graças aos deuses Cynric não suspeitava da sua verdadeira identidade. Tinha o incómodo pressentimento, que o velho Ardanos tinha adivinhado, mas, se assim fosse, o druida tinha guardado o seu segredo, o que, a seu modo, era ainda mais perturbador.

Procurou algum tópico de conversação que fosse inofensivo e disse por fim:

- Conta-me mais sobre como a tua tribo celebra este festival. Os usos dos Silures são um pouco diferentes e não quero ofender novamente os vossos costumes. - Um caminho seguro, pensou, de encobrir o facto de apenas ter assistido a uma celebração nativa a Beltane, quando tinha seis anos de idade.

Ela corou.

- São? - Agora ela estava genuinamente enleada. - É um festival muito antigo. Talvez outrora todas as tribos o tenham celebrado de maneira idêntica. Ardanos disse que o nosso povo o trouxe consigo quando veio para estas ilhas. E ele deve saber.

- Sim, de facto - disse Gaius. - Ele é tão velho, o teu avô; achas que ele veio com esses primeiros barcos da Gália?

Ela deu uma risadinha e Gaius suspirou de alívio, sentindo a tensão entre eles a diminuir.

- Viste como eles fizeram a chama sagrada - disse ela depois. - Hoje à noite, quando a Sacerdotisa sair para abençoar as fogueiras, aclamá-la-emos como sendo a Deusa, Não sei como é com as tribos do Sul, mas no Norte, nos tempos antigos, as mulheres eram mais livres do que agora. Antes de os Romanos chegarem, a Rainha, por vezes, governava a tribo por direito próprio. Agora é a Sacerdotisa e os Druidas. É por isso que Cartimandua pôde comandar os Brigantes, e que os Iceni seguiram Boudicca.

Gaius endureceu. Entre os Romanos, Boudicca, a Rainha Assassina, era um nome que ainda se usava para assustar as crianças. Em Londinium podia-se ver as marcas onde a basílica tinha ardido, e trabalhadores que cavavam fundações, acompanhando o ritmo de crescimento da cidade, por vezes encontravam os ossos daqueles que tinham tentado fugir ao apetite de sangue das hordas dos Iceni. Eilan, distraída, estava ainda a falar.

- Só em tempo de guerra é que ela nomeava um cabo de guerra para chefiar os exércitos; algumas vezes era o seu irmão, outras o seu consorte, mas, quem quer que ele fosse, isso dava-lhe pouco poder na tribo. A Rainha governava por direito próprio e, diga-se o que se disser, as mulheres sabem mais sobre governo porque cada mulher dirige a sua casa. Não estará ela melhor qualificada para governar uma tribo que um homem, que apenas pode fazer o que lhe manda o seu cabo de guerra?

- Uma tribo, talvez - disse Gaius. - Seria no entanto absurdo que uma mulher comandasse uma legião... ou governasse um grande império como o dos Césares.

- Não vejo porque isso deva ser assim - disse Eilan.

- Decerto que uma mulher que é capaz de governar uma grande casa está tão preparada para governar um império como qualquer homem. Não terão havido algumas rainhas poderosas entre os Romanos?

Gaius fez uma careta, lembrando-se da história que o seu tutor grego tinha insistido que ele aprendesse.

- Nos tempos dos Imperadores Cláudios - disse cuidadosamente -, ouvi dizer que havia uma velha e diabólica mulher chamada Livia, a mãe do deificado Tibério. Ela envenenou todos os seus parentes. Talvez seja por isso que os Romanos não simpatizem muito com a ideia de mulheres dirigentes.

O seu passeio tinha-os levado até ao lado mais distante das fogueiras, onde o monte de barro se inclinava em direcção ao terreno do festival.

- Gawen, pensas que as mulheres são más? - perguntou Eilan.

- De certeza que tu não és má - disse ele, enfrentando o seu luminoso olhar. Os seus olhos eram como um poço de água pura, no qual ele podia mergulhar para todo o sempre. Um poço de verdade... nesse momento pareceu-lhe

monstruoso que tivesse de viver esta mentira. Se bem que não fizesse nenhum sentido, sentiu que lhe podia confiar a sua vida; e se lhe confiasse a sua verdadeira identidade, era provável que fosse exactamente isso o que estaria a fazer.

Houve uma agitação por detrás deles. Os gritos e as canções aproximaram-se. Gaius virou-se e viu alguns homens que traziam imagens feitas de vime ou de palha. Algumas tinham a forma humana, outras eram figuras saídas dum pesadelo. Uma estava, mesmo, equipada com um reconhecível simulacro dum elmo de legionário.

O cabelo arrepiou-se-lhe na nuca. Há pouco tinha dito a Eilan que não se lembrava de nada dos ritos a Beltane, mas agora, quer por causa dos tambores, ou da bruxuleante luz, ou do aroma de ervas doces que tinham sido lançadas à fogueira, lembrou-se repentinamente de que já antes tinha visto algo semelhante a isto. Fechou os olhos, vendo na memória dragões tatuados enredando-se em fortes braços, ouvindo o riso de um jovem. Por um momento, o rufar dos tambores ensurdeceu-o; o sangue encheu-lhe a visão e uma mágoa há tanto tempo reprimida que nem mesmo agora ele lhe conseguia dar um nome.

Apertou o braço de Eilan com mais força.

- Pateta! - riu-se Eilan da sua expressão. - São apenas efígies. Mesmo nos

velhos tempos, era apenas de sete em sete anos que o Rei do Verão, ou o seu substituto, era oferecido em sacrifício para renovar a terra.

- És a filha de um druida - disse, deitando-se na relva.

- Suponho que devas sabê-lo.

Ela sorriu e sentou-se a seu lado na borda do círculo.

- Não tenho o conhecimento de todas as tradições que lhes ensinam na Casa da Floresta, mas ouvi essa história. Dizem que o Escolhido era tratado como um rei durante o ano anterior à sua morte, Era uma grande honra para a sua família. O seu mínimo desejo era satisfeito, tinha a melhor comida, e as mais bonitas jovens eram-lhe trazidas. Era uma grande honra gerar um filho do deus; mesmo as mulheres do santuário não lhe estavam proibidas; isto apesar de o facto de dormir com uma sacerdotisa ser a morte para qualquer outro. E quando esse tempo acabava... ela hesitou. - Era oferecido ao fogo.

Eilan estava sentada muito chegada a ele. Ele podia sentir o fresco aroma a flores selvagens do seu cabelo.

- Ouvi dizer que há um novo culto em Roma, chamado os seguidores do Nazareno, que acreditam que o seu profeta era o filho do seu deus e que morreu pelos pecados deles - disse Gaius. Pessoalmente, ele favorecia Mithras, o deus dos soldados.

- Não se encontram apenas em Roma - disse ela. - O meu pai diz que alguns deles fugiram para a Bretanha quando o Imperador os estava a mandar matar. E os druidas autorizaram-nos a construir um santuário na Ilha das Maçãs, mais para Sul, no País do Verão. Mas aqui temos apenas o consorte da Deusa... ou o seu substituto, que oferece o seu sangue à terra.

Gritando, bandos de jovens atiravam as efígies para as fogueiras, aplaudindo enquanto as chamas subiam Para o céu. Eilan encolheu-se quando outro grupo passou e Gaius pôs o braço à sua volta, protectoramente.

- Agora estão a queimar todos os espíritos do mal e depois vão passear o gado por entre as fogueiras para os proteger durante o Verão, enquanto pastam nas colinas. As fogueiras são muito poderosas... - Repentinamente ficou vermelha devido a qualquer coisa mais que o calor das chamas.

- O que é que acontece mais à volta das fogueiras? - perguntou ele suavemente, tremendo ligeiramente com o esforço que precisava de fazer para não a chegar mais para si. Mesmo através do vestido podia sentir a esguia suavidade do seu corpo. Quando encontrou Eilan pela primeira vez tinha-a julgado uma criança, mas agora, por muito esbelta que ela fosse, via que era uma mulher e percebeu que a desejava.

- Bem - começou ela hesitantemente, o olhar fixo nas chamas -, nesta noite, quando ardem as fogueiras da Deusa, os casais que estão comprometidos saltam sobre elas, de mãos dadas, para honrar a Deusa e para lhe suplicar que lhes dê filhos. E, depois, vão juntos para a floresta. Talvez nos velhos tempos não se soubesse como os filhos eram feitos; mas Ardanos diz que eles notaram que as crianças nasciam depois de as pessoas terem honrado a Deusa desta maneira - e as pessoas ainda a honram seguindo este velho costume...

- Estou a ver - disse Gaius gentilmente e sentiu a sua pulsação a acelerar-se.

- Claro - continuou Eilan rapidamente -, não é coisa que as filhas de chefes ou de druidas façam...

- Claro que não - disse Gaius muito suavemente. O seu corpo dizia-lhe que isto era uma coisa que o filho de um Prefeito podia muito bem fazer, mas tinha a esperança de o poder esconder de Eilan. Sendo filha do seu anfitrião, devia ser

tão sagrada para ele como a sua própria irmã.

- E no entanto, seria maravilhoso se... - ele respirou fundo - se pudéssemos os dois honrar a Deusa desse modo... Ele podia sentir o calor e a cor nas suas faces, se bem que nesta altura estivesse quase escuro de mais para se poder ver. Ela ficou mais rígida dentro do círculo dos seus braços.

- Nunca pensei... - disse ela suavemente e parou, começando a tremer um pouco por sua vez. Mas não se afastou.

- Seria esse o modo de mostrar o que sinto por vós - disse ele ainda mais suavemente, como se receasse assustar um pássaro selvagem que lhe tivesse pousado na mão. Ela tinha contado a história com tal inocência! A filha de Clotinus tinha tomado claro que daria as boas-vindas aos seus avanços; a imprudência dela apenas tinha desgostado Gaius, mas parecia-lhe que nunca antes tinha sentido por nenhuma donzela o que neste momento sentia por Eilan, sentada tão confiadamente a seu lado. Ela estava tão próxima de si que podia sentir o calor do seu corpo. E cada vez que respirava enchia-o o aroma a flores do seu loiro cabelo.

Quando a gritaria morreu, ouviu os pequenos ruídos da noite: pequenos animais roçando na relva onde a colina caía atrás do túmulo; o sussurro e os estalidos das fogueiras, o grito longínquo de um pássaro. E agora, excitado pela

história que ela lhe tinha contado, podia ouvir outros ruídos na noite de Primavera. Na ladeira atrás deles, homens e mulheres faziam amor.

Tocou na face de Eilan e esta era como uma pétala duma flor. Gentilmente virou o seu rosto para ele. Os olhos dela estavam abertos e sonhadores, os lábios entreabertos. Ele sentiu o seu sobressalto de surpresa quando a beijou, mas ela não se afastou. Os seus lábios eram doces, tão doces que ele a manteve junto a si e a beijou outra vez, e, depois de um momento de resistência, sentiu a sua boca abrir-se por baixo da dele como uma flor.

Gaius deixou-se levar pela doçura dela. Entorpecido, cada pulsação um batimento de tambor, levou um momento a perceber o que tinha acontecido quando ela o afastou.

- Nós não devemos! - murmurou ela. - O meu pai matar-nos-la aos dois!

Gaius forçou as suas mãos a abrirem-se e a deixá-la afastar-se. Pôr as mãos na filha do seu anfitrião era uma impiedade da pior espécie. Eilan devia ser tão sagrada para ele como a sua própria irmã. Sagrada... percebeu de súbito que o que sentia por ela era uma coisa sagrada. Deu-se conta de que quando a largou tinha, em vez disso, mergulhado os dedos na relva, e sentou-se limpando as mãos.

- É verdade - Estava surpreendido por conseguir falar tão serenamente. Os seus sentidos estavam ainda num rodopio mas sentiu o calor da certeza dentro de si. Desde aquele primeiro instante em que a tinha visto a olhar para si, para dentro do fosso onde tinha caído, aureolada pela luz, pareceu-lhe que este momento tinha sido predestinado.

- Envergonhar-nos-la a ambos e não há desonra de qualquer espécie no que sinto por vós. Amo-vos, Eilan, como um homem ama a mulher que tornaria na sua esposa.

- Como podeis? - murmurou ela, olhando fixamente para a fogueira. - Sois um estranho. Nem nunca me tínheis visto até há duas semanas. Sonhastes comigo, também?

- Sou ainda mais estranho do que pensais - disse ele rigidamente. - Mas provarei o meu amor por vós... - juntou toda a sua coragem. - Agora vou pôr a minha vida nas tuas mãos. Eu sou romano, Eilan. Não menti inteiramente! - acrescentou rapidamente quando ela se afastou. - Gawen era o nome pelo qual a minha mãe me chamava; mas o meu verdadeiro nome é Gaius Macellius Severus Siluricus e não tenho vergonha da minha linhagem. A minha mãe era uma filha real dos Silures e o meu pai é Prefeito de Campo da II Legião Adiutrix. Se isso fizer com que me odeies, chama os guardas e deixa que eles me tirem a vida.

Ela corou e voltou a empalidecer.

- Nunca vos trairia.

Ele olhou-a fixamente. *A minha mãe fê-lo...* Subitamente percebeu quão estranho era esse pensamento, já que de certeza que a sua mãe não tinha querido morrer e deixá-lo sozinho. Só agora, de novo no quente e colorido mundo dela, estava a perceber quão doloroso tinha sido o choque de ter sido arrebatado desse mundo para a fria disciplina de um aquartelamento. Seria por isso que ele nunca tinha sido capaz de se abrir com nenhuma rapariga romana como o estava a fazer agora com Eilan?

- Amanhã devo voltar para o meu povo, mas faço-vos a minha promessa de que se sair daqui incólume, e se isso não vos desagradar, pedirei ao teu pai, honrosamente, a vossa mão!

Podia sentir o bater do seu coração agitando-lhe o peito, mas não conseguia pensar em mais nada para dizer.

- Não seria desagradável para mim, Gawen... Gaius - disse ela por fim. A sua voz era muito suave, mas o seu olhar nunca se desviou do dele. - Mas não penso que o meu pai consentisse em entregar-me a um romano, especialmente a um saído das legiões. E, mesmo que concordasse, o meu avô não o faria; e Cynric... - As palavras saíram num tropel. - Cynric matar-vos-la se soubesse!

- Isso podia não ser tão fácil - disse Gaius, o seu orgulho vindo ao de cima, se bem que o mesmo pensamento lhe tivesse ocorrido. - Mas é assim tão impossível? Desde que viemos para esta ilha um certo número dos nossos oficiais têm casado com mulheres bretãs de boas famílias para cimentar alianças. Afinal de contas eu próprio sou meio bretão.

- Talvez - disse ela duvidosamente -, mas não na nossa família!

- Bem, o meu sangue, por ambos os lados, é seguramente tão bom como o vosso!

Ela lançou-lhe um estranho olhar e ele percebeu que o seu orgulho romano estava a falar. Ela parecia não desgostar dele, mas também não estava convencida e o seu inflexível pai seria ainda mais difícil de persuadir.

- Nunca encontrei ninguém de que gostasse tanto como vós - disse ela desamparadamente -, e em tão pouco tempo.

Também não o percebo - admitiu -, mas parece, de algum modo, como se vos conhecesse desde o começo do mundo.

- Talvez tenhais - disse Gaius, quase num murmúrio. Por um momento sentiu-se tão inocente como a rapariga nos seus braços.

Ele disse:

- Alguns dos filósofos gregos acreditam que cada alma volta uma e outra vez até completar a sua missão na terra, e se encontra de novo com aqueles que amou e odiou nas outras vidas. Pode ser que algum destino, numa outra vida, nos tenha dirigido um para o outro, Eilan. - Mesmo enquanto estava a falar, ele pensava consigo próprio. Como podia ele, Gaius Macellius Severus, falar assim a qualquer mulher? Mas Eilan, justificou-se, não era « uma mulher qualquer »; nunca, na sua vida, se tinha sentido tão próximo de qualquer pessoa. Pela primeira vez na sua vida, o seu sentimento por uma rapariga era quase místico,

algo que ele não sabia explicar.

- Os druidas também ensinam isso - disse ela suavemente.

- Os maiores dos nossos sacerdotes tiveram muitas existências nesta terra, vivendo como veados, salmões e javalis, para que pudessem compreender tudo o que vive; e heróis, cuja vida é interrompida abruptamente, renascem frequentemente. Mas quanto a mim e a vós... - Ela enrugou a fronte e ele achou difícil enfrentar o seu límpido olhar.

«Uma vez olhei para um lago e vi-me a mim própria com um rosto diferente e, no entanto, era eu. Penso que, nessa altura, eu era uma sacerdotisa. Agora olho para vós e não vejo nem um bretão nem um romano. O meu coração diz-me que éreis um grande homem entre o teu povo... como um rei.

Gaius corou. Este género de conversa constrangia-o sempre.

- Agora não sou um rei - disse asperamente -, e vós não sois uma sacerdotisa. Eu quero-vos nesta vida, Eilan! - Pegou-lhe na mão. - Quero ver-vos de manhã quando acordo e dormir convosco nos meus braços. Sinto como se alguma coisa

me tivesse faltado em toda a minha vida e vós tornais-me completo! Conseguis compreender? - Parecia impossível que amanhã já estivesse de regresso às legiões, impossível que pudesse nunca mais voltar a vê-la.

Durante algum tempo ela olhou para a fogueira, depois voltou-se para ele.

- Antes de vos encontrar sonhei convosco - disse suavemente. - Muitos na minha família têm segunda visão e, por vezes, vejo coisas verdadeiras nos meus sonhos. Mas isto não o contei a ninguém. Vós já estais no centro do meu coração. Não sei que poder nos está a arrastar um para o outro, mas penso que já vos amei antes.

Ele inclinou-se para lhe beijar a palma da mão e ela soltou um trémulo suspiro.

- Eu amo-vos, Gaius. Há um laço entre nós. Mas como podemos ficar juntos, isso não consigo eu ver...

- «Devia, Tomá-la agora », pensou Gaius, «desse modo eles teriam de deixar que nos casássemos!» Estava quase a puxá-la para si quando uma forma passou

entre eles e a luz. O espaço à volta das fogueiras estava a encher-se de gente. Uma olhadela às estrelas disse-lhe que era quase meia-noite e a Lua estava alta. Para onde se tinham ido as horas? Eilan soltou uma branda exclamação e começou a pôr-se de pé.

- O que é? - perguntou ele. - O que se passa? - Podia ouvir, à distância, gritos turbulentos e gargalhadas, mas, aqui, a disposição das pessoas era ao mesmo tempo reprimida e alegre. A sensação de expectativa que podia sentir à sua volta fez a sua pele formigar.

- Chiu! - murmurou Eilan quando ele se pôs de pé a seu lado. - Vem aí a Deusa...

Algures, para lá do círculo de luz das fogueiras, trinaram flautas e Eilan calou-se. No súbito silêncio, o sibilar do fogo ouvia-se COM nitidez. As chamas tinham ardido até se transformarem em tições que iluminavam o espaço com um brilho uniforme, esfriado pelo luar até se tornar numa radiância dourada pálida, como nenhuma luz que ele tivesse jamais visto.

Algo luziu fracamente para lá do círculo de luz. Estavam a chegar druidas com os seus mantos brancos; homens com ondulantes barbas, coroados com folhas de carvalho e com colares dourados à volta do pescoço, Deslocando-se no sentido do movimento do Sol, rodearam as fogueiras e pararam, aguardando. O

seu círculo era tão uniformemente espaçado como o de sentinelas à volta do perímetro de um acampamento, mas os seus movimentos não tinham nada da precisão militar que Gaius tinha aprendido. Vieram, simplesmente para se imobilizarem onde deviam ficar, tal como as estrelas.

Campainhas de prata tilintaram docemente e a tensão no círculo cresceu. Gaius pestanejou, mas não conseguia ver nada e, no entanto, havia alguma coisa que se movia, uma massa de sombra que avançava na sua direcção. Abruptamente percebeu que estava a ver formas de mulheres envoltas em roupagens de um azul como o da meia-noite. Elas deslizaram para dentro do círculo, e à sua volta, ornamentos de prata a tinirem levemente, as suas faces uma pálida mancha por baixo dos véus.

Subitamente compreendeu. Eram as sacerdotisas da Casa da Floresta, as mulheres sagradas que tinham escapado à violação em Mona. Ver tantos druidas juntos eriçou-lhe o cabelo, e quando olhou para as formas sombrias das sacerdotisas sentiu terror e um súbito sentimento de fatalidade. Estaria o seu destino de alguma forma ligado ao das sacerdotisas da Casa da Floresta? Este pensamento gelou-lhe o sangue, e ele apertou com força a mão de Eilan.

As três últimas sacerdotisas moveram-se em direcção a uma liteira com três assentos que tinha sido colocada entre as fogueiras. A mais importante delas era esbelta, um pouco arqueada sob as suas roupagens, ladeada por uma mulher alta e por outra mais vigorosa. Ambas tinham cabelo escuro e usavam ornamentos de prata. As duas não usavam véu e ele podia ver os crescentes azuis tatuados entre as suas sobrancelhas. O primeiro pensamento de Gaius foi que a rapariga alta seria um adversário de peso numa luta, enquanto, nos olhos da sua companheira,

conseguiu sentir descontentamento.

O grupo fez uma pausa e houve um ritual qualquer com uma bacia dourada que ele não conseguiu perceber. Depois, ajudaram as sacerdotisas a sentar-se na liteira com os três assentos e transportaram-na para o cimo do monte, entre as fogueiras. A vaga de som dos sinos atingiu o clímax, depois parou.

- Filhos de Don, por que vieram aqui? - perguntou a mulher alta, chamando-os pelo nome da mítica avoenga das tribos.

- Pedimos a bênção da Deusa - replicou um dos druidas.

- Então chamem por Ela!

Duas das mulheres lançaram mãos-cheias de ervas nas brasas. As narinas de Gaius abriram-se quando uma lufada de fumo adocicado redemoinhou e se espalhou, enchendo o espaço com uma neblina rubra. Ele estava habituado ao incenso, mas nunca tinha sentido, antes, esta estranha sensação de opressão, Teria dito que o tempo estava a mudar, mas o céu estava limpo.

À sua volta o sussurro estava a transformar-se num murmúrio de muitas vozes, um suave murmúrio de invocação e apelo. Por baixo de tudo, ouvia os druidas a zunir, e pareceu-lhe que a terra debaixo dos seus pés vibrava em resposta. Uma vez mais teve medo. Olhou para Eilan e viu o seu olhar, enlevado e arrebatado, fixo nas três figuras no meio das fogueiras.

A mulher velada deixou sair um pequeno soluço e ele viu-a oscilar.

«Ela é como a Sibila », pensou Gaius, «ou como a Pitonisa de Delfos de que o meu tutor me falou.» Mas nunca tinha esperado ele próprio ver tal coisa. O zunido cresceu de intensidade e, subitamente, a mulher velada imobilizou-se e as outras duas recuaram. Susteve a respiração, pois, de algum modo, parecia que ela tinha ficado mais alta. Endireitou-se, virando-se como se estivesse a olhar à sua volta. Depois, riu-se suavemente e puxou o véu para trás.

Gaius tinha ouvido dizer que a Grã Sacerdotisa de Vernemeton era velha, mas esta mulher fulgurava de beleza e gesticulava com uma tal incansável energia que não tinha nada a ver com a velhice. O seu cinismo romano evaporou-se e o seu sangue materno cresceu nele. *É verdade - todas as histórias são verdadeiras - a Deusa está aqui...*

- Eu sou a verde terra que vos embala e o útero das aguas... - disse ela, numa voz cuja suave ressonância fazia parecer que lhe estava a falar ao ouvido. - Eu sou a branca Lua e o mar de estrelas, Eu sou a noite da qual nasceu a primeira luz. Eu sou a mãe dos deuses; Eu sou a virgem; Eu sou a escura serpente que tudo engole. Veem-me? Desejam-me? Aceitam-me agora?

- Nós vemos... - veio a resposta murmurada. - Nós vemos-Vos e adoramos...

- Regozijem-se então, para que a vida possa continuar, Cantem, dancem, festejem e façam amor, e terão a minha bênção; o gado parirá e o trigo crescerá.

- Senhora! - Elevou-se subitamente uma voz de mulher.

- Eles levaram o meu homem para as minas e os meus filhos têm fome. O que hei-de fazer?

- Eles levaram o meu filho! - gritou um homem, e outros fizeram eco. - Quando nos livrareis vós dos Romanos? Quando voará a seta da guerra? -

Levantou-se um murmúrio de protesto e Gaius encolheu-se, sentindo a tensão no ar. Bastava a Eilan dizer uma palavra e eles fá-lo-lam em pedaços. Mas quando olhou para ela viu os seus olhos brilhantes com lágrimas.

- Sois vós, os meus filhos, os que ouvis o choro da vossa irmã e não a amparam? - Escuras roupagens esvoaçaram quando a Deusa se voltou. - Cuidai uns dos outros! Nos arcanos volumes dos céus li o nome de Roma, e nesse rol, vos digo, li Morte! É um facto, Roma cairá, mas o seu destino não vos cabe a vós proclamar! Tenho dito, atendei agora à minha palavra!

- Recordai-vos do círculo da vida. Todo aquele que perderdes reencontrareis um dia, e o que vos foi tirado será devolvido. Tomai nota, eu faço descer o poder dos céus para que o mundo possa ser renovado!

Ergueu as mãos na direcção do luar, e Gaius teve a sensação, de tal modo a figura dela foi obscurecida, de que a luminosidade se tinha tornado mais brilhante. As sacerdotisas agrupadas em seu redor começaram a cantar:

«Sobre essas antigas árvores sagradas, Brilha agora a tua encantadora luz prateada; Descobre o teu rosto para que possamos ver descoberto o seu brilho na noite ... »

Gaius tremeu. Nunca tinha pensado que vozes de mulheres pudessem ser tão belas. Por um instante pareceu que um feitiço tinha sido lançado sobre todo o mundo para o reduzir ao silêncio; depois, os braços da Grã Sacerdotisa abriram-se. As suas duas sacerdotisas precipitaram-se uma para cada lado e, nesse preciso momento, as chamas das fogueiras subiram furiosamente para o céu. Teriam elas lançado alguma coisa para as chamas? Ele não conseguiu ver - ele mal conseguia pensar, pois toda a gente estava a gritar.

- Dancem! - A voz da Deusa ergueu-se por cima da multidão. - Alegrem-se, recebam o meu êxtase! - Durante um momento ela arqueou-se para cima, braços estendendo-se como que para abraçar o mundo. Depois, deixou-se cair nos braços da sacerdotisa alta.

Mas Gaius não conseguiu ver o que aconteceu depois porque alguém veio de encontro a ele. A sua mão apertou com força a de Eilan e sentiu a outra agarrada por um estranho. Tambores soaram e, de repente, estavam a mexer-se, todo o círculo se mexia, e não havia mais nada no mundo a não ser o bater do tambor. À medida que o rufar o levava para o exterior, conseguiu ver Cynric e Dieda do outro lado do círculo e pareceu-lhe que o rosto da rapariga brilhava com lágrimas.

Muito tempo mais tarde, pareceu, a dança acabou e Cynric e Dieda encontraram-nos mas, uma vez que o êxtase se tinha dissipado, o seu próprio desespero impediu-os de pensar sobre o que Gaius e Eilan teriam achado para

conversar nessa noite de Beltane. Era muito tarde quando chegaram a casa de Bendeigid, e não pareceu que alguém tivesse suspeitado que os dois casais não tinham passado juntos todo o tempo. Gaius ficou contente que assim fosse - era muito melhor pedir a mão de Eilan desde Deva, com a força do seu pai por detrás dele, do que deixar o druida suspeitar que o seu convidado tinha assumido um compromisso com a filha enquanto Gaius ainda se encontrava em poder do velho.

Mas, se fosse ele o pretendente aprovado de Eilan eles teriam podido, pelo menos, deixado vê-la para lhe dizer adeus. Rheis tinha decretado um dia de limpeza e todas as mulheres estavam atarefadas a trabalhar. Tal como as coisas estavam, teve apenas direito à promessa de Rheis de transmitir a sua cuidadosamente censurada despedida, e a um relance do brilhante cabelo de Eilan, para o confortar quando tomou a estrada para Deva e para o mundo de Roma.

SEIS

O Macellius Severus mais velho, Prefectus Castrorum da 11 Legião Audiutrix, em Deva, era um homem que estava apenas agora a entrar na meia idade, com uma grande e imponente presença, que podia esconder uma formidável fúria por baixo de uma superfície exterior de calma. A sua suavidade era enganadora. Grande como era, ele nunca gritava ou berrava; era afável, quase escolar e, de vez em quando, os que não o conheciam bem iludiam-se a pensar que ele era ineficaz.

Esta aparente suavidade era um valioso trunfo para a posição que agora ocupava: Prefeito de Campo, Prefectus Castrorum de Deva. Para além de estar encarregado do Campo em permanência, servia como uma espécie de ligação entre a legião e a população; não era responsável perante o comandante da legião, mas apenas perante o governador da província e perante o recentemente instituído *LegatusJuridicus*, mas, uma vez que o governador estava nos campos da Caledónia e o Juridicus estava baseado em Londinium, isto queria dizer que, neste distante posto avançado, a sua palavra era uma verdadeira lei civil. Felizmente ele trabalhava bem com o comandante da legião, sob cujas ordens tinha servido há muito tempo em diversas campanhas, o qual tinha encorajado os seus esforços para satisfazer os requisitos financeiros necessários para ascender à categoria de cavaleiro, as classes médias que eram a espinha dorsal do governo romano.

Macellius Severus assegurava os abastecimentos e rações para toda a legião, dirigia o aquartelamento e agia como oficial de ligação geral entre a população - tanto bretã como romana - e o exército. Na teoria, representava também os interesses da população civil. Ao requisitar abastecimentos para as legiões, era-lhe pedido que providenciasse para que as pessoas que os forneciam eram deixadas com comida e mão de obra suficientes que evitasse conduzi-las a uma revolta, Daí a verdadeira administração das terras da Ordovia, à volta de Deva, estar mais nas suas mãos, excepto em caso de guerra, que nas do comandante legionário.

O seu escritório, pequeno e austero, e construído com uma rígida economia de espaço, conseguia, de algum modo, acomodar uma enchente diária de pessoal civil e militar, com uma longa lista de queixas, requisições e petições. Por vezes, Macellius, que não era um homem pequeno, parecia como que fisicamente empurrado para um canto.

Tinha quase acabado o seu acervo desta manhã. Sentado numa espécie de cadeira reclinável e de cenho franzido para um rolo de pergaminho que tinha no colo, fazia de conta que ouvia pacientemente um gordo e efeminado habitante da cidade, vestido com uma toga de cidadão romano, o qual estava a falar ininterruptamente há quase um quarto de hora. Macellius podia tê-lo interrompido em qualquer altura, mas a verdade era que não tinha ouvido uma palavra em cada vinte; estava a ler a lista de abastecimentos. Teria sido grosseria interromper um peticionário apenas para estudar uma listagem; não custava nada deixar o homem falar enquanto a lia. Em qualquer caso, tinha ouvido o suficiente para perceber que Lucius Varullus estava simplesmente a repetir a

mesma coisa, vezes sem conta, com uma série de variações oratórias.

- Seguramente não desejais que me dirija ao legado, Macellius - continuou lamurientamente a voz de falsete. Macellius enrolou a lista e pô-la de lado, decidindo que já o tinha ouvido o tempo suficiente.

- Claro que podeis se o quiseres - asseverou, suavemente -, mas duvido que ele vos conceda uma audiência como esta, se é que tem sequer tempo de todo para vós. - Ele conhecia bem o seu comandante. - Deveis lembrar-vos que estes são tempos de desassossego. Uma certa dose de sacrifício...

O gordo lábio inferior do homem do outro lado da mesa continuou, em protesto.

- Não, claro que não - disse, acenando com a mão num gesto delicado. - Meu caro amigo, ninguém, absolutamente ninguém mais do que eu está preparado para o fazer, mas como posso trabalhar as minhas herdades e os meus jardins se todos os homens da área forem recrutados? Não é certo que a paz e conforto dos cidadãos romanos devem ser as preocupações mais importantes? Ora, até tive que pôr os meus jardineiros a trabalhar nos canteiros de nabos! Devíeis ver os meus jardins! - concluiu lamentosamente.

- Ora essa! - disse imediatamente Macellius. - Não sou responsável pela organização do recrutamento dos nativos. - Silenciosamente, amaldiçoou a sombra do Imperador que tinha concedido a cidadania romana a idiotas como este. - Tenho pena, Lucius - disse (estava a mentir e não tinha pena nenhuma) -, mas agora não posso fazer nada por vós.

- Oh, mas meu caro amigo, simplesmente tendes que o fazer.

- Olhai - disse Macellius simplesmente -, estais pura e simplesmente a perseguir o cavalo errado. ide ter com o legado se desejardes e vede que tipo de resposta ele vos dá; duvido que tenha sequer metade da paciência que eu tenho tido. Trazei escravos da Gália ou pagai melhores salários - «Ou », acrescentou silenciosamente, «vai tu mesmo para lá com um forcado e desfaz alguma dessa gordura.» - Agora, se fazeis favor, estou muito ocupado esta manhã. - Deixou o seu olhar cair novamente no rolo e tossiu discretamente.

Valerius começou a protestar, mas Severus já se tinha virado para o seu secretário, um jovem magro, de aspecto triste.

- O que se segue, Valerius?

Depois de Varullus ter resmungado a sua despedida, o secretário fez entrar um boiadeiro que tinha vendido gado às legiões. De boné na mão, implorou o perdão de Sua Excelência, num hesitante latim dos mercados, por estar a maçá-lo, mas as estradas estavam tão cheias de bandidos...

Macellius dirigiu-se fluentemente ao homem no seu próprio dialecto silure.

- Fala, homem. O que te está a preocupar?

Quando o camponês despejou a sua história, parecia que ele tinha sido contratado para conduzir o seu gado por terra até à costa, e havia ladrões e assaltantes, e o gado pertencia à legião, e ele era um homem pobre que não podia suportar a sua perda para os bandidos, e...

Macellius levantou uma mão.

- Está bem - disse, não sem simpatia -, queres uma escolta militar. Vou-te dar uma nota para um dos centuriões. Encarrega-te disso, Valerius. - Acenou com a cabeça para o secretário.

- Dá-lhe uma nota para Paulus Appius e diz-lhe que se encarregue de escoltar estes animais do exército. Não, homem, não te desculpes, é para isso que aqui estou.

Depois de o boiadeiro ter saído, acrescentou impacientemente:

- No que é que Paulus está a pensar? Por que é que, em nome dos céus, este assunto teve que chegar até mim? Qualquer decurião a meio do percurso podia ter tratado dele! - Engoliu algum ar, esforçando-se por readquirir a sua calma habitual.

- Bem, manda entrar o próximo.

O seguinte era um bretão chamado Tascio que tinha aparecido para vender centeio. Macellius fez uma carranca.

- Não o receberei; o último lote que nos vendeu estava podre.

Mas nós precisamos dele; há falta de grão.

Ouve. Oferece a esse aldrabão metade do que ele pede; e antes de dares ordem ao tesoureiro para lhe fazer o pagamento traz meia dúzia dos cozinheiros das messes para o inspeccionarem. Se estiver podre ou bolorento deita-o para o lixo e queima-o; o centeio podre provoca doenças nos homens. Se estiver bom paga-lhe a metade acordada e se ele te causar qualquer problema ameaça-o de ser chicoteado por enganar a legião. Sextiflus disse-me que da última vez seis homens tinham sido envenenados pela malfadada coisa. Se ele ainda armar reboliço, entrega-o a Appius - continuou e eu farei uma queixa ao druida Curia, e o que eles lhe fizerem não será nem metade tão bondoso. E, já agora, se este lote estiver estragado coloca-o na lista negra e diz-lhe para não aparecer mais por aqui. Percebeste?

Valerius, parecendo mais triste que nunca, concordou. Porque, apesar da sua fraca aparência, era extremamente eficiente neste género de assuntos. Quando se preparava para sair, Macellius ouviu a sua incongruente voz baixa elevar-se com a surpresa.

- Olá, jovem Severus. já estais de volta?

Macellius ouviu uma voz familiar responder.

- Salve, Valerius! Hei, tem calma, esse braço ainda me dói!

O meu pai está?

Macellius levantou-se tão precipitadamente que a sua cadeira se virou.

- Gaius! Meu querido rapaz, já estava a começar a ficar preocupado contigo! - Deu a volta à secretária e abraçou rapidamente o filho. - O que te reteve tanto tempo?

- Vim assim que pude - desculpou-se Gaius.

Ele sentiu o rapaz retrair-se quando o abraçou com mais força e largou-o abruptamente.

- O que se passa? Estás ferido?

- Não verdadeiramente, estou quase curado. Estais ocupado, Pai?

Macellius olhou à volta do pequeno escritório.

- Não há aqui nada de que Valerius não se possa encarregar perfeitamente bem. - Olhou desaprovadoramente para as poeirentas roupas do filho e disse com alguma dureza: - Tens que andar pelo Campo vestido como um liberto ou um nativo?

Os lábios de Gaius apertaram-se um pouco, como se a palavra « nativo » o tivesse ferido. Mas a sua voz era normal e sem qualquer tom de desculpa quando

replicou.

- É mais seguro viajar deste modo.

- Humph! - Mas Macellius sabia que era verdade. - Nesse caso, não podias então, ao menos, ter tomado banho e vestido decentemente antes de vires à minha presença?

- Pensei que podias estar ansioso a meu respeito, Pai - disse Gaius -, vendo que eu excedi a minha licença por alguns dias. Com a vossa permissão irei tomar banho e vestir-me.

O único banho que tomei durante esta semana foi no rio.

- Não te apresses - disse Macellius amuadamente. - Vou contigo. - Deixou a sua mão descansar no antebraço do homem mais novo, agarrando-o sem palavras. Por alguma absurda razão, preocupava-se sempre que Gaius estava fora, que o rapaz pudesse não voltar; não sabia porquê, já que o jovem tinha sido sempre autossuficiente. A visão do braço ligado tinha-o assustado.

- Agora diz-me o que aconteceu; por quê as ligaduras?

- Caí numa armadilha para javalis - disse Gaius. - Uma das estacas atravessou-me o ombro. - O seu pai empalideceu e Gaius acrescentou de maneira tranquilizadora. - Agora está mais que curado; já nem sequer dói, a não ser que bata com ele nalguma coisa. já poderei agarrar numa espada dentro de seis semanas.

- como ... ?

- Como é que saí de lá para fora? - o rapaz fez uma careta. - Alguns bretões encontraram-me e trataram-me até estar bom outra vez.

A face de Macellius traiu o que ele não conseguia exprimir.

- Espero que os tenhas recompensado convenientemente.

- Mas Gaius pareceu perceber a ansiedade escondida por trás da indirecta.

- Pelo contrário Pai, a hospitalidade foi oferecida generosamente e eu aceitei-a da mesma forma.

- Estou a ver. - Macellius não forçou o assunto. Gaius tinha a tendência para se tornar sensível quando se tocava no seu sangue bretão.

Nos banhos militares, mesmo encostados à paliçada, Macellius escolheu uma cadeira baixa, enquanto Gaius era despido e esfregado pelos servidores do exército. Depois de os seus escravos terem sido enviados a casa buscar roupas lavadas, Macellius recostou-se na sua cadeira meditando no que é que o rapaz teria andado a fazer até agora. Havia uma diferença nele, alguma coisa mais que não podia ser explicada apenas pelo ferimento. Por um momento desejou estar de volta ao seu escritório a tratar de assuntos dos quais se podia descartar com facilidade.

Nesta altura Gaius emergiu do banho, parecendo muito jovem e muito limpo, na sua curta túnica de lã, com o cabelo molhado caindo aos caracóis pelas costas.

Mandou chamar um escravo-barbeiro e, enquanto o homem cortava o rebelde cabelo até um comprimento militar e lhe rapava a barba nascente, contou a sua aventura. Era claro que ele estava a deixar algumas coisas de fora, pensou Macellius. Por que é que Clotinus Albinus não tinha reportado o acidente? Sentiu um sentimento de alívio por ter sido poupado ao género de aborrecimento que qualquer irregularidade teria provocado.

- Esse braço tem que ser visto por um médico do exército - limitou-se a dizer quando a história acabou.

Gaius protestou irritadamente.

- Está tudo a correr muito bem.

Mas Macellius insistiu, e, depois de uma certa demora, o velho Manhus entrou, desapertou as cuidadosas ligaduras de Cynric e sondou, tacteou e carregou até Gaius ficar branco e a suar.

Depois, anunciou solenemente que o braço estava tão bem curado como se tivesse sido ele que o tivesse tratado desde o início.

- Podia-vos ter dito isso... - resmungou o rapaz, recusando enfrentar o olhar do pai. « Bom », pensou o homem mais velho, «não é tão estúpido que discuta comigo ... »

Gaius recostou-se de modo hesitante, a sua mão boa tombando depois duma desajeitada tentativa para prender o alfinete da túnica, e, no entanto, fez uma careta quando Macellius estendeu as mãos e a prendeu, tentando segurar a mão do pai com a sua.

- Disse-vos que estava bem, Pai, meu velho estoico - disse com alguma aspereza. Macellius pensou novamente, «Ele é um belo rapaz; que tipo de diabrura terá estado a tramar? Bem, ele tem direito a uma certa dose de aventura. Se bem que seja melhor que não o saiba, no entanto ... » Pigarreou, contente por não estar mais ninguém a usar a casa dos banhos nesta altura do dia.

- Então, que desculpa podes dar por ultrapassares o tempo da tua licença, filho?

Gaius acenou com a cabeça na direcção do braço.

- Percebo; claro que não podias viajar com esse ferimento e eu falarei com Sextilius. Mais uma vez, é preciso ter em consideração que Os acidentes acontecem. Mas tu não és nenhum boneco patrício que te possas relaxar. O teu avô era um lavrador nos arredores de Tarentum e eu tive que trabalhar duramente para chegar até onde cheguei. Gaius, o que dirias de não voltar para Glevurn?

- Quereis dizer que me levariam a tribunal marcial por ultrapassar a licença devido a um acidente ... ? - Pareceu tão Preocupado que Macellius se apressou a acalmá-lo.

- Não, não, não quis dizer isso. O que quero dizer é se gostarias de ser transferido para o meu pessoal? Preciso de alguém que me ajude aqui, e quando falei ao Governador, quando ele ia a caminho do Norte, ele concordou em abrir uma excepção e deixar-te servir comigo. É tempo de eu começar a apresentar-te às minhas relações aqui. A província está a crescer, Gaius. Inteligência e energia levarão um homem longe. Se eu pude ascender ao grau de cavaleiro, apenas um degrau abaixo da nobreza, quem sabe até onde poderás tu ir?

Viu o sofrimento nos olhos de Gaius e pensou se o seu filho estaria com dores. Pareceu passar-se muito tempo antes que o rapaz respondesse.

- Nunca percebi porque ficaste aqui na Bretanha, Pai. Não poderias ter subido mais rapidamente se te tivesses disposto a ir para outro lado? É um grande império.

- A Bretanha não é todo o mundo - disse Macellius mas eu gosto dela. - A sua face ficou séria. - Uma vez ofereceram-me o posto de Juridicus, na Hispânia. Devia tê-lo aceitado, nem que fosse por tua causa.

- Porquê a Hispânia, Pai? Por que não na Bretanha? Assim que a pergunta lhe saiu dos lábios, Gaius pareceu dar-se conta de que tinha sido um erro. Macellius sentiu a sua própria face endurecer.

- O Imperador Claudius estava tão ocupado a tentar reformar as coisas em casa, desde o Senado e a cunhagem de moeda até à religião do Estado, que nunca arranjou tempo para reformar as leis militares - explicou Macellius - e os Imperadores que vieram depois dele pareceram pensar que ele, tendo sido o conquistador oficial da Bretanha, sabia o que estava a fazer.

- Não percebo o que quereis dizer, Pai.

- Visitei Roma apenas uma vez - disse Macellius. - E Londinium parece-se mais com a Roma que fui educado a honrar do que o que a própria Roma é agora. O Império está num diabo duma confusão, Gaius; isso não deve constituir nenhuma surpresa para ti. - Franziu o sobrolho, depois, com uma súbita irritação, virou-se para o escravo que permanecia junto das suas cadeiras e ordenou: - Arranja-nos alguma coisa para comer, não fiques para aí a olhar estupidamente.

Quando ficaram novamente sós, virou-se para Gaius.

- O que vou dizer agora cai sob a definição oficial de traição; quando eu acabar de falar esquece-te do que ouviste, está bem? Mas, como oficial da legião tenho uma certa responsabilidade. No caso de alguma vez haver qualquer reforma, talvez esta tenha de partir das províncias como a Bretanha. Tito... esta conversa é perigosa... Tito é bem intencionado, mas parece mais interessado em aumentar a sua popularidade que em governar o Império. Domiciano, o irmão dele, pelo menos é eficiente, mas ouvi rumores de que a sua ambição se pode vir a sobrepor à sua paciência. Se ele se tomar num pretendente à púrpura e vier a ser imperador, então o pouco poder que ainda resta ao Senado e ao povo de Roma pode desaparecer.

«Eu faria a minha família progredir à velha maneira, pelo serviço e por criteriosos empreendimentos, uma geração a seguir à outra - continuou Macellius muito deliberadamente. - Perguntaste-me porque fiquei na Bretanha. Julius Classicus tentou criar um império Gaulês ainda nem há dez anos. Depois de Vespasiano o ter esmagado, este decretou que os auxiliares não podiam ser

utilizados no seu país de origem e que as legiões deviam ser formadas por uma mistura de homens de todo o Império. Foi por isso que eu tive tanto trabalho para conseguir autorização para tu servires na Bretanha e porque teria sido mais sensato para nós ter tentado a sorte na Hispânia, ou noutro local semelhante. o mais profundo medo de Roma é que as nações conquistadas se possam levantar de novo...

- Mas vós educastes-me a venerar as velhas virtudes de Roma. O que quereis, Pai, e, já que estamos a falar francamente, o que temeis?

Macellius olhou para a suave face do rapaz à sua frente, procurando algum traço da rude força do seu próprio pai. Havia, talvez, uma parecença na forte linha do queixo, mas o nariz do rapaz era celta, pequeno, quase arrebitado, como o da mãe, Não admira que tivesse parecido um bretão quando entrou pela porta dentro. Ele é fraco, pensou, ou apenas jovem? E, depois, onde repousa verdadeiramente a sua lealdade?

- Caos... - disse sobriamente. - O mundo de pernas para o ar. Outra vez o tempo dos quatro Imperadores ou o da Rainha Assassina. Não te podes lembrar mas, para nós, no ano em que nasceste, parecia que o mundo estava a acabar...

- Pensais que uma rebelião romana, ou uma bretã, são igualmente de temer? - perguntou Gaius com curiosidade.

- Leste Valerius Maximus? - disse o pai subitamente. - Se não o fizeste, lê-o quando puderes; costumava haver aqui umas duas cópias, na biblioteca dos legionários. É um livro escandaloso; ele nunca o devia ter escrito. Quase perdeu a cabeça no tempo de Nero, o que não me surpreende. Ele começou a escrever no tempo do deificado Tibério, mas faz algumas observações válidas sobre alguns dos Imperadores que se lhe seguiram... dizer que alguns deles eram tão falíveis como G.- bem, como os Deuses sempre o são, não é traição; não agora, de qualquer modo. Ele próprio o refere, mesmo um mau Imperador é melhor que a guerra civil.

- Mas dissésteis que a reforma podia ter que partir das Províncias...

Macellius fez uma careta. Pelo menos não havia nada de errado com a memória do rapaz.

- Reforma, não rebelião... Lembra-te de que eu também disse que hoje em dia Londinium é como Roma costumava ser. As velhas virtudes romanas podem sobreviver nas províncias, longe da corrupção que rodeia o Imperador. De muitos modos, as tribos aqui são como o povo do campo em que nasci. Dê-se-lhe o melhor da cultura romana e talvez a Bretanha se possa tornar no que Roma era suposto ser.

- Foi por isso que casásteis com a minha mãe? - perguntou Gaius rompendo o silêncio.

Macellius olhou para ele e pestanejou, vendo uma vez mais o rosto de fina ossatura e o trigueiro cabelo de uma rapariga, lembrando-se de como ela costumava cantar quando puxava o pente de chifre pelos seus pesados caracóis, faiscando com cintilações de vermelho quando captavam a luz do fogo. *Moruadh... Moruadh... por que me deixaste sozinho?*

- Talvez fosse uma das razões - replicou finalmente.

- Mas talvez se justificasse, Nessa altura tínhamos esperança de juntarmos os nossos dois povos. Mas isso foi antes de Classicus... Boudicca. Talvez ainda possa acontecer, mas levará mais tempo, terás de ser mais romano que os romanos para sobreviver.

- O que é que ouviste? - perguntou Gaius, franzindo as sobrancelhas.

- O Imperador, Tito, tem estado doente. Não gosto disso. Ele ainda é um jovem. Ele pode morrer na cama mas, depois dele, quem sabe? Não confio em Domiciano. Deixa-me dar-te um conselho, filho: tenta viver sem nunca chamares a atenção dum príncipe. És ambicioso?

- Os deuses o proíbam - disse Gaius.

Mas Macellius tinha visto o relâmpago de orgulho nos seus olhos. Bem, se fosse bem dirigida, a ambição num jovem não era uma coisa má. Deu uma curta gargalhada.

- Em qualquer dos casos, é tempo de darmos o passo seguinte para o progresso da família. Nada que vá preocupar o Imperador... mas tu tens, o quê, dezanove anos? É tempo de casares.

- Farei vinte dentro de algumas semanas, Pai - disse Gaius suspeitosamente. - Tendes alguém em mente para mim?

- Suponho que sabes que Clotinus, sim, o velho percevejo, tem uma filha... - começou Macellius, e parou quando o filho começou a rir.

- Os Deuses o proíbam. Praticamente tive que a correr a pontapé para fora da minha cama quando lá estive hospedado.

- Clotinus irá ser um dos grandes homens na Província, apesar de ser bretão. Se tivesses gostado da sua filha eu estaria disposto a comprazer-te, mas não se ela é assim tão impudica.

O meu pai pode ter sido apenas um plebeu, mas podia nomear todos os seus antepassados. A honra da família exige que os teus filhos sejam da tua própria procriação.

Olhou para cima, quando o escravo apareceu à porta trazendo uma bandeja com biscoitos duros e vinho. Serviu, entregou uma taça a Gaius e bebeu profundamente antes de falar novamente.

- Eis uma ideia de que talvez gostes mais. Podes não te lembrar disto, mas quando eras uma criança foi acordada uma tentativa de contrato de casamento

entre ti e a filha dum velho amigo meu, Ele é agora o Procurador, Licinius.

- Pai - disse Gaius rapidamente -, tens falado com ele ultimamente? Espero que não tenhais levado as coisas longe de mais...

Macellius fitou-o cuidadosamente.

- Por quê? Há alguma outra rapariga que desejes? Não pode ser, sabes? Um casamento é uma aliança económica e social. Deixa-te guiar por mim, filho; essas atracções românticas não duram muito tempo. - Ele pôde ver o sombrio rubor que escureceu a clara pele do filho.

Muito cuidadosamente, Gaius bebeu outro gole de vinho.

- Ha uma rapariga, mas não é desejo o que sinto por ela. Propus-lhe casamento - disse calmamente.

- O quê? Quem é ela? - troou Macellius, virando-se para olhar para o filho.

- A filha de Bendeigid.

A taça de vinho tiniu ruidosamente quando Macellius a pousou.

- Impossível. Ele é um proscrito e, se não me engano, um druida. De boa família, e por esse lado nada tenho a dizer contra a rapariga se ela é sua parente, mas isso ainda torna as coisas piores. Essa espécie de casamentos...

- Vós fizésteis um - interrompeu Gaius.

- E ele quase destruiu a minha carreira! A tua rapariga pode ser tão boa mulher como a tua mãe, mas um casamento desse género é suficiente em qualquer família - exclamou Macellius. «Moruadh, perdoa-me », gritou-lhe o coração. «Eu amei-te, mas tenho de salvar o nosso rapaz.»

«As coisas eram diferentes nessa altura - continuou mais moderadamente. - Desde a rebelião de Boudicca que qualquer ligação, desde que não seja com uma das mais leais famílias bretãs, é um desastre. E tu, em especial, tens de ser cuidadoso, porque és filho da tua mãe. Pensas que eu suportei trinta anos nas legiões apenas para te ver deitar tudo borda fora? - Deitou mais algum vinho para a sua taça e engoliu-o de uma só vez.

«Não há limite para o que poderás fazer se tiveres os conhecimentos adequados, e a filha do Procurador é um. Afinal de contas, a família está relacionada com os Júlios. Entretanto, se tens uma inclinação por aventuras românticas, há muitas escravas e libertas; afasta os teus pensamentos dessas raparigas bretãs.

- Olhou penetrantemente para o filho.

- Eilan é diferente; eu amo-a.

- A tua Eilan é filha de um druida! - replicou Macellius.

- Ele já foi acusado de incitar os Auxilia à revolta. Não puderam prová-lo,

pelo que apenas o baniram; teve sorte de não ter sido enforcado ou crucificado. Por isso não te queiras envolver, qualquer que seja a forma, com a sua família. Ela não está grávida ou coisa do género?

- Eilan é tão inocente como qualquer Vestal - disse Gaius rigidamente.

- Humph; não apostaria nisso; eles não olham para estas coisas como nós deveríamos - notou Macellius. Vendo o olhar de Gaius escurecer, acrescentou: - Não olhes para mim dessa maneira... não estou a duvidar de ti. Mas se a rapariga é virtuosa isso ainda torna mais ruinoso para ti o desejá-la tanto. Aceita-o, rapaz, ela não é para ti.

- isso é para o pai dela decidir - disse Gaius apaixonadamente -, não vós!

Macellius resmungou.

- ouve bem o que te digo, o pai dela vai encarar uma aliança dessas tal como eu, como uma enorme catástrofe para vocês os dois. Esquece-a e vira os teus pensamentos para alguma boa rapariga romana. Ganhei uma posição social aqui que te permite unires-te com quem quer que escolhas.

- Desde que se chame Julia Licinia... - respondeu Gaius amargamente. - E se a filha de Licinius não quiser um marido com sangue bretão?

Macellius encolheu os ombros.

- Escreverei amanhã a Licinius. Se ela for uma rapariga romana como deve ser pensará no seu casamento como parte do seu dever para com a sua família e com o Estado. Mas casado é que tu já estarás antes que nos desgraces a todos.

Gaius abanou a cabeça teimosamente.

- Veremos. Se Bendeigid me quiser entregar a sua filha casarei com Eilan. A minha honra está comprometida com ela.

- Não; impossível - disse Macellius. - E o que é mais, se é que conheço alguma coisa sobre Bendeigid, ele reagirá duma maneira muito parecida. -

«Maldição », pensou, «o problema é que ele é muito parecido comigo. Pensará ele que eu o deixaria escapar-se?» O rapaz pode acreditar que o pai não percebe - a gente jovem pensa sempre que eles são os únicos que jamais amaram - mas a verdade é que Macellius compreendia bem de mais. Moruadli tinha sido fogo no seu sangue mas ela nunca tinha sido feliz, fechada dentro de lisas paredes de pedra. As mulheres romanas tinham troçado dela e o seu próprio povo tinha-a amaldiçoado. Não deixaria o seu filho viver com a dor de saber que, também ele, apenas tinha trazido sofrimento à mulher que adorava.

os bónus de campanha de Macellius tinham sido bem investidos e ele era suficientemente rico para não passar necessidades quando se retirasse, mas não era o suficiente para o filho, a não ser que Gaius também tivesse uma carreira. Não honraria Moruadh de nenhum modo se permitisse que o filho dela deitasse fora o seu futuro.

- Pai - continuou Gaius, num tom que o pai nunca antes lhe tinha ouvido -, eu amo Eilan; ela é a única mulher com quem jamais me casarei. E se o pai dela não ma quiser entregar, bem... sabeis bem que Roma não é todo o mundo.

Macellius olhou-o penetrantemente.

- Não tinhas nenhum direito de fazer tal promessa. O casamento é um assunto para as famílias; se eu mandar pedir a mão dela para ti será contra a

minha vontade.

- Mas fá-lo-eis? - persistiu Gaius e, contra a sua vontade, Macellius comoveu-se.

- Continuo a achar que é uma loucura, mas posso transmiti-lo a Bendeigid. Mas quando ele recusar não quero ouvir falar mais disto. Escreverei nessa altura a Licinius e ter-te-ei casado antes do ano novo.

Havia algo a dizer, pensou, sobre os velhos dias, quando os pais detinham o poder de vida ou morte mesmo sobre os filhos crescidos. A lei ainda estava nos livros - para o bem que fazia a quem quer que fosse; nenhum pai, desde há centenas de anos, a tinha invocado formalmente e conhecia-se demasiado bem para pensar que iria ser o primeiro. Mas não teria que o fazer.

O pai de Eilan podia desferir esse golpe bem mais eficazmente que ele.

SETE

Nos dias que se seguiram à partida de Gaius, o brilhante Sol de Beltane escondeu-se por detrás de lacrimejantes céus, como se, afinal de contas, a estação tivesse decidido não se transformar em Verão. Eilan arrastava-se pela casa como um fantasma. Os dias passavam-se e Gaius não mandava notícias. Mesmo antes de partir para a Casa da Floresta, Dieda tinha dito que ela se devia ter entregue a Gaius. Haveria mais ou menos probabilidades de ele a ter esquecido se o tivesse feito?

Afinal de contas, os festivais importantes existiam num tempo muito próprio. Nessa noite, quando se sentaram juntos a ver as fogueiras, foi como um sonho do Além. Nessa altura, quando as portas entre os mundos se abriram, tudo pareceu possível - mesmo o casamento da filha de um druida com um oficial romano. Mas agora, rodeada pelas vistas e sons familiares da sua casa, ela começou a duvidar de si mesma, do seu amor e, acima de tudo, de Gawen - ou Gaius, como supunha que lhe devia chamar-se.

E o pior de tudo era que ninguém parecia dar-se conta da sua dor. Mairi tinha insistido em voltar para a sua própria casa, para esperar o regresso do marido, e

Rheis estava atarefada com todas as tarefas que a chegada do Verão implicava. Podia ter confiado em Dieda, mas a sua parenta encontrava-se na Casa da Floresta, onde devia estar ocupada com as suas próprias dores de coração e mágoas. os céus choravam, o coração de Eilan chorava com eles, e ninguém parecia importar-se de todo.

Finalmente chegou o dia em que o seu pai a mandou chamar. Ele estava sentado no salão de festas, ao lado da lareira - agora apenas cinzas, pois embora o céu estivesse cinzento e enevoado, estava suficientemnte quente para não ser preciso um fogo.

Uma estranha mistura de cólera e divertimento suavizava a sua habitual dureza.

- Eilan - disse suavemente -, sinto que te devo dar conhecimento disto; foi feita uma oferta pela tua mão.

«Gaius », pensou ela. «As minhas dúvidas fizeram-lhe uma injustiça!»

- Mas, é claro foi uma que eu não pude ter em consideração.

O que é que sabes do jovem que se chamava a si próprio Gawen?

- O que quereis dizer? - De certeza que ele podia ouvir o rápido bater do seu coração.

- Disse-te o seu verdadeiro nome? Disse-te que o seu pai é Macellius Severus, Prefeito do Campo em Deva?

Ela via, agora, a fúria por baixo da suavidade de Bendeigid e lutou para acalmar o seu tremor; mas assentiu com a cabeça.

- Então pelo menos ele não te enganou. - O seu pai suspirou. - Mas deves afastá-lo dos teus pensamentos, filha. Não tens ainda idade suficiente para casares.

Ela levantou a cabeça para protestar. Por que não teria ela pensado que era

muito mais provável ser o seu próprio pai a não dar autorização do que Gaius a repudiar o seu amor?

- Posso esperar - murmurou, não ousando levantar os olhos.

O pai continuou:

- Não estou habituado a ser um tirano para os meus filhos, Eilan; para dizer a verdade tenho sido bem brando contigo. Se tivesses medo de mim não falarias deste modo. Mas isto não pode ser, Filha... não, deixa-te estar - ordenou -, ainda tenho mais uma coisa para te dizer.

- O que há mais? - exclamou Eilan, sobressaltando-se quando ele lhe agarrou o pulso. - Recusaste-lo, não foi?

- Quero que percebas porquê. - O seu tom suavizou-se. - Eu não tenho nenhuma má vontade contra o rapaz e se ele fosse um dos nossos entregar-te-la de boa vontade a ele. Mas o óleo não se mistura com a água, nem o chumbo com a prata, nem o romano com o bretão.

- Ele é apenas meio romano - protestou ela. - A mãe dele era uma mulher da tribo dos Silures. Ele parecia suficientemente bretão quando aqui esteve hospedado.

O pai abanou a cabeça.

- isso torna tudo ainda pior. Ele é o filho bastardo de um casamento (na minha opinião um casamento ilegal) com uma raça de traidores, pois os Silures já eram traidores mesmo antes de os Romanos atravessarem o mar, roubando o nosso gado e caçando furtivamente nos nossos terrenos de caça. Seria juntar duas loucuras casar-te com um filho dos nossos antigos inimigos. Cheguei mesmo a falar a Ardanos sobre isto e, se bem que ele fale da paz que daí podia advir, como se tu fosses filha de uma das nossas rainhas e ele o filho de um César, eu sei que não pode ser.

os seus olhos arregalaram-se com o pensamento que o Arquidruida, entre todas as pessoas, pudesse mostrar-se seu amigo. Mas o pai ainda estava a falar.

- Pelo tom da carta, a minha suposição é que Macellius Severus gosta disto

tanto como eu. Nada pode sair de tal casamento a não ser uma rotura de lealdades para vocês os dois. Se Gaius estiver disposto a renunciar a Roma por ti, sou eu que não o quero entre os nossos parentes. E se ele aderir aos dele, então serias tu a ser banida pelo nosso povo e isso eu não o quereria para ti.

Eilan não olhou para cima.

Por ele suportá-lo-la - disse, a voz apenas audível.

Sim, na tua loucura acredito que o fizesses - disse o pai com rudeza. - A juventude está sempre pronta para desafiar o mundo. Mas o nosso sangue não é um sangue de traidores, Eilan. Por cada momento que traísses os teus parentes com ele, os corvos debicariam secretamente no teu coração. - A sua voz suavizou-se. - E o que é mais, não és apenas tu mas toda a tua descendência que seria forçada a quebrar um laço a seguir ao outro.

«Eilan, tens que perceber isto; não tenho nenhuma má vontade contra Gawen; foi um hóspede na minha casa, e seria discutir por discutir dizer que me mentiu, quando, na realidade, ninguém perguntou o seu verdadeiro nome. Se má vontade pudesse haver, seria apenas por ele ter trabalhado em segredo para te virar contra os teus parentes.

As palavras de Eilan mal se ouviram.

- Ele lidou honrosa e integramente tanto comigo como convosco.

- Pus isso em questão? - respondeu Bendeigid. - Mas aquele que pergunta compromete-se ele próprio a submeter-se à resposta. Pediram-me honesta e honrosamente a tua mão; eu respondi honestamente e sem rodeios, e ponto final no assunto.

Ela disse numa voz estrangulada:

- Outro homem menos honrado podia ter agido comigo de tal modo que estaríeis grato por vos verdes livres de mim.

Uma fúria negra incendiou o rosto do seu pai e, pela primeira vez que se lembrasse, teve medo dele. Puxou-a bruscamente para ele e deu-lhe uma palmada - se bem que não com muita força - na boca.

- Acabou... - disse. - Acabou! Tivesse-te eu dado umas palmadas mais vezes quando eras uma criança e não precisaria agora de te bater por causa dessas palavras vergonhosas.

Eilan deixou-se cair no banco quando ele a largou; há dez dias teria chorado se o pai lhe tivesse falado assim; agora sentia que nada a poderia fazer verter outra lágrima.

Ele disse enfaticamente:

- Não casarás com nenhum romano enquanto eu tiver os pés acima da terra; não, nem depois disso se eu conseguir o que quero. E se me tivesses dito que as coisas tinham ido tão longe que precisavas de casar com esse filho de traidores meio romanos, ou me desses um bastardo que me chamasse avô, nenhum homem em toda a Bretanha me culparia se te afogasse com as minhas próprias mãos. Poupa-me esse corar de vergonha, filha; não tiveste nenhuma há momentos!

Eilan teria preferido enfrentar o pai de pé, mas os joelhos tremiam-lhe tanto

que não se conseguia levantar.

- Podeis, na realidade, pensar tal vergonha de mim?

- Não fui eu quem falou nisso pela primeira vez - retorquiu o pai. Depois a voz suavizou-se. - Criança, criança - admitiu -, falei sob o efeito da cólera. Peço-te perdão, és uma boa rapariga e verdadeiramente a minha filha. Agora já basta desta conversa. Viajarás para o Norte amanhã. A tua irmã Mairi terá necessidade duma parenta, visto o seu filho ir nascer em breve e nesta estação a tua mãe não poder ser dispensada. O que parece mais provável, agora, é que o marido dela, Rhodri, tenha sido preso pelos romanos quando partiu atrás das levas. Assim, mesmo que tudo tivesse corrido de maneira diferente, esta não seria uma boa época para me presentearem com um genro romano.

Eilan assentiu silenciosamente. Bendeigid pôs o braço à sua volta e disse suavemente:

- Sou mais sábio e mais velho que tu, Eilan. Os jovens veem as coisas apenas por si próprios. Pensas que não tenho visto a prostração em que tens andado? Pensei que era apenas porque sentias a falta de Dieda, mas a principal razão da minha ira em relação a esse bastardo meio romano é porque te infligiu tamanha dor.

Ela acenou com a cabeça, constrangida no seu abraço, sentindo-se muito longe dali. Ele tinha dito que um corvo debicaria no seu coração se casasse com Gaius e ela tinha pensado que era apenas uma forma de falar poética. Mas agora via que ele tinha falado a pura da verdade, pois a dor no seu coração era tão aguda como se, na verdade, um bico dum corvo a estivesse a trespassar. Sentindo a sua resistência, o pai disse irritado:

- A tua mãe falou a verdade quando disse que estavas solteira há tempo de mais. Este Inverno procurarei um marido para ti, um dos nossos.

Eilan afastou-se dos seus braços, os olhos chamejando.

- Não tenho escolha senão obedecer-vos - disse amargamente -, mas se não posso casar-me segundo a minha vontade, não casarei com nenhum homem acima da face desta terra.

- Como queiras - disse acidamente. - Nunca procurarei forçar-te. Mas prometerei Senara antes que ela comece a usar o seu cinto de donzela. Não voltarei a ter de novo este tipo de luta com uma filha!

A chuva continuou a cair durante muitos dias, aumentando o volume de rios e correntes e inundando campos, estradas e caminhos. Aproximava-se a altura em que Mairi devia dar à luz e o destino do seu marido ainda era desconhecido. Ela tinha admitido que talvez tivesse feito melhor em ter ficado sob o telhado do pai até que a criança tivesse nascido, mas com este tempo teria sido mais arriscado para ela viajar que ficar em casa. Foi Eilan, portanto, quem viajou para a propriedade da sua irmã, escoltada por dois dos homens do seu pai.

Se bem que ainda chorasse de noite quando pensava em Gaius, Eilan acabou por ficar contente por ter vindo. Aqui ela era útil; a irmã precisava de alguém com quem falar, e o seu pequeno sobrinho estava rabugento e confuso porque a mãe tinha deixado de o amamentar e o pai tinha desaparecido, Nesta altura Mairi andava desajeitada de mais para lhe prestar muita atenção; mas Eilan tinha paciência para se sentar durante horas dando-lhe de comer com uma colher feita de chifre e ele recuperava alguma da sua alegria quando ela brincava com ele.

Como a chuva continuava a cair, havia alturas em que Eilan pensava se a deixariam sozinha para ajudar no parto do segundo filho da sua irmã. Mas Mairi tinha combinado tudo para que viesse uma sacerdotisa.

- Todas as mulheres da Casa da Floresta estão treinadas em tais assuntos, irmã - disse-lhe Mairi, coçando as costas que, nesta altura, lhe doíam constantemente. - Não precisas de ter medo. - Era a tarde do quarto dia com a

sua irmã e Eilan estava a começar a sentir-se em casa.

- Não seria maravilhoso se fosse Dieda que elas nos enviassem?

- Ela é uma recém-chegada à Casa da Floresta e não pode sair durante o primeiro ano. Prometeram enviar uma das assistentes de Lhiannon, uma mulher de Hibernia chamada Caillean. - Ela falou tão secamente que Eilan pensou se Mairi não gostava da mulher, mas chegou à conclusão que seria melhor não perguntar.

Três dias mais tarde, Caillean chegou; uma mulher alta, embrulhada em xales e lenços que lhe deixavam visíveis apenas os olhos e o pesado cabelo escuro. Contra a negrura do cabelo e das sobrancelhas a sua pele parecia ter a palidez do leite, mas os olhos eram azuis. Quando ela se desfez dos abafos, uma rajada de vento trouxe nuvens de fumo da lareira e a sacerdotisa começou a tossir. Eilan apressou-se a encher uma caneca de cerveja e ofereceu-lha em silêncio.

A sacerdotisa disse, em voz baixa:

- Agradeço-te, filha, mas não me é permitido; se puder ter alguma água.

- Claro - murmurou Eilan, corando, e apressou-se a encher um copo no barril perto da porta. - Ou posso tirar mais fresca do poço...

- Não, assim está muito bem - disse a sacerdotisa, tirando-lhe o copo da mão e esvaziando-o. - Agradeço-te. Mas qual é a mulher que está grávida? Tu mesma és pouco mais que uma criança.

- É a Mairi que está para ter o bebé - murmurou Eilan. - Eu sou Eilan, filha do meio de Bendeigid. E há outra, Senara, que tem apenas nove anos.

- O meu nome é Caillean.

- Vi-vos em Beltane, mas não sabia o vosso nome. Pensei que, de certeza, a assistente de Lhiannon fosse... - ela parou timidamente.

Caillean completou a frase:

- Mais velha? Mais digna? Estou com Lhiannon desde que ela me trouxe das praias ocidentais de Eriu. Tinha catorze anos ou à volta disso quando viemos para a Casa da Floresta e já lá estou vão agora fazer dezasseis anos.

- Conheceis a minha parenta Dieda?

- Certamente que sim, mas ela habita com as donzelas; nós somos muitas e não pertencemos todas à mesma ordem. Agora que te vejo é que percebo... mas isso é para mais tarde. Agora deixa-me falar com a tua irmã.

Eilan conduzíu-a até Mairi, agora num estado de gravidez tão adiantado que se movia com dificuldade e afastou-se um pouco para lhes dar alguma privacidade. Mal podia ouvir o baixo murmúrio enquanto Caillean interrogava Mairi detalhadamente. Havia algo de calmante na suave cadência da voz da sacerdotisa.

Eilan podia ver a tensão a abandonar a face de Mair! e percebeu, pela primeira vez, que a sua irmã tinha estado com medo. Ela não recuou quando

Caillean lhe carregou no ventre com as suas longas mãos. Quando ela terminou, Mairi recostou-se com um suspiro.

- Penso que o bebé não irá nascer hoje, e talvez nem amanhã. Descansa agora, rapariga, pois irás precisar de todas as tuas forças quando a altura chegar - disse Caillean acalmando-a.

Quando Mairi estava acomodada de novo, Caillean juntou-se a Eilan perto da lareira.

- É verdade que o seu marido desapareceu? - perguntou em voz baixa.

- Receamos que tenha sido levado pelos Romanos - replicou Eilan, - O meu pai avisou-me para não o mencionar a Mairi.

Por um momento a visão de Caillean virou-se para o interior.

- Não o faças, pois receio que ela não o veja de novo. Eilan olhou para ela horrorizada.

- Ouvisteis algo?

- Vi os presságios e eles não auguravam nada de bom.

- Pobre Mairi, pobre querida, Como lho vamos dizer?

- Não digas nada agora - aconselhou Caillean. - Dir-lho-ei eu mesma depois do nascimento, quando ela tiver razões para viver pelo seu filho.

Eilan estremeceu, porque gostava de Mairi e lhe parecia que a sacerdotisa tinha falado da morte tal como falava da vida, sem sentimento ou pena por ambos. Mas, supunha ela, para uma sacerdotisa vida e morte devem ter um significado bastante diferente do que tinham para Eilan.

- Espero que ela tenha homens na família para cuidar da herança dos filhos - continuou Caillean.

- o meu pai não tem filhos - disse Eilan. - Mas, se houver necessidade, Cynric cumprirá os deveres de um irmão em relação a Mairi.

- Ele não é filho de Bendeigid?

- Apenas um filho adoptivo; fomos criados juntos e gostou sempre muito de Mairi. Agora encontra-se no Norte.

- já ouvi falar desse Cynric - disse Caillean, e Eilan pensou o quanto a sacerdotisa sabia realmente. - E, na verdade, a tua irmã terá necessidade de família.

Nessa noite, abateu-se, turbilhonando, uma nova tempestade vinda do Oeste e Eilan, acordando durante a noite, ouviu-a a bater à volta da casa como uma criatura selvagem; quando chegou a manhã as árvores estavam ainda a assoprar e a balançar devido às rajadas. Mas, onde uma estrutura mais rígida podia ter dado de si, e se bem que umas mãos-cheias de colmo tivessem sido arrancadas do

telhado, a casa redonda apenas se vergava e tremia perante cada nova rajada de vento. A chuva continuava a cair implacavelmente mas Caillean, olhando para fora, para o aguaceiro, pareceu ficar satisfeita.

- Há rumores de assaltantes vindos da costa - disse quando Eilan a questionou. - Se todos os caminhos estiverem inundados não chegarão até tão longe no interior.

- Assaltantes? - repetiu Mairi, parecendo assustada. Mas Caillean não se quis repetir, dizendo apenas que falar dum mal servia muitas vezes apenas para o chamar para perto. De manhãzinha cedo o pior do vento já tinha passado e o tempo estabilizou-se numa pesada, insistente chuva, deixando todo o mundo inundado com o som da água e o das nascentes e cisternas a transbordar. Afortunadamente havia um bom suprimento de madeira cortada e empilhada num barraco Perto da casa principal, pelo que puderam acender um alegre fogo e Caillean desembrulhou o pequeno instrumento musical que transportava enfaixado como um bebé. Eilan nunca tinha conhecido uma mulher que tocasse harpa; a ela própria tinham-lhe inclusivamente batido, quando era uma criança, por ter mexido na do avô.

- Oh, é verdade, há mulheres bardos entre nós - disse Caillean -, se bem que eu toque apenas para meu próprio entretenimento. Penso que Dieda virá a tornar-se num.

- Não me surpreende - disse Eilan um pouco tristonha.

- Ela canta maravilhosamente.

- Tens inveja, criança? Há outros dons para além da música, sabes. - A sacerdotisa franziu as sobrancelhas na direcção de Eilan, pensativamente, depois pareceu chegar a uma decisão. - Não sabias que ela foi escolhida por engano em vez de ti?

Eilan ficou a olhar fixamente para ela, lembrando-se de todas aquelas vezes durante a sua infância em que tinha brincado às sacerdotisas, e a visão que teve quando a capa de Lhiannon tinha coberto a outra rapariga.

- Nunca tinhas pensado sobre isso, pequenina?

Eilan não respondeu. Claro, tinha sonhado com uma coisa desse género durante muito tempo, mas depois conheceu Gaius. Como podia estar destinada a ser sacerdotisa se era capaz dum tal amor por um homem?

- Bem, não há necessidade de tomar uma decisão agora - disse Caillean, sorrindo, - Falaremos sobre isto noutra ocasião.

Eilan olhou para ela, e subitamente, com a dupla visão, viu as duas juntas, levantando os braços em homenagem à Lua. Mas, se bem que o reconhecimento fosse total, ela viu, surpreendida, que o cabelo de Caillean não era escuro, mas vermelho, as feições de ambas parecidas como as de duas irmãs, e que a sua própria face era a que tinha visto anteriormente no lago da floresta. Irmãs... e mais que irmãs. Mulheres, e mais que mulheres... As palavras vieram-lhe de algum lugar para lá da memória.

Então, com um ligeiro choque, lembrou-se de que nunca tinha falado com Caillean até à véspera. Mas, tal como tinha acontecido com Gaius, teve a súbita impressão de que tinha conhecido a sacerdotisa desde o começo do mundo.

Caillean estava a tocar há bastante tempo quando Mairi se levantou subitamente e gritou, olhando esgazeada para a mancha escura que se espalhava pelo seu vestido. As outras duas fitaram-na surpreendidas.

- As tuas águas já rebentaram? - perguntou a sacerdotisa. - Bem, amor, os

bebés vêm quando lhes apetece e não quando nos convém; é melhor levarmos-te para a cama. Eilan, vai procurar o pastor e faz com que ele traga mais lenha para a lareira. Depois, acende o fogo, enche o caldeirão e traz mais madeira para a lareira. A Mairi vai querer chá quente antes de isto acabar e nós também.

Tal como Caillean tinha sem dúvida esperado, o ter algo que fazer acalmou a rapariga mais nova.

- Sentes-te melhor agora? - perguntou a sacerdotisa quando Eilan regressou. - Tenho muitas vezes achado ser um erro permitir a presença de qualquer mulher que não tenha ainda dado à luz num quarto durante um parto; serve apenas para a assustar. Mas se é suposto que te juntes a nós na Casa da Floresta, mais cedo ou mais tarde terás que aprender.

Eilan engoliu em seco e acenou com a cabeça, determinada a justificar a fé que a mulher mais velha depositava nela. Durante as primeiras duas horas Mairi dormitou no intervalo das dores, despertando apenas algumas vezes por hora para gritar, quase como que ainda a dormir. Eilan passou pelo sono no banco perto da lareira; era a altura mais escura da noite e a chuva tinha-se estabilizado num suave, insistente bater, quando Caillean se inclinou e a acordou.

- Vem, agora vou precisar de ti; atiça o fogo da lareira e faz uma chávena de chá de folhas de bagas. Não sei quanto tempo é que isto vai durar e vou querer a

tua ajuda.

Quando o chá estava pronto, Caillean inclinou-se sobre Mairi, que se estava a mexer desassossegadamente, e levou-lhe a chávena aos lábios.

- Aqui está, agora bebe isto. Fará com que te sintas mais forte.

Mas passados poucos momentos Mairi abanou a cabeça, a face tomando-se vermelha e contorcida.

- já não falta muito, minha querida - disse Caillean encorajadoramente. - Não tentes sentar-te direita agora.

Quando Mairi se deixou cair, ofegando, depois da contracção, Caillean disse:

- Eilan, limpa-lhe a cara enquanto eu preparo tudo. Dirigiu-se à lareira e

falou de novo a Mairi:

- Vês, já tenho umas belas fraldas preparadas para a pequenina e já não falta muito, para que possas segurar nela. Ou pensas que será outro belo rapaz como o que já tens?

- Não me interessa - gemeu Mairi, respirando com dificuldade. - Quero apenas... que acabe... ahh... ainda falta muito ... ?

- Claro que não. Só mais um bocadinho, Mairi, e terás o teu filho nos braços... ah, é verdade, só mais um bocadinho... uma começa mal a outra acaba; sei que é duro, mas isso significa que o teu filho estará aqui tanto mais cedo...

Eilan sentia-se quase rígida com o pavor. Mairi já nem mesmo se parecia consigo própria. A sua face estava vermelha e inchada, gritava e parecia nem mesmo saber que o estava a fazer. Então ela ofegou, arqueando as costas e apoiando os pés contra os pés da cama.

- Não posso... oh, não posso - veio o rouco grito, mas Caillean estava ainda a sussurrar palavras de encorajamento. Parecia a Eilan que o parto tinha durado

uma vida inteira, mas o Sol ainda mal se tinha levantado.

Então a voz de Caillean mudou.

- Agora penso que estamos prontas. Deixa-a agarrar as tuas mãos, Eilan; não, não dessa maneira... nos pulsos. Agora, Mairi, faz força só mais uma vez. Sei que estás cansada, criança, mas isto em breve estará acabado. Respira... é isso, respira fundo... deixa-o sair. Calma, calma, ora vejam só!

O corpo de Mairi arfou e a sacerdotisa endireitou-se, segurando em algo, inacreditavelmente vermelho e pequeno, que se mexia nas suas mãos com um leve choro.

- Olha, Mairi, tens uma bela filha.

O avermelhado rosto de Mairi acalmou-se com um sorriso de felicidade quando Caillean lhe pousou a criança recém-nascida sobre o ventre.

- Ah, Senhora - murmurou a sacerdotisa olhando para elas.

- Tenho assistido a isto mais vezes que as que consigo lembrar e é sempre um milagre! - O ténue miar tomou-se num penetrante e exigente grito e Mairi riu-se.

- Oh, Caillean, ela é tão bonita, tão bonita...

Com rápida eficiência a sacerdotisa atou o cordão umbilical e limpou a criança. Quando Mairi começou a expulsar as secundinas, Caillean entregou a criança a Eilan.

Parecia impossível que uma coisa tão frágil fosse uma criança humana; os seus dedos e os pés eram finos e como os de um aranhiço, a sua cabeça coberta com uma penugem escura. Quando Mairi caiu num sono de exaustão, Caillean pendurou um pequeno amuleto de metal à volta do pescoço do bebé e começou a embrulhá-lo em faixas.

- Agora ela não pode ser roubada pelos duendes e nós temos estado a olhar para ela desde o momento em que nasceu, pelo que sabemos que não é nenhuma troca - disse Caillean.

- Mas, sair para uma chuva assim nem mesmo a Gente Boa era provável que o fizesse. Como vês, mesmo algum bem pode vir duma inundação destas.

Caillean endireitou as suas cansadas costas, apercebendo-se de que um Sol avermelhado começava a despontar através das pesadas nuvens baixas, pela primeira vez em muitos dias.

O bebé era comprido e frágil. O seu cabelo transformava-se numa penugem avermelhada à medida que ia secando.

- Ela parece tão delicada... viverá? - perguntou Eilan.

- Não vejo nenhuma razão por que não - replicou Caillean. - É uma bênção dos deuses que na noite passada não tenhamos saído daqui. Pensei que, apesar de tudo, pudesse ser mais seguro procurar refúgio na Casa da Floresta; se o tivéssemos feito este bebé teria nascido por baixo duma árvore qualquer ou no

meio de um descampado, e bem poderíamos ter perdido ambas, a mãe e a filha. A minha visão nem sempre é verdadeira.

A sacerdotisa sentou-se pesadamente num banco Perto da lareira.

- Olha, é novamente dia; não admira que esteja exausta. E já não deve faltar muito tempo para o rapaz acordar e podermos mostrar-lhe a sua pequena irmã.

Eilan estava ainda a pegar no bebé, mas quando Caillean olhou para ela, pareceu que um véu caiu entre elas, como um sopro de fria bruma vinda do Além. Enquanto ele redemoinhava, um sofrimento atroz gelou os ossos de Caillean; estava, de súbito, a olhar para uma Eilan mais velha, no vestido azul da Casa da Floresta, com o crescente azul duma sacerdotisa ajuramentada tatuado entre as sobrancelhas. Nos seus braços segurava uma jovem criança; e nos seus olhos Caillean viu uma dor tão intensa que lhe rasgou o coração em pedaços.

Caillean tremeu, abalada por esta vaga de tristeza, e pestanejou tentando afastar as lágrimas. Quando olhou de novo, a jovem rapariga estava a fitá-la espantada, Involuntariamente, a sacerdotisa deu um passo em frente e tirou a criança a Mairi, que gemeu suavemente e adormeceu de novo.

- Qual é o problema? - perguntou Eilan. - Por que estais a olhar para mim desse modo?

- Uma corrente de ar - murmurou Caillean. - Gelou-nos a ambas. - Mas podiam ambas ver que as pequenas luzes nas lamparinas ainda ardiam intocadas. «A minha visão nem sempre é verdadeira », disse para consigo. «Nem sempre ... »

Abanou a cabeça.

- Esperemos que as correntes ainda estejam intransitáveis - disse. Até mesmo a ideia dos assaltantes era uma distracção benvinda depois daquela visão.

- Por que dizeis isso, Caillean? O meu pai com certeza que quererá vir o mais cedo que possa, e a minha mãe também, para verem a sua nova neta. E mais ainda se, como dizeis, Mairi enviuvou...

Caillean começou.

- Eu disse isso? Bem, com certeza que o tempo fará o que lhe apetecer; nunca ouvi dizer que tivéssemos ou mais Sol ou mais chuva nem mesmo por ordem do Arquidruida. Mas não consigo deixar de pensar que os teus parentes não são os únicos que podem viajar pelas estradas. Vem - acrescentou -, o bebé tem que voltar para o seio da mãe. Dirigiu-se em direcção à cama, a criança nos braços.

OITO

A chuva continuava a cair sobre o aquartelamento romano de Deva com uma insistência enlouquecedora. Os homens deixavam-se ficar nas suas casernas, a jogar aos dados ou a reparar o equipamento estragado, ou então iam até à taberna para passar a tarde a beber. No meio desta sempre presente humidade, Macellius Severus mandou chamar o filho.

- Estás familiarizado com o país para o Oeste - começou -, pensas que podes guiar um destacamento pelas estradas até à propriedade de Bendeigid Vran?

Gaius endireitou-se, deixando a sua capa de couro oleado pingar para o chão de ladrilhos.

- Sim, mas, Pai...

Macellius adivinhou o seu pensamento.

- Não estou a sugerir que devas espiar a casa dum amigo, meu rapaz, mas foram vistos assaltantes de Hibernia perto de Segontium. Todos os lares bretões ficarão em risco se eles conseguirem passar. É para o próprio bem deles, se bem que suponha que eles não o verão assim. Mas, se devo mandar uma unidade até lá para ver o que se passa, não será melhor que seja chefiada por um amigo que por alguém que odeie os Celtas ou por algum idiota recém-chegado de Roma que pense que os Bretões ainda andam por aí pintados de azul?

Gaius sentiu-se corar. Odiava o modo como o pai podia inesperadamente fazê-lo sentir-se como uma criança.

- Estou ao vosso serviço, Pai... e ao de Roma - acrescentou rigidamente após um momento, sentindo-se tão cínico quanto à polida fórmula que quase esperou um riso de escárnio em resposta. *Quão corrupto me estou a tornar, mas, pelo menos, sei quando estou a ser hipócrita. Também ficarei tão habituado a pôr esse ar de benigna superioridade quando tiver a idade do meu pai, que acreditarei nela?*

- Ou temes perder a cabeça porque Bendeigid te recusou a mão da filha? - continuou o pai. - Eu disse-te o que se iria passar.

Gaius sentiu os punhos cerrarem-se e mordeu o lábio com força. Nunca tinha levado a melhor numa confrontação com o pai e sabia que agora também não teria nenhuma hipótese. Apesar disso, aquelas palavras tinham sido como sal numa ferida aberta.

- Disseste-mo e tinheis razão - disse Gaius entredentes. Mostrai-me qualquer vitela que queirais... qualquer rapariga com ancas largas e de boa estirpe, essa Julia se o desejais... e eu cumprirei o meu dever.

- És um romano e espero que te comportes como tal disse Macellius mais suavemente. - Agiste honrosamente e assim continuarás a fazer. Em nome de Juno, rapaz, a rapariga que amaste pode estar em perigo, Mesmo que não possas casar com ela, não queres ter a certeza que ela está segura e bem?

E quanto a isso, claro, ele não podia ter qualquer resposta, mas sentiu o sangue gelar com um pavor que nada devia a um medo físico quando fez a continência e saiu pela porta.

«Talvez tenha apenas medo de os enfrentar », pensou Gaius quando a sua pequena unidade de cavaleiros, destacados dos Auxilia, trotou para fora dos portões da fortaleza e se espalhou pela colina. «De certo modo traí a confiança deles e todos eles foram amáveis para mim.» Durante a confusão de distribuir o serviço pelos homens e da preparação da partida tinha sido capaz de dominar os seus sentimentos, mas agora a doentia preocupação percorria-o de novo.

Tinha visto Cynric apenas uma vez depois de ter deixado a casa de Bendeigid... Um dia no mercado de Deva tinha-se virado e reconhecido o jovem gigante louro, a negociar uma espada na loja dum ferreiro. Cynric estava tão profundamente embrenhado na conversa com o vendedor de armas que não o tinha visto, e, apesar da sua educação, Gaius tinha rodado os calcanhares e fugido. Tinha sido logo após ter recebido a resposta de Bendeigid. Se a família tivesse sabido da proposta, Gaius sentir-se-la envergonhado e se não, o que iria pensar Cynric, vendo o rapaz a quem tinha oferecido a sua amizade a usar o uniforme de um tribuno romano, senão que tinham sido traídos?

Pensou quem lhe teria escrito a resposta do druida em latim. Gaius tinha queimado as placas de cera em que tinham sido escritas, mas as palavras permaneciam gravadas na sua memória. Estas eram muito simples. o druida sentia que não podia entregar a filha em casamento por causa da sua juventude e dos antecedentes romanos de Gaius.

Gaius tinha resolvido pôr toda a questão completamente fora do seu pensamento. Afinal de contas ele era um romano, treinado a disciplinar tanto a

mente como o corpo. Mas estava-se a provar ser mais difícil do que tinha esperado. Podia controlar os seus pensamentos durante o dia, mas na noite passada tinha sonhado mais uma vez que ele e Eilan estavam a viajar para ocidente num navio branco. No entanto, mesmo que houvesse alguma terra no Oeste para onde pudessem fugir, não fazia a mínima ideia de como fazer para raptar mesmo uma rapariga concordante, nem se Eilan estaria disposta a fugir. Não tinha nenhuma intenção de enfrentar todos os seus parentes, para não falar dos dela. Nada podia advir disso a não ser a miséria para ambos.

Se calhar nesta altura já Eilan estava noiva de alguém, apesar do que o seu pai tinha dito sobre a sua juventude. Era verdade que muitas raparigas romanas com essa idade já estavam casadas.

O seu pai podia seguir em frente, se quisesse, e prometê-lo a quem quisesse. A filha de Licinius também era jovem, de modo que talvez não tivesse de enfrentar o problema durante um certo tempo. Melhor ainda, pensou Gaius, para deixar completamente de pensar em mulheres. Os deuses sabiam que ele tinha tentado. Mas, de vez em quando, vendo - talvez nalguma escrava gaulesa um lampejo de cabelo louro e uns olhos verdes, a imagem dela voltava-lhe ao espírito de modo tão vivido que lhe apetecia chorar.

Teria gostado de saber por Cynric como passava a família. Mas, na altura em que tinha reunido de novo a sua coragem já o jovem gigante tinha desaparecido. E, bem vistas as coisas, era provavelmente o melhor.

Eilan acordou subitamente, piscando os olhos enquanto tentava lembrar-se onde estava. O bebé tinha chorado? Ela tinha sonhado? Mas Mairi e o bebé estavam sossegados no caixote cama do outro lado da lareira. Quando se mexeu, o seu sobrinho, Vran, virou-se a dormir e aninhou-se mais para junto dela. A sacerdotisa, Caillean, estava imóvel encostada à parede. Eilan, na borda da cama mais perto do fogo, tinha dormido mal, desassossegadamente. Se tinha estado a sonhar não se lembrava disso; apenas sabia que estava acordada e a olhar fixamente para as brasas vermelhas onde o fogo tinha ardido até se transformar em cinzas. No escuro, Caillean disse suavemente:

- Também o ouvi. Está alguém lá fora.

- A esta hora? - ela escutou, mas apenas se ouvia o gotejar da água das goteiras e o crepitar do fogo.

Mas Caillean disse com uma urgência peremptória:

- Está quieta.

Deslizou da cama e silenciosamente testou a tranca que protegia a porta. Estava segura na sua, mas, passado um momento, Eilan ouviu novamente o som que a tinha acordado e viu a porta curvar-se ligeiramente ao ser empurrada para dentro.

Eilan estremeceu. Tinha sido desmamada a ouvir histórias de assaltantes, mas tinha vivido sempre na grande casa de Bendeigid, protegida pelos homens armados do seu pai. Os dois servidores que ajudavam no trabalho da herdade dormiam na outra casa redonda e as casas dos outros homens ajuramentados a Rhodri estavam espalhadas pelas colinas.

- Levanta-te, sem fazer barulho, e veste-te o mais depressa que possas - murmurou Caillean. - Espera.

A porta gemeu quando alguém a empurrou com mais força e Mairi acordou, murmurando. Mas Caillean, já completamente vestida, tinha a mão sobre os seus lábios.

- Está calada se prezas a tua vida e a da tua criança - murmurou. Mairi acalmou-se com um ofego, e o bebé, felizmente, continuou a dormir.

- Vamos esconder-nos no fosso de guardar a comida? - murmurou Eilan, quando a porta abanou de novo. Quem quer que fosse que estava lá fora estava determinado a forçar a entrada.

Caillean disse suavemente:

- Fiquem aqui, e aconteça o que acontecer não gritem.

- E foi até à porta. Mairi gritou quando Caillean começou a levantar a tranca. A sacerdotisa disse ferozmente:

- Queres ter que consertar a porta depois de eles a terem despedaçado? Eu não.

Quando ela levantou a tranca, a porta abriu-se com um estrondo. Uma dúzia de homens irrompeu através dela como se tivessem sido soprados pelo vento e imobilizaram-se quando Caillean gritou uma simples palavra que soou como uma ordem. Eram homens grandes, com cabelo selvagem e comprido caindo-

lhes pelos ombros, envoltos em peles e peludos mantos de pesada lã sobre túnicas de um axadrezado ainda mais brilhante que as usadas pelos Bretões. À frente deles, Caillean parecia esguia como uma vara de salgueiro. O seu cabelo escuro caía-lhe até à cintura, sobre o seu vestido azul sem cinto, voando um pouco quando o vento soprou através da porta. Era a única coisa à sua volta que se mexia.

Mairi mergulhou no meio dos cobertores, agarrando a filha. Um dos homens riu-se, disse qualquer coisa apenas audível e Eilan tremeu. Teve vontade de fazer o mesmo que Mairi mas estava paralisada de mais para se mexer.

Caillean gritou de novo numa voz ressoante e deu um passo à retaguarda na direcção da lareira. Os homens pareciam hipnotizados pelo seu olhar. Estavam parados, a olhar, quando ela se ajoelhou e enfiou as mãos nos tições. Depois, subitamente, levantou-se atirando as brasas aos intrusos com ambas as mãos. Gritou novamente e os estranhos guerreiros ofegaram e recuaram; no instante seguinte tinham-se ido, numa vaga através da soleira da porta, praguejando numa estranha espécie de bretão e noutra língua que ela não conhecia, atropelando-se uns aos outros enquanto lutavam para fugir.

A sacerdotisa seguiu-os até à porta, rindo, e gritou qualquer coisa em voz alta como o grito de um falcão. Depois, atirou com a porta ao vento ululante e tudo acalmou de novo.

Quando eles partiram, Caillean deixou-se cair no banco perto da lareira e Eilan, que tremia até aos pés, dirigiu-se-lhe.

- Quem eram eles?

- Assaltantes, um bando misto penso, do Norte e do meu país - disse Caillean. - Mais vergonha para mim, pois sou uma água da chuva que tinha entrado. Eilan disse com a voz tremente:

- E o que é que vós lhes dissésteis?

- Disse-lhes que era uma *bean-drui*, uma ela-druida e se eles tocassem em mim ou em qualquer uma das minhas irmãs os amaldiçoaria pelo fogo e pela água; e mostrei-lhes que tinha esse poder. - Caillean estendeu as mãos. Os esguios dedos que Eilan tinha visto mergulhar nas brasas estavam brancos e ilesos. Não teria tudo isto passado de um sonho?

Eilan, lembrando-se do que Caillean tinha gritado quando eles iam a fugir, disse hesitantemente:

- Irmãs?

- Pelos votos que tomei, todas as mulheres são minhas irmãs. - Os seus lábios torceram-se. - E disse que se eles se fossem embora e nos deixassem em paz lançaria uma bênção sobre eles...

- E vós fizeste-lo?

- Não; são lobos ferozes da floresta, ou ainda pior - disse Caillean desafiadoramente. - Abençoá-los? Antes abençoar um lobo com os dentes na minha garganta.

O olhar de Eilan voltou para os dedos de Caillean.

- Como fizésteis aquilo? Foi uma ilusão de druida ou pegastes mesmo no fogo com as vossas mãos? - já estava a começar a pensar se os seus olhos não

lhe teriam pregado uma partida.

- Oh, foi mesmo verdade. - Caillean deu uma pequena gargalhada. - Qualquer um com o meu treino podia tê-lo feito. Eilan olhou para ela com os olhos arregalados.

- Eu poderia?

- Se fosses ensinada, certamente - disse Caillean com impaciência na voz. - Se tivesses a fé e a vontade. Mas não to posso mostrar agora. Talvez na Casa da Floresta, se fores para lá.

Nessa altura, a realidade daquilo a que tinham escapado apossou-se de Eilan e ela deixou-se cair em cima da cadeira que estava perto da sacerdotisa, a tremer.

- Eles teriam... eles teriam... - Eilan engoliu em seco.

- Todos vos devemos a vida.

- Oh, penso que não - disse Caillean. - Uma mulher em parto é uma fraca tentação, mesmo para alguém como aqueles.

E eu acho que teria conseguido assustá-los para longe de mim. Mas tu sim; a violação era o menos que podias esperar da sua parte. Eles não matam raparigas novas e bonitas; mas podias bem ter acabado como uma esposa activa, se assim lhe podes chamar, nas praias da selvagem Eriu. Se esse é um destino que te teria agradado lamento ter interferido.

Eilan estremeceu ao lembrar-se das brutais caras dos homens.

- Acho que não. Os homens na tua terra são todos como aqueles?

- Não sei. Quando parti era ainda muito nova. - Depois de um momento de silêncio Caillean continuou: - Não me lembro nem da minha mãe nem do meu pai, apenas que na cabana onde vivíamos, todos nós, havia sete crianças mais pequenas do que eu. Um dia fomos ao mercado e Lhiannon estava lá, Nunca tinha visto ninguém tão belo.

- E alguma coisa, sei-o agora, atingiu-a, pois ela lançou o seu manto sobre mim, reclamando-me assim, por meio do mais antigo dos rituais, para os deuses. Anos mais tarde, perguntei-lhe por que me tinha escolhido no meio de todas as outras que lá estavam. Ela disse que tinha visto que todas as outras estavam vestidas de lavado e que os seus pais se agarravam a elas. Não havia ninguém para se agarrar a mim - acrescentou com um pouco de amargura. - Na casa dos meus pais eu era apenas mais uma boca para alimentar. Nem o meu nome era Caillean; a minha mãe, não me lembro realmente dela, chamava-me Lon-dubh, Blackbird.

- Então Caillean é um nome de sacerdotisa?

Caillean sorriu.

- Não - disse. - Caillean, na nossa língua, significa apenas «minha, filha, minha rapariga ». Era assim que Lhiannon me chamava sempre que falava comigo; agora não penso em mim por nenhum outro nome.

- Devo chamar-vos assim, então?

- Deves, se bem que tenha outro nome que me foi dado pelas sacerdotisas. jurei nunca o dizer em voz alta ou mesmo murmurá-lo, excepto a outras sacerdotisas.

- Estou a ver. - Eilan olhou fixamente para ela, depois pestanejou, porque, por um instante, um nome tinha ecoado na sua consciência, tão alto como se tivesse sido pronunciado de viva voz. Isarma... *quando eras minha irmã, Isarma era o teu nome...*

Caillean suspirou:

- Bem, a alvorada ainda vem longe. Repara, a tua irmã já voltou a cair no sono. Pobre rapariga, o nascimento esgotou-a. Também devias dormir...

Eilan abanou a cabeça, tentando voltar à realidade.

- Depois duma desordem destas, não penso que conseguisse dormir, nem que tentasse.

Caillean olhou para ela e riu-se subitamente.

- Bem, para dizer a verdade, eu também não. Pensava que já tinha esquecido aquele dialecto... a última vez que o ouvi já foi há tanto tempo.

- Não parecesteis aterrorizada - disse Eilan. - Parecíeis uma deusa ali parada. - Ouviu uma vez mais a gargalhada amarga da outra mulher.

- As coisas nem sempre são o que parecem, minha pequena. Tens de aprender a não confiar inteiramente no que as pessoas parecem, ou no que dizem.

Eilan olhou fixamente para o fogo, cujas brasas, avivadas pelo atiçar de Caillean, estalavam e faiscavam na lareira. O homem de quem tinha aprendido a gostar como Gawen tinha sido uma ilusão, mas mesmo como Gaius, o romano, o que a tinha feito amá-lo ainda perdurava. E ele tinha sido honesto com ela. Conhecê-lo-la, pensou então, mesmo que viesse até mim como um leproso ou

um homem selvagem. Por um momento ela alcançou qualquer coisa que estava para lá de rosto, forma ou nome. Depois, um tição estalou e perdeu-se.

- Então dizei-me qual é a verdade - disse Eilan para preencher o silêncio. - Como se tornou numa sacerdotisa que pôde segurar o fogo nas mãos essa aldeã escocesa que vós dizeis que éreis?

Dizei-me qual é a verdade... Caillean olhou para a rapariga, que tinha baixado as louras sobrancelhas sobre aqueles mutáveis olhos como se assustada pelo seu próprio atrevimento. Que outras verdades podiam voltar para a perseguir, como a sua língua natal tinha regressado nos lábios daqueles homens monstruosos? Tinha o dobro da idade de Eilan - suficientemente velha para ser a sua mãe se tivesse casado cedo e, no entanto, neste momento, a rapariga mais nova era como uma irmã, uma alma gémea.

- Viésteis, então, logo para a Casa da Floresta com Lhiannon? persistiu Eilan.

Não; penso que Vernemeton não estava ainda construído - Caillean recompôs-se o suficiente para responder. - Lhiannon tinha vindo para Eriu para estudar com a *bean-drui,* as sacerdotisas do santuário de Brigid, em Druim Cliadh. Quando voltou à Bretanha, vivemos primeiro numa torre redonda na costa, muito para norte daqui. Lembro-me de que, aí, havia um anel de pedras brancas colocado à volta da torre e era a morte para qualquer homem, salvo

apenas o Arquidruida (não Ardanos mas o anterior), entrar dentro desse anel de pedras. Tratou-me, sempre, como sua filha adoptiva; uma vez ela disse que me tinha encontrado abandonada na praia. Bem que podia ter sido verdade; nunca mais vi nenhum membro da minha família.

- Não sentis a falta da vossa mãe?

Caillean hesitou, abalada pela torrente de recordações.

- Suponho que tiveste uma mãe boa e carinhosa. A minha era diferente. Não que ela fosse má, mas eu ligava-lhe pouco e ela a mim. - Deteve-se, olhando para a mulher mais nova prudentemente. «Que poder está em ti, rapariga », pensou, «que podes conjurar tais memórias em mim?» Suspirou, tentando encontrar as palavras certas.

«Para ela eu era apenas outra boca para alimentar. Uma vez, anos mais tarde, no mercado de Deva, vi uma velha mulher que me fez lembrar a minha mãe. Não era ela, claro, mas nem mesmo senti pena quando o percebi. Foi então que cheguei à conclusão de que não tinha nenhuns parentes a não ser Lhiannon e, mais tarde, as outras sacerdotisas da Casa da Floresta...

Houve um longo silêncio. Ela podia ver Eilan a tentar imaginar o que seria crescer sem uma família. Caillean podia ver que o autoritarismo de Eilan tinha sido afeição e, pelo que Dieda lhe tinha dito, esta tinha sido como uma irmã gémea de Eilan, E apesar disso, apercebeu-se subitamente, tal como ela própria nunca tinha aberto o coração com nenhuma das suas companheiras sacerdotisas, também nunca Eilan podia ter falado com ninguém da sua família do modo que estava a falar agora com Caillean.

«Dizer-lhe estas coisas é como falar comigo mesma », pensou tristemente Caillean, «ou, talvez falar com a pessoa que eu podia ter sido, inocente e pura para sempre.»

- A escuridão e a luz do fogo aqui fazem-me lembrar os meus primeiros anos - disse por *fim* a sacerdotisa e, quando ela falou, a fraca luz apoderou-se-lhe da visão e viu-se a cair pelo túnel dos anos, as palavras jorrando dela como se estivesse sob a influência dalgum feitiço.

«Tudo o que verdadeiramente recordo da cabana é que era escura e estava sempre cheia de fumo. Aquilo fazia-me doer o coração, de modo que passava a vida a fugir sozinha para a praia. Lembro-me, principalmente, dos gritos das gaivotas; também as havia perto da torre, de modo que quando vim para a Casa da Floresta, há muitas estações, durante um ano dificilmente consegui dormir por estar afastada do barulho do mar. Amava o oceano. As minhas memórias da minha... casa... - continuou, hesitantemente -, são todas de crianças, um bebé sempre no peito da minha mãe, sempre a choramingar, a berrar e a puxar pelas

suas saias e pelas minhas quando não lhes conseguia escapar. Mas nem mesmo as sovas conseguiam manter-me dentro de casa, para moer cevada ou para ser puxada dum lado para o outro pelos fedelhos chorões e nus. É surpreendente que consiga suportar bebés - acrescentou - mas não tenho nenhuma aversão por aqueles, *como* os de Mairi, que vêm para onde são desejados e são bem tratados quando nascem.

«Devo ter tido um pai, mas mesmo quando era muito pequena sabia que ele não fazia nada pela minha mãe excepto assegurar-se de que havia sempre um novo bebé no seu peito. - Ela hesitou. - Atrevo-me a dizer que Lhiannon teve piedade de mim como uma esfomeada.

Caillean ouvia as suas próprias palavras, admirada que elas não contivessem nenhuma amargura; como se tivesse aceite tudo isto há demasiado tempo.

«Assim nem sequer sei, não verdadeiramente, a minha idade. Foi apenas cerca de mais ou menos um ano depois de Lhiannon me ter levado que o meu corpo começou a mostrar os primeiros sinais de maturidade, Penso que teria, então, à volta de doze anos. - Deteve-se subitamente, e Eilan olhou para ela espantada.

«Eu sou uma mulher, uma sacerdotisa », disse para si própria Caillean, «uma feiticeira que pode assustar homens armados!» Mas o transe do fogo tinha-a

transportado longe de mais para dentro da memória e sentia-se como uma criança aterrorizada.

Qual era a verdade? Ou o logro estava apenas no tremeluzir do fogo?

- Devo estar mais abalada que o que pensava - disse numa voz rígida - ou talvez seja da hora, e da escuridão, como se tivéssemos passado para fora do tempo. - Olhou para Eilan, forçando-se à honestidade - Ou talvez seja porque estou a falar contigo...

Eilan engoliu em seco, e fortificou-se para enfrentar o olhar da outra mulher. *A verdade... díz-me a verdade* - Caillean ouviu o pensamento como se fosse seu, e não foi capaz de dizer qual delas tinha mais necessidade dela.

- Nunca o disse a Lhiannon e a Deusa não me fulminou...

- ela sentiu as palavras serem-lhe arrancadas. - Mas depois de todos estes anos parece-me que talvez alguém deva saber.

Eilan estendeu os braços para ela e os dedos de Caillean fecharam-se com força na sua mão.

- Foi a visão e o barulho desses assaltantes que me fez recordar. Na minha antiga casa havia um homem que eu por vezes via na praia. Era, penso, um que aí vivia, afastado dos outros homens, um fora da lei expulso do seu clã. Eu não pensava sobre isso - acrescentou amargamente. - Ao princípio eu confiava nele; dava-me pequenos presentes, coisas belas que tinha encontrado nas praias, conchas, penas brilhantes. - Hesitou. - Maior loucura a minha por pensar que ele era inofensivo; mas como podia eu adivinhar? Quem tinha jamais existido para me ensinar?

Ela olhou cegamente na direcção do fogo, mas, mesmo que não houvesse nenhuma luz na cabana, nenhuma luz podia agora chegar até ela neste lugar da memória.

- Não suspeitei de nada, nunca percebi o que ele queria quando um dia me arrastou para a sua cabana... - Ela tremeu, abalada por memórias para as quais, mesmo agora, não tinha palavras.

- O que fizésteis? - A voz de Eilan veio de muito longe, como uma estrela distante.

- O que podia eu fazer? - disse Caillean asperamente, agar~ rando-se àquela pequena luz. - Eu... eu fugi a chorar... a chorar até que pensei que desaparecia, e cheia dum tal horror e nojo... não consigo falar disso. Parecia que não havia ninguém a quem pudesse contar, ninguém que se tivesse importado, - Ficou silenciosa durante muito tempo. - Até hoje ainda me lembro do cheiro na cabana: porcaria, fetos, algas, e de ser obrigada a deitar-me enquanto choramingava... era nova de mais para perceber o que ele queria. O cheiro do mar e dos fetos ainda hoje me enjoa acrescentou.

- Nunca ninguém soube? Não fizeram nada? - perguntou Eilan. - Penso que o meu pai mataria quem quer que tivesse tocado em mim dessa maneira.

Caillean tinha-o finalmente dito e o respirar era agora um pouco mais fácil. Deixou escapar alguma da dor num longo, tremente suspiro.

- Mesmo selvagem como a nossa tribo o era, as mulheres não podiam ser molestadas, muito menos uma criança tão nova. Tivesse eu acusado o meu atacante que ele teria ido parar à jaula de vime e sido assado em fogo lento. Ele sabia-o quando me ameaçou. Mas nessa altura eu é que não o sabia. - Agora ela falou com um estranho desinteresse, como se tudo se tivesse passado com outra

pessoa.

- Foi cerca de um ano depois que Lhiannon chegou. Ela nunca teria suspeitado que uma rapariga tão nova pudesse já ser impura... e na altura em que comecei a confiar nela, e a acreditar na sua bondade, já era tarde de mais; tive medo de ser mandada embora. Assim, finalmente, essa divindade que julgaste ver em mim não passa de uma mentira - disse asperamente. - Se Lhiannon tivesse sabido eu podia nunca ter sido feita sacerdotisa... mas assegurei-me que nunca o soubesse. - Ela virou a cara para o lado. Durante um momento, que pareceu demasiado longo, fez-se silêncio.

- Olhai para mim.

Caillean viu o seu olhar ser atraído para a criança e viu a face de Eilan, metade o brilho duma deusa, a outra metade na sombra.

- Acredito em vós - disse a rapariga gravemente. Caillean deu um suspiro e a imagem de Eilan ficou embaciada pelas lágrimas.

- Vivo apenas porque acredito que a Deusa também me perdoa - disse a

sacerdotisa. - já tinha recebido a minha primeira iniciação antes de compreender a enormidade do meu logro. Mas não houve nenhuns maus presságios. Quando me fizeram sacerdotisa esperei que caísse um raio mas não caiu nenhum, Pensei, então, que talvez não houvesse nenhuns deuses, ou que, se existem, não se importam de todo com as acções da humanidade.

- Ou talvez sejam mais misericordiosos que os homens disse Eilan que nessa altura pestanejou como que admirada com a sua própria temeridade. Nunca antes lhe tinha ocorrido pôr em causa a sabedoria de homens como o seu pai ou o seu avô.

- Por que deixásteis a vossa torre perto do mar? - incitou-a Eilan depois de algum tempo.

Caillean, perdida nas suas memórias, começou e disse:

- Devido à destruição do santuário em Mona... conheces essa história?

- O meu avô... ele é um bardo... tem-na cantado. Mas de certeza que isso foi antes de terdes nascido...

- Não realmente - Caillean riu. - Mas era ainda uma criança. Se nessa altura Lhiannon não estivesse em Eriu, à qual chamais Hibernía, também teria morrido. Durante alguns anos depois desse desastre os druidas da Bretanha sobreviventes ficaram ocupados de mais a lamber as suas feridas para pensar muito nas suas sacerdotisas. Então, o Arquidruida fez uma espécie de tratado com os Romanos que garantiu um santuário no interior do território romano a todas as mulheres sagradas sobreviventes.

- Com os Romanos! - exclamou Eilan, - Mas foram os Romanos que mataram as outras!

- Não, eles apenas as despojaram - disse Caillean amargamente. - As sacerdotisas de Mona viveram o tempo suficiente para dar à luz os bastardos que os romanos nelas tinham gerado, depois suicidaram-se. As crianças foram entregues a famílias leais, tais como a tua.

- Cynric! - exclamou Eilan, com um olhar de súbita compreensão. - É por isso que ele é tão amargo em relação aos Romanos e está sempre a querer ouvir a história de Mona, embora tenha acontecido há tanto tempo. Eles mandavam-me sempre calar quando dantes eu fazia perguntas sobre ela!

- O teu Cynric, o que odeia os Romanos, tem exactamente tanto sangue romano como esse rapaz com quem o teu pai recusou deixar-te casar - disse Caillean, rindo. Mas Eilan apertou os braços e olhou para a lareira.

- Não acreditas em mim? - perguntou a sacerdotisa, - É tudo bem verdade. Bom, talvez os romanos sintam alguma culpa pelo que aconteceu, mas o teu avô é um animal político tão astuto como qualquer senador romano e negociou com Cerealis, que era o governador antes de Frontinus. De qualquer forma, a Casa da Floresta foi construída em Vernemeton para abrigar mulheres e sacerdotisas de toda a Bretanha, E, por fim, Lhiannon tornou-se Grã Sacerdotisa e arranjaram-me um lugar entre *elas*, em grande parte porque elas não sabiam o que mais haviam de fazer comigo. Tenho servido Lhiannon desde que era uma criança pequena, mas não sou eu que lhe devo suceder. Isso *já me* foi tornado bem claro.

- Por que não?

- Primeiro pensei que era a vontade da Deusa... por causa do que te contei. Mas agora acredito que é porque os sacerdotes não confiam em mim para lhes obedecer. Amo Lhiannon, mas vejo claramente nela e sei que ela se dobrará com o vento. Talvez a única vez que ela jamais desafiou o Conselho tenha sido quando insistiu em ficar comigo. Mas eu percebo as maquinações deles e digo o que penso, *se bem* que não - ela abanou a cabeça -, como falei contigo!

Eilan devolveu-lhe o sorriso.

- Isso deve ser verdade, pois não consigo imaginar-me a dizer sequer metade das coisas que ouvi esta noite no salão do meu pai.

- Eles não se atreveriam a deixar-me falar com a voz da Deusa... ficariam sempre a pensar o que é que eu iria dizer! Caillean víu-se a rir novamente, - Quererão alguém mais leal. Durante um tempo pensei que seria Dieda; mas ouvi por acaso um pouco do que Ardanos disse quando ela foi escolhida. Penso que eles tinham Planeado que devias ser tu.

- já antes dissésteis qualquer coisa *como isso* mas eu penso que o meu pai tenciona arranjar-me um casamento.

- É verdade? - Caillean levantou uma sobrancelha. - Bem, talvez esteja enganada. Apenas soube que o filho do Prefeito do Campo de Deva te tinha pedido.

- O meu pai ficou tão zangado... - Eilan corou, lembrando-se das coisas que ele lhe tinha dito. - Disse que casaria Senara antes que ela lhe pudesse causar qualquer problema. Pensei que ele queria dizer o mesmo para mim, Mas não disse nada sobre mandar-me para Vernemeton. Se não puder ficar com Gaius - acrescentou pesadamente -, suponho que não me interessa o que eu fizer.

Caillean olhou para ela pensativamente.

- Nunca me senti tentada a casar; fui prometida à Deusa há tanto tempo. Talvez devido ao que me aconteceu quando era uma criança nunca senti que quisesse pertencer a qualquer homem. Suponho que se tivesse sido infeliz no templo, Lhiannon tivesse tentado encontrar um modo de me *dar em* casamento; ela quis sempre tornar-me feliz. Eu amo-a verdadeiramente - acrescentou. - Tem sido para mim mais que uma mãe.

Ela hesitou.

- Irrita-me *pensar em* ceder aos Planos de Ardanos, mas a Deusa pode estar metida também nisto. Gostarias de vir comigo para Vernemeton quando eu voltar?

- Penso que sim - respondeu Eilan, e um lampejo de interesse brilhou nesses estranhos, inutáveis olhos, que por vezes pareciam castanhos-escuros e outras cinzentos, substituindo a dor. - Não penso que mais nada me pudesse agradar tanto. Nunca acreditei realmente que eles deixassem que eu e Gaius ficássemos juntos. Há muito tempo, antes de conhecer Gaius, costumava sonhar em ser uma sacerdotisa. Assim, pelo menos, terei uma vida honrosa e coisas interessantes para aprender.

- Penso que isso se podia arranjar - disse Caillean secamente. - Bendeigid vai sem dúvida ficar encantado, bem como Ardanos. Mas quem deve concordar com isto é Lhiannon. Devo falar com ela?

Eilan assentiu e, desta vez, foi a mulher mais velha que lhe pegou na mão. Ao contacto com a suave pele da rapariga, Caillean sentiu a familiar vertigem duma mudança de visão e viu Eilan mais velha e ainda mais bela, envolta nos véus do Oráculo. irmãs, e mais que irmãs... Como num eco ouviu as palavras.

- Não tenhas medo, criança. Penso que pode estar... - fez uma pausa e disse finalmente - predestinado que venhas para o meio de nós. - Alegrou-se subitamente. - E, escusado será dizer, que eu te darei as boas-vindas aí. - Suspirou quando a visão a abandonou, e ouviu, como num eco, uma cotovia no exterior, dando as boas-vindas à alvorada.

«O dia está a nascer. - Com um esforço, Caillean fez com que os músculos presos lhe obedecessem e cambaleou em direcção à porta. - Temos estado a falar toda a noite. Não fazia isto desde que era mais nova que tu. - Abriu a porta, deixando o sol nascente inundar o quarto. - Bem, pelo menos a chuva parou; o melhor é sair e ver se o estábulo sobreviveu à noite; pelo menos esses patifes dificilmente podiam pegar-lhe fogo com uma chuva destas... e se eles nos deixaram algumas vacas, e alguém para as ordenhar.

Durante os quatro dias seguintes, Gaius mourejou à cabeça do destacamento de auxiliares dacianos, cujo decurião doente estava a substituir, com Priscus, o seu optio, todos eles amaldiçoando a lama e a humidade que parecia infiltrar-se por tudo quanto era abertura apesar das capas de couro oleado, enferrujando as armaduras e, onde quer que o couro molhado tocasse na pele, irritando a pele. As florestas pingavam incessantemente e os campos estavam encharcados, para ambos os lados, as raízes do trigo jovem apodrecendo em poças de água parada. O final do Verão traria uma pobre colheita, pensou sombriamente. Teriam de importar grão de outras partes do Império onde os Deuses tivessem sido mais condescendentes. Não admirava que os assaltantes estivessem a vaguear se na Hibernia o tempo também tivesse estado assim.

Apesar do andamento lento, a meio do quinto dia já estavam bem dentro da terra onde tinha tido a sua aventura. Passaram essa noite em casa de Clotinus. No dia seguinte passaram pelo fosso para javalis em que tinha caído e viraram para o caminho que levava à propriedade de Bendeigid. A chuva estava finalmente a abrandar e para ocidente, entre os bancos de nuvens que se iam dispersando, o céu brilhava com a cor do ouro.

Gaius sentiu o pulso a bater mais depressa ao reconhecer as familiares pastagens e o bosque no qual tinha colhido primaveras com Eilan. Depressa ela o veria, revestido pela majestade, ainda que enlameada, de Roma. Ele nada diria; ela poderia julgar a profundidade do seu sofrimento pelo seu silêncio. E então, talvez ela o procurasse, e...

- Pelos Deuses! Aquilo são mais nuvens de tempestade?

- Era o *optio*, Priscus, por trás dele. - Esperei que tivéssemos pelo menos um dia para nos podermos secar!

Gaius focou-se no mundo exterior e viu que, embora o céu para sul estivesse a clarear, as nuvens à frente eram de um agourento cinzento-escuro. O seu cavalo sacudiu a cabeça nervosamente e um pequeno formigueiro de apreensão endureceu-lhe a pele.

- Não são nuvens - disse um dos dacianos. - É fumo... Nesse momento, o vento trouxe-lhe o desagradável cheiro de madeira em combustão lenta. Agora todos os cavalos estavam a resfolegar, mas eles já antes tinham cheirado fogo e os homens mantiveram-nos sob controlo.

- Priscus, desmonta e leva dois batedores pelos bosques para ver - disse Gaius, um pouco espantado com a fria precisão do seu tom. Era o treino que evitava que ele esporeasse o seu cavalo para a frente, ou estava ele simplesmente mergulhado na inacção pelo pensamento do que poderia ver? Pareceu que se tinha passado muito pouco tempo antes que os batedores voltassem.

- Assaltantes, senhor - disse o *optio*, a sua cara marcada pelas cicatrizes, dura como a pedra. - Os Hiberninanos de que ouvimos falar, acho. Mas já se foram embora.

- Alguns sobreviventes?

Priscus encolheu os ombros e Gaius sentiu a garganta apertar-se.

- Uma recepção quente, mas nenhum lugar para dormir, eh?

Suponho que vamos seguir em frente - disse um dos homens, e os outros

riram. Então Gaius voltou-se, e a sua cara fê-los calar. Fincou os calcanhares nos flancos da sua montada e os soldados seguiram-no em silêncio.

Era verdade. Mesmo até chegarem à orla do bosque até à elevação onde se tinha erguido a casa de Bendeigid, Gaius tinha tido a esperança que, de qualquer modo, Priscus se tivesse enganado. Mas tudo tinha desaparecido - erguidas em muda homenagem, restavam apenas algumas vigas escurecidas nas extremidades daquilo que tinha sido o salão de festas- Nenhum sinal do edifício onde tinha convalescido, e nenhum sinal de vida. Casas com telhados de colmo ardiam rapidamente.

- Feroz, sem dúvida, deve ter sido o fogo para arder quando a palha estava molhada pela chuva - disse Priscus.

- Sem dúvida - Gaius concordou entorpecido, imaginando a pequena Senara, Eilan, toda a família, prisioneiros nas mãos dos selvagens assaltantes das costas da Hibernia, ou, pior ainda, pilhas de ossos carbonizados entre a confusa massa de madeira queimada que tinha uma vez sido uma casa. Ele não podia deixar que os homens vissem o quanto isto o estava a afectar; tapou a cara com o seu capuz, tossindo como se o fumo que ainda se evolava dos edifícios exteriores fosse o culpado. Priscus tinha tido razão. Ninguém podia ter sobrevivido a este incêndio.

Ele disse ferozmente:

- Façamos os homens seguir, então. Não temos tempo para ficar especados a olhar para alicerces se queremos encontrar um abrigo antes que a noite caia! - A sua voz quebrou-se e ele transformou-a noutro ataque de tosse, pensando no que é que Priscus tinha deduzido do seu tom, isto no caso de ele ter pensado qualquer coisa. Mas o *optio,* um velho soldado, estava mais que familiarizado com os efeitos nos jovens da visão de pilhagem e carnificinas.

Priscus lançou-lhe um olhar bondoso e desviou a vista.

- Prometemos a esta gente a paz quando os conquistámos... o menos que podíamos fazer, pensar-se-la, seria protegê-los. Mas apanharemos os bastardos que fizeram isto, não temam, e ensinar-lhes-emos a não se meterem com Roma. Que pena os Deuses não terem inventado outra maneira de civilizar o mundo. Oh, bem, podíamos ter sido plantadores de nabos; mas, como quer que seja, escolhemos como profissão o sermos soldados e isto faz parte disso. Eram vossos amigos, não eram?

- Hospedei-me aqui - replicou Gaius rigidamente. - Na Primavera passada. - Pelo menos a sua voz estava novamente sob controlo.

- Bem, é assim que o mundo gira - replicou Priscus.

- Um dia aqui, no outro nada. Mas suponho que os Deuses devam ter sabido o que estavam a fazer.

- Sim - respondeu Gaius, tanto para interromper a filosofia caseira do homem como por qualquer outra razão. - Dá a ordem de marcha; ponhamos os homens fora da chuva logo que possamos chegar à próxima cidade.

- Certo, Senhor. Coluna, formar! - gritou. - Quem sabe, talvez a família estivesse toda fora a visitar amigos. Por vezes é isso que acontece.

À medida que se deslocavam pelo meio dum cada vez mais espesso nevoeiro que, mais uma vez, se estava a transformar em chuva, Gaius lembrou-se que tinha visto Cynric no mercado, pouco antes de deixar Deva; tinha havido uma conversa sobre mandar o jovem para uma qualquer escola militar no Norte, pelo que ele bem podia ter sobrevivido. A morte de um druida tão importante como Bendeigid causaria alguma agitação. Gaius suspeitava que o seu pai tinha fontes de informação que mantinha secretas. Decerto que ele o saberia. Tinha apenas de esperar para ver.

Gaius tentou reunir alguma esperança. Priscus tinha razão.

O incêndio da casa não significava necessariamente a morte ou a prisão das pessoas que aí viviam. Mairi podia bem ter voltado para sua casa; Dieda já nem sequer era um membro da casa de Bendeigid. Mas Eilan... provavelmente era de mais esperar que Eilan, ou a pequena Senara, ou a suave Itheis, tivessem sobrevivido. Neste momento ele não teria dado a mais pequena das moedas de cobre pela sua própria carreira ou por todo o Império.

«Se tivesse levado Eilan ela ainda estaria viva... se tivesse feito frente ao meu pai, mesmo tê-la roubado ... », pensou.

Uma súbita memória fez-lhe doer a garganta - a visão da sua mãe jazendo fria e branca no seu leito, e as mulheres carpindo sobre o seu corpo. Ele tinha chorado com elas, mas o seu pai tinha-o tirado dali e ensinado que um romano não chora. Mas chorava por ela, agora, como chorava por aquelas mulheres que o tinham, por um curto período, feito sentir parte duma família.

Não podia deixar que os soldados o vissem chorar. Colocou o seu manto sobre a cabeça e tentou fingir que as lágrimas que corriam pelas suas faces eram chuva.

NOVE

Quero o meu marido. - Mairi tinha acordado, a meio da manhã no dia seguinte ao do nascimento da sua criança, rabugenta e exigente. - Onde está Rhodri? Ele ter-nos-la protegido desses homens...

A casa circular estava quente depois do frio lá de fora. Eilan, que estava a começar a sentir os efeitos da sua noite interrompida, olhou exasperada para a irmã e sentou-se perto da lareira. já era suficientemente mau que os assaltantes tivessem levado todas as vacas leiteiras, e ela tivesse tido de caminhar algumas milhas através dos bosques molhados para pedir emprestado um animal para que Mairi, cujo leite ainda não tinha aparecido, pudesse alimentar a criança. Felizmente as manadas principais estavam nas pastagens de Verão, pelo que a sua irmã não estava sem dote se se casasse novamente, se bem que Eilan não fosse tão cruel que lhe fosse falar disso já.

- As vacas não teriam sido levadas se Rhodri aqui tivesse estado!

- O mais provável é que tivesse tentado lutar com os assaltantes, e serias na mesma... - Eilan mordeu o lábio, horrorizada com o que estava a dizer. Tinha-se esquecido de que Mairi não sabia. - Caillean... - Olhou para a sacerdotisa num apelo.

- Serias na mesma uma viúva... - disse Caillean brutalmente, trazendo a canequinha de leite quente da lareira e pousando-a. Os olhos de Mairi arregalaram-se.

- O que estais a dizer... - Olhou para cima, para o rosto da sacerdotisa, e o seu próprio ficou pálido com o que aí viu.

- Teria esperado, mas já não nos podemos dar a esse luxo.

Rhodri foi capturado pelos Romanos quando tentava libertar os homens das levas. Eles executaram-no, Mairi.

- Não é verdade... estais a mentir-me. Ele não pode estar morto e eu não

saber! Era melhor que os assaltantes me tivessem morto... por que não os deixásteis, Caillean? Oh, devia estar morta... quem me dera que estivesse! - Mairi caiu para trás na cama de penas, a soluçar, e o bebé começou a chorar. Caillean entregou a criança a Eilan e inclinou-se para a outra mulher, murmurando suavemente:

- Vá, então, não serve de nada chorar. Tens dois belos filhos, com a vida à sua frente. Tens que juntar as tuas forças, Mairi, para os pores em segurança antes de os Scotti virem outra vez!

Os olhos de Mairi abriram-se muito e estendeu os braços como uma louca. Eilan, dividida entre as lágrimas e o riso, colocou o bebé nos seus braços. Caillean tinha tido razão. Logo que Mairi tivesse terminado com a choradeira, continuaria a viver para os seus filhos. Caillean tinha experiência de corações de mulheres.

Um pouco mais tarde, enquanto Mairi ainda dormia, exausta pelo choro, Eilan ouviu o barulho dum cavalo, a patinhar na lama deixada pela tempestade. Pararam no exterior. «Os assaltantes!», pensou Eilan loucamente. Mas nenhum atacante bateria à porta tão devagar e pesadamente. Com o coração a bater como um tambor, Eilan levantou a tranca. Quando espreitou para fora viu o pai.

Nesse momento apenas conseguiu pensar em Rhodri. O seu pai tinha vindo

para trazer a notícia a Mairi? O jovem tinha sido um dos seus melhores guerreiros, vivendo como um filho da casa e tratando-a como uma irmã, mesmo antes de ela se tornar numa. Agora que Mairi sabia da sua perda, também Eilan podia lamentar-se.

Abriu a porta. Bendeigid cambaleou quando entrou, como se a viagem o tivesse cansado ou se se tivesse subitamente tornado velho. Então, ela sentiu a dureza das mãos dele a fecharem-se nos seus ombros. Ele deixou-se ficar a olhar para ela durante muito tempo.

- Caillean acabou de contar à Mairi sobre Rhodri - disse numa voz baixa. - Sabíeis?

- Sabia - disse o pai com uma grande amargura. - Esperei que a notícia que me chegou não fosse verdadeira. Uma maldição certamente se abaterá sobre todos os Romanos por esse feito. Vês agora, Eilan, porque não permiti que casasses dentro desse povo amaldiçoado? - Largou-a e deixou-se cair no banco perto da lareira.

O povo de Gaius pode ser culpado de tal maldade, mas ela não acreditava que o próprio Gaius o tivesse feito. Mas ao olhar para a dura face do seu pai, segurou a língua.

- Mas isso não é o pior mal que temos de lamentar. - A face de Bendeigid contorceu-se subitamente, e Eilan sentiu o primeiro arrepio de verdadeiro medo. - Não sei como to contar, Eilan.

- Pode ser que eu ja o saiba - Caillean falou, por trás deles.

- Por vezes sou presciente e na noite antes de deixar a Casa da Floresta sonhei que vi uma casa transformada em cinzas e soube que era a vossa. Mas, depois, encontrei Eilan aqui e pensei que devia estar enganada. Na noite passada tivemos uma visita dum bando de assaltantes. Sei o tamanho da alcateia em que esses lobos se costumam deslocar... e tive medo. O corpo principal virou, então, para sul, na vossa direcção?

- Veio aqui um bando? - disse numa voz áspera e baixa, virando-se para olhar para ela.

- Apenas uns poucos deles, e eu consegui assustá-los daqui para fora.

- Então tenho que vos agradecer o ter ainda filhas vivas! Eilan não precisou de nenhuma presciencia para perceber as suas palavras, mas o que estava a ouvir era horrível de mais para se acreditar. Sentiu a cor a fugir-lhe da face.

- Pai...

- Filha, filha, como to posso dizer? Chegou a notícia que um bando misto de assaltantes estava a atacar a casa de Corimor. Peguei nos meus homens para ir em sua ajuda. Mas eles eram mais que o que podíamos sonhar que pudessem vir com um tempo destes. Enquanto estivemos fora...

- A Mãe e Senara estão então mortas? - a sua voz quebrou-se e Mairi, levantando-se, afastou as cortinas da cama e pôs-se inseguramente de pé, a olhar. Caillean dirigiu-se a ela e o druida continuou.

- Atrevo-me a esperá-lo. - A sua face contorceu-se com a dor. - Porque a alternativa, serem levadas como escravas para lá do mar, é ainda pior. Pensar que qualquer delas possa viver em tal desonra...

- Preferirieis vê-las mortas, que vivas em escravatura? - perguntou Caillean, numa voz baixa, tensa.

- Preferiria - exclamou Bendeigid ferozmente. - É melhor uma morte rápida, mesmo nas chamas, e ser bem recebidas no Além, que a vida com a lembrança das mortes da nossa gente a persegui-las, tal como eu tenho que viver agora. Os Deuses sabem que esses monstros pagariam com o sangue pelas suas mortes, e pela minha, se apenas lá tivesse estado!

Deteve-se e olhou ferozmente de Eilan para Mairi, que deu um vacilante passo na sua direcção. Gemendo, juntou as duas filhas nos seus braços. A soluçar, Eilan agarrou-se à sua irmã. Antigamente, ela teria encontrado conforto nos braços do pai, mas estas eram dores das quais ele não a podia proteger.

- O corpo de Senara não foi encontrado nas cinzas - disse ele debilmente -, e ela ainda nem sequer tinha dez anos... Eilan pensou, «Então pode bem ser que ela ainda esteja viva ... », mas não o disse alto.

- Tinha tencionado levar Mairi para casa quando as notícias sobre Rhodri se confirmaram, mas agora não tenho nenhuma casa para lhe oferecer. Agora não posso oferecer protecção a ninguém...

- Senhor druida, talvez vós não possais - disse Caillean suavemente - mas a vossa ordem pode. A Casa da Floresta dará abrigo a Mairi e aos pequeninos enquanto tiverem necessidade. E quero perguntar-vos se permitis que Eilan entre como uma sacerdotisa noviça do santuário.

Bendeigid endireitou-se e olhou atentamente para Eilan.

- É isso que queres, criança?

- É - disse ela simplesmente. - Se não posso casar-me onde está o meu amor, deixai-me então entregá-lo à Senhora, Agradar-me-la, verdadeiramente, já que costumava sonhar com essa vida antes de ter idade suficiente para pensar de todo em casamento.

O seu pai sorriu pela primeira vez, embora um pouco abalado.

- Agradará ao teu avô, de qualquer forma. Eu não tinha pensado nessa vida para ti, Eilan, mas se é mesmo o que queres, então também fico satisfeito.

- Mas e o que... - Eilan engoliu as palavras. Como se podia ter esquecido? A sua mãe nunca mais lhe poderia dizer o que quer que fosse. Mas o pai pareceu ter adivinhado o que ela não conseguiu dizer. Deixou-se cair de novo perto da lareira, a cara enterrada nas mãos. Ela nunca tinha imaginado que o pai pudesse chorar. Mas quando ele olhou para cima, ela viu as suas faces cobertas de lágrimas.

Eilan também estava desolada pela morte das suas parentas, mas não tinha lágrimas. Pensará Gaius que estou morta quando souber? Chorará por mim? Era melhor, talvez, que pensasse que ela estava morta do que infiel à sua memória. Mas isso não interessava; ela seria uma sacerdotisa da Casa da Floresta. Mais que isso não conseguia fazer o seu pensamento ir.

- Elas serão vingadas! - exclamou o druida, olhando para as chamas. - Aqueles demónios selvagens não encontrarão em toda a Bretanha vidas tão caras como estas! Nem mesmo os Romanos se atreveram, nunca, a ir tão longe, e digo-vos que aceitaria mesmo a sua ajuda para conseguir vingança! Isto significará a guerra! Porque não se trata apenas de rapina e assassínio, Eilan; é sacrilégio. Atacar a casa de um druida, matar a mulher, a filha e a neta de druidas; e destruir os objectos sagrados... como puderam fazê-lo? Os nortenhos são nossos parentes e eu estudei com os druidas de Eriu.

- O nosso povo foi sempre assim, a lutar uns contra os outros quando não havia nenhum inimigo comum - observou calmamente Caillean.

- Mas nós temos um inimigo desses - exclamou Bendeigid. - Não odiamos todos Roma?

- Talvez as tribos selvagens pensem em nós, agora, como romanos...

O druida abanou a cabeça.

- Os Deuses seguramente que os castigarão; e se o não fizerem, o nosso povo fá-lo-á. Cynric tem sido um filho para mim, e digo-vos, ele amaldiçoá-los-á quando souber do que se passou hoje! Mas ele está longe, nas ilhas do Norte. Tu e Mairi são tudo o que me resta, Eilan.

«Na verdade », pensou ela lembrando-se. «Restam-me tão poucos parentes e Dieda também perdeu uma irmã. Dar-me-á ela as boas-vindas à Casa da Floresta?»

Bem, o que quer que daí resultasse, ela seria uma sacerdotisa. Do sangue de seu pai restavam Mairi, a sua filha recém-nascida e o seu filho; esperou que essas crianças pudessem ser um conforto para o seu pai. Ele ainda não era velho; podia casar outra vez e ter outros dele ou, mais provavelmente, Mairi podia encontrar um novo marido e ter mais. Mas se Eilan fosse para a Casa da Floresta ele não teria netos dela.

Bendeigid levantou-se, olhando para Caillean com a testa enrugada.

- Tenho necessidade das tuas capacidades, sacerdotisa; Cynric tem que ser mandado voltar. Podes chamá-lo por mim? E fá-lo-ás?

- Com a ajuda de Lhiannon, posso - replicou Caillean.

- De qualquer modo ela teria de saber...

- Também preciso das tuas capacidades para descobrir esses homens - interrompeu Bendeigid.

- Isso é fácil de fazer; vi-os quando eles entraram por aqui dentro, e se não estavam entre os que queimaram a tua casa devem, apesar disso, estar sob o mesmo comando. Alguns eram caledónios e os outros scotti, de Eriu.

- Se vieram aqui a noite passada, os Scotti deviam estar de volta à costa e os Caledónios de novo a caminho do Norte. - Bendeigid tinha-se levantado e começado a andar dum lado para o outro; nesta altura voltou a retomar o seu lugar perto da lareira. Caillean trouxe-lhe uma caneca de cerveja e ele mergulhou a sua barba nela para um longo gole, depois repetiu:

- Precisamos de Cynric em casa, mais depressa que mesmo um homem montado pode viajar. Manda a mensagem, Caillean, com a tua magia...

- Fá-lo-ei - disse a sacerdotisa. - Ficarei aqui com as tuas filhas enquanto vais dizer a Lhiannon. Depois vai a Deva, porque o Arquidruida também tem que saber.

- Tens razão; a minha mulher, Rheis, era sua filha - disse Bendeigid, esfregando distraidamente a testa. - Talvez ele também tenha algum conselho para nos dar.

Notícias da incursão espalharam-se rapidamente pelo interior do país. Viajaram nos lábios de bufarinheiros ambulantes e com os correios das legiões; parecia que os próprios pássaros levavam as notícias nas suas asas.

Três dias depois da incursão, Ardanos, o Arquidruida, ao sair pela manhã da sua casa em Deva, ouviu um corvo a crocitar à sua esquerda e reconheceu um presságio de desastre. Mas ele tinha ganho a sua posição devido a um tipo de visão terrena que lhe permitia antecipar-se aos Romanos e minar a Oposição entre o seu próprio povo. Não pela primeira vez, lamentou a limitação terrena dos seus poderes. Então, viu o enlameado homem a subir a rua e soube que não teria de esperar pelo corvo para lhe dizer, pois o sofrimento estava bem estampado nos olhos ardentes do seu genro.

Quando Ardanos recuperou um pouco do choque provocado pelas notícias de Bendeigid, dirigiu-se a Macellius Severus, o qual solicitou uma audiência ao comandante da Legião Audiutrix.

- Estes assaltantes do outro lado do mar estão a ficar atrevidos de mais - disse Macellius zangadamente. - Os Bretões também são o nosso povo,

protegidos de Roma. Ninguém os oprimirá enquanto eu for vivo. A família de um dos druidas que vive perto daqui, Bendeigid...

- Um homem proscrito - interrompeu o comandante da Legião, franzindo o sobrolho. - Ele não devia estar aqui de todo!

- isso não faz qualquer diferença! Não compreendeis que Roma está aqui para proteger todos os homens deste país... tanto os nossos cidadãos como os nativos - insistiu Macellius, ainda perseguido pela memória do sofrimento de Ardanos. Com o decorrer dos anos tinha aprendido a respeitar o velho e anteriormente tinha visto sempre o Arquidruida perfeitamente sereno. - Como podemos persuadi-los a depor as armas se depois não os podemos proteger? Podíamos conquistar a Hibemia com duas legiões...

- Pode bem ser que tenhas razão, mas isso terá de esperar até Agricola ter acabado com os Novantae. Tem sido sempre assim... com cada província que nós colonizamos temos de pacificar uma nova fronteira. No tempo do governador Paulinus os druidas de Mona foram desfeitos para que não pudessem pôr o Ocidente do país a ferro e fogo. Agora são os Caledónios que têm de ser ensinados que não podem assaltar os Brigantes. Suponho que quando o Império se expandir até Ultima Thula possamos vir a ter uma fronteira pacífica, mas duvido que isso aconteça antes.

- No entretanto tudo o que podemos fazer é apressar a construção de novas fortalezas costeiras - disse cinicamente o comandante da legião - e preparar uma ou duas unidades de cavalaria para saírem se eles forem detectados novamente. O teu filho está por lá agora com alguns soldados, não está? Destaca-o para esse serviço quando ele se apresentar... - resmungou o comandante. - Compete-nos a nós oprimir o povo da Bretanha e mais ninguém o fará.

Mas construir fortalezas e planear campanhas levava tempo. Muito antes que as paliçadas estivessem prontas, ou que o grão que tinha sobrevivido às chuvas tivesse sido colhido, Bendeigid voltou para escoltar as filhas até à Casa da Floresta. Trouxe mulas dóceis para Mairi e as crianças montarem. Eilan viajou com o filho mais velho de Mairi à sua frente, bem agasalhado para se proteger da leve chuva. Não estava habituada a montar e foi-lhe necessária toda a sua concentração para se equilibrar atrás da excitada criança. A distância não era grande, mas a pouco habitual jornada pareceu comprida.

A escuridão estava quase a cair quando entraram nos muros de estacas. Dentro da área cercada havia uma meia dúzia de grandes edifícios; Caillean levou Mairi e os filhos para uma casa de hóspedes, levantando o pequeno rapaz do seu poleiro à frente de Eilan, e apontou para um grande edifício de sólidas vigas de madeira, com um tecto de colmo quase até ao chão.

- Eis ali a Casa das Donzelas - disse. - A chefe das sacerdotisas mais novas, Eilidh, foi avisada da vossa chegada e dar-vos-á lá as boas-vindas. Irei lá mais tarde, quando puder; mas antes tenho de ir ver se Lhiannon precisa de mim.

A lua nova - a primeira da recém-nascida vida de Mairi flutuava baixa no horizonte a ocidente. Enquanto as serviçais a conduziam até ao edifício, Eilan espantou-se de sentir, já, a falta da sua irmã.

Então, abriu-se um portão, e as mulheres conduziram-na para o pátio interior. À sua frente encontrava-se um comprido edifício, parecido com o salão de festas do seu pai. Quando passou a porta viu-se rodeada por um mar de caras desconhecidas. olhou à sua volta, sentindo-se abandonada. As serviçais tinham-na deixado sozinha à porta. O salão parecia muito grande e havia um leve aroma a ervas doces no ar. Então, uma das sacerdotisas chegou-se à frente.

- Eu sou Eilidh - disse.

- Onde está a minha parenta Dieda? - perguntou Eilan nervosamente. - Tinha esperado vê-la... tinha esperado vê-la aqui...

- Dieda assiste Lhiannon e está recolhida com ela na preparação dos rituais de Lughnasad - disse a sacerdotisa. - Ela é tua prima? Teria jurado que a vossa consanguinidade era ainda mais chegada; gêmeas, até.

- Caillean pediu-me para me encarregar de ti, pois agora que está de volta tem que acompanhar Lhiannon. És quase tão bonita como ela me tinha dito.

Eilan corou timidamente e baixou os olhos. A sacerdotisa também era muito bonita; com um cabelo louro aos caracóis, cortado curto, que à luz da lamparina lhe rodeavam a cara como um delicado halo. Estava vestida como as outras sacerdotisas de posição inferior, não com os vestidos escuros que usavam fora dos muros, mas com um vestido de linho não tingido, com um corte extremamente antiquado, apertado por um cinto tecido a verde.

- Deves estar meio morta de cansaço - disse amavelmente Eilidh. - Vem até à lareira, criança, e aquece-te.

Eilan obedeceu, sentindo-se um pouco atordoada com todas as caras desconhecidas. Não tinha pensado no que poderia enfrentar aqui. Agora, pensava no que iria encontrar e se não teria tomado uma decisão de que se iria arrepender toda a vida.

- Não tenhas medo de nós - disse uma voz grave atrás dela. A nova oradora era alta e robusta, com o cabelo avermelhado. - Não somos nem metade do que

parecemos. Devias ter-me visto quando para cá vim primeiro, a olhar à minha volta e a soluçar como uma maluca. O meu nome é Myellin. Já cá estou há cinco ou seis anos e hoje em dia não posso sequer imaginar qualquer outra vida. Todas as minhas amigas estão aqui e um dia também tu terás amigas cá. Por muito que agora te pareçamos tão estranhas. - Ela tirou a capa a Eilan e pô-la de lado.

- Penso que Lhiannon deseja falar contigo antes de mais nada - disse Eilidh -, de modo que vem comigo. - Dizendo isto, conduziu Eilan através dum ventoso pátio até uma habitação isolada a bateu à porta. Passados uns instantes ouviram passos e Caillean espreitou para fora.

- Eilan? Entra, filha - disse, fazendo um gesto para alguém atrás dela. - Vês Dieda, finalmente trouxe Eilan até ti.

- É verdade que o fizeste - disse Dieda, emergindo das sombras atrás dela. - O meu pai, o Arquidruida, também está cá; e Bendeigid, de modo que suponho que iremos ter uma normal reunião familiar. - Ela riu, e Eilan pensou que nunca tinha ouvido um som tão cínico. - E se ele levar a dele avante, também Cynric será trazido para cá. Ouvi dizer que eles querem usar a tua visão, Caillean.

- Ou talvez a tua - disse Caillean, e Dieda deu uma pequena gargalhada. Eilan sentiu a hostilidade entre as duas e perguntou-se qual seria a razão.

- Penso que eles sabem o que eu diria a isso - disse Dieda.

- Se for para procurar Cynric, tudo bem; mas para fazer um oráculo para Lhiannon recitar obedientemente como se não passasse duma boneca às ordens de Roma...

- Em nome da Deusa, de qualquer deusa, cala-te criança ordenou Caillean, ao ouvir uma porta a bater perto dali.

- O que é? Quem está aqui?

- Apenas sua santidade o meu pai - resmungou Dieda e a Grã Sacerdotisa de toda a Casa da Floresta, que obedientemente proferirá os oráculos tal como ele o desejar.

- Cala-te, desgraçada criatura - murmurou Caillean -, sabes bem que o que

dizes é um sacrilégio.

- Ou talvez aqui se passe um maior sacrilégio, no qual não tenho participação - replicou Dieda. - Talvez, com a visão, eles se queiram assegurar que mandam os romanos contra o grupo certo e, se assim for, o que farás tu, Caillean?

- Farei o que Lhiannon mandar - disse Caillean, a sua voz cada vez mais rispida -, como todas o faremos.

Caillean estava a tentar falar razoavelmente para suavizar a raiva de Dieda; a outra rapariga parecia mais zangada que nunca e Dieda tinha tido sempre a língua afiada, mas Eilan nunca antes a tinha ouvido tão amarga.

- Eu sei o que tu querias que pensássemos... - começou Dieda, mas a cara de Caillean ficou rubra com a fúria. Apesar disso falou calmamente.

- Sabes perfeitamente bem que não é o que pensas, ou o que eu penso, que importa - começou -, mas o que a Grã Sacerdotisa deseja; e é isso o que eu farei.

- Se for o seu desejo - respondeu Dieda mais suavemente - mas nas circunstâncias actuais como pode a vontade de Lhiannon ser executada... mesmo que ela pudesse ser minimamente determinada ou se é que ainda tem alguma vontade.

- Dieda, já antes ouvi tudo isso - disse Caillean cansadamente. - Mas será que é uma coisa tão má chamar o nosso parente Cynric para que ele possa lamentar adequadamente a sua mãe adoptiva?

- Podíamos tê-lo feito há semanas - começou Dieda.

- Talvez, mas isso é tudo o que te é pedido, ou a mim, para fazer - repetiu Caillean. - Por que é que tu te pões tão teimosamente contra isso agora?

- Porque sei, se tu não sabes - disse Dieda -, que este uso do poder é um logro para obrigar Cynric a fazer aquilo que ele passou toda a vida a aprender a enfrentar; aquilo que o próprio Bendeigid preferiria morrer a fazer, e que é dar as mãos a Roma. Será que não sabes que foi por causa dele que Bendeigid se deixou ser proscrito?

Oh, em nome da Deusa, rapariga! Também sei alguma coisa sobre Cynric e sobre Bendeigid - disse Caillean rabugentamente. - E, acredites ou não, até alguma coisa sobre os Romanos; pelo menos tenho vivido sob o seu domínio há mais tempo que tu. E digo que não será exercida nenhuma violência, nem contra os teus preciosos princípios éticos, nem contra os de Cynric. Pensas, talvez, que és a única pessoa em toda a Bretanha que sabe o que Cynric quer fazer?

- Sei o suficiente... - começou Dieda, mas Caillean disse severamente:

- Chiu; ainda nos ouvem. E Eilan, nesta altura, já deve estar verdadeiramente confusa...

A face de Dieda adoçou-se.

- Suponho que sim, e é uma péssima recepção a que lhe fazemos a discutir desta maneira. - Ela chegou-se e abraçou Eilan, que sabia o suficiente para não protestar e muito menos ainda para começar de novo a discussão.

Nesta altura abriu-se a porta interior e Lhiannon apareceu à frente delas.

- Crianças, estão a discutir?

- Claro que não, minha mãe - disse rapidamente Caillean. E, passado um momento, Dieda acrescentou:

- Não, certamente que não, Santa Mãe; estávamos apenas a dar as boas-vindas à última noviça.

- Ah, sim; ouvi que Eilan estava para vir - disse Lhiannon, e voltou o seu olhar para a jovem rapariga que estava calmamente entre elas. Eilan sentiu o coração bater com mais força quando olhou para a mulher que tinha visto pela última vez, como uma deusa, perto das fogueiras de Beltane.

- Então és tu a Eilan? - A voz de Lhiannon era doce mas um pouco fina, como se o ter sido a porta-voz da Deusa desde há tantos anos lhe tivesse gasto a força. - É verdade; és muito parecida com Dieda; suponho que deves estar farta

que to digam. Mas temos de inventar algum modo de as distinguir aqui no Santuário. - Ela sorriu e Eilan sentiu uma estranha sensação de protecção.

Lhiannon estendeu uma mão para Eilan, que estava ainda parada nervosamente perto da porta.

- Entra, criança. O teu pai e o teu avô estão aqui connosco, sabias? - Eilan pensou porque se deveria surprender, visto o seu pai tê-la escoltado até aqui. Estava ele, então, a viver entre os sacerdotes?

Lhiannon pegou gentilmente no braço de Eilan e levou a rapariga para a sala interior, acrescentando para as duas sacerdotisas na sua doce voz:

- Venham também. Serão ambas precisas aqui.

O quarto interior pareceu pequeno, ou talvez fosse apenas porque gente de mais se tinha apinhado lá dentro. Um espesso fumo evolava-se de ervas que ardiam numa braseira no centro da sala; o seu cheiro fez a cabeça de Eilan andar à volta. Entre o fumo e a multidão, por um momento, sentiu dificuldade em respirar.

Depois de um momento a sua vista habituou-se e ela viu o pai, a cara descarnada pela dor da Lua anterior, até parecer quase tão velho como Ardanos.

O seu avô, que estava a pôr alguma coisa no fogo, olhou para cima, para as mulheres, e disse:

- Então já estamos todos aqui. E, uma vez mais, sinto-me confundido; qual de vocês é qual?

Eilan manteve-se em silêncio, esperando que alguém mais velho respondesse, mas Dieda disse atrevidamente:

- É fácil de dizer, Pai. A Eilan ainda não recebeu o vestido duma sacerdotisa.

- Então é desse modo que esperam que eu distinga a minha filha da minha neta! Bem, talvez seja apenas do fumo que há aqui. Mas continuo a achá-las

parecidas de mais para meu conforto disse o druida mais velho vivamente. - Então, Eilan, chegaste aqui numa triste altura; temos que chamar Cynric para os nossos Conselhos e como ele foi criado contigo, como teu irmão de leite, a tua ajuda será útil. Estás pronta, Caillean?

Caillean disse calmamente:

- Se Lhiannon o quiser.

- Quero - respondeu Lhiannon. - O que quer que saia disto, Cynrie deve ter conhecimento da morte da sua mãe adoptiva e destes novos ultrajes. Os Romanos não são os nossos únicos inimigos...

Dieda disse suavemente, entredentes:

- Gostaria de dizer isso a Mairi neste momento, Pai?

- Paz, criança - disse Ardanos. - Apesar do que possas pensar, Macellius Severus é um bom homem; ficou tão zangado quando lhe contei como se tivesse sido a sua propria casa a ser incendiada.

- Duvido - murmurou Dieda, mas suficientemente baixo para que só Caillean e Eilan a tivessem ouvido.

O velho druida franziu as sobrancelhas na sua direcção; depois, disse:

- Caillean, minha filha...

Caillean, com um olhar de relance para Lhiannon, dirigiu-se a um guarda-louça e tirou uma pequena bacia de prata, sem qualquer ornamento excepto um elaborado trabalho de relevo no seu exterior. Encheu-a de água tirada dum jarro e colocou-a sobre a mesa. Ardanos puxou um banco com três pernas para que ela se pudesse sentar em frente à bacia, enquanto Lhiannon se sentou numa cadeira esculpida, ali perto.

Ardanos afastou Caillean com um gesto de mão.

- Espera - disse ela. - Dieda, eras tu a mais chegada a ele; és tu que deves olhar para a água e chamá-lo.

Dieda corou e, por um momento, Eilan pensou se ela recusaria directamente. Dieda tinha tido sempre mais coragem do que ela - ou o avô tinha-as confundido outra vez? Ele estava a olhar para ela; depois virou-se para o lado e os seus olhos procuraram Dieda.

- Foste prometida - disse ele. - Peço-te, criança... - e a sua voz foi a mais terna que Eilan jamais lhe tinha ouvido. - Peço-to por causa da tua irmã; ela foi a sua mãe adoptiva antes de teres nascido.

Eilan pensou: «Ele brinca com todos nós como se fôssemos as suas harpas.» Mas Dieda também não conseguiu ignorar a ternura na sua voz.

- Como quiserdes, pai - e tomou o seu lugar em frente da bacia.

Ardanos começou:

- De modo que, estamos aqui reunidos neste local, que já foi protegido e purificado, para chamar Cynric, o filho adoptivo de Bendeigid. Todos vós, que sois, de tudo o que vive, o que ele tem de mais parecido com parentes, devem manter a sua imagem na memória e juntar o chamamento dos vossos corações ao meu. - Bateu no chão com o seu bordão e Eilan ouviu o doce tilintar de campainhas de prata.

- Cynric, Cynric, chamamos-te! - a sua forte, treinada voz de bardo ressoou subitamente e Eilan pestanejou pois, subitamente, o quarto pareceu ficar mais escuro e Ardanos, todo o seu corpo, não apenas o seu hábito branco, pareceu brilhar. Forte filho, amado rapaz, a tua família chama-te... Guerreiro, filho-Raven, chamamos-te pelos poderes da terra, do carvalho e do fogo!

À medida que os ecos do seu chamamento se iam desvanecendo, a respiração de Dieda, tornando-se cada vez mais áspera quando inspirava grandes golfadas de perfumado fumo, era o único som no quarto. Eilan abafou uma tossidela. Até a pequena quantidade de fumo que tinha inalado a fazia sentir-se tonta; podia imaginar o que estava a fazer a Dieda, que olhava fixamente para a água, imóvel.

Só agora Eilan reparou no comprido cabelo de Dieda, caído de lado de tal modo que escondia a bacia. Donde estava, Eilan conseguia ver a superfície da água. A pele arrepiou-se-lhe um pouco quando Dieda oscilou, ou seria ela própria? Talvez fosse o mundo que se estava a mover; pestanejou, quando as sombras à sua volta se toldaram e fluíram, até a única coisa que conseguia focar ser a superfície da bacia.

Enquanto olhava, esta enevoou-se lentamente e, depois de um momento, houve um redemoinho cinzento que primeiro escureceu e depois clareou. Eilan arquejou; um rosto, um rosto muito conhecido - a face do seu irmão adoptivo Cynric - espreitava na água.

Dieda abafou um grito; depois disse suave mas claramente, como se estivesse a falar com alguém muito distante:

- Cynric, tens que vir. Desta vez não foi um ultraje dos Romanos mas o povo do Norte que incendiou a tua casa e matou a tua mãe e a tua irmã. Volta para a terra dos Ordovici. O teu pai adoptivo está vivo e precisa de ti.

Depois de um certo tempo a face desapareceu, a água redemoinhou escuramente na bacia e Dieda levantou-se, agarrando-se, um pouco entontecida, à borda da mesa.

- Ele virá - disse ela. - O guardião da escola de sacerdotisas de lá dar-lhe-á mantimentos. Com boas estradas e bom tempo deve estar aqui dentro de poucos dias.

Bendeigid disse:

- Mas e sobre os bárbaros que nos queimaram a casa? Se não estiveres muito cansada, criança, deves localizá-los e saber onde temos que ir para os castigar...

- Não o farei - disse Dieda. O cabelo ainda estava solto sobre a cara. - Podeis-me fazer vergar à vossa vontade sempre que o queirais. Mas deixai ser Caillean a fazê-lo; é vontade dela que trabalhemos conjuntamente com os romanos nisto, não minha. Acharei difícil perdoá-lo.

- Minha filha...

Oh, eu sei a necessidade; mas usar-me para atrair Cynric aqui, como o pudésteis fazer?

Caillean. agarrou na bacia e deitou fora a água pela porta, deixando entrar uma benvinda rajada de ar fresco. No entanto, apesar do calor da noite de Verão, depois duns instantes Eilan começou a sentir frio. Caillean voltou a encher a bacia e inclinou-se sobre ela, sem se mover.

Desta vez pareceu que a imagem levou mais tempo a formar-se e que as rodopiantes nuvens na água duraram mais. A concentrada face de Caillean ficou mais pálida, pálida como a morte; depois falou, apesar de tudo suavemente, e com um cansaço mortal na voz:

- Vejam, se quiserem.

Eilan nunca soube o que os outros viram, mas quando a superfície da água clareou, formou-se perante os seus olhos um pequeno quadro: os assaltantes, tal como estavam quando entraram em casa de Mairi, imobilizados, gelados no degrau da porta; homens vestidos em tecidos esfarrapados e multicolores. Alguns levavam espadas, que ela não tinha visto na altura, e outros lanças. A imagem era tão nítida que ela podia ver as gotas de chuva a brilhar nas suas desalinhadas barbas louras ou avermelhadas, ou nos compridos cabelos gotejantes. Os homens apinhavam-se à volta da bacia, bloqueando a imagem que

Eilan via ainda na memória e que sabia seria capaz de evocar à vontade até ao dia em que morresse.

Na sua imagem viu Caillean saltar para a frente, agarrando numa mão-cheia de tições em chama e atirando-os na direcção dos estranhos homens. Supunha que o avô e o pai deviam ter visto algo como isto, pois a face do pai estava fechada e contraída.

- Red Rian - disse ele entredentes. - Maldita seja a sua espada e a sua sombra! E eles ainda estão na costa...

- Então assim seja, e junto a minha maldição à tua pois que isso é merecedor - disse Lhiannon, mexendo-se na sua cadeira.

- Declaro-vos que o teu povo e os Romanos se unirão para os castigar.

Bendeigid começou a falar mas Lhiannon silenciou-o com um gesto.

- Basta; já o disse; agora parti; que seja como Caillean o viu e eu o declarei. Podereis apanhar o Red Rian na costa.

- Senhora, como o podeis saber?

- Haveis esquecido que eu e os meus podemos governar os ventos quando queremos? - disse Lhiannon. - Ele não encontrará uma brisa para o levar, por isso vós o encontrareis. Isto satisfaz-vos?

- Por causa da vingança contra esses demónios... se assim tiver que ser - declarou Bendeigid. - Mas juro que me aliarei mesmo com os Romanos se eles me ajudarem na vingança, se bem que a contragosto... e precisaremos da ajuda deles para mandar estes assaltantes e assassinos para fora das nossas costas para sempre!

Dieda inspirou profundamente.

- Esperarão pela chegada de Cynric?

- Isso depende em parte do que Macellitis disser - disse Bendeigid de má vontade passados uns momentos, o olhar de Lhiannon caiu em Eilan.

- Mas olhai, a nossa noviça mais nova está quase morta de frio - disse ela. - Onde está o teu capote, criança?

- Deixei-o no outro salão com as sacerdotisas - murmurou Eilan, tentando, em vão, controlar os tremores.

ens que ir rapidamente para a cama. Mas as ervas agora já se queimaram... anda para ao pé da braseira e aquece-te, criança. Dentro em pouco Caillean já tratará de te levar até ao dormitório das noviças e de te dar roupas de dormir e o vestido duma sacerdotisa. - - Bem dito - acrescentou Ardanos - e é tempo de nós partirmos também.

Lhiannon conduziu Eilan até ao fogo e, gradualmente, os tremores da rapariga desapareceram. Mas ainda tremia por dentro. Caillean pôs um braço à sua volta.

- Vai passar, criança, eu sei... Pode ser muito frio, entre os nitindos; senti-te a acompanhar-me, se bem que não tivesse sido planificado. Teremos que nos precaver contra isso da próxima vez.

Bendeigid embrulhou o capote à sua volta, mas antes de seguir Ardanos parou à frente de Eilan.

- Não sei quando nos veremos outra vez. Mas deixo-te em segurança e isso é um conforto para mim. Possa a Deusa abençoar-te aqui. - Ele abraçou-a.

- Rezarei a Ela pela tua segurança, Pai - disse ela suavemente, a garganta a apertar-se.

Bendeigid estendeu a *mão* e tocou nos caracóis que se tinham escapado à faixa enrolada na sua testa.

- O cabelo da tua mãe crescia exactamente desta maneira murmurou.

rapidamente, depois, beijou-a na testa. Ela estava a tentar reter as lágrimas quando a porta se fechou atrás dele.

Bem, já está feito e já é verdadeiram ente tarde - disse Caillean com um traço de alívio. - Eilan, há algo que me queiras perguntar? - Ela chegou-se e apertou a rapariga num caloroso abraço.- se perguntar? Se já estás aquecida, anda daí e instalar-te-ei no dormitório das noviças.

Desta vez com Caillean a seu lado, Eilan atravessou o ventoso pátio que separa os alojamentos de Lhiannon do salão onde primeiro lhe tinham sido dadas as boas-vindas entre as sacerdotisas. Anos mais tarde, quando já conhecia os cantos daquele local tão bem como os da casa em que tinha nascido, lembrava-se da sua primeira visão da Casa da Floresta e espantava-se como lhe tinha parecido tão imensa.

Eilidh e algumas das outras mulheres ainda estavam reunidas no salão em que Eilan tinha entrado primeiro. Olharam todas para Eilan com curiosidade, mas um gesto de Caillean manteve-as quietas.

- Não podemos ainda pedir que tomes os teus votos - disse Caillean a Eilan -, mas para o teu primeiro ano entre nós tens que fazer algumas promessas - ela deixou-se ficar em pé e a sua face mudou. Eilan observou-a atentamente, pensando no que viria aí agora.

- Primeiro que tudo... vieste até nós de tua livre vontade? Não foste forçada ou ameaçada para conseguires a tua admissão aqui?

Eilan olhou para ela espantada.

- Sabeis que não fui.

- Chiu... é rotina. Tens que responder com as tuas próprias palavras.

- Muito bem - disse Eilan. - Vim para cá de minha própria vontade - isto parecia-lhe muito disparatado. Pensava se teriam perguntado o mesmo a Dieda e o que é que a outra rapariga teria respondido.

- Prometes que tratarás todas as mulheres nesta habitação como tuas irmãs, mães e filhas, como tuas próprias parentes?

- Prometo. - Agora não tinha nenhuma mãe viva e, se tomasse votos permanentes, não teria também nenhuma filha.

- Prometes que obedecerás a qualquer ordem legítima que te for dada por qualquer sacerdotisa mais velha, e que não te deitarás com nenhum homem... - Caillean parou e fez uma careta, emendando - Exceptuando, apenas, o poderes deitar-te com o Rei do Ano, se a sua escolha recair sobre ti.

Eilan sorriu.

- Obedecerei, e não é nada difícil prometer não me entregar a qualquer homem. *Visto o único homem que podia ter amado me estar proibido.*

Caillean acenou com a cabeça.

- Então assim seja - disse. - Em nome da Deusa, que, embora tenha muitos

nomes é apenas uma, aceito-te.

Abraçou Eilan, e, uma por uma, as outras sacerdotisas fizeram o mesmo. Quando tinham acabado Eilan viu que estava a chorar, como se de algum estranho modo tivesse recuperado os familiares que tinha perdido.

A sacerdotisa mais velha colocou-lhe o capote sobre os ombros e conduziu-a através de uma passagem com um tecto de colmo até uma casa redonda com cerca de doze camas - não caixotes cama iguais ao que estava acostumada, mas estreitos catres - colocados à volta da parede. Algumas já estavam ocupadas. Uma ou duas raparigas sentaram-se, pestanejando ensonadas, quando Caillean afastou a cortina da cama mais próxima da porta e depois recuou outra vez.

- já te foi feita a cama aqui - murmurou Caillean. Vestiu Eilan numa grosseira muda de roupa branca que parecia um pouco grande de mais. - Virá alguém acordar-te para os serviços do nascer do Sol no bosque. Não esperes ver-me... estarei a assistir Lhiannon na preparação das cerimónias da lua cheia. Aqui está o vestido que deves usar amanhã. - Tirou duma arca próxima um monte de roupa.

Eilan meteu-se na estreita cama e Caillean ajeitou-lhe o espesso cobertor. Depois baixou-se para a abraçar e Eilan sentou-se para corresponder.

- O que quer que possas pensar, lembra-te que és benvinda entre nós - disse Caillean. - Mesmo para Dieda; ela agora está muito infeliz, mas virá um dia em que também ficará contente por que estejas aqui.

Beijou Eilan na fronte.

- Amanhã uma das raparigas ajudar-te-á a vestires os hábitos duma sacerdotisa; muito provavelmente Eilidh. E durante um ou dois dias irá para todo o lado contigo e mostrar-te-á o que fazer.

Eilan deitou-se. Os lençóis eram ásperos de encontro à sua pele e cheiravam a ervas perfumadas. Perguntou, querendo prolongar o momento:

Que perfume é este nos lençóis?

Lavanda; colocamo-lo entre a nossa roupa quando a lavamos.

Eilan disse para si própria que não se devia surpreender. As sacerdotisas eram mulheres, se bem que não exactamente como as outras que ela tinha conhecido; evidentemente davam tanta importância ao colher de ervas e ao lavar da roupa como qualquer outra. Também ela aprenderia todas estas coisas.

Caillean disse suavemente:

- Agora dorme, e não te preocupes. É bom que tenhas vindo para aqui. Penso que tens um destino muito especial entre nós. Nenhuma delas podia ter imaginado como essa profecia viria a ser consumada.

DEZ

- Por que é que nós ocultamos à gente comum os nomes das ervas que são mais poderosas para curar? - A velha Latis, *a mais* antiga de todas as herboristas, virou-se para as raparigas que estavam sentadas perto do velho carvalho, segurando num pedúnculo de dedaleira na mão.

- Para que tenham de vir até nós e respeitem as sacerdotisas? - perguntou uma das raparigas mais novas.

- O seu respeito tem de ser ganho, filha - disse severamente Latis. - Pode ser que sejam ignorantes, mas não são estúpidos. A razão do segredo jaz mais fundo: o que é mais poderoso para o bem é também poderoso para o mal se manuseado de maneira errada. A dedaleira pode estimular um coração fraco, mas dá-lhe de mais e ele galopará como um cavalo assustado até rebentar. Para o curador, a capacidade de julgamento é tudo.

Eilan franziu o sobrolho, já que nunca tinha pensado nisso daquela maneira. Mais tarde, olhando para trás, para os seus anos na Casa da Floresta, pensou no que tinha esperado vir a encontrar ali. Paz, talvez, ou mistério, e até um pouco de aborrecimento. Não tinha esperado que dias passados a estudar com um grupo de outras mulheres pudessem simplesmente ser tão *interessantes.*

As suas noites eram mais duras, porque nos primeiros tempos sonhou muitas vezes com Gaius. Por vezes via-o a viajar com os seus homens e a treinar com a espada. Ás vezes ele *gritava* quando a espada atingia o poste de madeira em forma de homem - esta é por *Senara,* e esta por Rheis! Esta por Eilan! Quando acabava, a sua testa estava molhada com o suor, mas a humidade nas suas faces *eram* lágrimas.

Eilan acordava, então, a chorar devido à sua dor. Percebia agora como o sofrimento dos vivos podia atormentar os mortos.

Pensou em mandar-lhe uma mensagem para o avisar que ainda estava viva, mas não havia maneira de o fazer e, presentemente, começava a aperceber-se de que, para ele, ela estava realmente morta e que quanto mais cedo ele o aceitasse melhor seria para ambos.

Nesses meses iniciais ela era apenas uma de um grupo de potenciais sacerdotisas. Passou muito do seu tempo a começar a memorizar a totalidade do

corpo da tradição druídica. Tal como os deuses não podiam ser adorados num templo construído por mãos humanas, também nenhuma das tradições divinas podia ser confiada à escrita. Por vezes pensou que isto era estranho, visto a memória humana ser ela própria tão frágil. Mas tinha visto os seus professores executarem espantosos feitos de memorização. Muito do antigo conhecimento tinha sido perdido quando Mona foi destruída, mas muito ainda restava. Ardanos, por exemplo, podia recitar toda a Lei de memória.

Ela estava bastante satisfeita com as suas companheiras sacerdotisas. As que conhecia melhor eram as duas que lhe tinham dado as boas-vindas à Casa das Donzelas naquela primeira noite: Eilidh e Miellyn.

Eilidh era mais velha do que parecia e estava na Casa da Floresta desde a sua tenra infância. Miellyn estava mais próxima da sua própria idade. Além destas duas, quem ela conhecia melhor era uma mulher chamada Celimon, que tinha cerca de quarenta anos, e cuja principal tarefa era a de instruir as sacerdotisas mais jovens e oficiar nalguns dos rituais menos importantes.

A sua primeira tarefa foi memorizar todos os detalhes desses rituais aos quais as donzelas assistiam, já que se fizessem algum erro a cerimónia tinha de ser recomeçada de novo. Eilan tinha causado interrupções dessas por duas ou três vezes. Sentiu-se um bocado pateta, mas Miellyn assegurou-lhe que todas tinham passado por aquilo.

Eilan também foi ensinada sobre os movimentos da Lua e das estrelas. Passou muitas horas da noite deitada entre MicIlyn e Eilidh, num local isolado do recinto, a olhar para a grande carreta girando interminavelmente em volta da Estrela Polar e a solene marcha dos planetas enquanto se erguiam e desapareciam, e as estrelas do Norte reluziam e circulavam no céu de Verão. Aprendeu que a Terra girava à volta do Sol - de todas as maravilhas a mais difícil de acreditar. De todos os seus anos iniciais na Casa da Floresta foram estas noites que mais lhe prenderam a imaginação; deitada bem agasalhada na relva húmida, com a voz de Caillean a flutuar por cima delas na escuridão, entoando longas histórias sobre as estrelas.

Desejou, por vezes, aprender a acompanhar o canto, mas numa das poucas ocasiões em que foi autorizada a passar algum tempo com Caillean foi-lhe dito que as mulheres não tocavam a harpa nas cerimónias.

- Mas porquê? Agora as mulheres também podem ser bardos, não podem, como Dieda? E vós tocais uma harpa, não tocais? Estava calor, e no bosque fora dos muros, um dos mais jovens sacerdotes do colégio druídico, do outro lado dos campos, estava a praticar. Não era muito bom no que fazia, mas era muito difícil tocar uma harpa tão mal que ouvi-la se tornasse doloroso. Se bem que a melodia estivesse um pouco hesitante, cada nota era pura e clara.

- O meu instrumento é a lira, o primeiro presente que Lhiannon me deu, e tenho-a tocado há anos, de modo que ninguém se atreve a objectar. E um talento como o de Dieda não pode ser negado. - Os escuros olhos de Caillean brilharam.

- Não faz sentido. Por que é que eu não posso aprender? - perguntou Eilan. Por muito mal que pudesse tocar, podia com certeza fazer melhor que aquele homem lá fora, que parecia não ter notado que, à medida que o dia se ia tornando mais quente, as suas cordas superiores estavam a ficar fora de tom.

- Claro que não faz sentido - replicou Caillean. - Uma grande parte do que os sacerdotes fazem não faz sentido; e eles sabem-no. Essa é uma razão pela qual eu não sucederei a Lhiannon. Ardanos está consciente de que eu também o sei.

- Quereis ser Grã Sacerdotisa? - perguntou Eilan, arregalando os olhos.

- O céu o proíba - disse Caillean fervorosamente. - Passaria todos os dias da minha vida a ir de cabeça contra a vontade dos sacerdotes; que é como uma parede de pedra. A liderança é outra das coisas que os homens querem guardar para si próprios. Penso que tem piorado desde que eles encontraram os Romanos. Querem conservar as armas, e as harpas, e tudo o resto, salvo o sofrimento de dar à luz e a labuta da cozinha e do tear. Ouso dizer que eles gostariam de afirmar que as mulheres não podem servir os deuses, mas ninguém seria tão idiota que o acreditasse. Mas por que é que tu queres aprender a tocar harpa?

Eilan disse:

- Porque amo a música, e não sei cantar.

- já ouvi a tua voz e ela é fina, mas doce.

- O meu avô diz que, comparada com Dieda, eu grasno como uma rã - disse Eilan amargamente. - Em nossa casa era sempre ela que cantava.

- Penso que ele está enganado; mas desta vez não discutirei, pois até eu tenho que admitir que ele é um dos nossos maiores bardos. Dieda tem uma voz muito bonita, talvez herdada dele. Ao pé duma voz como a da tua parenta todas somos como rãs a coaxar, criança, pelo que não sofras. Podes aprender as histórias dos deuses, mesmo que não as possas cantar tão bem como ela; de qualquer modo, penso que não terás nenhum problema em tornar-te uma cantora de feitiços. Nem todos podemos ter as melhores vozes, mesmo entre os bardos.

E, na realidade, Eilan foi ensinada a cantar muitas das palavras mágicas que tinha de memorizar e algumas das mais simples Palavras do Poder foram-lhe confiadas, mesmo durante esse primeiro ano.

Um dia, quando estava a aprender feitiços com Caillean, a mulher mais velha perguntou:

- Lembras-te daquela noite depois de o filho de Mairi ter nascido, quando eu assustei os assaltantes atirando-lhes fogo para cima?

- Nunca a esquecerei - disse Eilan.

- Lembras-te de que te disse que poderias aprender a fazê-lo se tivesses a instrução apropriada?

Eilan acenou com a cabeça, o coração a começar a bater, não sabia se de excitação se de medo.

- Bem, vou-te ensinar agora. A coisa mais importante a lembrar é que o fogo não te pode fazer mal; viste-me manuseá-lo e, assim sendo, sabes dentro de ti

própria que pode ser feito. - Ela agarrou nos esguios, brancos dedos da rapariga com os seus, frios, e soprou na palma da mão de Eilan.

- Agora - disse -, o importante é confiares em ti própria. Estende a mão rapidamente para o fogo e agarra uma mão-cheia de tições; o fogo só te pode fazer mal se tu acreditas que está na natureza do fogo queimar; uma vez que conheças a sua verdadeira natureza espiritual, podes manuseá-lo como farias com uma mão-cheia de folhas secas. O fogo arde dentro de ti tal como arde na lareira. Como pode uma chama fazer mal a outra? Deixa a centelha de vida dentro de ti dar as boas-vindas ao fogo!

Eilan hesitou, mas era verdade que tinha visto Caillean fazer este truque; e confiava completamente na mulher mais velha. Estendeu a mão na direcção da braseira com os tições em brasa; o calor tocou-lhe na face, mas Caillean disse firmemente:

- Não hesites... fá-lo rapidamente! - E Eilan enfiou a mão no meio das chamas.

Nas suas faces podia ainda sentir calor mas, para seu espanto, os tições assemelhavam-se a uma mão-cheia de neve de Inverno. Caillean, ao ver a sua face pensativa, disse:

- Larga-as; rápido, agora! - Eilan abriu os dedos ao sentir uma súbita onda de calor e os tições rolaram para a lareira. Ela olhou para as mãos, maravilhada.

- Fiz realmente aquilo?

- Fizeste - disse Caillean. O tição tinha atingido um pano que estava na lareira e que começou a arder lentamente. Um forte cheiro a tecido queimado subiu subitamente das suas chamuscadas bordas quando Caillean o apanhou e o apagou.

Eilan olhou para ela espantada.

- Como sabíeis que só mais um instante e me ia queimar? Caillean disse:

- Pude sentir tu a começares a pensar e a divagar... e a duvidar. A dúvida é a inimiga da magia. Somos ensinadas a fazer coisas destas para espantar o povo

comum com maravilhas e prodígios, ou para nos proteger no perigo. Mas tens que aprender - avisou - que não é correcto fazer milagres meramente para espantar os nascidos. Mesmo para te preservar do perigo, tens de ser prudente a fazer o que pode parecer milagres. Pode ser que não tenha sido de todo sensato usá-lo naquela noite em casa de Mairi; mas o que está feito está feito. Agora que sabes que é possível, aprenderás quando é correcto usar tais coisas e quando não é.

Como o passar do ano era marcado pelos festivais, as raparigas aprenderam, não apenas a tradição dos deuses que cada festival comemorava, mas também o significado por detrás das histórias, muitas das quais, se bem que simbolicamente verdadeiras, não o eram de facto. Discutiram sobre a virgindade da deusa Arianrhod e sobre o destino do brilhante filho que ela tão relutantemente deu à luz; analisaram as transformações de Gwion, que provou a bebida no caldeirão da sabedoria. Aprenderam a tradição secreta do Rei Sagrado e da Senhora da Soberania. E, nos mais escuros dias do Inverno, contemplaram os mistérios das sombrias deusas, cujas sangrentas faces e mirradas carnes eram a encarnação dos medos dos homens.

- Mas por que é que os homens temem as mulheres velhas? - perguntou Eilidh. - Eles não sentem do mesmo modo quanto a homens velhos!

- O homem velho torna-se num sábio, algo a que um homem pode aspirar - disse-lhes Caillean. - Eles temem a feiticeira porque ela está para lá do poder deles. Com o aparecimento das regras uma rapariga torna-se numa mulher. Ela precisa de um homem para se tornar mãe, e uma mãe precisa de um homem para proteger os seus filhos. Mas a mulher velha conhece todos os segredos do

nascimento e da morte; ela renasceu e não precisa de nada. Sendo assim, claro que o homem, que passa apenas pela primeira mudança que o leva para a idade adulta, tem medo.

O nome de Lhiannon era sagrado, mesmo quando as raparigas mais novas faziam risota sobre as mais velhas, pela noite dentro na Casa das Donzelas, mas Eilan não conseguia deixar de pensar se a Grã Sacerdotisa teria passado pelo renascimento de que Caillean tinha falado. Velha como era, ninguém conseguia imaginar que alguma dor ou paixão lhe tivesse jamais tocado. Ela não tinha feito amor com qualquer homem, não tinha dado à luz nenhum filho; flutuava pela Casa da Floresta numa nuvem de aroma a lavanda e roupagens a arrastar-se, o seu doce sorriso, vago e distante, como se se movesse no meio da sua realidade privada.

E no entanto Caillean amava-a. Eilan não se podia esquecer que a sacerdotisa mais velha, com quem nessa noite do nascimento da criança de Mairi tinha sentido uma ligação tão profunda, via na Grã Sacerdotisa alguma coisa que ela própria não tinha visto; mas ela tomá-lo-la como certo que estava lá.

Quando começaram a ensinar as raparigas as disciplinas que lhes dariam acesso aos planos interiores, Eilan aplicou-se com diligência. Tais coisas - sonhos e intuições - tinham-lhe sempre chegado com facilidade e sem aviso. Agora, aprendeu a chamar as visões à sua vontade e, quando necessário, a bloqueá-las.

Aprendeu a tarefa de ver visões numa bacia de água e o uso de feitiços para a visão à distância. Uma das primeiras coisas que viu através do seu escrutínio foi a batalha com os assaltantes que tinham destruido a sua casa.

- A Senhora de Vernemeton seja abençoada se foi ela que enviou este vento! - disse Cynric, cheirando a bruma que passava por ele, pesada com o cheiro do mar.

- Ela é tão boa como a sua palavra - respondeu Bendeigid atrás dele. - Desde o terceiro dia depois de eles terem incendiado a minha casa que tem soprado este vento. Quando os diversos bandos dispersos voltaram para trás, para encher as suas pelotas com os despojos, encontraram o vento parado contra eles. - Ele sorriu melancolicamente. - Encurralá-los-emos entre a costa e o *mar!*

Ouviu-se ao perto uma cortante ordem e o ruído ritmado de sandálias ferradas deteve-se. Cynric fez uma careta, contente por o vento não ter levado o ruído até ao inimigo. Seria o mesmo avançar com trombetas a tocar do que deixar os assaltantes ouvir esse agourento ruído de passos. Os Bretões não eram nem de perto tão ordenados, mas eram bastante mais silenciosos.

Ainda se sentia constrangido cada vez que via uma pluma dum capacete

romano no meio da bruma. Nunca tinha esperado lutar lado a lado com o seu inimigo, Mas se por causa dum bem maior até Bendeigid podia suspender o seu ódio, ele supunha que podia fazer o mesmo.

Nessa altura Bendeigid colocou-lhe uma mão na manga e Cynric parou, perscrutando através da franja de raquíticos amiciros entre eles e a praia. Podia cheirar o fumo de madeira e o repelente odor da fossa da latrina - não muito bem cuidada. Era verdade, podia-se seguir o rasto da vermina pelo cheiro. Baixou o escudo que levava ao ombro e segurou melhor a sua lança.

O coração de Cynric estava a bater estranhamente e tinha a boca seca. «Tu ansiavas por uma verdadeira batalha, como podes estar com medo?», perguntou a si próprio. «Ter-te-las escondido atrás das saias de Rheis se lá tivesses estado quando eles atacaram a casa?» Com este pensamento, o pânico transformou-se em fúria.

Nesse momento as trombetas romanas troaram. Bendeigid deu uma ordem com um rugido gutural e Cynric viu a sua própria garganta a abrir-se. Gritando, os bretões correram em frente. Cynric abriu caminho através das árvores, a lança preparada, e ouviu a carga dos romanos marcando o compasso em acompanhamento aos gritos dos britânicos.

Enquanto os romanos empurravam o inimigo os bretões caíram-lhes na

retaguarda. Um guerreiro virou-se, a sua forma distorcida pela bruma até se transformar na de um monstro. Ele era um monstro! O treino de Cynric dominou-o e golpeou com a lança; sentiu o choque e ouviu o grito quando a lâmina o penetrou. Mas não teve tempo para reagir, já que outro avançava para ele. Uma espadeirada ressoou no seu escudo. A sua visão lateral mostrou-lhe os soldados romanos, a cortar pelo meio do inimigo com uma eficiência mecânica. Cynric libertou a lança e rodou, vendo o inimigo em cada face contorcida.

Cyriric não podia dizer se se tinha passado metade de um dia, ou metade de uma vida, quando percebeu que já ninguém o estava a atacar. A toda a sua volta jaziam corpos e Bendeigid estava, meto~ dicamente, a dar o golpe de misericórdia a quem quer que ainda estivesse vivo. Estava coberto de sangue, se bem que nenhum dele parecesse ser seu. Tinha caído uma vez e pensado que estava acabado, mas um legionário tinha-se colocado em pé por cima dele, cobrindo-o com o seu grande escudo oblongo até que ele se pudesse levantar.

Percebeu que se podia odiar alguém e apesar disso admirá-lo. Nunca gostaria dos Romanos, mas podia agora ver que talvez houvesse alguma coisa a aprender com eles. Nesta altura, até o seu sangue romano não lhe parecia uma coisa tão má. Ouviu um crepitar de fogo e viu que Ardanos estava a comandar a operação de pegar fogo às embarcações do inimigo, o fumo tresandava a carne queimada, mas os barcos redondos, cobertos a couro, ardiam alegremente. Cynric virou as costas, pensando se iria ficar enjoado.

Um barco tinha sido poupado e um dos assaltantes mantido vivo, se bem que o tivessem cegado, para o tripular.

Ardanos levantou as mãos para o céu, gritando algo na antiga fala, que era usada apenas pelos druidas. Por um momento a brisa morreu, depois voltou e começou a soprar na direcção do mar. Ardanos pôs a mão na borda superior da pelota, segurando-a.

- Chamei os ventos para te apressar - disse ao homem que estava lá dentro. - Se os Deuses te amarem, chegarás de novo a Eriu. Que sejas o nosso mensageiro e leva-lhes esta mensagem - disse Ardanos ferozmente -, que se vierem até estas praias outra vez, o mesmo será feito a cada um de vós.

A visão desapareceu e Eilan deixou-se cair para trás, a tremer. Nunca tinha visto uma luta a sério e o que viu encheu-a de horror, mas, apesar disso, sentiu-se ferozmente contente à medida que os assaltantes iam morrendo. Um daqueles homens tinha certamente morto a sua mãe e, provavelmente, a sua irmã mais nova, e pegado fogo à casa em que tinha nascido.

Ela perscrutou a água, à procura do rosto de Gaius, mas não captou nenhum sinal dele. Teria ele caído nalguma escaramuça anterior com o inimigo, julgando-a morta nas ruínas de sua casa? Bem, era melhor que a julgasse morta que infiel, disse para si própria, mas estava surpreendida com o quanto, ainda agora, o pensamento de que ele fosse um dos que podia ter morrido lhe provocava sofrimento. Na noite em que se tinham sentado em frente às fogueiras de Beltane tinham parecido um só ser. Decerto que se ele fosse morto ela não

poderia deixar de o saber.

Mas, hoje em dia, o sereno ritmo da sua vida na Casa da Floresta afastou até mesmo a dor da memória de Gaius e do que poderia ter acontecido.

Com as outras, revezou-se a colher as plantas e ervas sagradas, aprendendo quais as que deviam ser colhidas numa luz especial do Sol ou da Lua.

- Esta tradição é mais antiga que os druidas - confiou-lhe Miellyn, uma vez em que as tinham emparelhado. Miellyn, se bem que tivesse vindo para a Casa da Floresta há muito tempo, não era muito mais velha que Eilan e as duas, sendo as mais novas na Casa, eram muitas vezes emparelhadas no seu trabalho, Miellyn tinha escolhido ser uma sacerdotisa das artes curativas e já tinha tido um treino extensivo. - Uma parte dela vem desde os tempos antigos, antes mesmo do nosso povo ter vindo para esta terra.

Tinha sido uma Primavera húmida e ao longo das margens dos riachos que serpenteavam pelos campos atrás da Casa da Floresta, as artemísias chegavam à altura da cintura, o cáustico e acre aroma das suas folhas era quase atordoante, quando ela as separava dos seus talos. As sacerdotisas usavam-nas para induzir visões, e *numa* infusão para aliviar os músculos doloridos.

- Caillean contou-me algo sobre isso - respondeu Eilan.

- Havia um tempo, diz ela, em que não havia nenhuns sacerdotes druidas na Bretanha. Quando o nosso povo chegou, mataram os sacerdotes das tribos que conquistaram, mas não se atreveram a matar as sacerdotisas da Grande Mãe. As nossas próprias mulheres sagradas aprenderam com elas e acrescentaram o conhecimento antigo ao seu próprio.

- É verdade - disse Miellyn, deslocando-se ao longo da *margem* do rio. - Caillean tem estudado estas coisas mais do que eu, e ela é uma sacerdotisa do Oráculo. Elas recuam, pelo menos, até um tempo bem antes de a Casa da Floresta ser construída e muito antes de a Ordem dos Druidas ter vindo para esta ilha da Bretanha. Eles dizem que as *suas primeiras* sacerdotisas vieram para cá de uma ilha muito distante no oceano ocidental, que agora está afundada por baixo das ondas. Com elas veio o homem sacerdote chamado o Merlin, que ensinou a tradição das estrelas e das *pedras erectas.*

Durante um instante quedaram-se na contemplação de uma quase inimaginável antiguidade. Então, uma ligeira brisa fez-lhes esvoaçar as saias e trouxe-as de volta para a beleza do verde mundo que as rodeava.

- Aquilo é matricária ou cerefólio? - Eilan apontou para uma massa de brilhante folhagem verde rasteira, com pequenas folhas denteadas.

- Cerefólio. Vês como os caules são tenros? Acabaram de nascer aqui. A matricária perdura durante o Inverno e o seu caule é lenhoso. Mas é verdade, as folhas são muito parecidas.

- Há tanta coisa para aprender! - exclamou Eilan. - Se o nosso povo não viveu sempre aqui, como aprendemos todas estas tradições?

- os homens são por natureza vagabundos - disse Miellyn -, se bem que possas não o pensar, com as tuas raizes aqui entre nós. Todos os povos vieram de algum lado e tiveram de aprender os costumes da terra com os povos que aí estavam antes. A última das nossas próprias tribos veio para esta ilha apenas à volta de uns *cem* anos antes dos Romanos e praticamente da mesma parte do mundo.

- Pensar-se-la, então, que os Romanos saberiam mais sobre *nós*, *se éramos* vizinhos - disse Eilan.

- Sabiam o suficiente sobre os nossos guerreiros para terem medo - sorriu ferozmente Miellyn. - Talvez seja por isso que espalharam tantas calúnias sobre nós. Diz-me, Eilan, alguma vez viste um homem queimado nos nossos altares? Ou tão-pouco alguma mulher?

- Não; nem ninguém mandado matar, excepto os criminosos - replicou Eilan. - Como podem os Romanos dizer tais coisas sobre nós?

- Por que é que não deveriam? Eles são homens ignorantes - disse desdenhosamente Miellyn. - Eles registam todo o seu conhecimento em pedaços de couro ou de madeira encerados ou em placas de pedra e pensam que isso é sabedoria. Que bem é que faz um bocado de pedra para ter sabedoria? Até eu, uma sacerdotisa tão nova, sei que é a compreensão gravada no coração que torna os homens sábios. Podes aprender as peculiaridades das ervas num livro? Nem sequer basta ser ensinado. Tens de ser tu própria a procurar as plantas, a manuseá-las, a *amá-las,* a vê-las crescer. Só depois é que as podes utilizar, pois os seus espíritos falarão contigo.

- Talvez as suas mulheres saibam mais - disse Eilan. - Pelo que tenho ouvido, os Romanos *não ensinam as artes* das letras a todas as suas mulheres. Imagino que sabedoria as *mães* transmitem às suas filhas que os homens não sabem.

Miellyn fez uma careta.

- Talvez eles tenham *medo de* que se as mulheres também aprendessem o ofício dos livros não houvesse trabalho suficiente *para* os escribas e escrivões de cartas do mercado.

- Caillean disse algo parecido pouco depois de eu para cá ter vindo - disse Eilan, e sentiu um arrepio, se bem que o dia estivesse quente, lembrando-se dos ventos gelados durante o escrutínio. - Mas não a tenho visto muito desde então. Penso, por vezes, se a terei zangado.

- Não deves prestar muita atenção ao que Caillean diz ou não diz - avisou Miellyn. - Ela sofreu muito e é... por vezes... imoderada nas suas opiniões. Mas é verdade que os Romanos não ligam muito ao que as mulheres possam fazer.

- Então eles são loucos.

- Eu sei isso. Tu sabes isso - disse Miellyn. - Mas há alguns romanos que ainda não o sabem. Esperamos que o aprendam durante a nossa vida. Os nossos próprios sacerdotes podem ser loucos, também. Disse-me alguém que quiseste aprender a tocar harpa. Ouviste a Caillean tocar a sua lira?

Eilan abanou a cabeça.

- Não muitas vezes. - Subitamente lembrou-se da ocasião em que Caillean lhe tinha ensinado a agarrar o fogo e sentiu um arrepio.

Míellyn disse:

- Na realidade não te deves importar muito com os estranhos modos de Caillean; ela é muito solitária. Por vezes passa dias sem falar com ninguém, excepto, talvez, com Lhiannon. Sei que Caillean gosta de ti; ouvi-a dizê-lo.

Eilan olhou para ela e depois rapidamente para outro lado. Certamente que tinha parecido isso naquela noite em casa de Mairi, depois de Caillean ter afugentado os assaltantes. Percebeu agora o pouco habitual que tinha sido para a mulher mais velha o ter-se aberto daquela maneira. Talvez fosse por isso que ela tinha evitado tanto Eilan desde então.

Miellyn tinha localizado um local em que crescia tomilho selvagem debaixo duma árvore, e estava a usar a sua pequena faca curva para cortar os caules, o aroma chegou, doce e áspero, até às narinas de Eilan quando ela se inclinou para as juntar.

- Fala-lhe da sua harpa - acrescentou então Miellyn.

- Pensei que tinhas dito que não era uma harpa...

- De facto, Caillean deu-se a uma considerável quantidade de trabalho para explicar a diferença... - Miellyn fez uma careta.

- As cordas vão para uma caixa na base em vez de ao lado, mas o som é muito parecido. Ela sabe muitas canções de Eriu. São de facto muito estranhas; todas soam, de algum modo, como o mar. Sabe, também, todas as antigas canções, se bem que, devido ao nosso treino, todas nos lembramos mais que a maioria das pessoas. Se eles tivessem querido treinar mulheres para bardos antes de tantos sacerdotes terem sido mortos, talvez ela tivesse sido um. - Irresistivelmente, Mieliyn começou a rir. - Ou talvez viesse a ser o Arquidruida, se não for blasfémia dizê-lo, depois do teu pai.

- Ardanos é o pai da minha mãe, não o meu. A filha dele é Dieda - disse-lhe Eilan, colhendo o resto do tomilho.

- E o teu irmão adoptivo é um dos do Bando Sagrado? perguntou Mieilyn. - Na verdade tu descendes de urna familia sacerdotal. Provavelmente, um dia eles tentarão fazer de ti uma sacerdotisa do Oráculo.

- Ninguém me disse nada sobre isso - respondeu-lhe Eilan.

- Não gostarias? - Miellyn riu-se para ela. - As restantes de nós temos os nossos ofícios, e eu, por exemplo, estou feliz com as minhas ervas. Mas as que o povo venera são as videntes. Não gostarias de ser a voz da Deusa?

- Ela ainda não me disse nada - respondeu a rapariga, um pouco asperamente.

Não era da conta de Miellyn saber o que Eilan podia secretamente almejar,

ou os sentimentos que nela se tinham agitado quando viu Lhiannon levantar os braços em invocação à Lua. Quanto mais tempo aqui permanecia mais vividamente se lembrava dos seus sonhos de infância, de todas as vezes que levava oferendas ao santuário na nascente e olhava para a água, esperando ver a Senhora outra vez.

- Serei o que quer que os meus superiores disserem. Sabem mais sobre a vontade dos deuses do que eu.

Miellyn riu.

- Oh, talvez alguns deles saibam; mas não estou certa disse. - Caillean não o diria. Ela disse-me, uma vez, que o conhecimento dos druidas é o que foi dado a toda a gente, tanto homens como mulheres, nos velhos tempos.

- E no entanto, até o Arquidruida se submete a Lhiannon disse Eilan, enquanto se inclinava para cortar algumas folhas dum maciço de murugem que tinha descoberto a crescer no lado soalheiro duma grande rocha.

- Ou parece - disse Miellyn. - Mas Lhiannon é diferente, e, claro, todas a

adoramos...

Eilan franziu as sobrancelhas.

- Ouvi algumas das mulheres a dizer que nem mesmo o meu avô se atreveria a enganá-la.

- Por vezes pergunto-me - disse Miellyn enquanto escolhia as folhas que Eilan tinha cortado. - Corta-as mais rente ao ramo; não podemos usar os caules, Sabes, ouvi que nos velhos tempos as leis exigiam que qualquer homem que cortasse uma árvore devia plantar outra no seu lugar para que as florestas nunca pudessem diminuir. Isso não tem sido feito desde que os Romanos aqui chegaram; eles cortam árvores e não plantam nada, de modo que, um dia, não haverá árvores em toda a Bretanha...

- Parece que há tantas como sempre - disse Eilan.

- Algumas espalham sementes e crescem por si próprias.

- Miellyn virou-se e reuniu as plantas que tinham cortado.

- E as ervas? - perguntou Eilan.

- Não cortámos o suficiente para fazer qualquer diferença; crescerão rebentos suficientes num dia ou dois para substituir o que tirámos. Isto chega. Penso que pode chover; temos de nos apressar. A sacerdotisa que me ensinou a tradição das ervas costumava dizer que a floresta é o jardim da Deusa, e os homens não podem colher nele sem substituir o que usam!

- Não o tinha ouvido antes dito dessa maneira, mas, mas penso que é lindo - disse Eilan. - Suponho que, se pensarmos em termos de séculos, deitar abaixo uma árvore é uma loucura tão grande como abater uma corça prenhe...

- E, no entanto, alguns homens acreditam, ou parecem acreditar, que têm o direito de fazer o que querem com tudo o que seja mais fraco do que eles - disse Miellyn. - Não percebo como os Romanos podem fazer o que fazem.

- Os melhores entre eles ficariam tão zangados como tu, ou eu, em relação a alguns dos ultrajes - ousou Eilan. Estava a pensar em Gaius. Ele pareceu quase tão zangado como Cynric quando ouviu a história dos Romanos em Mona. Não conseguia imaginá-lo a massacrar os indefesos; e, apesar disso, ele devia saber quão curta e horrivel se podia esperar que a vida fosse para as levas de mão de obra romanas nas minas, mal alimentados, pobremente vestidos e respirando a poeira venenosa do minério que extraíam. Se se limitasse este procedimento a criminosos e assassinos, mesmo assim já seria suficientemente mau, mas o marido da mulher do estábulo?

E contudo Gaius acreditava que os Romanos estavam a transformar bárbaros em gente civilizada. Talvez nunca tivesse pensado verdadeiramente sobre as minas, porque ser levado para lá nunca tinha acontecido a ninguém que ele conhecesse. Até mesmo ela nunca tinha pensado muito sobre isso até acontecer com um dos seus. Mas se ela não sabia o que se passava, seguramente o seu pai e o seu avô sabiam, e eles também não tinham feito nada para parar com isso.

As rajadas de vento viraram para oeste e, subitamente, as nuvens descarregaram a sua carga de chuva. Miellyn guinchou e puxou o seu xale para cima da cabeça.

- Morreremos afogadas se ficarmos aqui! - exclamou.

- Agarra o teu cesto e vem! Se formos a correr estaremos dentro de casa antes de ficarmos completamente molhadas.

Mas as raparigas estavam encharcadas quando entraram no salão central das sacerdotisas. Eilan sentiu que Miellyn tinha agradecido a oportunidade de poder correr.

- Agora vão-se secar, raparigas, ou apanham um reumático e eu terei que gastar todos os meus remédios para as tratar!

- Latis, que estava agora tão velha que já não podia sair para a floresta para colher as ervas, cacarejou com o riso e enxotou-as em direcção à porta. - Mas lembrem-se de voltar para arranjar as ervas que me trouxeram, ou elas murcham e tanto as plantas como o vosso trabalho se terão perdido!

Com a pele ainda a brilhar da estimulante esfrega, Miellyn e Eilan voltaram ao salão. Construído atrás da cozinha, onde o calor dos fomos mantinha o ar quente e seco, as vigas estavam engrinaldadas com cachos de ervas penduradas. Tabuleiros entrançados sobre os quais estavam espalhadas raizes e folhas para secar estavam pendurados por baixo delas, rodando preguiçosamente. Ao longo de uma parede viam-se prateleiras com cântaros de barro, e sacos e cestos de

ervas preparadas estavam armazenados ao longo de outra, nitidamente etiquetados com os sinetes do ofício das herboristas. O ar estava acre.

- Tu és Eilan, não és? - Latis perscrutou-a. Ela própria se parecia com uma raiz ressequida, pensou Eilan, marcada e enrugada pela idade. - A Deusa nos ajude, de ano para ano são cada vez mais novas!

- Quem, Mãe? - perguntou Miellyn, escondendo o seu sorriso.

- As raparigas que mandam para servir a Sacerdotisa do Oráculo.

- Eu disse-lhe que cedo ela seria enviada para ser treinada para a Senhora - disse Miellyn. - Bem, Eilan, acreditas-me agora?

- Oh, eu acreditei em ti - disse Eilan -, mas pensei que de certeza que seria necessário alguém mais velho e com mais experiência do que eu.

- Caillean diria que não querem ninguém instruído de mais perto de Lhiannon com medo que fizesse muitas perguntas. Se a Sacerdotisa fosse obrigada a pensar no que estava a fazer, os Oráculos que ela profere poderiam nem sempre servir as políticas dos druidas de modo tão conveniente.

- Miellyn, chiu - exclamou Latis. - Sabes que não deves dizer essas coisas... nem mesmo num murmúrio!

Falarei a verdade, e se os sacerdotes objectarem perguntar-lhes-ei com que direito me pedem que minta. - Mas Miellyn baixou a voz. - Eilan, tem cuidado; estás a segurar nesse cesto de través. Tivemos trabalho que chegue para colher essas folhas e não as quero sujas por uma queda no chão.

Eilan reajustou o ângulo do cesto que estava a segurar.

- Há algumas verdades que nunca deviam ser ditas alto, nem sequer murmuradas - continuou Latis sobriamente.

- *Sim* - disse Miellyn -, assim mo dizem; e são normalmente as verdades que deviam ser proclamadas de cima dos telhados.

- À vista dos deuses pode bem ser que isso seja verdade - replicou a outra. - Mas sabes muito bem que não estás na presença de deuses mas sim de homens.

- Bem, se a verdade não pode ser dita numa casa construída pelos druidas - replicou resolutamente Miellyn -, onde é que, em nome dos Deuses, o poderá ser?

- Só os Deuses o sabem! - disse Latis. - Sobrevivi este tempo todo por me limitar às minhas ervas e tu farias bem *em* fazer o mesmo. Pelo menos elas falam a verdade.

- Eilan não tem essa escolha - disse Miellyn. - Ela ficará vinculada à Grã Sacerdotisa pelos próximos seis meses.

- Mantém-te fiel a ti mesma, criança - A velha Latis agarrou o queixo de Eilan de modo que ela não podia desviar o olhar.

Se conheceres o teu Próprio coração, terás sempre um amigo que não mente.

A sacerdotisa tinha dito a verdade. Com a chegada da lua seguinte, Eilan foi levada à presença de Lhiannon e ensinaram-lhe o protocolo cerimonial para assistir à Grã Sacerdotisa em público, o que, na realidade, queria dizer todas as vezes que Lhiannon saía do seu próprio alojamento na Casa da Floresta. Aprendeu os rituais de vestir Lhiannon para as cerimónias, que eram mais complicados que pareciam; porque, logo desde o início do ritual, nem mesmo a ponta de um dedo humano podia tocar na Sacerdotisa. Partilhava com Lhiannon a longa reclusão ritual com a qual a Sacerdotisa se preparava para os ritos, e ajudava-a durante o colapso físico que se seguia.

Foi nessa altura que aprendeu o preço que Lhiannon pagava pela grande veneração na qual era tida. Porque a dádiva da palavra dos Deuses era um pesado fardo. Distraída e esquecida como Lhiannon na sua própria pessoa podia por vezes ser, quando assumia os Ornamentos do Oráculo outro poder a invadia. Ela tinha sido escolhida, não tanto pela sua força de vontade ou sabedoria, mas porque, quando era necessário, era capaz de deixar que a sua própria personalidade se desvanecesse.

Era então, quando a identidade humana tinha sido posta de lado juntamente com as suas roupas normais, que Lhíannon se abria para que a Deusa pudesse falar através de si. E nessas alturas, ela era realmente uma grande sacerdotisa - quase, pensava Eilan, mais que humana. O preço de se tornar um veículo para um tão grande poder era tanto físico como mental e o respeito de Eilan pela

sacerdotisa mais velha cresceu quando viu Lhiannon pagá-lo sem questionar o seu custo ou, pelo menos, sem se queixar.

Quando Eilan deixou a Casa da Floresta e os bosques que a rodeavam, pela primeira vez, foi para acompanhar Lhiannon. Foi então que reparou o quanto as semanas anteriores a tinham modificado. Até mesmo a Casa das Donzelas parecia remota e estranha. Quando as noviças mais recentes se apressaram a afastar-se do seu caminho ela mal o notou, e só depois percebeu que elas tinham visto nela a mesma irreal serenidade que associavam a Lhiannon.

Era, supôs, um bastante normal Festival do Solstício de Verão. Tinha visto os jogos, o mercado e o acender da grande fogueira muitas vezes antes, mas depois dos seus meses de isolamento na Casa da Floresta, o barulho de tanta gente era doloroso, e ela encolheu-se com os cheiros das pessoas e dos cavalos. Até os coloridos tecidos que os comerciantes tinham posto para abrigar da luz as suas mercadorias lhe agrediram os sentidos.

O solestício de Verão era uma época em que os homens mostravam a sua força em competições, para entreter os deuses e o povo, e para fortalecer as colheitas durante o seu crescimento. Mas, enquanto Eilan observava as corridas a pé e as lutas, era os corpos suados dos competidores que lhe pareciam o mais grosseiro e pervertido de tudo. Não conseguia sequer imaginar como é que alguma vez tinha querido deitar-se com um homem.

O vencedor dos jogos foi engrinaldado com as flores do Verão e escoltado para presidir às cerimónias. Lembrando-se do que tinha aprendido sobre os Mistérios, Eilan olhou para ele com uma nova consideração. Em tempo de necessidade, ou, nalgumas tribos, em cada sete anos, o novo Rei do Ano teria visto o seu predecessor ser queimado e, mesmo agora, alguma da antiga sacralidade ainda recaía sobre ele. O Império tinha morto ou romanizado os herdeiros dos príncipes bretões, mas, enquanto houvesse homens dispostos a oferecer as suas vidas pelo povo, eles não conseguiriam erradicar os Reis Sagrados, que cada ano ofereciam segurança àqueles que já não compreendiam o seu papel.

Se houvesse um grande desastre, e se se tornasse necessário um sacrifício durante o próximo ano, e apesar das proibições romanas, seria neste jovem que o golpe seria desferido. E *em* reconhecimento do risco que corria, apenas ele, de todos os homens, era autorizado a deitar-se com qualquer mulher que lhe agradasse - até com uma virgem da Casa da Floresta se fosse aí que o seu olhar tombasse.

Eilan manteve-se perto de Lhiannon, observando enquanto os guerreiros apanhavam bocados de madeira a arder da enorme fogueira e os lançavam o mais alto que podiam para fazer as colheitas crescer. O povo tinha-se tornado desordeiro com a bebida e com a libertinagem do festival. Mas ninguém a incomodaria enquanto estivesse com a Grã Sacerdotisa. Não havia notícia que sequer o Rei do Ano tivesse, jamais, levado tão longe os seus direitos.

Estava sentada com Caillean e Dieda, contente com a protecção dada pela presença de Lhiannon e a grande e tosca força do seu guarda-costas Huw atrás

delas, e esperava que as outras sacerdotisas que tinham vindo com elas para o festival se tivessem saído tão bem.

Não foi senão depois de se terem passado algumas semanas que soube porque é que a sua amiga Miellyn se tinha vindo embora das festividades tão pálida e pensativa, e porque é que estava doente tantas vezes. Foi Eilidh que lho disse, um dia em que Miellyn não se conseguia encontrar em lado nenhum, mas nessa altura já toda a gente na Casa da Floresta estava a cochichar com as notícias.

- Ela está grávida, Eilan - murmurou Eilidh, e abanou a cabeça como se ainda achasse isto espantoso. - Pelo vencedor dos jogos. Lhiannon ficou perturbada e muito zangada quando o soube e mandou Miellyn para o isolamento da cabana perto do poço branco para meditar sozinha durante algum tempo.

- isso não é justo! - exclamou Eilan. - Se ele a escolheu, como poderia ela recusá-lo? Teria sido uma impiedade. - Tinham os padres esquecido a sua própria teologia?

- As sacerdotisas mais velhas dizem que ela se devia ter mantido fora do seu caminho. Afinal de contas, não há falta de mulheres nesta parte da Bretanha. Eu teria achado um meio de lhe escapar se ele tivesse começado a olhar para mim!

Eilan teve de admitir que também ela própria teria procurado alguma maneira de evitar ser escolhida. Mas quando Miellyn reapareceu entre elas, os seus compridos vestidos já incapazes de esconder o arredondado do seu corpo, teve o bom senso de não o dizer.

E assim o Verão se foi passando, e chegou a altura do segundo aniversário da sua chegada à Casa da Floresta.

Na altura em que Eilan tinha assistido a Grã Sacerdotisa numa meia dúzia de festivais, já tinha perdido todo o entusiasmo em se tornar ela própria o Oráculo, mas sabia que os seus desejos não fariam qualquer diferença se fosse escolhida pelos druidas. Não podia evitar ter conhecimento que os sacerdotes se dirigiam a Lhiannon antes de cada ritual, para ajudar, diziam, a prepará-la. Mas uma vez, quando uma porta entreaberta se abriu completamente, ela viu a mulher mais velha mergulhada em transe enquanto Ardanos lhe sussurrava ao ouvido.

Observou com um interesse suplementar nessa noite, quando a Deusa foi chamada à Sua Sacerdotisa, estremecendo enquanto Lhiannon se contraía e murmurava, deturpando algumas respostas enquanto outras saíam claras. Era como ver um cavalo a lutar com uma rédea apertada, como se algo no interior da Sacerdotisa lutasse contra o poder que fluía através dela.

«Eles coagiram-na », percebeu horrorizada quando se sentou ao lado de Lhiannon nessa noite, já depois de tudo ter acabado. «Eles lançaram feitiços sobre ela para que apenas pudesse dizer as palavras que concordassem com a sua vontade!»

Talvez fosse por isso, apesar do ritual, que havia alturas em que a Deusa não aparecia, e as respostas de Lhiannon nasciam da sua própria sabedoria, ou talvez as palavras que os sacerdotes lhe tinham dito. Parecia a Eilan que essas alturas eram as mais cansativas de todas. E, mesmo quando o transe era um dos verdadeiros, o Oráculo apenas podia responder às perguntas que lhe eram colocadas; à medida que o tempo passava, Eilan começou a suspeitar que os druidas também controlavam quem era autorizado a colocar-lhe as questões. Alguns oráculos genuínos foram realmente ditos; mas apenas, descobriu Eilan, em assuntos de pequena importância. E estes, se é que provinham da Deusa, geralmente faziam pouca diferença quer para os que perguntavam quer para os que ouviam.

A primeira reacção de Eilan tinha sido a de protestar, mas a quem? Caillean estava fora, levando uma mensagem de Lhiannon a uma nova rainha duma das tribos, e Miellyn estava preocupada de mais com a vinda do filho para que Eilan a fosse perturbar. Na altura em que havia alguém a quem podia ter contado, ocorreu-lhe que Caillean e Dieda, pelo menos, já deviam saber. Isso explicaria algumas das suas discussões, e a de algum modo amargurada ternura com que Caillean cuidava de Lhiannon. E a Grã Sacerdotisa, antes de tudo, devia perceber o que lhe estava a ser feito. Lhiannon tinha escolhido vir para a Casa da Floresta e permanecer em poder dos sacerdotes. Se eles a estavam a transformar no seu porta-voz, decerto que era com o seu próprio consentimento e vontade.

Era neste estado que os assuntos se encontravam quando Eilan acompanhou Lhiannon ao festival de Beltane, quase três anos depois de ter sido entregue ao templo.

ONZE

Gaíus não tinha estado nas terras dos Ordovici há quase dois anos quando chegou a altura do terceiro Beltane desde que tinha perdido Eilan. O seu pai não lhe tinha falado de novo no sugerido casamento com a filha de Licinius, mas tinha-o proposto para o pessoal do Governador. Tinha passado as duas estações anteriores a marchar por toda a Alba, com Agricola, empenhados no que apaixonadamente esperavam fosse a pacificação das tribos das terras baixas. Assaltantes como os que tinham morto a família de Bendeigid eram suficientemente maus, mas eram as ainda livres tribos do Norte que ameaçavam o domínio do Império na Bretanha. Para um oficial do exército romano no activo o sofrimento era um luxo. Gaius cumpriu o seu dever, e se a visão do brilhante cabelo e graves olhos de alguma rapariga lhe fazia doer as suas velhas feridas, teve o cuidado de chorar onde ninguém o pudesse ver.

Foi tão bem sucedido, que quando a campanha na Caledónia teve uma paragem temporária, foi recompensado sendo enviado a escoltar um grupo de feridos de volta aos aquartelamentos permanentes da legião em Deva, enquanto os restantes da Vigésima trabalhavam na construção duma nova fortaleza nas Terras Altas da Caledónia. E foi assim que se viu de novo no Sul, trotando pela estrada que conduzia à Ilha das Donzelas, com um centurião a seu lado e um destacamento de soldados regulares a marchar atrás.

- Precisamos de um homem em quem confiemos para vigiar o festival e tu és o único disponível nesta altura que consegues falar a língua suficientemente bem para te introduzires lá. Tens que o enfrentar alguma vez, rapaz - tinha-lhe dito o pai quando ele tinha protestado. - O melhor é despachar o assunto. - Mas não foi senão quando viu o cabeço nu do morro elevando-se do mar da floresta, e ouviu o mugir do gado aí reunido, que Gaius compreendeu o quão duro iria ser. Puxou as rédeas, observando, e o centurião gritou uma ordem para parar os homens.

- Parece bastante pacífico - disse o centurião. - Onde quer que vamos as feiras são todas muito parecidas. Podem tornar-se desagradáveis, no entanto, quando se lhes mistura religião.

O soldado riu-se. Gaius já tinha descoberto que o homem era uma alma tagarela, que requeria um mínimo de resposta por parte da sua audiência. - Passei os meus primeiros três anos de legião no Egipto. Eles tinham um deus para cada dia da semana e cada um deles com o seu próprio festival. Tivemos alguns distúrbios bastante complicados, por vezes, quando duas procissões chocavam uma com a outra no centro da cidade.

- Oh? - perguntou Gaius polidamente, se bem que na realidade não se importasse minimamente que o homem -tivesse servido no Egipto ou no fim do mundo. Este era o portão pelo qual tinham entrado nos terrenos do festival há três anos. Lembrou-se de como a pequena Senara tinha saltitado pela estrada à sua frente, rindo.

Como o tinha feito nessa altura, estava a usar roupas nativas, já que a sua missão era a de procurar sinais de sedição no festival, mas aquela família feliz com quem tinha percorrido este caminho da última vez já não o acompanhava.

- Como é que era o Egipto? - disse rapidamente, tentando bloquear a memória.

- Oh, como em todos os outros lados - disse o centurião e bocejou. - Grandes templos e reis imensamente ricos, e a mesma enorme pobreza no mercado. Era quente, contudo acrescentou e tiritou com o frio. - Não me importaria dum bocadinho do seu sol agora; é frio e chuvoso de mais aqui na Bretanha.

Gaius olhou para cima, para o nublado céu. O homem tinha razão; ele ainda não tinha reparado no tempo. Aí estava uma coisa que era diferente. Não pensava que pudesse ter suportado ver de novo este local num dia de sol brilhante.

- Vós não pareceis importar-vos muito com isso, apesar disso - acrescentou invejosamente o centurião. - Haveis nascído aqui, não é verdade? Eu sou da

Etrúria. Está-se a tornar uma raridade, nos dias que correm, encontrar outro latino nativo nas legiões. Já servi por todo o Império: Egipto, Hispânia, Pártia. A minha Corte foi despedaçada em Pãrtia, e quando me promoveram a centurião, provavelmente porque fui um dos poucos que sobreviveram, mandaram-me para aqui. Se é verdade que foi Apolo que descobriu este país, não lhe gabo o gosto.

- Vamos desmontar aqui - disse Gaius quando ganhou coragem para o fazer. - E deixar um homem com os cavalos. Não há espaço para eles lá dentro.

Ouviram mugir atrás deles quando outro contingente de gado era conduzido para lá. O centurião gritou uma ordem aos soldados para se chegarem para o lado e ele e Gaius recuaram.

- Não há necessidade de ficar debaixo dos seus cascos acrescentou preguiçosamente. - Não sei quanto a vós, mas eu tenho melhor uso para ’os meus pés do que deixar que sejam pisados por estas vacas. Estais pronto para entrar agora?

Gaius suspirou. Pronto nunca estaria, mas era um romano e já não podia fugir mais das suas memórias. Tremeu com o frio e puxou uma dobra do seu capote sobre a cabeça.

- O que é que se passa aqui, afinal de contas? - perguntou o centurião quando iam a atravessar o portão atrás do gado.

- É alguma espécie de festival para os agricultores? Eles faziam-no no Egipto: tinham um grande touro branco a que chamavam deus: passeavam-no pelas ruas com grinaldas à volta do pescoço e deitavam incenso por cima do gado até que mal se conseguia respirar. Tentavam dar-lhes saúde, diziam.

- Aqui atiram ervas para as chamas e conduzem as vacas pelo meio das fogueiras para as abençoar - respondeu-lhe Gaius.

- É uma coisa engraçada como as pessoas continuam a lutar a propósito da religião quando, na realidade, é tudo o mesmo. A mim parece-me que são os padres que criam todos os problemas; a maioria das pessoas apenas quer boas colheitas e bebés saudáveis, tentam apenas passar o melhor possível. Se não é o gado a debandar, são os padres a arengar às multidões. Os druidas dirigem este festival?

- Não exactamente - disse Gaius. - Há uma sacerdotisa, algo como uma Vestal, que invoca as bênçãos dos seus deuses.

- Por um instante fechou os olhos, vendo uma vez mais aquela figura velada levantando os braços à Lua.

- Ela vai fazer os sacrifícios? - moveram-se lentamente em direcção ao terreiro central, pois a manada de vacas ainda estava à sua frente, os animais mugindo ansiosamente e apertando-se uns contra os outros devido aos pouco familiares cheiros e imagens. Gaius abanou a cabeça.

- Hoje em dia, de qualquer modo, os druidas, ou quem quer que seja que dirige o seu culto, não sacrificam nada a não ser frutos e flores.

- Ouvi dizer que eles faziam imensos sacrifícios... até mesmo humanos - disse o centurião.

- Portões de Tartarus, não. - Gaius lembrou-se de como Eilan tinha ficado indignada quando ele lhe fez a mesma pergunta. - Na verdade, este festival é bastante insípido. Estive aqui uma vez, e...

- Oh, pelos tomates de Calígula! Alguém assustou as vacas - exclamou o centurião, espreitando para a sua frente. Era o que eu receava.

Um grande homem com um manto axadrezado tinha virado uma lanterna, e as vacas estavam a movimentar-se e a mugir inquietas.

Atrás dele, um homem mais velho estava a arengar à multidão. Mais de uma centena de pessoas tinha-se juntado para escutar. Gaius chegou-se à frente para ouvir. Era para isto que aqui estava, para o caso de alguém usar a reunião pacífica para incitar à rebelião. As pessoas na multidão gritavam em aprovação, ignorando a crescente inquietação da manada.

Um rapaz veio a correr com um balde de água, encharcando um dos oradores quando passou por ele. O homem virou-se, a gritar, e a vaca mais próxima levantou a cabeça com um bramido, espetando a sua vizinha com um corno retorcido.

- Oh, Hades, agora é que já está; aquelas vacas vão estourar - gritou Gaius, mesmo na altura em que uma das vacas da frente se lançou num galope desajeitado, batendo no seu condutor e mandando-o de pernas para o ar para o

meio da multidão.

O orador continuava a arengar à multidão, mas agora a sua audiência estava a gritar uns com os outros. Dois ou três homens foram atirados ao ar e uma mulher gritou, e, então, toda a linha da frente do gado avançou numa pesada correria. Uma vaca urrou, virando-se para o lado, e Gaius viu vermelho no seu corno.

Alguém gritou. Homens, mulheres e umas poucas de crianças lançaram-se para trás, a gritar.

Nesta altura já toda a gente estava a empurrar, tentando fugir do seu caminho. Em poucos momentos o terreiro central tinha-se tornado numa confusão de movimento e som, Mães tentavam agarrar os seus chorosos filhos; um dos legionários, não acostumado a gado, foi mandado pelos ares e caiu a gritar. Gaius lutou para se manter de pé e foi afastado dos seus homens.

Alguém lhe agarrou no braço.

- Aqui, tu pareces forte, tens que me ajudar; a Senhora vai cair. - Uma

mulher alta, de cabelo escuro, num vestido azul, agarrou o braço de Gaius e puxou-o na direcção da orla do terreiro onde uma anciã num manto azul tinha desfalecido de encontro a duas mulheres em vestidos de linho, com grinaldas de folhas verdes sobre os seus imaculados véus de linho.

Gaius estendeu os braços cuidadosamente e as mulheres deixaram o seu fardo cair-lhe nos braços. Ele pestanejou, reconhecendo a Sacerdotisa que tinha invocado a Deusa dois anos antes. Cuidadosamente, levantou-a, espantado com a fragilidade da forma dentro das pesadas roupagens. A maioria das pessoas tinha fugido, mas algum gado ainda estava a correr furiosamente, ou errando em grupos de dois ou três, de cornos baixos e caudas a abanar, mugindo desafios a quem quer que tentasse juntá-los.

Perto, jazia a imóvel figura do gigante que acompanhava a Sacerdotisa para todo o lado.

- Qual é o problema com ele?

- Huw? Oh, ele está bem - disse a sacerdotisa mais velha descuidadamente. - Uma das vacas escorneou alguém; ele tem medo de ver sangue.

«Que raio de guarda-costas », não conseguiu deixar de pensar Gaius.

- Temos que a tirar para fora do caminho das vacas - disse ele alto. - Para onde a devo levar?

- Por aqui. - A mais alta das duas sacerdotisas rapidamente indicou o caminho através da confusão de barracas destruídas. Gaius colocou o seu fardo de modo a que a cabeça ficasse encostada ao seu ombro, aliviado por ouvir o arfar da sua respiração. Não queria pensar no que lhe aconteceria se a Grã Sacerdotisa de Vernemeton lhe morresse nos braços.

As suas narinas fremiram com um súbito cheiro e apercebeu-se de que as sacerdotisas os tinham levado para a tenda duma vendedora de ervas. A herborista, gorda e preocupada, estava a levantar a manta dependurada para o lado, para que Gaius pudesse fazer entrar a Grã Sacerdotisa. Ele ajoelhou e depositou-a nas peles para dormir ali empilhadas.

O local era sombrio e poeirento, acre com o fresco, estival cheiro das ervas suspensas das vigas ou arrumadas em prateleiras dentro de sacos de linho. Gaius levantou-se e o seu manto caiu. Por trás dele ouviu-se um súbito grito de surpresa. Gaius sentiu o coração começar a bater pesadamente no peito. Muito

devagar, porque subitamente precisou de mais coragem que a que tinha sido necessária para enfrentar uma carga dos homens das tribos da Caledónia, voltou-se.

A mais pequena das sacerdotisas tinha puxado o seu véu para trás. Por baixo das suas dobras viu Eilan a olhar para ele. Sentiu o sangue abandonar-lhe a cabeça; o mundo escureceu, depois iluminou-se num esplendor quando conseguiu respirar de novo. Tu estás morta... pensou. Morreste no incêndio! Mas, mesmo quando todas as outras visões lhe falharam, continuou a ver, brilhando para ele, os olhos de Eilan. Sentiu um sopro de ar na cara e, gradualmente, os seus sentidos voltaram-lhe.

- És realmente tu? - disse então com a voz rouca. - Pensei que tinhas morrido no incêndio... Eu vi o que restava da tua casa depois de os assaltantes terem vindo.

Ela deu um passo à retaguarda, indicando-lhe a direcção da extremidade da barraca enquanto as outras sacerdotisas se inclinavam sobre Lhiannon, e Gaius, a cabeça ainda vacilante, levantou-se e seguiu-a.

- Eu estava fora a ajudar a minha irmã mais velha com a sua nova criança - disse ela suavemente de modo a não poderem ser ouvidos. - Mas a minha mãe e a pequena Senara estavam lá. - A voz falhou-lhe. Então ela deteve-se e lançou

um rápido olhar de culpa para as outras sacerdotisas.

Na luz sombria, envolta em pálidos hábitos, ela parecia um espírito. Ele estendeu os braços para ela. Mal podia acreditar que ela estava ali, viva e ilesa. Por um momento os seus dedos roçaram o frio linho, depois ela afastou-se bruscamente.

- Não podemos falar aqui - disse ela sem fôlego -, ainda que não estejas de uniforme.

- Eilan - disse ele rapidamente -, quando te posso ver?

- Isso não é possível - disse -, sou uma sacerdotisa da Casa da Floresta e não estou autorizada...

Não estás autorizada a falar com um homem? - «Uma Vestal », pensou ele. «A rapariga que eu amo é-me tão proibida como se fosse uma Vestal.»

- Não é tão mau como isso... - disse ela com um vago sorriso. - Mas tu és um romano e sabes o que o meu pai diria.

- Se sei - disse ele passados uns instantes, e, então, pensou no que o seu pai diria. Tinha o Prefeito deixado Gaius a lamentar-se, sabendo que não havia necessidade? Juntamente com o espanto pela sua presença surgiu uma vaga de fúria.

Olhando para os olhos cor-de-avelã de Eilan, percebeu subitamente que durante todo o tempo desde que tinha deixado a casa de Bendeigid nunca se tinha sentido tão vivo.

Ela mexia-se inquieta.

- Dieda está a olhar para nós; ela pode bem reconhecer-te. E Caillean, a sacerdotisa mais velha...

- Eu lembro-me de Dieda - disse ele asperamente.

- E devo voltar para junto do meu centurião. Deuses! Como estou contente por te ver viva - disse, súbita e intensamente, mas não se mexeu. Agora as outras duas sacerdotisas estavam a olhar para eles e ela levantou a mão num movimento de bênção.

- Agradeço-vos - disse numa voz que apenas tremeu um pouco. - Lhiannon é pesada de mais para qualquer de nós a levantar. Se vires Huw e ele parecer recuperado, manda-lo-ás ter aqui connosco?

- Para o manter a salvo das vacas - disse ele, e foi recompensado pelo súbito lampejo do seu sorriso.

- Vai agora.

- Devo fazê-lo - concordou ele. Nessa altura Lhiannon agitou-se; uma das mulheres inclinou-se para ela, falando-lhe dum modo calmante e, ao ouvir esses baixos tons, foi finalmente atingido pelo facto de Eilan ser uma sacerdotisa dos druidas.

Cambaleou em direcção à entrada e foi apenas quando estava no exterior, pestanejando com a luz, que percebeu que não lhe tinha dito adeus ou desejado o seu bem. Era ela feliz na Casa da Floresta? Tinha ela escolhido aquela vida, ou tinham-na eles forçado a ela? Mas o batente da porta já se tinha fechado atrás de si. Enquanto se afastava, ouviu a voz de Dieda atrás de si.

- Eilan, o que estavas a dizer àquele homem? Ele anda como um romano!

- Oh, não me parece - ouviu Eilan dizer devagar. - Não deveria ele estar em uniforme? Os outros estavam.

Ele abrandou, espantado com a sua astúcia. Tinha sido, pelo menos em parte, a inocência dela que primeiro o tinha atraído.

Agora onde diabos se tinha metido o seu centurião? Forçou-se a si próprio a andar de novo. Haveria alguma hipótese de o homem vir a contar a Macellius sobre isto? E, mais importante ainda, como se arranjaria Gaius para ver Eilan outra vez? Agora que a tinha encontrado de novo, não podia deixá-la simplesmente desaparecer.

Atrás dele, na tenda, Eilan fechou as mãos sobre o seu coração que batia como um tambor. Parecia quase impossível que as outras sacerdotisas não fossem capazes de o ouvir, Lhiannon mexeu-se e murmurou:

- O que aconteceu? Feriu-se alguém?

- Algum idiota assustou o gado e elas estouraram - respondeu Caillean.

- Como... como é que eu cheguei até aqui?

- Um viajante transportou-vos. Huw desmaiou... o grande idiota - disse incisivamente Caillean. - Não, o vosso salvador já Se foi embora; Eilan abençoou-o, em vosso nome.

Eilan, ouvindo-a, pensou que era uma felicidade que Gaius não estivesse a usar o uniforme romano e perguntou a si própria porquê. Ela pensou como é que ele ficaria no uniforme das legiões. Elegante, imaginava, mas, também, ele era

bem parecido de qualquer maneira. Ela abanou a cabeça, sabendo que não devia estar a pensar nele daquele modo, decerto não aqui. Essa parte da sua vida estava acabada.

- Primeiro assegurem-se de que Huw está bem e tragam-no para aqui - ordenou Lhiannon. - Se o gado estourou, provavelmente não pode ser reunido imediatamente e vamos ter que ficar aqui até ao fim do dia.

Eilan saiu para a luz do Sol. Encontrou Huw sentado no chão, quase inconsciente, a abanar atordoadamente a cabeça.

- A Senhora Sagrada está a salvo?

Se o está não é de certeza graças a ti - respondeu zangada Eilan. - Ela desmaiou, e um viajante levou-a para a tenda da vendedora de ervas.

- onde está todo o gado?

Eilan olhou à sua volta e viu que Lhiannon se tinha enganado. o terreiro estava apinhado com gente a levantar as barracas que tinham caído e a conversarem, mas não se via uma única vaca.

- Apenas os deuses o sabem, e talvez também os Seus condutores; elas estouraram. - Ela reparou que o homem que tinha sido corneado tinha sido levado pelos seus amigos. - Foi por isso que elas cornearam aquele homem; estavam assustadas - disse ela incisivamente.

- Foram os romanos que as assustaram - resmungou Huw, levantando-se penosamente. - A marchar com todo aquele estrépito e resplendor, Que a lepra os atinja; e afinal de contas, o que é que eles aqui vieram fazer? Pensaram que o abençoar do gado era alguma espécie de ajuntamento ilegal?

- Não haverá nenhuma bênção do gado hoje - continuou, abanando a cabeça -, o melhor é levar a Senhora para casa. Com romanos nas redondezas o mais provável é que venha a acontecer alguma espécie de sarilho - acrescentou numa rosnadela a meia voz.

Não pela primeira vez, Eilan pensou porque é que Lhiannon tolerava este enorme imbecil. Ele tinha pouca utilidade para ela como guarda-costas; Eilan

não conseguia ver que ele tivesse qualquer utilidade de todo. Se ela alguma vez viesse a estar na posição da sacerdotisa do Oráculo - por pouco que o desejasse a primeira coisa que faria seria ver-se livre dos serviços deste meio atrasado mental.

Cerca de um mês depois de Beltane, Eilan foi chamada à presença de Lhiannon e encontrou-a com um homem que estranhamente lhe fazia lembrar Cynric, e com uma rapariguinha de oito ou dez anos de idade, de cabelo avermelhado claro, que o sol fazia brilhar com tons de ouro.

Eilan sorriu para a criança, que lhe devolveu envergonhadamente o olhar. Lhiannon disse:

- Hadron é um dos da Irmandade dos Raven. Conta-lhe tu a tua história, Hadron.

- Conta-se rapidamente - disse o homem. - Tenho um irmão adoptivo que se juntou às legiões como auxiliar e ele intercedeu por mim senão eu teria sido preso e levado para as minas de chumbo. Depois desta intercessão, o castigo foi retirado e a minha vida poupada, tendo-me sido dados apenas dez anos de exílio fora de qualquer possessão romana. Agora tenho que fugir para o Norte, e não posso levar uma rapariguinha comigo para o sítio onde vou.

- Então qual é o problema? - Eilan sabia que Lhiannon tinha a autoridade para pura e simplesmente admitir a rapariga na Casa da Floresta sem ter de consultar ninguém. o facto de ainda não o ter feito significava que havia alguma dificuldade.

- Ela parece-me nova de mais para um lugar no meio de nós - disse Lhiannon, franzindo as sobrancelhas. - Não sei o que lhe hei-de dizer.

- Se é apenas isso - replicou Eilan -, eu ficaria feliz por cuidar dela até que possa ser enviada para adopção noutro sítio qualquer. Ou existe uma parente feminina a quem ela possa ser consignada?

- Não há - disse o homem. - Isto porque a minha mulher era nascida romana e eu não sei quase nada sobre os seus parentes mais chegados.

- Então a tua filha é parcialmente romana? Não podes mandá-la para os seus parentes entre eles? - perguntou Lhiannon.

O homem respondeu mal humoradamente:

- A minha mulher desafiou os seus parentes para casar comigo; implorou-me com o seu último suspiro que me assegurasse que a sua filha nunca cairia nas mãos deles. Pensei que se a pudesse deixar à guarda das sacerdotisas...

Lhiannon disse firmemente:

- Nós não somos um refúgio para órfãos. Embora para um dos da Irmandade dos Raven possamos, possivelmente, abrir uma excepção.

Eilan olhou para a criança e pensou na sua própria irmã mais nova, morta às mãos dos assaltantes há três anos. Se Senara estivesse viva, quem estaria agora a tomar conta dela? Ela tinha antegozado a ideia de cuidar do bebé de Miellyn como uma espécie de substituto para a sua irmã perdida, mas a mulher mais velha tinha abortado o filho do Rei do Ano.

- Eu tomarei conta dela de boa vontade, Lhiannon.

- Foi por isso que te chamei. Não estás ainda comprometida com nenhumas tarefas muito exigentes, aqui entre nós - replicou Lhiannon. - Se bem que isto ultrapasse os requisitos habituais. Apesar disso, se tu assim o quiseres, porei esta pequena refugiada a teu cargo. - Ela fez uma pausa e perguntou a Hadron - Qual é o nome dela?

- A minha mulher chamava-lhe Valeria, Senhora. Lhiannon fez uma carranca.

- Isso é um nome romano; não pode ser chamada por ele aqui.

- A minha mulher tinha desistido de todos os seus parentes para casar comigo - disse Hadron. - O mínimo que eu podia fazer era deixar que ela desse o seu nome de família à filha dela.

- Mesmo assim, se ela vai viver entre nós tem que ter um novo nome - disse Lhiannon firmemente. - Eilan, dás-lhe um? Eilan olhou para a criança, que estava a olhar para ela com olhos assustados. Ela já tinha perdido tudo o resto; agora devia perder o pai e até o nome. Eilan disse gentilmente:

- Com vossa autorização, chamar-lhe-ei Senara.

- Isso servirá muito bem - disse Lhiannon. - Agora vão; encontra um lugar para ela dormir e roupas adequadas. Quando ela chegar a uma idade conveniente poderá tomar votos entre nós, como sacerdotisa, se assim o desejar.

Quando Hadron já se tinha ido embora, Eilan olhou de novo para a rapariguinha, que estava a olhar extasiada para a Senhora.

- Lamento descarregar isto sobre ti, Eilan. Nunca tive que lidar com uma rapariga desta idade. O que é que faremos com ela? - disse Lhiannon.

- Talvez possa fazer recados. - Eilan pôs o braço à volta da rapariga e sorriu.

Lhiannon acenou com a cabeça.

- Uma vez que ela não está sob votos, talvez possa levar mensagens para lá dos nossos muros.

- É um pouco nova para isso, mas se estais verdadeiramente incerta quanto ao mantê-la aqui, talvez devamos perguntar entre os romanos - sugeriu Eilan. - Apesar do que Hadron disse, pode ser que o povo da sua mãe a queira. Devíamos pelo menos fazer algumas pesquisas.

- É uma boa ideia - concordou Lhiannon um pouco vagamente, a sua atenção já a esvoaçar para outro lado. - Trata disso, Eilan, se quiseres.

A pequena mão enfiou-se confiantemente na dela, e alguma coisa no coração de Eilan, que tinha estado em chaga desde que tinha perdido a sua irmã, começou finalmente a acalmar-se. Enquanto caminhavam pelo pátio perguntou à criança:

- Não ficas infeliz por te chamares Senara? Era o nome da minha irmã.

- De todo - respondeu a rapariguinha. - Onde está a tua irmã? Está morta?

- Morta ou levada para lá dos mares - replicou Eilan.

- Pena que eu não o saiba. - E, nessa altura, ela pensou porque não tinha perguntado a Caillean por alguma palavra sobre o destino da sua irmã e da sua mãe quando a mulher mais velha estava a consultar a água. Seria, talvez, porque preferia pensar que Senara estava pacificamente morta que a viver em escravatura?

Olhou para a criança, procurando algum traço do seu parentesco romano, e pensou em Gaius. Sendo filho do Prefeito, Gaius podia pesquisar se havia alguma coisa que se pudesse saber. Antes de Valeria se tornar em Senara para sempre, ela devia à criança pelo menos o tentar.

Enquanto Eilan mostrava à sua protegida onde devia dormir, e procurava um vestido de noviça, de linho, que pudesse ser cortado para ela usar, viu-se a pensar tanto em Gaius como na rapariga.

Onde estava ele agora? Estaria a pensar tão ansiosamente nela como ela nele? Tinha-lhe ele lançado algum feitiço, para que ela não pudesse pensar noutra coisa embora não o desejasse particularmente? Suspirou, recordando a força da sua voz, a sua bela face e viril figura; o ligeiro acento com que dizia o seu nome, o seu hesitante beijo durante as fogueiras de Beltane.

«Nessa altura não realizei completamente o que ele pretendia de mim », pensou. «Era nova de mais para saber... ou importar-me. Mas agora estou mais velha e começo a entender. O que deitei eu fora?» O pensamento chegou-lhe então: «Deverei viver o resto da minha vida sem ser amada... até ser tão velha e sem amor como Lhiannon?»

A quem podia perguntar? A quem podia contar? Dieda compreenderia, mas, separada do seu próprio amado, dificilmente se compadeceria. Caillean, mal tratada e sem amor desde tão jovem, zangar-se-ia. E se Caillean não a iria compreender, como podia esperar que mais alguém aqui o fizesse?

Não havia ninguém a quem ela pudesse descrever a desesperada necessidade do seu coração em vê-lo, nem que fosse apenas mais uma vez, mesmo que depois disso nunca mais lhe pusesse os olhos em cima. Na manhã seguinte, enquanto estava a cortar pão e queijo para Senara, perguntou:

- Lembras-te de alguma coisa sobre os teus parentes na cidade romana?

- Eles não estão na cidade, Eilan. Penso que o irmão da minha mãe era uma espécie de funcionário romano; ele escrevia cartas para o Prefeito do Campo, e outras coisas assim.

- De facto? - Eilan olhou para ela. Decerto os deuses estavam a sorrir, pois este homem devia ser o secretário do próprio pai de Gaius.

Pensou por um momento em confiar o seu segredo à criança mas, depois de uns instantes de reflexão, decidiu-se a não o fazer. Se uma sacerdotisa da Casa da Floresta fosse descoberta na companhia dum romano, não interessa o inocentes queffossem os seus motivos, significaria sarilho para todos os envolvidos. E seriam assim tão inocentes?

DOZE

Nesse mesmo dia, Valerius, que era secretário do pai de Gaius, tinha chegado esbaforido e parecendo abalado.

- Soube agora mesmo da morte da minha irmã - disse a Gaius.

- Fala-me sobre isso - sugeriu Gaius, enquanto atravessavam a parada em direcção aos escritórios do seu pai.

- É uma longa história - replicou Valerius. - Perdi o contacto com ela quando se casou; desde essa altura não a vi uma dúzia de vezes.

- Ela mudou-se para longe?

Valerius deu uma pequena gargalhada.

- Tão longe quanto Deva, mas casou com um homem das tribos e o meu pai renegou-a.

Gaius acenou com a cabeça. já era suficientemente mau um romano casar com uma mulher duma casa real. Ele sabia bem de mais como a sociedade romana encararia uma filha que fugisse com um amante nativo.

- Uma velha mulher, que foi a ama da minha irmã e minha, mandou-me a notícia da sua morte - continuou Valerius -, e eu descobri, ao fazer algumas perguntas, o sarilho em que o seu marido está metido. Só o vi uma ou duas vezes, mas ele tem um irmão adoptivo, que está nos auxiliares, e que me disse que Hadron é um dos Ravens e foi proscrito. O que se passa é que ela deixou uma filha pequena e eu não sei o que aconteceu com a criança. Não conhecíeis alguns dos Ravens?

- Conheci alguns deles, sim - disse Gaius, pensando em Cynric.

Considerando as circunstâncias do nascimento de Cynric, não se admirava que ele tivesse aderido a uma sociedade secreta dedicada à vingança. Em circunstâncias idênticas, pensou, bem podia ter sentido o mesmo.

- Dum modo ou de outro devo encontrar a filha da minha irmã. O irmão adoptivo de Hadron é um dos auxiliares, como disse, e não tem nenhuma mulher a quem possa consignar uma criança do sexo feminino, o que me torna no parente mais próximo da rapariga. Conseguis pensar em mim como o guardião duma rapariguinha? Não vejo a rapariga desde que ela andava de fraldas; suponho que deve ter oito anos, ou à volta disso.

- Primeiro tens que a encontrar... - disse vagarosamente Gaius. Pode ser que Cynric saiba para onde Hadron foi com a sua filha. E no processo, Cynric, que sabia o que era estar separado da sua amada, podia ser capaz de o ajudar a ver Eilan.

- Podes realmente ajudar-me? - Valerius abrandou o passo. já estavam quase a chegar aos escritórios do Prefeito, e o secretário estava bem ciente da desaprovação de Macellius em relação a qualquer contacto do filho com o povo da mãe.

- Talvez... - disse Gaius cautelosamente. - Talvez conheça alguém que possa perguntar.

Tinha ouvido dizer que Cynric tinha sido mandado para o Sul com os legionários que tinham sido enviados para punir os assaltantes que tinham incendiado a casa de Bendeigid. Na altura tinha-o espantado, mas a vingança fazia estranhos companheiros de cama. Dizia-se agora que Cynric: estava a trabalhar, com os auxiliares, como guia e intérprete. Gaius pensou se ele teria mudado de ideias ou se ainda pertencia aos Ravens.

Se tentasse contactar com Cynric através dos canais do exército o pai sabê-lo-ia, mas ele estava destinado a ver o jovem bretão, mais cedo ou mais tarde, numa das tabernas que serviam a fortaleza.

- Que a Bona Dea vos abençoe! - Valerius estendeu os braços para apertar a mão a Gaius. Então a porta abriu-se e ambos os homens se perfilaram em posição de sentido.

Apenas uns poucos de dias mais tarde, Gaius, ao passar pelo apinhado mercado de Deva, viu Cynric ali parado, cabeça e ombros acima da multidão. os seus caracóis estavam um pouco mais escuros e a sua face mostrava os começos duma barba. Gaius gritou, viu Cynric franzir a testa, decidir que aquele jovem oficial não era ninguém que ele conhecesse e preparar-se para se ir embora.

Gaius praguejou e atirou-se pelo meio da multidão para o enfrentar.

- Espera, homem... não me reconheces? - Parou, endireitando-se quando o azul olhar desceu sobre ele e escureceu. Decerto que o rapaz não lhe levaria ainda a mal o seu logro, quando também ele servia Roma! - Penso que ainda te devo uma bebida por me teres tirado daquela armadilha - disse amigavelmente. - Há aqui uma taberna; experimentemos o que tem para nos oferecer.

Gaius suspirou de alívio quando a carranca de Cynric se transformou num sorriso magoado.

- Agora já me lembro de ti - disse, acrescentando -, mas suponho que o teu nome não seja Gawen. O que chamas a ti próprio, Tribuno?

- Com efeito - disse Gaius -, a minha mãe chamava-me Gawen e foi assim que me chamou até ao dia em que morreu. Contei-te a verdade até onde me atrevi. Mas na cidade romana uso o nome do meu pai: Gaius Macellius Severus. A minha mãe era uma mulher dos Silures; uso o apelido Siluricus por causa dela.

- Se tivesse sabido disso na altura tinha-te morto - admitiu Cynríc. - Mas muita coisa aconteceu desde então. Beberei contigo, romano, ou o que quer que seja que possas ser.

Na escuridão poeirenta da taberna, Gaius disse:

- Tive pena quando soube do incêndio da vossa casa; dificilmente ficaria mais desgostoso se os meus próprios parentes tivessem sido mortos por esses bastardos dos hibérnicos. Fico contente que o teu pai não tenha sido ferido e mais pesaroso que o que sou capaz de exprimir que a tua mãe tenha morrido.

- Ela era a minha mãe adoptiva - notou Cynric -, mas agradeço-te em seu nome. Temos um ditado no Norte que diz que o sangue nos vincula por três gerações e a adopção por sete. E, na verdade, a mulher do meu pai adoptivo era tão boa para mim como se eu tivesse sido gerado por ela.

- Era uma gentil senhora, na verdade - concordou Gaius.

- E por tua causa lamento-a. - Se ele se tivesse casado com Eilan teria dado as boas-vindas a este homem como seu irmão. E, no entanto, por acidente de

nascimento ele e Cynric tinham estado, até agora, em campos opostos desta luta. Pelo menos, outros que não apenas os romanos cometiam ultrajes, pensou.

- Vi as cinzas da tua casa, mas o meu pai mandou-me para o' Norte imediatamente a seguir. Talvez eu tenha desferido um golpe ou dois em nome dela contra esses Caledónios. Fiquei contente por ouvir que esses assaltantes da Hibernia tinham sido castigados.

- Pelo menos eu também dei um golpe por eles. Foi a primeira vez na minha vida que não tive vergonha do sangue romano que me corre nas veias. - Cynric continuou. - Creio que nesse Beltane, quando te hospedaste connosco, foi a última vez que fomos todos felizes juntos. Todos os que sobreviveram estão agora dispersos.

- Estive na Colina das Donzelas neste último Beltane disse Gaius cuidadosamente. - Vi lá Dieda e também a tua irmã adoptiva, Eilan. Fiquei contente em saber que ela tinha sobrevivido.

- Sim - disse Cynric sinteticamente. - Ela está na Casa da Floresta, uma sacerdotisa da Grande Deusa. Quanto a Dieda, ela é parenta de Eilan, mas não me é nada. Nem é provável que o venha a ser, se lá continuar!

- Tenho um amigo nas legiões- - disse então Gaius. Cynric riu-se.

- Bem, isso não me surpreende... Gaius abanou a cabeça.

- A irmã dele casou com um bretão e foi rejeitada pelos seus parentes. Eles tinham uma filha, mas a irmã agora morreu e dizem que o seu marido está em fuga. O meu amigo quer encontrar a rapariguinha.

- Em fuga... - disse pensativamente Cynric. - Por que me estás a perguntar a mim?

- Porque dizem que ele é um daqueles que voam à meia-noite...

- Muitos pássaros voam à meia-noite. - Cynric olhou para o seu vinho. - Qual era o nome do homem?

- Hadron - disse Gaius. - A sua mulher chamava-se Valeria.

- Sei pouco sobre pássaros - disse Cynric -, mas posso perguntar por aí.

- Poderão ter levado a criança para a Casa da Floresta? As tuas parentas sabê-lo-lam?

- Posso perguntar - respondeu Cynric.

«Preferia perguntar-lhe eu », pensou Gaius, mas não sabia como o dizer. E como sabia ele que Eilan queria, sequer, vê-lo novamente? Se ela estava feliz na Casa da Floresta, não estaria ele apenas a quebrar a sua paz ao tentar vê-la aí? já tinha cumprido com o seu dever para com Valerius. Devia inventar alguma desculpa e desaparecer agora?

Percebeu que tinha estado calado durante muito tempo quando Cynric voltou a encher a sua taça do jarro de vinho e o empurrou de novo para ele.

- Há mais qualquer coisa que uma simples criança perdida disse o bretão. - O que querias dizer na realidade?

Tenho que ver Eilan outra vez - explodiu Gaius subitamente. - juro que não tenho qualquer má intenção. Apenas quero saber se ela é feliz lá.

Por um momento Cynric olhou fixamente para ele, depois atirou a cabeça para trás com uma estrepitosa gargalhada que fez virar as cabeças em toda a sala.

- Estás apaixonado! - riu novamente. - Devia ter reconhecido os sintomas. Não está a minha própria rapariga fechada atrás daquelas mesmas paredes?

- Mas tu és um parente - disse Gaius seriamente. - Deixar-te-ão falar com ela. Consegues arranjar alguma coisa para mim?

- Por que não? - sorriu maliciosamente Cynric. - Nunca vi nenhuma razão

para manter as sacerdotisas completamente engaioladas. Isso parece-se com uma coisa que vocês romanos fariam. Dieda não me viu ou falou comigo desde que para lá foi, mas a minha irmã adoptiva não é nenhuma prisioneira. Verei o que posso fazer por ti. - Ele esvaziou a sua taça de vinho.

- Está na beira do caminho que conduz à Casa da Floresta daqui a três dias, uma hora depois do meio-dia.

Enquanto Eilan esperava nos bosques perto do Bosque Sagrado, na pouco habitual luminosidade da matinal luz do Sol de Verão, ficou surpreendida por ver que estava a tremer. Primeiro, quando Cynric lhe tinha falado dum encontro com Gaius, tinha parecido como a resposta a uma oração invulgarmente fervorosa. Mas cedo percebeu que a coisa mais perigosa do mundo é uma prece atendida. As suas hipóteses de manter o encontro secreto eram, na verdade, exíguas. E ninguém acreditaria nela se fossem descobertos.

Finalmente tinha ido ter com Caillean. para pedir um conselho.

- Não há nada que possas fazer, uma vez que o chamaste aqui, a não ser encontrares-te com ele tal como combinado tinha replicado Caillean. - Mas eu vou estar sempre ao alcance do ouvido; para que, se mais tarde me perguntarem, possa jurar que os dois não trocaram nenhuma palavra que não pudesse ser dita na presença dos pais de qualquer um de vocês. Aceitas assim?

Eilan tinha inclinado a cabeça e virado para sair. Na verdade, até estava um pouco aliviada. Se devia falar com ele na presença da sacerdotisa então não haveria qualquer possibilidade de ele lhe perguntar algo... perigoso.

- Espera! - tinha dito Caillean. - Por que trouxeste isto até mim? Decerto não imaginavas que eu iria aprovar!

- Não estou a fazer nada que traia os meus votos. - Eilan encarou directamente a outra mulher. - Mas sei como as línguas desocupadas podem enfeitar uma história. Acredito que me aconselharieis o que pensásseis ser certo, o que quer que pudésseis sentir! - E tinha-se, então, virado de novo e partido. Mas lembrava-se com alguma satisfação do avermelhar de rubor que tinha manchado as faces da outra mulher.

E, assim, esperava, sabendo que com a implacável observadora nada teria a temer. Se antes disto lhe tivessem perguntado se tinha medo de Gaiusteria respondido sem hesitação que não; mas, à medida que as sombras diminuíam, começou por ficar assustada, depois aterrorizada.

- Oh, Caillean. - Virou-se para a outra mulher, que estava sentada numa pedra na orla da clareira a trabalhar numa peça de bordado. - O que é que eu lhe vou dizer?

Por que me perguntas a mim? Dificilmente sou a pessoa indicada para aconselhar uma donzela nos seus negócios com um homem - respondeu Caillean com um sorriso sardônico.

Eilan suspirou. À medida que o tempo passava percebeu que ele levaria algum tempo a percorrer todo o caminho desde Deva. Mas, enquanto esperava, descobriu a sua mão enfiando-se na de Caillean.

Estava ela a misturar-se num assunto que não era, afinal de contas, nada que lhe dissesse respeito? Não, disse firmemente a si própria. Era claramente o seu dever descobrir tudo o que pudesse sobre os parentes da rapariga que ainda estavam vivos. Assim fortificada, ela esperou; e o seu coração começou a bater quando por fim viu a sombra dele no caminho.

Era a primeira vez que via Gaius com o uniforme e o capacete da Legião romana; foi atingida pelo bem que lhe ficava. Ele parecia mais alto debaixo do carmesim capacete emplumado e a cor fazia realçar os seus olhos escuros. Ele entrou na clareira e deteve-se. Se ficou surpreendido por ver duas mulheres em vez de uma apenas o demonstrou pelo momentâneo pestanejar dos olhos.

Saudando-as, tirou o capacete da cabeça e pô-lo debaixo dum braço.

Eilan encontrou-se a olhar fixamente. Nunca antes tinha tido mais que um olhar passageiro para um oficial romano em uniforme completo; e isso acentuava as diferenças entre eles. «E no entanto », pensou, «pelas leis deles somos todos romanos.» Para ela foi como uma revelação.

Ele olhou para ela e sorriu; subitamente todas as coisas que ela tinha tencionado dizer-lhe varreram-se-lhe do espírito. Gaius virou o seu olhar de Eilan para a sacerdotisa mais velha, pensando o que raio devia dizer. Nunca tinha previsto que o seu encontro fosse observado por uma terceira pessoa. Não se tinha arriscado a enfurecer o seu pai e arriscado à ira do dela apenas para trocar algumas cuidadosas observações na presença dum verdadeiro dragão.

Mas quando encontrou o divertido olhar de Caillean a sua ira esfriou. Se Eilan era uma Virgem Vestal, ou a coisa mais perto disso que podia ser encontrada em todas as Ilhas Britânicas, dificilmente podia levar-lhe a mal por querer uma testemunha que confirmasse não ter quebrado os seus votos. Pensou como podia tornar claro que, para ele, ela era tão sacrossanta como uma Virgem no templo de Vesta. Lembrou-se o quanto tinha ficado subjugado com a confiança dela quando se tinha sentado a seu lado nas fogueiras de Beltane, quão tocado pela sua inocência.

Caillean, claro, era outro assunto; ele podia dizer sem precisar de pensar que a mulher mais velha não teria confiado nele - ou em ambos - longe da sua vista, e, por causa de Eilan, sentiu-se indignado. Mas, supunha, as sacerdotisas deviam ter sido educadas em histórias de ultrajes romanos. Para as mulheres da Casa da Floresta o simples facto de ele ser romano, e homem, era mais que suficiente.

E a verdade era que se Caillean ali não estivesse ele poderia ter beijado Eilan; ela estava muito sedutora no vestido de pálido linho que realçava o dourado do seu cabelo. Ele pensou que este traje devia ser uma espécie de vestido padrão entre as sacerdotisas, pois Caillean estava a usar o mesmo tipo de roupagens, se bem que as dela fossem azuis-escuras e lhe ficassem mal. Ambas tinham pequenas adagas curvas penduradas nos cintos.

Passado um instante, Eilan começou a contar-lhe sobre a rapariga que estava na Casa da Floresta, não muito coerentemente, mas ele percebeu logo que ela devia ser a filha da irmã de Valerius.

- Mas isto é extraordinário - exclamou. - Penso que ela deve ser a mesma rapariga sobre a qual vim aqui para falar contigo, a sobrinha do secretário do meu pai. Que idade tem ela?

- De facto, a Deusa deve estar a guiar-nos - disse Eilan.

- Penso que não tenha passado o seu décimo aniversário.

- Oh, bem, ela não é suficientemente velha para ser casadoura - disse ele, pois a lei romana não o autorizava a uma rapariga com menos de doze anos. Ele acrescentou alegremente:

- Isso é bom; de outro modo Valerius sentir-se-ia provavelmente obrigado pela sua honra a fazer algum arranjo. Agora apenas terá de se casar com alguém para arranjar um lar para ela.

- Isso não é necessário - disse Eilan. - A rapariga está bem e feliz onde está e podes dizer-lho.

Gaius franziu as sobrancelhas, sabia que para Valerius, que descendia duma boa e antiga família, não seria considerado adequado que uma parenta vivesse fora da protecção da família. Mas Valerius não tinha qualquer outra família, agora, para tomar conta da rapariga, e talvez a insistência de Eilan em como seria ela a cuidar pessoalmente da saúde e segurança da criança fosse suficiente para ele.

Afinal de contas, em Roma, para uma rapariguinha, a maior honra possível era a de ser levada para o templo de Vesta. Enquanto ela conservasse o seu estatuto ritual, era, no mínimo, tratada como uma rainha ou uma imperatriz. Arranjaria alguma maneira de Valerius o compreender.

Tinha a consciência de que estava ainda a fazer vãs observações sobre a rapariguinha, a qual não tinha sequer visto nunca, quando viu Caillean a olhar para ele. já tinham dito tudo o que legitimamente podiam dizer um ao outro, e estavam a começar a repetir-se. Era altura de se despedirem.

Ele deteve-se, olhando para Eilan ansiosamente. Supunha que nunca mais teria outra oportunidade de falar com ela, mesmo com este gênero de privacidade. Teria gostado de se ter despedido como devia ser, mas certamente que não o faria sob o olhar de Caillean. E, de qualquer modo, seria provavelmente melhor que ele próprio não se expusesse a uma tentação desse gênero. Mas Eilan ainda estava a olhar para ele, uma pergunta nos seus olhos.

- Eilan... - gaguejou, pois Caillean também estava a olhar.

- Sabes o que eu te diria... - Ele estendeu a mão, não se atrevendo a tocar-lhe, e então, como Caillean tossiu, transformou o gesto numa saudação formal de despedida. Mas leu a resposta de Eilan no seu sorriso.

Depois de ele se ter retirado, Eilan correu para Caillean.

- Então é este o romano que te tem mantido a sonhar acordada até ao ponto de dificilmente se poder confiar em ti, até mesmo para encher um colchão com fetos. Não consigo perceber; a mim não me parece que ele tenha nada de especial.

- Bem, não supus que viésseis a gostar particularmente dele protestou Eilan - , mas ele é bem parecido, não é?

Não vejo que o seja mais que qualquer outro romano - notou Caillean. - Ou, já que falamos nisso, que qualquer outro homem. Para mim, o teu irmão adoptivo, Cynric, é muito mais parecido. Tem uma face mais gentil e não parece acreditar que o mundo deve girar à sua volta.

Eilan pensou que não podia haveruma medida para o gosto; ela própria não

pensava que Cynric fosse particularmente atraente, mas Dieda certamente que achava. Mas Gaius era uma coisa diferente; para ela ele não parecia de modo nenhum tipicamente romano. Nem o próprio Gaius parecia pensar na sua ascendência romana como se isso fosse uma coisa muito especial. «Certamente que não o podia fazer se, durante algum tempo, esteve a pensar em abandoná-la para casar comigo », disse ela para consigo mesma.

Não tinha, nunca, por um instante posto a hipótese de casar com qualquer outro homem; e quanto a homens, o mundo estava cheio deles. Ela mal calculava o quanto o pensar em Gaius se tinha intrometido entre a sua antiga vida e o que agora lhe parecia natural.

- Eilan, estás a sonhar em pé outra vez - notou Caillean asperamente. - Vai procurar Senara e diz-lhe o que descobriste; e depois vai ter com Latis para a tua lição. Se conseguires prestar atenção pode ser que algum dia sejas tão capaz na tradição das ervas como Miellyn.

Assim admoestada, Eilan partiu para os seus deveres: mas não conseguia resistir a repassar obsessivamente, uma e outra vez, cada palavra que tinha dito a Gaius e cada palavra que ele lhe tinha dito. Não podia acreditar que nunca mais o veria ou falaria com ele; parecia que ele fazia já parte da sua vida, mesmo depois da sua despedida formal.

Nessa noite, quando entrou no seu turno para servir Lhiannon, a mulher mais velha olhou para ela consternada.

- O que é que ouvi dizer? Que estiveste fora do templo para te encontrares com um homem? Não é esse o comportamento que se espera duma sacerdotisa da Casa da Floresta. Estou desapontada contigo - ralhou-lhe ela.

Eilan corou, zangada. Mas, afinal de contas, tinha sido exactamente por causa disto que tinha pedido a Caillean para testemunhar o seu encontro.

- Não lhe disse nem uma palavra que não pudesse ter sido dita na presença de todas vós.

Lhiannon suspirou.

- Não disse que o tenhas feito, mas o que é facto é que não foi dita na presença de todas nós e haverá falatório. A Deusa seja louvada, Caillean estava lá; mas ela devia saber que não podemos dar-nos ao luxo de ter nem que seja a suspeita dum escândalo, de modo que é ela e não tu que irá ser punida por isto. Mas antes que faças de novo algo do gênero, imploro-te que penses que fizeste

com que um castigo caísse sobre a cabeça de outra. Tu és jovem, Eilan, e os jovens são sempre irreflectidos.

- Castigada? Mas isso não é justo! O que ireis vós fazer-lhe? perguntou apreensivamente Eilan.

Não lhe baterei, se é nisso que estás a pensar - disse Lhiannon sorrindo. - Mesmo quando ela era uma criança pequena nunca lhe bati; talvez o devesse ter feito. Quanto ao seu castigo, é com ela o dizer-te se o quiser.

- Mas, Mãe - protestou Eilan -, fostes vós que me dissestes para indagar se a criança tinha alguma família.

- Não disse que devias indagar entre os romanos - disse irritadamente Lhiannon.

Eilan pensou como é que se podia esperar que ela encontrasse os familiares de uma criança romana de outra maneira.

Mais tarde, entre as sacerdotisas, Eilan encontrou uma oportunidade de falar com Caillean.

- Lhiannon disse-me que tinha de te castigar. Podes perdoar-me? Será muito mau? Ela disse que não te bateria.

- Não o fará - disse Caillean. - Há uma casa na floresta para onde ela provavelmente me mandará passar algum tempo a meditar nos meus pecados enquanto limpo os arbustos e as ervas daninhas que a rodeiam e ponho o sítio em ordem. Não é um grande castigo; provavelmente Lhiannon não se dá conta que para mim, na verdade, é um luxo estar sozinha com a minha música e os meus pensamentos. Sendo assim, não deves pensar que estou a ser maltratada.

- Sozinha na floresta? Mas não terás medo?

- O que é que me assustaria? Ursos? Lobos? Vagabundos? Os últimos ursos vistos nesta parte do mundo foram apanhados há mais de trinta anos. E quanto tempo é que já se passou desde que viste nem que fosse apenas um tapete de pele de lobo no mercado? E quanto aos homens, tens boas razões para saber que posso assustar qualquer homem ao cimo da terra. Não, eu não tenho medo.

- Eu ficaria aterrorizada - disse Eilan sombriamente.

- Estou certa que sim; mas eu não tenho medo da minha própria companhia. E, sem ter uma lição ou uma tarefa a interromper-me, posso pensar na minha música o tempo que me apetecer. Assim, ficarei feliz - assegurou-lhe Cailian. - Não há nada neste castigo, se é ela assim que lhe chama, que me preocupe.

Eilan não disse mais nada, e sabia que, pelo menos quando se tratasse do que respeitava a cuidar de Lhiannon, ela e Dieda partilhariam de boa vontade as tarefas de Caillean entre si. Bem, isso não era nenhum sofrimento; ela amava Lhiannon apesar dos seus defeitos e sabia que a sua parenta também gostava dela. Iria, contudo, sentir a falta de Caillean.

Ocorria-lhe, agora, que se Lhiannon fosse um tipo de pessoa diferente, ela própria poderia ter sido sovada ou severamente punida. o que quer que Caillean pensasse do seu castigo, tinha sido Eilan que o tinha trazido para cima da mulher mais velha. Sentia-se culpada por isso, mas não o suficiente para lamentar o seu encontro com Gaius. Desejava, apenas, ter sido capaz de dizer metade do que tinha querido, se bem que o que isso era não o pudesse nomear.

Quando Caillean partiu da Casa da Floresta, Eilan percebeu que a mulher mais velha não era, na verdade, muito popular entre as outras mulheres. Apenas Miellyn e Eilidh pareciam ser verdadeiramente suas amigas - e, claro, Lhiannon.

O tempo mudou enquanto o Verão se aproximava do Outono. À medida que o equinócio se aproximava começou a chover, e, já no final duma tarde, enquanto as mulheres na Casa das Donzelas se Sentavam à roda do fogo, Eilan encontrou-se a pensar em Caillean no seu exílio, Pingaria o tecto da cabana? Como reagiria ela à solidão e ao silêncio da floresta?

As mulheres tinham estado a inventar charadas e, finalmente cansadas desse passatempo, pediram a Dieda para cantar ou para lhes contar uma história.

Dieda aquiesceu.

- O que querem que lhes conte?

- Conta-nos uma história do Outro Mundo - disse Miellyn.

- Conta-nos como Bran, filho de Febal, viajou para as terras do ocidente. Todos os bardos aprendem essa.

E assim Dieda, meio contou, meio cantou, a história de Bran e do seu encontro com o deus do mar, Manannan, Senhor da Ilusão, que transformou o mar numa florescente floresta de árvores, os peixes em pássaros a voar no ar, as ondas em floridos arbustos e as criaturas do mar em carneiros; assim parecia como se estivessem a velejar no meio dum florido bosque, E quando Manannan caiu do barco abaixo as ondas vieram a correr até ele, de tal modo que o deus do mar foi depositado na praia e todos os outros homens se afogaram.

Quando acabou elas pediram outra história, como se fossem criancinhas que estivessem sentadas com um encantamento.

- Conta a história do Rei e das Três Bruxas - sugeriu uma das mulheres, e Dieda começou-a tal como todas as histórias eram começadas.

- Há muito tempo, os tempos eram melhores que agora e havia mais portões entre o Outro Mundo e este, e se eu lá tivesse estado não estaria aqui agora... Bem, então, há mais tempo que aquele que o mais velho dos avós se pode

lembrar, numa casa na fronteira com o Mundo Subterrâneo, vivia um rei e a sua rainha...

«E ’foi na véspera de Samaine, quando os portões entre os mundos estão abertos, e no tempo entre os tempos, entre a meia-noite de um dia e a alvorada do dia seguinte, que chegaram três bruxas à sua porta. A primeira tinha um focinho como o de um porco e o seu lábio inferior pendia-lhe até aos joelhos e escondia o seu traje; a segunda tinha ambos os lábios dum dos lados da cabeça e uma barba pendurada que lhe ocultava os seios; e a terceira era uma criatura horrenda, com um braço e uma perna. Debaixo do braço transportava um porco que era tão mais bem parecido que ela que era como se o porco fosse uma princesa.

Nesta altura já todas as mulheres estavam a rir. A própria Dieda sorriu um pouco e continuou.

- As três bruxas entraram e sentaram-se em três bancos ao pé do fogo, de modo que não havia lugares perto do fogo para o Rei e para a sua rainha, que se viram forçados a se sentar perto da porta.

«Então, a primeira delas, a do grande lábio, disse: Estou com fome; o que tens para comer?” E eles apressaram-se a fazer-lhe uma panela de papa de aveia; e ela comeu o panelão de papa de aveia, que chegava para uma dúzia de homens,

e gritou: ”Vós sois mesquinhos, ainda tenho fome.”

«Ora nesta noite nenhum pedido dum hóspede pode ser recusado; e assim a Rainha e as suas serviçais prepararam-se para fazer mais papa de aveia para os seus hóspedes e puseram alguns bolinhos de aveia a cozer na lareira. Mas não importava quanta comida punham à frente da convidada que ela resmungava, ”Ainda tenho fome”.

«Então, a segunda, a barbada, queixou-se, ”Tenho sede”. Quando trouxeram um barril de cerveja, ela bebeu-o todo dum só gole e queixou-se que ainda estava seca. E quando começaram a recear que as bruxas fossem comer todas as provisões para o Inverno que se aproximava, a Rainha e o Rei saíram e conferenciaram sobre o que deveriam fazer com as suas hóspedes. E então, um dos do Povo Alegre apareceu-lhes vindo de trás dum morro e deu os bons-dias à Rainha.

- Que todos os deuses vos guardem, boa senhora; porque estais a chorar? - E a Rainha contou-lhe sobre as três horrendas bruxas e do medo que tinha que as criaturas tencionassem comer tudo o que tinham e, depois, comer o Rei e a Rainha. E a fada disse-lhes o que deviam fazer.

- Assim, a Rainha entrou e sentou-se a tricotar; e, finalmente, a primeira bruxa perguntou, «O que estás a fazer, Avózinha?»

- E a Rainha replicou, «A tricotar uma mortalha, cara Tiazinha.»

- E a segunda bruxa perguntou, através da sua barba. «Para quem é a mortalha, Avózinha?»

- «Oh, Para quem quer que eu encontre que esteja sem ter onde dormir esta noite, cara Tiazinha ».

- E, passados uns instantes, a terceira perguntou, beijando o seu porco, «E quando é que irás usar a mortalha, Avózinha?»

- E nesse preciso momento o Rei entrou disparado e gritou, «A montanha negra e o céu sobre ela estão a arder.»

- E quando ouviram isto, as três bruxas gritaram, «ALAS, ALAS, o nosso pai foi-se », e saíram pela porta fora, e nunca mais foram vistas nesse país por

nenhum ser vivo; ou se o foram, então não ouvi nada sobre isso.

Dieda calou-se. Depois de uma longa pausa, enquanto o vento gemia ruidosamente à volta do edifício, Miellyn disse:

- Ouvi Caillean contar uma história muito parecida com essa há muito tempo; aprendeste-a com ela?

- Não - disse Dieda. - Ouvi o meu pai contá-la uma vez quando era muito pequena.

- Suponho que é muito antiga - disse Miellyn - e, claro, ele é um dos maiores bardos. Mas tu contaste-a tão bem como qualquer druida. Tu ou Caillean podiam chefiar a escola tão bem como ele.

- Oh, sem dúvida - zombou Dieda. - E por que não fazer de nós juizas, também?

«Por que não, de facto?», pensou Eilan. Caillean teria tido uma resposta para isso, mas Caillean não estava aqui.

TREZE

Depois de Gaius ter tranquilizado Valerius transmitindo-lhe que a sua parenta estava a salvo ao cuidado de Eilan, na Casa da Floresta, fez planos para partir outra vez antes do seu pai o começar a importunar sobre o casamento. Desde que tinha visto Eilan estava ainda mais determinado a não deixar que o casassem com qualquer rapariga romana, Desde a morte do Imperador Tito, e da ascensão ao trono de Domiciano, a insegurança era geral e Gaius sabia que o pai estava a tentar procurar alianças.

Passado algum tempo foi à cidade. A manhã tinha estado opressivamente quente e húmida, mas nesta altura estavam-se a formar grandes nuvens a Oeste e sentiu o cabelo agitado por um vento frio. Uma vez, um velho centurião tinha-lhe dito que neste país havia duas maneiras de descrever o tempo: se se conseguia ver as montanhas, estava para chover; se não, já estava a chover. O homem tinha suspirado, então, com saudades dos claros céus azuis de Itália, mas Gaius deu um agradecido alento do vento húmido. Quando caiu a primeira gota de chuva os romanos começaram a correr à procura de abrigo. Mas havia um homem que permaneceu imóvel, tal como ele, de cara voltada para o céu.

Sem grande surpresa, Gaius reconheceu Cynric.

- Acompanhas-me numa taça de vinho? - E fez um gesto na direcção da taberna onde se tinham encontrado antes. Cynric abanou a cabeça.

- obrigado; penso que é melhor não. Preferia que pudesses dizer que não me viste. Para dizer a verdade, seria muito melhor para ti se pudesses dizer que não sabes muito sobre as minhas idas e vindas. Desse modo não terei de te pedir que mintas.

Gaius levantou uma sobrancelha.

- Estás a brincar?

- Quem me dera que estivesse. Eu nem devia estar aqui a falar contigo desta maneira; se bem que tu possas honestamente dizer que me encontraste por acaso.

- Não te preocupes - disse Gaius, olhando à sua volta. Uma rajada de vento fez com que gotas de chuva caíssem na estrada, levantando pequenos montes de poeira ao cair.

- Todos os bons romanos estão a salvo abrigados e não querem saber de dois malucos parados à chuva! Ouve, Cynric, preciso de falar contigo sobre Eilan...

Cynric fez uma careta.

- Imploro-te, não fales sobre isso. Esse deve ter sido o maior erro que fiz este ano; Lhiannon ficou furiosa comigo. Não foi feito nenhum verdadeiro mal, mas não tentes ver a minha irmã adoptiva outra vez. - Ele olhou nervosamente à sua volta. - Mesmo que possas dar-te a esse luxo, eu não devo ser visto a falar com um oficial das legiões em uniforme completo. De facto, o melhor é mesmo fazeres de conta que não me conheces se por acaso nos encontrarmos de novo.

E acrescentou:

- Não me ofenderei. Alguém finalmente percebeu que eu ainda estava a trabalhar para os Ravens e ocorreu-lhes que o estar a servir nos auxiliares me

colocava numa posição ideal para provocar sarilhos quando chegasse a ocasião. Assim, proscreveram-me, e se for avistado a menos de vinte milhas da cidade romana posso ser condenado para as minas, ou a algo pior, se é que há alguma coisa pior. Felicidades! - Cynric virou-se.

Gaius pestanejou, percebendo subitamente que Cynric já não usava a insígnia de Roma. Devia ser por isso que ele estava disposto a falar tão sinceramente. Estava ainda a tentar pensar nalguma coisa para dizer quando o amigo se meteu por uma rua lateral e desapareceu, deixando-o sozinho à chuva. Gaius avaliou o impulso de segui-lo. Se Cynric era verdadeiramente um inimigo de Roma, até uma morte rápida era preferível a mandá-lo para as minas de chumbo de Mendip.

«Não tentes ver a minha irmã adoptiva outra vez.»

As palavras de Cynric ecoaram-lhe na cabeça. Era este, então, o fim da sua esperança de contacto com Eilan? Sem dúvida que Cynric e o seu pai tinham razão. Quando puxou as vermelhas escuras dobras do seu capote militar para cima da cabeça e começou a descer a rua, a humidade nas suas faces não era inteiramente da chuva.

Caillean parou na soleira da porta do salão principal, estremecendo quando a tagarelice lhe atingiu os ouvidos. Depois de mais de duas luas sozinha, tinha-se

esquecido da quantidade de barulho que as mulheres eram capazes de fazer quando estavam todas engaioladas juntas. Por um momento o seu desejo foi virar-se e fugir para a solidão da sua cabana na floresta.

- Então estás de volta - comentou Dieda, reparando finalmente nela. - Admiro-me porquê, depois do modo como Lhiannon te tratou. Tendo-te visto livre de nós, pensava que terias continuado a ir!

- E por que estás tu ainda aqui? - replicou Caillean excitada. - O homem que amaste está lá longe, no Norte, com as aguias a persegui-lo. Não será o teu lugar, então, a seu lado?

Durante um instante a raiva brilhou na cara da mulher mais nova, para ser rapidamente substituída por algo parecido com desespero.

- Pensas que eu não teria fugido daqui nesse mesmo instante se ele mo tivesse pedido? - perguntou ela com amargura. - Mas a sua lealdade está entregue à Senhora dos Ravens e se não posso ser a primeira para o homem que amo prefiro tomar os votos finais duma sacerdotisa e não ter nenhum de todo!

- A voz falhou-lhe quando as outras mulheres se viraram e Caillean olhou para ela com uma piedade relutante, grata por nunca ter sido tentada a amar.

- Caillean... - Eilidh apressou-se na sua direcção. - Tinha a esperança que voltasses hoje. Lhiannon está nos seus alojamentos. Vai ter com ela já. Ela nunca se\queixa mas eu sei que tem sentido a tua falta.

«E bem que pode », pensou Caillean enquanto atravessava o pátio, puxando o xale por cima da cabeça para afastar a chuva, «uma vez que foi ela que me mandou embora!»

Como sempre depois de uma ausência, Caillean sentiu-se chocada com a fragilidade de Lhiannon. «Ela não fará ossos Velhos », pensou, olhando para ela. Não havia nenhum sinal aparente de doença, apenas uma cada vez maior transparência, mas um instinto aguçado por anos de sacerdotisa disse-lhe que a mulher mais velha estava a ser consumida a partir do seu interior.

- Mãe, estou aqui - disse suavemente. - Queríeis ver-me? Lhiannon voltou-se e Caillean viu que os seus lânguidos olhos brilhavam com lágrimas.

- Tenho estado à tua espera - disse suavemente. - Perdoar-me-ás o ter-te mandado embora?

Caillean abanou a cabeça, sentindo a sua própria garganta a apertar-se e atravessou rapidamente o quarto para se ajoelhar perto da cadeira da Grã Sacerdotisa.

- O que há para perdoar? - perguntou debilmente, pousando a cabeça nos joelhos da mulher mais velha. Sentiu as suas próprias lágrimas começarem a cair quando Lhiannon lhe tocou no cabelo. - Nunca me devia ter tornado numa sacerdotisa, tal o problema que tenho sido para vós! - Subitamente, graças àquele terno toque na sua testa, uma barreira que tinha começado a abrir fendas quando abriu o coração a Eilan, há tanto tempo, foi completamente varrida.

- Nunca vos consegui dizer - murmurou. - Primeiro não compreendia, depois tive vergonha. Não sou uma donzela pura. Em Eriu, antes de me terdes encontrado, fui usada por um homem... - A voz embargou-se. Houve um silêncio e, depois, os finos dedos começaram de novo a acariciar-lhe o cabelo.

- Ah, pequenina, é isso que te tem perturbado? Eu sabia que havia qualquer coisa, mas não quis perguntar. Não eras ainda sequer uma mulher quando te trouxe de Eriu. Como podias pecar? Se não falamos dessas coisas é apenas porque há aqueles que não compreenderiam. Devemos manter as aparências.

Mas ouve Caillean, minha querida... o que quer que te tenha acontecido antes de teres vindo para cá não tem importância, não para a Deusa, e certamente não para mim, desde que enquanto tu viveres na Sua Casa a sirvas bem e fielmente!

Ainda a chorar, Caillean estendeu as mãos para apertar as da mulher mais velha. Apesar de exasperos ocasionais, compreendeu então que o que sentia por Lhiannon era decerto tão profundo como qualquer amor que pudesse ter sentido por qualquer homem, se bem que de um género diferente. E também amava Eilan, cuja compreensão lhe tinha primeiro permitido enfrentar essas memórias. Mas, pelo menos, nenhum destes amores entraria, nunca, em conflito com os seus votos como sacerdotisa.

Houve momentos, durante os dias do exílio de Caillean, em que as gotas de chuva que caíram dos beirais da Casa da Floresta tinham parecido enraizar-se no coração de Eilan. Gaius tinha partido, e ela não o veria novamente; isso tinha-lhe sido tornado claro. Foi um alívio ver esses pensamentos interrompidos quando Caillean mandou chamar por ela.

- Estais de volta! - exclamou quando passou pelas cortinas de lã penduradas na porta do quarto de Caillean. - Ninguém me tinha dito! Há quanto tempo estais cá?

- Um dia apenas - disse a sacerdotisa. - Estive com Lhiannon.

Eilan abraçou-a e chegou-se para trás, para olhar para Caillean de cima a baixo.

- Não te fez nenhum mal, em qualquer caso. - Ela parecia bronzeada e saudável, e a pequena ruga que por vezes marcava o crescente azul tatuado entre as suas sobrancelhas tinha-se desvanecido. - Eles já te perdoaram pelo meu crime?

Caillean sorriu.

- Está esquecido. E é por isso, criança, que eu te mandei chamar. já aqui estás há três anos e tens-te portado bem nos teus estudos. Chegou a altura de decidires se te queres tornar verdadeiramente numa de nós e tomar os teus votos.

- já se passou tanto tempo? - Era difícil de acreditar que afilha de Mairi era ja uma vicejante criança com três anos de idade, e que o seu filho mais velho estava quase com cinco. E no entanto, ao mesmo tempo, parecia a Eilan que tinha estado aqui desde sempre, A sua antiga vida estava esquecida, e quando sonhava com Gaius era sempre com os braços dele à sua volta, a voz a

murmurar-lhe ao ouvido. Não conseguia imaginar-se a viver com ele no mundo romano.

- A Dieda também irá tomar votos agora? - Estavam todas conscientes da amargura de Dieda em relação ao que ela via como a deserção de Cynric, e agora, que ele estava proscrito, quem podia dizer quando seria seguro para ele voltar? O seu empenhamento num treino de guerreiro e a sua vingança ainda comandavam a sua primeira lealdade. «Como a lealdade que prende Gaius ao mundo do seu pai », pensou Eilan.

- Isso é entre ela e a Deusa - disse severamente Caillean.

- Agora estamos a falar de ti. É ainda o teu desejo continuar entre nós, pequenina?

«Dieda tomará os seus votos, e também eu o farei », pensou Eilan. «Por que não, quando nenhuma de nós pode jamais vir a ter o homem que ama?»

- Sim, é. Pelo menos... - hesitou - se a Deusa ainda me quiser, sabendo que o meu amor foi primeiro dado a um homem.

- Isso não importa - Caillean sorriu radiante. - A Deusa não toma em consideração nada que te tenha acontecido antes de teres tomado os teus votos. Finalmente contei a Lhiannon o que me tinha acontecido e ela assegurou-me que assim é. É a ti que devo essa bênção, e fico feliz de poder transmitir-ta!

- Há alguns que não o veriam desse modo - disse Eilan com amargura.

- Não deves deixar que eles te perturbem. - Caillean colocou-lhe as mãos nos ombros e fitou-a nos olhos, e pareceu a Eilan que os escuros olhos da sacerdotisa eram como o lago sagrado, no qual passado e futuro podiam ser vistos.

- Ouve, irmãzinha, e dir-te-ei a verdade que existe no coração dos mistérios. Todos os deuses, e também todas as deusas, são um, quer lhe chamemos Arianrhod, ou Cathubodva, ou Don. A Luz da Verdade é Uma, mas nós vemo-la como a luz que se reflecte através de cristais ou prismas, em muitas cores. Cada um dos modos pelo qual homens e mulheres veem os seus deuses, ou as suas deusas, contém uma parte dessa verdade. Nós, que vivemos na Casa da Floresta, somos privilegiadas por vermos a Deusa de muitas maneiras, e por chamá-la por muitos nomes, mas conhecemos este primeiro e maior de todos os segredos, e que é que os deuses, como quer que lhes chamem, são todos um.

- Então isto significa que os deuses dos romanos são os mesmos deuses e deusas que nós servimos?

- De facto... é por isso que eles esculpem as suas imagens com os atributos de ambos, quando aqui constroem os seus altares votivos. Mas é verdade que, enquanto nós na Casa da Floresta conhecemos a identidade de todos os deuses por qualquer nome que lhes possamos chamar, acreditamos que servimos a Deusa naquela que é, talvez, a mais pura das Suas formas, a da divindade presente em todas as mulheres. E assim nós comprometemo-nos a servi-la como Mãe, Irmã e Filha. É por isto que, por vezes, dizemos que vemos a Face da Deusa na face de todas as mulheres.

Por um momento, a exaltação nas palavras de Caillean avassalou-a, depois sentiu um súbito acesso de cólera. Por que é que tinham ficado todos tão zangados devido ao seu interesse por um romano, se os seus deuses eram todos os mesmos? Caillean tinha estado presente quando ela tinha falado com Gaius, e sabia o que ela sentia por ele. Como é que ela podia dizer que esses sentimentos já não teriam importância quando ela tivesse tomado os votos? Eles eram uma parte dela, tão sagrados como o êxtase que ela por vezes sentia quando a presença da Deusa a inundava como a luz do luar a brilhar no lago sagrado.

- O que será exigido de mim?

- Farás o voto de permanecer casta para sempre, a não ser que sejas escolhida pelo deus. E comprometer-te-ás a não falar disparatadamente dos segredos do templo com os não ajuramentados, e que te esforçarás sempre para cumprir a vontade da Deusa e de quem quer que legitimamente te dê ordens em qualquer dos seus nomes.

Caillean fez uma pausa, observando-a, e Eilan reflectiu no quanto a amava e tinha acabado por amar as outras mulheres e a vida que aqui levavam. Enfrentou o escuro olhar da sacerdotisa.

- jurarei de boa vontade tudo isso...

- E demonstrarás que és senhora das artes que te ensinámos e que a Deusa está disposta a aceitar-te? Compreenderás que não to posso descrever... na realidade, dizem que para cada candidata o ordálio é diferente, de modo que, mesmo que o meu juramento o não proibisse, não te podia dizer mais nada.

Eilan reprimiu um arrepio de ansiedade. Vivendo na Casa da Floresta, tinha ouvido rumores de candidatas que tinham falhado e sido mandadas embora, ou, pior ainda, desaparecido.

- Eu compreendo, e estou disposta - disse calmamente.

- Então, assim seja - disse Caillean - em Seu nome dou-te agora as boas-vindas como candidata a sacerdotisa. - Ela beijou Eilan na face, e esta lembrou-se de que uma das sacerdotisas mais jovens lhe tinha feito o mesmo quando chegou à Casa da Floresta pela primeira vez. Durante uns instantes os dois beijos confundiram-se; pestanejou, entontecida pela sensação de estar a repetir um momento que já tinha vivido muitas vezes antes.

- Então, tomarás os teus votos na lua cheia antes de Samaine, na presença das sacerdotisas. Lhiannon e o teu avô ficarão muito satisfeitos.

Eilan olhou fixamente para ela. Decerto ela não estava a fazer isto por causa deles! Caillean tinha-lhe pedido para escolher, mas não teria a sua decisão sido, de facto, influenciada pelas expectativas da sua família e, talvez, por outras forças obscuramente pairando nas sombras para lá da percepção?

- Caillean... - murmurou, estendendo os braços para a sacerdotisa. - Se eu me consagrar à Deusa não será porque sou filha e neta de Druidas, ou até porque nunca mais vou ver Gaius? Tem que haver algo mais.

Caillean olhou para ela.

- Quando nos encontrámos pela primeira vez pareceu-me que tinhas um destino entre nós - disse devagar. - Sinto-o ainda com mais força agora. Mas não posso garantir que sejas feliz, criança.

- Não espero ser... - a respiração de Eilan prendeu-se num soluço. - Desde que haja alguma razão, alguma finalidade, nisto tudo!

Caillean suspirou e estendeu os braços, e Eilan encostou-se a ela, sentindo o aperto na sua garganta aliviar-se quando a outra mulher lhe acariciou o cabelo.

- Há sempre uma razão, minha querida, se bem que se possa passar muito tempo antes que a percebamos... é este todo o conforto que te posso oferecer. Se a Deusa não sabe o que Ela está a fazer, qual o significado, então, do mundo?

- É suficiente - murmurou Eilan, ouvindo o coração da outra mulher a bater, regular e vagarosamente, por baixo do seu ouvido. - Se também tiver o teu amor.

- Tens... - A voz de Caillean era tão baixa que mal podia ser ouvida. - Amo-te como Lhiannon me tem amado a mim...

A Lua cheia olhava para baixo dos céus como um vigilante olho, como se Arianrhod tivesse decidido observar pessoalmente as cerimónias. Quando o cântico das sacerdotisas que a tinham trazido até aqui se tinha desvanecido até um total silêncio, um frio interior percorreu os braços de Eilan apesar de a noite estar quente. Teria ela estado à espera que chovesse? Não teria feito nenhuma diferença; se os druidas tivessem deixado que o tempo afectasse os seus rituais, seria porque a sua religião não era grande coisa. Sabia que devia estar grata por os céus terem decidido abençoar a sua iniciação, mas o luar fazia-a sentir-se inquieta.

Pelo menos a luminosidade tornaria mais fácil seguir o caminho, e tudo o que as sacerdotisas tinham pedido era que ela atravessasse a floresta de volta ao templo, o que não parecia um grande ordálio. Desejosa de ver tudo acabado, Eilan apressou-se pelo meio das sombras por baixo das árvores, longe do implacável olhar da Lua.

Tinha andado apenas o tempo que leva a fiar uma jarda de fio quando se

apercebeu de que estava perdida.

Controlando a respiração, Eilan voltou-se. Isto, supunha ela, deve ser o primeiro teste ao seu treino, para ver se ela conseguia usar os seus sentidos interiores para encontrar o caminho. Ela atraiu a si o imutável poder da terra por baixo dela - isso, pelo menos, não tinha mudado. As energias da Lua e das estrelas cantavam lá no alto e, enquanto se abria para se tornar o pilar que unia essas forças, expirando e inspirando num ritmo regular até saber que se encontrava no centro do universo, o medo desapareceu.

Abriu os olhos uma vez mais. O pânico tinha desaparecido, mas o luar que se filtrava através das folhas parecia vir de todos os lados ao mesmo tempo, e ela não fazia a mínima ideia em que direcção estava o templo. Apesar disso, se escolhesse uma direcção qualquer, e a seguisse, eventualmente conseguiria atravessar a floresta. Houve uma altura, tinham-lhe dito , em que toda esta <

ilha tinha estado coberta de árvores, mas agora a terra estava salpicada com estradas, pastagens e campos. Certamente não teria de caminhar muito tempo antes de encontrar alguém que lhe pudesse indicar o caminho.

Cantando suavemente com os lábios fechados, Eilan continuou o seu caminho em frente e só mais tarde se apercebeu de que o que tinha estado a cantar era a canção que as sacerdotisas cantavam quando da ascensão da Lua.

Enquanto andava, a salpicada luminosidade da Lua transformou o mundo e ela percebeu porque a tinha assustado. Cada galho estava delineado em prata; as folhas brilhavam, e a luz dançava e tremeluzia em cada pedra... mas, agora, Eilan percebeu que estava a ver algo mais que o luar. Cada ser vivo na floresta tinha o seu próprio brilho - uma radiação que aumentava até ela poder ver quase tão distintamente como via à luz do dia. Mas não era dia, pois esta luz não provocava sombras, uma iluminação difusa na qual as cores da floresta brilhavam como mudas joias. Com um pequeno arrepio percebeu que tinha ultrapassado a fronteira que separa os campos do homem do Outro Mundo.

Era, verdadeiramente, como as suas professoras lhe tinham dito; a Terra dos Vivos e o mundo do homem dispunham-se como as dobras dum manto, e, onde se tocavam, podia-se passar facilmente de um para o outro. Ou talvez fosse *só às* vezes que os mundos se juntavam tanto - em alturas como esta, quando as sacerdotisas tinham cantado as canções sagradas.

O bosque em que tinha entrado estava cheio com carvalhos e aveleiras e espinheiros como nenhum outro. Algumas das árvores que estava a ver eram familiares, mas outras não eram de nenhuma espécie que conhecesse. Perto dum vicejante carvalho entreviu uma árvore com uma casca de prata e pequenas flores de ouro. Uma sorveira brava estava carregada de flores e frutos vermelhos, simultaneamente, se bem que no mundo humano o tempo de floração já tivesse passado e os frutos não estivessem ainda a romper nas ramagens.

Flores enchiam o ar com um perfume estonteante. Agora que podia ver o caminho andava com mais confiança, o deleite que sentia quase a fazendo esquecer o que a tinha trazido aqui. Sombriamente, realizou que esta sedução dos sentidos poderia ser o maior dos perigos, e tentou lembrar-se do seu objectivo. Um vacilante sentido do dever, mais que qualquer outra emoção, fê-la deter-se numa pequena clareira onde vidoeiros prateados e sorveiras bravas sussurravam na fragrante brisa como donzelas assistindo a um festival. Fechou os olhos.

- Senhora, ajudai-me! Poderes que viveis neste local, eu vos glorifico... - disse suavemente. - Peço-vos o favor, mostrai-me por onde devo ir...

Quando olhou de novo, ela entreviu no meio das árvores uma avenida ladeada por toscas pedras. Deslocou-se ao longo dela, andando com o gracioso e compassado passo que as donzelas tinham sido ensinadas a usar nas cerimónias. Nesta altura, a estrada passava entre dois grandes pilares esculpidos com espirais e chaveirões. Por trás deles, Eilan viu um lago cujas águas brilhavam como que reflectindo a luz da escondida Lua.

Mal se atrevendo a respirar, Eilan passou entre as duas grandes pedras e olhou para o lago. isto, pelo menos, tinha feito parte do seu treino, pois uma das primeiras artes que tinha aprendido foi a de consultar na bacia. Um vento repentino agitou levemente as águas e, quando elas se acalmaram, viu que a bacia tinha sido como uma vela ao pé do Sol, quando comparada com o poder do lago.

Nas suas profundezas Eilan viu o mar, resplandecente de esmeralda e safira, por baixo dum céu como translúcido vidro azul. Enquanto olhava fixamente, lago, floresta e pedras, tudo desapareceu, e ela flutuou como um pássaro a voar por cima das ondas. Abraçada por essas águas encontrava-se uma ilha cintada por penhascos de arenito vermelho, coroada por brancos templos construídos entre bosques de árvores escuras. Na colina mais alta erguia-se um templo maior que todos os outros, cujo telhado brilhava como ouro.

Eilan desceu mais baixo e viu uma mulher vestida de branco a andar ao longo do parapeito, olhando para o mar. Havia ouro no pescoço e nos pulsos da mulher, ouro rodeava-lhe a testa, e o seu cabelo era como uma chama, mas os seus olhos eram os de Caillean. Um homem novo saiu do templo e ajoelhou-se à sua frente, encostando a cabeça ao seu ventre. Quando a sacerdotisa o abençoou, Eilan viu os dragões tatuados enrolando-se pelos braços dele acima. E pareceu-lhe que uma voz como gotas de chuva a cair cantou...

«Ai da terra para lá das ondas...

Ai da terra que ninguém podia salvar...

O perdido conhecimento que Deuses uma vez concederam ... »

Na altura mesmo em que o canto desapareceu, o cenário mudou. Ela teve a sensação de que muitos anos se tinham passado. De súbito, o centro da ilha explodiu num enorme cogumelo de rubro fulgor e as águas levantaram-se como uma parede de vidro verde, e engoliram árvores, e templos, e tudo o resto. Na altura exacta em que a ilha se afundava, uma frota de barcos fugiu dela, lançando-se pela água como gaivotas assustadas. Ela seguiu um deles, com um dragão pintado na vela, enquanto ele atravessava rapidamente a água, velejando em direcção ao Norte, até que brumas prateadas encobriram a radiância do Sol e o mar se tornou cinzento e verde como as águas que ela conhecia.

Agora, ela via terra uma vez mais, brancas falésias e altas colinas relvadas. Passou as colinas voando a grande altitude e chegou a uma elevada, extensa planície, onde longas filas de homens trabalhavam arduamente, puxando cordas que arrastavam grandes blocos de pedra. Parte da construção estava já no seu lugar e ela conseguia visionar o que faltava. Tinha ouvido a Dança dos Gigantes descrita vezes suficientes para reconhecer o grande círculo de pedras. O homem que estava a dirigir os trabalhos parecia-se com o seu pai, mas submetia-se a outro, que lhe recordava Gaius, mais pequeno e escuro, como um homem da tribo dos Silures, mas vibrante de poder. O segundo homem fez um gesto na direcção da construção e ela viu os dragões que lhe tinham sido tatuados nos antebraços ondularem quando os músculos se moviam.

Um vento agitou a erva alta da planície, e, quando passou, o cenário tinha mudado outra vez. Fascinada, Eilan olhou enquanto uma imagem se seguia à outra. Colorações e tipos de feições mudavam cada vez que nova gente

desembarcava nesta terra. Mas, uma e outra vez, ela reconheceu uma expressão ou gesto que lhe era familiar - o toque do seu avô numa harpa; a régia graça de Lhiannon; e até ela própria, viajando num coche, como uma rainha. Um homem alto viajava a seu lado, e ela soube que era aquele cujo toque lhe tinha dado acesso ao seu próprio poder.

«Tudo o que tem sido sê-lo-á sempre; o Dragão ergue-se do mar; Apenas os sábios são verdadeiramente livres ... »

chegou aquela clara voz do outro lado do mundo.

A última imagem foi a de uma colina de nodoso granito, onde crescia a urze púrpura. Ventos gelados sopraram para Leste vindos do mar, percorrendo os ondulantes campos. Neste local batido pelo vento, verdadeiras árvores cresciam apenas ao longo do estreito onde a ilha enfrentava a austera massa do continente. No próprio instante em que percebeu que estava a ver Mona, o cenário mudou, e Eilan viu homens da sua propria raça vestidos de branco, e mulheres em vestidos azul meia-noite, as suas faces rigidas enquanto empilhavam madeira em grandes piras.

Por um momento não percebeu. Então, um raio de luz ondulou ao longo da praia oposta. Pestanejou, reconhecendo armaduras de Roma. O povo de Mona também o viu, e, subitamente, as piras começaram a arder furiosamente. As

sacerdotisas dançaram em frente delas, as suas sombras contorcendo-se enquanto gritavam os seus feitiços. Durante algum tempo os Romanos imobilizaram-se, os seus chefes a falar-lhes; depois, a primeira fileira lançou-se para dentro da água. O estreito espumou quando a legião o atravessou. Saíram dele a pingar, mas as suas espadas tinham um brilho vermelho à luz do fogo. Com rígida precisão perseguiram os druidas e as suas espadas pingaram com um escarlate mais brilhante quando massacraram todos aqueles que encontraram.

Por um momento, então, tudo ficou em silêncio. Uma cada vez mais ténue luz de fogueiras deu lugar ao frio cinzento da madrugada. Corvos estavam já atarefados nos corpos. Enquanto Eilan olhava, eles levantaram subitamente voo, as suas asas escurecendo o céu, gritando.

«Enquanto Águias devoram, o Dragão dorme, Quando Corvos voam, a Senhora chora, o que o ódio semeou a compaixão colhe ... »

Ao ouvir a canção Eilan sentiu o coração trespassado pela dor e a visão esbateu-se quando lágrimas lhe encheram os olhos. Quando conseguiu ver de novo, estava outra vez para o lado do lago. Mas já não estava sozinha. Espelhada na água viu uma figura, e, ao olhar para cima, viu que se tratava de um homem envolvido numa pele dum touro mosqueada, com um ornamento na cabeça com asas de falcão dos lados e encimado com os chifres dum grande veado. os seus olhos arregalaram-se, pois este era um hábito usado pelos druidas apenas nas suas cerimónias mais sagradas.

- Lorde... - ela fez-lhe a saudação devida ao seu estatuto - quem sois vós? - Por um momento tinha-lhe lembrado o avô, mas viu agora que era mais novo, apesar do prateado na barba, e de nos seus olhos brilhar uma sabedoria e poder que ela não tinha senão entrevisto em qualquer homem mortal.

«Era isto que Ardanos estava destinado a ser!», pensou então, como a grande sacerdotisa que tinha por vezes entrevisto a brilhar através de Lhiannon nos rituais. Isto era a realidade.

Ele sorriu e a ela pareceu-lhe que a luz à volta deles se tinha tornado mais luminosa até o lago resplandecer.

- Tenho tido muitas formas, e tido muitos nomes, Fui o Falcão do Sol e o Alazão Branco, o Veado de Ouro e o javali Negro. Mas aqui e agora sou o Merlin da Bretanha.

Eilan engoliu em seco. Tinha ouvido algo sobre isto nos seus estudos, pois o Merlin era um título que tinha sido usado pelo Arquidruida em anos idos. Mas a alma ao qual ele pertencia não encarnava em todas as gerações e dizia-se que apenas os maiores de todos os druidas o tinham encontrado no Outro Mundo.

Ela lambeu os lábios.

- o que quereis de mim?

- Filha da Ilha Sagrada, servirás o teu povo e os teus deuses?

- Eu sirvo a Senhora da Vida - respondeu Eilan firmemente. - E farei a Sua vontade.

- Esta é uma hora de presságio, na qual muitos caminhos se podem encontrar, mas apenas com o teu consentimento, pois o caminho que se abre à tua frente requer que entregues tudo, e se o seguires encontrarás escassa compreensão ou recompensa. - Ele moveu-se à volta da orla do lago.

- E para o que é que os presságios dizem esta hora ser propícia? - Ao perto, a realidade da sua presença era subjugante. Eilan sentia-se contente por as velhas histórias a terem ensinado a responder.

- Dizem que é propícia para a criação de uma sacerdotisa segundo os antigos rituais - disse ele suavemente. - Foi-te dito que uma sacerdotisa deve ser fisicamente virgem mas não é assim. Uma sacerdotisa da Deusa entrega-se na altura e estação proprias, e, depois de o poder passar através dela, reassume a sua autoridade. Ela dá mas nunca é tornada. É ela a iniciadora que santifica o Rei Sagrado, para que ele possa transmitir a bênção à sua rainha e a vida se possa renovar na Terra.

- E é isso que quereis de mim? - Eilan sentiu que estava a tremer. - Como o posso fazer? Não sei como!

- Não tu, mas a Deusa que está em ti... - Eilan suspendeu a respiração quando ele sorriu. - E é o meu trabalho despertá-La.

Ele abriu a pele e quando as suas duras pregas se afastaram ela viu que ele estava nu, o seu corpo a imagem do potente deus. Ele afastou o cabelo que se encaracolava para trás das têmporas e ela teve a impressão que teria caído sem o apoio daquelas fortes mãos. Então ele inclinou-se para a beijar na testa.

«Deusa!» gritou o seu espírito, e a sua consciência inflamou-se por uma chama branca que foi descendo quando ele lhe beijou os lábios, os seios e se ajoelhou para abençoar o seu ventre. Nesse momento ela sentia-se consciente da sua própria essência como nunca antes tinha sentido e, contudo, ao mesmo tempo, todo a sua individualidade estava imersa em Outra, e quer a Presença fosse uma parte dela ou ela dele, ou Dela, Eilan não o podia dizer. O que ela sabia, para lá de qualquer dúvida, era que, num certo sentido, isto ultrapassava mesmo o conforto dos braços de Gaius em seu redor, que ela já não se encontrava só.

Eilan ardia e não era consumida e parecia-lhe que a voz que tinha ouvido cantava em tons de paixão...

«O inimigo que conquistarias, deves amar... lei que cumpririas, deves desafiar... coisa que guardarias, deves agora dar... Assim obterás a vitória... filha de druidas, através de ti o Dragão renascerá.»

A sua percepção iluminou-se com imagens de sangue e esplendor, batalhas e cidades de pedra e um verde rochedo encimando um mar interior, fogo e espada e, finalmente, um homem de cabelo loiro com os olhos de Gaius que partia para a guerra com a imagem da Senhora no seu escudo.

- Fá-lo-ei! - veio a sua resposta. - Mas não me deixeis sozinha...

- *Filha, eu estou sempre aqui* - veio a resposta. - *Vós sois Minha, por todos os tempos, enquanto o Tempo perdurar.* Ela sabia que tinha ouvido estas palavras antes, que isto era apenas o renovar dum antigo laço, mas o amor que a envolvia estava a tornar-se num mar no qual se afogava, uma luz na qual toda a consciência era consumida.

O pensamento consciente de Eilan que se seguiu foi o de estar a flutuar em água fria. Sentiu árvores escuras à sua volta, a luz da Lua, e, no momento seguinte, muitas mãos tinham-na agarrado e estavam a puxá-la para a praia. Ela pestanejou assombrada quando percebeu que estava deitada junto do pego do rio onde se banhavam, um pouco abaixo da Casa das Donzelas.

Eilan tentou falar e viu que não era capaz. Percebeu então que o que lhe tinha acontecido era um mistério profundo de mais para que pudesse ser contado, mesmo aqui. E, contudo, espantava-se que elas não o pudessem ver, pois o Calor Divino ainda ardia dentro de si, de tal modo que a sua pele secou mal elas a ajudaram a sair do lago. Em silêncio, as outras mulheres vestiram-na num vestido de linho, novo, tingido do azul-escuro que as sacerdotisas consagradas usavam.

- Viajaste entre os mundos; viste a luz que não tem sombra; foste purificada... - disse uma voz que Eilan reconheceu como sendo a de Caillean. Olhou para cima, mas era a mulher que na sua visão tinha visto no parapeito, que

parecia estar ali parada.

- Filha da Deusa, levanta-te, para que as tuas irmãs te possam dar as boas-vindas...

As sacerdotisas ajudaram-na a pôr-se de pé e formaram atrás dela quando seguiu Caillean ao longo do caminho que conduzia até ao Bosque Sagrado.

À luz dos archotes que tremeluzia por entre as árvores, Eilan viu que Lhiannon estava à espera, assistida por Eilidh. Atrás dela encontrava-se Dieda, com os olhos tão abertos e espantados como Eilan sabia que os seus deviam estar, e os cabelos colados à testa como húmidas gavinhas. «O que é que », pensou Eilan, «lhe aconteceu?» Os seus olhos encontraram-se, e todas as barreiras que os anos anteriores tinham construído entre elas evaporaram-se; apenas se lembraram que agora eram irmãs.

«Fico contente por irmos tomar os nossos votos juntas ... », pensou. O teste era sempre o mesmo, mas cada sacerdotisa recebia a visão que os deuses queriam. Dieda, supunha ela, devia ter encontrado música. Olhou para a outra rapariga, e pareceu-lhe que a Deusa lhe sorria desde os olhos de Dieda.

Eilan olhou à sua volta e viu que elas estavam todas aqui - Miellyn e Eilidh e as outras que tinham sido suas professoras durante os últimos três anos. Mas em todas as faces das mulheres ela viu um reflexo da luz do Outro Mundo, e, nalgumas delas, algo mais, um lampejo das faces que tinha visto nas suas visões, mudando constantemente e, no entanto, sempre as mesmas.

«Por que é que os homens temem a morte se viveremos de novo?», pensou Eilan nessa altura. Os druidas ensinavam que a alma podia tomar muitas formas ao longo dos circulantes anos e ela tinha pensado sempre que acreditava nisso, só que agora sabia que era verdade.

Compreendeu, por fim, a serenidade de Caillean e a santidade que, apesar da sua fragilidade e falibilidade, sentia em Lhiannon. Também elas tinham estado onde ela tinha ido, e nenhum acidente mortal podia alterar essa verdade.

Ouviu as palavras da cerimónia como num sonho e tomou os seus votos sem hesitação, pois a promessa mais importante, aquela que incluía e comandava todas as outras, já tinha sido feita à Deusa, no Outro Mundo.

Com o sangue ainda a cantar-lhe nas veias e a luz da Senhora nos olhos, mal sentiu a picada do espinho quando o crescente azul que a proclamava sacerdotisa

foi desenhado entre as suas sobrancelhas.

CATORZE

Era tradição na Casa da Floresta que depois de as sacerdotisas terem tomado votos tivessem de passar por um período de isolamento. Eilan sentia-se grata. Nos dias que se seguiram à sua iniciação sentiu-se tão exausta como Lhiannon depois de dar um Oráculo e, mesmo depois de recuperar fisicamente, quando tentava perceber o que se tinha passado via a sua atenção focar-se no seu interior.

Por vezes, as palavras do druida pareciam-lhe impossíveis um sonho demente nascido do seu frustrado amor por Gaius. Mas quando as sacerdotisas se juntavam na gélida escuridão para saudar a Lua de Inverno, Eilan sentia o seu espírito suspender-se quando as vozes das mulheres se elevavam. Nessas alturas, quando o luar a enchia como uma chama prateada, ela sabia que o que tinha experimentado não tinha sido um sonho.

Por vezes via Caillean a observá-la com alguma curiosidade, mas nem mesmo quando as sacerdotisas mais idosas lhes ensinaram os segredos dos sábios que tinham vindo do outro lado do mar - a tradição que só as sacerdotisas ajuramentadas tinham autorização de saber - Eilan se sentiu livre para falar sobre o Merlin e sobre o destino que, acreditava, ele lhe tinha oferecido. Porque,

gradualmente, ela tinha começado a realizar que quaisquer que fossem os êxtases que as outras sacerdotisas tinham experimentado nas suas iniciações, este mistério tinha sido apenas para ela. E assim passaram os escuros dias do Inverno, alongando-se até à Primavera, e a marca da Deusa sarou na testa de Eilan.

Gaius estava indolentemente sentado num banco do escritório do seu pai em Deva, respirando profundamente a brisa que entrava pela janela aberta e pensando quando é que se poderia ir embora. Há um ano que estava destacado ao pessoal do pai e já estava cansado de muros de fortalezas, A Primavera estava a submergir os campos e as florestas. Podia sentir o cheiro a flores de macieira nessa brisa e isso fazia-o recordar Eilan.

- A maioria dos homens tirarão licença para a Floralia, mas não me agrada a ideia de ter muitos dos meus oficiais fora ao mesmo tempo. - A voz do pai parecia vir de muito longe.

- Quando tiveres autorização para ires de licença, para onde irás?

- Ainda não pensei nisso - deixou escapar Gaius. Alguns dos oficiais usavam o tempo de folga para ir à caça, mas matar animais por desporto era uma coisa que já não lhe interessava particularmente. Na verdade, não havia nenhum sítio para onde lhe apetecesse ir.

- Podias ir ver o Procurador - sugeriu o pai. - Ainda não conheceste a filha dele.

- E se os Deuses forem bondosos comigo nunca o farei Gaius voltou abruptamente à realidade, e sentou-se. O seu pai parecia desgostado.

- Vá lá, que mal te faria - inquiriu Macellius, obviamente a tentar manter-se calmo - apenas ver a rapariga? Penso que ela já tem quinze anos.

- Pai, eu sei que ela é casadoura. Afinal de contas, até que ponto é que pensais que sou estúpido?

O pai apenas sorriu.

- Não disse uma palavra sobre casares com ela.

- Nem precisais - disse Gaius mal humorado. Se não podia ter Eilan, maldito fosse se casasse com qualquer mulher na Bretanha - muito menos uma sugerida pelo seu pai.

- Não precisas de ser malcriado - disse-lhe o pai, - Por acaso estava a pensar passar as férias em Londinium e...

- Bem, mas eu não estava - disse Gaius, sem se importar já com o que o pai pensava dos seus modos. Não sabia para onde iria, mas de certeza que seria para o mais longe de Londinium que fosse capaz.

- Espero que não estejas a pensar ainda naquela rapariga bretã - comentou Macellius, quase, pensou Gaius, como se estivesse a ler os seus pensamentos. Se ao menos tivesse ficado por ali. Mas Macellius continuou, dizendo: - Tenho a certeza que tiveste o bom senso de a tirar da cabeça duma vez por todas.

E isso decidiu-o.

- De facto - disse deliberadamente -, estava a pensar em ir visitar Clotinus. - Afinal de contas, tinha sido depois de ter estado com o Lorde bretão que primeiro tinha encontrado Eilan e podia, pelo menos, gozar as recordações.

Gaius apreciou a viagem para o Sul, pensando em Eilan. e em Cynric, que poderia ter sido seu amigo e estava perdido para ele, se bem que não por culpa de nenhum deles. A Primavera avançava como um exército conquistador e o tempo estava lindo: manhãs frias e claras, fazendo-o ficar contente por estar bem agasalhado, e dias quentes, luminosos e quase secos, excepto alguns suaves chuviscos ao entardecer. Clotinus saudou-o alegremente e deu-lhe as boas-vindas e, se bem que Gaius soubesse que era em grande parte devido a que Clotinus se queria manter nas melhores relações com os poderosos romanos, não deixou de o apreciar. Gwenna tinha partido para se casar, pelo que não havia ninguém para o incomodar.

Chegou à conclusão de que a propriedade de Clotinus não era, de modo nenhum, um mau lugar para passar umas férias. A comida era boa, e até mesmo a filha de Clotinus que lá estava, com mais ou menos doze anos de idade, era uma boa companhia, e foi bastante compreensiva quando ele lhe contou que o pai lhe tinha tentado arranjar um casamento com uma desconhecida. Podia ser que ela se estivesse a oferecer para o consolar a um nível mais subtil, mas Gaius lembrou-se - não demasiado tarde - do que o seu pai lhe tinha dito sobre o envolver-se com uma mulher nativa. Se a rapariga lhe estava a enviar quaisquer sinais sem palavras ele fez de conta que não os percebeu.

Mas, se não fosse,por meio de orações sombriamente feitas a Vénus, não conseguia pensar em nenhuma outra maneira de se aproximar de Eilan. Enquanto dormia debatia-se com os seus cobertores, gemendo, e quando acordava sabia que era com Eilan que tinha sonhado.

«Amo-a», pensava com pena de si próprio, quando o desespero da sua situação o invadia. «Não é como se quisesse tentar seduzir a rapariga para depois a abandonar. Ficaria feliz em casar com ela se conseguisse obter a autorização de toda a gente que parecia ter tomado da sua conta controlar as nossas vidas.» Afinal, ele já tinha vinte e três anos e era um oficial - se bem que muito subalterno - na sua legião. Se isto não o tornava suficientemente velho para se poder casar de acordo com a sua vontade, então que idade é que seria preciso ter para poder fazê-lo?

Um dia, quando estava a passear a cavalo com a desculpa de caçar, viu-se a passar pelas paredes queimadas que uma vez tinham sido a casa de Bendeigid, e reparou que devia estar na vizinhança da Casa da Floresta. A sua perna doeu-lhe um pouco quando se lembrou da armadilha para os javalis - pareceu-lhe que tinha sido há muito tempo -, e da primeira vez em que tinha posto os olhos em Eilan.

«Não posso continuar aqui », pensou de súbito. Cada árvore e cada pedra trarão de volta memórias dolorosas. Tinha pensado que o conseguiria suportar. Era certo que ver o velho Ardanos, de tempos a tempos, em Deva, não lhe perturbava a paz de espírito. Talvez devesse viajar para Sul, visitar o povo da sua

mãe. Isso não iria agradar a Macellius, mas, nesta altura, ele não estava muito interessado em agradar ao pai.

Nessa noite, em frente à lareira, falou nisso a Clotinus que o instou a ficar mais um ou dois dias.

- Vai haver muita gente na estrada até ao festival - referiu Clotinus. - Devias ficar pelo menos até ele acabar, para depois poderes viajar à vontade.

- As pessoas não me incomodarão, mas talvez eu não deva viajar uniformizado. Levarei menos tempo e atrairei menos a atenção se vestir a roupa normal dum bretão.

- Isso é verdade - Clotinus sorriu acidamente. - Tu és, de certo modo, um dos nossos. Suponho que consigo arranjar alguma coisa que te sirva.

Na manhã seguinte, o seu camareiro forneceu roupas que serviam a Gaius bastante bem: calças marrom e uma túnica tingida a verde, num tecido novo, lavado e decente, mas não particularmente luxuoso e, com eles, um volumoso manto castanho-escuro de pesada lã.

- As noites ainda estão frias, rapaz - disse Clotinus. - Vais precisar dele quando a noite cair.

Quando Gaius o vestiu a sua identidade romana pareceu evaporar-se.

- Nesse traje já não és mais Gaius Macellius Severus.

- O velho olhou para ele estranhamente. Gaius sorriu maliciosamente.

- Como penso ja vos ter dito, a minha mãe, enquanto viveu, chamava-me Gawen; agora é o que pareço e devo usar apenas esse nome.

Clotinus foi rápido a afirmar o bem que a roupa lhe ficava, contudo, de algum modo, Gaius sabia que o homem lamentava a partida do seu importante hóspede romano.

- Se eu for ao festival serei apenas mais um bretão - continuou Gaius. - Talvez deva pedir-vos que envieis uma mensagem a Macellius dizendo-lhe que estou a viajar disfarçado!

- Suspeitava que o pai não iria ficar muito contente e a desculpa de tentar obter informações podia ser que justificasse esta escapadela.

Quando Eilan acordou na manhã de Beltane teve o estranho pressentimento de que Gaius se encontrava ali por perto. «Talvez », pensou, «ele esteja a pensar em mim.» Afinal de contas era Beltane, e todos os seus encontros mais significativos tinham acontecido durante este festival. Era natural, em qualquer caso, que os seus pensamentos se virassem para ele nesse dia, quando, através de toda a terra, os corações dos homens e das donzelas se viravam para o amor.

Aqui, no casto Santuário da Casa das Donzelas, ela não devia estar a pensar nessas coisas ou, se o fizesse, devia olhar para elas com o desinteressado desprendimento de alguém que existia muito para lá de tais necessidades carnais. Durante o Inverno isso tinha sido fácil. Parecia-lhe que a paixão com que o druida da sua visão a tinha tocado se tinha refinado até se tornar numa radiância tão pura como uma chama dum altar, e os seus votos de castidade um sacrifício não muito pesado.

Mas agora, quando a seiva corria nas árvores e todos os botões se abriam em flor, ela começava a ter dúvidas. Quando pensava na visão que tinha tido, o seu corpo inflamava-se e, durante a noite, sonhava sobre fazer amor com um amante, umas vezes o druida, umas vezes Gaius, e, por vezes, um estranho com os olhos de um rei. «O meu corpo ainda está intocado », pensou subitamente, «mas o meu espírito já não é virgem. Deusa, como irei eu suportar este doce sofrimento?»

- Eilan, estás a ajudar Lhiannon a preparar-se para o ritual desta noite? - A voz de Miellyn trouxe-a de volta ao mundo e ela abanou a cabeça numa negativa.

- Então por que não vens com todas nós esta manhã divertires-te no festival? Far-te-á bem apanhar algum ar fresco. «Com todas nós », acabou por incluir Senara, que ficou.

- Perfeitamente deliciada por se ver fora de portas. Estava um fresco, luminoso dia e nas sebes os espinheiros brilhavam como se a luz do Sol tivesse resolvido enfeitar os galhos. A aglomeração de pessoas era tal que fez Eilan tremer, habituada como estava à paz e sossego depois dos seus meses de isolamento. Quão rapidamente ela se tinha acostumado ao silêncio e à paz, ou talvez tivesse sido a sua iniciação que a tinha modificado. Sempre se tinha sentido um pouco desconfortável no meio de multidões, mas agora sentia-se como se estivesse a andar de um lado para o outro completamente despida.

Mas Senara ia muito animada no meio delas. Sentia-se fascinada com tudo: um balcão com queijos redondos; uma mesa onde um vendedor de pulseiras de vidro tinha expostas as suas reluzentes mercadorias; e, por todo o lado, as flores.

Eilan não tinha voltado a ver tanta gente junta desde o último Beltane em que tinha encontrado Gaius de novo. Parecia-lhe que toda a gente da Bretanha, ou das ilhas, devia estar aqui, acotovelando-se, rindo, bebendo, dançando, e também todos os ofícios, desde fazedores de bolos até dançarinos de corda.

- Lhiannon virá durante o dia? - perguntou Senara. Miellyn assentiu.

- Ardanos escoltá-la-á. Faz parte do seu dever mostrar-se às multidões durante os festivais. - Miellyn fez uma pausa e acrescentou: - E não a parte mais agradável. Cá para nós, penso que ela está muito cansada. Todos os anos penso se não será este o seu último festival.

Ao ver Eilan empalidecer acrescentou:

- Isso assusta-te? A morte faz tanto parte da vida como o nascimento; sendo uma sacerdotisa devias sabê-lo.

Mas as multidões eram tão densas que ela mal conseguia ouvir o que Miellyn estava a dizer. Um grupo de pessoas estava a ver um homem com um urso dançarino; Senara gritou que queria ir ver e elas chegaram-se para a frente para poderem observar melhor. Quando as pessoas repararam nos vestidos azuis de linho das sacerdotisas da Casa da Floresta afastaram-se à sua passagem até que elas se encontraram na primeira fila a ver o animal dançar - ou, pelo menos, a cambalear pesadamente em círculsobre as patas, o que, supunha ela, era o mais parecido com dançar que um animal daqueles podia fazer. O focinho do urso estava fortemente apertado com uma corda; ela pensou que o aspecto dele era miserável.

- Pobre coisa - disse, e Miellyn suspirou.

- Por vezes ocorre-me que Lhiannon se parece com aquele urso - replicou a outra sacerdotisa. - Sempre em exposição, nunca falando as suas próprias palavras. - Eilan engasgou-se à ideia de comparar a Grã Sacerdotisa com um animal treinado.

- E quem é que a conduz? - gargalhou Senara.

- Miellyn não devias dizer essas coisas.

- Por que não? Falar a verdade é normalmente considerado uma virtude - disse Miellyn resolutamente, e Eilan lembrou-se de Caillean. O tratamento que o seu avô dava às sacerdotisas tinha muito pouco a ver com a autoridade que o druida da sua visão tinha proclamado.

- Falo a verdade como a vejo; e quando vejo Lhiannon a enfraquecer tanto, penso...

Miellyn não acabou o que estava a dizer porque nesse instante o urso deixou-se cair sobre as quatro patas e veio a cambalear directamente para elas. Senara guinchou e deu um salto para longe, mas a multidão empurrava-as por todos os lados. Eilan recuou, pisando o vestido duma estranha e ouvindo-o rasgar-se.

- Vê onde pões os pés! - disse irritadamente a estranha. Eilan desculpou-se, tentando tornar-se mais pequena, e nesse instante o urso avançou de novo, a corda que o segurava soltando-se, o que fez com que alguém gritasse assustado.

Todas as pessoas tentaram fugir para trás, e quando Eilan recuperou o equilíbrio Miellyn e senara tinham desaparecido na esmagadora multidão. Era a primeira vez em muitos anos que Eilan se via sozinha.

Tinha crescido habituada à constante tutela da Casa da Floresta. ocorria-lhe, agora, que a supervisão tinha outro propósito que não o do bom comportamento; a presença das irmãs tinha-a ajudado a manter as pessoas afastadas, tanto física como psicologicamente. Sozinha, o tumulto dos pensamentos e emoções estranhas açoitaram-na como um forte vento. Tentou retirar força da terra para se proteger, mas as caras desconhecidas à sua volta enchiam-na de confusão. Como podia Lhiannon aguentar andar no meio de toda esta gente quando estava já num meio transe e aberta ao poder dos deuses? Ela estava tão cercada pela multidão e pelos empurrões de estranhos que não conseguia ver nada familiar; nem mesmo a- avenida de árvores que conduzia em direcção à Casa da Floresta, ou o morro no qual elas davam os Oráculos.

Uma vez, entreviu através da multidão o que lhe pareceu um familiar vestido azul; mas quando se aproximou viu que era o manto dum completo estranho. Outra vez pensou ter avistado um grupo de sacerdotisas; mas eram quatro, e quando lhe ocorreu que as suas companheiras se podiam ter encontrado com outras da Casa da Floresta, e que podiam estar todas à sua procura, já tinham desaparecido de novo no meio dos estranhos.

O temporário terreno ajardinado da feira parecia-lhe tão estranho como o Outro Mundo. «Isto é ridículo... escudar-me das emoções das outras pessoas foi a primeira coisa que nos ensinaram! Devia simplesmente perguntar a alguém », repetia para si própria, mas, vulnerável como estava, não se atrevia a falar com

um desconhecido; o que pensariam eles duma sacerdotisa que não conseguia achar o caminho de volta à sua própria casa?

Ela moveu-se pelo meio das multidões, tentando manter o irracional terror sob controlo. Se ao menos conseguisse restaurar as suas defesas perguntaria a alguém qual a direcção da Casa da Floresta. Chegaria um dia em que, sem dúvida, seria capaz de olhar para trás, para este dia, divertida, como uma aventura. Só que, neste momento, não podia haver dúvidas que estava tanto perdida como aterrorizada.

Um súbito movimento da multidão quase a virou de pernas para o ar; perdeu o equilíbrio e chocou com um homem num manto escuro. Ele murmurou qualquer coisa e depois começou a dizer.

- Eilan! És mesmo tu? - Fortes mãos seguraram-lhe nos cotovelos e uma voz familiar perguntou - Donde é que apareceste?

E Eilan olhou para cima, para o rosto, que de todos os rostos do mundo, era o que menos esperava ver; o rosto de Gaius Macellius.

Sem palavras, ela agarrou-se a ele. Ele sentiu-a tremer e puxou-a mais para si. Repentinamente, a confusão à sua volta foi silenciada. pelo círculo dos seus braços.

- Eilan... - repetiu ele. - Não ousava sonhar que te encontraria aqui!

«Mas eu sim », pensou Eilan sombriamente. «Quando acordei esta manhã o meu primeiro pensamento foi que estavas perto; por que não confiei nele?»

os braços dele apertaram-se à sua volta; e, nesse momento, ela esqueceu-se de todas as palavras de aviso de Caillean, de todos os seus pressentimentos e receios. Sabia apenas que se sentia feliz. Ela riu a tremer um pouco.

- Receio que me tenha perdido; estava a tentar voltar para a Casa da Floresta, ou, pelo menos, para junto das outras sacerdotisas que vieram ao festival, mas não tinha a certeza para que lado devia ir.

- A estrada é ali - começou ele, e depois, quando notou o movimento involuntário que ela fez, desabafou - Tens mesmo de ir já? Eu vim para esta... esta parte do mundo apenas na esperança de te ver...

Ela podia ouvir, tão claramente como se ele o tivesse pronunciado, *Não suporto deixá-la partir agora!*

- Se fores pode ser que nunca mais nos vejamos - exclamou, a voz a tremer enquanto falava. - Penso que não poderia aguentar perder-te outra vez, Eilan... - os seus lábios hesitaram ao som do seu nome, como numa carícia; ela sentiu-o como um banho de fogo frio que lhe percorresse a pele. - Não me podes deixar... - murmurou para o véu dela. - Foi o Destino que te trouxe para aqui, sozinha...

«Não precisamente sozinha!», pensou ela, sorrindo para as vagas de pessoas em seu redor. Mas era verdade; apenas o Destino, ou a Deusa, a podiam ter trazido aqui, para os seus braços. Deliberadamente, ela pôs de lado o treino que requeria que uma sacerdotisa ajuramentada, na companhia de um homem que não fosse o pai, avô ou irmão, mantivesse os olhos modestamente em baixo, e olhou para ele.

E o que tinha ela pensado que ia ver? O que lhe podiam os olhos dizer, pensou, vendo quão fortemente o seu cabelo ainda lhe encaracolava na fronte, a teimosa saliência do queixo por baixo da curta barba que ele tinha começado a deixar crescer depois da sua última campanha, e o visível desejo nos seus olhos escuros, que o seu coração não soubesse já? A visão interior e a exterior uniram-se subitamente e ela viu imediatamente a atormentada face do rapaz que tinha tratado há quatro anos, as duras feições do homem em que se estava a tornar e

algo mais, um rosto quebrado pela experiência e pelo descontentamento, a sua jovem promessa sido erodida pelos anos.

«Meu pobre amor ... », pensou, «é nisto que te tornarás?»

- Tens mesmo que ir? - repetiu ele, e ela murmurou:

- Não.

Gaius engoliu em seco e puxou-lhe o véu para trás da testa. Ela sentiu-o enrijecer e percebeu que ele tinha reparado pela primeira vez no crescente azul desenhado entre as suas sobrancelhas.

- Sou uma sacerdotisa - disse suavemente e sentiu-o encolher-se em compreensão. Mas não a deixou partir e ela não se afastou.

O simples pensamento de poder não voltar a vê-lo de novo estava a começar a fazer escurecer a luz do céu. Sem dúvida, Caillean ter-lhe-ia dito para o deixar imediatamente; mas, por uma vez, ela não faria o que a sacerdotisa mais velha pensava ser o mais sensato, e sim o que ela queria fazer. E o que quer que pudesse sair disto, desta vez, pelo menos, Caillean não poderia ser castigada por isso.

Nessa altura dois condutores de gado chocaram com eles e recuaram, olhando estranhamente para eles quando repararam nas vestes azuis de Caillean. Gaius franziu o sobrolho e enrolou o seu próprio manto castanho à volta dela, puxando-lhe o véu para cima, para esconder o seu brilhante cabelo.

- De todos os modos, vamo-nos ver livres desta multidão - murmurou ele. O braço dele estava ainda à sua volta, forte e seguro, e, à medida que iam andando, nenhum sabia bem para onde, apenas que estavam juntos e que era para longe das multidões.

- Diz-me, como vieste aqui parar? Não fazia a mínima ideia que estavas nesta parte do mundo.

- Penso que vim para te ver - começou, e Eilan encostou-se a ele, a ouvir.

- Foi o Destino, ou talvez o meu pai. Pelo menos estava a ir no sentido oposto ao que ele queria que eu fosse! A pequena Valeria está bem?

- Senara... é assim que lhe chamamos na Casa da Floresta. Na verdade, ela está perfeitamente bem e feliz.

- Fico contente de o ouvir - respondeu ele, mas ela conseguiu perceber que Senara já tinha sido esquecida.

- Cynric foi proscrito, sabias? - disse então Gaius. - Encontrei-o antes de ele partir e ele disse-me para me manter afastado de ti...

A voz falhou-lhe. O que é que ele queria ouvir dela?, pensou Eilan. Talvez apenas o som da sua voz, saber que ela estava a pensar nele. Não o conseguiria ele perceber? Ela estava consciente dele com todos os sentidos do seu corpo, com cada centímetro da sua pele.

- Talvez ele tenha razão. Meteu-se na cabeça do meu pai que eu devia casar com uma rapariga romana qualquer, a filha do Procurador em Londinium...

- Obedecer-lhe-ás? - perguntou cuidadosamente Eilan, o sangue a correr com mais força. Casamento! Por que é que ele lho tinha contado? Ela sabia que isso não ia modificar nada, mas por que lhe provocava esse pensamento tanta dor?

De algum modo tinham atingido a orla dos terrenos da feira. Outro passo levá-los-ia para o abrigo das aveleiras. Na noite anterior, homens e raparigas tinham vagueado nestes bosques para apanhar verdura e flores, e fazer amor uns com os outros na relva jovem. A floresta ainda se lembrava; Eilan conseguia sentir a memória dessas paixões como um eco à sua volta, colidindo com o tumulto da feira.

Ele virou a cara para ela.

- Sabes que nunca casarei com ninguém senão contigo!

- Eu não posso casar-me - respondeu-lhe. - A minha vida está prometida aos deuses...

- Então nunca casarei com ninguem - disse ele firmemente.

Mas casarás... Mesmo enquanto a irracional vaga de felicidade a avassalou, a sua presciência soou tristemente na consciência de Eilan. Uma imagem da mulher que viria a ser a mulher dele adejou na sua mente. E por que deveria Eilan guardar-lhe rancor? Era ela tão egoísta que queria ver Gaius sozinho para sempre? Ou teria ela querido que ele a levasse embora, que movesse céus e terras para a libertar dos seus votos? Que palavras dos homens podiam apagar o crescente colocado entre as suas sobrancelhas?

Ela tropeçou na raiz duma árvore e Gaius estendeu os braços para a segurar. Pestanejando, ela percebeu que tinham entrado na floresta. O ruído das multidões foi subitamente abafado pela distância, como se se tivessem afastado milhas, como se tivessem entrado no Outro Mundo. Grandes árvores escondiam-nos sob a sombra das suas folhas. O Sol tinha-se escondido atrás duma nuvem e estava a começar a soprar um vento frio. Iria começar a chover? Como numa resposta umas gotas caíram-lhes em cima, os começos da chuva, ou talvez humidade das folhas mais altas.

- Eilan... - murmurou ele, e apertou-a com mais força.

- Por favor... Eilan!

Ao virar-se, ela sentiu a força do seu desejo por ela e o mundo pareceu parar. Desde o momento em que a multidão a tinha afastado de Miellyn até agora, pensou Eilan, tinha vagueado num sonho. Mas agora estava acordada e conseguia ver tanto o passado como o futuro com uma terrível clareza. Talvez o Destino os tivesse trazido até aqui, mas o que ela decidisse neste momento determinaria o futuro dele e o dela - e talvez também o de outras vidas. A sua capacidade de previsão virou-se para fora, abraçando outras épocas num círculo cada vez maior, até que viu de novo o guerreiro de cabelo brilhante que tinha feito parte da sua visão, com os Dragões nos pulsos e o olhar de águia, que ela tinha aprendido a amar em Gaius, nos olhos.

Agora era ele que estava a tremer. Com dedos desajeitados, Gaius afastou o véu e a sua mão, tombando, roçou-lhe a face, deteve-se aí por um momento, e depois, como se uma irresistivel força a tivesse puxado para baixo, deslizou ao longo da suavidade do seu pescoço e deteve-se sobre a saliência dos seus seios, por baixo da abertura do vestido. O relvado estendia-se suave e verde à frente deles. Ela ouviu, como num eco, «A Deusa não é adorada num templo feito por mãos humanas...»

Mas era proibido - ainda não há seis meses ela tinha jurado oferecer a sua virgindade apenas ao Rei Sagrado. E, como numa resposta, a certeza chegou até ela. Deste homem de dois sangues nascerá o Rei que está para vir... Foi para isto que o Merlin a tinha iniciado. Era este o seu destino.

Quando se tinham encontrado pela primeira vez ela devia ter parecido a Gaius uma criança mas, agora, sabia-se incomensuravelmente mais velha. Como num eco, a voz do Merlin chegou-lhe:

«U’ma sacerdotisa da Deusa entrega-se na altura e estação próprias, e quando o poder tiver passado através dela reassume a sua autoridade.»

- Não nos podemos casar pelos ritos dos homens -’disse ela suavemente. - Queres tomar-me como tua mulher segundo os antigos costumes, como as sacerdotisas se uniam com os homens de família real, perante os deuses?

Ele gemeu quando a mão se curvou à volta do seu seio e ela sentiu o mamilo a endurecer contra a sua palma.

- Até à morte e depois, por Mithras e pela Mãe - sussurrou ele. - Eilan, oh, Eilan!

Quando o Merlin lhe tinha tocado o fogo tinha explodido desde a ponta dos cabelos até aos pés; mas este fogo parecia subir a partir da terra, queimando todos os outros pensamentos.

Ela tocou-lhe na face e ele estendeu os braços para ela. Uma desajeitada mão enredou-se-lhe no cabelo e o véu caiu despercebido para o chão. Então os seus lábios reclamaram os dela, não já suaves mas exigentes, como um esfomeado. Durante um instante a surpresa imobilizou-a dentro dos seus braços; depois tornou-se consciente do seu próprio desejo e os seus lábios abriram-se, dando-lhe as boas-vindas.

Enquanto se beijavam os seus braços rodearam o pescoço dele; o seu cabelo, liberto dos seus cuidadosos anéis, caiu-lhe pelas costas abaixo com ganchos espalhados pela relva. Gaius gemeu e puxou-a para si. Agora ela podia sentir a rude força do seu corpo e a urgência da sua necessidade. As mãos dele deslocaram-se dos seus ombros pelas costas abaixo, moldando-lhe o corpo ao dele.

Eilan sentiu a força fugir-lhe dos joelhos. Agarrou-se a ele e o seu peso fê-los cair a ambos para a verde relva. Os lábios dele moveram-se para a sua face, para as suas pestanas e para a suave pele do seu pescoço como se a quisesse devorar, e ela arqueou-se de encontro a ele, tremendo.

As saias tinham-se levantado quando caíram; uma mão exploradora desceu pelo seu corpo, parou um instante quando encontrou a suave pele e depois subiu de novo, por baixo da roupa, até *se* deter no lugar sagrado entre as suas coxas.

Gaius ficou subitamente rígido, respirando pesadamente, Depois afastou-se, os olhos abertos e ofuscados, como se tivessem olhado para uma luz muito forte.

- Senhora - murmurou. Ela podia ver o tremor que o abalava, mas ele estava, de algum modo, a conseguir encontrar o controlo para agir deliberadamente, lidando com as roupas dos dois, venerando o corpo dela com uma autoridade que cresceu até a luz também o encher e ela perceber que ele já não era inteiramente Gaius.

- Meu Rei! - murmurou quando a chama que ele tinha acendido se espalhou por todos os nervos, - Vem até mim! Então ele suspirou, mergulhando no seu abraço como o Sol no mar, submetendo-se-lhe mesmo enquanto ela se lhe entregava. Ela conseguia ouvir gritos, à distância, como se viessem de outro mundo, e soube que os sacerdotes tinham acendido as fogueiras de Beltane.

Mas um fogo maior estava a arder dentro dela, e nessa altura, mesmo que Caillean e todas as mulheres da Casa da Floresta estivessem em fila a olhar para

eles, Eilan nunca se teria apercebido nem se teria importado.

O dia já ia muito adiantado e o Sol estava a pôr-se quando Gaius finalmente se mexeu. Eilan afastou-se relutantemente e ele estendeu os braços para ela, mais uma vez, e beijou-a com força.

- Devo voltar para a Casa da Floresta - disse ela muito suavemente. - Devem estar à minha procura. - Na realidade, Miellyn devia estar fora de si com a preocupação. Mas se Eilan conseguisse, de algum modo, voltar para o recinto sem ser vista, podia ser que elas acreditassem que as multidões as tinham mantido afastadas e que ela tinha arranjado uma maneira de encontrar o caminho de volta por si própria.

Nem mesmo agora, quando a paixão já se tinha esgotado e que conseguia pensar de novo com mais clareza, Eilan lamentava ter quebrado os votos; a Deusa tinha sabido e não tinha intervido, o que era prova bastante de que ela tinha servido uma lei maior. Parte da doutrina secreta que Caillean tinha revelado, nos meses que se passaram desde a iniciação de Eilan, era que, antes da chegada dos Romanos, as sacerdotisas tinham tomado amantes quando queriam, ou até casado. Foi apenas desde a chegada dos Romanos que os homens tinham tido a arrogância de controlar as vidas privadas das suas mulheres. Caillean nunca tinha encontrado o homem que a tivesse tentado a quebrar os *seus* votos, mas talvez compreendesse. Por outro lado, ela não concordaria com a escolha do amante de Eilan, por isso, apesar de tudo, talvez fosse melhor ela não dizer nada à sacerdotisa mais velha.

- Eilan, não voltes para lá. - Gaius apoiou-se num cotovelo para olhar para ela. - Tenho medo por ti.

- Eu sou a neta do Arquidruida; o que é que pensas que me fariam? - replicou ela.

o pai dela tinha dito uma vez que a mataria com as suas próprias mãos se ela permitisse o que Gaius tinha acabado de fazer, mas este não era o momento para o mencionar. Agora ela era uma mulher e uma sacerdotisa ajuramentada, prestando contas apenas às suas irmãs e aos deuses.

- Se eu estivesse lá para te proteger, não interessava o que elas tentassem - disse ele sombriamente.

- E eu ficaria assim tão segura se fugíssemos? Para onde poderíamos ir? As tribos selvagens do Norte talvez me aceitassem, mas tu estarias em perigo, e para onde poderíamos fugir para longe do alcance de Roma? Tu és um soldado, Gaius, tão ligado por juramentos como eu. Quebrei um voto para cumprir um ainda maior, mas isso não me liberta. Ainda pertenço à Deusa e devo confiar nela para cuidar de mim...

- Isso é mais do que eu posso fazer... - disse ele então, esfregando os olhos.

- Disparate. Se tu voltares para o serviço activo de certeza que estarás em mais perigo do que eu. - Eilan agarrou-se a ele de novo ao pensamento de aço frio trespassando o coração que agora batia contra o seu e, quando ele a beijou outra vez, todos os pensamentos sobre o futuro foram esquecidos. Por algum tempo.

QUINZE

Fazer amor com um homem não tinha, apesar das especulações que Eilan se lembrava de ouvir murmuradas na Casa da Floresta, destruído a sua capacidade para a magia. Pelo menos o feitiço de protecção que ela murmurou quando se escapuliu pela porta da cozinha e ao longo do caminho até à Casa das Sacerdotisas pareceu evitar que as poucas pessoas que ali se encontravam reparassem nela quando passou.

No seu quarto, despiu o vestido e lavou-se, escondendo a roupa suja até que tivesse tempo de lavar a mancha de sangue virginal. Feito isto, vestiu o seu traje de dormir e acendeu o fogo, percebendo que estava meia morta de frio e faminta. já passava da hora da refeição do pôr do Sol. Tinha de ir até às cozinhas e encontrar alguma coisa para comer; mas precisava de tempo para pensar no que lhe tinha acontecido, a ela e a Gaius. Ou talvez, pensou com uma autozombaria pouco habitual nela, apenas quisesse fechar os olhos e reviver de novo a sua noite de amor.

Ela podia ter contado que Gaius estivesse ansioso mas não que fosse tão terno, aguentando-se até tremer como um arco esticado com medo de ser rápido

de mais e de a magoar. E nos momentos finais, quando o êxtase se tornou quase grande de mais para que qualquer mortal o pudesse tolerar, tinha-lhe parecido, uma vez mais, que a Deusa a tinha cingido e recebido a dádiva do Deus.

Ela suspirou, reparando na sua pouco habitual sensibilidade e na doce lassidão que lhe invadia os membros. «Será que a Deusa me fulminará por ter quebrado o meu juramento », pensou, «ou o meu castigo será chorar durante a noite, lembrando aquilo que nunca mais terei? Não será isso melhor que nunca o ter conhecido de todo?» Sentía piedade de Caillean, maculada desde a infância pela sua única experiência daquilo a que os homens chamam amor.

À medida que os dias se seguiam uns aos outros, um certo equilíbrio começou a afirmar-se. Eilan assistiu Lhiannon no ritual da Lua Cheia e nenhum raio a fulminou. O treino avançado que se seguia à iniciação continuou, tanto em artes como em tradições, e, quando os dias se iam tornando maiores, encontravam-se com as sacerdotisas mais velhas, quando o tempo o permitia, num dos jardins ou no Bosque Sagrado.

Havia aí treze carvalhos sagrados, doze formando um círculo e o mais antigo no centro, lançando a sua sombra sobre o altar de pedra. Para Eilan, olhando para cima, para eles, parecia que até mesmo no modorrento calor da tarde, as árvores ainda mantinham alguma coisa da magia com a qual a Lua as tinha investido há algumas noites atrás. A voz de Caillean retrocedeu até se tornar num murmúrio de fundo quando Eilan olhou para cima. De certeza que a luz que brilhava nas suas folhas não era apenas a luz do Sol. Todos os seus sentidos pareciam intensificados desde Beltane.

A voz da sacerdotisa chamou-a de novo à realidade.

- Nos velhos dias havia uma irmandade de nove grãs sacerdotisas, uma para cada região desta terra. Elas permaneciam por trás da rainha de cada tribo, aconselhando-a e apoiando-a.

Eilan encostou-se para trás, de encontro ao vigoroso tronco do carvalho, unindo-se à sua estável força e tentou manter os olhos abertos.

- Elas próprias não eram rainhas? - perguntou Dieda.

- O seu papel era menos público, se bem que fossem muitas vezes de linhagem real. Mas eram as iniciadoras de reis, pois quando um rei se lhes dirigia para a sua santificação, era a sacerdotisa que se tornava no canal pelo qual a Deusa aceitava o seu serviço, conferindo-lhe um poder que ele, por sua vez, passava para a sua rainha.

- Elas não eram virgens - disse acidamente Miellyn, e Eilan sentiu-se subitamente desperta, recordando-se das palavras do Merlin. Tinha ela sido a Deusa para Gaius? Qual era então o destino dele?

- As sacerdotisas faziam amor com homens quando o serviço da Senhora o requeria - respondeu Caillean num tom neutral.

- Mas não se casavam, e só geravam crianças quando era a única maneira de preservar uma linha real. Elas permaneciam livres.

- Na Casa da Floresta não casamos, mas eu não diria que somos livres - observou Dieda, franzindo as sobrancelhas. Se bem que a Sacerdotisa do Oráculo escolha a sua sucessora, o Conselho dos Druidas tem que aprovar a sua escolha.

- Por que é que as coisas mudaram? - perguntou Eilan, a necessidade acrescentando intensidade ao seu tom de voz. Foi por causa de Mona?

Os druidas dizem que o nosso actual isolamento é para nossa própria protecção respondeu Caillean com a mesma cuidadosa neutralidade. Dizem que só se nos mantivermos puras como Vestais seremos respeitadas por Roma.

Eilan olhou fixamente para ela. «Então o que eu fiz com Gaius não foi escarnecer a Lei da Senhora, mas apenas as regras dos druidas!»

- Mas teremos de viver para sempre desta maneira? - perguntou Miellyn avidamente. - Não há nenhum lugar onde possamos falar a verdade e servir a Deusa sem a interferência dos homens?

Os olhos de Caillean fecharam-se. Por um momento pareceu a Eilan que até as próprias árvores se imobilizaram, esperando para ouvir o que a sacerdotisa ia dizer.

- Apenas num local fora do tempo... - murmurou Caillean.

- Protegido do mundo por uma bruma de magia. - E, nessa altura, por um instante, pareceu a Eilan que via o que a mulher mais velha estava a ver - a bruma flutuando como um véu sobre as águas prateadas, e cisnes brancos

cantando quando levantavam voo.

Depois Caillean sentiu um sobressalto e abriu os olhos, olhando confusamente à sua volta, e através das árvores ouviram o gongue a chamá-las para a refeição da tarde.

Durante algum tempo as ansiedades de Eilan foram apaziguadas, mas à medida que os dias passavam e caminhavam para o solestício de Verão, começou a pensar porque é que a Deusa não a teria fulminado logo. Primeiro, quando chegou a altura habitual para que ela se retirasse para purificação, de acordo com os costumes da Casa da Floresta, e não havia sinal das regras, não se preocupou; nunca tinha sido regular, Mas quando o segundo mês chegou, e se foi, ficou certa de que a magia da fertilidade de Beltane tinha funcionado nela bem de mais.

A sua primeira e instintiva reacção de alegria cedo se transformou em horror. O que diria Bendeigid? Ou faria? Chorou então, desejando poder voltar atrás no tempo e procurar o conforto dos braços da sua mãe. Depois, à medida que os dias passavam, pensou se em vez de uma gravidez não seria alguma doença séria que lhe teria sido imposta em castigo pelo seu sacrilégio.

Tinha sido saudável e forte toda a sua vida, mas, agora, ficava enjoada cada vez que tentava comer ou beber qualquer coisa; arrepios atormentavam-na todos os dias e não tinha apetite. Ansiava pela época das colheitas e pensava com

avidez nos seus frutos, como se eles fossem a única coisa susceptível de não a enjoar tanto. Quase tudo o que ela conseguia engolir sem vomitar era o mais aguado e mais ácido leitelho. Decerto que as gravidezes da sua irmã Mairi não a tinham atormentado deste modo, pelo que isto dificilmente podia ser um sintoma prematuro. Até as águas do Poço Sagrado, quando as sacerdotisas se juntavam no dia mais comprido para beber delas, e ver o futuro, lhe provocavam gelados arrepios.

De tempos a tempos sentia Caillean a observá-la, mas a *mulher* mais velha também estava doente; Eilan, que era talvez a que estava mais próxima dela, não sabia o que a afligia. Quando lho perguntaram, Caillean disse que era o seu ciclo lunar que estava perturbado, mas a doença da mulher mais velha apenas enchia Eilan com um medo ainda maior. Decerto que Caillean não podia estar grávida! Eilan pensava, por vezes, se o seu pecado não teria amaldiçoado toda a Casa da Floresta, se a sua doença se espalharia, primeiro a Caillean e, a seguir, as mataria a todas. Não se atrevia a perguntar.

Caffican colheu algumas folhas de tomilho do canteiro que Latis tinha a crescer no pátio interior e esfregou-as entre os dedos, respirando profundamente quando o doce aroma se espalhou no húmido ar da manhã. O tomilho era bom para as dores de cabeça e talvez lhe fizesse passar as suas. Hoje, finalmente, o seu ventre tinha cessado o intermitente e doloroso sangrar que a tinha flagelado durante todo o Verão e talvez este contacto com a terra pudesse aliviar a importuna sensação de terror que também a tinha perseguido.

Conseguia ouvir, vindos das latrinas do outro lado da parede, o barulho de alguém a vomitar. Aguardou, pensando quem teria acordado a uma hora tão

matinal. Depressa viu uma figura numa roupa branca a deslizar pela arcada como se tivesse medo de ser vista. Pela primeira vez em semanas os seus sentidos interiores despertaram, e ela soube quem devia ser, e, com uma súbita certeza, o que se passava de errado com ela.

- Eilan, vem cá! - Era a voz de comando de sacerdotisa e a rapariga estava bem treinada de mais para não obedecer. Com lentos passos, Eilan voltou atrás e Caillean notou as atormentadas faces e o novo volume dos seios da rapariga. Os seus próprios problemas devem ter sido mais distractivos que o que tinha imaginado, pensou amargamente.

- Há quanto tempo estás assim? Desde Beltane? - perguntou. Eilan olhou para ela, a sua face contorcendo-se. - Minha pobre criança! - Caillean estendeu os braços e, subitamente, Eilan agarrou-se a ela a soluçar.

- Oh, Caillean, Caillean! Eu pensei que estava doente... pensei que ia morrer!

Caillean acariciou-lhe o cabelo.

- Tens tido as tuas regras durante este tempo?

Eilan abanou a cabeça.

- Então é vida, não morte, o que trazes contigo - disse ela, e sentiu o revelador aliviar da tensão no corpo magro por baixo das suas mãos.

Os seus próprios olhos encheram-se de lágrimas. Isto era uma coisa horrível, certamente, e, no entanto, não conseguia evitar sentir uma desesperada inveja, lembrando-se de como o seu próprio corpo a estava agora a trair e não sabendo se o que lhe tinha acontecido era apenas o final da fertilidade de que nunca tinha feito uso ou, na verdade, o fim da sua vida.

- Quem te fez isto, minha querida? - murmurou para o suave cabelo da rapariga. - Não admira que tenhas estado tão calada. Não podes ter pensado que eu não compreenderia!

Eilan olhou para cima, com os olhos vermelhos e Caillean lembrou-se de que esta rapariga não mentia.

- Não foi violação... Caillean suspirou.

- Então suponho que foi aquele rapaz romano. - Não era uma pergunta e Eilan assentiu *sem* palavras. Caillean suspirou de novo e olhou para o espaço. - Pobre criança - disse finalmente. - Se eu tivesse sabido logo poder-se-ia ter planeado alguma coisa, mas já estás de três meses. Sabes que vamos ter de dizer a Lhiannon.

- O que é que ela me fará? - Eilan estremeceu.

- Não sei - disse Caillean. - Nada de especial, suponho.

- Havia uma lei antiga que exigia a morte para uma sacerdotisa que quebrasse os seus votos, mas seguramente nunca a aplicariam - a Eilan. - Provavelmente serás apenas mandada embora... estavas preparada para isso, suponho. Mas estou certa que isso será o pior que pode acontecer - acrescentou.

«E se eles tentarem castigar-te com mais dureza », pensou Caillean com um assomo da sua antiga energia, «terão que se haver comigo!»

- Sua miserável, seu pequeno e sujo animal! - gritou Lhiannon. Uma súbita cor púrpura invadiu as faces da Grã Sacerdotisa e Eilan retraiu-se, - Quem te fez isto?

Eilan abanou a cabeça, os olhos a arder.

- Fizeste isto de propósito... não gritaste? Traidora! A tua intenção foi envergonhar-nos a todas ou simplesmente não pensaste? Excitada como um animal com o cio, depois de todo o nosso cuidado contigo... - Lhiannon engoliu a respiração, ofegando horrivelmente.

Caillean suspeitava que ia haver uma cena quando dissessem à Grã Sacerdotisa, mas isto estava a ser pior do que tinha esperado. A saúde e o génio de Lhiannon tinham-se tornado cada vez mais precários, e Caillean podia ver que este era um dos seus dias maus. Mas nessa altura já era tarde de mais. Subitamente ela esbofeteou a rapariga, gritando:

- Pensaste que era uma paixão sagrada? Não és melhor que uma prostituta!

- Lhiannon... - Caillean passou um braço à volta dos ombros da idosa mulher e sentiu alguma da tensão abrandar.

- Isto não é bom para vós. Acalmai-vos, Mãe; deixai-me dar-vos um chá. - Passou a mão pela testa da mulher mais velha e Lhiannon tombou-lhe nos braços. Com *uma mão* Caillean deitou algum chá dum frasco para uma caneca e levou-a aos lábios de Lhiannon. Uma fragrância a hortelã espalhou-se pelo quarto. A Grã Sacerdotisa bebeu, depois deixou escapar a respiração, num longo, tremente suspiro.

Eilan mantinha-se entorpecida e sem lágrimas à sua frente. Tinha-lhe sido necessária toda a sua força para vir até aqui.

O que acontecesse depois estava *nas mãos* do destino e, neste momento, ainda estarrecida com a fúria de Lhiannon, obviamente achava difícil importar-se. Quando Lhiannon recuperou parecia ter esquecido a sua fúria.

- Senta-te! - disse queixosamente. - Magoa-me o pescoço olhar para cima.

Caillean apontou um banco de três pernas e Eilan, ainda ressentida, obedeceu.

- Muito bem - disse Lhiannon num tom já parecido com o seu normal. - O que se pode fazer agora? Tenho pena de te ter batido, mas isto contraria planos... - Ela parou, enrugando as sobrancelhas. - Bem, temos que arranjar alguma coisa. Suponho que o melhor seja contar a Ardanos.

- Pelo amor de deus, não vejo o que é que ele tenha a ver com isto - disse Caillean. «A não ser », pensou, «que tenham sido os seus planos a serem contrariados pela vergonha de Eilan!»

- Não é como se ela tenha sido a primeira a parir por causa das fogueiras de Beltane, *nem* será a última, tenho a certeza. Seria mais fácil se Eilan fosse filha de outro homem. Mas Ardanos e Bendeigid terão simplesmente que se habituar à ideia! Com certeza que o destino duma sacerdotisa de Vernemeton é um assunto que nos diz respeito. Quereis dizer que não somos capazes de achar o que devemos fazer?

- Não foi isso que eu disse - respondeu Lhiannon irascívelmente -, mas Ardanos deve ser informado.

- Por quê? Que lei é que o requer, excepto a lei romana que torna as mulheres numa simples propriedade dos seus homens? - Caillean começou a ficar zangada. - Tendes realmente tanto respeito pela sua sabedoria?

Lhiannon passou a mão pelos olhos.

- Por que é que a tua voz tem de ser tão áspera, Caillean? Vais fazer com que apanhe uma dor de cabeça. já devias saber que não é uma questão de sabedoria mas de poder. Pelo tratado que protege este local, tudo o que diz respeito à Casa da Floresta está a seu cargo.

- Sim, tanto pior - disse Caillean com amargura. - Dizei-me, quem o escolheu para ser o deus?

Lhiannon esfregou o braço esquerdo como se ele lhe doesse.

- Em qualquer dos casos, ele é um dos poucos parentes vivos de Eilan e é de simples justiça informá-lo - disse ela cansadamente.

Caillean sentiu uma indesejada pontada de piedade. Era óbvio que Lhiannon estava desejosa de descarregar o problema para cima dos ombros doutra pessoa. Em vista da sua fraca saúde talvez isto não constituísse de todo uma surpresa.

Eilan permanecia ainda em silêncio, como se esta confissão lhe tivesse tirado todas as forças. O seu olhar estava virado para dentro, como se o que elas tinham dito não tivesse nada a ver com ela ou já não se importasse.

Diz alguma coisa, criança! Caillean fitou-a. É *o teu destino que estamos a decidir!* Caillean sabia que Ardanos não lhe podia fazer nada a ela; ele tinha tentado, mas Lhiannon era afeiçoada à sua protegida e eles tinham conseguido chegar a um certo compromisso, fingindo cuidadosamente que Caillean não existia. Ela, por seu lado, tentava evitar chamar a sua atenção, ou opor-se-lhe; mas, por causa de Eilan, sentia que até seria capaz de tentar enfrentar o velho druida.

- Muito bem, mandai então chamar Ardanos - disse em voz alta. - Mas

pensai duas vezes antes de a colocar sob o seu poder.

- Bem? - Ardanos franziu o sobrolho para as três mulheres que o esperavam no alojamento da Grã Sacerdotisa. - O que aconteceu de tão importante que tiveram de me mandar chamar?

- Lhiannon parecia frágil e cansada, e Caillean pairava como uma sombra atrás dela. Seria a sua saúde? pensou ele com uma súbita punhalada de alarme quando reparou em Eilan sentada perto da janela. Tê-lo-iam mandado chamar porque a Grã Sacerdotisa estava a morrer? Ela não parecia doente a esse ponto e decerto não teriam já dito a Eilan...

- Sejamos claros sobre isto - disse Caillean claramente.

- Eu não vos mandei chamar. E se fosse o meu último sopro negaria ainda que tivésseis qualquer autoridade sobre as sacerdotisas.

- Mulher! - trovejou Ardanos. - O que...

- E não me digais «Mulher!» nesse tom de voz, como se elas não tivessem nada a ver convosco, como se a vossa própria mãe não tivesse sido uma - retorquiu Caillean furiosamente.

- os homens que não receiam a Deusa... quem são eles para falar em Seu nome?

Ardanos fez uma careta e voltou-se para Lhiannon.

- Bem, é melhor que me digas o que é que se passa disse, não muito suavemente. - De certeza que não o ouvirei de Caillean.

Esta altura não era a melhor para deixar Deva, pensou ele irritado. Com o Governador fora, lutando na Caledónia, alguns dos oficiais locais tinham começado a abusar dos seus próprios poderes. Precisava de estar de volta ao local onde os seus agentes o podiam manter informado e, se necessário, poder usar os seus contactos entre os romanos para evitar problemas.

Lhiannon fez um estranho som estrangulado, tossiu e tentou de novo.

- Eilan está grávida do filho do Prefeito e nós não sabemos o que fazer.

Ardanos olhou para ela espantado e depois o seu olhar viajou até Eilan.

- Isto é verdade?

Eilan disse numa voz baixa:

- Eu digo sempre a verdade.

- Sim - resmungou Ardanos, a mente rodopiando-lhe em conjecturas. - Concedo-te isso; não és nenhuma mentirosa, rapariga.

Ela tinha o aspecto de quem teria preferido muito mais não lhe ter dito o que quer que fosse. Caillean foi para o lado dela e pegou-lhe na mão, protectoramente. Ele sentiu a fúria a subir. *Estas estúpidas galinhas farão alguma ideia do devastador que isto poderia ser?* A própria sobrevivência da Casa da Floresta dependia da manutenção do mito da sua pureza! Ele tinha de as fazer perceber isso!

- Por que mo perguntais? - As suas palavras soaram com todo o poder do treino bardo. - Sabeis o castigo tão bem como eu. Para uma sacerdotisa ajuramentada que faça amor com qualquer homem excepto com o Rei Sagrado é a morte.

Morte. A palavra provocou um silêncio, mesmo na quietude do quarto. Depois, Lhiannon gemeu e Caillean correu rapidamente para a apanhar nos braços.

- Velho cruel e sem coração! - explodiu. - E pensar que foi ela que insistiu em vos expor o problema! - Agarrou a mulher mais velha de encontro a si, à procura da pulsação no pescoço. - Deusa! O seu coração está a pular como um cavalo assustado! Mas ainda não a matastes, ainda não foi desta vez. - Endireitou-se quando Lhiannon gemeu e se mexeu. - Sabeis que o seu coração está fraco. Quereis tentar de novo?

Ardanos inclinou-se para ela. Disse suavemente:

- Foi apenas um desmaio; vai recuperar. - Sentiu-se mais abalado que o que tinha esperado. - Não sabia que isto a iria afectar tanto.

Ajudou Caillean a levantar a anciã, surpreendido com o leve que ela era por baixo das roupas, e a deitá-la na cama, um pouco levantada nas almofadas para que pudesse respirar. Caillean deitou umas gotas de uma poção num copo de água e levou-o aos lábios da Grã Sacerdotisa. Ardanos viu os músculos da garganta de Lhiannon contraírem-se enquanto engolia, e, passados poucos momentos, as suas pestanas abriram-se de novo.

Os seus olhos ainda são belos, pensou Ardanos surpreendido, mesmo agora, quando estão enevoados pela dor. Lamentaria quando a morte a levasse, mas não podia deixar que esse conhecimento interferisse com o que tinha que fazer.

- A morte não - murmurou ela. - Não há outra solução? Ardanos olhou de relance para Eilan, que estava sentada encolhida no seu banco com os nós dos dedos encostados aos lábios, o olhar fixo em Lhiannon.

- Teria dito o mesmo nem que fosse a minha própria filha Dieda. Primeiro pensei que fosse ela...

- Dieda não interessa... - disse Lhiannon com mais força. - Não podemos deixar que façam mal a Eilan!

- Claro que não! - disse Caillean acalmando-a. - Ardanos sabe tão bem como vós ou eu que essa penalidade nunca foi exigida. Afinal de contas, não é como se isto fosse uma novidade.

- Bem - perguntou cautelosamente Ardanos -, o que sugeris que façamos? - Deu-lhe uma satisfação perversa ver Caillean domesticada daquela maneira. Talvez ela fosse menos incómoda a partir de agora.

o filho de Miellyn foi gerado pelo Rei do Ano, e, de qualquer modo ela abortou, pelo que o problema não se pôs. Mas há cinco ou seis anos tivemos um problema semelhante e a rapariga foi calmamente mandada embora.

- Isso é verdade - disse Ardanos. - Mas a rapariga em questão não era filha de um druida importante...

- Nem neta doutro - disse rispidamente Caillean. - E assim chegamos ao fulcro da questão; tendes medo que isto se reflicta sobre vós!

- Está calada, Caillean - disse Lhiannon. - Como podes sentar-te aqui a discutir com Ardanos enquanto esta pobre criança - olhou de relance para Eilan - está a ouvir, sem saber se deverá morrer ou viver.

Ardanos olhou para a neta; não podia ver nada pela sua expressão. Estava ela a ser teimosa ou, na verdade, não se importava? Abanou a cabeça exasperado. O trabalho que aqui tinham feito não podia ser posto em perigo por uma rapariga tonta.

- É sabido entre as outras? - perguntou, e Caillean abanou a cabeça. - Arranjai maneira de isso se manter assim e talvez consigamos achar uma maneira...

- Oh, que amabilidade! - disse Caillean sarcasticamente. Fazer pela vossa neta o que faríeis por qualquer estranha...

- Está calada, filha - repetiu cansadamente Lhiannon.

Não devias falar desse modo ao Arquidruida. Tenho a certeza que ele está a tentar fazer o melhor que pode por Eilan... e por nós todas.

Caillean pareceu céptica, mas acalmou-se.

- De qualquer modo, não sois as únicas interessadas disse severamente Ardanos. A violação de uma sacerdotisa sagrada, pois era assim que ele lhe chamava, dissesse Eilan o que dissesse, era um rastilho que podia pôr toda a Bretanha em chamas. Havia um romano, pelo menos, que iria ficar tão ansioso como ele por ver este assunto ser tratado discretamente.

- Irei até Deva e falarei com Macellius; talvez até me encontre também com o jovem romano.

Durante o mês que se seguiu os enjoos de Eilan pararam, e durante a maior parte do tempo ela sentiu-se tão bem como sempre. Os seus vestidos soltos esconderam as mudanças nos seus seios e, sendo um primeiro filho, ainda se passaria algum tempo antes que qualquer volume fosse visível no seu ventre.

Perguntava-se o que Gaius teria pensado quando soube da sua gravidez. Não estava arrependida de ter feito amor com ele, mas via agora o poder das forças levantadas contra ela, e parecia-lhe que tinha sido uma idiota em ter pensado que as coisas podiam mudar. As suas visões de se tornar numa grande sacerdotisa à maneira antiga estavam a desvanecer-se. Nesta altura apenas queria ser a mãe do filho de Gaius. Mas mesmo então, apesar das palavras de despedida de Ardanos, não se atrevia a acreditar que a deixassem casar com ele.

Pelo menos, Caillean e Lhiannon não pareciam acreditar que o seu estado a desqualificava para participar nos rituais. A maior parte do seu tempo passou-o a decorar a cerimónia da Lua Cheia, juntamente com as outras sacerdotisas ajuramentadas.

Tinha-se tornado numa questão de orgulho para ela o provar que a perda da virgindade não tinha afectado a sua capacidade como sacerdotisa, de modo que ela se dispôs a memorizar as minúcias dos rituais. Quando eram crianças tinham lutado para fazerem o melhor fio de lã, ou o mais esmerado dos bordados, e assim ganhar os elogios de Rheis. Nesses dias Eilan tinha tido pena da sua

parenta, porque a mãe de Dieda já tinha morrido enquanto ela própria tinha tido sempre o carinho duma mãe, pelo que se tinha abstido da competição. Dieda tinha necessidade de ser a primeira; Eilan não. Mas agora ela tinha uma razão para se superar.

Eilan tinha um bom intelecto e, incitada por Dieda, usou-o até ao seu limite. A memória de Dieda era mais precisa e, claro, ninguém conseguia competir com o seu canto; mas, das duas, Eilan provou muitas vezes ter a melhor capacidade de compreensão.

Quando Lhiannon falava com elas, Eilan via-se suspensa de cada uma das suas palavras. A Grã Sacerdotisa tinha-se tornado tão frágil que se lhe tornava difícil lembrar-se que Lhiannon ainda tinha apenas à volta de sessenta anos.

Eilan pensava algumas vezes em quem lhe sucederia. Deveria ser Caillean, mas a irlandesa tinha dito que os sacerdotes nunca a aceitariam. Miellyn estava franca e amarga de mais desde a perda da sua criança e Eilidh era demasiado introvertida. Podia ser Dieda, pensou ela então, e tentou imaginar o que seria viver sob o domínio da sua parenta.

Na altura em que a Lua estava cheia novamente, Lhiannon pareceu muito melhor mas, à medida que o ritual progredia, podiam ouvir a sua voz tornar-se cada vez mais débil. Ela completou a cerimónia, mas era claro para todas o

quanto lhe tinha custado. No dia seguinte teve um colapso e, desta vez, quando foi levada para a cama não encontrou forças para de lá voltar a sair.

DEZESSEIS

Ardanos pode ter sentido uma certa satisfação em dizer a Macellius Severus o que o seu filho tinha feito, mas, o que quer que tivesse esperado, tinha encontrado no Prefeito alguém à sua altura. Macellius ouviu-o com grande cortesia, e depois informou-o calmamente de que Gaius tinha partido para Londinium a fim de se casar. E assim que o Arquidruida se foi embora tratou de fazer que isso acontecesse.

Macellius não tinha nenhuma dúvida de que Ardanos lhe estava dizer a verdade. A única surpresa era como ele se podia ter iludido si próprio sobre a paixão do filho. Havia um traço de teimosia no rapaz herdado dele e um traço romântico que era a herança da mãe. Macellius esfregou os olhos. Moruah tinha desafiado o desagrado de todos os seus conhecimentos para casar com ele. Não devia ter subestimado a força desse selvagem sangue celta.

Com um cavalo ou um escravo tão desobedientes saberia tomar medidas mais duras. Talvez fosse mais difícil para ele disciplinar Gaius, pois tantas vezes via Moruadh a olhar para ele através dos olhos do filho. Mas o casamento com uma boa rapariga romana faria o rapaz assentar. Quando os passos do druida

desapareceram no corredor de ladrilhos, Macellius chamou o seu secretário.

A visão da tempestuosa face do seu patrão impediu o jovem Valerius de dizer uma das suas habituais piadas. Saudou disciplinadamente e saiu à procura de Gaius. Encontrou-o na biblioteca, lendo o relato das guerras gaulesas de César.

- Vou imediatamente. - Gaius pousou o rolo. - Fazes alguma ideia do que o meu pai quer?

- Não. Nenhuma. Mas ele está furioso - avisou Valerius. Esta manhã teve a visita do velho druida Ardanos e ele saiu de lá como um trovão, Senhor Gaius.

- Sim? Imagino o que quereria o velhote? - perguntou Gaius, sentindo um pequeno arrepio a começar a subir-lhe pela espinha acima. Ardanos tinha entrado e saído daquele lugar, desde que ele era uma criança, para tratar de algum problema relacionado com os nativos ou qualquer outro. As pessoas estavam sempre a aparecer com solicitações, legítimas ou não, e quando elas se mostravam demasiadamente pouco razoáveis o mais provável era o pai ficar de muito mau humor. Não havia qualquer razão para que esta convocatória tivesse algo a ver com o facto de Ardanos ser o avô de Eilan, mas enquanto percorria o corredor ladrilhado não conseguia deixar de se sentir preocupado.

O Severus mais velho estava a segurar num rolo de ordens militares.

- Vais partir para Londinium imediatamente - rosnou.

Gaius olhou para ele espantado. Abriu a boca para perguntar porquê, e percebeu que o seu pai estava com uma fúria monumental.

- Tinha-te dito para deixares aquela rapariga em paz!

A compreensão começou a nascer. Ardanos deve ter dito ao Prefeito que ele tinha estado com Eilan. Alguém os teria visto? De certeza que Eilan não tinha contado a ninguém. Gaius teria ficado feliz em proclamar o seu amor aos quatro ventos; tinha sido ela a insistir no secretismo.

- Com todo o respeito, senhor, não penso...

- Não, tu não pensas. Isso é metade do problema - rosnou Macellius. - Suponho que sabes que dificilmente podias ter feito algo pior, mesmo que tivesses procurado por toda a Bretanha, a não ser que tivesses violado a sua Grã Sacerdotisa em plena luz do dia, em cima do seu Altar principal, ou cortado o carvalho sagrado deles. Queres ver-nos todos massacrados?

Macellius não esperou por uma resposta.

- As pessoas aqui não precisam duma desculpa para começarem um tumulto. Não, nem uma palavra - disse ele com um gesto peremptório quando Gaius quis falar. - Confiei uma vez na tua palavra... nunca mais. Não penso, nem por um momento, que tenhas violado a rapariga mas consigo acreditar, bem facilmente, que a engravidaste. Não tenho a mínima das dúvidas que ela seja uma boa rapariga, ao seu modo, e que merece mais de ti que isto. Uma virgem ajuramentada e a neta do Arquidruida!

A boca de Gaius fechou-se outra vez lentamente. Eilan grávida! Eilan transportando o filho dele! Recordou-se da doçura da sua boca e da suavidade do corpo dela por baixo do seu e engoliu em seco, mal ouvindo as palavras que o pai disse a seguir.

- Não te perdoarei teres-me colocado numa posição em que não podemos sequer fazer qualquer compensação honrosa, mas, como as coisas estão agora por aqui, nem sequer posso mandar que cases com ela.

- Mas eu quero... - começou Gaius.

Macellius abanou a cabeça.

- O Sul explodiria como há vinte anos se o povo ouvisse tal coisa, um facto de que o velho está bem consciente. Ele já me arrancou uma concessão sobre as levas de mão de obra, e atrevo-me a dizer que não se vai ficar por aqui. Mas pelo menos não te usará contra mim. Disse a Ardanos que estavas em Londinium e é para aí, meu rapaz, que irás. Dar-te-ei uma carta para Licinius e, com alguma sorte, não te verei antes de estares casado como deve ser.

Gaius ouviu-o incrédulo.

- Casado? Mas isso é impossível!

- Veremos - disparou o pai. - Consegues pensar noutra maneira qualquer de desfazer a tua loucura? Ardanos prometeu que não fariam qualquer mal à rapariga desde que te mantenhas afastado dela, e eu não consigo pensar em nenhuma outra maneira de ter a certeza que nunca mais te aproximas dela. Sabes que Licinius e eu falámos sobre isto, de modo que o dote e os preparativos não serão problema. Se ela ainda te quiser depois disto, casarás com a rapariga.

Gaius abanou a cabeça, tentando encontrar palavras para protestar e o seu pai fitou-o.

- Casarás - ordenou suavemente, mas com tanta fúria contida que Gaius não se atreveu a protestar. - Tive trabalho de mais para te salvar da tua própria estupidez para agora deixar que te destruas a ti próprio. Partes dentro de meia hora. - o pai escrevinhou a assinatura num rolo de papiro e olhou para cima, para Gaius. - Se recusares não sei o que farão à rapariga. Podias tentar pensar nela, para variar.

Gaius olhou para ele, tentando recordar-se do castigo romano para uma Vestal que quebrasse os seus votos; tanto quanto se lembrava, enterravam-nas vivas. Consciencializou abruptamente que tudo o que pudesse dizer não seria tomado senão como autodefesa. De facto, podia pôr em perigo a vida de Eilan. O receio que sentiu por ela secou-lhe as palavras na garganta.

Macellius enrolou a carta, selou-a, e entregou-a ao filho.

- Leva isto a Licinius - instruiu. - Capellus, o meu ordenança, irá contigo - acrescentou, - já lhe mandei recado para emalar as tuas coisas.

Em menos duma hora Gaius viu-se na estrada para Londinium com a maciça figura do velho Capellus a seu lado. Todas as suas tentativas de começar uma conversa foram polida mas firmemente repelidas. Quando, quase desesperado, ofereceu um suborno ao homem - tinha de parar para, de qualquer modo, fazer chegar uma palavra a Eilan - a resposta do grande homem foi quase um ronco.

- Sem ofensa senhor, mas o vosso pai disse-me que provavelmente tentaríeis isso e pagou-me bem para ver que vós não fôsseis a nenhum lado senão directamente para Londinium. E eu trabalho para o vosso pai e não quero ficar sem emprego, percebeis? Sendo assim, acalmai-vos senhor e fazei como o Prefeito diz. Quando pensardes sobre isso, senhor, vereis que tudo será pelo melhor, vedes?

A viagem para Londinium levou quase seis dias. À volta do terceiro dia, o optimismo natural de Gaius tinha começado a vir ao de cima, e observou com

um interesse cada vez maior as bem cuidadas casas que brotavam nos campos. Podia ver o quão bravio ainda estava o país a ocidente. Esta ordenada paisagem era o que o Império era suposto ser. Ele admirava-a, mas não estava certo de gostar dela.

Aproximava-se a noite quando atravessaram os portões da cidade e chegaram em frente da mansão do Procurador, localizada entre o Forum, onde se situavam os escritórios do departamento de finanças, e o novo palácio que Agricola estava a construir, com os seus lagos ornamentais. Quando criança tinha vindo diversas vezes a Londinium e, também, quando assumiu a toga e se tornou oficialmente um homem, mas nunca desde que Agricola se tinha tornado no seu governador.

A cidade brilhava graciosamente à luz do crepúsculo de Verão e um vento frio vindo do rio dissipava a opressiva humidade do dia. As cicatrizes dos incêndios de Boudicca estavam quase escondidas e os planos de edificação do governador deixavam entrever as nobres proporções que a cidade viria um dia a ter. Claro que nunca poderia rivalizar com Roma mas em comparação com Deva era uma metrópole.

Gaius entregou a carta a um imponente homem liberto que estava no pórtico e foi convidado a entrar e a sentar-se no pátio central. Aqui ainda fazia calor e sentia-se o perfume dos arbustos e flores colocados à volta em vasos. Da fonte vinha um tilintar de água corrente e, algures nos quartos para lá do pátio, a música do riso duma rapariguinha. Passado algum tempo apareceu um velho jardineiro que começou a cortar flores, provavelmente para a mesa, mas ele não percebeu, ou fingiu não perceber, qualquer das línguas em que Gaius se lhe

dirigiu. Gaius passeou por ali durante algum tempo, contente por poder esticar as pernas depois do comprido dia em cima da sela. Depois sentou-se num banco de pedra, e, surpreendido pela fadiga da viagem, adormeceu.

De algum modo o som do riso da rapariga imiscuiu-se no seu sonho... Gaius acordou sobressaltado, olhando à sua volta, mas não havia ninguém a vista a não ser um homem de meia idade, com uma constituição pesada, de muletas, vestido com uma toga cerimonial. Gaius levantou-se num pulo, corando com o embaraço.

- Gaius Macellius Severus?

- Sim, senhor...

- Devia tê-lo sabido. - O velho sorriu. - o meu nome é Licinius e o teu pai e eu temos sido amigos durante quase toda a nossa vida. É um verdadeiro prazer dar as boas-vindas ao seu filho. O teu pai está bem?

- Quando o vi pela última vez, há alguns dias, estava, senhor.

- Bom. Bom. Bem, jovem, tinha esperado, claro, que ele pudesse escapar-se para me visitar mas tu és muito sinceramente bem vindo em seu *lugar.* Dado a *nossa* combinação, podes imaginar o ansioso que tenho estado para te conhecer.

Todo o caminho desde Deva que Gaius tinha estado a repetir *para si* próprio que não deixaria que o *precipitassem para* nenhum casamento *à pressa,* mas não conseguia explodir em protesto à frente do velho amigo do seu pai. Tinha concordado COM isto devido ao perigo que Eilan corria e sabia que devia estar agradecido por Licinius ser tão amável.

- Sim, senhor - disse contemporizando. - O meu pai falou qualquer coisa sobre isso...

- Bem, *espero bem* que sim - disse Licinius rudemente.

- Como disse, temos pensado nisso desde que nasceste. Por Mithras rapaz, se Macellius não te tivesse falado nada sobre isto iria pensar no que é que hoje em dia ele estava a usar em vez da cabeça. - Apesar da sua rudeza, esta *era* a primeira voz totalmente amigável que Gaius tinha ouvido desde há muitos dias,

e, quase contra a sua vontade, sentiu-se confortado por ela. Era agradável ser-se benvindo. O Procurador tomou como certo que ele devia *ser* tratado como um amigo apreciado e um genro em Perspectiva e *já* se tinha passado muito tempo desde que alguém tinha feito Gaius sentir-se parte duma família. Ele apercebeu-se, com uma súbita pontada de dor, de que a última vez que o tinham feito *sentir* assim tinha sido na casa de Bendeigid. Eilan, Cynric, o que iria acontecer-lhes? Sabê-lo-ia jamais? Tinha-se preocupado com isto todo o caminho até Londinium - agora tinha de parar.

- Bem então, filho - disse Licinius -, deves estar ansioso para conhecer a tua noiva.

«Fala », disse Gaius para consigo próprio. Mas não conseguia *resolver-se a apagar a* luz que brilhava nos olhos do velho, e, *em* vez de *o* fazer, murmurou algo não comprometedor. *«Eles castigarão* Eilan se eu tentar vê-la novamente », lembrou-se firmemente. O melhor que podia fazer por ela seria seguir em frente com esta cerimónia como *era esperado* dele. «Ou », pensou, «será *apenas uma desculpa para* evitar uma confrontação?»

Mas Licinius já tinha ordenado a um bem vestido servidor superior.

- Manda chamar a senhora Julia.

Gaius sabia que esta era a altura para dizer que não queria ter nada a ver com esta farsa de um casamento combinado - mas, sem esperar pela sua resposta, o Procurador já se tinha posto em pé.

- Ela virá ter contigo dentro de momentos, Vou deixá-los a vocês jovens sozinhos para que se conheçam. - Antes que Gaius pudesse encontrar as palavras que o detivessem, já ele partia a coxear.

Julia Licinia tinha zelado pela casa do pai desde a morte da mãe há três anos. Filha única, desde a mocidade tinha assumido que se casaria com quem quer que fosse o homem que o pai escolhesse. Ele tinha-lhe dito que tinha combinado um casamento com o filho de Macellius; pelo menos isto queria dizer que não seria entregue a algum patrício desconhecido, com o dobro da sua idade, como tinha acontecido a mais que uma das suas amigas. Tentando parecer despreocupada, colheu um dos maduros figos duma das árvores que cresciam nos vasos do átrio colunado quando o seu pai se dirigiu a ela.

Ele sorriu abertamente.

- Ele já aí está, minha querida, Gaius Macellius o mais jovem, o teu marido prometido, Vai e vê o que achas dele; afinal de contas és tu que estás para casar com ele. Mas penso que se não gostares do aspecto do jovem é porque és difícil de contentar. Julia olhou fixamente para o seu pai. Disse:

- Não estava à espera disto tão cedo.

E, contudo, ocorreu-lhe que não havia qualquer necessidade de o adiar. Estava ansiosa por ter qualquer coisa de seu; e, certamente, quando ela tivesse gerado um filho a este jovem tribuno, ele a valorizaria acima de todas as coisas. já estava habituada a dirigir uma casa, mas queria filhos que a amassem. Estava determinada a não falhar, como tinha acontecido com a sua mãe, em dar um filho ao seu marido.

- Nem eu - disse bondosamente o pai. - Queria ficar com a minha pequenina um pouco mais. Agora, provavelmente terei que me casar com alguma viúva velha para me dirigir a casa. Mas parece que o jovem se envolve' com alguma nativa e Macellius acha que o casamento o fará assentar. E assim...

Uma rapariga nativa? A sobrancelha de Julia levantou-se. Estava ciente que a maioria dos pais não falariam tão francamente com uma filha, mas ela tinha sido sempre para Licinius tanto uma companheira como uma filha.

- E então?

- E então o rapaz apareceu à nossa porta e é tempo que vocês, jovens, se conheçam. Suponho que deves estar ansiosa por conhecê-lo?

- Tenho que admitir que estou curiosa. - Que tipo de marido lhe tinha a sorte destinado? Uma escapadela podia ser perdoada, mas se ele era do tipo de andar habitualmente atrás de mulheres não estava segura de o querer.

- Então corre, filha - disse-lhe o pai. - Devo dizer, que se ele não gostar de ti é porque também ele é difícil de contentar. Num súbito pânico Julia lembrou-se de que estava vestida com uma túnica velha e que se tinha penteado muito à pressa.

- Assim? - perguntou. Numa grande atrapalhação, tentou ajustar as pregas do vestido para esconder uma nódoa de amoras.

- Tenho a certeza que é a ti que ele quer ver, não o teu gosto para vestidos - admoestou-a o pai carinhosamente.

- Estás perfeitamente adorável. Ele sabe que és minha filha e isso é o que verdadeiramente importa. Despacha-te e vê o que achas dele. Não sejas pateta, criança.

Julia sabia que não havia apelo. Licinius era um pai generoso, até mesmo indulgente, mas uma vez que tivesse tomado uma decisão não conseguia fazer com que mudasse de opinião nem lisonjeando-o.

Uma vez mais Gaius ouviu o suave som de risos femininos e, por qualquer razão, pensou em Odisseu, surpreendido na praia por Nausícaa e pelas suas donzelas; apenas conseguiu ficar a olhar quando a rapariga apareceu por detrás duma das árvores em flor e se dirigiu a ele.

Uma rapariga? Uma criança, pensou Gaius inicialmente; porque embora ele próprio não fosse alto, a rapariga que entrou mal lhe chegava ao ombro; tinha uma cabeça pequena, bem formada, com espessos caracóis escuros, frouxamente presos na nuca. Os seus olhos também eram escuros, e enfrentaram os seus sem sombra de receio. Tinha, evidentemente, estado a comer amoras, pois a sua fina

túnica de lã branca, e os seus lábios, estavam manchados com o cor-de-rosa do seu sumo. O seu pai tinha-lhe dito que ela tinha quinze anos, mas dificilmente parecia mais de doze.

- Tu és a Julia Licinia?

- Sou. - Ela olhou para ele de cima a baixo. - O meu pai prometeu-me a um bárbaro meio romano e vim aqui para lhe dar uma olhadela. Quem sois vós?

- Receio que seja esse bárbaro meio romano - disse ele um pouco rigidamente.

A rapariga inspeccionou-o friamente e ele sentiu-se como se estivesse à espera dum veredicto de inusitada importância; depois, ela deu uma risadinha.

- Bem, vós pareceis suficientemente romano - disse.

- Estava preparada para um grande bárbaro loiro cujos filhos nunca viessem a parecer de sangue romano. É verdade que a política do nosso Governador de ensinar aos filhos dos chefes guerreiros os usos e costumes romanos tem sido bastante bem sucedida - acrescentou pensativamente -, mas aqueles de nós com sangue romano não devemos esquecer a quem pertence o Império. Eu nunca daria à luz nenhuns bebés cujos retratos parecessem deslocados entre os dos meus antepassados.

«Sangue romano ou toscano?» pensou Gaius cinicamente, lembrando-se de que Licinius tinha a mesma origem etrusca que o seu próprio pai e que devia a sua ascensão nas fileiras ao mérito, não aos antepassados. Essas origens comuns faziam, sem dúvida, parte do laço que os unia. Gaius pensou em Cynric, que também era meio romano, se bem que sem o desejar. Pelo menos ele, Gaius Macellius, parecia-se com o que era suposto ser e o seu pai não se tinha poupado a trabalhos para que ele fosse aceite como tal. Disse secamente:

- Suponho que devo estar grato por ter passado na vossa inspecção.

- Oh, vá lá - disse ela -, tenho a certeza que quereis que os vossos filhos se pareçam o mais possível com romanos tanto como eu.

Com uma súbita pontada de dor pensou, «E como será o filho de Eilan?» Seria tão loiro como a mãe, ou mostraria a origem paterna no rosto? Obrigou-se

a devolver o chocarreiro sorriso de Julia.

- Oh, estou mais que certo que todos os vossos filhos serão romanos e destemidos.

Estavam a rir os dois quando Licinius voltou. Ele espreitou para o rosado rosto de Julia, como que em confirmação, e disse:

- Está tudo decidido, então.

Gaius pestanejou quando o seu sogro em perspectiva lhe apertou a mão, sentindo como se um grande carro de assalto lhe tivesse passado por cima, Mas a seu lado apenas se encontrava Julia, pequena e sorridente. Ela parecia tão inofensiva; como uma criança.

Mas ela não o é, pensou. Um só encontro foi o suficiente para o convencer. *Longe disso. Inofensiva seria a última palavra que usaria para a descrever.*

- Claro - disse o Procurador - que um casamento como este não pode ser organizado rapidamente. - Estava a tentar ser jocoso. - As pessoas iriam pensar que Julia se tinha de algum modo portado mal se se casasse a qualquer momento com um estranho vindo sabe-se lá de onde. A sociedade local e a minha família têm que ter a oportunidade de te conhecer e de te avaliar.

Era exactamente essa a questão deste casamento, pensou Gaius secamente, só que era ele quem se tinha portado mal. Mas podia ver que Julia não queria ser apressada para um casamento Com - como o Procurador o tinha posto - um estranho vindo sabe-se lá de onde. Tinha que se lhe dar a hipótese de se casar como um membro respeitável da sua própria comunidade. E o adiamento dar-lhe-ia, a ele, a oportunidade de recuperar o fôlego e pensar no que fazer. Talvez com um conhecimento mais íntimo a rapariga decidisse que afinal de contas não gostava dele e, nesse caso, nem mesmo o seu pai o culparia por não casar com ela.

Licinius deu uma pancadinha na carta de Macellius.

- Oficialmente, isto transfere-te para um cargo sob o meu comando. Podes pensar que um jovem oficial não precisa de saber nada sobre finanças, mas quando chegares a comandar uma legião verás o teu trabalho facilitado se souberes algo sobre o sistema que mantém os teus homens calçados e alimentados! Sem dúvida que o acharás um trabalho fácil depois da fronteira. Não é Roma, mas Londinium está a crescer e não terás mãos a medir com as mulheres, agora que todos os oficiais jovens do pessoal do Governador partiram

para o Norte.

Fez uma pausa e fitou Gaius com um olhar duro.

- Desnecessário será dizer - acrescentou -, que não haverá nenhum comportamento impróprio enquanto aqui estiveres. - O Procurador continuou - viverás com Julia sob este tecto como se ela fosse tua irmã, embora eu vá gradualmente fazendo saber que ela é a tua mulher prometida desde a infância. Mas até depois da cerimónia...

- Pai - protestou Julia -, acreditas realmente que eu desgraçaria desse modo tanto a vós como a mim?

Os olhos de Licinius suavizaram-se quando olhou para ela.

- Espero-o bem, rapariga - resmungou. - Apenas o quis tornar claro para este jovem.

- Estou certo que não - murmurou Gaius. Mas o perigo era escasso; achava difícil acreditar que Julia alguma vez se deixasse dominar pela emoção. Ela era, com certeza, muito diferente de Eilan, que tinha pensado nos interesses dele primeiro que nos dela, e estava agora a sofrer as consequências.

Apressá-la-iam, agora, para um casamento de conveniência com alguém mais «adequado », como estavam a tentar fazer com ele? Subitamente ele visionou-a, sovada ou intimidada até à submissão, triste, infeliz, talvez até a chorar. Ela era, afinal de contas, de nascimento nobre, tal como os Bretões consideravam essas coisas, e uma aliança com a sua família podia ser considerada vantajosa - como este casamento com Julia seria politicamente vantajoso para o seu pai - e, supunha, também para ele.

«Mas estou certo que se eles tentarem ela recusará », pensou então. «Ela tem mais integridade que eu.» Por muito extática que a sua união com Eilan tivesse sido, tinha havido momentos em que ela quase o tinha assustado. Ou talvez fosse a sua própria resposta que lhe tinha metido medo.

Julia sorriu com uma aparência de timidez, Era, pensou Gaius, adoptada em beneficio do pai; a hora que se tinha passado tinha-o ensinado que era difícil de imaginar algo menos tímido que Julia - excepto talvez um dos elefantes de guerra de Aníbal. Mas talvez o pai ainda pensasse nela como uma criança tímida; os pais eram sempre os últimos a saber como é que os seus filhos eram na realidade.

Mas isso fê-lo pensar de novo em Eilan; o pai dela tinha confiado nele e veja-se o que aconteceu; não podia culpar o pai de Julia por ser mais cuidadoso.

Os deveres dum oficial destacado para o pessoal do Procurador acabaram por incluir u certo número de tarefas que teriam provavelmente sido fáceis para Valerius mas que, para Gaius, cujo tutor se tinha aposentado há alguns anos, eram tão desgastantes para o espírito como as primeiras semanas no exército o tinham sido para o corpo. Afortunadamente, estas tarefas eram muitas vezes interrompidas por nomeações para serviços de escolta a altos dignitários de visita.

Ele não estava muito habituado a cidades, mas cedo aprendeu a movimentar-se suficientemente bem. Gnaeus Julius Agricola, o Governador, tinha começado um programa de construção, do qual Londinium tinha sido o primeiro beneficiário. Os Bretões tinham sido um povo pastoril, enquanto a vida romana se centrava à volta da cidade, com as suas lojas e banhos, os seus jogos e teatros. Uma ponte ligava Londinium com o Sul, e outras estradas estendiam-se para o Norte e para o Ocidente. Ao longo destas artérias vinha o comércio de todos os cantos da província e os barcos que ancoravam nos molhes carregavam mercadorias de todo o Império.

Acompanhar os estrangeiros deu-lhe uma desculpa para explorar e dar-se a conhecer a visitantes de elevada situação. Quando Gaius juntou coragem para

lhe perguntar, Licinius disse que era assim que o tinha planeado.

- Pois porque se este casamento for bem sucedido... disse ele, e deteve-se sem acabar a frase. - Sabes, eu não tenho filhos; nenhum filho de todo, excepto Julia, e se as coisas correrem como devem, deve-lhe ser permitido suceder-me e talvez até chegar a senador. Mas claro que uma mulher, por muito capaz que seja, apenas pode fazer uso do seu estatuto por intermédio do marido. É por isso que me agrada tanto que ela se case com o filho do meu mais antigo amigo.

Só então Gaius percebeu o plano de Macellius. Casado com Julia, Gaius podia legitimamente aspirar à posição à qual o imprudente casamento do pai o tinha desqualificado. Não teria sido humano - nem filho de Macellius - se ficasse indiferente às possibilidades. o facto de viver em Londinium já lhe tinha alterado as perspectivas, e estava a começar a perceber o que teria deitado fora se tivesse fugido com Eilan. Ele tinha abusado dela? Apenas podia esperar que ela soubesse que nada na terra - excepção feita à vontade do seu pai, ou às ameaças à própria Eilan - teria podido fazer com que ele a abandonasse.

Não tinha percebido que Julia estava a par dos seus problemas até ela trazer o assunto à baila.

- O meu pai contou-me - disse ela depois da refeição da tarde, quando estavam sentados no terraço, o pôr do Sol de finais do Verão a dourar o zimbório

da basílica - que foste enviado para aqui porque tinhas feito uma espécie qualquer de aliança com uma mulher nativa, a filha dum homem proscrito. Diz-me qualquer coisa sobre ela. Que idade tinha ela?

Gaius sentiu o rosto a arder e tossiu para disfarçar a sua confusão. Nunca lhe tinha ocorrido que o pai dela lhe tivesse contado; mas talvez fosse melhor tomrnr as coisas claras entre eles.

- Alguns anos mais velha do que tu, penso. - Na verdade, supunha que Julia devia ter agora mais ou menos a idade que Eilan tinha quando a conheceu pela primeira vez. Se bem que em tudo o resto fossem completamente diferentes, Julia tinha o toque de inocência que primeiro tinha amado em Eilan.

O Procurador tinha-o mantido ocupado, bem como o tinha a sociedade local. Era uma experiência inebriante para um jovem rapaz de sangue misto. Uma vez tinha dito ao seu pai que não era ambicioso, mas isso tinha sido antes de perceber que recompensas a riqueza, e os conhecimentos adequados, podiam proporcionar.

Julia sorriu amavelmente para ele.

- Gostavas muito de te teres casado com ela?

- Pensei que sim. Estava apaixonado. Claro que nessa altura ainda não te tinha conhecido - disse rapidamente, pensando no que é que o amor poderia significar para Julia.

Ela olhou para ele, longa e fixamente.

- Penso que a deves ver outra vez antes de casarmos - disse -, apenas para termos a certeza de que não irás ansiar por ela depois de estares casado comigo.

- Faço todas as tenções de ser um bom marido- - começou ele, mas Julia, ou percebeu mal, ou fingiu que o fez. os seus olhos estavam muito escuros; ele não conseguia ler neles. Os olhos de Eilan eram claros como um lago duma floresta.

- Porque - disse ela francamente - não quero um homem que preferisse estar casado com outra pessoa qualquer. Penso, realmente, que a deves ver de novo e descobrir o que queres que seja a tua vida. Então, quando voltares, saberei que o

que realmente queres fazer é casares-te comigo.

Ela soava como o pai dela, pensou sombriamente, quando estava a negociar um contrato; soava como se pensasse que o casamento era uma carreira. Mas também, tendo sido educada na capital como o foi, era exactamente isso que provavelmente se esperava que ela fizesse! E que outra carreira poderia haver para uma mulher romana? O que poderia ela saber do sangue que pulsava nas veias quando se ateavam as fogueiras de Beltane ou o desejo que corroía o coração como a música das flautas que os pastores tocavam nas colinas?

Em qualquer dos casos, o seu pai tinha-lhe tornado impossível o tornar a ver Eilan; sem dúvida que até Julia teria ficado horrorizada se soubesse que a sua amada era o equivalente local duma Virgem Vestal. Mas Julia estava já a fazer planos, e, mais uma vez, Gaius sentiu-se como se estivesse no caminho duma carga de cavalaria.

- O pai vai mandar-te para o Norte com despachos para Agricola...

Gaius levantou uma sobrancelha, pois não tinha ouvido nada sobre isto, mas não se sentiu verdadeiramente surpreendido. Julia era a querida de todos os escriturários no *tabularium* e quando se considerava uma mudança de ordens eles eram sempre os primeiros a saber. «E o último a saber é sempre o mais interessado!», pensou.

- Durante a tua viagem podes arranjar algum tempo para veres essa rapariga. Quando voltares estarás completamente, completamente seguro que preferes casar-te comigo.

Gaius reprimiu UM sorriso, já que ela não sabia tanto como pensava se imaginava que ele iria ter muito tempo para excursões paralelas durante um serviço do governo. Mas talvez conseguisse arranjar alguma coisa; o sangue já lhe estava a correr mais depressa nas veias ao pensamento de voltar a ver Eilan outra vez.

Graças fossem dadas a Vénus por Julia não poder saber no que estava a pensar, se bem que houvesse alturas em que ele a acreditasse com os poderes de uma Sibila, ou talvez todas as mulheres tivessem esse tipo de poder. Mas Julia já estava a tagarelar sobre o seu véu de noiva, que deveria ser feito dum material fabuloso, trazido por caravana dos confins do mundo.

Seria um alívio, pensou, mesmo que tivesse de viajar para as inóspitas terras da Caledónia, o voltar outra vez para o exercito regular.

DEZESSETE

À medida que o Verão caminhava a passos largos em direcção a Lughnasad, não parecia a Eilan que Lhiannon estivesse a ficar melhor. Por vezes o coração da velha mulher doía-lhe e estava sempre cansada. Ardanos vinha todos os dias, e ao princípio ele e a Grã Sacerdotisa ainda falavam, mas com o passar dos dias, e como a atenção dela se virava cada vez mais para dentro, limitava-se a sentar-se ao lado da sua cama em silêncio, e quando falava era com Caillean ou consigo próprio. Depois destas sessões, Caillean ficava silenciosa e pensativa, mas, também, ela tinha sido sempre uma pessoa que pouco denunciava as suas intenções.

Eilan achava estranho que enquanto o seu próprio corpo se estivesse a tornar num vaso de vida, Lhiannon estivesse a sofrer uma transformação paralela, preparando-se para libertar o espírito - mas em que mundo iria ela renascer ninguém o podia dizer. A alegria pela nova vida dentro de si abafava a dor de Eilan. Nesses dias a Casa da Floresta tornou-se muito silenciosa e todas as mulheres andavam de lá para cá, nas suas tarefas, com uma mistura de excitação e apreensão. Porque ninguém tinha ousado, ainda, perguntar quem seria a sucessora de Lhiannon.

Era uma felicidade que toda a gente estivesse tão distraída com a doença de Lhiannon para reparar no que quer que fosse, mas o que iria Eilan fazer quando a barriga já não pudesse ser escondida pelos seus vestidos soltos? Nem por um momento Eilan foi autorizada a esquecer-se que, no que dizia respeito a Ardanos, se encontrava sob uma sentença de morte; ela cismava que até Dieda olhava para ela com um desprezo mal escondido.

Miellyn lamentava a perda do seu próprio filho e não podia oferecer qualquer conforto. Apenas Caillean nunca mudou em relação a ela - mas, também, Caillean tinha tido sempre uma lei muito própria; a única coisa que aguentou Eilan quando o medo aumentou foi a certeza do amor da mulher mais velha.

Não sabia quando, se é que alguma vez, veria Gaius outra vez; mas recordando o espírito real que tinha entrevisto quando fizeram amor, sentiu-se certa de que se encontrariam novamente. Não queria acreditar - como tinha dito o Arquidruida - que ele tinha sido casado à pressa com outra pessoa qualquer. Até entre os Romanos a- solenidade dum casamento devia implicar mais formalidades e tempo o do que isso.

Passou-se um mês, e Caillean presidiu aos rituais da Lua Cheia. Era agora óbvio, por mais que a tratassem e se preocupassem, que Lhiannon estava a morrer. Os seus pés incharam-lhe de tal modo que já nem conseguia cambalear até às latrinas. Caillean tratava dela ternamente; nenhuma mãe teve jamais uma filha tão dedicada. Mas, mesmo assim, o fluido enchia-lhe o corpo.

Caillean alimentou-a com infusões de ervas e mencionou hidropisia, e, uma vez, foram até muito longe nos campos procurar as flores púrpura da dedaleira que Caillean dizia serem inexcedíveis para um coração cansado. Cuidadosamente, Eilan provou a bebida que Caillean fez com elas e achou-a tão amarga como o sofrimento.

Mas, apesar de todo a sua atenção, Lhiannon, de dia para dia, ia ficando mais fraca, e mais inchada e pálida.

- Caillean...

Durante um instante duvidou que tivesse ouvido; a chamada foi como um sopro levado pelo vento. Então a cama rangeu. Rapidamente, Caillean voltou-se. Os olhos de Lhiannon estavam abertos. Caillean esfregou o sono dos seus e conseguiu fazer um sorriso, A doença tinha consumido a carne do rosto da mulher mais velha, de tal modo que a sua ossatura era visível com uma terrível clareza. Está quase acabado. A indesejada compreensão atingiu-a. Cedo, apenas restará o essencial.

- Tendes sede? Aqui tendes água fria, ou posso avivar o fogo e dar-vos um

pouco de chá...

- Algo quente... aliviar-me-ia... - Lhiannon inspirou. - És boa de mais para mim, Caillean.

Caillean abanou a cabeça. Quando tinha dez anos de idade, e a meio caminho da morte com febre, Lhiannon tinha tratado dela, melhor que a sua mãe ou o seu pai teriam feito. Os seus sentimentos pela mulher mais velha iam para lá do amor ou do ódio. Como se podia pôr isso em palavras? Se Lhiannon não os conseguia sentir no sabor duma infusão ou no toque dum pano frio na testa, então nunca o saberia.

- Suponho que haja quem pense que estás a fazer isto para que eu te torne minha herdeira... Mulheres engaioladas juntas podem ser muito mesquinhas, e a verdade é que tu és uma sacerdotisa maior que todas elas juntas... mas tu sabes mais que isso, não sabes?

- Sei. - Caillean sorriu. - Estou destinada a viver para sempre na sombra, mas apoiarei quem quer que dirija, A Deusa seja louvada, ainda demorará algum tempo.

«E quem sabe quanto tempo ainda viverei depois de vós?», pensou então. O seu estranho sangrar já tinha acabado, mas a fadiga tinha-se agarrado aos seus membros como se eles tivessem sido moldados no chumbo das minas de Mendip.

- Talvez... Não tenhas a certeza que sabes tudo, minha filha. Apesar do que o povo pensa, a minha Visão não vem apenas ao chamamento do druida. E eu vi-te com os ornamentos duma Grã Sacerdotisa e uma bruma que não é deste mundo a soprar em teu redor. O caminho duma vida pode ter estranhos desvios e curvas, e nós nem sempre acabamos onde tencionávamos ir...

Água a ferver assobiou no pequeno caldeirão e Caillean deitou-lhe uma colher duma mistura de milefôlio, camomila e salgueiro branco, e colocou-o perto das chamas para fazer uma infusão.

- A Deusa sabe que não o fiz! - exclamou subitamente Lhiannon. - Os sonhos que tivemos quando éramos jovens, Ardanos e eu... mas ele tornou-se ávido de poder... e eu não tinha nenhum!

«Podíeis ter-lhe feito frente », pensou Caillean. «Éreis a Voz da Deusa, e durante vinte anos o povo viveu de acordo *com as* vossas palavras. E nem sequer

sabeis o que tendes estado a dizer! Se alguma vez vos tivésseis permitido sabê-lo teríeis tido que agir, pois então teria sido real ... »

Mas ela engoliu as palavras, pois Lhiannon tinha dado mais esperança ao povo sem saber, do que Caillean com toda a sua sabedoria consciente, e isso ultrapassava o que quer que cínicos como Dieda pudessem dizer.

Com um pouco de mel para afastar o amargor, o chá ficou pronto. Caillean deslizou o braço à volta dos frágeis ombros ’de Lhiannon e levou-lhe a colher aos lábios. A mulher doente virou a cabeça, inquieta, e as suas faces brilharam com lágrimas.

- Estou cansada, Caillean... - murmurou - tão cansada, e com medo...

- Vá, vá, minha querida; estais rodeada por aqueles que vos amam - murmurou. - Agora bebei... aliviar-vos-á. - Lhiannon engoliu um pouco da agridoce bebida e suspirou.

- Prometi a Ardanos que escolheria a minha sucessora... para servir o seu plano. Ele está à espera... - Fez uma careta.

- Como um corvo à espreita dum carneiro doente. Era para ser Eilan, mas ela... deve ser mandada embora cedo. Agora ele diz que devo escolher Dieda, mas não o farei, e ela não o faria, a não ser que a Deusa... - Um ataque de tosse assaltou-a e, rapidamente, Caillean pousou o chá, mantendo Lhiannon direita e batendo-lhe nas costas até ela se acalmar.

- Até que a Deusa vos indique a Sua vontade - Caillean acabou por ela, e a Grã Sacerdotisa de Vernemeton sorriu.

Lhiannon estava a morrer. Era óbvio para toda a gente para toda a gente excepto talvez para Caillean, que a tratava tão devotadamente e com uma ternura tão desesperada, noite e dia, raramente saindo para fora do quarto onde jazia a mulher doente. Mesmo as sacerdotisas que alguma vez tinham desconfiado de Caillean por *ela* ser uma forasteira tinham, agora, que admirar a sua dedicação. Ambas, Dieda e Eilan, adivinharam o que se ia passar - mas teria sido necessária uma mulher mais corajosa que qualquer das duas para o dizer a Caillean.

- Mas ela é tão hábil em curas - disse Dieda enquanto levavam as sujas roupas da cama de Lhiannon para o rio. - Ela deve saber.

- Suponho que sabe - disse Eilan -, mas admitindo-o torná-lo-ia real. - Ela olhou para a sua parenta com curiosidade.

Para além de comentar sarcasticamente que a roupa suja duma Grã Sacerdotisa cheirava como a de qualquer outra pessoa, e que *não* percebia porque é que uma sacerdotisa ajuramentada devia lavá-la, Dieda tinha feito o seu quinhão do trabalho sem se queixar.

Parecia estranho que se tivessem tornado tão estranhas, agora que eram *irmãs* sacerdotisas. O trabalhar com Dieda nestas últimas semanas, quando a atenção de Caillean estava presa em Lhiannon, lembrou a Eilan o quão chegadas tinham sido enquanto raparigas. Distraída pelos seus pensamentos, tropeçou na raiz duma árvore. Dieda estendeu uma mão para a segurar.

- Obrigada - disse Eilan surpreendida. A outra mulher olhou para ela.

- Por que estás a olhar para mim? - disse Dieda. - Eu não te odeio.

Eilan sentiu a cor incendiar-lhe as faces, depois desaparecer.

- Então sabes - murmurou.

- És tu a idiota, não eu - veio a resposta. - Enjaulada contigo e com Caillean durante todo este tempo não pude deixar de ouvir alguma coisa. Mas por causa da honra da nossa família guardei silêncio. Se alguma das outras mulheres tem conhecimento do teu segredo não foi por mim que o soube. Pelo menos a gravidez parece que se combina bem contigo. Sentes-te bem?

Era um alívio para Eilan falar de outra coisa qualquer além da doença de Lhiannon, e parecia-lhe que Dieda também o sentia. Na altura em que voltaram à Casa da Floresta estavam em melhor harmonia que o que tinham estado em anos.

Mas chegou um dia em que até mesmo Caillean já não o conseguiu negar. Ardanos disse que as sacerdotisas deviam ser convocadas para a vigília da morte. O seu aspecto era preocupado e triste e Eilan lembrou-se de a sua parenta lhe ter dito, certa vez, que havia amor entre eles. Ela pensou que deve ter sido há muito tempo ou então que era uma espécie de amor muito estranha.

Certamente não era, de todo, ao que ela chamaria amor, pensou Eilan, e,

seguramente, ela era uma perita. Ardanos sentou-se perto da mulher inconsciente e pegou-lhe na mão; as sacerdotisas deslizavam para dentro e para fora do quarto para a vigília, *em grupos* de duas ou três, e Caillean impacientava-se não fossem elas perturbar Lhiannon.

- Por que é que *ela se* preocupa? Penso que nesta altura já nada pode perturbar a Grã Sacerdotisa - Eilan murmurou para Dieda, e a outra rapariga assentiu, mas sem palavras.

Aproximava-se o pôr do Sol e Ardanos tinha saído para o exterior para respirar um pouco de ar fresco, Como todos os quartos de doentes, este também estava quente e sufocante e Eilan não podia censurá-lo nem um pouco por querer fugir-lhe. Se bem que se estivesse próximo de Lughnasad a luz ainda se demorava até tarde. O pôr do Sol lançava um brilho no quarto, mas o ângulo do Sol poente disse a Eilan que cedo ele se poria. Tinha atravessado o quarto para acender a lanterna quando percebeu que Lhiannon estava acordada e a olhar para ela, em reconhecimento, pela primeira vez em muitos dias.

- *Onde* está Caillean? - murmurou.

- Saiu para vos fazer mais chá, Mãe - replicou Eilan.

- Quereis que a chame?

- Não há tempo - *a* Grã sacerdotisa tossiu. - Chega aqui... és a Dieda?

- Sou Eilan, *mas a* Dieda está no jardim, Quereis que a chame?

Ouviu-se um som estranho, estridente e sussurrante, e Eilan percebeu que a mulher doente estava a tentar rir.

- Nem mesmo agora consigo distinguir uma da outra murmurou Lhiannon, - Não vês a mão dos deuses nisto? Eilan pensou se Lhiannon não teria mergulhado no delírio que, tinha sido avisada, podia chegar antes do fim. A Grã Sacerdotisa disse rispidamente:

- Chama Dieda; o meu tempo é curto. Não estou a delirar; sei muito bem o que estou a *fazer* e tenho de acabar antes de morrer.

Eilan correu para a *porta* para chamar Dieda. Quando voltaram, a moribunda sorriu enquanto elas se imobilizavam, uma ao lado da outra.

- É verdade o que dizem - murmurou. - Os mortos veem com mais clareza. Dieda, deves agora servir de testemunha. Eilan, filha de Rheis, agarra no colar que está junto a mim... agarra-o! - ela ofegou tentando respirar, e, com mãos trementes, Eilan agarrou no aro de entrançado ouro que estava na almofada.

- E nas pulseiras... agora põe-nas...

- Mas apenas a Grã Sacerdotisa... - começou Eilan, mas os olhos da velha fixaram-se nos dela *com* uma tal terrível fixidez que ela se viu a lutar com o colar para o abrir e a pô-lo. Por um momento pareceu frio, depois ajustou-se à sua delgada garganta, aquecendo como se se sentisse grato por se encontrar de novo junto a carne humana.

Dieda soltou um pequeno, estrangulado som, mas o estertorar na garganta de Lhiannon era mais alto.

Então a Grã Sacerdotisa disse com uma voz áspera:

- Que assim seja. Donzela e Mãe, vejo a Deusa em ti... Diz a Caillean... - Ela ficou silenciosa por um momento, como que a lutar por ar, e Eilan pensou se a velha mulher não estaria a delirar, ou *se seria* ela que estava. Estendeu a mão uma vez mais para tocar no pesado ouro.

- Caillean está acolá, Mãe; devo chamá-la? - perguntou Dieda.

- Vai - murmurou Lhiannon com mais força que anteriormente- Diz-lhe que a amo...

Quando Dieda correu para fora, o olhar da moribunda fixou-se em Eilan.

- Eu sei o que Ardanos queria quando me propôs que te escolhesse, criança, e em vez disso os deuses trouxeram Dieda até mim. Ele estava enganado quanto a ti e, no entanto, cumpriu a vontade da Senhora à mesma! - Os seus lábios

torceram-se com o que Eilan percebeu que era um sorriso. - Lembra-te... é importante! Talvez nem mesmo a própria Deusa pudesse distingui-las uma da outra. Nem os romanos... vejo-o agora... - e calou-se novamente. Eilan olhou para ela, incapaz de *se* mexer.

Ela ficou calada durante tanto tempo que Caillean, ao voltar, perguntou:

- Ela está a dormir? Se ela conseguir dormir, então talvez consiga viver outra lua... - e então, dirigindo-se em bicos de pés até perto de Lhiannon, prendeu a respiração num suspiro e murmurou - Ah, nunca mais voltará a dormir...

Caillean ajoelhou-se perto *da cama* e beijou Lhiannon *na* testa, e depois, muito ternamente, fechou-lhe os olhos. A cada momento que passava mais expressão se desvanecia da face da morta, de tal modo que ela *já* não parecia adormecida; já nem mesmo se parecia com Lhiannon. Eilan apertou os braços, e *estremeceu* quando sentiu o duro metal das pulseiras. Sentia-se entontecida e gelada.

Então Caillean levantou-se e quando o seu olhar se focou nos ornamentos que Eilan estava a usar os seus olhos arregalaram-se. Depois sorriu.

- Senhora de Vernemeton, saúdo-vos em nome da Mãe de tudo o que é!

Ardanos, entrando no quarto atrás de Dieda, inclinou-se para a morta e levantou-se de novo.

- Ela partiu - disse num estranho, monótono tom de voz, Voltou-se e alguma coisa lhe brilhou nos olhos quando, também ele, viu os ornamentos dourados que Eilan usava.

As outra sacerdotisas estavam apinhadas à sua volta, mas foi a velha Latis, a senhora das ervas, que se chegou à frente e se ajoelhou, dizendo com uma estranha deferência que a aterrorizou:

- Imploro-vos, Voz da Deusa, dizei-nos tudo o que a Senhora Sagrada te disse com o seu último suspiro.

- Lhiannon, possa a Deusa tê-la em repouso, escolheu uma estação extraordinariamente inadequada para morrer - disse Ardanos asperamente. -

Temos de ter uma Sacerdotisa do Oráculo nos ritos de Lughnasad e, obviamente, não podemos usar Eilan! - Ele inspeccionou as duas mulheres à sua frente sombriamente.

Os três dias de luto ritual tinham-se passado e Lhiannon jazia no seu túmulo; Ardanos estava surpreendido com o que ainda lhe doía quando olhava à volta deste quarto, onde sempre se tinha encontrado com ela, e se lembrava que ela estava morta. Supunha que ainda continuaria a sentir a sua falta durante muito tempo, mas não se podia dar ao luxo de mostrar agora a sua dor. Caillean estava sentada, a franzir as sobrancelhas, mas Eilan fixava-o com Olhos muito abertos, ilegíveis. Ele olhou para ela.

- Sabeis tão bem como eu que é uma superstição acreditar que apenas uma virgem pode servir o santuário, mas seria perigoso tanto para Eilan como *para* o seu filho carregar nesta altura o poder da Deusa - concordou Caillean.

A abstinência sexual era *necessária* durante o desempenho das grandes magias - tal como a magia que exigia a completa *entrega* do corpo e do espírito, *necessários para* que a Deusa pudesse falar através duma mortal.

Pois para que o poder pudesse fluir livremente, o espírito devia estar separado dos sentidos. Era, assim, proibido fazer *as* coisas que Pudessem aumentar a sua atracção e lhe obstruíssem as vias, tais como comer a carne de

alguns animais, beber hidromel ou outros licores, ou fazer amor *com um homem.*

- Lhiannon devia ter pensado nisso quando a escolheu replicou o Arquidruida. - Não, sabes que não poderá *ser. já* é suficientemente mau que ela ainda aqui esteja. Mas uma Grã Sacerdotisa grávida? Impossível!

- Eu podia tomar o seu lugar no ritual... - começou Caillean.

- E como explicaríamos isso ao Povo? Podíamos ter justificado uma substituição temporária com o pretexto de Lhiannon estar doente, mas eles sabem que ela morreu. As pessoas estão a pensar se a Grã Sacerdotisa sobreviverá ao seu ordálio, e se a Deusa ainda virá até eles agora que Lhiannon se foi.

Ele esfregou a testa. Nenhum deles tinha dormido o suficiente há já muito tempo. os olhos de Caillean pareciam escuros e perseguidos por memórias, e, apesar do vigor da gravidez, Eilan parecia ansiosa e tensa. E bem que podia estar, ocorreu então a Ardanos. Lhiannon tinha-os colocado a todos num dilema quando escolheu a rapariga.

- Digo-vos isto... qualquer que tenha sido a loucura que passou pela cabeça de Lhiannon, não deixarei que destrua tudo o que nós trabalhámos tão duramente para construir! - ele suspirou. - Não há qualquer hipótese. Temos de escolher novamente. Há um precedente- a velha Helve tentou passar o Seu poder para, como era o seu nome? aquela pobre rapariga que morreu. E então o conselho escolheu Lhiannon.

- Gostaríeis disso, não gostaríeis? - começou Caillean, mas Eilan, que permanecia silenciosa há tanto tempo que o Arquidruida quase se tinha esquecido que ela estava ali, pôs-se subitamente de pé.

- Nunca antes do ordálio! - disse alto. Manchas de cor brilharam-lhe nas faces quando os outros dois olharam para ela. - Eles nomearam uma nova sacerdotisa depois de a que tinha sido escolhida não ter conseguido carregar o poder da Deusa no ritual, não foi? Que tipo de falatório pensam que haverá se eu nem mesmo tentar? Toda a gente em Vernemeton sabe que Lhiannon me escolheu.

- Mas o perigo! - exclamou Caillean.

- Pensais que a Deusa me irá fulminar? Se o que eu fiz foi um pecado assim tão grande, então será benvinda se o fizer! - exclamou Eilan. - Mas se eu sobreviver, vós sabereis que, de facto, Ela me escolheu!

- E o que propões que façamos contigo se viveres? - disse ele acidamente. - O teu estado em breve estará à vista de todos e os romanos darão uma bela gargalhada quando virem a nossa Grã Sacerdotisa a andar para aí com uma barriga como a de uma vaca prenhe!

- Lhiannon pensou numa maneira - disse Eilan. - Foi a última coisa que ela *me* disse. Uma vez o ritual terminado, Dieda deve tomar o meu lugar e vós deveis fingir que foi ela que teve de ser mandada embora. Nem vós próprio nos conseguis distinguir, avô, e conheceis-nos a ambas desde que somos bebés!

Ardanos olhou para ela fixamente, o cálculo a girar-lhe no cérebro. A desgraçada criança podia, de facto, ter resolvido o problema. Se o ritual a matasse, o que era o mais provável, teriam todo o direito de escolher a sua sucessora, e se Eilan morresse a dar à luz, Dieda já estaria no seu lugar, pronta para tomar posse dele, sem que mais ninguém soubesse. Qualquer das raparigas lhes serviria muito bem, disse para si próprio, pois nenhuma delas se consideraria completamente segura no seu lugar. Se a *Grã* Sacerdotisa precisasse do apoio dos sacerdotes faria o que lhe mandassem.

- Mas Dieda concordará?

- Deixem-na comigo - replicou Caillean.

Ainda a pensar na convocatória, Dieda enfrentou Caillean no quarto que durante tanto tempo tinha sido o de Lhiannon.

- Ardanos concordou em deixar-te substituir Eilan depois do ordálio, do Oráculo. Dieda... tens que nos ajudar agora - disse Caillean.

Dieda abanou a cabeça.

- Por que é que eu me devia importar com o que Ardanos quer quando ele nunca se importou comigo? Foi Eilan quem provocou os seus próprios problemas. Não consentirei nesta farsa e podeis dizê-lo ao meu pai!

- Belas palavras, de facto, mas se estás sempre disposta a fazer exactamente o contrário do que Ardanos decreta, então a vontade dele ainda te domina. Suponho que se te tivesse dito que isto era contra a vontade dele terias concordado? - replicou Caillean.

Dieda olhou para a sacerdotisa mais velha sentindo a cabeça a girar.

- Ele não gosta, de todo, disto, sabes? - acrescentou Caillean, observando-a intencionalmente, - Teria preferido rejeitar Eilan já, e fazer de ti a Grã Sacerdotisa em vez dela, Penso que concordou em que sugeríssemos a substituição apenas porque pensou que a tua reacção seria exactamente esta...

- Grã Sacerdotisa? - exclamou Dieda. - Então nunca escaparia deste lugar!

- Afinal de contas seria apenas temporário - reflectiu Caillean. - Mal o bebé de Eilan tiver nascido ela voltaria para retomar os seus deveres e, então, de qualquer modo, terias que te ir embora...

- Deixar-me-ias ir para o Norte, para me juntar a Cynric? perguntou Dieda suspeitosamente.

- Se for esse o teu desejo. Mas nós tínhamos pensado mandar-te para Eriu, para receberes um treino avançado nas práticas dum bardo...

- Sabes perfeitamente bem que isso e o que eu sempre mais quis! exclamou Dieda. Caillean olhou para ela firmemente. Então parece que ainda há alguma coisa que te posso prometer ou recusar. Se fizeres isto por Eilan, e por mim, farei com que sejas autorizada a aprender com os maiores poetas e harpistas em Eriu. Se não o fizeres, seguramente que Ardanos fará de ti Grã Sacerdotisa, e eu assegurar-me-ei que apodreças dentro destas paredes.

- Não o farias - disse Dieda. Mas sentiu um arrepio de medo.

- Verás - respondeu calmamente Caillean, - Não há alternativa, Foi a vontade de Lhiannon e eu cumprirei a sua vontade como todas sempre o fizemos.

Dieda suspirou. Não queria que nada de *mal* acontecesse a Eilan. Tinha-a amado em tempos, mas depois destes últimos anos achava difícil amar quem quer que fosse. Parecia-lhe que a outra rapariga tinha sido uma grande idiota. Tinha tido o tipo de amor que lhe tinha sido negado a ela e tinha-o deitado fora. Nem sequer, também, conseguia perceber porque é que Caillean se devia importar. Contudo, não a atraiçoaria. Caillean podia ser uma boa amiga ou um perigoso inimigo - tanto para ela como possivelmente também para Cynric. Dieda tinha vivido na Casa da Floresta o tempo suficiente para saber até que

ponto, com os seus calmos modos, chegava a influência que a mulher irlandesa exercia.

- Então assim seja - disse. - Eu comprometo-me a substituir Eilan até ela dar à luz, se depois te responsabilizares por Me conceder o meu desejo.

- Fá-lo-ei - Caillean levantou uma mão, - E que a Deusa seja testemunha. E ninguém vivo pode dizer que eu tenha alguma vez quebrado um juramento.

já se tinha passado meia lua desde a morte de Lhiannon, e elas tinham vindo à festa de Lughnasad. Eilan esperou com Caillean no alojamento isolado onde a Grã Sacerdotisa tantas Vezes se tinha preparado para os rituais. O ouvido aguçado pela ansiedade alertou-a para o arranhar de passos de sandálias fora da porta. Esta abriu-se e ela viu a figura encapuçada, parecendo impossivelmente alta à meia luz, ali parada. Mal conseguia perceber as formas dos druidas atrás dele.

- Eilan, filha de Rheis, a Voz da Deusa escolheu-te. Estás preparada para te entregar totalmente a Ela? - A voz de Ardanos badalou como um grande sino e Eilan sentiu o estômago apertar-se com o medo.

Nesta altura todas as histórias que tinha ouvido na Casa das Donzelas ressuscitaram para varrer todo o seu cuidadoso raciocinar. pouco importava se a Deusa realmente ligava ao que ela tinha feito com Gaius, pensou Eilan desesperadamente. Para sobreviver ao ritual sem estragos seria necessário um milagre. «Eu apenas quis desafiar os druidas, mas desafiei-a a Ela, sujeitando-me à Sua fúria deste modo. De certeza que a Deusa me vai fulminar! E o que é que isto fará ao meu filho?», pensou Eilan. Mas se a Deusa punisse uma criança Por nascer pelo que a mãe tinha feito é porque Ela não era a Presença amorosa que Eilan tinha jurado servir.

Ardanos estava à espera duma resposta - eles estavam todos à espera, observando com esperança Ou reprovação no olhar e, lentamente, ela acalmou-se. «Se a Senhora não me quer como eu sou, não quero viver.» Respirou fundo, lutando para conseguir atingir de novo a decisão à qual tinha chegado durante as noites de insónia desde a morte de Lhiannon.

- Estou pronta. - A sua voz tremeu apenas um pouco. Pelo menos o seu pai estava algures no Norte, com Cynric. Sentiu-se contente. Pensava que não teria sido capaz de enfrentar os seus olhos.

- E declaras-te um recipiente adequado para o Seu poder?

Eilan engoliu em seco. Seria? Na noite anterior tinha duvidado disso, e chorado no ombro de Caillean como uma criança aterrorizada.

«Adequado? Quem o será, se o pões dessa maneira », tinha perguntado Caillean. «Somos todas simples mortais; mas és tu que foste escolhida. Para que é que te tens preparado durante tantos anos?»

O Arquidruida estava a olhar para ela como um falcão à espera de algum traiçoeiro farfalhar na relva, à espera que ela perjurasse de modo a ficar em seu poder. Ela percebeu, sombriamente, que ele estava a gostar disto, «Lhiannon pensou que eu era adequada », disse para si própria. Apenas levar isto para a frente podia justificar a escolha que Lhiannon tinha feito à beira da morte, e a escolha que ela própria tinha feito quando se entregou a Gaius por baixo das árvores. Tinha-lhe parecido, na altura, que estava a ratificar uma lei da Deusa, mais antiga que a que a obrigava à castidade. Recusar este teste era admitir que esse acto de amor tinha sido um pecado. Levantou o queixo orgulhosamente.

- Sou um recipiente adequado e sagrado. Deixai que a terra se levante e me cubra, deixai que o céu caia e me esmague e deixai que os deuses pelos quais eu juro me abandonem se estou a mentir!

- A candidata foi interrogada e jurou... - disse Ardanos aos druidas que o assistiam. Voltou-se para as sacerdotisas. - Que ela agora seja purificada e

preparada *para* o ritual...

Por um momento olhou para ela, e piedade, exasperação e satisfação pareceram pairar-lhe no olhar. Depois rodou nos calcanhares e levou os homens para fora do quarto.

- Eilan, não deves tremer tanto - *disse* suavemente Caillean.

- Não deixes aquele velho desprezível assustar-te, não há nada a temer. A Deusa é misericordiosa. Ela é a nossa mãe, Eilan, é a Mãe de todas as mulheres, a criadora de todas as coisas mortais. Não o esqueças.

A cortina mexeu-se outra vez e quatro das sacerdotisas mais jovens, entre elas Senara e Eilidh, entraram no quarto carregando baldes de água da Nascente Sagrada. Pararam mesmo junto à porta, olhando para ela com reverência. A mão da Deusa desceu sobre mim, pensou ela, e pareceu-lhe ver nos seus rostos alguma daquela mesma maravilha com a qual ela própria tinha olhado sempre para Lhiannon. Eram todas jovens; nem uma delas, excepto Eilidh, tão velha como ela...

Teve vontade de gritar «Nada mudou; ainda sou a Eilan...» mas, de facto, tudo tinha mudado. Contudo, quando elas lhe despiram o vestido e olhou para baixo, ficou espantada por o seu corpo ainda estar tão pouco modificado.

Mas elas eram virgens. Assim sendo, não era surpreendente que não conseguissem notar as pequenas mudanças que a sua gravidez tinha provocado. Tal como Eilan tinha tantas vezes feito a Lhiannon, as raparigas ajudaram-na a banhar-se. Ela deixou-se ficar imóvel a tiritar no frio quarto, sentindo o gelado toque da límpida água no seu corpo como, curiosamente, uma purificação; como se, de algum modo, estivesse a dissolver, não apenas os últimos traços do seu contacto com Gaius, mas a totalidade da sua vida anterior.

Foi uma Eilan inteiramente nova que as autorizou a vesti-la nos hábitos rituais. Sobre a fronte colocaram-lhe a tradicional grinalda. Quando sentiu as videiras apertarem-se à volta da testa teve uma vertigem e pensou se este seria o primeiro, longínquo, toque da Deusa.

Ela sentia-se estranha e frívola, completamente diferente dela própria; vagamente, sentiu fome. As ervas sagradas na poção que lhe foi dada no início do ritual devem ser tomadas de estômago vazio, senão podiam fazer com que ficasse muito doente. Caillean tinha dito uma vez que pensava que a fraca saúde de Lhiannon era em parte devida ao contínuo uso dessas ervas. Eilan pensou se antes que se passasse muito tempo também a sua saúde seria posta em causa. Depois sorriu, pensando que havia tempo suficiente para se preocupar com o seu futuro se sobrevivesse a esta noite.

Trouxeram até ela a esculpida taça dourada com a poção mágica da Visão. Ela sabia que continha bagas de visco e outras ervas sagradas; mais de uma vez tinha visto Miellyn colher essas ervas. A poção sagrada também continha vários cogumelos; o povo comum evitava-os, tanto pelo seu carácter sagrado, como pela crença de que eram venenosos e, claro, eram inúteis como comida. As sacerdotisas sabiam, contudo, que tomados em pequenas quantidades, podiam amplificar a clarividência normal para a qual tinha sido treinada.

A tremer, Eilan fez o que tantas vezes tinha visto Lhiannon fazer, e tirou-o, das mãos de Eilidh. Caillean tinha tido razão, pensou enquanto levou a taça aos lábios. Ela tinha assistido a este ritual tantas vezes que sabia o que devia fazer.

E, devido aos seus goles cerimoniais, pensava que também sabia o que esperar da poção. Mas quando o chegou à boca, percebeu porque se pedia às sacerdotisas que o despejassem dum só gole, pois de outro modo ninguém teria jamais sido capaz de o engolir. Era intensamente amargo e depois de o engolir, começou a pensar se afinal de contas não seria um veneno. Teria sido um bom meio de Ardanos se livrar dela. Mas Caillean tinha-lhe assegurado que seria ela a preparar as ervas e que não deixaria mais ninguém ter-lhes acesso, e tinha de confiar nela.

A cabeça andou à volta e, durante um momento, sentiu o estômago a revolver-se. Talvez o seu castigo estivesse agora a começar, Mas depois de uma curta, aguda luta, controlou-se, engoliu uns poucos de goles de água para limpar

a boca do sabor e fechou os olhos, à espera.

Agora, a sensação aguda de enjoo já tinha passado. Eilan fechou os olhos lutando contra a onda de vertigem, e sentou-se, à espera de recuperar o equilíbrio. Lembrava-se, vagamente, que também isto tinha feito parte do procedimento com Lhiannon, Nessa altura, Eilan tinha pensado que era a fraqueza da idade. Mas, na realidade, Lhiannon não tinha sido assim tão velha. Também ela envelheceria antes da idade? Bem, o mais que podia esperar era ter a oportunidade de envelhecer!

Houve uma ligeira agitação no quarto, e as raparigas afastaram-se. Eilan percebeu que Ardanos estava de pé à sua frente. Levantou as pesadas pestanas para olhar para ele, e ele enfrentou o seu olhar com uma atenção sem sorrisos.

- Eilan, vejo que já te prepararam. Estás muito bonita, minha querida. O povo ficará certo que a Deusa veio até eles...

- As palavras gentis soavam estranhas nos seus lábios.

«Ficarão?», pensou confusamente. «E o que pensas tu, velho, *se* é que pensas

de todo na Deusa? Pelas tuas regras, estas grinaldas deviam estar a murchar na minha testa!» Mas isso já não interessava; sentia-se como se flutuasse acima de tudo isso, afastando-se para mais longe a cada momento que passava.

- A bebida está a apoderar-se dela rapidamente - murmurou ele, e fez um gesto em direcção às donzelas para que se afastassem. - Ouve, minha filha... Sei que ainda me consegues ouvir...

- A sua voz deslizou para a entoação musical do ritual quando continuou.

Eilan sabia que ele estava a dizer alguma coisa de grande importância, alguma coisa que ela tinha de se lembrar... o quê, não tinha a certeza. O tempo passou e ele já não estava lá. Algo daquilo importava? Sentia-se como se estivesse a flutuar por cima de uma escuridão esverdeada. As próprias copas das árvores encontravam-se muito lá em baixo. Estava a ser carregada nalguma coisa - uma liteira - depois eles pousaram-na e ajudaram-na a levantar-se. Podia sentir Caillean a seu lado e *mais* alguém, pensou que fosse Latis, do outro lado. Elas pegaram-lhe nas mãos e conduziram-na até à procissão, em direcção aos archotes que formavam um anel à volta do monte sagrado.

Eilan estava consciente o suficiente para recuar por um momento quando viu o banco com três pernas. Havia uma razão qualquer para que ela não devesse sentar-se nele; algum pecado na sua alma. Mas as suas assistentes empurraram-

na para a frente e ela pensou que se não se conseguia lembrar então talvez não fizesse qualquer diferença.

já tinham sacrificado o touro sagrado e repartido a sua carne pelo povo. Os sacerdotes tinham representado o ritual no qual o novo deus tirava a colheita à força ao antigo. Agora era a altura de procurar presságios para a época do outono. A Lua das colheitas já se levantava a Leste, dourada como os ornamentos que a sua sacerdotisa usava. - *Olhai para mim, Senhora* - Eilan lutou para formar a oração. - *Guardai-me bem!*

Uma das sacerdotisas que a assistiam tinha-lhe colocado na mão a pequena adaga curva do ritual, Ela levantou a adaga e com um rápido movimento mergulhou-a na ponta dum dedo. Sentiu uma dor aguda, e uma pesada gota de sangue brilhou à superfície; manteve-o sobre a taça dourada, deixando cair três gotas de sangue. A taça estava cheia até à borda com água da Nascente Sagrada e, flutuando à sua superfície, estavam folhas da planta sagrada, o visco. Não plantadas por mão humana, e crescendo entre o ar e a terra, partilhando da mesma natureza do relâmpago que a engendrou.

Agora estavam a virá-la; sentiu a dura madeira contra a parte de trás dos joelhos e sentou-se. Houve um momento de vertigem quando os sacerdotes a levantaram e carregaram para o monte. As sacerdotisas que a assistiam tinham-se retirado.

Quando os sacerdotes começaram a cantar, Eilan sentiu como se estivesse a cair, ou talvez a erguer, levada pela canção numa direcção que não tinha qualquer relação com a realidade normal; sem precisar, ou desejar nada, satisfeita simplesmente por ser ... Um clarão de archotes agrediu-lhe os olhos; por baixo dela toda a multidão reunida pareceu dissolver-se num único rosto. os seus olhos, virados para ela, eram como um peso, uma pressão física positiva, fazendo-a recuar para um lugar que era, e contudo não era, deste mundo.

- A voz de Ardanos pareceu muito distante.

- Filhos de Don, porque viésteis até aqui?

- Procuramos a bênção da Deusa - replicou uma voz masculina.

- Então chamem por Ela!

As narinas de Eilan tremeram quando o fumo girou à sua volta, pesado com o aroma *das ervas* sagradas. Inspirou involuntariamente e a sua respiração prendeu-se; o mundo rodopiou e ela tentou manter o equilíbrio; ouviu uma voz chorosa e não percebeu que era a sua. De baixo levantou-se o som de muitas

outras vozes, chamando, chamanando:

Negra Caçadora... Mãe Radiosa... Senhora das Flores, ouvi-nos... Vem até nós, Senhora da Roda de prata, Eu sou Eilan... Eilan... Ela agarrava-se à sua própria identidade, gritando à medida que a necessidade naquelas vozes a agredia até sentir a sua Pressão como uma dor física. Ao mesmo tempo, outra pressão estava a *levantar-se* atrás dela, ou talvez dentro dela, exigindo que ela a deixasse entrar. Espasmos abanaram o seu corpo quando lutou; sentiu terror quando o Eu que conhecia foi comprimido entre elas: não conseguia respirar. Ajudai-me!, gritou o seu espírito.

Inclinou-se para a frente, vendo o brilho da água diante de si, e uma voz que pareceu vir do seu interior, disse nessa altura:

- *Filha, Eu estou sempre aqui, para Me veres tens apenas de olhar para dentro da Nascente Sagrada.*

- Olhai para a água, Senhora... - ordenou uma voz que estava muito próxima. - Olhai para a taça, *e vede!*

- Minha filha, descansa agora. O teu espírito estará a salvo comigo...

Com as palavras veio uma vaga de amor de que Eilan se lembrou e, com a mesma confiança com que se tinha entregue a Gaius, pestanejou e deixou-se *escorregar* para o quente conforto dos braços da Senhora.

Como se a uma muito grande distância, ela estava *consciente* de que o seu corpo se endireitava, que estava a retirar o véu, levantando as mãos para a Lua.

- Olhai, a Senhora da Vida veio até *nós!* - gritou Caillean com uma voz muito alta. - Dêmos-Lhe as boas vindas!

E o som de muitas vozes subiu como uma maré e transportou-a para um local onde ela podia ver maravilhada mas sem medo, o corpo que tinha deixado para trás, mover-se e falar.

Quando os vivas se acalmaram, a Grã Sacerdotisa sentou-se de novo no banco, a identidade que a enchia aguardando com uma paciência infinita pela resposta da humanidade.

- Há as questões que o povo traz até vós - disse o Arquidruida, e porque ele falou com ela na antiga língua dos Sábios, foi nessa linguagem que a Deusa lhe respondeu.

Depois de cada pergunta o sacerdote virava-se para a multidão e dizia alguma coisa na linguagem comum. Desse distante domínio em que Eilan estava a ouvir pareceu-lhe estranho que as suas afirmações, se eram traduções, tivessem tão pouco a ver com o que a Deusa respondia. isso não parecia certo, mas talvez ela não o tivesse ouvido bem, e, neste lugar em que ela tinha encontrado refúgio, achava difícil importar-se.

O interrogatório continuou mas à medida que o tempo passava, ela sentia as suas percepções ficarem cada vez mais incoerentes. Pareceu-lhe que, nessa altura, Ardanos franziu as sobrancelhas e se chegou para mais perto dela.

- Senhora, agradecemos-te as vossas palavras. É tempo de deixar este corpo através do qual falásteis. Salve, e adeus! - Apanhou o ramo de visco da taça dourada e espalhou alguns pingos de água por cima dela.

Durante um instante Eilan ficou cega, depois o seu corpo teve uma convulsão. A dor atravessou-a como uma punhalada e caiu na escuridão, num tilintar de sinos de prata.

Quando a consciência começou a regressar, Eilan percebeu que as sacerdotisas estavam a cantar. Ela conhecia a canção; tinha a impressão de já a ter cantado mas, dorída e entontecida como estava, nesta altura não conseguia cantar. Elas tinham-lhe retirado as constrangedoras grinaldas da cabeça, e alguém estava a molhar-lhe a testa e as mãos. Deram-lhe água a beber e uma voz murmurou-lhe ao ouvido. *Caillean...* Sentiu que a levantavam e colocavam na liteira.

- *Salve a Senhora* - cantaram as mulheres.

- *joia da noite!* - replicaram os druidas.

- *Beleza dos céus... Mãe das estrelas... Filha do Sol,..*

- As sacerdotisas levantaram os seus brancos braços à lua prateada.

- *Majestade das estrelas*- - cantaram, e, a cada coro, replicaram as profundas vozes dos homens - *joia da noite!*

Muito tempo depois, parecia, Eilan viu-se de volta à sua própria cama na Casa da Grã Sacerdotisa. A luz dos archotes já não lhe agredia os olhos e os efeitos da bebida sagrada deviam estar finalmente a passar, pois sentiu que conseguia pensar claramente de novo. Por uma razão qualquer, um fragmento duma antiga balada flutuava na sua mente.

- *depois de eles lhe terem retirado os seus ornamentos e queimado as suas flores sagradas...* - Ela não se conseguia lembrar donde tinha vindo, mas sabia que as suas grinaldas tinham sido deitadas ao fogo; o seu doce aroma quando tinham ardido tinha enchido o ar. Agora vinham-lhe à memória outras coisas - o canto das sacerdotisas, a Lua prateada.

Mas, se bem que soubesse que tinha havido perguntas, Eilan viu que não era capaz de se lembrar de uma única palavra das suas respostas. Quaisquer que tenham sido, parece que a populaça as achou satisfatórias.

«E a Deusa », pensou então. «Afinal de contas ela não me fulminou!» Pelo menos ainda não, se bem que ainda pudesse vir a desejar que Ela o tivesse feito. O estômago de Eilan ainda estava agitado; sentia-se como se lhe tivessem batido com paus, e, sem dúvida, amanhã ainda se sentiria pior. Mas era a sua barriga, não o seu ventre, que lhe doía. Tinha enfrentado o seu ordálio e sobrevivido.

- Boa noite, Senhora - disse Eilidh da soleira da porta.

- Que possais descansar bem.

Senhora... pensou Eilan. Então era verdade. Agora era a Senhora de Vernemeton.

Uns dias mais tarde Caillean chamou Dieda aos aposentos da Grã Sacerdotisa. Eilan estava sentada perto da lareira, parecendo pálida e tensa.

- Chegou a altura de cumprires a tua palavra. Eilan já está suficientemente bem para poder viajar e vamos mandá-la esconder-se para ter a criança.

- Isto é ridículo. Pensam mesmo que ninguém reparará na substituição? - perguntou Dieda amargamente.

- Desde que ela se tornou na Grã Sacerdotisa tem andado velada tanto tempo que poucas mulheres na casa repararão na diferença e, sem dúvida, levá-lo-ão à conta dos efeitos do ritual.

«Cynric saberia », pensou Dieda com anelante, desejando que ele aparecesse e a levasse embora. Mas já se tinha passado mais de um ano desde que tinha tido notícias dele. Mesmo que soubesse, teria ele vindo?

- O teu pai está-te grato - disse Caillean.

Dieda fez uma careta, «E bem que pode estar. Se eu tivesse insistido em sair daqui para casar com Cynric, o que teria acontecido a esta bela charada?»

- Dieda - Pela primeira vez Eilan falou em sua própria defesa. - Temos sido

como irmãs. Por amor ao sangue que partilhamos, e porque também tu sabes o que é amar, por favor ajuda-me!

- Pelo menos tive mais juízo que entregar-me a um homem que me abandonasse! - disse Dieda com mordacidade. - Caillean comprometeu-se a mandar-me para Eriu. E tu, irmã, o que me prometerás tu?

- Se eu ficar Grã Sacerdotisa tentarei ajudar-te a ti e a Cynric. Se falhar nisso tu tens o conhecimento suficiente para me destruir. Isso será suficiente para ti?

- É verdade. - Dieda sorriu estranhamente. E quando ela tivesse acabado de aprender com os druidas de Eriu seria capaz de fazer nascer pústulas na pele dum homem com uma só palavra, ou encantar qualquer pássaro ou animal com o seu canto; teria capacidades com as quais estas idiotas piedosas nem sequer sonhavam. Compreendeu de súbito que eram apenas os constrangimentos a que as sacerdotisas estavam sujeitas que a aborreciam. Podia aprender a gostar de lidar com o poder.

- Muito bem, ajudá-las-ei - disse, e estendeu a mão para agarrar o véu.

DEZOITO

Apesar das histórias que os romanos de Londinium contavam sobre o Norte, viajar através desta região da Bretanha, em finais do Verão, não representava nenhuma dificuldade para um rapaz jovem e saudável. Não chovia todos os dias e o ar estava doce com o cheiro do feno a secar. À medida que Gaius subia ao longo da costa oriental da Bretanha, através dum campo que se tornava cada vez mais selvagem, observou os bosques e colinas com um interesse profissional, pois na sua campanha anterior tinham marchado pela costa ocidental, até Lecanum, e a oriental era uma novidade para ele. Com Capellus, o ordenança do seu pai uma vez mais a seu lado, os pormenores do acampar e tratar dos cavalos foram lidados com eficiência. E a sua própria língua bretã era o suficiente para lhes garantir as boas-vindas quando tinham de procurar abrigo numa fazenda nativa.

À medida que Gaius se deslocava mais para norte, a maioria das conversas eram sobre as campanhas do Governador Agricola. Soube, por intermédio dum dos veteranos recentemente reformados, o qual tinha conseguido uma das estações de despacho de correio, que no ano anterior, o aparecimento de uma armada romana na costa da Caledónia tinha lançado os nativos num pânico tal, que tinham atacado em desespero e sido bem sucedidos em dizimar a já enfraquecida IX Legião, antes de Agricola mandar a sua cavalaria de volta para os atacar pela retaguarda.

- Foi mau, meu rapaz, muito mau - admitiu o guarda da estação -, com esses demónios a gritar como lobos no meio do nosso acampamento e os homens a tropeçar nas cordas das tendas quando tentavam chegar às suas armas. Mas conseguimos aguenta-los sabe-se lá como e nunca me esquecerei do momento em que, subitamente, pudemos ver o brilho dos nossos estandartes e percebemos que o dia estava finalmente a chegar. - Ele bebeu outro grande gole do pouco espesso vinho e limpou a boca com as costas da mão.

- Nessa altura, digo~vos, reencontrámos a nossa coragem e quando a Vigésima finalmente chegou para nos ajudar, já estávamos prontos para lhes dizer que tinham chegado atrasados para a festa e que podiam ir para casa! Mas o general manteve os homens a trabalhar. Se esses demónios pintados não se tivessem refugiado nos seus pestilentos bosques e pântanos tê-los-la-mos varrido completamente. Mas, suponho, tínhamos de deixar alguma coisa para vocês, jovens sedentos de glória, fazerem! - Riu-se e ofereceu mais vinho a Gaius.

Gaius reprimiu um sorriso. Tinha sabido alguma coisa sobre esta batalha por homens que tinham sido enviados para casa, para Deva, mas era interessante ouvir a história por alguém que tinha estado mesmo dentro do acampamento quando os Caledónios o atacaram.

- Ah, o General é um grande homem! Depois do Verão passado, mesmo aqueles que se encolhiam e se queixavam do perigo, estão a cantar-lhe louvores.

Ele encontrará trabalho para ti, não há nenhuma dúvida sobre isso, e começarás a tua carreira com alguns louvores atrás de ti! Quem me dera ir contigo, meu rapaz, quem me dera!

Licinius não tinha dito nada sobre a possibilidade de servir, verdadeiramente, com o Governador, mas Gaius pensou subitamente se as mensagens que levava não seriam, ao menos parcialmente, destinadas a fazer com que Agricola reparasse nele. Agricola estava a ser pouco comum, para governador provincial, na medida em que se dava bastante bem com os seus procuradores. Uma palavra de Licinius podia revelar~se muito útil.

Na sua campanha anterior Gaius não tinha passado de mais um de uma confusão de jovens oficiais, todos sedentos de glória e extremamente dependentes dos seus centuriões. Tinha ficado muito impressionado com o que tinha visto do seu comandante, mas não havia nenhuma razão para o General se lembrar dele. A ambição revoluteou no seu interior ao pensamento de ganhar a sua estima.

Nesta altura Gaius estava a deixar para trás os terrenos de caça dos Brigantes e a deslocar-se para um terreno ainda mais Selvagem, onde as pessoas falavam um dialecto que não conhecia.

Roma podia conquistar estas terras, pensou, enquanto atravessava urzais e

sombrias florestas, mas duvidou se alguma vez as conseguiria governar. Apenas a necessidade de impedir os selvagens Caledónios, e os seus aliados da Hibernia, de dilacerarem os ricos campos do Sul - como tinham feito quando destruíram a casa de Bendeigid - podia ser um princípio de justificação para a presença romana aqui.

o longo crepúsculo nortenho estava a escurecer para tons de violeta quando Gaius entrou em Pinnata Castra, a fortaleza que a XX Legião estava a construir por cima do Firth de Tava, onde a armada tinha feito uma tão impressiva demonstração no Verão passado. Paredes de pedra já se estavam a levantar por detrás da sólida paliçada, e as tendas de couro dum acampamento de campanha tinham sido substituídas por casernas e estábulos de madeira que davam o aspecto de poder resistir até a um Inverno nestas terras selvagens. o local parecia ainda maior porque o seu aspecto era o de estar quase vazio.

- Onde está toda a gente? - perguntou quando passou por baixo do javali selvagem dos legionários que ornava o portão, e apresentou as suas ordens ao oficial de serviço.

- Lá para cima. - O homem acenou vagamente para o Norte. - Diz-se que as tribos se uniram finalmente sob as ordens de um chefe votadini chamado Calgacus. O velho tem estado a persegui-los durante todo o Verão, plantando acampamentos de campanha atrás dele como pedras num caminho. Ainda terás outra semana de marcha para o apanhar, mas pelo menos hoje à noite podes dormir debaixo dum telhado e enfiar dentro de ti uma refeição quente. De manhã, sem dúvida, o Prefeito dar-te-á uma escolta; seria uma pena seres apanhado numa emboscada depois de teres chegado tão longe!

Nesta altura Gaius estava mais interessado em ir pôr-se de molho no edifício dos banhos dos legionários que numa refeição quente, mas ficou bastante satisfeito com o jantar, uma vez lavado, e o seu anfitrião, que se sentia claramente só e um pouco nervoso, deixado aqui com a sua pequena unidade, pareceu contente por lhe dar as boas-vindas aos seus *alojamentos e* ter alguém novo com quem conversar.

- *Ouviste falar* do motim dos Usipii? - perguntou o Prefeito, quando *os restos* do condimentado galo selvagem que tinham estado a jantar foram retirados.

Gaius pousou a sua taça de vinho - tinha sido um muito bom Falernian - e pareceu ficar na expectativa.

- Um grupo de rudes germanos, sabes, acabados de ser retirados dos seus lúgubres pântanos e enviados para Lenacum como mão de obra. Amotinaram-se e roubaram três barcos; acabaram por velejar todo o caminho de Oeste para Leste, à volta da costa da Bretanha.

Gaius olhou-o fixamente.

- Então a Bretanha é uma ilha... - Esta questão tinha sido um assunto de conversa à mesa das refeições há tanto tempo quanto ele se podia lembrar.

- Parece que sim - acenou com a cabeça o homem.

- Eventualmente os Suevi apanharam os sobreviventes e venderam-nos como escravos de novo no lado romano do Reno e foi assim que soubemos da história.

- Extraordinário! - disse Gaius. O vinho tinha feito o seu trabalho e ele estava a começar a sentir-se agradavelmente aquecido. Daria uma boa história para contar a Julia quando voltasse a Londinium. Ficou um pouco surpreso quando reparou que estava a pensar naquilo como uma coisa que pudesse partilhar com ela - mas era uma história cuja ironia só podia ser *apreciada* Por alguém do seu próprio mundo. Eilan não teria compreendido de todo. Percebeu que pertencia, na verdade, *a* dois Povos - o romano que estava prometido em casamento a Julia, e o bretão, que amava Eilan.

No dia seguinte começou a chuviscar. Gaius fungava e tossia enquanto avançavam pelo ensopado terreno, pensando que não admirava que se dissesse

que os homens das tribos se podiam dissolver na urze à vontade. Tinha a sensação de que as colinas se fundiam no céu e os bosques no chão, e ele e o seu cavalo na lama em que andavam com tanta dificuldade.

Pelo menos, pensou lugubremente, ia a cavalo. Tinha pena dos legionários que tinham de lutar contra esta estrada, carregados com todas as suas armas e equipamento. Por vezes viram carneiros numa encosta, ou o pequeno gado negro que os nativos pastoreavam, mas, excepto uma seta que passou a rasar pela cabeça de Gaius quando estavam a passar a vau uma das Correntes, não encontraram sinais de forças hostis em qualquer parte.

- Boas notícias para nós, mas talvez más para o exército disse sombriamente o decurião que comandava a sua escolta. Se os guerreiros não estão a guardar os seus próprios terrenos de caça isso só pode significar que, na realidade, eles finalmente se uniram. Ninguém pode negar que eles são suficientemente bons guerreiros quando o sangue lhes ferve. Se as tribos tivessem sido capazes de unir forças quando César cá chegou, hoje em dia o Império ainda acabaria nas costas da Gália.

Gaius acenou com a cabeça e puxou o seu manto cor de tijolo mais apertadamente à sua volta pensando que destino teria inspirado Licinius para mandar as suas mensagens, talvez precisamente na altura em que a mais formidável aliança das tribos britânicas jamais reunidas estava prestes a atacar o exército que Agrícola tinha enviado *para* o Norte...

- Tens notícias de Martíus Julius Licinius? Diz-me, ele está bem?

O homem que emergiu da grande tenda de couro era apenas de meia altura e, sem a sua armadura, quase esguio, mas, apesar das gotas de chuva que lhe brilhavam no cabelo que começava a pratear, e das sombras à volta dos olhos, projectava uma aura de autoridade que o teria identificado mesmo sem o capote, dum vermelho tão escuro que era quase púrpura, que usava.

- Apresenta-se Gaius Macellius Severus Siluricus, senhor!

- Endireitou-se e fez a continência, ignorando a água que pingava da borda do seu capacete. - O Procurador está bem e envia-vos as suas mais cordiais saudações. Como podeis ler nestas cartas, senhor...

- De facto. - Agricola estendeu a mão para o pacote e sorriu. - E é melhor ler debaixo de abrigo antes que se dissolvam com a água. Tu também deves estar encharcado, depois da tua viagem. Aqui o Tacitus levar-te-á até à fogueira dos oficiais e tratará do teu aquartelamento. - Apontou um jovem alto, melancólico, que Gaius mais tarde soube tratar-se do seu genro.

- Agora que estás aqui, o melhor é esperares pelo final da luta para que eu possa enviar um relatório para casa outra vez por ti.

Gaius pestanejou quando o Governador se retirou para a sua tenda. Tinha-se esquecido do encanto do homem, ou talvez ele nunca se lhe tivesse sido dirigido directamente quando era apenas mais um oficial subalterno entre tantos outros. Então, Tacitus agarrou-lhe no braço, e, cambaleando um pouco porque os seus presos músculos das pernas protestaram, Gaius seguiu-o.

Era muito bom sentar-se de novo à volta da fogueira dum acampamento com os seus camaradas oficiais, comendo guisado quente de lentilhas, pão duro e bebendo vinho amargo. Só agora Gaius se dava conta do quanto tinha sentido a falta desta camaradagem. Depois de os outros tribunos terem sido postos ao corrente das experiências de campanha que tinha tido, e que ele não era um mero soldado de parada, aceitaram-no, e, à medida que o jarro do vinho rodava, até a chuva que ainda brilhava como pérolas no seu capote não lhe pareceu tão fria. A tensão que ele sentia à sua volta era a que se podia esperar e o moral parecia alto. As couraças dos homens de serviço estavam polidas e refulgentes apesar do tempo, e uma pintura nova brilhava nos amolgados escudos. Os jovens oficiais com quem estava sentado pareciam sérios mas não receosos.

- Pensas que o General será capaz de obrigar Calgacus a dar-lhe batalha? - perguntou.

Um dos homens riu-se.

- O mais provável é que aconteça o contrário. Não consegues ouvi-los? - Fez um gesto em direcção à ventosa escuridão.

- Eles estão mesmo ali, a gritar e a pintar-se de azul! Os batedores dizem que estão trinta mil homens ali em cima, no Grapius... guerreiros dos Votadini e Selgovae, Novantac e Doburini, e todos os outros pequenos clãs que temos vindo a perseguir nestes últimos três anos, e Caledónios das tribos do Norte cujos nomes nem eles próprios sabem. Calgacus dar-nos-á luta, não o duvides; ele tem que o fazer antes que todos se comecem a lembrar das suas inimizades tradicionais e comecem a lutar uns contra os outros em vez disso!

- E quantos - perguntou Gaius cuidadosamente - somos nós?

- Das legiões, quinze mil: a XX Valeria Victrix, II Adiutrix e o que resta da Nona - disse um dos tribunos, o qual, podia-se ver pela sua insígnia, estava adido à Segunda.

Gaius olhou para ele interessado. O tribuno tinha-se juntado à legião desde que Gaius estava em Londinium, mas devia haver aqui outros da legião do seu pai que ele conhecesse.

- E oito mil auxiliares de infantaria, na sua maioria batavians e tungri. Alguns irregulares brigantes e quatro alas de cavalaria. - Esta informação partiu dum comandante de unidade, que pouco depois se despediu para voltar para junto dos seus homens.

- Bem, isso não é assim tão desigual, pois não? - disse Gaius animadamente, e alguém riu.

- Não constituiria nenhum problema, excepto que eles estão no terreno mais elevado.

Nas ladeiras superiores do pico a que os romanos chamavam Mons Grapius, o vento era mais frio. Os Bretões chamavam outros nomes à montanha - a Velha Mulher, antiga e duradoura, Portadora da Morte e Fúria do Inverno. À medida que a noite se passava, era no seu último epíteto que Cynric a estava a conhecer. Aqui, as rajadas de chuva que caíam nos vales transformavam-se em explosões de granizo que lhe ferroavam as faces e caíam a chiar nas fogueiras.

Os Caledónios pareciam não se importar. Sentavam-se à roda das suas fogueiras, despejando odres de cerveja e vangloriando-se sobre a vitória do dia seguinte. Cynric puxou o seu capote axadrezado por cima da cabeça, esperando poder esconder o facto de estar a tremer.

- O caçador que se elogia alto de mais ao amanhecer pode ver-se com a panela vazia quando a noite cai - disse uma voz calma ao seu lado.

Cynric voltou-se e reconheceu Bendeigid, os seus pálidos hábitos um fantasmagórico borrão na escuridão.

- Os nossos guerreiros cantaram sempre assim antes duma batalha; levanta-lhes o moral!

Ele voltou-se e olhou para os homens à volta da fogueira. Este grupo era de Novantac, do Clã do Cavalo Branco, da costa sudeste da Caledónia, onde o estuário do Salmaes corria em direcção a Luguvalium. Mas na fogueira atrás deles estavam a beber homens de Selgovae, seus inimigos hereditários. O volume subiu e ele viu a figura do seu comandante subitamente iluminada

quando alguém atirou outra acha para a fogueira. O chefe atirou a cabeça para trás, rindo, e a luz resplandeceu de outra maneira nos seus olhos pálidos e no seu cabelo vermelho.

- Estamos na nossa terra, rapazes, e a própria ilha lutará por nós! Os capotes-vermelhos são levados pela ganância, que é uma fria conselheira, mas nós ardemos com o fogo da liberdade! Como podemos falhar?

Os Novantae, ao ouvir estas palavras, abandonaram a sua própria fogueira para se juntarem à volta dele e, passados instantes, os dois grupos tinham-se tornado numa única massa de homens que gritavam e aplaudiam.

- Ele tem razão - disse Cynric. - Se Calgacus foi capaz de persuadir esta gente a manter-se unida, como podemos nós falhar?

Bendeigid manteve-se silencioso e, apesar das suas corajosas palavras, Cynric sentiu a serpente da ansiedade, que tinha estado a roê-lo desde o cair da noite, começar a mexer-se uma vez mais.

- O que é? - perguntou. - Tivésteis um pressagio? Bendeigid abanou a

cabeça.

- Nenhuns presságios... penso que as hipóteses nesta luta estão tão uniformemente equilibradas que até mesmo os deuses não se atreverão a apostar no seu resultado. Nós temos uma vantagem, é verdade, mas Agricola é um formidável adversário. Se Calgacus, se bem que seja um grande chefe, o subestimar, isso poderia ser fatal.

Cynric deu um longo suspiro. Tinha lutado tão arduamente para se provar a estes homens das tribos, que tinham começado por troçar dele como sendo o filho de um povo derrotado mesmo sem saberem que o seu sangue estava maculado pelo de Roma, que a desconfiança se tinha tornado numa segunda natureza. Mas com o seu pai adoptivo ele não precisava de fingir.

- Ouço os cantos, mas não me consigo juntar a eles; bebo, mas a minha barriga continua fria. Pai, falhar-me-á amanhã a coragem quando enfrentarmos o aço romano? - Em alturas como esta não podia evitar pensar se não devia ter fugido com Dieda quando tinha tido a oportunidade.

Bendeigid virou-se para o poder olhar nos olhos.

ainda- Não falharás - disse ferozmente. - Estes homens estão a lutar pela glória.

Não compreendem o seu inimigo como tu. Mas na batalha o teu desespero ainda te tornará mais terrível. Lembra-te que és um Raven, Cynric, e que o que procurarás lá em baixo amanhã não é a glória, mas sim a vingança!

Nessa noite, Gaius deitou-se ouvindo a respiração de outros homens e a pensar porque e que o sono custava tanto a vir, Esta cama estava mais seca que qualquer uma em que tivesse dormido desde há algum tempo e já antes tinha lutado noutras batalhas. Mas as suas outras lutas, reflectiu, tinham sido escaramuças inesperadas que acabavam quase antes de terem começado.

Procurou alguma distracção e viu-se, de repente, a pensar em Eilan. Durante a jornada para o Norte foi em Julia que tinha pensado, imaginando o divertimento dela com algum pedaço de má-língua ou história sobre o exército. Mas nunca poderia confessar a Julia as coisas que nesta altura de escuridão o estavam a perseguir... «Rodeado, Por todos estes homens sinto-me só... quero apoiar a cabeça no teu seio e sentir os teus braços à minha volta... estou só, Eilan, e tenho medo!»

Caiu finalmente num desassossegado sono leve, e nos seus sonhos pareceu-lhe que ele e Eilan estavam juntos numa cabana no meio da floresta. Ele beijou-a e percebeu que o corpo dela estava a ficar arredondado com o seu filho. Ela sorriu-lhe e apertou o vestido de encontro ao ventre para que ele pudesse ver; ele pousou a mão na dura curvatura, sentiu a criança a mexer-se lá dentro e pensou que ela nunca tinha estado tão bonita.

Ela abriu os braços para ele e puxou-o para o seu lado, murmurando palavras de amor.

Então, Gaius caiu num sono mais profundo. Quando acordou, homens estavam a mover-se à sua volta, vestindo as suas túnicas e atrapalhando-se a tentar apertar os cordões das armaduras na sombria e acinzentada hora antes da alvorada.

- Por que é que ele não está a colocar as legiões na linha de batalha? - perguntou Gaius a Tacitus em voz baixa.

Eles imobilizaram os cavalos com o restante séquito do General numa pequena colina, vendo a infantaria ligeira espalhar-se numa longa linha por baixo da montanha, com a cavalaria de cada lado. A pálida luz brilhava nos polidos topos dos seus capacetes de bronze e nas pontas das lanças e cintilava nas suas armaduras. íngremes pastos subiam em direcção às ladeiras mais baixas

para lá deles, onde a seca erva dava lugar a vastas faixas do castanho avermelhado dos fetais e à púrpura mais clara da urze. Mas muita da topografia apenas podia ser adivinhada, pois a parte inferior da montanha estava completamente coberta com homens armados.

- Porque elas estão com as forças reduzidas - chegou a resposta. - Lembra-te de que o Imperador sugou homens das quatro legiões para a sua campanha contra os Germanos. Em resultado disso, três mil homens das nossas tropas de elite estão impacientemente sentados à espera, na Germania, enquanto os Chatii e os Sugambri se riem deles, e Agricola vai ter de usar todos os truques que conhece para compensar essa falta. Tem as legiões formadas em frente das trincheiras, onde nos podem apoiar se retirarmos, mas ele espera que não cheguemos a isso.

- Mas foi o Imperador que mandou o Governador defender a Caledónia do Norte, não foi? - perguntou Gaius. - Domiciano é um soldado. Não saberia ele...

Tacitus sorriu e, subitamente, Gaius sentiu-se como uma criança.

- Alguns diriam - respondeu suavemente - que ele sabe bem de mais. Tito deu ao nosso governador honras de herói pelos seus sucessos na Bretanha, e quando a sua campanha acabar, a comissão de Agricola como governador terá chegado ao fim. Talvez o imperador sinta que não há lugar em Roma para dois

generais vitoriosos.

Gaius olhou na direcção do seu comandante, que estava a observar o desdobramento das suas tropas com grande atenção.

A sua armadura, de escamas pendentes sobre uma cota de malha, brilhava à crescente luz e o penacho de crina de cavalo do seu capacete ondulava ligeiramente com a brisa. Por baixo da armadura, a túnica e os calções eram dum branco de neve, mas na luz matinal o seu manto escarlate brilhava funestamente.

Anos mais tarde, numa visita a Roma, Gaius leu a passagem da biografia de Agricola na qual Tacitus descreveu este dia. Teve de sorrir com os discursos, que tinham sido trabalhados a fim de ganharem efeito literário, na melhor tradição retórica, pois embora tivessem ambos ouvido as palavras do General, o vento apenas lhes trouxe fragmentos do discurso de Calgacus, que Gaius, sem dúvida, percebeu muito melhor que Tacitus.

Calgacus tinha começado primeiro; pelo menos podiam ver um homem alto com o cabelo da cor da pele duma raposa, a andar para trás e para a frente em frente dos inimigos que estavam melhor vestidos, e presumiram que fosse ele. Fazendo eco nas colinas atrás dele, frases flutuaram através do terreno aberto.

- ... Eles comeram a terra, e atrás de nós apenas resta o mar! - Calgacus fez um gesto na direcção norte. - ... destruamos estes monstros que venderiam os nossos filhos como escravos! - Os Caledónios começaram a urrar em aprovação e as palavras seguintes perderam-se. Quando Gaius conseguiu ouvir de novo, o chefe inimigo parecia estar a falar da revolta dos Iceni.

- ... fugiram aterrorizados quando Boudicca, uma mulher, levantou os Trinobantes contra eles... nem sequer arriscam o seu próprio povo contra nós! Deixem os Gauleses e os nossos irmãos, os Brigantes, lembrar-se como os Romanos os traíram e deixem os Batavianos desertar tal como os Usipíi fizeram! - Houve um pequeno movimento nas fileiras dos auxiliares, entre aqueles que o perceberam, enquanto Calgacus continuava o seu apelo aos Caledónios para lutarem pela sua liberdade, mas os seus comandantes acalmaram-nos.

Os homens das tribos começaram a chegar-se à frente, cantando e abanando as suas lanças e Gaius tremeu, ao ouvir essa música selvagem, uma chamada que acordava memórias quase antigas de mais para que ele tivesse palavras para as descrever, memórias de canções que tinha ouvido entre os Silures quando era um bebé de colo. E o lado escondido da sua alma, o lado da mãe, chorou em resposta, pois Gaius tinha visto as minas de Mendip e as filas de escravos bretões serem levados para barcos a fim de serem vendidos em Roma, e ele sabia que o que Calgacus dizia era a verdade.

Os romanos, percebendo o tom se não as palavras, estavam-se a mexer

iradamente. Foi nesse momento, quando parecia que a sua disciplina, se não mesmo a sua lealdade, se podia quebrar, que Agricola levantou a mão e, com as rédeas, fez o seu cavalo branco voltar-se para os enfrentar, e os seus oficiais se chegaram mais para perto para ouvir o que ele ia dizer.

O General pareceu falar gentilmente, como um pai acalmando um filho excitado, mas as suas palavras arrebataram-nos. Falou da distância que tinham percorrido, da sua coragem em irem para além das fronteiras do mundo romano e, suavemente, notou os perigos de tentar uma retirada através duma terra tão hostil.

um general ou um exército que se retira nunca é seguro... a morte com honra é preferível a uma vida na ignomínia... Mesmo o tombar nesta derradeira orla da terra e da natureza não pode ser considerada uma sorte inglória.

Quanto aos Caledónios, a quem Calgacus tinha chamado os últimos homens livres na Bretanha, na versão de Agricola tornaram-se fugitivos:

- ... o número deles que resta consiste apenas nos mais cobardes e sem coragem; estão ao alcance da vossa vista, não porque se tenham aguentado no terreno, mas porque foram alcançados. - Por um momento, ao ouvir aquela voz calma e amável destruir os sonhos de glória dos Caledónios, Gaius quase o odiou. Mas não podia negar a conclusão do General, a qual era que uma vitória

romana hoje podia pôr um fim a uma luta que já durava há cinquenta anos.

Pareceu a Gaius que via neste homem a essência do que Macellius considerava um romano. Apesar de a família de Agricola ser de ascendência gaulesa, e de ele ter subido na vida através dum bem sucedido serviço público, primeiro ao grau de cavaleiro e depois a senador, fez lembrar a Gaius os velhos heróis da Roma republicana.

Os escriturários de Licinius tinham estima pelo seu senhor, mas no modo como os oficiais de Agricola o olhavam, Gaius sentiu mais alguma coisa, uma intensidade de devoção que os mantinha imóveis, mesmo quando os selvagens nas montanhas começaram a levantar a sua coragem para o calor da batalha com gritos de guerra e batendo nos escudos. Aparentemente, este tipo de atitude estendia-se aos homens sob o comando de Agricola, e Gaius, ao ver aquele severo perfil e ao ouvir o General a falar tão calmamente como se estivesse a conversar na sua tenda com um grupo de amigos, pensou subitamente, «É este o tipo de devoção que faz Imperadores.» Talvez Domiciano tivesse razão *em* ter medo.

Os Caledónios estavam alinhados na colina, as suas fileiras subindo fila após fila acima da planície. Nesta altura, as suas bigas começaram a descer pela colina abaixo com os cavaleiros formados junto a elas, ágeis póneis galopando a toda a brida, com os seus condutores a balançar nas plataformas de vime enquanto os lanceiros que elas transportavam abanavam as suas armas e riam.

Para Gaius era uma imagem de beleza e terror. Apercebeu-se de que estava a ver a alma guerreira da Bretanha tal como César e Frontinus a tinham visto, apercebendo-se que depois do que aqui se iria passar ela nunca mais seria vista em toda a sua glória. As bigas arremessaram-se para a frente, rodando no último instante quando os seus dardos estrondearam nos escudos romanos e os guerreiros correram pelos varais entre os cavalos, atirando ao ar as suas relampejantes espadas e apanhando-as de novo. Tinham vindo para esta batalha como para um festival e o sol faiscava em colares e pulseiras. Alguns tinham armadura e capacete, mas a maioria lutava em brilhantes túnicas axadrezadas ou meios nus, a sua pele clara pintada com desenhos azuis espiralados. Gaius podia ouvi-los a vangloriar-se por cima do estrépito das rodas das bigas e sentiu, não terror, mas uma terrível dor.

Um dos tribunos protestou audivelmente quando Agricola desmontou e veio um homem para lhe levar o cavalo, mas os rostos dos outros fecharam-se rigidamente a esta prova que, o que quer que acontecesse ao seu exército, Agricola não fugiria. «Dariam a vida para o proteger », pensou Gaius, «e eu », compreendeu subitamente, «também.» Alguns dos membros do séquito do General estavam a desmontar enquanto calmas ordens enviavam outros a meio galope até às linhas. Gaius puxou as rédeas, incerto quanto ao que fazer.

- Tu. - O General fez sinal para ele se aproximar. - Vai até aos Tungri e diz-lhes para se espalharem mais. Diz-lhes que eu sei que isso vai enfraquecer o centro mas não quero que o inimigo nos flanqueie.

Quando esporeou o seu cavalo para um galope, Gaius ouviu o barulho de dardos a bater em escudos atrás de si e percebeu que as bigas bretãs se tinham retirado e a sua primeira linha de infantaria estava a avançar. Inclinou-se sobre o pescoço do cavalo e fê-lo andar mais depressa. O espaço entre dois exércitos que se estavam a aproximar para a primeira, devastadora troca de projécteis, não era lugar onde se estivesse. Viu o brilho do estandarte dos Tungri à sua frente e a linha abriu-se para o deixar passar; pouco depois estava a transmitir a sua mensagem, movendo-se por trás dos homens quando estes começaram a fazer pressão para os lados e observando pelo canto do olho à medida que o ataque do inimigo se alargava para os flancos.

Os guerreiros bretões eram bons, pensou quando os viu a afastar as lanças romanas com os seus escudos redondos. As suas grandes espadas eram ainda maiores que as *spatha romanas*, armas cortantes, rombas na ponta mas maldosamente afiadas de lado. Os clarins romanos troaram e o centro de Agricola avançou, aproximando-se do inimigo.

Gaius sabia que não tinha mais nada a fazer aqui com a infantaria, mas o General não lhe tinha dado outras ordens; numa súbita decisão, tocou com os joelhos na sua montada para que o levasse pela linha abaixo para se juntar à cavalaria que se encontrava aí. Por cima das cabeças dos auxiliares viu as linhas de batalha quebrarem-se numa confusa luta corpo-a-corpo na qual os Caledónios não tinham espaço para fazer rodar as suas grandes espadas. Este era o tipo de luta preferido dos Batavianos; fizeram pressão para a frente, golpeando com os seus gládios e esmagando caras de inimigos com as bossas dos seus escudos. Houve um grito dos romanos quando a primeira linha do inimigo cedeu e o centro de Agricola começou a subir as colinas inferiores da montanha atrás deles.

Mais devagar, a infantaria, de cada lado, tentou segui-los, mas, agora, as bigas dos bretões, vendo as suas linhas a adelgaçarem-se e sentindo uma fraqueza, mergulharam nessa direcção, balançando no acidentado terreno. Mais um momento e estavam no meio da infantaria, como lobos num curral de ovelhas, dilacerando os soldados apeados com espadas e lanças. Alguém gritou aos homens para cerrar fileiras; homens, cavalos e bigas rodopiavam em confusão; Gaius viu um guerreiro pintado de azul assomar à sua frente e atirou a sua lança.

Nos momentos que se seguiram as coisas aconteceram depressa de mais para que se tivesse tempo de pensar. Gaius golpeou e aparou golpes enquanto armas chamejavam à sua volta. Uma biga mergulhou na sua direcção e o seu cavalo rodopiou, atirando-o de encontro à armação traseira da sua sela. Sentiu a lança ser-lhe arrancada da mão e esquivou-se quando um dardo se dirigiu para ele. O projéctil atingiu-lhe o capacete, ficou pendurado durante um instante no penacho e caiu. Gaius pestanejou entontecido, percebendo agora porque é que apenas os oficiais usavam penachos nos capacetes durante uma batalha, mas o cavalo, mais esperto que o seu dono, levava-o já para fora de perigo.

Durante uns momentos manteve-se isolado; Gaius puxou a *sua spatha* da bainha e endireitou-se. Podia ver agora que as bigas, tendo falhado na sua tentativa de passar através das linhas romanas, estavam a ficar enredadas no meio delas. Uma biga balançava em direcção a ele no desigual terreno; ouviu-se o som de madeira triturada quando uma roda bateu num pedregulho arredondado e ela se virou. Viu o condutor dar um pontapé nos rastos. Relinchando furiosamente, os cavalos libertaram-se, juntando-se aos outros que galopavam em pânico no meio da batalha, derrubando amigos e inimigos.

A batalha estava agora completamente unida; as colinas do Grapius espumavam com grupos de homens em luta, unido-se e separando-se, e agrupando-se de novo, numa tapeçaria em constante movimento. Mas pareceu a Gaius que, pouco a pouco, os romanos estavam a ganhar terreno.

De repente, pareceu como se uma lança tivesse nascido do chão à sua frente, com um rugidor rosto atrás dela; o seu cavalo recuou quando ele desviou a lança para o lado com a espada e golpeou para baixo. O vermelho cobriu os desenhos azuis quando a lâmina acertou e, nessa altura, o cavalo deu um salto para a frente fazendo com que a cara desaparecesse, e Gaius viu-se a golpear e a defender-se, sem tempo sequer para pensar.

Quando voltou a ter um momento para se concentrar, estavam já bem acima na montanha. À sua esquerda ouviu gritos; os Caledónios que tinham estado a observar a batalha desde o cume estavam agora a descer, arremessando-se pela colina abaixo com uma velocidade espantosa para apanhar os romanos pela retaguarda. Estaria Agricola a vê-lo? Gaius ouviu uma vez mais o troar dos clarins romanos e fez uma careta quando as quatro alas de cavalaria, que o General tinha estado a manter como reserva, entraram por fim em acção. Eles flanquearam os bretões e martelaram-nos de encontro à bigorna que era a infantaria; o verdadeiro massacre começou então.

As forças de Calgacus tinham perdido toda a coesão. Alguns homens ainda

lutavam, outros tentavam fugir, mas os romanos estavam por todo o lado, matando ou fazendo prisioneiros apenas para ter que os massacrar quando mais guerreiros inimigos lhes saíam ao caminho. Gaius viu um relampejar de branco ali perto e viu Agricola no meio da batalha com apenas dois tribunos e um par de legionários a defendê-lo. Virou a sua montada nessa direcção.

Quando se estava a aproximar, um dos tribunos gritou. Três bretões, com o vestuário empapado em sangue e armados apenas com facas e pedras, carregavam na direcção deles. Gaius esporeou o cavalo com força. Rodou e a sua lâmina abriu um corte vermelho no peito do primeiro homem. Então, o seu cavalo tropeçou nalguma coisa mole; Gaius sentiu-se a cair, libertou o escudo e libertou-se com um puxão violento quando o animal se abateu. Viu o brilho repentino duma faca e sentiu a dor a rasgar-lhe a coxa; o cavalo lutou para tentar pôr-se de pé e a faca brilhou outra vez, espetando-se-lhe no pescoço; o animal teve um espasmo e voltou a cair.

Gaius levantou-se apoiado num ombro, espetou a sua própria adaga no peito do bretão usando-a, depois, para cortar a garganta do cavalo moribundo.

Depois, fazendo uma careta quando a coxa lhe começou a latejar, começou a levantar-se, olhando à sua volta à procura do seu escudo e da espada.

- Estás bem, rapaz? - Agricola estava a olhar para baixo, para ele.

- Sim, senhor! - começou a fazer a continência, reparou que ainda tinha a adaga na mão, e embainhou-a outra vez.

- Continua, então - disse o General. - Ainda temos trabalho a fazer.

- Sim... - começou Gaius, mas Agricola estava já a virar-se para dar uma ordem a outra pessoa qualquer. Um dos tribunos ajudou-o a pôr-se de pé e ele tentou recuperar o fôlego.

Sangue tinha manchado o fetal a seus pés de um vermelho ainda mais carregado. O campo assemelhava-se a uma massa de homens e armas quebrados, e os inimigos ainda vivos estavam a dispersar-se, perseguidos pela cavalaria. Os romanos apeados seguiam mais lentamente, enquanto os Caledónios fugiam em direcção à floresta no outro lado da montanha. Agricola deu ordem a alguns homens para desmontarem e bater pelo meio do bosque enquanto os outros o cercavam por detrás.

Foi na orla do bosque, quando o crepúsculo estava a cair, que Gaius rodopiou para enfrentar um homem que saltou como uma mola para cima dele.

Rodou instintivamente, mas estava cansado e a lâmina girou-lhe na mão, apanhando o guerreiro de lado na cabeça e deitando-o ao chão. Puxou pela sua adaga e inclinou-se para o homem para acabar com ele e praguejou quando uma mão ensanguentada lhe agarrou o braço: perdeu o equilíbrio e caiu em cima do inimigo; os dois rolaram um por cima do outro, lutando pela posse da lâmina.

o braço de Gaius começou a tremer quando os músculos, que nunca tinham recuperado completamente da velha ferida onde a estaca para os javalis lhe tinha trespassado o ombro, começaram a ceder. O pânico puxou pelas suas últimas reservas de energia e os seus dedos cerraram-se na garganta do outro homem. ofegaram durante uns instantes, a adaga batendo inutilmente na sua armadura. Depois, toda a capacidade de luta do outro homem desapareceu e ele deixou-se ficar imóvel.

Tremendo, Gaius pôs-se de pé e tirou a arma dos enfraquecidos dedos do seu inimigo. Inclinou-se para acabar o trabalho que tinha começado e viu-se a olhar para os entontecidos olhos de Cynric.

- Não te mexas! - disse em bretão e o outro imobilizou-se, Gaius olhou rapidamente à sua volta. - Posso salvar-te... estão a começar a fazer reféns. Rendes-te a mim?

- Romano. - Cuspiu Cynric, mas fracamente. - Devia ter-te deixado no fosso

dos javalis! - Foi então que Gaius percebeu que o outro homem também o tinha reconhecido. - Teria sido melhor para mim... e para Eilan!

- Tens tanto sangue romano como eu! - O sentimento de culpa acrescentou veneno à resposta de Gaius.

- A tua mãe vendeu a honra! A minha morreu!

Gaius viu-se a baixar a lâmina e, no último instante, realizou que isso era o que Cynric queria que ele fizesse.

- Salvaste uma vez a minha vida. Agora ofereço-te a tua, e que Hades leve o teu maldito orgulho bretão! Rende-te e poderás lutar comigo noutra ocasião. - Sabia que isto era loucura; mesmo jazendo no meio do seu sangue Cynric parecia perigoso. Mas salvá-lo era a única coisa que podia fazer por Eilan.

- Tu ganhas... - A cabeça de Cynric caiu para trás com a exaustão e Gaius viu mais sangue a correr dos cortes nos seus braços e coxas - ... hoje... - Os seus olhos encontraram-se e Gaius viu o ódio ainda a arder nos dele. - Mas um dia pagarás...

- e caiu em silêncio enquanto o vagão que estava a recolher os feridos chiava em direcção a eles.

Gaius viu dois legionários esgotados carregá-lo juntamente com os outros, a sua satisfação pela vitória romana dissipando-se quando compreendeu que tinha perdido o amigo tão seguramente como se tivesse visto Cynric morrer diante dos seus próprios olhos.

Quando a escuridão começou a cair Agricola mandou parar a perseguição, não querendo arriscar os seus homens num terreno desconhecido. Mas, para os Caledónios que sobreviveram, ainda não estava acabado. Pela noite dentro os romanos puderam ouvir mulheres a chamar enquanto percorriam o campo de batalha. Nos dias que se seguiram, os batedores que voltavam relataram um cada vez maior círculo de devastação. A terra que outrora tinha sustentado um florescente povo era agora um mundo de silêncio, no qual os corpos de mulheres e crianças, mortas pelos seus próprios homens para os salvar da escravatura, olhavam inexpressivamente para os céus, e o fumo de propriedades queimadas escurecia o lacrimejante céu.

Quando os números foram finalmente contados, estimou-se que feridos ou mortos em batalha pelo lado do inimigo tinham sido dez mil; enquanto romanos tinham morrido apenas trezentos e sessenta.

Enquanto viajava com a coluna de homens marchando para sul em direcção ao aquartelamento de Inverno, Gaius lembrou-se das palavras da Calgacus: «Devastar, massacrar, usurpar sob falsos pretextos a que eles chamam Império; e onde fazem um deserto, chamam-lhe paz.»

Era certo que o Norte agora estava em paz, as derradeiras esperanças de liberdade tão mortas como os homens que as tinham defendido. Foi isto, mais que o facto dos despachos de que era portador incluírem uma muito elogiosa descrição da sua própria conduta no campo de batalha, que fez Gaius perceber que agora tinha de se tornar inteiramente romano.

DEZANOVE

Apesar das esperanças de Agrícola, a pacificação do Norte não deveria ser claramente conseguida com uma única batalha. E se bem que o povo de Roma tivesse dançado nas ruas quando foi proclamado o relato triunfal de Mons Grapius, muito havia ainda a ser feito para assegurar a vitória. Os despachos que Gaius levou para o Sul incluíam uma ordem para ele voltar assim que as suas feridas tivessem sarado, pois o Governador não se sentia inclinado a deixar um jovem tão útil desperdiçar-se em Londinium.

Uma das missões de Gaius foi visitar o recinto onde guardavam os prisioneiros mais importantes. Cynric ainda lá estava, ferido e amargurado, mas vivo, e sombriamente triunfante por Calgacus não ter sido capturado para adornar o triunfo de Agrícola em Roma. De facto, ninguém parecia saber o que tinha acontecido ao chefe bretão. Corriam rumores de que o druida Bendeigid estava escondido nas montanhas.

- Eu fui preso em armas e não espero nenhuma piedade - disse Cynric num amolecimento momentâneo -, mas se o teu general tem qualquer consideração por ti pede-lhe que perdoe ao velho. Fui eu que te tirei do fosso dos javalis, mas

ele é que te salvou a vida. Penso que lhe deves alguma coisa por isso, não achas?

E Gaius tinha concordado. Na verdade, a sua dívida era maior que o que Cynric pensava e, como não se podia provar que Bendeigid tinha lutado contra Roma, Agrícola estava disposto a deixar circular pelo Norte a palavra que o druida podia voltar a casa em segurança.

Em todo o caso, não foi senão quando o próprio Governador se dirigiu para sul para preparar a sua ida para Roma, que foi dada autorização a Gaius para fazer o mesmo. E assim, foi já no final do Inverno que ele se viu a caminho, para visitar o pai em Deva, finalmente livre para seguir as instruções que Julia lhe tinha dado meses atrás para fazer as pazes com Eilan.

O Inverno no Norte tinha sido negro e frio, com amargos ventos e noites que pareciam não ter fim. Mesmo tão a Sul o ar estava fresco, se bem que os primeiros botões estivessem a tingir as extremidades dos ramos de verde, e Gaius sentiu-se satisfeito por ter o seu capote de pele de lobo. Na Bretanha, até mesmo o deificado Júlio tinha, por vezes, usado três túnicas umas sobre as outras, para se proteger do frio.

Era uma sensação estranha viajar num país que estava em paz. Parecia a Gaius que estava tudo mudado desde que o tinha visto pela última vez, como se tivesse partido há anos. Mas à medida que se aproximava de Deva, o áspero

vento que soprava vindo do estuário era o mesmo, e as escuras montanhas que se viam no horizonte a Ocidente ainda eram as mesmas assustadoras sombras que o tinham perseguido desde que era uma criança. Atravessou os poderosos aterros da fortaleza até ao portão principal, e encontrou a paliçada de madeira que os coroavam apenas um pouco mais gasta pelo tempo que o que se recordava. Ele próprio é que tinha mudado.

Os seus passos soaram no pavimento de pedra do *praetorium* quando se dirigiu em direcção ao escritório do pai. Valerius olhou para cima quando ele entrou, franzindo o sobrolho durante um momento quando Gaius começou a despir os seus agasalhos. Depois sorriu. Mas foi quando Macellius saiu do gabinete interior que Gaius viu que não tinha sido ele o único a envelhecer.

- Bem, meu rapaz! És realmente tu? Tínhamos começado a recear que o Governador te levasse para Roma com ele. Ele escreveu muito favoravelmente sobre o teu trabalho por lá, meu rapaz, mesmo muito favoravelmente. - Macellius estendeu os braços e abraçou apertadamente Gaius, muito rapidamente, como se o homem mais velho receasse trair-se se agarrasse o filho tempo de mais.

Mas Gaius tinha sentido como os dedos do pai o tinham apertado, como se ele tivesse necessidade de se assegurar que o filho estava ali em carne e osso, vivo. Não tinha nenhuma necessidade de perguntar se Macellius se tinha preocupado; tinha a certeza de que não tinha sido a resolução de triviais disputas de homens em aquartelamentos de Inverno e controlar armazéns, que tinha colocado o novo cinzento no cabelo do Prefeito do Campo.

- Então durante quanto tempo teremos o prazer da tua companhia antes que precisem de ti de regresso a Londinium?

- Tenho algumas semanas de licença, senhor. - Gaius forçou um sorriso. - Pensei que era altura de voltar a casa.

- Com uma pontada reparou que Macellius durante algum tempo.

não tinha pronunciado uma única palavra sobre o seu casamento.

«Finalmente o velho deve ter chegado à conclusão de que eu cresci! »

Mas Macellius já não precisava de fazer quaisquer perguntas. Desde a batalha de Mons Grapius que Gaius tinha, de algum modo, começado a tomar o seu casamento com Julia como certo. Mas agora, que as familiares colinas de Deva estavam a trazer de volta velhas memórias, ele começava a duvidar. Podia,

na realidade, seguir em frente com aquilo, e se não, o que faria?

Mas Gaius tinha descoberto uma coisa sobre si próprio nestes últimos meses; que, afinal de contas, era ambicioso. Agricola era um grande homem e tinha sido um excelente governador mas quem podia dizer quem é que Domiciano ia enviar depois dele? E havia coisas sobre esta terra que nem Agricola conseguiu compreender nunca. A velha Bretanha das tribos estava morta. As suas gentes teriam de mudar e tornar-se romanas, mas como poderia qualquer gaulês, ou espanhol, percebê-las? Tornar este país na joia do império poderia requerer a chefia de alguém que fosse, ao mesmo tempo, romano e bretão. Alguém como ele, se a partir de agora fizesse as jogadas certas.

- ... convidar alguns dos oficiais mais importantes para jantarem connosco - estava o pai a dizer. - Se não estiveres muito cansado?

- Estou bem - Gaius sorriu. - Depois das estradas da Caledónia, foi um prazer viajar aqui.

Macellius acenou com a cabeça, e Gaius pôde ver o orgulho a irradiar dele como o calor duma fogueira. Engoliu em seco, constatando de súbito que Macellius nunca antes lhe tinha mostrado uma tal ilimitada aprovação - e o quanto ele necessitava de ver aquele brilho nos olhos do pai.

Era habitual que a Grã Sacerdotisa passasse algum tempo em isolamento depois dos grandes festivais, para recuperar do ritual. As mulheres da Casa da Floresta tinham-se habituado a isto quando Lhiannon as chefiava, e ninguém achou estranho que depois da primeira aparição de Eilan como Grã Sacerdotisa a sua recuperação tivesse sido prolongada.

E quando ela já estava recuperada, podem ter ficado desapontadas por ela não participar muito na vida da sua comunidade, e por andar tantas vezes com o véu, mas não ficaram surpreendidas. Lhiannon tinha sido a única Grã Sacerdotisa que a maioria delas tinha jamais conhecido e durante os seus últimos anos tinha-se mantido a maior parte do tempo nos seus aposentos, servida por Caillean ou pelas sacerdotisas por ela escolhidas. Em qualquer caso, um período de retiro era exigido para que a nova Senhora do Oráculo pudesse comungar com os deuses.

E o recolhimento da sua nova Grã Sacerdotisa era um tópico de falatório muito menos intrigante que o desaparecimento de Dieda. Umas estavam certas de que ela se tinha ido embora voluntariamente, zangada por não ter sido escolhida para Grã Sacerdotisa. Outras sugeriram que ela tinha fugido para se juntar a Cynric, que algumas delas tinham visto quando ele visitou a Casa da Floresta na companhia de Bendeigid.

Mas quando alguém ouviu dizer a um madeireiro que uma mulher grávida

estava a viver na cabana da floresta, a solução para o mistério tornou-se espantosamente óbvia. Dieda devia estar grávida; ela tinha sido mandada viver no isolamento da floresta até que se libertasse da sua vergonha.

A verdade, claro, era tão impossível que ninguém a adivinhou. O papel de Dieda no logro nem sequer era muito exigente, já que depois da batalha de Mons Grapius o governador tinha proibido todas as reuniões públicas, não fossem elas provocar agitação. Tão longe aqui para o Sul, tinham ouvido apenas rumores da destruição; para a maioria das pessoas, juntar comida para o Inverno era uma preocupação muito mais premente. No festival de Samaine as pessoas tiveram de se contentar com as pequenas adivinhações de maçãs e nozes e com as fogueiras, pois não houve nem feira, nem festival, nem Oráculo.

Quanto a Eilan, ela passou o Inverno abrigada na cabana redonda da floresta, visitada de tempos a tempos por Caillean e assistida por uma velha mulher que não sabia o seu nome. Construiu um pequeno altar à Deusa, no seu papel de Mãe, junto à lareira e, à medida que via o seu ventre a crescer, flutuava entre a alegria pela nova vida que crescia dentro dela e a angústia por não saber se alguma vez veria novamente o pai do seu filho.

Mas era o curso natural das coisas que até o mais duro dos Invernos desse um dia o lugar à Primavera, Se bem que tivesse havido alturas em que Eilan tivesse sentido que ficaria grávida para sempre, o festival de Brigantia estava a aproximar-se e era nessa altura que a sua criança devia nascer. Alguns dias antes do festival, Caillean apareceu na soleira da porta, e, se bem que nesses dias ela chorasse ou risse com facilidade, Eilan sentiu-se tão feliz por a ver que pensou que ia chorar.

- Há algum pão de aveia fresco que eu cozi hoje de manhã - disse. - Senta-te aqui e faz-me companhia na minha refeição do meio-dia... - Hesitou. - A não ser que sintas que eu te contamino pela minha presença perjura?

Caillean riu.

- Nunca - replicou. - Se não tivessem sido os nevões já teria vindo antes.

- E como estão as coisas pela Casa da Floresta? - perguntou Eilan. - Como se está a portar Dieda no meu lugar? Conta-me tudo; estou muito aborrecida aqui; pareço um vegetal!

- Decerto que não. - Caillean sorriu. - Talvez uma árvore de fruto que tivesse chegado à altura da colheita na Primavera e não no Outono. Quanto a Vernemeton, Dieda executa os teus deveres fielmente, embora talvez não tão bem como tu o terias feito. Prometo-te que virei cá quando o teu filho estiver para nascer. Manda-me um recado pela velha quando chegar a altura.

- Como é que saberei?

Caillean riu-se, não sem alguma rudeza.

- Estavas presente quando o segundo filho da tua irmã nasceu. De que é que te lembras?

- Desse dia o que lembro é dos assaltantes e como tu agarraste no fogo - disse Eilan humildemente.

Caillean sorriu.

- Bem, penso que agora já não deve faltar muito tempo.

Talvez tu dês à luz nas Festas das Donzelas... já que as tuas mãos estiveram ocupadas hoje de manhã e um desassossego desse género é normalmente observado quando uma criança se agita preparada para nascer. E trouxe-te um presente, uma grinalda de galhos de vidoeiro branco, que são sagrados para a Mãe. Vê... vou pendurá-la por cima da tua cama para que te possa trazer boa sorte às Suas mãos. - Ela levantou-se e retirou a grinalda do saco que trazia.

- Nesta altura pode-te parecer que os deuses que os homens adoram se afastam de ti, mas a Deusa cuida de todas as suas filhas que se encontram na mesma situação em que tu te encontras agora. Depois do festival passarei outra vez por *cá, se bem* que não vá ser nenhum prazer ver Dieda no teu lugar.

- Como estou encantada por ouvir a tua opinião - disse alguém da porta, a doçura da voz intensificando o veneno das suas palavras. - Mas se não gostas de mim no papel de Grã Sacerdotisa, decerto é um pouco tarde de mais para o dizer!

Uma figura, pesadamente velada de azul-escuro, estava parada aí. Os olhos de Eilan abriram-se e Caillean corou furiosa.

- Por que é que vieste aqui?

- Por que não? - perguntou Dieda. - Não achas que é bondoso da parte da Grã Sacerdotisa visitar a sua parenta em desgraça? Todas *as nossas* queridas *irmãs têm* conhecimento que está aqui alguém a viver, sabes, e chegaram à conclusão que sou eu, Não terei um fragmento de reputação em pé quando eventualmente «voltar ».

A voz de Eilan tremeu.

- Vieste apenas para te regozijares com a minha vergonha, Dieda?

- Por estranho que pareça, não - Dieda puxou o seu véu para trás. - Eilan, apesar de tudo o que se tem passado entre nós desejo o teu bem. Não és a única que está só. Não tenho notícias do Cynric desde que ele foi para o Norte, e ele não me mandou qualquer notícia. Ele não se interessa com nada a não ser com o destino dos Ravens. Talvez quando este logro acabar eu deva ir para o Norte e tornar-me numa das mulheres guerreiras que *servem* a deusa das batalhas.

- Que disparate - disse rudemente Caillean. - Darias uma péssima guerreira, ao passo que tens imensos dotes para bardo.

Dieda encolheu os ombros desamparadamente.

- Talvez deva achar uma maneira qualquer de expiar por colaborar na traição de Ardanos.

- Chamas-lhe mesmo isso? - perguntou Eilan. - Eu não. Tenho tido tempo para pensar, a viver aqui, e parece-me que a Senhora deixou que isto acontecesse à Sua sacerdotisa para que ela pudesse perceber a necessidade de proteger todas as crianças desta terra. É pela paz, não pela guerra, que trabalharei quando regressar.

Dieda olhou para Eilan e disse lentamente:

- Nunca desejei muito ter um filho, feito por Cynric ou por qualquer outro homem. E, no entanto, penso que se estivesse a gerar um filho de Cynric, poderia sentir como tu. - Os olhos brilhavam-lhe com lágrimas e ela afastou-as, zangada. - Devo voltar antes que línguas atarefadas tenham tempo de tecer histórias de mais. Vim apenas para te desejar boa sorte; mas parece que mesmo nisto Caillean se me antecipou.

Voltou-se, puxando de novo o véu sobre a cara e, antes que qualquer delas pudesse encontrar palavras para lhe responder, tinha-se ido embora.

Todos os dias, parecia, a luz durava um pouco mais de tempo. Os ramos das árvores avermelhavam-se com a regressada seiva e os cisnes começaram a cortejar nos brejos. Se bem que ainda pudessem vir algumas tempestades de Inverno para açoitar a terra, havia uma sensação de que a Primavera estava a começar. Os homens que trabalhavam a terra tiraram as suas relhas dos arados das vigas em que estavam penduradas, os pescadores começaram a calafetar as suas embarcações e os pastores permaneciam toda a noite nas frias encostas com os cordeirinhos recém-nascidos.

Gaius viajou, ouvindo os sons da nova vida que o cercava e contou os dias. Tinha sido durante Beltane que ele e Eilan tinham feito amor os dois e, desde então, tinham-se passado nove luas. Ela devia estar quase a dar à luz. As mulheres, por vezes, morriam de parto. Ele olhou as regressadas aves aquáticas que desemaranhavam nos céus e soube que, quer se casasse com Julia quer não, tinha de ver Eilan uma vez mais.

Quanto mais subisse entre os Romanos, mais poderia fazer por Eilan e pelo filho de ambos. Se fosse um rapaz talvez Eilan o deixasse educá-lo. Ela, certamente, não o poderia manter na Casa da Floresta. Isso não lhe parecia assim tão improvável; o povo da sua mãe tinha estado disposto a abdicar completamente dele nas mãos do seu pai.

À medida que se aproximava da fortaleza, os seus pensamentos rodopiavam-lhe na cabeça. Seria difícil dizer-lhe que não se podiam casar, pelo menos para já. Se Julia não lhe desse um filho, bem, já por vezes tinha pensado que no mundo romano os casais divorciados eram mais comuns que os casados. Quando a sua posição estivesse consolidada talvez eles pudessem Casar -se; ao menos podia proporcionar ao seu filho um bom começo na vida. Acreditaria ela nisto? Perdoar-lho-ia? Mordeu o lábio, pensando no que lhe iria dizer.

Mas, acima de tudo, o seu coração batia-lhe com mais força simplesmente ao pensamento de voltar a ver Eilan de novo, mesmo à distância; apenas para saber que tudo estava bem com ela.

Claro, havia ainda o problema de como ele havia de fazer para a ver. Finalmente, pensou que teria de confiar nos deuses para o ajudarem.

O legado que comandava a 11 Legião Adiutrix tinha-se aposentado no Inverno passado e foi nesta precisa altura que chegou o seu substituto. Gaius sabia que o seu pai teria mais que fazer a ajudar o novo comandante a instalar-se. Quando anunciou que ia partir por uns dias para caçar, Macellius mal teve tempo para se despedir.

Foi no festival da deusa a que os Bretões chamavam Brigantía, que celebrava o final do Inverno, que Gaius viajou uma vez mais para lá da Colina das Donzelas, na altura em que os homens mais novos se vestiam em roupas de palha e transportavam uma imagem da Senhora de casa em casa para que Ela as abençoasse a troco de bolos e cerveja. Ele tinha ouvido dizer que nesta festa a sacerdotisa que era a Voz da Deusa saía para proclamar ao povo a chegada da Primavera. No bosque fora da aldeia vestiu-se com as roupas bretãs que tinha trazido consigo. Depois, juntou-se aos outros que se estavam a reunir para esperar as sacerdotisas. Pelas conversas que ouvia em seu redor foi informado que este ano a multidão era maior que o habitual.

- A antiga sacerdotisa morreu no Outono passado - disse-lhe uma das mulheres. - E dizem que a nova é jovem e muito bonita.

- Quem é ela? - perguntou, com o coração a bater-lhe com força no peito.

- A neta do Arquidruida, disseram-me, e alguns murmuram que houve mais que sorte na sua escolha. Mas, digo eu, o sangue antigo é o melhor para os velhos costumes e quem estaria melhor preparada para tal tarefa que alguém cujos antepassados serviram os deuses?

«Eilan!» pensou. Como podia ser? Teria perdido o filho que esperava? Se era ela realmente a Grã Sacerdotisa, como poderia ele vê-la outra vez? Esperou pelo cair da noite, com mal disfarçada impaciência, e calou-se com os outros quando viram sair do portão da Casa da Floresta a procissão de donzelas vestidas de branco a começar a dirigir-se na sua direcção ao longo da avenida. À sua frente vinha uma esbelta mulher com um manto escarlate sobre o seu vestido branco. Por baixo do fino véu ele pôde aperceber-se dum lampejo de cabelo dourado. Ela chegou, coroada de luz e acompanhada por música de harpa, «Eilan ... », gritou o seu coração. «Consegues sentir-me perto de ti, Eilan?»

- Da escuridão do Inverno eu vim... - disse ela, e a sua voz era como música. Parecida de mais com música, pensou Gaius; a voz de Eilan tinha sido doce para ele, mas não tinha esta ressonância. Chegou-se mais para a frente, tentando ver. A voz desta mulher soava como a de uma cantora treinada.

- Portadora da luz eu sou, e também portadora de bênçãos; eis que chega a maré da Primavera; novas folhas cedo brotarão e também as multicolores flores, Possam os vossos animais parir com abundância; boa sorte para as vossas lavras. Tomem agora a luz, meus filhos, e com ela a minha protecção.

A sacerdotisa inclinou-se e tiraram-lhe da cabeça a coroa de velas. Quando elas a baixaram para o chão, à frente dela, Gaius viu o seu rosto pela primeira vez completamente iluminado.

Era o rosto com o qual tinha sonhado, e, no entanto, mesmo num pequeno momento de iluminação, percebeu que ela não era Eilan. Lembrava-se, agora, quão maravilhosamente Dieda tinha cantado. Quão maravilhosamente Dieda cantava.

Afastou-se tremendo. Teria a mulher percebido mal ou estaria Eilan a ser vítima dum terrível logro?

- Salve a Senhora! - gritou o povo. - Salve a Noiva Sagrada! - Aos gritos, os homens ainda jovens tocaram com os seus archotes na coroa de velas e começaram a formar a procissão que levaria a luz a cada cabana e a cada quinta. De certeza que era Dieda, e ela devia saber onde estava Eilan. Mas ele não podia aproximar-se dela agora.

Virou-se, e reconheceu outro rosto na multidão. Para ele, nesta altura, o perigo não tinha nenhum significado.

- Caillean - murmurou asperamente. - Tenho que falar convosco! Por piedade... onde está Eilan?

À meia luz ele sentiu olhos penetrantes postos nele; ouviu uma voz dizer num sussurro:

- O que estás a dizer? - Um forte aperto cerrou-se na sua mão. - Afasta-te desta multidão; não podemos falar aqui.

Ele seguiu-a sem resistir. Parecia-lhe que se a morte descesse sobre ele isso não seria mais que o que merecia. Mas quando já estavam longe da multidão parou e virou-se para a sacerdotisa. A sua voz era pesada e rouca.

- Senhora Caillean, sei como Eilan vos amava. Em nome de qualquer deus que vós estimeis, dizei-me... onde está ela agora?

Caillean apontou para a plataforma onde as mulheres veladas de branco presidiam às festividades.

- Gritai e denunciai-me se o desejardes, mas não me mentis. - Gaius olhou-a fixamente nos olhos. - Se bem que todos os homens aqui pudessem jurar que é Eilan, eu não sou estúpido. Dizei-me se ela está viva e bem!

Caillean olhou para ele com os olhos arregalados, nos quais ele conseguiu ler espanto, ira e medo. Depois, ela deixou sair o ar num explosivo suspiro e puxou-o para que a seguisse, mais para longe do círculo de archotes onde Dieda levantava as mãos para abençoar a multidão. Quando seguiu Caillean para as sombras, Gaius disse para consigo que o nó que sentia na garganta era apenas devido ao fumo das fogueiras.

- Eu devia dizer-lhes quem tu és e deixar que te matassem - disse finalmente. - Mas, também eu amo Eilan e ela já sofreu o bastante.

- Ela está viva? - a voz de Gaius falhou-lhe.

- Não graças a ti - retorquiu Caillean. - Ardanos tê-la-ia matado quando soube o que tinhas feito! Mas persuadiram-no a poupá-la e ela contou-me tudo. Por que é que nunca vieste por ela? É verdade que casaste com outra como nos foi dito?

- O meu pai mandou-me embora...

- Para Londinium - confirmou ela. - Então o dizer que te tinhas casado com uma rapariga romana qualquer foi uma das mentiras do Arquidruida?

- Ainda não - disse ele. - Mas tenho estado em missão e não estava livre para vir cá. Se Eilan não foi castigada por que não a vejo aqui?

Caillean olhou para ele com desprezo; e Gaius sentiu-o a paralisá-lo. Finalmente ela disse:

- Esperarias que ela estivesse aqui a dançar quando acabou de dar à luz o teu filho?

Gaius ficou sem fôlego.

- Ela está viva? A criança também? - Estava escuro aqui, longe das fogueiras, mas pareceu-lhe que a severa expressão de Caillean se adoçou.

- Ela está viva, mas fraca, pois o parto foi difícil; tenho tido muito medo por ela. Tu não me pareces muito merecedor que se morra por ti, mas o ver-te pode ser o remédio que ela precisa. os deuses sabem que eu não sou nenhum juiz. Não me interessa nada o que Ardanos possa dizer. Vem comigo.

Caillean era apenas uma sombra escura na noite quando o conduzia, rodeando a multidão, e ao longo da estrada, para longe da Casa da Floresta e da Colina das Donzelas. Quando já não conseguiam ver a luz dos archotes, Gaius perguntou:

- Para onde me estais a levar?

- Eilan, agora, não está na Casa da Floresta; desde que a criança começou a ser visível que ela tem estado a viver numa pequena casa na parte mais escondida dos bosques. Por vezes as mulheres ficam muito tristes depois de darem à luz e os deuses sabem que Eilan tem razões mais que suficientes para se sentir infeliz; talvez quando ela vir que tu não a abandonaste recupere mais rapidamente.

- Eles disseram-me que se eu não tentasse vê-la ela não seria maltratada... - protestou Gaius.

Caillean riu, um breve, amargo som.

- Ardanos ficou furioso, claro, o miserável velho tirano. Ele está convencido de que só se vocês os Romanos pensarem *nas nossas* sacerdotisas como Vestais é que as protegerão. Mas a escolha da Deusa caiu em Eilan e ele não pôde dizer que não quando Lhiannon, quase com o seu último suspiro, propôs este logro.

Caillean não falou mais. Depois de um certo tempo Gaius viu, no meio das árvores, um pequeno brilho de luz contra uma maior escuridão.

- Ali está a casa.

A voz de Caillean chegou-lhe suave ao ouvido.

- Espera nas sombras enquanto me vejo livre da velha.

- Ela abriu a porta.

- A bênção da Senhora para ti, Eilan; vim para te fazer companhia. Annis, eu tomarei conta dela agora. Por que não sais e vais gozar o festival?

Daí a pouco ele viu a velha a sair, bem embrulhada em xales, e, quando ela passou pelo caminho, recuou para o meio das árvores. Caillean mantinha-se na soleira da porta aberta atrás de si, enquadrada pela luz. Ela fez um gesto e, quando ele avançou, o coração a bater como uma carga de cavalaria, disse suavemente para o brilho dourado atrás dela:

- Trouxe-te uma visita, Eilan. - Ele ouviu-a partir, para ficar de guarda atrás dele.

Por um momento os olhos de Gaius ficaram encandeados pela luz. Quando conseguiu focar de novo, viu Eilan deitada numa estreita cama, com a trouxa, que ele sabia *ser* a criança, a seu lado.

Eilan forçou os olhos a abrirem-se. Achava que era simpático da parte de Caillean vir visitá-la, mas por que tinha de trazer um visitante? Não queria ver ninguém excepto Caillean, mas tinha pensado que a sacerdotisa mais velha iria estar ocupada com o festival. Com uma ténue curiosidade a agitar-se dentro de si, abriu os olhos.

A figura dum homem estava parada entre ela e a luz. Agarrou com mais força na criança, com um alarme instintivo, e o bebé soltou um pequeno e agudo som de protesto. Ao ouvi-lo, o homem deu um rápido passo em frente e, quando a luz lhe caiu em cheio no rosto, reconheceu-o finalmente.

- Gaius! - exclamou, e imediatamente irrompeu em lágrimas. Viu-o ficar vermelho, mudando desconfortavelmente de pé para pé, incapaz de enfrentar os seus olhos.

- Fui mandado para Londinium; não tive escolha - disse.

- Quis vir para perto de ti.

- Lamento... - disse ela, embora não soubesse muito bem do que é que se estava a desculpar. - Hoje em dia parece que choro com muita facilidade.

O olhar dele esvoaçou rapidamente para ela e, depois, para o bebé.

- Este é o meu filho?

- De mais ninguém - disse ela -, ou pensas realmente que talvez porque... - subitamente começou a chorar tanto que mal conseguia falar - que por me ter entregue a ti, me deitaria com qualquer outro homem que aparecesse?

- Eilan! - Na expressão do seu rosto ela pôde ver que o pensamento nunca lhe tinha ocorrido e que não sabia se havia de ficar lisonjeado ou indignado. As suas mãos abriam-se e fechavam-se. - Por favor! Deixa-me pegar no meu filho.

Eilan sentiu as lágrimas pararem tão abruptamente como tinham começado. Olhou para Gaius, vendo-o realmente pela primeira vez, quando este se ajoelhou

a seu lado e ergueu o bebé nos braços. Ele parecia mais velho e mais soturno, o rosto cerzido pela fadiga e com uma sombra nos olhos, como se também ele tivesse sofrido; na sua face havia uma nova cicatriz. Mas quando ele agarrou no filho viu o seu rosto começar a mudar.

- O meu filho... - murmurou ele, olhando para as enrugadas feições - o meu filho primogénito... - mesmo que ele levasse por diante o casamento com a rapariga romana, pensou Eilan, este momento seria sempre dela.

Quando os vagabundeantes olhos azuis-claros do bebé encontraram os do pai e pareceram fixar-se nele, os braços de Gaius apertaram-se protectoramente à sua volta. Nesta altura já toda a dureza tinha desaparecido das suas feições; o seu interesse estava inteiramente focado no bebé, como se estivesse preparado para fazer o que quer que fosse para proteger esta criança que jazia tão confiante e desprotegidamente nos seus braços. Pareceu a Eilan que nunca o tinha visto parecer tão contente, nem mesmo quando tinha feito amor com ela, Reconheceu o rosto de Pai, do Deus.

- Que espécie de mundo será o teu, pequenino? - murmurou Gaius com a voz a falhar-lhe. - Como te poderei proteger, dar-te um lar que seja seguro? - Por um longo momento, ele e a criança pareceram perdidos numa contemplação mútua; então, o bebé arrotou subitamente e começou a chuchar no dedo.

O olhar de Gaius voltou para Eilan, e quando ele colocou a criança outra vez na curva do seu braço ela percebeu que, por muito cansada e exausta que pudesse estar, para ele também ela representava a Deusa.

- Então, como o achas, meu querido? - disse ela suavemente. - Chamei-lhe Gawen, o nome que a tua mãe te deu.

- Penso que ele é lindo, Eilan - a sua voz tremia. - Como te poderei alguma vez agradecer esta enorme dádiva?

«Foge comigo!», gritou o coração dela. «Leva-nos a ambos para uma terra qualquer onde possamos viver todos juntos e ser livres!» Mas a luz da lamparina brilhou agoirentamente no anel de sinete que ele usava e ela soube que não havia tal terra, longe do alcance de Roma.

- Constrói um mundo que seja seguro para ele - disse ela como num eco às próprias palavras dele. Recordou-se da sua visão; nesta criança o sangue do Dragão e o da Águia tinham-se misturado com a antiga linhagem dos Sábios; os salvadores da Bretanha sairiam desta linhagem. Mas para que isso acontecesse ele tinha de viver até se tornar num homem.

- Por vezes penso se isso será possível. - O seu olhar virou-se para dentro e ela viu a lúgubre sombra de novo nos olhos dele.

- Estiveste a lutar desde que te vi - disse ela com suavidade -, não fizeste essa cicatriz em Londinium... Conta-me.

- Ouviste falar da batalha de Mons Grapius? - A voz de Gaius tornou-se mais dura. - Bem, eu estive lá. - Enquanto ele despejava o relato, numa sucessão de imagens, ela ia-se encolhendo, sentindo horror, piedade, medo.

- Sabia que tinha acontecido qualquer coisa - disse *em* voz baixa quando ele acabou. - Houve uma noite, uma lua depois de Lughnasad, em que senti que corrias um grande perigo. Passei o dia seguinte aterrorizada, mas a sensação desapareceu depois do anoitecer. Pensei então que talvez tivesses estado a lutar, mas, se bem que não tivesse podido sentir nada mais, tive a certeza que tinhas sobrevivido! Fazes parte de mim, meu amado! Se tivesses morrido decerto o saberia!

Gaius estendeu os braços cegamente e pegou-lhe na mão.

- É verdade. Eu sonhei que estava nos teus braços. Nunca nenhuma outra mulher viverá no meu coração como tu vives, Eilan! Nenhuma outra mulher me pode dar o meu filho primogénito! Mas... - a sua voz falhou-lhe - não o posso reconhecer. Não posso casar contigo!

Com o rosto a contrair-se olhou para a criança.

- Quando não consegui descobrir o que te tinha acontecido, não parei de repetir para mim próprio que devíamos ter fugido juntos quando tivemos a oportunidade. Teria podido aguentar uma vida em fuga se estivéssemos juntos... mas que tipo de vida seria essa para ti, e que vida para ele? - Estendeu uma mão e tocou no rosto do bebé.

- Ele é tão pequeno, tão fofo - disse ele Pensativamente.

- Se alguém tentasse fazer-lhe algum mal nesta altura penso que o mataria com as minhas mãos nuas! - O olhar de Gaius voou da criança para Eilan e avermelhou-se, como que envergonhado pela sua própria emoção.

- Tu disseste para tornar o mundo seguro para ele - continuou em voz baixa. - Como as coisas estão agora só consigo pensar numa maneira de o fazer. Mas tu irás precisar de tanta coragem como uma antiga matrona romana do tempo da República. - Nesse momento nenhum deles achou estranho que, apesar dos seus grandes imperadores, os Romanos, quando queriam chamar uma grande virtude à cabeça, invocassem sempre os dias da República.

- Estás a tentar dizer-me que vais casar com a tua rapariga romana. - disse Eilan com dureza. Estava outra vez a chorar.

- Tenho de o fazer! - exclamou ele. - Não o vês? Mons Grapius foi a derradeira resistência das tribos. Agora a única esperança de piedade para o teu povo reside em chefes que sejam tanto romanos como bretões, como eu, mas a minha única hipótese de ganhar poder no mundo romano é através duma aliança com uma família importante. Não chores - implorou lamentosamente. - Nunca fui capaz de suportar as tuas lágrimas, minha pequenina. Pensa nele. - Fez um gesto na direcção do bebé adormecido. - Por causa dele decerto que podemos aguentar o que for preciso.

«Tu não terás que aguentar o mesmo que eu », ela lutava contra as lágrimas, «o que eu já aguentei!»

- Não ficarás sozinha para sempre, prometo-to - disse ele. - Reclamar-te-ei

assim que puder. E - acrescentou maliciosamente -, decerto sabes que entre o meu povo um casamento não é indissolúvel.

- Sim, já ouvi isso - disse acidamente Eilan, certa de que se ele se ia casar dentro duma família nobre, então a união seria tão apertada quanto os parentes da rapariga a conseguissem tornar. - Mas como é ela, essa rapariga romana? É bonita?

- Não tem metade da tua beleza, minha querida. É uma coisinha pequena - acrescentou -, mas muito determinada. Há alturas em que parece que fui atirado desarmado para a arena para enfrentar um elefante de guerra, ou um animal selvagem, como ouvi dizer que fazem aos criminosos em Roma.

«Então ela nunca o largará », pensou Eilan, mas conseguiu formar um sorriso.

- Então tu não... gostas realmente dela?

- Querida - disse ele ajoelhando-se a seu lado, e o alívio que sentiu na voz dele deu-lhe vontade de rir -, se não fosse porque o pai dela é o Procurador, dou-

te a minha palavra que nunca teria olhado duas vezes para ela. Com a ajuda dele posso, um dia, vir a ser senador, até Governador da Bretanha. Pensa no que posso fazer, então, por ti e pelo bebé!

Gaius inclinou-se para a criança e, uma vez mais, aquela feroz protecção perpassou-lhe pelos olhos. Depois, sentindo que Eilan o estava a observar olhou para cima de novo.

Eilan continuou a olhar para ele até que o viu começar a ficar inquieto outra vez. «Caillean tinha razão », pensou ela com uma amarga resignação, «ele apaixonou-se por uma ilusão e persuadiu-se a si próprio de que é a realidade... tal como qualquer outro homem!» Bem, isto tornava mais fácil dizer-lhe o que ela tinha para lhe dizer. - começou -, mas deves - Gaius, sabes que eu te amo acreditar que mesmo que estivesses livre para me oferecer casamento não te poderia aceitar. - Suspirou, vendo a confusão brilhar-lhe nos olhos. - Eu sou a Grã Sacerdotisa de Vernemeton, a voz da Deusa, não to disseram? Aquilo em que tu esperas tornar-te entre os romanos, Gaius, já eu o sou entre o meu povo! Arrisquei a vida para provar que era merecedora e o ordálio foi exactamente tão perigoso como a tua batalha. Posso tanto desistir dessa vitória como tu podes deitar fora as honras que conquistaste!

Ele franziu o sobrolho, tentando aceitá-lo, e Eilan percebeu que eram ambos muito mais semelhantes que o que ele imaginava. Mas a ela parecia-lhe que ele era movido pela ambição, enquanto ela - se é que tudo não passava também duma ilusão - estava a obedecer à vontade dos Deuses.

- Sendo assim, se bem que mais ninguém o saiba, trabalharemos juntos... - disse Gaius finalmente, o seu olhar voltando à criança. - E com um Governador e uma Grã Sacerdotisa como pais, quem sabe o que este pequenino não poderá vir a fazer? Quem sabe; talvez venha um dia a ser imperador.

Nesse ponto, o bebé abriu os olhos, considerando-os a ambos imparcialmente com o seu vago olhar. Gaius pegou nele outra vez, embalando-o desajeitadamente.

- Está sossegado, Senhor do Mundo - murmurou quando o bebé se contorceu -, e deixa-me pegar em ti.

A esse pensamento - que uma coisa tão pequena e cor-de-rosa pudesse alguma vez crescer até se tornar num Imperador - os pais riram-se.

VINTE

Gaius voltou a Londinium numa espécie de agridoce estado de pasmo. Tinha encontrado Eilan e tinha-a perdido. Tinha sido forçado a deixar o filho que ela lhe tinha dado e, contudo, tinha um filho! Por vezes, à medida que a capital e Julia se aproximavam, a sua vontade era virar o cavalo e voltar a galope para Eilan, mas não conseguia descobrir nenhuma maneira em que pudessem ficar juntos como uma família. E lembrou-se da severidade do seu rosto quando lhe disse o que significava para ela ser Grã Sacerdotisa. Por uns instantes não se tinha parecido de todo com a sua Eilan. Gelava-o pensar no risco que ela tinha corrido para provar que era merecedora e como tinha arriscado o seu filho!

E, apesar disso, ela tinha chorado quando se separaram.

Como, para ser verdadeiro, também ele tinha chorado. Se Eilan pensava que ele tinha algum prazer com a ideia de se casar com Julia Licinia, estava muito enganada. Quando ele atacou a última colina e viu os telhados de tijolo da cidade, aquecendo-se ao sol da tarde, forçou-se a lembrar-se que fazia isto por causa dela e pelo filho deles.

Era a hora do crepúsculo quando chegou a casa de Licinius.

O Procurador ainda não tinha voltado do *tabularum*, mas Gaius encontrou Julia no átrio das mulheres. Os olhos dela iluminaram-se quando o viram, tornando-a mais bonita que o que ele jamais a vira. Não, claro, tão bonita como Eilan; mas, também, ninguém podia ser tão bela como Eilan tinha ficado. Apesar disso, com o tempo, Julia podia vir a ficar muito bonita.

Ela saudou-o afectadamente.

- Então já voltaste do Ocidente do país, Gaius.

- Como estou parado à tua frente, o que acharias se eu te dissesse que ainda estou no Norte?

Ela deu uma pequena risadinha.

- Bem, ouvi dizer que os espíritos dos mortos aparecem por vezes àqueles que deixam para trás. - Subitamente ela ficou assustada e a jovialidade desapareceu-lhe da voz. - Gaius, diz-me que estás apenas a brincar comigo e que eu te estou mesmo a ver aqui, vivo e bem! - Ele reparou abruptamente quão nova ela era.

- Sou eu, de carne e osso - disse cansadamente. Mas, desde que aqui tinha estado pela última vez, tinha visto a morte e lidado com ela. Antes tinha sido um rapaz. Agora era um homem, e tinha aprendido a pensar como tal. Não admirava que Julia se sentisse confusa com a mudança.

Julia chegou-se à frente e tocou-lhe no braço.

- Sim... tu estás vivo - disse mais firmemente. - E viste a tua rapariga bretã? - Ela olhou para cima, na direcção dele.

- Estive com ela... - começou, procurando uma maneira de lhe contar o que tinha acontecido. Julia tinha o direito de saber que espécie de marido ia arranjar se casasse com ele.

Mas, antes que conseguisse pronunciar as palavras, ouviu os passos de Licinius a deterem-se no chão de mosaicos e o momento perdeu-se.

- Então estás de volta, meu caro amigo. - Licinius parecia genuinamente contente por vê-lo. - Suponho que isto significa que vamos ter aqui um casamento em breve.

- Espero que sim, senhor - disse Gaius, e desejou que eles tivessem pensado que a sua hesitação tinha sido provocada pelo embaraço. Talvez fosse melhor assim, pois se Julia se tivesse recusado a casar com ele, que esperança lhe restava de poder cumprir as suas promessas de proteger Eilan e o filho deles?

Julia sorriu radiosamente. Talvez estar casado com ela tivesse as suas compensações. Ela reparou no seu olhar e corou.

- Anda ver o meu véu de casamento - disse ela convidativamente. - Há meses que tenho estado a trabalhar no bordado. Está certo mostrá-lo agora a Gaius, não está, Pai? - perguntou ela.

- Sim, minha querida, claro, mas ainda penso que te devias ter contentado com um véu de linho. Era suficientemente bom para uma mulher romana nos tempos da República, e devia ter sido suficientemente bom também para ti - resmungou Licinius.

- E olha o que aconteceu à tua República - disse Julia com impertinência. - Eu quis o véu mais elegante que podia ter... e penso que tu também!

O véu era realmente bonito, de diáfana seda cor de fogo, que Julia estava a bordar com frutos e flores em fio de ouro. Quando ela os deixou, Licinius puxou Gaius calmamente para um canto.

- já marquei a data do noivado oficial para o final deste mês, antes dos infelizes dias do princípio de Março. O teu pai não pode estar presente, mas o Legado deve poder passar sem ele durante algum tempo em Abril, data em que os meus áugures encontraram um dia favorável para o casamento. É um bocado rápido, mas penso que podemos ter tudo pronto. De outro modo teríamos de esperar pela segunda metade de junho para que a estação fosse de novo auspiciosa, e, enquanto tu estiveste por fora a ganhar honras entre os Caledónios, a minha filha teve de esperar um ano mais para se casar. - Ele sorriu benignamente. - Se estiveres de acordo, meu rapaz?

- Oh sim, claro... - disse Gaius frouxamente. E o que fariam todos se ele dissesse que não estava? Pensou porque é que Licinius se teria incomodado de todo em consultá-lo.

Então Julia voltou a entrar no quarto e, quando ela se aproximou, ele chegou à conclusão de que não podia trair a confiança que via naqueles olhos escuros. Ele e Eilan nunca tinham tido verdadeiramente uma hipótese; podia ser que, pelo menos, fosse capaz de oferecer alguma felicidade a esta rapariga romana.

Uma húmida luz do Sol entrava pela porta da cabana na floresta, pois tinha estado a chover mais cedo. Eilan andava dum lado para o outro, vagarosamente, no seu interior. Ao vestir-se, parte da sua atenção voltou-se para os pequenos ruídos que o bebé fazia no seu sono. As suas forças tinham-lhe voltado mais depressa depois da visita de Gaius, mas ainda lhe custava mexer-se. Ela tinha sido muito rasgada pelo nascimento e cansava-se com facilidade.

O bebé mexeu-se no seu cesto, embrulhado num velho xale. Eilan parou por um momento para o admirar. Para ela, Gawen era ainda mais bonito, pois achava que podia ver um vago reflexo do seu pai na sua cana do nariz e nos escuros cabelos das suas sobrancelhas.

Sentou-se durante uns instantes contemplando o rosto do filho. «Gawen ... », pensou, «meu pequeno Rei!» O que pensaria disto Macellius - supondo que ele viria alguma vez a ouvir falar do seu neto? Ela queria pegar nele, mas tinha tantas outras coisas para fazer, e ele estava a dormir tão pacificamente. Tão pacificamente, de facto, que ela se inclinou, aproximando-se para ouvir o fraco ruído da sua respiração. Acalmada, endireitou-se de novo.

Uma peça de roupa de cada vez, com longos períodos de descanso entre cada uma delas, conseguiu vestir-se e pentear e entrançar o seu comprido cabelo. Normalmente Annis tê-la-ia ajudado, mas ela tinha sido mandada à aldeia para reabastecer as suas reservas de comida. Tendo preservado o seu segredo durante tanto tempo, seria um erro ter a velha mulher presente quando Ardanos chegasse.

Eilan enrolou a trança à roda da cabeça num estilo matronal que era novo nela. Talvez o pudesse enfrentar com mais confiança se ele a visse como uma mulher madura em vez de uma criança assustada.

O que quer que o velho quisesse, a razão dizia-lhe que ele vinha para a mandar de volta para a Casa da Floresta, mas, uma e outra vez, teve de reprimir um arrepio de medo. Fazia ele tenções de a mandar embora no *fim* de tudo?

Pensou loucamente em seguir Gaius, se ele ainda não se tivesse casado. Ou Mairi podia abrigá-la, a não ser que o pai delas as proibissem. Caillean tinha-lhe

dito que Bendeigid estava de volta do Norte, esquelético como um lobo de Inverno e muito mais amargurado pela ruína da sua causa. Mas enquanto ele vivesse calmamente na propriedade da sua filha mais velha, não parecia que os Romanos o fossem incomodar.

Uma vez que Eilan tivesse recuperado as forças, podia cuidar dela e do filho empregando-se nalguma quinta. Um rapaz saudável podia sempre ganhar o seu sustento. Poderia ser mais sensato, no entanto, não dizer quem era o pai dele. Ela própria era hábil em todos os géneros de trabalhos domésticos, fiação e tecelagem, ordenha e batedura de manteiga; se tivesse de se sustentar, e ao filho, certamente que o podia fazer. Suspirou e sentou-se na cama, sabendo que tudo isto eram apenas fantasias.

Tinha ouvido dizer que as Vestais romanas podiam deixar o templo quando chegavam aos trinta anos de idade, mas, aqui, a única libertação para uma Grã Sacerdotisa era a pira funerária. Recordou-se que a primeira reacção de Ardanos à sua gravidez tinha sido a de a sentenciar e ao seu filho ainda por nascer à morte, e havia ainda a ameaça de Bendeigid de a estrangular com as suas próprias mãos. Mas de certeza que se a intenção deles fosse mesmo matá-la, já facilmente o poderiam ter feito.

Na altura em que a sombra do Arquidruida atravessou a soleira da porta ela tinha-se forçado para um estado de entorpecida apreensão.

- Fico contente por ver que estás melhor - disse ele num tom de voz neutro, olhando para ela.

- Oh, sim, sinto-me bastante bem, Avô. Ele fez uma carranca.

- Sou de facto o teu avô, e farás *bem em* te lembrares disso! Ele foi até ao cesto, olhou para a criança durante um momento, depois levantou-o nos braços.

- Mas tu fizeste a tua cama e agora temos todos que nos deitar nela. Esta mascarada já durou tempo de mais. Três dias devem chegar para o teu leite secar e, depois, voltarás para a Casa da Floresta para te preparares para os rituais da Primavera. Quanto ao teu filho, ele será adoptado noutro sítio. - Voltou-se e começou a andar em direcção à porta.

- Parai! - gritou Eilan. - Para onde o levais? - Sentiu a angústia a inchar-lhe na garganta e recordou-se de como a sua cadela tinha uivado quando Bendeigid levou os seus cachorrinhos para serem afogados porque ela tinha cruzado mal com um terrier de uns vizinhos.

Ele olhou para ela sem pestanejar.

- Acredita em mim, é melhor que não o saibas. Asseguro-te que ele ficará perfeitamente bem e em segurança. Talvez, se fizeres tudo o que te mandarem, te deixemos vê-lo de tempos a tempos.

Eilan pensou como nunca tinha reparado antes no cruel que Ardanos parecia quando sorria, e em como eram grandes e afiados os seus dentes.

- Não podeis - gritou. - Eu tratarei dele. Não deveis afastá-lo de mim. Oh, por favor, imploro-vos...

As espessas sobrancelhas de Ardanos juntaram-se.

- Por quê tal surpresa? - perguntou com apertado controlo. - Supunhas que podias cuidar do teu filho em frente de todas as sacerdotisas da Casa das Donzelas? Sê razoável.

- Dai-mo - gritou ela. - Não podeis levá-lo. - Atirou-se à trouxa que estava nos braços do avô e o bebé, acordando, começou a gritar.

- Pequena idiota, larga-o.

As pernas de Eilan já não a aguentavam e ela caiu de joelhos.

- Imploro-vos, imploro-vos, Avô! Não podeis - ela já estava a tartamudear - não podeis tirar-me o meu filho...

- Devo e fá-lo-ei - disse Ardanos ferozmente, dando uma joelhada e libertando o seu hábito. Quando ela se abateu levou a chorosa criança para fora, através da porta aberta.

E, em seguida, apenas se via a luz do Sol, tão inocentemente trocista como o sorriso de um bebé.

- É esta a tua vingança, monstro? - Caillean atirou com a porta atrás dela e entrou pelo quarto dentro, zangada de mais para reparar no facto de que nos seus alojamentos na cidade romana o Arquidruida tinha uma porta para se atirar. Pelos padrões romanos a casa teria parecido modesta e pequena; as suas lisas paredes estucadas e os seus cantos aguçados pareciam pouco amigáveis a olhos bretões.

Ardanos olhou para cima da sua refeição, boquiaberto, e ela largou as palavras que tinha vindo a acumular durante a sua viagem desde Vernemeton.

- Velho maldoso e cruel! Prometi a Lhiannon antes de ela morrer ajudar-te. Mas isso não me torna tua escrava ou uma torturadora em teu nome!

Ele abriu a boca para falar mas ela continuou a descompô~lo.

- Como pudeste tratar Eilan... a filha da tua própria filha... daquela maneira? Digo-te, não tomarei parte nisto; deixa-a ficar com o seu filho ou... - ela inspirou - ou eu apelarei directamente para o povo e deixarei a Deusa julgar entre nós.

- Não o farias... - começou Ardanos.

- Experimenta-me! - retorquiu implacavelmente Caillean.

- Presumo que tenhas algum uso para ela ou não a terias deixado sobreviver - continuou mais moderadamente. - *Bem,* digo-te, a não ser que seja permitido a Eilan ter o seu filho com ela, ela morrerá.

- Suponho que não é surpreendente que a rapariga seja tão idiota, mas não o esperava de ti - disse ele quando ela finalmente o deixou pronunciar uma palavra. - Deixa-te de exageros. As mulheres não morrem com essa facilidade.

- Não? Eilan estava a sangrar outra vez quando a encontrei. Quase a perdeste, velho, e o que seria então de todos os teus planos? Acreditas realmente que Dieda seria tão flexível à tua vontade?

- Em nome da Deusa, o que queres de mim, mulher?

- Não te atrevas a falar da Deusa; já me mostraste repetidas vezes que não sabes nada sobre Ela - disse Caillean zangadamente. - Por causa de Lhiannon que, os Deuses sabem porquê, te amava e acreditava nos teus planos, ajudei-te até agora.

«Mas não me podes intimidar nem assustar-me como fizeste a Lhiannon; tenho muito pouco a perder. Estou disposta a ir até aos sacerdotes e deixá-los julgar entre nós. Fazer acordos com os Romanos e interferir nos Oráculos é um assunto torpe, ou pelo menos eles considerá-lo-iam assim, não entendendo - ela parou para fungar - o teu elevado propósito.

- Por que é que estás a fazer isto? Eilan não é tua parente.

- Ardanos estava a olhar para ela como se, na realidade, não percebesse.

Caillean suspirou. Tinha amado Lhiannon como a uma mãe, mas estava a começar a dar-se conta de que Eilan era como uma irmã, ou como a filha que nunca teve... e nunca teria, agora que as suas regras tinham acabado de fluir. Infecunda como era, e dum modo que teria sido impensável quando era mais nova, conseguia perceber a apaixonada necessidade de Eilan de manter o filho dela.

- Deveria ser suficiente saberes que não me podes deter. Sugiro que acredites nisso, Ardanos, pois tens mais a perder do que eu. Pensas que os outros sacerdotes da tua ordem não perguntariam porque é que esta criança deve sequer viver? Tens uma influência sobre Eilan enquanto ela souber que lhe podes tirar a criança; tu tens... graças a todos os deuses duma só vez... nenhum sobre mim.

O Arquidruida pareceu ficar pensativo, mas mesmo quando começou a ficar com a esperança de estar a convencê-lo, Caillean percebeu que o que tinha dito não era estritamente verdade. Ardanos ameaçava-a ao ameaçar Eilan.

- Traz o bebé de volta, Ardanos. - Caillean, que nos anos que tinha passado com Lhiannon tinha aprendido tudo sobre compromissos, adoçou a voz. - Mesmo que Eilan tenha o bebé com ela ainda estão *em* teu poder. Pensas que é uma coisa de somenos ter a Sacerdotisa do Oráculo na palma da mão?

- Talvez tenha agido um pouco apressadamente... - disse *ele* por fim. - Mas o que eu disse à rapariga era verdade. Se ela pavonear o filho pela Casa da Floresta mais valia proclamar a sua vergonha ao mundo. Como sugeres que mantenhamos o logro se eu a deixar ficar com ele lá?

Os ombros de Caillean abateram-se quando percebeu que tinha vencido.

- Pensei numa maneira...

O dia marcado para o casamento de Gaius amanheceu limpo e luminoso. Gaius acordou quando a luz do Sol da Primavera entrou pela sua janela, e pestanejou quando ela brilhou ofuscantemente na brancura da toga arrumada em cima da cadeira. No ano que se tinha passado tinha-lhe sido exigido que usasse o traje nas reuniões sociais e diplomáticas em que tinha acompanhado o seu futuro sogro e tinha-se habituado um pouco mais a lidar os seus drapejamentos, mas ainda a achava embaraçosa. Agricola vangloriava-se de que tinha ensinado os filhos dos chefes bretões a usar a toga, mas Gaius duvidava, Tinha sido educado como um romano, mas ainda se sentia mais confortável num uniforme, ou na túnica e nas calças axadrezadas das tribos.

Sentou-se, olhando para o traje com desânimo. O seu pai, que tinha vindo de Deva no dia anterior, e estava a dormir no mesmo quarto, virou-se e ergueu uma sobrancelha.

- Penso mesmo que eles podiam ter inventado um traje de cerimónia melhor - resmungou Gaius -, ou pelo menos alguma coisa mais prática.

- A toga é mais que um traje - disse Macellius. - É um símbolo. - Sentou-se e, para espanto do filho, que nunca estava no seu melhor logo pela manhã, começou a discursar sobre a honrosa história da toga.

No entanto, pouco depois, Gaius começou a perceber. Mesmo aqui, ou talvez especialmente aqui, nos confins do Império, o direito de usar a toga branca dum cidadão era um meio de distinguir entre os senhores do mundo e aqueles que eles tinham conquistado, e a estreita faixa púrpura do *eques* que lhe marcava a túnica uma honra duramente ganha. E isso era muito importante para *homens* como o seu pai. Comparado com isso, o conforto do traje era irrelevante.

Por muito que tivesse gostado de atirar a ofensiva peça de vestuário pela janela fora, ela era apenas uma das coisas que tinha de aceitar quando resolveu participar da sorte de Roma. Pelo menos a toga era de lã, bem como o era a túnica que iria usar por baixo dela. Se bem que o vento de Abril estivesse a soprar frio e chuvoso, ele não gelaria.

Suspirando, deixou que o seu homem liberto o lavasse e barbeasse, enfiou-se na sua túnica e sandálias e depois deitou-se ao trabalho tentando descobrir como drapejar aquela coisa. Depois de alguns instantes, o seu pai, o rosto tão fechado que Gaius teve a certeza de que ele estava a suprimir um sorriso, tirou-lhe a toga das mãos. Destramente, arranjou as dobras de lã branca para que estas caíssem na parte da frente do ombro esquerdo, ajustou o drapejado à volta das costas e por baixo do braço direito do filho, e, depois, fez subir o restante

cuidadosamente através do seu peito e por cima do ombro esquerdo, na direcção oposta, de modo a que as dobras lhe *caíssem* graciosamente sobre o braço.

- já está. - Deu um passo à retaguarda e inspeccionou o filho com indulgência. - Se te endireitasses um pouco mais podias posar para uma estátua.

- Sinto-me como se fosse uma - resmungou Gaius, com medo de se mexer não fosse todo o arranjo desfazer-se. Desta vez o pai riu-se mesmo.

- Não te importes; é natural para um noivo estar nervoso. Sentir-te-ás melhor quando tudo tiver acabado.

- Vós tivésteis? - perguntou Gaius abruptamente. - Quando casásteis com a minha mãe tivésteis medo?

Macellius imobilizou-se, e durante um instante os seus olhos enevoaram-se com a dor da recordação.

- Senti alegria quando ela veio até mim e todos os dias das nossas vidas em conjunto até ela se ter ido... - murmurou. «Como eu senti quando Eilan esteve nos meus braços ... », pensou Gaius com amargura, «Mas consenti nesta farsa e agora não tenho outra escolha senão levá-la até ao fim.»

A visão do arúspice que tinha sido chamado para dar os auspícios para o casamento não contribuiu em nada para melhorar a sua disposição. À luz do Sol do meio-dia, a vermelha careca do homem e as suas compridas pernas esqueléticas faziam-no parecer com uma das suas próprias galinhas, e Gaius estava cinicamente certo que quaisquer que fossem as marcas que ele encontrasse nas entranhas da infeliz ave, estas indicariam que era um dia auspicioso, Com a maioria dos dignitários de Londinium a assistir seria extremamente inconveniente cancelar as festividades. Em qualquer caso, os augúrios já tinham sido consultados há semanas para escolher o dia conveniente.

O átrio, os seus pilares entrelaçados com verdura, estava apinhado com o que parecia um espantoso número de pessoas; ele reconheceu um casal de idosas viúvas, com enrugadas caras de ameixa seca, que tinha encontrado em casa de Licinius por diversas vezes nos últimos meses; notou que elas estavam mesmo a sorrir, se não verdadeiramente para ele, pelo menos algures na sua direcção. Talvez estivessem felizes por Julia; se soubessem o infeliz negócio que ela estava a fazer franziriam o sobrolho!

Na devida altura o sacrificador declarou que aquele era um óptimo dia para um casamento e deu os parabéns. Nenhum dia em que Julia tivesse decidido

casar-se se atreveria a *ser* desfavorável.

Houve um pequeno murmúrio quando os restos do sacrifício foram limpos e a noiva entrou pelo braço do pai. Gaius pouco mais podia ver que a bainha da sua túnica branca por baixo da *flamma* escarlate, o famoso véu. Um dos secretários de Licinius desenrolou o contrato de casamento e começou a ler num monótono tom anasalado. A sua maior parte tinha sido acordada quando da cerimônia do noivado: o valor do *coemptio* que Gaius oferecia e a soma que Julia traria para o casamento, o facto de que ela continuaria «nas mãos » do seu pai como parte legal da sua família e manteria as suas próprias propriedades. Tinha-lhe sido explicado que nos dias que corriam este tipo de contrato era o mais usual, e que ninguém pensaria mal dele. Havia uma cláusula que estipulava não se podia divorciar de Julia excepto por «conduta imprópria grave », a qual devia ser atestada pelo menos por duas matronas nobres. Gaius teria rido se nesta altura alguma coisa o tivesse podido fazer rir; não conseguia imaginar ninguém menos susceptível de se conduzir impropriamente que a digna Julia e ela já tinha tornado bem claro o quanto queria este casamento para o vir a pôr em causa. Mesmo o seu sóbrio comportamento de hoje não conseguia esconder o triunfo nos seus olhos.

- Gaius Macellius Severus Siluricus, concordas com os termos deste contrato, e estás disposto a tomar esta mulher como tua esposa de acordo com a lei? - perguntou-lhe então o seu pai. Gaius percebeu que estavam todos a olhar para ele, mas pareceu-lhe que se passou um tempo infinito antes que pudesse dizer as palavras.

- Estou disposto...

- Julia Licinia? - O pai dela voltou-se para a rapariga e repetiu a pergunta. O seu assentimento veio bem mais rapidamente. O secretário apresentou o documento a cada um deles para que assinassem e depois levou-o para ser registado nos arquivos.

Gaius sentiu como se a liberdade se estivesse a ir com ele, mas a gravidade romana que estava associada à toga não lhe permitia que sorrisse. Uma senhora com uma face doce, identificada como sendo a filha de Agricola, chegou-se para a frente, pegou na mão de Julia e conduziu-a até Gaius. Este sentiu uma pontada de culpa quando os pequenos dedos se apertaram nos seus.

Fizeram-se depois as orações, uma grande parte delas, pareceu, invocando Juno, Júpiter, Vesta e a toda e qualquer outra deidade que se pudesse assumir poder estar associada à preservação da lareira e do lar. Foi-lhes entregue, a Julia e a ele, uma tigela de grão e uma jarra de óleo para oferecer ao fogo que ardia no altar. Enquanto crepitava nas chamas chegou do salão das refeições do átrio um aroma de comida cozinhada, misturando-se duma maneira enjoativa com o incenso que tinha sido queimado. A cerimónia estava quase terminada. Julia voltou a pôr o véu. Ele pegou no bolo de grosseiro trigo de espelta - esperava que houvesse algo melhor para comer na festa que se ia seguir -, partiu-o e colocou um pedaço entre os lábios de Julia. Ela repetiu o gesto, dizendo as palavras estipuladas que os tornavam legalmente num só. O ritual tinha adquirido o seu próprio ritmo e daqui em diante ele tinha apenas de seguir o seu impulso.

Passou toda a festa do casamento sentado no salão de jantar, que estava o mais enfeitada que a bolsa de Licinius e o orgulho de Julia tinham conseguido, numa espécie de torpor. Estava consciente de que as mesas se encontravam carregadas com uma extraordinária variedade de coisas. As pessoas falavam-lhe; aceitou as felicitações dum velho amigo de Licinius e concordou que sim, que era verdadeiramente feliz por ter ganho uma esplêndida rapariga. O velho senador demorou-se, insistindo em contar-lhe anedotas de Julia do tempo em que esta era uma criança; tinha-a conhecido toda a vida. Algures por perto, dois magistrados *discutiam em* voz baixa a próxima campanha do Imperador na Germania.

Escravos, murmurando felicitações, serviam-lhes, não a carne dos sacrifícios, mas sim tenros *frangos* assados, porco assado e delicados rolos de fino pão branco. E havia uma generosa quantidade de vinho; o qual, Gaius, que bebia tudo o que lhe era posto à frente, cedo decidiu que era melhor do que tinha pensado. Uma corrente sem fim de convidados não parava de lhe vir dar os parabéns; poucas vezes tinha visto Macellius parecer tão feliz.

Enquanto a festa decorria, Gaius sacou de todas as suas reservas de cortesia e autocontrolo, enquanto, no fundo do seu pensamento, imaginava o que pensaria Eilan de todo este absurdo, ou se ela jamais saberia, ou apreciaria, o que ele estava a fazer por ela e pelo filho deles.

julia ria com as pesadas piadas dos charlatães que os entretinham, mas ele

não estava seguro que os estivesse realmente a perceber. A razão desta parte da cerimónia era, segundo a tradição, para encorajar a procriação; os palhaços pareciam muito ansiosos de se assegurar que ninguém perdesse o ponto. A vista da comida estava a começar a repugnar-lhe. mas continuou a fingir que comia e concordou, pela nonagésima vez, que Julia era uma rapariga amorosa e ele um homem com muita sorte.

Julia estava a começar a parecer ensonada; tinha aceitado um segundo e depois um terceiro copo de vinho, e, visto este ser consideravelmente mais forte que o que Licinius servia todos os dias à sua mesa, a sua vivacidade normal estava um pouco embotada. Gaius teve inveja do estado em que ela estava; infelizmente, ele estava ainda bastante consciente.

Estava a escurecer. ouviu gritos vindos do exterior e sorriu apatetadamente quando o mestre de cerimónias anunciou que tinha chegado a hora da procissão nupcial. Tudo isto era realmente bastante ridículo já que Macellius não tinha casa na cidade, pelo que o novo casal se estava apenas a mudar para a ala mais afastada da mansão de Licinius, mas Julia estava, aparentemente determinada a não falhar uma única tradição neste seu grande dia.

Ainda bem que não se esperava que ele carregasse com a noiva, pensou Gaius quando agarrou Julia pelo pulso, com simulada dureza, e a puxou atrás de si. No seu actual estado de insegurança poderia ter sido deitado ao chão por uma mulher velha e por um cão coxo.

o mestre de cerimónias entregou-lhe um saco cheio de nozes douradas e pequenas moedas de cobre; disse a Gaius que este devia espalhá-las pelos pedintes que estavam no exterior, e que frequentavam os casamentos apenas para isto. julia tinha um saco parecido, que condizia com o seu véu escarlate. os portadores da liteira levaram-nos cerimoniosamente para o exterior da casa de Licinius, pela avenida abaixo até ao fórum, passando pelo novo palácio do Governador e pelo *tabularium*, precedidos por tocadores de flauta e cantores, e rodeados por archotes, finalmente fazendo meia-volta até à entrada do novo apartamento que tinha sido preparado para eles. Gaius reprimiu um desejo de rir. Espalhou moedas e ouviu as bênçãos da multidão. Já só mais um bocadinho...

O archote de espinheiro branco lançou uma tremeluzente luz através da soleira da porta, banindo sombras e magia maléfica. Gaius, cuja cabeça tinha de algum modo sido clareada pelo ar frio, desejou que também pudesse banir as memórias. Alguém entregou a Julia uma tigela de óleo para que untasse os batentes das portas e os cordões de madeira branca que os adornavam.

As idosas viúvas beijaram Julia, murmurando-lhe desejos de felicidade e, depois duns momentos de hesitação, também beijaram Gaius; isto provocou uma verdadeira tempestade de abraços, beijos e felicitações. Macellius, um tudo nada bêbedo - a primeira vez que Gaius via o pai afectado mesmo que apenas um pouco pelo vinho - abraçou-os a ambos; Licinius beijou Julia e Gaius, e disse que tinha sido um casamento esplêndido.

Depois Gaius levantou-a, maravilhando-se uma vez mais com O leve que ela

era nos seus braços, transportou-a através do limiar e fechou a porta atrás de si com um pontapé.

Podia sentir o cheiro de tinta fresca nas paredes, competindo com o do incenso e com o aroma das flores de Julia. Ela mantinha-se imóvel à sua frente e, com mais ternura que o que tinha pensado que iria poder reunir, puxou a *flamma* para o lado.

A grinalda dela estava a emurchecer; as seis mechas de cabelo que a sua criada tinha tão cuidadosamente encaracolado estavam a desfazer-se à volta da gola do vestido; ela parecia nova de mais para se casar. Antes que ele pudesse falar ela dirigiu-se até ao altar no centro do *atrium* deles e ficou à espera, na expectativa.

Ele puxou a ponta da toga para lhe cobrir a cabeça e saudou as pequenas estatuetas de terracota que representavam os deuses da família.

- Pelo fogo e pela água dou-te as boas-vindas como minha mulher e sacerdotisa do meu lar... - disse com voz rouca. Deitou água por cima das mãos dela e estendeu-lhe a toalha para que as secasse; depois entregou-lhe o círio para acender o fogo.

- Possam os deuses abençoar-nos na cama e na mesa; e conceder que eu dê à luz muitos filhos - respondeu-lhe ela.

O leito nupcial tinha sido feito junto à parede. Ele levou-a na sua direcção e lutou para desfazer o singular nó com o qual o seu cinto de lã estava preso, pensando em quantos noivos ansiosos não teriam perdido a paciência e, pura e simplesmente, cortado aquela coisa. Pelo menos agora ele podia ver-se livre da sua toga.

Julia estava deitada na grande cama com os cobertores puxados até ao queixo, a observá-lo. De manhã, os lençóis sujos de sangue seriam cerimoniosamente apresentados às viúvas como prova da consumação; mas Gaius nem sequer teria de estar presente. E, de qualquer modo, ele não duvidava que Julia sempre prática - se tinha provido dum pequeno saco com sangue de galinha, isto para o caso de ele estar tão bêbedo que não fosse capaz de actuar. Quase todas as noivas tinham juízo suficiente para o fazer, tinham-lhe dito.

Mas ele não estava bêbedo a esse ponto e, se cumpriu a sua obrigação com mais eficiência que paixão, pelo menos foi gentil e Julia era inocente de mais para esperar mais.

VINTE E UM

Eilan não voltou para Vernemeton senão em Março, pois, apesar da promessa de Caillean de lhe trazer o filho de volta, levou algum tempo a recuperar do choque de o perder. Depois de ter chorado até à exaustão chegou à conclusão de que, mesmo quando ele lhe fosse devolvido, já não seria a mesma coisa.

Depois de alguns dias os seios deixaram de lhe doer e soube que agora teria de ser outra mulher a alimentar o seu pequenino. Seria outra mulher a pegar nele apertadamente durante as longas horas da noite, a dar-lhe pancadinhas para o fazer arrotar e a confortá-lo, a ter o doce trabalho de dar banho àquele firme corpinho. Outra pessoa que se inclinaria sobre o seu berço e cantaria as canções de embalar que a sua mãe lhe tinha ensinado. Ela não poderia - não deveria fazê-lo - ou tudo que tinha sofrido para conseguir estaria perdido.

Foi anunciado que a Grã Sacerdotisa estava doente, para cobrir o período de transição, e, tarde numa noite, Eilan foi trazida de volta à Casa da Floresta e dado sumiço a Dieda, como que por magia, destinada a um adicional treino bárdico, conforme tinha sido prometido. Na altura em que ela voltasse,

esperavam que toda a gente já tivesse esquecido que alguma vez tinha havido duas donzelas em Vernemeton que pareciam quase iguais. Com Cynric ainda prisioneiro, era claramente impossível para Dieda ir ter com ele, mesmo que o tivesse querido. Finalmente, Dieda pareceu reconciliada com a perspectiva de aprender com os bardos duma terra que nunca tinha sido tocada por Roma.

Só agora, quando retomou os seus deveres como Sacerdotisa do Oráculo, é que Eilan realizou quão isolada estaria daqui em diante. Parte disto era o resultado do isolamento forçado de Dieda como parte da farsa, mas era, também, um resultado da sua mudança de estatuto. Como era seu direito, Eilan honrou Caillean, Miellyn e a jovem Senara ao escolhê-las para serem as suas assistentes principais, mas pouco via as outras sacerdotisas, excepto nas cerimónias.

De tempos a tempos, no passado, a Casa da Floresta tinha abrigado mulheres ou crianças, como Senara, que tinham necessidade de atenção. Era por conseguinte pouco habitual, mas não uma novidade, admitir a jovem mulher chamada Lia e a criança que o Arquidruida lhe tinha entregue para amamentar, e instalá-los na casa redonda perto dos telheiros das ervas, onde ficavam habitualmente os visitantes. Nem era mesmo muito surpreendente que Caillean estivesse permanentemente a levar o bebé à Grã Sacerdotisa, dizendo que esta podia ser alegrada por pegar numa criancinha.

Depois do jubiloso primeiro encontro, Eilan chorou copiosamente; parecia-lhe que Gawen, estando ao cuidado de Lia, se tinha quase tornado mais filho da outra mulher que dela própria. Apesar disso, parecia-lhe um milagre que Ardanos, mesmo sob coacção, tivesse cumprido a sua palavra. Pensava, por vezes, em como teria Caillean conseguido persuadi-lo, mas não se atrevia a

perguntar.

Naturalmente, a parcialidade que mostrava pela criança provocou falatório. Mas Caillean tomou a precaução de confiar à velha Latis - em estrita confidência - que a criança pertencia à irmã de Eilan, Mairi, nascida de pai desconhecido, e que tinha sido enviada para aqui porque Mairi estava a pensar casar-se novamente. Como tinham esperado, passada uma semana a história já corria por toda a Vernemeton. Mas, embora houvesse algumas que pensavam que a criança era de Dieda, ninguém pareceu suspeitar que era de Eilan. E, para a maioria das mulheres, o rapaz cedo se tornou num brinquedo.

Eilan experimentou um sentimento de culpa pelo dano provocado às reputações da irmã e da rapariga que tinha sido como uma irmã para ela. Mas, afinal de contas, elas tinham concordado, se bem que relutantemente. Pior era o tormento de não lhe ser possível reconhecer o filho. Mas ela não o devia fazer - não o faria - e, à medida que as semanas se iam passando, a confissão tornou-se cada vez menos possível.

Parecia a Eilan que o tempo se passava muito vagarosamente sob esta inquietante moratória; Ardanos tinha voltado de Deva, e, quase a vangloriar-se, anunciou que o filho de Macellius se tinha casado com a filha do Procurador, em Londinium. Ela sabia que isto tinha de acontecer, mas foi com dificuldade que conseguiu impedir-se de chorar, ainda que tivesse resolvido não o fazer na presença de Ardanos.

Tinha de acreditar que Gaius e ela tinham tomado a decisão certa, mas não conseguia deixar de pensar sobre a mulher que se lhe tornava impossível não considerar como a sua rival. Era ela bonita? Dir-lhe-ia ele palavras de amor, de tempos a tempos? Eilan era a mãe do seu primeiro filho; isso não importava para nada? Ou ela estava esquecida? E, se estivesse, como o poderia ela saber jamais?

Mas o tempo passou-se - como sempre acontece não importa que artifícios sejam tomados para impedir a sua passagem - e o festival de Beltane chegou até ela, altura em que ela devia servir outra vez como a voz do Oráculo. Eilan tinha pensado ter esclarecido todas as suas dúvidas quando se tinha tornado na Grã Sacerdotisa. Talvez estivessem agora a voltar por causa da criança. Durante as escuras horas da noite pensava se seria desta vez que seria punida pela sua blasfémia, embora à luz do dia raciocinasse que se tinha sobrevivido na primeira vez, era improvável que a Deusa se fosse sentir insultada agora. Se o Poder que tinha sentido durante a sua iniciação foi uma ilusão, então tinha desistido de Gaius para nada. Mas se Ardanos não acreditava realmente na Deusa que servia, então era *ele*, não ela, que cometia uma blasfémia. Se ela fazia tenção de continuar com este papel, era essencial aprender se era a interpretação do Arquidruida se a própria Deusa que era uma mentira. Quando Eilan se estava a preparar e a purificar, ocorreu-lhe que beber da bacia dourada seria mais dramático se fosse feito à vista das pessoas e resolveu falar disto a Ardanos quando o visse novamente. Ele concordou prontamente com a mudança, como se tivesse ficado surpreendido com o facto de ela ter sequer pensado no assunto.

Desta vez, a própria Eilan preparou a mistura das ervas que iria beber e fez algumas substituições, deixando ficar as que aumentariam a visão e retirando as que separavam os sentidos da vontade. Em resultado disso, ela estava vividamente consciente do enorme silêncio que desceu sobre a multidão ali

reunida. Dum ponto de vista puramente popular ela podia entendê-lo. Sabia que o público reagia à sua beleza como nunca tinha reagido ao esmaecido encanto de Lhiannon. Mas deve ter havido uma altura em que também Lhiannon tinha sido nova e muito bonita. Nunca teria sido mais que isto - um drama encenado pelos sacerdotes, dos quais o seu avô era o principal? Seguramente, a primeira vez que se tinha sentado na cadeira do Oráculo o Poder que falou através dela tinha sido bem real.

Eilan bebeu e sentiu o familiar mergulho e suspensão do estado de transe Tomá-la. Lembrando-se de como a poção a tinha afectado antes, deixou-se cair na cadeira com as pestanas meio fechadas para que Ardanos não pudesse ver a inteligência nos seus olhos. E, desta vez, quando o Arquidruida começou o seu encantamento ela estava consciente que instruções estavam a ser intercaladas no feitiço. Era claro o que se desejava - e porquê.

Agora percebia porque Ardanos queria uma Sacerdotisa dos Oráculos que não confiasse na inspiração. já o tinha ouvido falar de todos os benefícios que adviriam à Bretanha da influência civilizadora dos Romanos, Lembrava-se, de facto, de ele ter dito algo parecido naquela tarde em casa do seu pai, antes de ela saber quem Gaius era na realidade. Bem, pelo menos o Arquidruida não podia ser acusado de inconsistência.

No seu último encontro com Gaius tinha aprendido o suficiente para concordar que - por agora - Ardanos até podia estar com a razão. Usado sensatamente, o Oráculo podia ser um instrumento poderoso para trazer a paz à Bretanha. Enquanto Ardanos fosse o Arquidruida, e enquanto as suas políticas seguissem o rumo da sabedoria, talvez o que estivessem a fazer até nem fosse

um tão grande pecado. Mas, se Eilan quisesse ser mais que um instrumento nas mãos de Ardanos, teria de compreender o que se passava no mundo fora das suas paredes. Potencialmente, a Grã Sacerdotisa de Vernemeton podia exercer uma influência que ultrapassava em muito o seu papel como Oráculo. Ao tomar conhecimento do que o seu avô estava a fazer, também tinha assumido a responsabilidade de decidir, ou não, se cooperaria, e até que ponto.

Eilan acreditava que, da outra vez, alguma coisa mais que a sua própria vontade escondida tinha falado através dela. Mas nenhum ser humano podia carregar sozinho o poder total duma deusa. Quando um espírito divino possuía um corpo, não só se tornava acessível como adquiria algumas das limitações desse corpo; tinha de trabalhar com o material disponível.

«Deusa, ajudai-me!», gritou o seu espírito. «Se Vós estais aqui, Senhora, e não apenas a minha ilusão, mostrai-me como fazer a Vossa vontade!»

A invocação de Ardanos acabou, mas a expectativa da multidão que os rodeava aumentava. À medida que os fumos das ervas sagradas se elevavam das fogueiras, Eilan sentiu uma Presença a crescer dentro dela.

«Senhora, encontro-me nas Vossas mãos.» Com um suspiro, Eilan deixou que o seu controlo a abandonasse. Tinha a sensação de que suaves braços a estavam a segurar, mas, ao mesmo tempo, sabia que o seu corpo estava sentado,

e que Aquela cujo poder agora fluía através de si fixava Ardanos com um sorriso radioso.

«Avô », pensou, «tende cuidado! Não podeis ver Quem veio até vós agora?» Mas ele tinha-se virado para o povo e estava a conduzi-los na invocação, e ela percebeu que ele não podia ver. A sua consciência virou-se então para o interior. «Deusa, tende piedade!», gritou o seu espírito. «Ele trabalha para o bem deste povo - concedei-lhe a sabedoria para fazer o que estiver certo - por causa de todos nós!»

E, no silêncio do lugar onde se tinha refugiado, pareceu-lhe que houve uma resposta.

«Filha, Eu cuido de todos os meus filhos, mesmo quando eles brigam; e em todos os tempos, não apenas aquele que estás a viver. A minha Luz pode ser a tua escuridão; e o teu Inverno o prelúdio da Minha Primavera. Aceitarás isto... que um bem maior possa vir?»

«Aceitarei, mas não me abandoneis, pois Vós sois tudo o que eu tenho », respondeu, e, uma vez mais, a Voz falou dentro dela. «Como te poderia abandonar - não sabes que te amo como tu amas o teu filho?»

O amor da Senhora rodeou-a. Eilan deixou-se mergulhar nele *como* nos braços da sua mãe. Como que a uma grande distância ouvia as perguntas de Ardanos. Lembrou-se das respostas que ele lhe tinha dito para dar, mas elas já não pareciam importantes.

O conhecimento atingiu-a; sabia o que estava a responder, e, no entanto, o eu que dizia essas palavras, desta vez na linguagem do povo, não era a Eilan que ela conhecia.

Eilan não pôde dizer por quanto tempo isto durou. No estado em que ela se encontrava agora não havia passagem de tempo, Chegou, no entanto, uma altura em que ouviu chamarem pelo seu nome. Gemeu e tentou virar-se, Por que devia ela regressar? No entanto, o ar frio com que a estavam a *refrescar* e as gotas de água que atingiram o seu rosto e mãos não podiam ser ignorados. Eles trouxeram-na de volta ao seu corpo uma vez mais.

Ela estremeceu e ofegou e, subitamente, era ela própria de novo, Eilan, a olhar para *as reverentes caras* das pessoas à sua volta, que a olhavam com os olhos arregalados.

Ardanos estava a dizer ao povo para partir em paz. Havia quase um indício de complacência na satisfação que lhe enchia o sorriso.

«Ele não percebe », pensou então Eilan. «Ele pensa que foi tudo feito por ele ... » Mas, se o Arquidruida não compreende o poder da Deusa que dizia servir, não lhe cabia a ela *esclarecê-lo.* Apenas podia *esperar* que a Deusa soubesse da sua vida e continuasse a tomar conta deles.

Gaius passou os primeiros meses do seu casamento a lutar contra a convicção que este era baseado numa mentira. Suspeitava que Julía estava mais enamorada da ideia de estar casada do que propriamente enamorada dele, *mas* ela era alegre e afectuosa, e desde que ele fosse razoavelmente atencioso, ela parecia satisfeita com a sua companhia. Só podia agradecer aos deuses pela sua inocência, ou talvez pela sua falta de profundidade emocional, o que a impedia de perceber que uma relação entre um homem e uma mulher devia ser uma coisa muito maior.

Licinius, que acreditava que um casal jovem não devia ser separado no primeiro ano do casamento, tinha conseguido que Gaius servisse *como aedile*, encarregado dos edifícios governamentais em Londinium, o que lhe daria alguma da experiência no serviço público necessária para fazer progredir a sua carreira. No começo ele tinha protestado a sua falta de experiência, e pensado se o seu sogro não lhe teria arranjado o lugar apenas para que Julia pudesse continuar a dirigir-lhe a casa, mas descobriu que, embora o trabalho pudesse ser executado pelo seu pessoal de escravos e homens libertos, estes necessitavam da autoridade de um homem de posição para lidar com a restante administração. Pouco tempo depois, compreendeu que uma infância passada a ouvir o seu pai a

lidar com os problemas da manutenção duma importante fortaleza o tinha preparado bastante bem para as suas novas responsabilidades.

- Dá o devido valor ao tempo que passas agora com a Julia, meu rapaz - diria Licinius, dando-lhe palmadas no ombro -, pois serão separados muitas vezes no futuro, especialmente se te nomearem para missões na Dácia ou nalgum outro posto de fronteira... - Sabiam ambos que o caminho da promoção conduzia por todo o império; um posto provincial de longa duração, como Prefeito de Campo, ou Procurador, era concedido apenas no final duma carreira.

Estes eram os anos cruciais, aqueles em que o nome - e os contactos - que um jovem construía para si próprio determinavam até que ponto chegaria. Cedo Gaius teria *de passar* algum tempo em Roma; achou-se a desejar que isso acontecesse. Entretanto, aplicava-se a perceber os meandros do governo no pálido reflexo da capital em que Londinium se tinha tornado.

Mais rapidamente que o que poderia ter imaginado, passou-se um ano. De tempos a tempos chegavam de Roma notícias preocupantes. o imperador tinha-se feito eleger para o cargo de Cônsul durante os próximos dez anos, e censor vitalício, a *acrescentar* aos poderes que já detinha, Os patrícios resmungavam sombriamente que era uma conspiração para ganhar controlo sobre o Senado, mas pouco mais fizeram, pois nesta altura o exército estava bastante satisfeito com o seu imperador, que lhes tinha aumentado o soldo em um terço. como oficial, Gaius não podia objectar a isso, mas era claro de que lado sopravam os ventos. Ainda mais que os seus predecessores, Domiciano parecia olhar para as instituições democráticas de Roma que ainda restavam como estando ultrapassadas e, certamente, inconvenientes.

Alguns meses depois do casamento, Licinius tinha contratado um tutor - principalmente para Julia, tinha dito - para que ela pudesse aprender a falar melhor o grego e um latim mais refinado, e Gaius, para seu enfado, foi incitado a partilhar essas lições.

- Porque se tu fores a Roma será necessário que fales um bom grego; e um latim mais aristocrático - ele notou.

Excitado, Gaius tinha protestado. Macellius tinha insistido, desde a sua mais tenra infância, que fossem contratados tutores e que ele se tornasse tão fluente no latim como na linguagem tribal céltica dos parentes da sua mãe.

- Para mim é suficiente o latim normal - protestou.

- Sem dúvida que é mais que suficiente para um aquartelamento do exército - argumentou Julia -, mas acredita em mim, seria melhor falar ao Senado em céltico do que nesse inculto dialecto de Deva.

Gaius sentiu-se tentado a dizer que o seu latim não era pior que o de Macellius; mas a verdade era que Macellius nunca tinha tido de falar aos senadores de Roma. E não lhe faria mal nenhum aprender a língua dos homens educados de todo o mundo, a qual seria sempre o grego. As lições não se prolongaram, no entanto, por muito tempo. No final do Verão Julia já se encontrava grávida, e tão nauseada durante a maior parte do tempo, que o tutor foi despedido.

Mas nesta altura já Gaius conversava com os escravos gregos da casa sempre que tinha a oportunidade, incluso com Charís, a criada de quarto de Julia, que tinha nascido na própria ilha de Apolo, Mytilene. Um dos homens libertos que trabalhava para ele tinha originalmente vindo para a Bretanha como secretário dum antigo governador, e ficou muito satisfeito por poder ganhar uns sestércios extra corrigindo o acento de Gaius e por fazê-lo copiar os discursos de Cícero para melhorar o estilo do seu latim.

Estava resolvido a que quando o filho de Julia tivesse nascido e ela se sentisse suficientemente bem para retomar as lições - se alguma vez se sentisse - ele a tivesse ultrapassado em muito.

E assim se passou o Inverno. Na altura do seu primeiro aniversário, os enjoos de Julia tinham-lhe passado. Ela não protestou quando o seu pai propôs que Gaius se juntasse a um grupo que ia à caça do javali nos bosques a norte de Londinium, escoltando um rico senador com interesses no comércio de vinho,

que dizia ter empreendido a arriscada viagem até aqui pelo prazer da caça. Licinius não tinha em grande consideração a habilidade do homem, mas reconhecia o seu poder político, e lisonjeou-o ao destacar o seu próprio genro para o serviço de escolta.

Julia, longe de se ressentir com a sua ausência, sentiu-se um pouco aliviada por ele se encontrar fora de casa. Como grande parte dos homens, Gaius parecia sentir que qualquer admissão de dificuldade era um pedido de ajuda. Visto ele não poder ajudá-la, e, na verdade, ser a causa do seu estado, tendia a reagir com enfado se ela se referia a má saúde ou a ansiedade. O pai dela não era muito melhor, e ela tinha orgulho de mais para desabafar com os escravos.

E assim, na manhã em que Gaius partiu para ir caçar, Julia foi até ao templo de Juno. A sua criada, Charis, queixou-se de ter de andar todo o caminho mas, apesar do desajeitada que se tinha tornado, Julia tinha a certeza de que os solavancos duma carruagem ou a oscilação duma liteira a fariam enjoar de novo.

Nem se importou quando o eunuco que tomava conta da porta lhe disse que tinha de esperar até que a sacerdotisa tivesse tempo para ela, pois o interior do templo estava sombrio e fresco depois da claridade e poeira do exterior, e ficou bastante satisfeita por se sentar durante algum tempo, a olhar para cima, para a estátua pintada.

«Domina Dea ... », rezou, «pensei que seria tão fácil. Mas, quando pensam que não os estou a ouvir, os escravos tagarelam sobre mulheres que morreram ao dar à luz. Não tenho medo disso, Deusa, mas se o meu bebé morrer? E se eu for como a minha mãe, que apenas deu à luz um filho que não viveu mais de um ano? O meu pai tem poder político e Gaius pode lutar em batalhas. Mas a única coisa que eu posso fazer é dar-lhes um herdeiro legítimo.» Puxou o véu para a cara para que ninguém pudesse ver que estava a chorar. «Ajudai-me a dar à luz um filho saudável... por favor, Deusa, por favor!»

Sobressaltou-se quando o eunuco lhe tocou no ombro, limpou as lágrimas e seguiu-o para o quarto interior, ignorando a importuna dor no fundo das costas.

A Grã Sacerdotisa de Juno era uma mulher de meia idade, o rosto pintado de modo a parecer mais nova e cujos olhos silenciosos avaliaram as joias e o vestido de Julia. Mas saudou Julia com uma quente efusão que fez faiscar uma viva cautela na rapariga.

- Estás preocupada com o nascimento. - A mulher deu-lhe uma pancadinha no braço. - E é o teu primeiro, pelo que é natural que estejas receosa...

Julia recuou um pouco, olhando para ela atentamente. Não perceberia a mulher que não era por ela que tinha medo?

- Quero um filho - começou, e tossiu com a onda de perfume que a atingiu quando a sacerdotisa se inclinou para ela.

- Claro que queres. E se fizeres uma oferenda, a Deusa ajudar-te-á.

- Que espécie de animal devo comprar para o sacrifício?

- Bem, querida... - A mulher olhou para os anéis de Julia.

- Na realidade já temos que chegue desse tipo de coisas. Mas, eles estão a construir um generoso templo a Isis junto aos molhes e seria uma pena que Juno fosse deixada ficar a parecer-se uma parente pobre. De certeza que ela te dará o que pretendes se fizeres uma oferta generosa para o seu santuário.

Julia olhou-a fixamente, percebendo bem de mais, e levantou-se pesadamente.

- De facto - disse secamente. - Agora devo-me ir embora, mas agradeço-vos o vosso bom conselho.

Virou-se nos calcanhares, desejando ter altura para fazer uma saída impressiva, e saiu do quarto com um passo pomposo, deixando a sacerdotisa boquiaberta atrás dela. Ao cruzar a ombreira a dor nas costas tornou-se numa punhalada que, por momentos, lhe tirou a respiração.

Minha senhora... - Charis aproximou-se para a ajudar. Vai arranjar-me uma cadeira - disse-lhe Julia, encostando-se a um pilar. - Afinal de contas acho que vou de transporte para casa.

Gaius não voltou a Londinium senão já ao anoitecer, tendo-se assegurado de que o distinto convidado obtivesse o troféu que queria, e deixando-o com um certo alívio. Quando entrou em casa descobriu tudo num caos; durante a sua ausência Julia tinha tido um parto prematuro e dado à luz uma filha. Recebeu as notícias de Licinius, que lhe disse tudo ter acabado já há uma ou duas horas e que Julia estava a dormir.

Era tempo de brindar ao seu primeiro filho, disse Licinius, segurando um poeirento frasco com um selo grego. Era bem evidente, pensou Gaius, que o seu sogro já tinha estado a celebrar.

- Não sei como te agradecer esta enorme dádiva - disse ele um pouco ebriamente. - Sempre quis ser avô; e se a criança é apenas uma filha, bem, não me importo; Julia tem sido uma filha tão boa para mim como quarenta filhos, e trouxe-te a ti para a nossa família. Sem dúvida que o vosso próximo filho será um rapaz.

- Espero sinceramente que tenhais razão - disse Gaius. Não seria por sua culpa se ela o não fizesse, uma vez que ele já tinha procriado um rapaz.

- Pus este vinho de lado quando Julia nasceu, para me embebedar quando nascesse o meu primeiro neto - disse Licinius, removendo o selo. - Bebe comigo, meu filho; e não o estragues pondo-lhe água de mais.

Gaius não tinha comido nada à ceia e teria preferido mil vezes beber um copo de cerveja com uma tigela de feijões ou uma ave assada, mas com a casa numa tal confusão teria sorte se conseguisse algum pão e carne fria, e isto se pudesse encostar a um canto um dos escravos da casa. Resignou-se à ideia de ir para a cama meio bêbedo e juntou-se a Licinius.

- À tua filha - disse Licinius. - Possa ela ser tão boa para ti como Julia o foi para mim.

Gaius bebeu e depois o ancião propôs um brinde ao filho dele. Gaius pestanejou e cuspiu o vinho, mas o seu sogro acrescentou:

- Decerto que terás um filho no próximo ano.

- Oh, sim, claro.

Mas, enquanto Gaius levantava a sua taça, era em Eilan e no filho que já tinha em que estava a pensar. Nesta altura o rapaz já devia ter um ano. já andaria? Ter-se-ia a penugem de cabelo escuro transformado em ouro?

E depois, claro, tiveram de beber à saúde de Julia; se a serviçal não tivesse entrado mais ou menos nesta altura para dizer que ele a podia ir ver, Gaius teria

ficado verdadeiramente muito bêbedo. Grato pela interrupção, seguiu a mulher para o quarto de dormir.

Julia pareceu muito pequena e pálida ao marido. Enfiada nos seus braços estava a minúscula forma da criança.

Julia olhou para ele e começou a chorar.

- Tenho tanta pena. Queria tanto dar-te um filho... estava tão segura...

Tornado generoso pelo pensamento do filho de Eilan, lá longe a Oeste, inclinou-se e beijou-a.

- Não chores - disse. - Da próxima vez teremos um rapaz, se os deuses o quiserem.

- Então aceita-la?

A escrava pegou na criança, estendeu-a na sua direcção e ficaram todas a olhar para ele, na expectativa. Depois de um momento Gaius percebeu o que era suposto ele fazer e agarrou no bebé, bastante desajeitadamente. Olhou para as enrugadas feições, à espera da vaga de ternura que o tinha inundado quando pegou no filho. Mas a sua única emoção foi de espanto, pois parecia-lhe impossível que uma coisa tão pequena pudesse ser real. Suspirou.

- Em nome dos meus antepassados reclamo esta criança como minha filha - disse Gaius em voz alta. - O seu nome será Macellia Severina.

Logo a seguir ao festival de Beltane, Bendeigid solicitou uma audiência à Senhora de Vernemeton. Nesta altura já Eilan se tinha habituado ao seu papel de Grã Sacerdotisa, mas ainda lhe parecia estranho que o seu próprio pai, um poderoso druida, tivesse de pedir autorização para a visitar. Contudo, enviou uma resposta igualmente formal em como o receberia de boavontade e quando nessa tarde ele apareceu na sua câmara exterior, ela preparou-se para lhe dar uma cordial boa-vinda.

A verdade seja dita, Eilan não se sentia cordial de todo. Não conseguia deixar de se lembrar que tinha sido a recusa do seu pai, até mesmo em considerar o seu casamento com Gaius, que a tinha colocado numa posição na qual, se bem

que tivesse conforto e honras, também a tinha tornado numa estranha para o seu próprio filho. Assegurou-se que Gawen estaria fora da vista e do ouvido durante a tarde. Bendeigid sabia que Mairi não tinha tido outro filho, e Gawen estava-se a parecer cada vez mais com o pai dele.

Levantou um cântaro de água fresca, acabada de tirar da Nascente Sagrada por Senara, e indicou a Huw que podia deixar entrar o visitante. Dava-lhe uma certa satisfação ter o seu guarda-costas a assomar sobre eles. O seu volume fazia o pai, que era um homem grande, parecer pequeno. Tinha pensado que ser o recipiente de uma devoção de tal modo canina a faria sentir-se desconfortável, pois Huw tinha agradecidamente transferido para ela a sua lealdade mal ela tinha saído do ritual de reclusão e começado a andar para cá e para lá de novo, mas ele nunca se intrometia. Estava simplesmente ali, e ela, gradualmente, acabou por apreciar a sua utilidade em ver-se livre de visitantes, ou, como agora, para os intimidar.

- O que posso fazer por vós, meu pai? - disse friamente, deixando-se ficar sentada. O seu tom era o mesmo que teria usado com qualquer druida altamente colocado. De facto, o tempo que tinha passado no Norte tinha-o modificado. Era ainda um homem poderoso, mas a confortável solidez de que ela se lembrava tinha sido desgastada até ele ser todo tendões e osso.

Bendeigid imobilizou-se, a olhar estranhamente para ela.

O que estaria ele a ver, pensou ela? Certamente não a filha de que se lembrava. O rosto que ela tinha visto quando tinha olhado para o Lago Sagrado tinha perdido a sua redondez infantil, e o sofrimento e as responsabilidades tinham dado um certo ar vigilante aos seus sombreados olhos. Mas talvez esses subtis sinais de maturidade fossem menos evidentes que os seus ornamentos dourados e o crescente entre as sobrancelhas.

Se bem que tivesse afastado do rosto o diáfano véu de fino linho azul-escuro, as suas dobras estavam drapejadas sobre a cabeça e ombros. Tinha continuado a usar o véu, da *mesma* maneira que Dieda tinha adoptado, para ajudar na farsa; e na altura em que podia ser seguro andar sem ele, já se tinha habituado à sua protecção. Parecia emprestar um ar de autoridade; emprestava-o, certamente, ao seu mistério.

- Quis apenas prestar-te os meus respeitos, minha filha... ou devia dizer Senhora - replicou o druida. - já há muito tempo que não nos víamos. Queria ter a certeza de que tudo estava bem...

«Levou-te bastante tempo », pensou ela sombriamente. Mas podia ver que os recentes anos também não tinham sido fáceis para ele. Não era apenas o volume de Huw que o fazia parecer mais pequeno; o seu cabelo tinha-se tornado completamente cinzento e havia novas rugas à volta da boca e na testa. Tinha sido sempre inflexível mas, agora, a determinação ardia-lhe nos olhos como uma escura chama.

Bendeigid aceitou a taça de madeira decorada a prata que ela lhe estendeu e sentou-se num banco. Eilan sentou-se na grande cadeira esculpida.

- Com certeza que essa não é a única razão por que vieste aqui, meu pai - disse calmamente.

- Lhiannon estava velha. - Ele olhou para a sua taça e depois novamente para ela. - Não me custa a entender que ela não quisesse o seu país dilacerado pela guerra... e talvez fosse por isso que a Deusa tenha aconselhado a paz nestes últimos anos. Mas agora é um novo tempo e há uma nova sacerdotisa. Não soubeste da batalha a que os Romanos chamam de Mons Grapius? Soubeste como as terras dos Votadini se tornaram num deserto, no qual uns poucos de sobreviventes lutam pela vida onde uma vez houve uma florescente tribo?

Eilan baixou o olhar para fugir ao dele. Tinha, de facto, ouvido falar da batalha por alguém que nela tinha lutado, e Gaius tinha-lhe contado como nesse Inverno os sobreviventes famintos tinham vindo até às muralhas da fortaleza para serem alimentados. Era verdade que os Romanos eram os invasores, mas ela sabia que tinham sido os homens das tribos que, em desespero, tinham incendiado as suas próprias aldeias e massacrado os seus animais para os afastar das mãos romanas.

- Voz da Deusa, dizei-me... as lágrimas das mulheres cativas caem como chuva e o sangue dos nossos guerreiros mortos grita no chão, porque não os ouve Ela? Por que não respondeu a Deusa às nossas orações, e por que nos aconselha ainda o Oráculo a manter esta desgraçada paz?

Pôs-se repentinamente de pé, estendendo as mãos em direcção a ela, e Huw deu um grande passo para dentro do quarto. Eilan respirou fundo para esconder o seu espanto e fez um gesto para que ele se afastasse. Tinha sempre assumido que o pai estava totalmente a par dos conselhos do Arquidruida. Seria possível que ele não soubesse como Ardanos tinha manipulado o Oráculo durante todos estes anos?

- Seguramente o meu pai sabe que eu falo apenas os Oráculos como me são dados - disse tentando acalmá-lo. *Se ele o sabe, então disse-lhe a verdade... se não sabe, então não lhe disse nada que não soubesse já.*

De facto, o que tinha dito era uma verdade ainda maior que o que Ardanos pensava, pois, embora Ardanos traduzisse as respostas dela às suas perguntas como achava conveniente, quando a Deusa a enchia, e ela falava directamente ao povo, era a Deusa que concordava ou discordava com as políticas do Arquidruida à Sua vontade. Até agora, pelo menos, os Seus conselhos tinham sido suficientemente pacificadores para ele não os questionar.

Bendeigid levantou-se e começou a andar nervosamente pelo quarto. Disse:

- Devo, então, rogar-te que rezes à Deusa para que nos vingue. Os espíritos das mulheres de Mona ainda gritam por vingança.

Ela franziu as sobrancelhas.

- Foi Cynric quem vos enviou para me dizeres isso? - Ela sabia que Gaius o tinha feito prisioneiro, e salvo a sua vida e liberdade ao torná-lo num dos reféns, mas não sabia o que lhe tinha acontecido depois disso.

- Ele foi capturado - resmungou o seu pai. - Iam mandá-lo para Roma para divertir o Imperador, mas ele matou os guardas e fugiu.

- Onde está ele? - perguntou com algum alarme. Se os romanos o apanhassem agora, uma morte rápida era o melhor destino que podia esperar deles.

- Não sei - disse o Druida evasivamente. - Mas há uma grande raiva a crescer no Norte, minha filha. Os Romanos estão a recuar. Os Ravens não foram todos mortos nessa batalha e as suas feridas estão a sarar. Se a Deusa não levantar a terra contra os Romanos podes ficar certa de que Cynric o fará.

- Mas eu apenas falo para os que assistem aos festivais na Colina das Donzelas - disse Eilan desconfortavelmente. - Principalmente os Cornovii e os Ordovices, alguns Demetae e Silures e algumas das pessoas mais selvagens das montanhas. O que temos nós a ver com a Caledónia?

- Será possível que não vejas a tua influência? - olhou directamente para ela, - Os Romanos tiraram-nos as nossas terras, subverteram os nossos chefes e proibiram a maioria dos nossos ritos religiosos. O Oráculo, aqui em Vernemeton, é uma das poucas coisas que nos restam, e se pensas que as palavras da Deusa não são repetidas duma ponta à outra da Bretanha és uma louca!

«Ele não sabe que Ardanos influencia o Oráculo », pensou Eilan, «mas suspeita.» Enquanto ela fingisse ignorância ele não podia pedir abertamente o seu apoio para uma insurreição. Mas, eventualmente, os assuntos chegariam ao seu ponto culminante.

- Tenho estado muito isolada... - disse suavemente.

- Mas há peregrinos que vêm fazer as suas orações na Nascente Sagrada. Deixai que aqueles que têm notícias venham beber as águas na lua nova de cada mês e se a sacerdotisa velada que os atender falar de corvos, deixai que eles falem com ela nesse local.

- Ah, Filha! Sabia que não trairias a tua educação! - exclamou, o seu olhar como chamas. - Direi a Cynric...

- Dizei-lhe que não faço promessas - interrompeu - mas se desejais que ore à Deusa pela Sua ajuda, devo saber o que pedir! Não vos posso dar quaisquer garantias em como Ela responderá...

Bendeigid teria de se contentar com isso. Depois de ele partir Eilan deixou-se ficar sentada durante muito tempo a pensar. Era claro que Cynric estava a fazer o que podia para começar uma rebelião e que, sem o seu apoio, certamente falharia.

Mas o druida também tinha, aparentemente, percebido que ela já era uma

mulher adulta e que tomaria as suas próprias decisões. Quase que valia a pena tudo o que tinha sofrido só para poder olhar para ele duma tal posição de poder. Mas, com esse poder, vinha uma responsabilidade à qual não podia fugir, não quando podia chegar o dia em que o seu pai e o seu irmão adoptivo enfrentassem o pai do seu filho num campo de batalha.

«E se isso acontecer, o que farei?» Eilan fechou Os *Olhos* angustiada. « Querida Deusa, o que farei eu?»

À medida que a filha de Julia crescia habituaram-se a chamá-la «Cella », pois parecia ridículo referir-se a uma coisa tão pequena por um nome tão comprido. Mas Gaius esperou em vão pelo vinculo que tinha sentido com o pequeno Gawen quando o viu pela primeira vez nos braços de Eilan. Seria, então, uma coisa que só acontecia entre um homem e o seu filho primogénito? Ou era porque ele não tinha um vínculo desse tipo com a *mãe* da criança?

Ao menos Julia não parecia achar estranho que ele mostrasse pouco interesse por uma filha. E Cella era um bebé sossegado, que cedo prometeu vir a ser bonita, e era a delícia do coração do seu avô. Julia passava a maior parte do seu tempo com a criança, a vesti-la com roupas belamente bordadas, o que parecia a Gaius uma perda de tempo, e, na altura em que a rapariga tinha um ano de idade, Julia estava outra vez grávida. Desta vez ela estava absolutamente certa que seria o filho tão desejado. Uma vidente, consultada por ordem de Julia, garantiu que era um filho que aguardava o nascimento, mas Gaius não estava tão certo.

Finalmente, contudo, ele não teve de sofrer com a sua mulher ao longo desta gravidez. As guerras na Dácia estavam a correr mal. Gaius sentiu uma pancada de dor quando ouviu que a II Legião estava para ser evacuada e a fortaleza que tinham construído no Norte destruída. Admitia que se tinha tornado evidente que o Norte não podia ser mantido sem um muito maior investimento em homens e material que o que o Império podia dispor. Muitas vidas podiam ter sido poupadas, pensou Gaius sombriamente, se tivessem tido o bom senso de o ter visto há três anos!

Habituou-se a passar o seu tempo livre no posto do exército, a ouvir as notícias. Cumprindo ordens do Imperador, o novo governador, Sallustius LucuIlus, tinha ordenado que todas as fortalezas mais a norte fossem abandonadas, os seus muros deitados abaixo e os edifícios de madeira queimados, para que nada restasse que pudesse ser útil ao inimigo. A vigésima desceu do Norte e instalou-se no seu antigo aquartelamento em Glevunl, mas ninguém sabia por quanto tempo.

Foi a II Legião, contudo, que recebeu ordens de partir de Deva para Dácia. Macellius, anunciando que estava velho de mais para andar a arrastar-se pelo Império, decidiu que era tempo de se aposentar e começou a planear uma nova casa em Deva. Gaius, no entanto, ficou surpreendido com um convite do novo comandante dos legionários para se juntar ao seu pessoal e velejar com eles. O que o espantou quase tanto foi o facto de até Licinius não objectar quando ele revelou que gostaria de aceitar a oferta.

- Sentiremos a tua falta, rapaz - disse o ancião -, mas chegou a altura de pensares na tua carreira agora que já começaste a tua família. Não tenho eu estado a cantar os teus louvores por toda a Londinium exactamente por essa razão? É uma pena que não estejas aqui para o nascimento do teu segundo filho, mas era de esperar. Não te preocupes com Julia... eu cuidarei dela. Tu, cumpre o teu dever e volta coberto de glória!

VINTE E DOIS

Dieda voltou à Casa da Floresta em meados de Maio, um pouco mais de quatro anos depois de ter partido para o seu exílio em Eriu. Para esta ocasião o dia estava ensolarado e Eilan recebeu-a no jardim, na esperança de que o seu encontro pudesse ser facilitado por um ambiente mais informal, mas, mesmo assim, pediu a Caillean que ficasse junto dela.

- Dieda, minha filha, é bom ver-te. já se passou tempo de mais... - Abraçaram-se cerimoniosamente, encostando a face uma à outra.

Dieda vestia um vestido solto de linho branco ao estilo irlandês, maravilhosamente bordado, com um manto de bardo azul-celeste, orlado por uma franja dourada e seguro por um alfinete de ouro. O seu cabelo, preso por uma faixa bordada, caía em pequenos anéis mas, apesar do traje festivo, os seus modos pareciam forçados.

- Ah, já me tinha esquecido da paz deste lugar... - disse Dieda, olhando à sua volta para os canteiros de hortelã dum brilhante verde e para a prateada folhagem da alfazema, onde abelhas zumbiam entre as flores púrpura.

- Receio que nos vás achar bastante sossegadas depois de todos os reis e príncipes de Eriu. - Eilan reencontrou a voz.

- É uma bela terra, decerto, e que aprecia muito os cantores e poetas, e todos os tipos de fazedores de música, mas depois dum certo tempo começamos a ter saudades do nosso próprio país.

- Bem, minha filha, o que é certo é que tens a cadência exacta de Eriu na tua voz - observou Caillean. - É bom ouvir essa música de novo!

«Decerto, ninguém que a ouvisse falar nos confundiria agora », pensou Eilan. Não era apenas uma questão de acento, mas de profundidade de timbre. A voz de Dieda tinha sido sempre agradável, mas agora usava-a como um instrumento bem afinado. Mesmo palavras desagradáveis ditas numa voz tão bonita podiam ser mais facilmente perdoadas.

- Tive tempo suficiente para a adquirir - disse Dieda. O seu olhar voltou-se para Eilan. - Parece que estive fora quase metade duma vida.

Eilan assentiu. Ela própria também se sentia um século mais velha do que a rapariga que Lhiannon tinha escolhido para sua sucessora há cinco anos. Havia, no entanto, uma curva de petulância na boca de Dieda. Ainda se ressentiria de ter sido mandada embora?

- Foi o tempo suficiente para que uma meia dúzia de novas raparigas viessem até nós - disse simplesmente. - Um grupo prometedor... penso que a maioria eventualmente tomará os seus votos.

Dieda olhou para ela.

- E o que tens em mente para mim?

- Ensina essas raparigas o mais que puderes sobre as habilidades que aprendeste! - Eilan inclinou-se para a frente. - Não me refiro apenas aos hinos para tornar os nossos rituais mais belos, mas também ao saber antigo, às tradições dos deuses e dos heróis.

- Os sacerdotes não vão gostar disso.

- Não poderão dizer nada - disse Eilan. Os olhos de Dieda abriram-se. - Hoje em dia os chefes das tribos compram tutores de latim para os filhos, e ensinam-lhes a recitar Virgílio e a apreciar vinhos italianos. Estão a tentar o melhor que podem para transformar os nossos homens em romanos, mas não se importam com o que as mulheres fazem. O derradeiro santuário da velha sabedoria do nosso povo pode ser que esteja aqui, em Vernemeton, e eu não deixarei que se perca!

- Realmente, as coisas mudaram mesmo desde que parti.

- Pela primeira vez, Dieda sorriu. Depois, os seus olhos fixaram-se em algo para lá de Eilan e a sua expressão mudou.

Gawen estava a correr na direcção delas, com a ama a arrastar-se atrás dele. As mãos de Eilan torceram-se nas dobras do seu véu quando lutou contra a vontade de estender os braços e abraçá-lo.

- Senhora da Lua! Senhora da Lua! - gritou, depois parou e perscrutou a face de Dieda. - Tu não és a Senhora da Lua! - disse desaprovadoramente.

- já não - disse Dieda com um estranho sorriso.

- Esta senhora é a nossa parenta Dieda - disse Eilan com os lábios rígidos. - Ela canta tão bem como qualquer pássaro. Durante uns instantes o rapaz olhou duma para a outra, com o sobrolho franzido. Os seus olhos eram da mesma mutável cor de avelã dos de Eilan, mas o seu cabelo era escuro e encaracolado como o do pai, e teria a mesma testa ampla quando fosse homem.

- Desculpai, minha Senhora - disse Lia ofegante, apanhando-o e agarrando-lhe na mão. - Ele fugiu-me!

O lábio inferior de Gawen começou a tremer e Eilan, reconhecendo o sinal, fez um gesto à ama para o deixar ficar. Suponho que o estragámos, pensou, mas ele é tão pequeno, e vamos perdê-lo tão depressa!

- Querias ver-me, meu filho do coração? - perguntou suavemente. - Agora não posso brincar, mas se vieres ter comigo ao pôr do Sol iremos lá abaixo dar de comer ao salmão no Lago Sagrado. isso far-te-á ficar feliz?

Solenemente Gawen assentiu. Ela estendeu a mão para lhe tocar na face, e prendeu a respiração quando ele franziu as sobrancelhas e lhe apareceram subitamente covinhas nas faces. E depois, tão rapidamente como tinha chegado, atirou-se para a ama e deixou-a levá-lo. O dia pareceu escurecer depois de ele se ter ido embora.

- É esta a criança? - perguntou Dieda no silêncio que se seguiu à sua partida. Quando Eilan fez que sim com a cabeça, a fúria chamejou nos seus olhos azuis. - És louca em mantê-lo aqui! Se ele for descoberto estamos todas perdidas! Terei eu passado quatro anos no exílio para que tu pudesses gozar os prazeres da maternidade assim como a honra *de ser a Grã* Sacerdotisa?

- Ele não sabe que eu sou *mãe* dele - murmurou Eilan gaguejando.

- Mas podes vê-lo! Eles não o mataram... nem a ti! Deves-me isso, Oh, sagrada Senhora da Lua de Vernemeton! - Dieda começou a andar para trás e para a frente, vibrando como uma das cordas da sua harpa.

- Tem um pouco de piedade, Dieda - disse severamente Caillean - o rapaz será adoptado dentro de um ou dois anos e ninguém sabe de nada.

- Então de quem é que se pensa que ele é filho? - cuspiu Dieda por cima do ombro. - Da pobre da Mairi, ou talvez de mim? - Pôde ver a *resposta* nas suas faces. - Bem. Agora que acabei o teu exílio, tenho também que suportar a tua vergonha. Bom, quando me virem com o rapaz talvez esse rumor morra. Pois, devo avisá-las, não gosto nem um pouco de crianças!

- Mas *ficarás, e* calar-te-ás? - perguntou rudemente Caillean.

- Fá-lo-ei - disse Dieda depois de algum tempo -, pois acredito no trabalho que aqui estão a fazer. Mas, Eilan, ouve-me bem, pois já to disse antes quando concordei com a substituição... se alguma vez traíres o teu povo, então acautela-te, pois eu serei a tua perdição!

A lua nova ia já alta no céu do pôr do Sol, dando um brilho prateado às opalescentes águas do Lago Sagrado. O salmão tinha vindo quando chamado e tirado o bolo que Gawen lhe ofereceu, quase da mão do rapaz. Eilan esperou até

conseguir ouvir o seu tagarelar morrer no silêncio do entardecer, depois puxou o véu sobre o rosto e tomou o caminho que levava até ao santuário que tinham construído à volta da nascente que alimentava o lago.

As suas donzelas pensavam que era uma grande bondade a sua Grã Sacerdotisa tomar a sua vez para atender aqueles que vinham à Casa da Floresta para se aconselharem. E muitas vezes era isso o que Eilan fazia, servindo como um compassivo ouvido para os sofredores, ou encaminhando os que tinham problemas mais tangíveis para uma das mulheres de feitiços ou às herboristas. Mas, desde que teve conhecimento dos planos de Cynric para uma insurreição, subia este caminho com um pequeno tremor, temendo as noites em que aquele que aguardava murmurasse sobre corvos e rebelião.

Estava frio no santuário; Eilan enrolou o manto com mais força à sua volta, deixando que o murmúrio da água corrente a acalmasse. A água saía duma fissura na rocha, com a figura esculpida da Senhora colocada num nicho por cima dela, e corria para o canal que levava ao poço e ao Lago Sagrado.

«Fonte da vida » rezou, inclinando-se para apanhar alguma água gelada na mão, e tocar com ela nos lábios e na testa. «Agua sagrada, nascendo para todo o sempre, enchei-me com a vossa serenidade.» Depois, acendeu a lamparina por baixo da imagem, e preparou-se para esperar.

A Lua ia alta no céu quando ouviu os *passos* arrastados de alguém que, ou estava doente ou exausto, a esforçarem-se pelo caminho acima. A sua garganta apertou-se quando a escura figura apareceu na soleira da porta. Era um homem, enrolado num grosseiro casacão que podia pertencer a qualquer lavrador, mas por baixo do velho manto sangue manchava as suas calças axadrezadas. Quando a viu, alguma da tensão desapareceu dele com um longo suspiro.

- Descansa, bebe, recebe a paz da Senhora- - murmurou ela. Ele deixou-se cair de joelhos e apanhou com as mãos alguma água do canal, visivelmente a fazer um esforço por se controlar.

- Tenho estado a lutar... os corvos voaram sobre o campo de batalha - sussurrou ele, olhando para ela.

- Os corvos também voam à meia-noite - respondeu.

- O que tens para me dizer?

- O levantamento... estava marcado para o Solestício de Verão. Os capotes vermelhos descobriram-no de qualquer maneira, atacaram-nos... - Passou a mão

pelos olhos. - Na noite antes da de ontem.

- Onde está Cynric? - perguntou ela, a voz baixa e rápida.

O seu irmão adoptivo estava ainda entre os vivos? - O que quer ele de nós aqui?

O homem encolheu os ombros desamparadamente.

- Cynric? Em fuga, provavelmente. Pode ser que haja mais como eu a vir até aqui, necessitando dum lugar onde lamber as suas feridas.

Eilan assentiu.

- Por trás das nossas cozinhas há um caminho que leva até à floresta. Conduz a uma cabana que as nossas mulheres usam por vezes para meditarem. Podes

dormir aí, e alguém irá até lá com comida. - Os ombros dele abateram-se, e ela pensou se ele teria forças para chegar tão longe.

- Abençoada seja a Senhora murmurou ele - e uma bênção para vós, por me ajudardes. Conseguiu pôr-se de pé, saudou a imagem e depois, mais silenciosamente que ela pensaria ser possível, partiu.

Mas Eilan deixou-se ficar sentada durante muito tempo depois de ele a ter deixado, a ouvir o chapinhar da água e a observar o hipnótico tremeluzir da lamparina na parede.

«Deusa », rezou, «tende piedade de todos os fugitivos... tende piedade de todos nós! Dentro de um mês será o solestício de Verão; Ardanos quererá que eu diga ao povo para aceitar este último golpe e o meu pai quererá que eles se levantem para vingar os Ravens a ferro e fogo. O que lhes deverei dizer? Como poderemos trazer a paz a esta terra?»

Esperou o que pareceu um longo tempo, mas a única visão que lhe chegou foi a da água continuamente a nascer da rocha e a correr pela colina abaixo.

Gaius estava sentado a escrever nos seus aposentos, no forte em Colonia Aggripensis, a ouvir a chuva. Tinha a impressão de que a Germania Inferior não era verdadeiramente melhor que a Bretanha, mas a Primavera tinha sido chuvosa. Por vezes, os dois anos que se tinham passado desde que tinha partido, primeiro nas terras a norte e a oeste da Itália, depois aqui, onde a garganta do Reno acabava e ele começava as suas deambulações através de planos brejos em direcção aos mares do Norte, pareciam apenas semanas. Mas hoje sentia-se como se estivesse longe de casa há séculos.

Mergulhou a pena no tinteiro e começou a formar as letras da frase seguinte, da carta que estava a escrever a Licinius. Dois anos de correspondência regular, reflectiu contorcidamente, tinham-no tornado num escrivão quase tão destro como o seu escravo secretário; ao princípio tinha sido duro, mas ele tinha acabado por apreciar o valor da correspondência particular.

«... os últimos dos legionários que no ano passado seguiram Satuminus na rebelião acabaram de ser julgados e, na sua maioria, divididos e integrados noutras legiões », escreveu cuidadosamente. «A nova ordem do Imperador de manter apenas uma legião em cada campo está a causar alguns inconvenientes, e uma grande quantidade de trabalho aos engenheiros. Não sei se isso desencorajará a conspiração, mas pode ser uma boa coisa ter as nossas forças espalhadas duma maneira mais dispersa ao longo da fronteira. A ordem foi implementada na Bretanha?»

Fez uma pausa durante uns instantes, ouvindo o barulho das sandálias ferradas na pedra quando a sentinela passou, depois inclinou-se de novo para o seu trabalho.

«As notícias aqui são que os Marcomanni e os Quadi estão de novo desassossegados e que Domiciano teve de fazer uma pausa na sua campanha contra a Dácia para tratar deles. O meu conselho seria tornar o Rei Decebalus num aliado, se possível, e usar os Dacianos para lidarem com os Marcomanni. O Imperador, contudo, ainda não me incluiu entre o selecto círculo dos seus conselheiros, por isso quem sabe o que irá fazer?»

Sorriu, sabendo que Licinius perceberia o seu humor. Tinha estado na presença do Imperador por diversas vezes antes de ter sido transferido da II Legião, na Dácia, para um posto de comando de cavalaria na Germania, mas duvidava de que Domiciano tivesse sequer reparado na sua existência.

«O treino com a minha ala de cavalaria está a correr bem. Os brigantes aqui colocados são cavaleiros destemidos e muito gratos por terem um comandante que lhes pode falar na sua língua. Os desgraçados devem ter tantas saudades de casa como eu. Daí o meu amor a Julia e às crianças. Suponho que nesta altura já Cella esteja uma grande rapariga e é dificil acreditar que Secunda já tenha mais de um ano.»

«Penso na Bretanha como um céu de paz quando comparada com a fronteira da Germania », continuou, «mas suponho que é uma ilusão. Ouvi um dos homens no meu comando a falar sobre corvos e subitamente fiquei a pensar sobre a sociedade secreta de que costumávamos ouvir falar em anos passados ...

»

Mais uma vez fez uma pausa, dizendo a si próprio que a ansiedade que o tinha subitamente invadido era apenas a reacção à chuva; mas antes que pudesse voltar à sua escrita, alguém bateu à porta com a mensagem que o Legado queria vê-lo, pelo que vestiu o seu capote e deixou os aposentos, pensando o que poderia ser.

- São novas ordens, tribuno - disse o seu comandante. E devo dizer que lamento perder-te, pois estavas a inserir-te bem aqui...

- A ala vai ser transferida? - Gaius olhou para ele com alguma confusão, pois uma notícia deste tipo era geralmente precedida por uma onda de boatos no campo.

- Apenas tu, rapaz, o que ainda é pior. Vais ser transferido para o pessoal do Governador da Bretanha. Parece que houve uma espécie de luta local e eles precisam dum homem com a tua experiência local lá.

«Os Ravens ... » pensou Gaius, e veio-lhe à memória a face de Cynric, tal

como a tinha visto da última vez, sombria com o ódio. «Daqui em diante prestarei mais atenção às minhas premonições.» Podia ver a mão de Licinius nesta convocação. Como um oficial no meio de muitos outros, na fronteira, apenas a maior das boas sortes faria com que alguém que lhe pudesse oferecer um apadrinhamento útil reparasse nele. Mas se conseguisse evitar uma rebelião...

Sem dúvida que Licinius se devia estar a felicitar por ter encontrado um meio de o genro cumprir o seu dever e, ao mesmo tempo, fazer avançar a sua carreira. Apenas Gaius saberia, ou se importaria, que para o fazer iria ter de destruir um homem que tinha sido seu amigo. Deu uma resposta polida qualquer ao seu comandante, mal ouvindo a resposta, e voltou aos seus alojamentos para emalar o seu equipamento.

À medida que se aproximava o solestício de Verão, murmúrios do destino da rebelião dos Ravens circularam pelo país. Eilan tinha esperado que o governador proibisse as reuniões públicas em resposta ao levantamento, mas parecia que a linha oficial era a de desencorajar o apoio popular, ao recusar-se a admitir que algo estava mal. Mas, pelos refugiados, Eilan soube que Cynric tinha voltado para os seus amigos do Norte e levantado uma força com os sobreviventes de Mons Grapius, com homens dos Ravens a chefiá-los. Isso tornou-se bastante simples pois os romanos tinham-se pura e simplesmente retirado do deserto que tinham criado, deixando o povo sem nada para os sustentar a não ser o seu ódio.

Mas depois tinha tentado levantar a Brigantia, onde à severidade com que a rebelião de Venutius tinha sido reprimida se tinham seguido algumas tentativas para reconstruir a província. Foi provavelmente algum homem dos Brigantes, pensou Eilan, ou talvez, lembrando~se de Cartimandua, uma mulher que os

traiu, por ter decidido que uma prosperidade limitada era preferível à espada romana.

isolados, ou em grupos de dois, os Ravens caminharam para Sul, angustiados pela dor ou sombrios com o desespero. Eram tratados pelas mulheres de mais confiança de Eilan, recebiam novos nomes e roupas e mandados embora. Eles informaram-na de que Cynric ainda estava no Norte com um remanescente de homens não feridos, sendo perseguido por um destacamento especial das legiões. Os Caledónios tinham-se dissolvido de novo nas suas montanhas, mas os Ravens eram homens sem clã e não tinham casas para onde fugir quando não podiam lutar mais.

Os que vieram até à Casa da Floresta eram da idade de Cynric, mas o sofrimento tinha-os transformado em velhos. Eilan olhava para eles com angústia, pois alguns, como o seu Gawen, mostravam o seu sangue romano nas faces. Na sua visão, tinha visto que era preciso que o sangue de Roma e o das tribos se misturassem. Mas o Merlin não tinha dito se isso seria feito em amizade, ou por geração após geração, nas quais os homens plantassem a sua semente e morressem, deixando mulheres a lamentar-se para prosseguirem.

Ardanos e Lhiannon, recordando a violação de Mona, tinham escolhido uma política de acomodação como sendo o menor dos males; o seu pai e Cynric pareciam sentir que a morte era preferível à escravatura. Ao ver Gawen crescer, Eilan sabia que só ela protegeria o seu filho.

E assim os dias cada vez mais compridos trouxeram-nos finalmente até ao Solestício de Verão, e as sacerdotisas da Casa da Floresta saíram para a Colina das Donzelas para executar o ritual.

já da avenida, Eilan conseguiu ver o brilho das fogueiras em cima do monte e os arcos de chamas que os archotes traçavam de encontro ao escuro céu. Os tambores pulsavam com uma pesada insistência, o seu bater tornando-se cada vez mais profundo até se transformar num ribombar, enquanto os jovens do país competiam a ver quem atirava os seus archotes mais alto. Reis e armadas podiam vir e partir novamente, mas a verdadeira luta - por vezes parecia a Eilan a única luta que interessava - era a que os homens tinham todos os anos para proteger os seus campos e cuidar das novas colheitas.

Podia ouvir, à distância, o mugir do gado que já tinha sido protegido por ter sido levado pelo meio das fogueiras sagradas; cheirou o cheiro do fumo e comida cozinhada, e a picante fragrância de flor-de-diana e hipericão da sua grinalda.

- Oh, olhai - disse Senara, a seu lado. - Vede a altura a que eles atiram os archotes; parecem estrelas cadentes!

- Possam as colheitas crescer tão alto como os archotes sobem! - respondeu-lhe Caillean.

Tinham trazido um banco para Eilan se sentar até ser altura do rito do Oráculo; aconchegou-se ali, agradecida, deixando a murmurada conversa das outras mulheres redemoinhar à sua volta, Não eram apenas as colheitas que cresciam, pensou, ao ouvir o comentário de Senara. A assustada criança de oito anos de idade que tinha sido deixada ao seu cuidado há cinco anos estava-se a tornar numa donzela de pernas altas e com uma promessa de beleza nos seus compridos ossos e cabelo ambarino.

Houve um último crescendo no monte e as fogueiras pareceram explodir para todos os lados quando rapazes lhes arrancaram ramos em fogo e correram pelo monte abaixo, em todas as direcções, para levar o seu protector poder solar para os campos.

O rufar dos tambores estabilizou-se num hipnótico ritmo e Eilan sentiu a familiar vibração do transe que se aproximava.

Já falta pouco agora, pensou, e depois, o que quer que advenha do trabalho *desta noite*, já estará feito. Pela primeira vez em anos tinha misturado as mais poderosas ervas de transe na poção, com receio que os seus próprios medos pudessem impedir a Deusa de se revelar. Sabia que Ardanos também estava

ansioso, se bem que a sua face não o mostrasse. Ele era como uma imagem esculpida, pensou, uma concha na qual o espírito tremulava ainda mais capazmente, e ela tinha visto como ele tinha precisado do apoio do seu bordão de carvalho, Um dia, talvez cedo, ele ter-se-ia ido. Tinha havido alturas em que ela o tinha odiado, mas nos últimos anos tinham chegado a um entendimento mútuo, sem palavras. E não se sabia quem iria ser o seu sucessor.

Mas esse era um medo que ela podia enfrentar depois de esta noite se ter passado. A procissão estava a começar a mover-se. Eilan deixou que Caillean a ajudasse a pôr-se de pé e começou a subir a colina.

Os druidas estavam a cantar; a sua canção vibrava através do quente ar.

«Olhai, a sagrada sacerdotisa que chega, Ervas sagradas estão na sua coroa; o crescente dourado na sua mão...»

Mesmo depois de cinco anos, havia sempre um momento de surpresa quando Eilan sentia a vaga de expectativa da multidão ali reunida. E tinha certamente esquecido a náusea, e o doentio abandono da consciência quando as drogas começaram a tomar posse dela. Lutou contra a vacilação de pânico quando o mundo começou a girar à sua volta. Tinha procurado isto; quer por falta de fé ou por cobardia, não estava certa, mas desta vez ela queria que o mundo *se fosse.*

Senhora da vida, a vós confio o meu espírito. Mãe, sede misericordiosa para com todos os teus filhos!

Anos de prática tinham-lhe dado o controlo total das técnicas de focagem e de respiração que libertavam o espírito do corpo. As ervas na poção ajudavam o processo, como se a sua cabeça tivesse sido despedaçada como uma bacia partida para que outro pudesse fluir para dentro de si, pondo a sua consciência para o lado como uma folha num ribeiro.

Eilan sentiu as sacerdotisas a colocá-la na cadeira e a instável sensação de queda, se bem que soubesse que elas a estavam a levantar. O seu espírito oscilava entre o céu e a terra; houve um ligeiro solavanco quando colocaram a cadeira no cimo do monte, e ela viu-se livre.

Estava a flutuar numa bruma dourada, e durante algum tempo bastou-lhe simplesmente apreciar a sensação de estar a salvo, protegida e em casa. Suspensos nesta certeza, os medos que tinha deixado para trás de si pareciam transitórios, mesmo absurdos. Mas o cordão de prata que ainda a ligava ao seu corpo não a libertaria por completo, e, nesta altura, muito relutantemente, a bruma tornou-se mais fina o suficiente para ela poder ver e ouvir.

Olhou para baixo, para o amontoado de roupas azuis na cadeira alta e viu o seu corpo, fracamente iluminado pelos tições das fogueiras, uma de cada lado. os sacerdotes e sacerdotisas formaram um círculo, com as pessoas atrás deles, pálidos vestidos num dos lados e escuros do outro, formando duas grandes curvas de luz e sombra. A grande massa do povo que tinha vindo ao festival escurecia a encosta da colina; pontos de fogo piscavam das barracas e tendas do acampamento que tinha brotado à sua volta. Para lá deles estendia-se a miscelânea de campo e floresta, com o pálido brilho de estradas cortando através de árvores. Sem curiosidade reparou num turbilhão de movimento numa das zonas da multidão, e, mais ao longe, num movimento mais regular ao longo da estrada de Deva, e no brilho quando metal reflectiu a luz da Lua que se punha.

Os druidas estavam a invocar a Deusa, entretecendo todos os incoerentes imaginários do povo numa única, poderosa imagem, a qual era, simultaneamente, tão variada como as pessoas que ali ecoavam a sua chamada. Eilan viu o poder que eles estavam a levantar como um remoinho de luz multicolorida e apiedou-se da frágil forma humana sobre a qual estava a descer. Nesta altura, o seu corpo estava quase escondido; a energia estava a tomar forma; viu uma figura feminina, heroica na estatura e esplêndida na forma, se bem que as feições ainda não pudessem ser entrevistas.

Eilan aproximou-se, pensando que face a Senhora iria usar neste ajuntamento.

E neste momento o distúrbio na multidão atingiu o centro; viu o brilho

vermelho de espadas e ouviu vozes masculinas, roucas com a angústia, a gritar:

- Grande Rainha, ouvi-nos! Cathubodva, chamamos-vos... Senhora dos Ravens, vingai os vossos filhos!

Ardanos virou-se, a sua face contorcendo-se, mas a intensidade emocional daquela chamada tinha feito o seu trabalho. Um turbilhão de escuras sombras aladas esvoaçaram pelo círculo quando um súbito vento gelado avivou as fogueiras; e a figura na cadeira pareceu expandir-se subitan mente e sentou-se completamente direita, arremessando o véu para o lado.

- Ouço a tua chamada e venho - disse na linguagem das tribos. - Quem é aquele que se atreve a chamar-me?

O murmúrio de medo que tinha percorrido o círculo caiu até um absoluto silêncio quando um homem coxeou para dentro do círculo de luz das fogueiras. Eilan reconheceu Cynric, uma ligadura ensanguentada à volta da cabeça e uma espada nua na mão.

- Mãe, sou eu que vos chamo; eu que sempre vos servi! Senhora dos Ravens,

levantai-vos agora em fúria!

A cadeira estalou quando a figura que aí estava sentada se inclinou para a frente. À luz das fogueiras a Sua face e o Seu cabelo estavam tão vermelhos como a espada de Cynric. Ardanos olhou de um para o outro tentando decidir-se a acabar com isto; mas a força que os ligava era muito forte e ele não se atreveu.

- Bem, de facto tens~me servido... - A sua voz rasgou o silêncio. - Cabeças decepadas e corpos desmembrados são as tuas oferendas, sangue a libação que tu vertes no solo. Os choros das mulheres e os gemidos dos moribundos são a tua música sagrada; os teus fogos rituais são alimentados pelos corpos de homens... Chamaste-me, corvo vermelho. O que queres tu, agora que eu vim?

Ela sorriu terrivelmente, e se bem que fosse o solestício de Verão o vento ficou subitamente gelado, como se a escuridão de Cathubodva tivesse matado o Sol. O povo começou a recuar. Apenas Cynric, Ardanos e as duas sacerdotisas se mantiveram no seu lugar.

- Destrói os invasores; fulmina os espoliadores da nossa terra! Vitória, Senhora, é o que eu peço!

- Vitória? - Medonhamente, a deusa da guerra começou a rir, - Eu não dou a vitória... eu sou a noiva da batalha; eu sou a mão devoradora; a morte é a única vitória que encontrarás nos meus braços! - Ela levantou as mãos e as pregas do seu manto esvoaçaram como escuras asas. Desta vez até Cynric recuou.

- Mas a nossa causa é justa... - gaguejou.

- Justiça! Alguma vez há justiça nas guerras dos homens? Tudo o que os Romanos vos fazem, homens do vosso sangue fizeram uns aos outros e aos povos que estavam antes deles nesta terra! O vosso sangue alimenta a terra quer morram na palha ou no campo de batalha... não faz qualquer diferença para Mim! Cynric estava a abanar a cabeça desnorteadamente.

- Mas eu lutei pelo meu povo. Pelo menos dizei-me que os nossos inimigos também sofrerão um dia...

A Deusa inclinou-se para a frente, olhando-o fixamente, e ele não conseguiu desviar o olhar.

- Eu vejo... - murmurou ela. - Dos ombros brilhantes dos deuses os corvos estão a levantar voo; não mais eles os aconselharão. Em vez disso é uma águia a quem ele dá as boas-vindas. Ele tornar-se-á numa águia, atraiçoada e traiçoeira, sofrendo nos ramos do carvalho até se tornar num deus de novo...

- Eu vejo a águia obrigada a levantar voo por um cavalo branco que galopa vindo do outro lado do mar. Agora a águia junta-se com o dragão vermelho e, juntos, combatem o alazão, e o alazão luta com dragões vindos do Norte e leões do Sul... Eu vejo um animal a matar o outro e a erguer-se por sua vez para defender a terra. O sangue de todos eles alimentará a terra, e o sangue de todos eles misturar-se-á, até nenhum homem poder dizer quem é o inimigo...

Houve silêncio no círculo quando ela acabou, como se as pessoas não soubessem se deviam ter esperança ou medo. Dum local mais distante chegou o mugir do gado, e um som como o de bater de tambores, se bem que os músicos estivessem imóveis.

- Dizei-nos, Senhora... - Cynric rouquejou como se tivesse dificuldade em fazer as palavras sair. - Dizei-nos o que devemos fazer...

A Senhora sentou-se para trás e, desta vez, o seu riso foi longo e divertido.

- Fugi - disse Ela suavemente. - Fugi agora, pois os vossos inimigos estão sobre vós. - Ela levantou a cabeça e olhou à volta do círculo. - Todos vós, parti rápida e calmamente, e vivereis... por algum tempo.

Algumas das pessoas começaram a afastar-se das fogueiras, mas os restantes continuavam a olhar como que encantados.

- Ide! - Ela levantou a mão, e uma asa de escuridão passou sobre o círculo. Postas em movimento, as pessoas começaram a empurrar os seus vizinhos como os primeiros calhaus rolantes numa avalanche de pedras. - Cynric, filho de Julius, corre gritou ela de repente. - Corre, pois as águias estão a chegar!

E, à medida que o povo fugia, o distante rufar dos tambores tornou-se num presente ribombar e a cavalaria romana carregou.

Gaius deixou que o ímpeto da carga o transportasse para a frente, desejando que a sua consciência se confinasse ao movimento do cavalo por baixo de si e aos cavaleiros um de cada lado, à elevação do solo, às fugidias formas dos homens e mulheres e ao brilho das chamas. Tentou banir as memórias que coloriam as Suas percepções, mas continuava a ver uma lua cheia e dançarinos,

Cynric a andar de mão dada com Dieda e a rosada face de Eilan iluminada pelas fogueiras de Beltane.

As armações anteriores da sua sela espetaram-se nas suas nádegas quando a inclinação se acentuou; agarrou-se com os joelhos e preparou a lança e o escudo, perscrutando as figuras em fuga à procura de homens armados. As suas ordens tinham sido bem claras - evitar massacrar uma população pacífica, mas impedir que os rebeldes fugitivos no meio deles escapassem. O Legado não tinha explicado como, na confusão e na escuridão, isso podia ser feito.

Ainda amaldiçoando o destino que o tinha enviado atrás de Cynric e dos Ravens para, de todos, este lugar, Gaius viu um lampejo de metal, uma branca face contorcendo-se de medo ou de fúria. Respostas nele incutidas por dez anos de soldado fizeram com que o seu braço se movesse sem necessidade de decisão. Sentiu a contracção muscular e o puxão quando a lança atravessou carne e se libertou de novo, e o rosto desapareceu.

A carga estava a abrandar; atingiram o achatado topo da colina e viram-no quase deserto, se bem que pessoas estivessem a fugir em todas as direcções. Uma concisa ordem ao seu optio enviou-o para o exterior em perseguição. A sua montada quase se empinou quando uma branca figura agitou os braços loucamente, gritando qualquer coisa sobre terreno sagrado. Gaius guiou o animal com os joelhos num balouçante meio galope à volta do perímetro, à procura de Cynric, ouviu o bater de metal do outro lado do monte, no centro, e dirigiu-se nessa direcção.

E, subitamente, a sua montada mergulhou a relinchar de terror, quando uma asa de sombra rodopiou à sua volta e alguém gritou. Não foi medo que ele ouviu mas ira, angústia; um grito que continha todo o horror, medo e fúria de todos os campos de batalha do mundo; um guincho que tornou os intestinos em água e fez tremer os ossos. Todos os animais que o ouviram ficaram enlouquecidos por instantes, e todos os humanos sentiram o espírito dentro de si tremer com o medo. Gaius perdeu as rédeas e a lança, e agarrou-se à crina do cavalo enquanto o mundo girava à sua volta. O rosto duma Fúria estava suspenso à sua frente, aureolado por agitadas gavinhas de brilhante cabelo.

A sua montada mergulhou em frente e ele entrou na tremente luz das fogueiras; a toda a sua volta homens estavam imobilizados como se por algum feitiço. Depois, o seu cavalo imobilizou-se, a tremer, e as pessoas começaram a mover-se novamente. Mas ele ainda podia ver o terror nos seus olhos. Inspirou fundo, percebendo que a surpresa se tinha perdido, e olhou à sua volta.

Alguns dos druidas estavam a amparar um homem de branco que, percebeu chocado, devia ser Ardanos; parecia muito velho agora. As sacerdotisas vestidas de azul-escuro estavam a erguer o que parecia ser um amontoado de roupa da cadeira que se encontrava no topo do monte. Quando a fúria da batalha se esvaiu, Gaius sentiu-se subitamente muito cansado.

Outro cavaleiro, o seu optio, apareceu ao seu lado.

- Eles espalharam-se, senhor.

Gaius acenou com a cabeça.

- Mas não podem ter ido longe. Põe os homens a bater a área. Podem vir reportar-me aqui.

Inflexivelmente, fez passar a perna por cima do pescoço do cavalo, deslizou para o chão, e avançou, o cavalo a caminhar lentamente atrás dele. Quando se aproximou, Ardanos mexeu-se, olhando para ele de modo suplicante.

- Não foi obra minha - murmurou. - Chamei a Deusa... de repente Cynric estava *aqui!*

Gaius assentiu. Conhecia suficientemente bem as políticas do Arquidruida para acreditar nele. Foi a mulher cujo guincho os tinha paralisado que tinha dado

aos rebeldes o tempo suplementar que precisavam para se misturarem na multidão. Ele continuou a avançar na direcção do grupo de mulheres. Por qualquer razão não ficou surpreendido quando Caillean se voltou, olhando para ele desafiadoramente, mas era a mulher que jazia no chão que ele queria ver.

Deu outro passo e viu-se a olhar para baixo, para o rosto duma mulher; branca, inconsciente, identificável apenas pelos seus contornos principais com a Fúria que lhe tinha aparecido. E contudo, com uma doentia certeza, soube que era Ela, e, ao mesmo tempo, que era Eilan.

VINTE E TRÊS

Enquanto os romanos perseguiam os Ravens nos dias que se seguiram à luta na Colina das Donzelas, Gaius sentiu-se como se se tivesse tornado em duas pessoas, uma desapaixonadamente reportando os resultados da operação ao comandante em Deva, e depois voltando a Londinium para repetir a história ao Governador, enquanto a outra tentava reconciliar a máscara de fúria que aí tinha visto com a imagem da mulher que amava. Julia andava à sua volta com a solicitude duma esposa, mas depois do primeiro pesadelo ambos concordaram que seria melhor se ele dormisse sozinho.

Julia não pareceu importar-se. Era tão afectuosa como sempre, mas durante os dois anos em que tinha estado fora a sua atenção tinha-se voltado para as crianças. As raparigas estavam a crescer depressa, miniaturas da mãe, se bem que houvesse alturas em que Gaius pensava ter visto um lampejo da determinação de Macellius nos olhos da filha mais velha. Mas, se bem que elas fossem cumpridoras, ele tinha-se tornado num estranho. Magoava um pouco ouvir os seus risos a pararem quando ele entrava no quarto, e ocorreu-lhe que talvez se ele pudesse encontrar o tempo para as conhecer melhor, a distância entre eles viesse a desaparecer.

Mas não conseguia decidir-se a tentar ultrapassá-la, não agora, quando o seu coração lhe dizia que qualquer amor que tivesse restado entre ele e Eilan tinha sido varrido pelo Poder que a possuía. Por vezes, o esforço de esconder a sua angústia fazia com que tivesse vontade de uivar. Gaius sentiu-se aliviado quando o comandante, em Deva, requisitou que voltasse para consultas, um pós-escrito indicando que o pai tinha esperança que, em vez de ficar na fortaleza, Gaius pudesse visitá-lo na nova casa que tinha construído na cidade. Talvez aí fosse mais fácil reconciliar o conflito que o estava a despedaçar.

- Eles já capturaram mais alguns fugitivos da conspiração dos Ravens? - Macellius serviu vinho para Gaius e entregou-lhe a taça, bom mas não espalhafatoso, tal como a própria sala de jantar e a mansão que a rodeava. A casa do seu pai era uma das melhores casas que tinham sido construídas à volta da fortaleza, evidência duma crescente presença civil à medida que o país se ia acalmando. Gaius abanou a cabeça.

- Esse rapaz, Cynric, ele era o chefe deles, não era? - disse então Macellius. - Não o capturaste em Mons Grapius?

Gaius assentiu com um gesto da cabeça e bebeu um longo gole do vinho amargo, estremecendo quando o movimento fez esticar o corte no seu flanco, que ainda estava a cicatrizar. Não tinha reparado nele senão quando a batalha na Colina tinha acabado, mas era mais aborrecido que sério; tinha tido muito piores nas fronteiras da Germania. O choque de perceber que a Fúria que o tinha amaldiçoado a todos era Eilan era a sua pior ferida. Depois de uns instantes percebeu que o pai estava à espera de uma resposta.

- Capturei... mas mais tarde ele fugiu.

- Parece bom nisso - observou o pai -, como esse bastardo do Caractacus. Mas finalmente nós apanhá-mo-lo, e eventualmente também alguém trairá o teu Cynric, alguém do próprio lado dele...

Gaius mexeu-se desconfortavelmente ao ouvir o pronome, esperando que o pai não se lembrasse que Cynric era o filho adoptivo de Bendeigid. Teria poupado uma data de sarilhos a toda a gente, pensou sombriamente, se tivesse matado Cynric quando tinha tido a oportunidade.

- Ah, bem - continuou o velho -, ninguém te culpa por não o teres apanhado, e para onde quer que os sobreviventes tenham fugido, não é provável que os vejamos mais aqui...

- Olhou à sua volta com o que Gaius podia apenas caracterizar como um suspiro de alguém satisfeito consigo próprio.

- Não é provável - concordou o filho. - Estais mesmo confortável aqui? - Depois de se ter reformado do exército, Macellius tinha construído esta mansão, tinha quase imediatamente sido eleito decurião e estava rapidamente a tornar-se num pilar da comunidade.

- Oh sim, é um lugar agradável. Sossegou imenso nos últimos anos e a cidade está a crescer. O anfiteatro é um pólo de atracção, claro. Todos os dias há mais lojas, parece-me, e acabei agora mesmo de largar uma rica soma para pagar o novo templo.

- Uma miniatura de Roma, de facto - disse Gaius, sorrindo.

- Tudo o que lhes falta é um coliseu para os jogos.

- Deus me livre - Macellius levantou uma mão, rindo.

- Sem dúvida que também teria de pagar para esses. Este negócio de ser o pai

duma cidade é altamente sobrestimado. Mal me atrevo a abrir a porta com medo que me seja dada a honra de contribuir para qualquer coisa nova!

Mas estava a rir-se, reparou Gaius, e pensou que nunca tinha visto o seu pai tão feliz.

- Há, no entanto, uma coisa para a qual eu não resmungaria se tivesse de dar dinheiro - disse Macellius -, e isso era enviar-te até Roma. É altura, sabes. Obterás uma boa recomendação do Governador, depois desta última missão, e não conseguirás subir muito mais com o tipo de apadrinhamentos que o teu sogro e eu te podemos arranjar. Licinius disse alguma coisa?

- Falou sobre isso - disse Gaius cautelosamente. - Mas não posso ir antes que toda a gente esteja convencida de que as coisas aqui se manterão calmas.

- Não consigo deixar de desejar que Vespasiano tivesse vivido mais tempo - Macellius franziu o sobrolho. - Para ti não passava duma mesquinha velha raposa, mas sabia como escolher bons homens. Este filhote dele, Domiciano, parece determinado a governar como um déspota ocidental. ouvi que expulsou os filósofos. Agora pergunto-te, que mal podiam fazer um grupo de fastidiosos velhos chatos?

Gaius, lembrando-se do seu próprio desespero quando o seu velho tutor tinha monotonamente dissertado sobre Platão, sentiu uma vil simpatia pelo Imperador.

- Em qualquer caso, é ele o homem que tens de impressionar se queres uma boa colocação e, se bem que vá sentir a tua falta, uma procuradoria algures numa das províncias mais antigas é o passo lógico que se segue na tua carreira.

- Também sentirei a vossa falta - disse Gaius calmamente. E isso era verdade, mas chegou à conclusão de que não sentiria especialmente a falta de Licinius, ou até de Julia e das raparigas. De facto, pensou que ficaria contente por fugir da Bretanha durante um certo tempo, para algum lugar onde nada o fizesse lembrar de Cynric ou de Eilan.

Gaius finalmente partiu para Roma nos idos de Agosto, acompanhado por um escravo grego chamado Philo, um presente de Licinius, que jurou que se podia confiar nele para drapejar decentemente uma toga e enviar o seu senhor para a rua, todas as manhãs, a parecer um cavalheiro. Na bolsa da sela levava o relatório anual do Procurador sobre a economia da Província, o que deu a Gaius o estatuto de correio oficial que implicava o direito ao uso das casas dos postos militares.

O tempo manteve-se bom, mas mesmo assim pareceu uma viagem cansativa. Quanto mais viajavam para sul mais seco o campo se tornava, para os olhos nortenhos de Gaius, um deserto, se bem que os oficiais nas casas de despacho do correio se rissem ao ouvi-lo dizer isso e contassem histórias do Egipto e da Palestina, onde os desertos de areia poliam monumentos mais antigos que Roma. Viu-se a desejar que, tal como César, pudesse passar o tempo a escrever as suas memórias, mas mesmo que esperasse quarenta anos para o fazer, duvidava de que alguém estivesse interessado em lê-las.

Até a tagarelice de Julia teria sido bem vinda, se bem que nos dias que corriam tudo o que ela parecia capaz de falar era sobre as crianças. Mas, lembrou-se, crianças eram aquilo para o que se tinha casado com ela; crianças e Posição social. E até agora as coisas tinham corrido mais ou menos de acordo com os planos. Só que, quando passava pelas intermináveis milhas de propriedades tratadas por escravos na Gália, se via a pensar se esta busca de classe e posição valeria realmente a pena. E, depois, teriam chegado à próxima estalagem, ou à próxima *villa* pertencente a um dos amigos de Licinius. Nos braços de qualquer bonita rapariga escrava, que eles enviassem para lhe aquecer a cama, podia esquecer tanto Julia como Eilan, e, de manhã, diria para si próprio que era apenas a fadiga que tinha estado a falar, ou talvez uma natural ansiedade sobre como se comportaria em Roma. Uma vez chegado a Roma, começou a chover, pesada e ininterruptamente, como se tentando recuperar o tempo perdido.

O parente de Licinius com o qual estava a habitar era suficientemente hospitaleiro, mas Gaius rapidamente ficou farto de piadas sobre o ter trazido o seu clima bretão com ele. E nem mesmo era verdade, verdadeiramente, pois na Bretanha havia um honesto frio associado à chuva, enquanto Roma era tanto menos fria como flagelada por uma penetrante e Pestilenta humidade. Depois disto, as memórias de Gaius desse tempo ficaram para sempre ligadas ao cheiro

alcalino de estuque húmido e ao cheiro desagradável de madeira molhada.

Roma era lama e céus fumarentos; o malcheiroso odor do Tibre e os exoticamente condimentados cozinhados duma centena de nacionalidades diferentes, Roma era mármore branco e penetrantes e inebriantes perfumes; o troar de trombetas, e o chiar das mulheres do mercado e o eterno, subauricular zunido de mais gente, falando mais línguas que as que Gaius alguma vez tinha imaginado existissem, metidos à força em sete colinas cujos contornos há muito tinham desaparecido por baixo desta incrustação de humanidade. Roma era o coração pulsante do mundo.

- E esta é a tua primeira visita a Roma? - A senhora com quem Gaius estava a falar honrou-o com uma gargalhada que tilintou como as pulseiras de prata que usava. Mulheres primorosamente penteadas e homens elegantemente vestidos apinhavam-se no *atríum* do primo de Licinius, que dava a festa, e as conversas zumbiam como abelhas num pomar.

- E o que pensais da Soberana das Nações, diadema do Império? - As suas pintadas pestanas caíram coquetemente. Esta era outra pergunta que Gaius tinha ouvido tantas vezes que tinha sido forçado a decorar uma resposta.

- Penso que o esplendor da cidade é eclipsado pela beleza que a adorna - disse galantemente. Teria dito «força » e «poder » se estivesse a falar com um

homem.

isto fê-lo ganhar mais uma explosão de tilintares; nessa altura o seu hospedeiro salvou-o e levou-o para o peristilo, onde homens vestidos com toga estavam agrupados, como figuras numa peça de estatuária. Juntou-se-lhes com algum alívio. As mulheres romanas produziam nele uma espécie de paralisia como a que tinha sentido quando tinha conhecido Julía pela primeira vez.

Mas ela era honesta em comparação com as senhoras que estava a conhecer agora. Uma ou duas delas tinham-no convidado para ir para a cama, mas um vivido senso de autopreservação fez mantê-lo livre de tais enredos. Roma atraía do melhor que havia *e* se precisasse duma mulher havia cortesãs que não lhe exigiam nada a não ser o seu dinheiro, e cujas habilidades podiam banir a ansiedade, por um certo período.

Movimentar-se na sociedade romana era como comandar uma carga de cavalaria através de terreno gelado - entusiasmante enquanto durava, mas nunca se sabia quando algum traiçoeiro fragmento nos deitaria abaixo. Gaius pensou se Julia se teria podido aguentar em tal companhia. E quanto a Eilan... tentar imaginá-la aqui era como tentar imaginar um antílope selvagem, ou talvez um gato selvagem, no meio dum rebanho de bem educadas éguas de corrida: ambas eram belas, mas duma ordem de coisas completamente diferente.

- Disseram-me que serviste sob as ordens de Agricola, na Caledónia... - Gaius pestanejou, percebendo que um dos homens mais velhos estava a falar com ele. Apercebeu-se do lampejo duma larga faixa púrpura na túnica e endireitou-se, como se estivesse em frente dum oficial superior, dando voltas à cabeça para se lembrar do nome do homem. Muitos dos amigos do seu hospedeiro eram da classe dos equestres; tinha trabalhado bem para conseguir que um senador aqui viesse.

- Sim, senhor, tive essa honra, Tinha esperado poder visitá-lo aqui em Roma.

- Penso que nesta altura ele está a residir com a família nas suas propriedades na Gália - disse o senador, num tom de voz neutro. Marcellus Clodius Malleus, era esse o seu nome.

- É difícil imaginá-lo a descansar - Gaius fez uma careta.

- Teria pensado que estaria a pôr o medo dos deuses nos inimigos de Roma algures nas fronteiras, ou a levar a Pax Romana a uma das províncias.

- Realmente, poder-se-ia pensar assim - Os modos do senador animaram-se

perceptivelmente. - Mas talvez fosse mais sensato da tua parte não o dizer até estares seguro da tua companhia...

Gaius imobilizou-se, pensando uma vez mais em terreno gelado, mas Malleus continuou a sorrir.

- Há muitos aqui em Roma que apreciam as qualidades de Agricola, qualidades que parecem cada vez mais admiráveis cada vez que temos conhecimento de alguma mal conduzida campanha de outro dos nossos generais.

- Então por que não o utiliza o Imperador? - perguntou Gaius.

- Porque a vitória para as armas romanas é secundária em relação à manutenção do Imperador no poder. Quanto mais gente clama que Agricola seja enviado para fora como general, mais o nosso «senhor e deus » suspeita dele. Mais um ano e terá direito a uma nomeação para um consulado principal mas, tal como as coisas estão agora, os seus amigos têm que aconselhá-lo a não o aceitar.

- Posso ver o problema - disse Gaius pensativamente.

- Agricola é conscienciosо de mais para falhar deliberadamente, mas se tudo lhe correr bem o Imperador sentir-se-á ameaçado pelo seu sucesso. Bem, aconteça o que acontecer em Roma, ele será recordado com honra na Bretanha.

- Tacitus ficaria contente por te ouvir dizer isso - disse Malleus.

- Oh, conhecei-lo? Servi com ele na Caledónia. - A conversa virou-se para uma discussão geral sobre a campanha do Norte, a qual o senador provou ter seguido de perto. Foi apenas quando os convidados estavam a ser levados para os jardins, para verem a exibição de algumas dançarinas Bithynian, que a conversa se tornou de novo pessoal.

- Vou dar um pequeno jantar daqui a três semanas...

- Malleus pousou uma amigável mão no braço de Gaius. - Nada muito complicado, apenas uns poucos de homens que penso acharás interessantes. Dar-me-ás a honra de comparecer? Cornelius Tacitus prometeu que iria.

Desse dia em diante pareceu a Gaius que a superficial ronda de festas e entretenimentos, que o tinham começado a exasperar, tomou uma nova dimensão. Parecia como se ele estivesse finalmente a penetrar no véu com o qual a sociedade *romana se protegia* dos intrusos, e nem que fosse apenas um segmento dessa sociedade, e talvez um perigoso, mesmo isso era preferível a morrer de aborrecimento.

Uns dias mais tarde, o primo de Licinítis, cujo agnome era Corax, levou-o com ele aos jogos no novo Coliseu que Domiciano estava a construir no local onde o elaborado palácio de *Nero se* tinha erguido anteriormente.

- Há uma certa apropriabilidade na localização - observou Corax quando tomaram os seus lugares na secção reservada aos equestres, uma vez que o próprio Nero montou jogos como Roma nunca tinha visto, especialmente quando estava a *tentar* convencer toda a gente que essa esquisita seita judaica, sabes, os cristãos, tinham causado o grande incêndio.

- E foram eles? - Gaius estava a olhar à sua roda. Tinham chegado entre duas lutas, e escravos estavam a substituir a areia manchada de sangue.

- Quase nem é preciso sabotagem para começar um fogo nesta cidade, meu rapaz - disse o seu hospedeiro dum modo esquisito. - Por que é que pensas que todos os distritos têm um *guarda* de incêndios para o qual contribuímos de tão boa vontade? *Mas esse* foi particularmente mau, e o Imperador precisava dum bode expiatório para contrariar os rumores de que tinha sido ele próprio a começar o fogo!

Gaius virou-se para o fitar.

- Novos edifícios, rapaz, novos edifícios! - explicou Corax.

- Nero achava-se um arquitecto, e as pessoas que eram os donos das propriedades onde o fogo começou não queriam vender.

O fogo tornou-se incontrolável, e o Imperador *precisava de* alguém a quem culpar. Os jogos eram, na realidade, bastante horrendos, nenhuma habilidade envolvida, de todo, apenas um grupo de pobres almas que morriam mais como ovelhas que como homens.

Gaius ficou subitamente contente por, *afinal* de contas, não ter capturado

Cynric. Um lutador como *ele teria certamente* sido enviado para aqui e ele não o merecia, se bem que decerto não *se comportasse* como uma ovelha, mas mais como um lobo ou um urso.

Trombetas soaram e um arrepio de expectativa correu pela vasta multidão. Gaius sentiu as suas próprias pulsações acelerarem-se e recordou-se esquisitamente dos instantes antes de uma batalha; tinha sido a única altura em que tinha estado na presença de tantos milhares de pessoas, todos a ganharem coragem para fazer correr o sangue. Mas na guerra, pelo menos, ambos os lados corriam os mesmos riscos. Era o sangue de outros homens que estes romanos ofereciam, não o seu próprio.

Tinha visto lutas de ursos em casa, claro, para divertimento das legiões. Havia, certamente, um certo fascínio nalguns dos emparelhamentos de animais selvagens importados para os jogos. Um leão e uma girafa, por exemplo, ou um javali selvagem e uma pantera. Corax disse-lhe que numa ocasião tinha lutado uma porca prenhe e verdadeiramente dado à luz um leitão nos seus últimos estertores. Mas o verdadeiro foco da tarde estava no mais perigoso de todos os animais - o homem.

- Agora veremos verdadeira habilidade - disse Corax, quando acabaram os combates a fingir e o primeiro dos gladiadores, a pele e a armadura igualmente oleadas e brilhantes, marchou pela areia. - Este tipo de coisas é que faz com que valha a pena ver os jogos. Aquelas lutas em que atiram lá para dentro mal treinados prisioneiros de guerra ou criminosos, até mesmo mulheres e crianças, não passam dum estúpido massacre. Aqui, por exemplo, temos um Samnita e um Retarius... - indicou o primeiro gladiador, que usava grevas e um capacete com

uma viseira coroado com um tufo de penas, e estava armado com uma espada curta e um grande escudo rectangular, e o seu mais ágil oponente, brandindo a sua rede e tridente.

Gaius, treinado para julgar combatentes, viu o seu interesse profissional despertado. A toda a sua volta apostas estavam a ser feitas, com uma intensidade que quase se comparava com a dos lutadores. Corax continuou a fazer um comentário cursivo e não foi senão quando o lutador Samnita caiu, com o tridente do homem da rede na sua garganta, que percebeu que o homem, no camarote púrpura, que estava a fazer o sinal com o polegar para baixo era o Imperador.

o tridente mergulhou e o Samnita teve uma convulsão, depois imobilizou-se, o seu sangue brilhante manchando a areia. Gaius encostou-se para trás, lambendo secos lábios, a sua garganta rouca dos gritos. Devia ter estado na verdade muito concentrado para não ter ouvido as trombetas anunciando a entrada do Imperador. A esta distância apenas conseguia ver uma figura numa túnica púrpura, envolta num manto que brilhava com ouro.

Mais tarde durante a noite, enquanto o massagista de Corax o esmurrava depois de ter estado de molho no banho, Gaius apercebeu-se de que todo o seu corpo era uma massa de músculos doloridos, que tinham estado esticados uns de encontro aos outros enquanto via os Jogos. Nessa altura não tinha dado por isso.

Mas sentia também uma grande sensação de libertação. Ir ao Coliseu era, de facto, como estar numa batalha, como esse momento em que toda a existência é simplificada numa única luta, e nos vemos transportados para lá de nós próprios para nos tornarmos um só, numa totalidade maior que nós. Por um momento pareceu-lhe que percebeu porque é que os Romanos amavam os seus Jogos com uma tal paixão. Por muito perversos e inúteis que parecessem, eram movidos pela mesma força que tinha permitido às legiões conquistar metade do mundo.

A noite da festa de Malleus estava fria e ventosa, mas as ruas estavam obstruídas, como habitualmente, com vendedores de comida e barbeiros, homens apregoando potes e todos os outros tipos de mercadores de rua, na esperança doutra venda antes de a escuridão os forçar a entrar em casa. Enquanto os portadores da liteira de Gaius forçavam o seu caminho em direcção à Aventina, ocorreu-lhe que já quase se tinha habituado ao barulho, tal como se tinha habituado ao estrépito das ferradas rodas de carroça nas pedras do pavimento, que tornavam a noite quase tão barulhenta como o dia.

Mas, quando viraram para a avenida principal, ouviu um novo som. A liteira parou, e ele enfiou a cabeça pelas cortinas, para ver. Uma procissão religiosa estava a percorrer a rua; entreviu padres com a cabeça rapada e mulheres com véus. As mulheres estavam a gemer, as suas lamentações entremeadas pelo sibilar de sistros e pelo profundo estrondo dum tambor.

Apesar de a sua toga ser quente, Gaius viu-se a tremer, pois as lamentações tocaram em qualquer coisa que perturbou profundamente a sua pessoa citadina e, até, a fácil competência do homem que era em casa.

Mesmo sem lhe perceber as causas, sentiu aquela angústia como a sua própria. Era como as lamentações de Mithraeum, quando o touro era morto. outro grupo de padres passou, a seguir mais mulheres, o seu passo deslizante fazendo-lhe lembrar as sacerdotisas em casa, e depois uma liteira na qual podia ver a estátua velada a preto duma vaca dourada. Durante mais alguns momentos o bater dos tambores martelou-lhe nos ouvidos; depois a procissão passou.

Quando Gaius finalmente chegou, a festa provou ser uma reunião do género que ele tinha acabado por sentir representava o melhor na sociedade romana. A comida era simples, a companhia educada e bem informada. Gaius sentiu-se excedido, mas estes eram homens com os quais ele podia aprender.

O tópico que tinha sido proposto era «pietas » e o vinho tinha sido misturado com água, metade com metade, para que toda a gente pudesse continuar suficientemente concentrada para o discutir com seriedade.

- Admito que constitua uma dúvida se há mais que uma religião verdadeira - disse Gaius quando chegou a sua vez de falar. - Claro que cada povo tem a sua fé e devia ser autorizado a mantê-la, mas aqui em Roma parece que vós adorais mais deuses que os que eu jamais pensei que existissem. Mesmo hoje à noite, por exemplo. Vi uma espécie de procissão que parecia oriental, mas a maioria dos que a seguiam parecia serem romanos.

- Deve ter sido a ísis - observou Herermius Senecio, um dos convidados mais importantes. - Nesta altura do ano os seguidores de ísis celebram a sua procura do corpo desmembrado de Osíris. Quando ela tiver reunido os bocados, reanima o seu corpo e concebe o filho-sol Hórus de novo.

- As tribos britânicas não têm um festival nesta altura, também? - perguntou Tacitus. - Parece que me lembro de procissões nos campos, com máscaras e ossos.

- É verdade - replicou Gaius. - Em Samaine, a égua branca acompanha os seus seguidores, e o povo convida os seus antepassados a reencarnarem no ventre das mulheres da tribo.

- Talvez seja essa a resposta, então - disse Malleus. - Se bem que todos nós tenhamos diferentes nomes para os deuses, são todos em essência os mesmos, pelo que adorar qualquer deles é devoção.

- Por exemplo o deus a que nós chamamos Júpiter é conhecido pelo seu carvalho e pelo seu relâmpago - disse Tacitus.

- Os Germanos adoram-no como Donar e o Britânicos como Tanarus, ou Taranis.

Gaius não estava tão certo. Era dificil imaginar qualquer divindade céltíca a ser adorada num grande templo tal como o dedicado a Júpiter no Forum. Tinha encontrado, numa festa, uma mulher que disseram ser uma Vestal e tinha-a observado com curiosidade, mas, se bem que a mulher estivesse marcada por uma certa dignidade, e certamente mais decoro que a maioria das mulheres romanas que tinha visto, não havia nela nenhuma da nobreza que ele associava às mulheres na Casa da Floresta. Curiosamente, era mais fácil identificar a egípcia Isis, cuja procissão tinha acabado de ver, com a Grande Deusa que Eilan servia.

- Penso que o nosso amigo britânico pôs o dedo num verdadeiro problema - disse Malleus. - Decerto foi por isso que os nossos pais lutaram tão duramente para evitar que cultos estranhos, como por exemplo os de Cibele ou de Dioniso, se enraizassem em Roma. Até o templo de ísis foi queimado.

- Se incluirmos todos os povos do mundo no nosso império - contrapôs Tacitus -, então também temos de incluir os seus deuses. Nunca o negaria, pois penso que há mais honra, mais pureza de moral e mais daquilo a que se poderia chamar devoção na sala de qualquer chefe germano que na maioria das mansões em Roma. Não vejo nenhum mal nisso desde que seja dada a primeira prioridade

aos rituais que preservam o Estado.

- Isso parece ser o que o deificado Augusto tinha na ideia quando deixou que o seu culto se espalhasse por todo o Império replicou Malleus. Fez-se um curto silêncio.

«Dominus et Deus ... » - disse alguém suavemente, e Gaius lembrou-se de ouvir dizer que, hoje em dia, era assim que o Imperador gostava que se lhe dirigissem. - Ele está a ir longe de mais! Vamos voltar aos dias em que Calígula passeou o seu cavalo favorito para que todos o adorassem?

Gaius olhou à volta e percebeu, com alguma surpresa, que quem tinha falado tinha sido Flavius Clemens, uma espécie de primo do Imperador.

- *Pietas é* a essência da reverência e obrigação entre o homem e os deuses, não a adulação dum mortal! - exclamou Senecio. - Até Augusto insistiu que «Roma » fosse ligada ao seu nome. Nós não adoramos o homem, mas o seu carácter, o deus dentro dele. Acreditar que um mero humano tem a sabedoria e o poder para governar um Império como este seria na verdade uma impiedade.

- Bem, nas províncias o culto funciona como uma força de união - observou Gaius animadamente, no ainda mais desconfortável silêncio que se seguiu. - Quando ninguém sabe o que o imperador é pessoalmente, tudo o que podem fazer é adorar a ideia de um Governante Divino. Qualquer que seja a sua religião pessoal, toda a gente se pode unir para queimar incenso ao Imperador.

- Todos excepto os cristãos - observou alguém, e, excepto Flavius Clemens, todos se riram.

- Bem, não há qualquer necessidade de os perseguir e fazer mártires - notou Tacitus. - O seu apelo é maioritariamente dirigido a escravos e a mulheres. E têm tantas facções que se pode confiar neles para se destruírem uns aos outros se os deixarmos sozinhos!

Doces e queijo foram então servidos, e a conversação passou para outros assuntos. Eram todos homens civilizados, não sujeitos a mudar de opinião devido a um entusiasmo religioso. Mas Gaius não conseguia deixar de pensar se devoção, dever e obrigação mútua seriam suficientes para alimentar a alma humana. Talvez as pessoas fossem levadas para cultos como o de ísis ou o do Cristo pela aridez da religião do Estado, ou talvez os sangrentos rituais do Coliseu se tivessem tornado na verdadeira religião de Roma.

Pouco tempo depois da chegada de Gaius a Roma, o pessoal do Procurador

Imperial meteu-se ao trabalho de digerir o conteúdo do relatório de Licinius que ele tinha trazido e analisar as suas implicações para o Imperador. No entanto, os pais da cidade ainda retinham autoridade suficiente para que esta informação lhes fosse eventualmente dada, e Gaius descobriu que a influência dos seus novos amigos era suficiente para o fazerem ganhar um convite para se dirigir ao Senado e se encontrar, depois, com o Imperador.

Na manhã em que se devia apresentar, Gaius fez com que o barbeassem com uma atenção especial - se bem que, por vezes, pensasse que os barbados Ardanos e Bendeigid eram menos bárbaros que ele próprio, não pensava que fosse capaz de o explicar aos ali reunidos pais conscritos.

Era muito cedo quando chegou ao Senado e lhe foi dado um lugar por baixo duma estátua do deificado Augusto, que estava no seu pedestal parecendo tão fria e aflita como Gaius se sentia. Os senadores entraram, isolados ou em grupos de dois, falando suavemente, seguidos por secretários com as suas pilhas de placas de cera, preparados para registar os debates e as decisões do dia. Isto, reflectiu Gaius, era onde os senhores do mundo decidiam o destino de nações. Neste chão de mármore tinham debatido a defesa contra Anibal e a invasão da Bretanha.

O rio do tempo fluía fortemente nesta câmara; em comparação, até o orgulho dos Césares não passava de uma ondulação na corrente.

O Imperador chegou na altura em que as invocações de abertura estavam a começar, resplandecente numa toga púrpura, toda bordada com estrelas douradas, que fizeram Gaius piscar. já tinha ouvido falar da toga picta, mas tinha Pensado que era usada apenas por um general quando presidia ao seu triunfo. Era bastante perturbador vê-la a ser usada aqui, e pensou se Domiciano queria ser olhado como um conquistador, ou se era simplesmente um aficcionado de vestuário berrante. Esta era a primeira vez que Gaius via o seu Imperador tão próximo. O filho mais novo do grande Vespasiano tinha o pescoço de touro e os bem musculados ombros dum soldado, mas Gaius leu petulância no esgar da sua boca e suspeição nos seus olhos.

Era quase altura do intervalo do meio-dia quando foi feito sinal a Gaius para se chegar à frente a *fim* de ler o relatório de Licinius sobre as finanças da Bretanha. Fizeram-lhe algumas perguntas, a maioria sobre questões relacionadas com recursos, e uma de Clodius Malleus que deu a oportunidade a Gaius de referir o papel que tinha desempenhado no controlo da última rebelião. Apesar de alguma instrução recente em oratória, sentiu que os devia ter maçado, embora no fim do seu discurso lhe tivessem votado uma indiferente ronda de aplausos e - como Licinius tinha previsto - confirmado que, para o próximo ano, uma razoável percentagem do dinheiro dos impostos que tinham cobrado podia ser retida na Bretanha. Visto ser esta a razão pela qual Licinius o tinha enviado, em primeiro lugar, Gaius dificilmente podia ficar surpreendido.

O encontro com Domiciano que se seguiu foi breve. A caminho doutro compromisso, o Imperador já estava a remover a deslumbrante toga, mas deteve-se o tempo suficiente para dar a Gaius uma descuidada palavra de agradecimento.

- Tens estado no exército? - perguntou.

- Como tribuno com a II Legião. Tive o privilégio de servir sob as vossas ordens na Dácia - disse Gaius cuidadosamente.

- Hmm... Bem, então suponho que temos que te encontrar alguma coisa para fazer nas Províncias - disse o Imperador sem muito interesse, virando-se.

- *Dominus et Deus* - disse Gaius, saudando, e odiando-se a si próprio por dizer as palavras.

A caminho de casa Gaius partilhou uma liteira com Clodius Malleus. Era a primeira vez em que tinham tido a oportunidade de falar em privado durante todo o dia.

- E o que pensaste do Senado? - perguntou o homem mais velho.

- Fez-me sentir orgulhoso de ser romano - respondeu Gaius honestamente.

- E o Imperador?

Gaius ficou silencioso. Depois de um momento ouviu o senador suspirar.

- Viste como as coisas estão - disse Malleus suavemente.

- Uma protecção como a que tenho para oferecer deve ser dada cuidadosamente, pelo menos por agora. Mas se estiveres disposto a enfrentar os riscos que este vínculo te possa trazer, juntamente com as suas potenciais recompensas, ficaria feliz por te aceitar entre os meus clientes. Posso fazer com que o teu serviço seja o de Procurador para os fornecimentos do exército na Bretanha. Normalmente seria noutro local qualquer no Império, mas penso que serás mais útil para nós na terra que conheces melhor.

Aquele «nós » colegial fez qualquer coisa nele, que a falta de interesse do

Imperador tinha gelado, acordar para a vida de novo.

A Roma que o seu pai e Licinius o tinham ensinado a honrar podia estar morta, mas pareceu a Gaius que, sob a chefia de homens como Malleus e Agricola, o espírito de Roma podia renascer.

- Ficaria honrado - disse para o silêncio, e soube que, tal como a decisão que tinha tomado depois de Mons Grapius, esta escolha determinaria o curso da sua vida a partir de agora.

VINTE E QUATRO

As sacerdotisas adoravam a lua nova no Bosque Sagrado atrás da Casa da Floresta, seguindo um ritual que não tinha sido inventado pelos homens, e ao qual estes não eram autorizados a assistir. Caillean olhava enquanto as noviças se punham em fila para completar o círculo, sentindo-se mais como uma mãe galinha contando as suas franguinhas, ou, talvez, vendo o pálido brilho dos seus vestidos à meia luz, jovens cisnes prestes a tornar-se adultos.

Por um momento houve silêncio enquanto o círculo se completava. Pôs-se em posição, em frente do marco de pedras do altar, Dieda à sua esquerda e Miellyn à sua direita, lugar que era habitualmente o seu. Mas, nesta noite, Eilan estava doente com cólicas e o lugar da Grã Sacerdotisa tinha recaído em Caillean. Era estranho estar aqui, e estranho não sentir a familiar energia da mulher mais nova a equilibrar a sua.

Dieda levantou a mão, e o silêncio foi quebrado por um tilintar de sinos de prata.

«Salve, tu Lua Nova, joia guia da bondade », cantaram as donzelas, quase uma boa dúzia, todas vindas para a Casa da Floresta desde que Eilan se tinha tornado na Grã Sacerdotisa. As últimas a chegar tinham sido atraídas pela música de Dieda. Quando o velho Ardanos tinha planeado introduzir as suas duas parentas em Vernemeton, tinha trabalhado melhor que o que tinha pensado. Caillean ouviu aquelas vozes puras a oferecer a sua oração aos céus e suspirou em pura delícia.

«Para vós me ajoelho, A vós ofereço o meu amor; *Para vós me ajoelho, A vós ofereço a minha mão Para vós levanto o olhar Oh, Lua Nova das estações!»*

Elas inclinavam-se quando diziam cada frase, depois levantavam-se em súplica, olhos fixos na foice prateada em cima, de tal modo que o seu canto se transformava numa dança, Agora, começaram a mover-se lentamente, na direcção do movimento do Sol à volta do círculo, os braços levantados para o céu.

«Salve, tu Lua Nova, Jubilosa virgem minha amada! Salve, tu Lua Nova Jubilosa virgem das graças! Estais viajando na vossa rota, Estais a mostrar-nos a tua brilhante face, Oh Lua Nova das estações!»

Caillean deixou o seu olhar desfocar-se e permitiu que o ritmo do cântico a transportasse ainda mais profundamente para o transe. Tornava-se cada vez mais fácil. Tinha havido um período estéril na sua vida, quando nada mais parecia ter sentido. Mas, graças à deusa, isso parecia ter sido ultrapassado. Com o fim das suas regras, os portões do seu espírito tinham-se aberto e em cada estação que passava sentia cada vez com mais força as vagas do poder.

«E é por causa de ti, Eilan », pensou, enviando a sua consciência a voar em direcção à escura massa da Casa da Floresta, atrás das árvores. «Consegues ouvir como as tuas irmãs estão a cantar docemente agora?»

Espontaneamente, os seus próprios braços também se estavam a abrir; as raparigas que cercavam o altar pareciam mover-se num ofuscamento de luz.

«Vós Rainha-Virgem da orientação, Vós Rainha-Virgem da boa sorte, Vós Rainha-Virgem, minha amada Lua Nova das estações!»

Uma vez mais as campainhas tilintaram docemente e o canto desvaneceu-se em silêncio, mas este, agora, era um silêncio carregado, prenhe de poder. Caillean estendeu os braços e sentiu o choque da perfeição quando as outras duas lhe agarraram nas mãos; uma segunda mudança disse-lhe que as donzelas tinham juntado as mãos em círculo ao seu redor.

- Saibam, ó minhas irmãs, que o poder da Lua é o Poder das mulheres, a luz que brilha na escuridão, as marés que dominam os planos interiores. A virgem Lua governa todo o crescimento e todos os começos, e é assim que nós retiramos o seu poder para aqueles propósitos para os quais a nossa ajuda tem sido requisitada. Irmãs, estais dispostas a emprestar a vossa energia ao trabalho que estamos agora a fazer?

Houve um murmúrio de assentimento do círculo e Caillean assentou os pés mais firmemente na fria relva.

- Chamamos a Deusa, a Senhora da Vida, cujo traje é o céu estrelado; ela à a noiva Virgem, a mãe de tudo o que vive, a sabedoria para lá dos círculos do mundo. Ela é todas as deusas, e todas as deusas são uma Deusa; em todas as Suas fases, em todas as nossas faces, pois Ela resplandece nos céus, Ela resplandece dentro de todas nós! - Era como se ela tentasse respirar contra o vento. - Deusa, ouvi-nos... - chamou.

- Deusa, vinde para junto de nós... - ecoaram as outras.

- Deusa, ouvi-nos agora! - A tensão era quase insuportável; agora podia senti-la a vibrar pelas mãos ligadas às suas.

- Pela saúde de Bethoc, mãe de Ambigatos, levantamos este poder!

Ouviu Dieda entoar a primeira nota do acorde de cura e um quarto do círculo juntar-se a ela, o som baixo e vibrante como uma corda duma harpa, mas mais profundo, mais doce, mais alto, a repetir-se ininterruptamente. Então veio a segunda nota; agora, metade do círculo estava a cantar; e a terceira, quando o acorde se encorpou e se completou numa nota alta, acima da qual se elevou a voz de Dieda, numa límpida melodia, como uma cotovia a voar para o céu. Era um princípio usado pelos harpistas de Eriu na sua magia, mas tinha sido ideia de Eilan aplicá-lo aos cânticos, e tinha sido Dieda que tinha trabalhado a sua técnica e ensinado as raparigas. Estar no meio daquele canto era como estar dentro duma harpa. E, gradualmente, à medida que as suas vozes se combinavam, Caillean começou, também, a tocar os espíritos das outras.

«Estou a voar muito alto com asas de luz.» Caillean não podia dizer de quem tinha sido este pensamento, nem isso importava, pois nesta altura, quando estavam unidas, ela sentia o mesmo.

«Vejo arco-íris à volta da Lua... na luz do Sol ... na queda de água... todo o mundo emite uma trémula luz ...

«Água gelada... o calor duma fogueira... A suavidade da penugem dum patinho... os braços da minha mãe ... »

Nesta dissolução de sons todos os sentidos se confundiam, Apenas a mente de Dieda se conservava distinta das outras... crítica, e ainda insatisfeita.

«Respirai agora e aguentai... Tanais está a vacilar. Espera, espera », Rhian devia entrar agora com a quinta nota «assim é melhor. Agora, façamos subi-las, ao longo da escala - permaneçam comigo, todas vós - mantenham a harmonia!»

As últimas irregularidades desapareceram. As vozes unidas das mulheres subiram em conjunto para se tornarem a voz da Deusa. Durante um certo tempo até o monólogo interior de Dieda cessou. Caillean sentiu alguma tensão no relaxar da outra mulher quando o acorde vibrou com uma intensidade inumana. E, se bem que a própria Caillean fosse uma autodidacta, e não tivesse palavras para descrever a exactidão do que tinha ouvido, era suficientemente boa cantora para perceber o êxtase dum músico treinado experimentando uma harmonia perfeita.

Foi necessário um esforço para que Caillean se recompusesse, para poder alcançar a energia que pulsava à sua volta e juntá-la, mantendo na sua mente a imagem da mulher doente pela qual estavam a trabalhar. Podia vê-lo agora, uma bruma de poder que ficava cada vez mais brilhante cada vez que respiravam.

Caillean puxou o Poder para o interior, projectando sobre ele a imagem até que todas a pudessem ver, tremulando por cima do monte de pedras. O som cresceu até que pareceu que ela não o conseguia aguentar mais. Os seus braços levantaram-se - todos os braços delas estavam a levantar-se espontaneamente, quando o Poder jorrou num pilar de luz, uma vaga de puro som a enviar força à mulher doente. E, depois, desapareceu. Acalmaram-se, respirando como se tivessem estado a correr, sabendo que tinham sido bem sucedidas.

Invocaram o Poder mais duas vezes nessa noite para curar e, uma última vez para se reabastecerem de alguma da energia que tinham perdido. Quando tudo tinha acabado, uma certa medida de paz tinha voltado, mesmo aos olhos de Dieda. Depois, com um murmúrio final de agradecimento, formaram *em* fila para voltarem para a Casa da Floresta, para comerem e se deitarem. Mas Caillean, apesar do cansada que estava, dirigiu-se ao edifício separado onde a Grã Sacerdotisa tinha os seus alojamentos, para dizer a Eilan como tudo se tinha passado.

- Não tens que me contar... - disse Eilan quando Caillean entrou no seu quarto. - Mesmo daqui consegui ouvir-vos, pude sentir o Poder. - A mulher mais velha parecia iluminada a partir do seu interior.

- É verdade, Eilan. É este o trabalho para que fomos destinadas! Quando era uma criança que servia Lhiannon era com este género de coisas que eu sonhava, mas depois os druidas fecharam-nos aqui e a visão perdeu-se. Apesar de todo o meu conhecimento não sabia como voltar a encontrá-la de novo até tu me ensinares a maneira.

- Tê-la-ias encontrado... - Eilan sentou-se na cama e forçou um sorriso. Ainda se sentia mal e dolorida, como era frequente nesta altura da Lua. Cada vez mais, sentia-se convencida que em tempos passados Caillean tinha sido uma das maiores sacerdotisas. Muito do que estavam a fazer agora na Casa da Floresta vinha em esguichos de certeza, como se não o estivessem a inventar, mas lembrando-se. Admitia que também ela tinha sido uma sacerdotisa, mas enquanto ela tinha a visão, havia alturas em que Caillean era capaz de invocar um poder espantoso.

- Tenho pensado muitas vezes que tu é que devias ter sido escolhida para ser Grã Sacerdotisa em vez de mim, Caillean lançou-lhe um rápido olhar.

- Outrora tê-lo-ia pensado também - disse. - Agora não o quero.

- Mulher sensata! Mas mesmo assim, se tivesses que o fazer, podias fazê-lo. - Havia, agora, mais prateado no escuro cabelo de Caillean, pensou Eilan, mas excepto por isso estava pouco diferente da mulher que, há dez anos, tinha dado à luz o filho de Mairi.

- Ainda bem que agora não tenho que o fazer - disse Caillean rapidamente. - Apenas para obter algumas decisões tuas. Tivemos um pedido bastante estranho. Um estranho personagem dessa seita romana a que chamam Cristãos quer ir viver para a velha cabana na floresta. Chama-se a si próprio um eremita. Digo-lhe que pode ficar ali ou mando-o embora?

- Acho que pode - disse Eilan, pensativamente. - Não faço tenções de mandar para lá mais mulheres de castigo, nem, suponho, tu, e todos os Ravens já descobriram novos esconderijos. - Sentiu uma pancada de dor ao pensar num estranho a viver no lugar em que tinha dado à luz e dado de mamar ao filho, mas não havia razão para sentimentalismos.

- Muito bem - disse Caillean. - E se Ardanos objectar posso apontar o precedente estabelecido quando deixaram os Cristãos construir a capela do espinheiro branco na Ilha das Maçãs, por baixo do Poço Sagrado.

- Estiveste lá alguma vez?

- Há muito tempo, quando era muito mais nova - replicou Caillean. - O País de Verão é uma terra estranha, toda brejo, lagos e urze. Se há alguma chuva, o Tor transforma-se numa ilha. A bruma cai na terra, por vezes de tal modo, que pensas que a curva seguinte te transportará para o Outro Mundo; e, então, um raio de luz do Sol atravessa as nuvens e tu vês o Tor sagrado com o seu anel de pedras.

Ao ouvir Caillean, Eilan sentiu como se quase o pudesse ver. Depois, estava a vê-lo, um relâmpago de visão tão inesperado quanto tinha sido transitório - mas Caillean também tinha feito parte da visão, deslizando pelas brumas em direcção à colina num barco de fundo chato, zingado pelos pequenos homens escuros das montanhas, com algumas das sacerdotisas noviças amontoadas na popa. Mas Caillean mantinha-se de pé, com ouro no seu pescoço e na testa.

- Caillean - começou, e pelo tamanho dos olhos da outra mulher, podia dizer que alguma coisa do que tinha visto devia ter transparecido na sua expressão -, tu serás Grã Sacerdotisa na Ilha das Maçãs. Vi-o. Levarás as mulheres para lá.

- Quando... - começou Caillean, e Eilan abanou a cabeça.

- Não sei! - Ela suspirou, pois a visão, como tantas vezes acontecia, tinha sido apenas um vislumbre. - Mas parece um local seguro, escondido dos olhos romanos. Talvez devamos pensar em instalar lá algumas das sacerdotisas.

A nova posição de Gaius obrigava-o a passar muito tempo em viagens pelo país. Uma vez que, nessa altura, o armazém de abastecimentos principal tinha sido estabelecido em Deva, agora ocupada pela XX Legião, fez sentido para ele mudar a família para uma agradável propriedade, a que chamaram Villa Severina, a sul da cidade. Julía não ficou feliz por abandonar Londinium, mas habituou-se à vida do campo com uma resignação estoica, e um ano depois da sua chegada ao Oeste deu à luz duas gémeas a quem chamou, prosaicamente, Tertia e Quarta. A última era tão pequena que rapidamente passaram a chamar-lhe Quartilla.

- Mas porquê? - perguntou Licinius. O velho tinha vindo para fazer uma visita a fim de conhecer as suas duas novas netas.

- Não conseguis adivinhar? - perguntou Julia, mas sem humor. - Se ela fosse um jarro, teríamos de lhe chamar meia dose, nem sequer um quarto. - O pai olhou para ela com estranheza, e ela percebeu que não tinha sido uma grande piada.

- Mas, também, Quartilla não era grande coisa como bebé.

Ela achava difícil interessar-se pelos bebés. Quando a sua barriga cresceu tanto, tinha tido a certeza que estava finalmente quase a gerar um robusto filho a Gaius. Certamente que passar por um trabalho tão duro sem outro resultado senão um par de filhas, uma das quais era adoentada, não era razão para uma depressão?

recuperou lentamente, pois tinha sido muito rasgada durante o parto, e quando se tornou claro que não podia amamentar as crianças ela própria, entregou-as a amas de leite sem quase sentir nada. Quanto mais cedo outra vez estivesse fértil de novo mais depressa podia tentar outra vez, para ver se tinha um rapaz. O médico grego tinha alvitrado que podia ser perigoso, mas ele era apenas um escravo, e as ameaças de Julia evitaram que dissesse o que quer que fosse, tanto a Gaius como ao seu pai.

«Da próxima vez », jurou, «construirei um templo a Juno, em Deva, se tiver que ser - mas da próxima vez será um rapaz!» Contudo, à medida que as crianças cresciam, Julia foi-se habituando a viver a maior parte do tempo entre as suaves colinas a sul de Deva, e a ficar na casa do seu pai, em Londinium, apenas durante o Inverno. Licinius amava as crianças, e já estava à procura de famílias com quem as aliar pelo casamento.

Gaius era um pai de algum modo indiferente, mas ela não tinha esperado mais. Sabia que se encontrava adoentada, e que por vezes ele dormia com uma

das raparigas escravas, mas enquanto ele também cumprisse o seu dever na cama dela dificilmente podia objectar a que ele o fizesse. Tinha-se casado para ganhar o estatuto de matrona e para dar ao seu pai um herdeiro. A sua relação com Gaius era de respeito mútuo e afecto; para uma rapariga romana de boas famílias qualquer coisa mais teria sido improvável.

Ao ver os escândalos e os divórcios que aconteciam, mesmo na pálida imitação da sociedade romana que Londinium era, parecia-lhe que ela e Gaius eram um dos poucos casais que tinham conseguido preservar os antigos valores romanos. O seu casamento era bom, e havia mesmo alturas, ao ver as suas filhas a brincar juntas no jardim da *villa,* com as suas túnicas brilhantes como flores contra o fundo de verdura, em que Julia sentia que talvez não se tivesse portado assim tão mal como mãe.

E pouco depois de as gémeas terem celebrado o seu segundo aniversário, ela ficou grávida outra vez.

Depois de um longo período de chuva, durante o qual as crianças protestaram e se lamentaram por terem de ser mantidas dentro de casa, o tempo tinha finalmente ficado mais quente. Julia estava sentada na varanda que tinham construído ao longo da parte da frente da casa quando acrescentaram as alas laterais, Pretensamente, estava a examinar as contas da casa, mas, na realidade, estava amodorrada à luz do Sol. As suas mãos repousavam levemente no arredondado da barriga, onde podia sentir os movimentos da criança no interior, um filho de certeza. Não se tinha mexido muito ultimamente e admitia que o tempo quente tinha tornado o bebé tão apático como ela se sentia. Julia jazia imóvel, com os olhos meio fechados para se proteger da luz do Sol, a ouvir o

canto dos pássaros e as vozes dos escravos da propriedade enquanto estes se afadigavam com as tarefas da quinta. Gaius costumava dizer que a casa de Julia funcionava sempre com a eficiência dum acampamento da legião. Ela sabia, sem ter de procurar, onde cada um dos seus servidores estaria e o que ele ou ela se encontraria a fazer a cada hora do dia.

- ... a brincar no jardim. - Era a voz da robusta rapariga gaulesa cujo trabalho era vigiar as crianças.

- Isso é que elas não estão! - replicou a velha Lydia, que dirigia o infantário. - As gémeas estão a *comer* a refeição do meio-dia e Cella está a ajudar o cozinheiro a fazer bolos. Mas Secunda está mesmo naquela idade em que quando as largam de vista saem em exploração...

- Ela estava no jardim... - disse a rapariga fracamente.

- E onde estavas tu? A namorar com o valete do senhor outra vez? - replicou Lydia. - Bem, ela não pode ter ido longe. Vai lá para fora e procura-a enquanto eu chamo alguns dos homens para te ajudarem. Mas juro que providenciarei pessoalmente que sejas chicoteada se aconteceu algum mal à criança! No que é que estavas a pensar? Sabes que a senhora não se deve preocupar com a hora dela tão perto!

Julia franziu o sobrolho, debatendo consigo própria se se devia levantar e falar com elas. Mas esta gravidez tinha-lhe minado a energia e a vontade e, de certeza, Secunda havia de aparecer rapidamente.

À distância, ela ouviu mais vozes e os tons mais profundos de Gaius fazendo perguntas. «Bem », pensou então, «conseguiram que ele saísse à procura. É altura de ele se mexer mais no que diz respeito às crianças.»

Inclinou-se para trás de novo, sabendo que tinha de descansar por causa do seu filho ainda não nascido, mas, à medida que os momentos passavam, sentiu a tensão obrigá-la a levantar-se outra vez. Agora mal conseguia ouvir os chamamentos. Até onde tinha Secunda ido?

A sombra no relógio de sol tinha-se deslocado quase até à hora seguinte quando ouviu vozes abafadas e passos a pisar a gravilha do caminho. Eles tinham-na encontrado - *mas* por que estavam tão silenciosos? Secunda devia estar a chorar se o pai lhe tivesse batido como ela merecia. Um arrepio correu pelo corpo de Julia. puxou por si própria até ficar *em* pé, agarrando-se ao pilar, quando a pequena procissão emergiu do meio das árvores.

Viu a cabeça escura de Gaius e tentou chamar por ele, mas as palavras não lhe saíam. Então, o jardineiro moveu-se para um lado e ela viu que ele estava a segurar Secunda nos braços. Mas, mesmo a dormir, ela nunca tinha visto a sua pequenina jazer tão imóvel.

«Por que é que ela não se está a mexer?» Os seus lábios torceram-se sem emitir qualquer som.

Gaius chegou-se à frente, o rosto que se contraía já coberto de lágrimas. Mais água pingava do vestido cor-de-rosa de Secunda, e os seus negros caracóis estavam colados ao crânio. Julia ficou a olhar fixamente, o choque a gelar-lhe as veias.

- Ela estava no rio - disse ele roucamente -, na orla do campo. Tentei soprar a vida de novo para dentro dela. Tentei... - engoliu, olhando para a pequena face fechada, agora pálida como mármore.

Não, pensou Julia entorpecidamente, Secunda nunca mais voltaria a respirar. Pestanejou, pensando porque seria que o mundo se teria tornado tão sombrio à sua volta. Depois sentiu uma dilacerante dor no ventre.

As horas seguintes foram uma confusão de lamentos e dor. Lembrava-se de ouvir Gaius jurar que esfolaria a rapariga gaulesa, e Licinius a tentar acalmá-lo. Algo estava errado com Secunda... Tentou levantar-se e ir até ela, mas as suas mulheres não paravam de a empurrar para baixo. E depois a dor no seu ventre começava outra vez. Em momentos de maior lucidez, Julia percebia que isto estava errado. Estava familiarizada com as dores do parto, mas ainda mal estava de seis meses. «Deuses, se tendes alguma piedade, fazei com que pare. Levásteis a minha filha... não deixeis que perca o meu filho!»

Era quase o crepúsculo quando teve uma convulsão e sentiu um último esguicho quente de sangue entre as coxas. Lydia inclinou-se sobre ela, praguejando em voz baixa. Julia sentiu a pressão quando a mulher comprimiu mais roupas entre as suas pernas para parar a hemorragia. Mas, por um momento, tinha visto de relance outra coisa, uma coisa pequena e apurpurada que não se mexia.

- O meu filho! - O seu murmúrio foi um fio de som.

- Deixem-me pegar nele, por favor!

A chorar, Lydia trouxe algo embrulhado numa roupa sangrenta e pousou-o na

curva do seu braço. A face tinha sido limpa, e ela podia ver as minúsculas, perfeitas feições, como as pétalas de uma rosa seca.

Ainda estava a segurar nele quando finalmente deixaram Gaius entrar para a ver.

- Os deuses odeiam-me - murmurou ela, lágrimas a deslizarem-lhe pela cara.

Ele ajoelhou a seu lado, afastou-lhe o cabelo molhado da testa e beijou-a com mais ternura que ela esperava. Por um momento ele ficou a olhar para o filho natimorto, e depois, gentilmente, puxou uma dobra da roupa por cima da sua face e ergueu-o. Ela fez um convulsivo movimento para o deter, mas mal se podia mexer. Ficou com o filho nos braços durante uns instantes, como qualquer pai prestes a reconhecer o seu filho recém-nascido, depois entregou a imóvel forma a Lydia para que o levasse. Julia voltou a cara para a almofada, chorando.

- Deixem-me morrer! Falhei, deixem-me morrer!

- Isso não é verdade, minha pobre querida. Ainda tens três rapariguinhas que precisam de ti. Não deves chorar assim.

- O meu bebé, o meu rapazinho está morto!

- Chiu, meu amor - Gaius tentou acalmá-la, olhando para o seu sogro, que tinha entrado no quarto atrás dele, num apelo.

- Ainda não somos velhos, minha querida. Se os deuses quiserem, podemos ainda ter muitas crianças...

Licinius também se inclinou para a beijar.

- E se não tiveres nenhum filho, minha querida filha, o que é que isso tem? Tens sido uma melhor filha para mim que muitos filhos, isso to juro.

- Agora deves pensar nas tuas filhas que estão vivas - disse Gaius.

Julía sentiu o desespero a brotar-lhe no interior.

- Nunca prestaste nenhuma atenção à Secunda. Por que te importarias agora com as outras? Apenas te importas que tenha perdido o teu filho.

- Não - disse Gaius muito suavemente -, não preciso que me dês um filho. Deves dormir agora. - Pôs-se de pé, olhando para baixo, para ela. - O sono cura muitas tristezas, e amanhã sentirás de outro modo.

Mas Julia, lembrando-se das delicadamente cinzeladas feições do seu rapazinho, não o ouviu verdadeiramente.

À medida que as lentas semanas da recuperação de Julia se passavam, Gaius descobriu que o entristecia mais a dor dela que quaisquer sentimentos próprios. Tinha estado longe de casa quando Secunda nasceu, e não tinha sentido uma grande afeição por ela. Nem conseguia levar-se a lamentar de mais por causa de uma de quatro raparigas.

Contudo, quando pensava no filho que tinham perdido, não conseguia deixar de pensar no seu filho de Eilan. Na sociedade romana, a adopção de um rapaz saudável de outra família era uma solução tradicional. Se Julia não tivesse filhos machos, e depois de uma consulta ao médico isso começou a parecer improvável, era menos provável que pusesse objecções ao facto de ele reivindicar o filho de Eilan. E ele gostava das suas filhas, se bem que não sentisse nenhum vínculo como tinha sentido com o seu filho primogénito.

Mas havia tempo mais que suficiente para isso quando Julia estivesse de boa saúde outra vez. Na esperança de que pelo menos a distraísse da sua tristeza, concordou em levarjulia numa peregrinação ao santuário da Deusa Mãe, perto de Venta, mas a viagem fez pouco para a ajudar a recuperar a saúde e a moral, e quando se ofereceu para mudar a família de volta a Londinium ela não quis ir.

- É aqui que os nossos filhos estão enterrados - disse-lhe ela. - Não os deixarei aqui.

Em privado Gaius considerou isto pouco razoável. Apesar das crenças nativas que a terra dos Silures possuíam a entrada para o Outro Mundo, a ele parecia-lhe que nenhum lugar terreno podia estar mais perto ou mais longe do que qualquer outro da Terra dos Mortos, mas cedeu à vontade de Julia e ficaram.

Pelo final desse ano chegaram notícias de que Agricola também tinha morrido.

Como Tacitus gosta de dizer, escreveu Licinius Corax, «É *um princípio da natureza humana odiar aqueles a quem fizemos mal.» Mas até o nosso Divino Imperadorpodía encontrarpouco em Agricola que justificasse a sua ira, e assim o nosso amigo escapou ao desfavor oficial. De facto, o Imperador foi notavelmente solícito ao longo da doença de Agricola, se bem que haja alguns que murmuram que o general foi levado pelo veneno; para mim, penso que a causa foi um coração despedaçado por testemunhar a desonra de Roma. Pode ser que ele esteja bem fora daqui, e que sejamos nós que estejamos bem cedo a desejar ter ido antes. Fica contente por estares a salvo, fora da vista, na Bretanha...*

No ano que se seguiu, Licinius aposentou-se e veio montar casa com eles, pelo que acrescentaram mais uma ala à Villa Severina, e o último ano do serviço de Gaius como Procurador para os abastecimentos começou. Tinha esperado que quando tivesse terminado o período do seu cargo, o Senador Malleus fosse capaz de conseguir que ele fosse nomeado para uma posição superior, mas esse ano trouxe notícias perturbadoras.

O Imperador estava a ficar cada vez mais autocrático e desconfiado. Como líder militar tinha sido razoavelmente bem sucedido, mas parecia considerar os seus sucessos como prova do favor divino, e estava a fazer o seu melhor, escreveu o primo de Licinius, Corax, para destruir o poder que restava à classe dos patrícios.

Gaius pensou se isto seria a faísca que poria os tições da rebelião em chamas, mas a coisa seguinte que ouviram foi que Herennius Senecio e alguns outros tinham sido executados por traição.

Gaius percebeu que o mais provável era a sua carreira ficar em banho-maria por algum tempo. O seu patrono, Senador Malleus, se bem que não tivesse sido acusado, tinha achado prudente retirar-se para as suas propriedades na Campânia. E assim, quando Gaius completou o seu prazo do seu serviço como Procurador, pôs de lado a visita a Roma que tinha planeado se lhe seguiria e, tal como o seu patrono, decidiu devotar-se ele próprio, durante um certo tempo, a melhorar a produtividade das suas terras.

Agora começou finalmente a estabelecer uma amizade mais forte com as filhas que lhe restavam, mas Julia continuou deprimida e adoentada. Se bem que ainda partilhassem uma cama, estava-se a tornar cada vez mais evidente que era pouco provável que ela lhe desse um filho.

Nesta altura o filho de Eilan devia estar com dez anos de idade. Mesmo um pai que não estava precisamente nas boas graças do Imperador podia garantir à criança um futuro melhor que uma sacerdotisa bretã que tinha de esconder o próprio facto da sua existência e, certamente, Julia preferiria criar um filho seu que o de um estranho - se bem que ele nunca pudesse estar muito certo sobre o que Julia sentia. E, afinal de contas, Gaius podia assegurar-lhe - e seria a verdade

- que o rapaz tinha sido procriado antes de ele ter sequer posto os olhos nela.

A Casa da Floresta estava a pouco mais de um dia de viagem a cavalo. O seu filho podia estar a viver mesmo para lá da próxima colina, reflectiu Gaius, olhando em direcção ao Sul, através das árvores. Mas viu que estava estranhamente receoso de enfrentar Eilan novamente. Odiaria ela Roma? Odiava-o, a ele? A rapariga que tinha amado quando era um rapaz tinha-se ido, transformada na terrível sacerdotisa de Vernemeton. Por vezes parecia-lhe que a mulher com quem se tinha casado também se tinha ido, toda a alegria que o tinha atraído morta com o seu filho.

Gaius tinha sido razoavelmente bem sucedido na sua carreira, se bem que dificilmente se pudesse dizer que tinha satisfeito os sonhos do seu pai. Ocorreu-lhe, no entanto, que tinha tido pouco que amar. Na sua vida tinha estado muitas vezes sozinho, mas a disciplina do seu pai, ou a do exército, tinha-o mantido ocupado de mais para se preocupar com isso. Mas, à medida que o ano se passava Gaius viu que, se bem que a administração da propriedade exercitasse o corpo, deixava-lhe a mente livre para vaguear e foi perseguido por sonhos da sua infância.

Talvez fosse todo o tempo que estava a dedicar à terra que estava a estimular as suas memórias da época em que todo o mundo era maravilhoso e uma novidade. Não se tinha permitido a si próprio pensar na mãe enquanto era criança, mas agora sonhava com ela. Sentia-a a agarrá-lo, ouvia as suas doces canções de embalar e acordava em lágrimas, pedindo-lhe que não o deixasse sozinho.

Mas ela tinha partido para a Terra dos Mortos, Eilan tinha-o deixado pela Deusa que servia, e agora Julia estava também a afastar-se dele. Haveria jamais alguém, pensou, que pudesse simplesmente amar sem tentar modificá-lo, alguém cujo amor pudesse resistir?

Nessa altura Gaius lembrava-se de como se tinha sentido quando tinha tido o filho nos braços. Mas quando quer que começasse a planear como encontrar o rapaz, via-se a vacilar à ideia da possibilidade que, quando se encontrassem, o seu filho, no fim de tudo, não se importasse. E assim não fez nada.

Um dia, quando Gaius andava atrás dos porcos selvagens que tinham andado a fossar nos seus jardins, reparou que tinha chegado à floresta, por cima da Casa da Floresta, onde Eilan tinha dado à luz o filho deles, e viu-se a encaminhar o cavalo pelo caminho abaixo. Sabia que Eilan não iria estar lá, mas talvez estivesse alguém que lhe pudesse dar notícias dela. Mesmo se ela o odiasse, dificilmente poderia recusar-se a dar-lhe notícias do filho deles.

Primeiro pensou que o local estava deserto. A promessa da Primavera enrubescia os ramos das árvores, com os seus sólidos botões de folhagem, mas o tecto de vime da cabana estava estragado e descorado pelo tempo, e o chão uma confusão de paus derrubados na última tempestade e folhas mortas, já do ano passado. Depois viu uma fina neblina de fumo a filtrar-se pela colmagem. O cavalo resfolegou quando ele puxou pelo freio, e um homem espreitou para fora.

- Bem vindo, meu filho - disse ele -, quem és tu e por que vieste?

Gaius deu o seu nome, olhando para o sujeito com curiosidade.

- E quem podeis vós ser? - perguntou. O homem era alto, com uma face queimada pelo sol, cabelo escuro como a noite, vestido numa grosseira veste de pele de cabra por cima de uma esparsa barba suja.

Gaius pensou se não seria algum vagabundo sem casa que se tivesse refugiado no não utilizado edifício; depois viu os paus cruzados que estavam pendurados no pescoço do homem por um fio e percebeu que devia ser alguma espécie de cristão, talvez um daqueles eremitas que se estavam, nestes últimos anos, a espalhar dum lado ao outro do Império. Gaius tinha ouvido falar deles no Egipto e no Norte de África mas era estranho ver um aqui.

- O que estais aqui a fazer? - perguntou outra vez.

- Vim para ministrar aos perdidos de Deus - respondeu o eremita. - No mundo era conhecido por Lycias; agora chamo-me Padre Petros. Decerto Deus enviou-te até mim porque estás necessitado. O que posso fazer por ti?

- Como sabes que foi Deus que me enviou até ti? - perguntou Gaius, divertido com a simplicidade do homem.

- Estás aqui, não estás? - perguntou o Padre Petros. Encolheu os ombros e Petros continuou.

- Acredita em mim, meu filho, nada acontece sem o conhecimento do Deus que colocou as estrelas nos seus lugares.

- Nada? - disse Gaius com uma amargura que o surpreendeu. Reparou que, nalgum ponto durante estes três últimos anos, talvez quando soube da morte de Agricola, ou talvez enquanto via o sofrimento de Julia, tinha deixado de acreditar nos deuses.

- Então talvez me possas dizer que espécie de deidade tiraria um filho e uma filha a uma mãe que os amava?

- É esse o teu problema? - O Padre Petros abriu completamente a porta. - Entra, meu filho. Tais assuntos não são explicados num sopro, e o teu pobre animal parece cansado.

Sentindo-se um Pouco culpado, Gaius lembrou-se do longe que o cavalo o tinha levado. Depois de ter peado o animal com uma guia suficientemente comprida para o deixar alcançar erva seca, entrou.

O Padre Petros estava a colocar copos numa áspera *mesa.*

- O que te posso oferecer? Tenho feijões e nabos e até algum vinho; o tempo aqui é tal que não posso banquetear-me tantas vezes quantas o faria num clima mais quente. Eu mesmo não bebo nada senão água, mas é-me permitido oferecer estas coisas mundanas a quaisquer convidados que venham até mim.

Gaius abanou a cabeça, percebendo que tinha caído em cima dum filósofo.

- Experimentarei o teu vinho - disse -, mas digo-te francamente... nunca me convencerás que o teu deus é, quer todo-poderoso quer bom. Pois se fosse todo-poderoso, como não consegue evitar o sofrimento? E se pode e não o faz por que deverão os homens adorá-lo?

- Ah - disse o Padre Petros -, posso dizer por essa pergunta que foste treinado na filosofia estoica; pois as palavras são deles. Mas os filósofos estão enganados sobre a natureza de Deus.

- E tu, claro, estás certo? - O tom de Gaius era beligerante.

O Padre Petros abanou a cabeça.

- Sou apenas um pobre ministro para aquelas crianças que busquem o meu conselho. O único Filho de Deus foi crucificado e voltou dos mortos para nos salvar; isso é tudo o que preciso de saber. Os que acreditarem Nele viverão eternamente em glória.

Era a habitual infantil lenda oriental, pensou Gaius, lembrando-se do que tinha ouvido sobre o culto em Roma. Admitia que via o que a história tinha de atraente para escravos e até para algumas mulheres de boas famílias. Subitamente ocorreu-lhe que as divagações deste sujeito podiam interessar a Julia ou, pelo menos, dar-lhe alguma coisa no que pensar. Pousou o copo.

- Agradeço-te pelo teu vinho, Padre Petros, e pela tua história - disse. - A minha mulher pode vir visitar-te? Ela está devastada com tristeza pela nossa filha.

- Será benvinda sempre que queira - replicou o Padre Petros graciosamente. - Só tenho pena de não te ter convencido. Não te convenci, pois não?

- Receio que não - Gaius sentia-se um pouco desarmado pelo desapontamento do homem.

- Não sou grande coisa como pregador - disse o Padre Petros, parecendo, de algum modo, desanimado. - Quem me dera que o Padre Joseph estivesse aqui; tenho a certeza de que te convenceria.

Gaius achou que isso era altamente improvável, mas sorriu polidamente. Quando se voltou para partir bateram à porta.

- Ah, Senara? Entra - disse o eremita.

- Vejo que tendes alguém convosco - respondeu uma voz de rapariga. - Venho noutra altura, se puder.

- Está tudo bem, já ia a sair. - Gaius puxou para um lado a cortina de couro que cobria a porta. Perante ele estava uma das mais bonitas raparigas que ele tinha visto pelo menos desde o seu primeiro encontro com Eilan, há tanto tempo. Mas, claro, ele também tinha sido muito novo nessa altura. Ela tinha à volta de quinze anos, pensou, com cabelo da cor de enchimentos de cobre na fogueira dum ferreiro, e olhos muito azuis, vestida num vestido de lã não tingida.

Depois olhou para ela outra vez e percebeu onde e que a tinha visto antes. Apesar da sua pigmentação celta, havia uma clara parecença com o velho secretário do seu pai, Valerius, na linha do seu nariz e do queixo. Isso explicaria o seu conhecimento de latim.

Não foi senão quando estava a soltar o cavalo que percebeu que podia ter pedido a - o que é o eremita lhe tinha chamado, Senara? - como arranjar um encontro com Eilan. Mas nessa altura já a cortina da porta se tinha fechado atrás dela, e uma das poucas coisas que ele sabia sobre as mulheres - não que soubesse assim tanto, e desde o casamento achava que ainda menos - era que não era sensato perguntar a uma mulher sobre outra.

Já passava bem do pôr do Sol quando Gaius chegou *à villa*, mas a saudação de Julia, se bem que reprimida, pelo menos foi amigável. Licinius já estava à espera deles na sala de jantar.

Macellia e Tertia estavam a brincar com uma carruagem de brinquedo na varanda; tinham vestido o macaco de estimação de Julia com roupas de bebé e estavam a tentar enfiá-lo na carruagem. Salvou o pequeno animal e entregou-o a Julia. Por vezes pensava como é que três rapariguinhas e uma mulher, com apenas sete servidores, podiam fazer um tal caos numa casa.

As rapariguinhas gritaram:

- Papá! Papá! - e Quartilla veio a correr juntar-se-lhes. Gaius abraçou-as a

todas à vez, chamou Lydia para se encarregar delas e depois foi com Julia para a sala de jantar.

Ela ainda tinha o macaco no ombro; era mais ou menos do tamanho dum bebé e, por qualquer razão, vê-lo vestido com roupas de criança incomodou-o. Não podia imaginar o que é que Julia queria da criatura; era um animal de clima quente e tinha de ser mimado exactamente como se fosse uma criança.

De todos os lugares para ter um tal bicho de estimação, a Bretanha era certamente o pior; mesmo no Verão, supunha, fazia frio de mais para o pequeno animal.

- Gostaria que te visses livre desse maldito bicho - disse irritadamente quando se sentaram para a refeição.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

- Secunda gostava tanto dele - murmurou.

o comentário fê-lo pensar, não pela primeira vez, se julia não teria perdido o juízo. Secunda estava com seis anos de idade quando tinha morrido, e ele tinha a impressão que ela nunca tinha prestado a mínima atenção ao macaco. Contudo, se agradava a Julia pensar que sim. Ao ver o olhar de aviso de Licinius, do outro lado da mesa, suspirou e abandonou o assunto.

- O que estiveste a fazer hoje? - perguntou ela, fazendo um esforço óbvio para falar alegremente quando os criados trouxeram os ovos quentes, uma travessa de ostras fumadas e peixe salgado, e uma selecção de verduras temperadas com azeite.

Gaius engoliu um pedaço de cebola depressa de mais e começou a tossir, amaldiçoando mentalmente este dia. Estendeu uma mão por cima da mesa para agarrar um fragrante pedaço de pão fresco.

- Estive a tentar seguir o rasto daqueles porcos selvagens e acabei do outro lado das colinas - começou - A velha cabana nos bosques tem um novo inquilino, uma espécie de eremita.

- Um cristão? - perguntou Licinius suspeitosamente. Ele nunca tinha nada de

bom a dizer dos cultos orientais que começavam a invadir Roma.

- Aparentemente sim - disse Gaius neutralmente, deixando a rapariga levar o seu prato enquanto outras traziam a travessa de pato com molho de ameixas embebidas em vinho doce. Molhou os dedos na bacia de água perfumada e limpou-os.

- De qualquer forma, ele acredita que o seu deus se ergueu dos mortos.

Licinius bufou, mas os olhos de julia encheram-se de lágrimas.

- Acredita mesmo? - O desamparado olhar nos seus olhos fustigou o coração de Gaius, apesar de o exasperar. O que quer que seja que a conforte. Pousou a asa do pato, virando-se no seu divã para olhar para ela.

- Achas que ele me deixará ir até lá e falar com ele? Permites-me que vá? - perguntou ela suplicantemente.

- Minha querida Julia, quero que faças o que quer que te dê consolo. - Dizia-o com toda a sinceridade. - O que quer que te torne feliz será do meu agrado.

- És tão bom para mim. - Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas outra vez. Ela engoliu em seco apologeticamente e fugiu da sala.

- Não a percebo - admitiu Licinius. - Eduquei-a para viver uma vida virtuosa e honrar os seus antepassados. Eu também amava a criança, mas todos temos de morrer um dia, mais cedo ou mais tarde. Fiz uma boa escolha para a minha rapariga acrescentou. - Tu tens sido mais bondoso para ela que o que eu teria sido, embora ela não te tivesse dado um filho.

Gaius suspirou e pegou no vinho. Sentia-se como um impostor monstruoso, mas deixou-se estar calado. Tinha-se tornado responsável pela felicidade desta mulher, e ferir os seus sentimentos era a primeira de muitas coisas que ele não queria fazer. Mas não conseguia deixar de pensar que Eilan nunca teria sido idiota o suficiente para se deixar seduzir pelas divagações dum qualquer monge cristão.

Depois de os doces terem sido levados, Gaius foi até ao quarto onde Julia supervisionava enquanto as rapariguinhas eram deitadas. Gaius ficou contente

por ver que o macaco tinha escapado; sentindo-se muito desprezível, desejou que tivesse fugido e, se tivessem sorte, fosse apanhado por um cão vadio.

A escrava atiçou o pavio e ele e Julia detiveram-se por um momento, a olharem para a suave luz tremeluzindo em macias faces e em escuras pestanas. Julia disse umas palavras de bênÇão e tocou no amuleto contra o fogo que estava pendurado na parede. Ultimamente tinha-se tornado muito supersticiosa. Claro que um fogo seria desastroso, mas a casa tinha sido construída há pouco tempo e não rascunhada de todo. Em resumo, ele tinha mais confiança nas capacidades de lutar contra o fogo dos escravos da sua casa que na maioria dos deuses ou feitiços. Quando se dirigiam para a entrada, ela disse:

- Acho que vou já para a cama.

Gaius deu-lhe uma pancadinha no ombro e beijou a face que ela lhe estendia. Devia tê-lo esperado. A ideia era que, na altura em que ele fosse para a cama ela já estivesse - ou fingisse estar - tão profundamente adormecida que não a incomodasse. Ele bem que podia não ter uma mulher de todo. E como podia ela esperar que ele lhe desse outro filho se ela não dormia com ele?

Mas era inútil censurá-la. Desejou-lhe uma boa noite e virou-se em direcção ao seu escritório na outra ala da *villa,* onde um rolo de pergaminho, contendo o último capítulo da Vida de Agricola, de Tácito, o esperava.

E aí ele descobriu onde se tinha refugiado o macaco de Julia; estava na sua secretária e tinha defecado, um malcheiroso excremento de macaco, por cima de todos os seus papéis. Gritou enraivecido, agarrou no pequeno animal e atirou-o com toda a sua força para o pátio. Ouviu um esquisito ruído de algo *a ser* moído, um gemido, e depois mais nada.

Bom. Se a criatura tivesse morrido ele não a lamentaria; e não teria o minímo pejo em dizer a Julia, no dia seguinte, que um cão o devia ter apanhado. O padre cristão poderia confortá-la; se bem que ele tivesse ouvido dizer que eles preferiam não ter nada a ver com mulheres. Nesta altura também ele próprio desejou não ter.

VINTE E CINCO

Gaius acordou de manhã cedo. Hoje, o que quer que acontecesse, devia fazer qualquer coisa para encontrar o seu filho. Ardanos devia saber como entrar em contacto com a neta. Não estava ansioso por falar com o velho, o qual suspeitava ser, a seu modo, tão fanático como o Padre Petros, mas não conseguia achar outra alternativa. O único problema que restava era como encontrar Ardanos, que já não vivia em Deva.

Mas, enquanto se deixava estar a pensar sobre o problema, ouviu um bater imperioso no portão da frente, e o seu camareiro queixando-se enquanto se dirigia para ir atender. Gaius vestiu um roupão e deslizou cuidadosamente para fora da cama, para não acordar Julia. Um legionário estava à espera no pátio da frente com um pedido de Macellius para que o fosse visitar. Gaius levantou uma sobrancelha. O seu pai estava oficialmente aposentado, mas sabia que o velho se tinha tornado numa espécie de conselheiro de confiança do jovem comandante da XX Legião.

Se tivesse saído quando Julia descobrisse a morte do macaco não teria de enfrentar as suas lágrimas. Gaius atravessou a cidade directamente para os

portões da fortaleza, trocando saudações com o guarda que estava de sentinela, que o conhecia bem do seu trabalho como Procurador.

- O vosso pai disse que chegaríeis provavelmente antes do meio-dia - disse o soldado. - Encontrá-lo-eis, com o Legado, no Practorium.

No banco fora do escritório do comandante viu uma mulher com um aspecto cansado. Era uma bretã do tipo de cabelo escuro e pele clara, como o do povo da sua mãe; algures entre os trinta e os trinta e cinco anos, calculou, vestida num vestido de lã cor de açafrão bastante pesadamente bordado com ouro.

Gaius pensou o que é que ela teria feito, e quando o legionário de serviço o conduziu à presença do Comandante e do seu pai, colocou a questão.

- O nome dela é Brigitta - respondeu o pai com desagrado. - Auto-intitulasse Rainha dos Demetae. Quando o marido morreu, deixou a fortuna em partes iguais a ela e ao Imperador, e parece que ela acha que isto lhe dá o direito de governar o seu reino. Soa familiar?

Gaius lambeu os lábios secos. Era uma prática comum para um homem rico

dividir as suas propriedades entre a sua própria família e o Imperador, na esperança de que o co-herdeiro imperial se assegurasse de que os outros herdeiros recebiam a sua parte. Agricola tinha feito o mesmo.

O Legado olhava de Gaius para o pai deste. Claramente, a ele não lhe soava familiar.

- Boudicca. - disse Gaius sucintamente. - O marido dela tentou a mesma coisa, mas os Iceni tinham dívidas com alguns senadores bastante proeminentes. Quando ele morreu eles mudaram-se para lá e ela tentou resistir. Ela e as filhas foram bastante... maltratadas e ela levantou a tribo numa revolta que quase nos varreu para fora desta terra! - Era esse o espectro que Macellius estava a ver quando olhava para a infeliz mulher sentada no exterior, principalmente porque os Demetac eram uma das tribos de que descendia através da linha da mãe.

- *Oli, essa* Boudicca - disse o Legado. Chamava-se Lucius Domitius Brutus e parecia a Gaius novo de mais para um posto de tanta importância, mas dizia-se que era um bom amigo do Imperador.

- *Essa* Boudicca - repetiu como num eco Macellius, enfastiadamente. - Por isso vedes, senhor, porque é que o tribuno em Moridurinum a despachou logo que o testamento foi lido e porque é que não podemos, pura e simplesmente, executar os termos do testamento tal como eles estão, por muito que beneficiem

o Imperador.

- Por outro lado - disse Gaius - também devia ser claro que esta mulher deve ser tratada como vidro frágil. Posso-vos assegurar que todos os nativos deste país vão ficar à espera para ver o que vamos fazer. - Ocorreu-lhe um pensamento.

- Suponho que ela tem filhos?

- Um par de filhas algures, ouvi dizer - disse Macellius, com cansaço na voz -, mas não sei o que é feito delas- têm apenas três ou quatro anos, sorte maldita, senão faríamos com que se casassem como deve ser, com algum cidadão. Não tenho muito estômago para esta coisa de guerra contra mulheres e crianças; mas se as mulheres se misturam na política, o que podemos fazer? Corre o rumor que ela, ou aqueles que gostariam de a usar, mandou mensagens a procurar aliança com os Hibernians.

Gaius estremeceu, lembrando-se da incursão contra a casa de Eilan.

- Levem-na para Londinium - sugeriu. - Se ela for mandada para Roma o

povo dela vai pensar que está prisioneira, mas se ela for instalada numa boa casa na cidade poderão pensar que ela os traiu. Dizei-lhe que a não ser que viva em Londinium não verá um sestércio do ouro do marido.

- Pode ser que resulte - disse Macellius, pensativamente. Virou-se para o Legado. - Concordo com a sugestão do meu filho. já tenho um destacamento preparado para fortalecer a guarnição em Moridunnum; eles podem levar as notícias.

- Então ela será um refém - disse Domitius Brutus. Isto podia ele entender.

Quando deixou o escritório, ocorreu a Gaius que as filhas, por muito novas que fossem, podiam ainda constituir um perigo. A mulher provocou-lhe uma leve piedade. Parecia tão desamparada.

Onde estão as tuas filhas? - perguntou na língua bretã.

Onde nunca as encontrarás, romano, e dou graças aos deuses - disse. - Pensas que não sei como os teus legionários tratam as raparigas novas?

- Não as criancinhas! - exclamou Gaius. - Vá lá; eu também sou pai, com três filhas com idades semelhantes à das tuas. Quando muito encontrar-lhes-íamos tutores adequados.

- Poupar-te-ei esse incómodo. - disse ela ferozmente. Onde estão estão muito bem tratadas!

Um legionário chegou e tocou-lhe num braço. Quando ela se encolheu, ele ordenou-lhe:

- Acompanhai-me calmamente, senhora. Não desejamos ter de vos atar.

Ela olhou loucamente à sua volta, e o seu olhar pousou-se em Gaius.

- Para onde me levais?

- Apenas para Londinium - disse ele acalmando-a. Viu o rosto dela contrair-se, não sabia se de alívio se de desapontamento, mas foi-se embora bastante calmamente.

O legionário de serviço viu-a a sair e disse a Gaius:

- Ao olhar para ela agora nunca se pensaria que se aliasse com reputados agitadores; mas quando a recolhemos foi reportado que tinha sido vista com um conhecido rebelde: Corimor, Cynric, ou um nome desses. Diz-se que ele ainda está na área.

- Eu conheço-o - disse Gaius.

O legionário ficou a olhar.

- Vós, senhor?

Gaius acenou com a cabeça, lembrando-se do bem disposto rapaz que o tinha tirado da armadilha para javalis. Estaria Cynric ainda em contacto com Eilan? Se o apanhassem, Gaius podia perguntar se ele podia arranjar um encontro privado.

- Pelos deuses - disse Macellius, fechando a porta do escritório do Legado atrás de si e seguindo Gaius pelo corredor tudo isto me faz sentir velho!

Não sejais ridículo - respondeu-lhe Gaius.

O Legado quer que eu faça qualquer coisa para acalmar as coisas entre o povo. Usar os meus velhos contactos, diz ele.

Talvez Brutus não fosse tão estúpido como parecia, pensou Gaius. A habilidade de Macellius para obter a cooperação das tribos tinha sido lendária nos seus tempos.

- Mas estou cansado de tirar as castanhas do fogo para as outras pessoas. Talvez me mude para Roma. já se passou muito tempo desde que vi a cidade. Talvez devesse ir para o Egipto onde, por uma vez, teria calor.

- Não sejais louco - zombou Gaius. - O que fariam as minhas pequeninas sem o seu avô?

Oh, vá lá, elas mal dão por que estou vivo - disse Macellius. Mas pareceu ficar satisfeito. - Claro que se tivesses tido um filho seria diferente.

- Eu... bem, pode ser que tenha um filho um destes dias.

- Gaius interrompeu-se em apuros. Tinha sido o próprio Macellius a contar a Gaius sobre a gravidez de Eilan, mas quando ele a viu, e ao bebé, na cabana da floresta, tornou-se claro que o nascimento tinha sido mantido em segredo. Se Macellius não sabia que Eilan lhe tinha dado um filho, Gaius pensava que não era agora que o devia dizer ao pai.

Eilan sonhava que estava a andar ao lado dum lago numa meia luz que tanto podia ser do crepúsculo como do amanhecer. Uma leve bruma pairava sobre as

águas, obscurecendo a margem mais distante; as brumas eram prateadas e via-se um reflexo de prata sobre as águas; pequenas ondas batiam suavemente de encontro à margem. Parecia que flutuavam cantos através da água e, saindo das brumas, apareceram nadando nove cisnes brancos, tão belos como as donzelas da Casa da Floresta quando saudavam a Lua.

Eilan nunca tinha ouvido nada tão belo. Dirigiu-se para a borda do lago, estendendo as mãos, e os cisnes nadaram vagarosamente em círculo.

- Deixai-me ir até vós, deixai-me nadar convosco! - gritou, mas a resposta que chegou dos cisnes foi:

- Não podes vir connosco; as tuas roupas e os teus ornamentos levar-te-iam para o fundo... - começaram a nadar para longe e o coração de Eilan ficou dilacerado com a perca.

Despiu o seu pesado vestido, os seus véus e o manto, e pôs de lado o colar dourado e as pulseiras de Grã Sacerdotisa. Quando a sua sombra se reflectiu na água, era a sombra dum cisne. Mergulhou dentro do lago...

Quando as águas prateadas se fecharam sobre a sua cabeça, ela acordou para os ruídos familiares da Casa da Floresta, à sombria luz da alvorada. Durante uns momentos Eilan manteve-se imóvel, a esfregar os olhos. Esta não era a primeira vez que sonhava com o lago e com os cisnes. De cada vez parecia mais difícil voltar. Não tinha falado com ninguém sobre o seu problema. Era a Grã Sacerdotisa de Vernemeton, não uma estúpida rapariga qualquer que se assustasse com um sonho esquisito. Mas, de cada vez que acontecia, o sonho tornava-se mais vivido, e o papel que ela desempenhava na altura em que acordava, cada vez mais irreal.

Alguém estava a bater numa porta. Estranhamente, era no portão para o seu jardim. Podia ouvir tènuamente a voz de uma das jovens sacerdotisas que a guardavam levantar-se em protesto.

- Quem és o brincalhão que pensas que és? Não podes simplesmente aparecer vindo não se sabe donde e pedir para ver a Grã Sacerdotisa, certamente nunca a uma hora destas.

- Desculpai-me - respondeu uma voz profunda. - Penso nela ainda como na minha irmã adoptiva, não como na Grã Sacerdotisa. Pedi-lhe, por favor, se pode falar comigo!

Eilan vestiu um xale e correu na direcção do alpendre.

- Cynric! - exclamou. - Pensei que estavas algures no Norte! - Ela imobilizou-se. Pendurada no seu pescoço estava uma criancinha, de cabelo escuro, com dois ou três anos; outra rapariga, talvez com cinco anos de idade, escondia-se atrás do seu manto.

- São tuas?

Ele abanou a cabeça.

- Pertencem a uma infortunada mulher, e vim implorar-te que lhes dês abrigo em nome da Deusa.

- Dar-lhes abrigo? - repetiu Eilan estupidamente. - Mas por quê?

- Porque elas precisam - retorquiu Cynric, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

- O que eu queria dizer era por quê aqui? Elas não têm nenhuma família que olhe por elas? Se não são tuas, porque se tornaram tua responsabilidade?

- A mãe delas é Brigitta, Rainha dos Demetae - disse Cynric constrangido. - Ela tentou reclamar o reino quando o marido morreu e agora está prisioneira de Roma. Temíamos que as filhas fossem mantidas como reféns, ou pior, se caíssem em mãos romanas.

Eilan olhou para as raparigas e pensou no seu próprio filho. Tinha pena da mãe delas, de todo o coração, mas o que teria Ardanos a dizer? Esta era uma daquelas alturas em que podia ter usado o conselho de Caillean, mas a mulher mais velha tinha ido ao País de Verão de visita ao Poço Sagrado.

- Sabes que elas são novas de mais para reclamarem a Deusa.

- Tudo o que peço é que as mantenhas a salvo e seguras! - começou Cynric, mas antes que pudesse dizer algo mais ouviu-se mais barulho lá fora.

- Minha senhora, não podeis ver a Sacerdotisa agora; ela está com um convidado.

- Mais uma razão para eu dever estar com ela - disse uma voz, e Dieda entrou no jardim. Quando viu Cynric gritou e ele voltou-se rapidamente para a ver. Tinham-lhe contado sobre as actividades dele quando tinha voltado de Eriu, mas esta era a primeira vez que o via.

- As crianças não são minhas! - exclamou ele quando a cor começou a abandonar o rosto dela e, depois, voltou de novo. - A Rainha Brigitta enviou-as aqui para pedirem santuário.

- Então, elas devem ser levadas para a Casa das Donzelas - disse Dieda recompondo-se, e estendeu a mão. Mas os seus olhos estavam ainda postos em Cynric.

- Espera - disse Eilan. - Preciso de pensar. A Casa da Floresta não se pode dar ao luxo de se enredar em qualquer assunto político.

- Sem o consentimento dos romanos? - disse Cynric desdenhosamente.

- É fácil para ti escarnecer - começou Eilan -, mas deves lembrar-te que nós existimos devido à tolerância desses mesmos romanos que és tão rápido a pôr de lado. Devíamos, pelo menos, consultar o Arquidruida antes de nos comprometermos com algo que se possa parecer com o apoio a uma rebelião.

- Com Ardanos? - cuspiu Cynric. - Por que não com o próprio Legado, em Deva? Talvez devêssemos ir ao Governador da Bretanha e pedir-lhe a sua autorização.

- Cynric, arrisquei muito por ti e pela tua causa - lembrou-lhe Eilan sobriamente. - Mas não posso arriscar a Casa da Floresta dando abrigo a fugitivos políticos sem autorização de Ardanos.

- Uma rápida palavra enviou a sua assistente a correr pelo caminho que levava até uma casa ali perto, que tinha sido construída para o Arquidruida.

Cynric disse:

- Eilan, sabes o destino a que estás a abandonar estas raparigas?

- E tu sabes? - disse ela rispidamente. - Por que estás tão seguro que Ardanos vai recusar?

- Em relação a quê? - disse uma nova voz, e todos se viraram, Eilan franzindo as sobrancelhas, Cynric corado com a ira e Dieda pálida devido a uma emoção que Eilan não conseguia descrever.

- A tua mulher encontrou-me mesmo aqui ao pé - explicou Ardanos.

Eilan apontou para as crianças.

- Não há nada que eu possa fazer por Brigitta - disse Ardanos quando ela

acabou a explicação. - Ela estava avisada sobre o que aconteceria se reclamasse o direito de reinar. Mas ela não será maltratada; nem mesmo os próprios romanos repetiriam o mesmo erro duas vezes num século. Quanto às raparigas, não sei. Mais tarde podem representar sarilho.

- Mas não ainda - disse Eilan decididamente. - E eu não responsabilizarei crianças pelos crimes dos pais. Senara e Lia podem cuidar delas. Se lhes dermos outros nomes e as tratarmos como outras crianças quaisquer podem ficar a salvo durante algum tempo. Ninguém pensará nada sobre isso.

- Sorriu com amargura. - Afinal de contas, já tenho a reputação de dar abrigo a crianças sem mãe!

- Suponho que sim - disse Ardanos duvidosamente.

- Mas Cynric fará melhor em pôr-se a andar daqui para fora. Pois onde ele está, já reparei nisso, os sarilhos aparecem. - Olhou para o jovem e Dieda empalideceu. - Os romanos podem não se importar com as raparigas, mas certamente que estarão à tua procura!

- Se eles tentarem interferir comigo pode ser que encontrem mais sarilho que o que desejariam. - disse ferozmente Cynric.

Eilan suspirou, pensando que, mais que um Raven, ele devia ter-se chamado um tempestuoso petrel. Mas não era tão estúpida que fosse discutir com Cynric ou com Dieda. Tudo o que podia fazer era tentar manter a paz por um pouco mais de tempo. Por vezes parecia que todo o peso da Bretanha repousava nos seus ombros - e que os seus parentes conspiravam para que ele aí se mantivesse.

Senara foi chamada para levar as crianças para os seus novos aposentos e Eilan partiu para os seus deveres, deixando Dieda e Cynric sozinhos para que se despedissem. Algum tempo depois, durante essa tarde, ela ouviu um choro no telheiro onde secavam as ervas. Era Dieda.

A outra mulher começou a levantar-se, os olhos a chamejar, depois pareceu desinchar quando viu quem era. Se bem que a sua relação já não fosse muito chegada, pelo menos não sentiu nenhuma necessidade de disfarçar. Mas Eilan não era tão idiota que lhe fosse ou tocar tentar confortá-la.

o que se passa? - disse.

Dieda esfregou os olhos com a ponta do véu, fazendo com que estes ficassem ainda mais vermelhos.

- Ele pediu-me para ir com ele...

- E tu recusaste - Eilan manteve a voz deliberadamente neutral.

- Para viver a vida dum foragido, sempre a esconder-me na floresta, com medo de cada som, sempre pensando se no dia seguinte o veria ser levado acorrentado ou morto por espadas romanas? Não podia fazê-lo, Eilan! Aqui pelo menos tenho a minha música e trabalho para fazer em que acredito. CoMo podia partir?

- Disseste-lhe isso?

Dieda assentiu com a cabeça.

- Ele disse que se eu sentia desse modo, não podia amá-lo verdadeiramente; que eu estava a trair a nossa causa... Ele disse que precisava de mim...

«Tenho a certeza que disse, o idiota », pensou Eilan, «e nunca pensou se ela precisava *dele* de todo!»

- A culpa é tua! - exclamou Dieda. - Se não fosse por tua causa já me tinha casado com ele há muito tempo. Então, talvez ele nunca se tivesse tornado num foragido!

Fazendo um esforço, Eilan impediu-se de notar que Dieda tinha jurado os votos de sacerdotisa de sua livre vontade. Mesmo quando Eilan voltou Para a Casa da Floresta, depois do nascimento de Gawen, ela podia ter ido para junto de Cynric em vez de ir para Eriu. A pobre rapariga não queria lógica, queria alguém a quem culpar.

- E agora tudo em que posso pensar é no modo como ele me olhou! Podem-se passar meses, ou anos, antes que eu saiba como ele está, ou o que está a acontecer com ele! Se estivesse com ele, pelo menos, saberia! - lamuriou-se Dieda.

- Admito que, dum modo ou de outro, te importas com a minha aprovação - disse Eilan suavemente. - O que quer que penses sobre as minhas opções, sabes que aprendi a viver com elas. Mas também eu chorei na escuridão, pensando se tinha feito a coisa certa. Dieda, podes nunca vir a ter a certeza; tudo o que podes fazer é o trabalho que te é dado, e esperar que algum dia a Deusa venha a explicar a razão para isso.

O rosto de Dieda estava virado para o outro lado, mas pareceu a Eilan que os seus soluços estavam a diminuir.

- Direi às donzelas que estás doente e não as podes levar hoje à noite para cantarem - continuou. - Não tenho dúvidas de que ficarão contentes com um feriado.

Pareceu a Eilan que o problema das crianças de Brigitta tinha ficado resolvido, mas, passados apenas uns poucos de dias, mesmo antes da refeição da tarde, a sua assistente disse-lhe que um romano lhe solicitava uma audiência.

Gaius veio-lhe à mente, mas um segundo pensamento disse-lhe que ele

nunca se atreveria a vir aqui.

- Descobre o nome dele e que assunto o traz cá - disse simplesmente.

Passados uns poucos instantes a rapariga voltou.

- Senhora, é Macellius Severus que pede o favor duma palavra convosco - acrescentou. - Era o Prefeito de Campo de Deva...

- Sei quem ele é. - Lhiannon tinha-o recebido uma ou duas vezes, mas agora Macellius estava aposentado. O que é que, em nome de todos os deuses, poderia ele querer dela? A única maneira de descobrir era perguntar.

- Diz-lhe para entrar - ordenou. Endireitou o vestido e, depois duns instantes de reflexão, puxou o seu véu sobre a cara.

Pouco depois Huw passou pela entrada com outro homem atrás dele. *O pai de Gaius... o avô do seu filho...* Eilan olhou para ele com curiosidade por trás do véu. Nunca o tinha visto antes, e, no entanto, tê-lo-ia conhecido onde quer que fosse. Visões em sobreposição mostraram-lhe as feições do velho gastas pelo tempo e as fortes linhas do nariz e da testa que se tinham repetido no filho e que estavam apenas a começar a emergir nas infantis curvas do rosto do seu.

Huw tomou posição ao lado da porta e Macellius deteve-se à sua frente. Endireitou-se e fez uma vénia, e Eilan percebeu subitamente onde Gaius tinha ido buscar o seu orgulho.

Minha Senhora. - Ele usou o termo romano Domina, mas excepto isso o seu bretão era bastante bom. - Sois muito amável em receber-me...

- De todo - replicou. - O que posso fazer por vós?

- Ela supunha que teria alguma coisa a ver com um dos festivais que se aproximavam, como tinha sido quando ele se tinha apresentado perante Lhiannon.

Macellius clareou a garganta.

- Fui informado que oferecesteis santuário às filhas da Rainha Demetana...

Nesta altura Eilan sentiu-se extremamente contente por ter posto o véu.

- Se isso fosse verdade - disse vagarosamente, desejando desesperadamente que Ardanos ou Caillean estivessem aqui para a ajudarem - por que é que isso vos interessaria?

- Se assim fosse - ele ecoou -, quereríamos saber porquê.

As palavras de Cynric vieram-lhe à cabeça.

- Porque me foi dito que elas precisavam. Conseguis pensar numa razão melhor?

- Não consigo - respondeu-lhe -, e, contudo, a mãe delas é uma rebelde que ameaçou levantar todo o Oeste contra Roma. Mas Roma foi misericordiosa. Brigitta foi enviada sob custódia para Londinium e não lhe será feito qualquer mal. Nem exigimos a morte para os seus parentes.

«As pequeninas ficarão contentes por saber que a mãe delas está a salvo », pensou Eilan, lembrando-se do anormalmente silenciosas que elas tinham andado. Mas por quê? Seria possível que Macellius desejasse a paz entre Roma e os Bretões tanto como ela?

- Se isso for verdade fico contente em ouvi-lo - disse ela -, mas o que quereis de mim?

- Pensaria que era óbvio, senhora. Essas raparigas não se devem tornar num fulcro de reagrupamento para algum futuro levantamento. A própria Brigitta não é importante, mas em tempos de tensão qualquer pretexto servirá.

Ela disse:

- Penso que podeis ficar descansado quanto a esse ponto; se estiverem entre as donzelas da Casa da Floresta nenhum uso político poderá ser feito delas.

- Nem mesmo quando estiverem crescidas? - perguntou. - Como saberemos que elas não serão entregues a homens que tentarão governar os Demetac por direito de casamento com a Rainha?

Ele tinha razão em querer saber, pensou ela. Era exactamente o tipo de coisa que Cynric tentaria fazer.

- Como o evitarieis?

- A melhor maneira é fazer com que elas sejam adoptadas em lares romanos leais; e quando forem crescidas, encontrar-lhes bons e sólidos maridos com simpatia pelos Romanos.

- E isso seria tudo o que lhes aconteceria em mãos romanas?

- É tudo - replicou Macellius. - Minha senhora, não podeis acreditar que façamos guerra contra bebés e criancinhas?

Ela ficou silenciosa. «Foi exactamente nisso que eu fui educada a acreditar.»

- É vosso desejo que continuemos a pagar pelas atrocidades cometidas por outros para sempre? Como na ilha sagrada, por exemplo? - disse Macellius, como se pudesse ouvir no que ela estava a pensar.

«É nisso que Cynric acredita, mas a decisão é minha. E é a mim que a Deusa deve dizer o que fazer.» Eilan permaneceu em silêncio ainda durante alguns instantes, procurando a quietude interior com a qual pudesse ouvir.

- Não o é - disse -, mas eu perderia a confiança do meu próprio povo se parecesse desejosa de mais de acreditar em vós. Ouvi dizer que as filhas de Brigitta são ambas novas de mais para que alguém possa pensar em casamento. Elas têm passado por muitas dificuldades. Decerto seria mais misericordioso para elas deixá-las ficar onde estão mais uns meses, ou até mesmo um ano, até que o furor tenha acalmado. Nessa altura toda a gente saberá como tratastes a

mãe delas. As paixões terão arrefecido, e haverá menos clamor quando o povo souber que elas estão em vosso poder.

- E elas ser-nos-ão entregues nessa altura? - perguntou Macellius, franzindo as sobrancelhas.

- Se tudo for como vós dizeis, juro pelos deuses da minha tribo que o serão. - Eilan colocou a mão sobre o colar que lhe rodeava o pescoço. - Preparai-vos para as receber em vossa casa, em Deva, durante a Festa das Donzelas no próximo ano.

O rosto dele suavizou-se e a respiração de Eilan prendeu-se quando viu no seu marcado rosto o vacilante sorriso de Gawen. Se ao menos lhe pudesse dizer quem ela era, e mostrar-lhe o seu neto, a salvo e forte!

- Acredito em vós - disse Macellius. - Só me resta esperar que o Legado acredite em mim.

- Vernemeton é refém da minha honestidade - ela fez um gesto à sua volta. - Seu eu a trair estamos ao fácil alcance da mão dele.

Ele disse:

- Senhora, eu beijaria a vossa mão; mas o vosso guarda está a olhar para mim muito suspeitosamente.

- Não podeis fazê-lo - disse ela -, mas aceito a vossa boavontade, meu senhor.

- E eu a vossa - disse Macellius, e fez outra vénia. Depois de ele ter partido, Eilan deixou-se ficar sentada uns instantes em silêncio, pensando se tinha traído o seu povo ou se o teria salvo. Teria sido para isto que os deuses tinham trabalhado ao colocá-la aqui? Teria sido para isto que ela tinha nascido?

Caillean voltou do País de Verão já tarde no dia seguinte, parecendo cansada mas jubilosa. Quando a mulher mais velha acabou de tomar banho, Eilan mandou Senara perguntar se ela tomaria a sua refeição da tarde diante da lareira de Eilan.

- Como cresceu aquela criança! - comentou Caillean quando Senara saiu para preparar a refeição. - Parece que foi ontem que ela veio para aqui e, agora, tem a mesma idade que tu tinhas quando te vi pela primeira vez, e é quase tão bonita!

Com alguma surpresa, Eilan reparou que Senara estava, na verdade, uma jovem mulher, com idade suficiente para tomar votos; algum dia, cedo, deveria ser prometida como sacerdotisa. Não tinha havido nenhuma palavra dos seus parentes romanos, em anos, e não tinha razão para pensar que pudesse haver qualquer objecção. Mas, pelo menos para isto, não havia nenhuma pressa.

- E o que é que tens feito neste brilhante dia de sol, minha querida filha? - Caillean perguntou a Senara quando esta pousou a comida.

Um estranho olhar perpassou pela cara da rapariga.

- Passei por aquela pequena casa na floresta. Sabíeis que um eremita foi viver para lá?

- De facto, nós demos autorização. É um velho estranho, de algum lugar do Sul. Um cristão, não é?

- É - respondeu Senara com esse mesmo estranho olhar.

- Tem sido bondoso comigo.

Caillean franziu o sobrolho. Eilan sabia que ela diria que não era próprio para uma sacerdotisa da Casa da Floresta estar sozinha com um homem, não interessava o quão sério ou idoso. Mas, afinal de contas, a rapariga não estava ajuramentada a elas; além disso, tinha ouvido dizer nalgum lado que os padres cristãos faziam voto de castidade. Em qualquer dos casos, pensou Eilan retorcidamente, ela não era ninguém para pôr em causa a modéstia de qualquer rapariga.

- A minha mãe era cristã - disse Senara. - Tenho a vossa autorização para visitar este padre e levar-lhe alguma comida da nossa cozinha? Gostaria de aprender mais sobre aquilo em que a minha mãe acreditava.

- Não vejo porque não - respondeu Eilan. - Que todos os deuses são um só Deus faz parte dos nossos ensinamentos mais antigos. Vai, e aprende qual é a face Dele que os cristãos veem...

Comeram durante algum tempo em silêncio.

- Aconteceu alguma coisa - disse finalmente Eilan, observando a face de Caillean enquanto esta olhava para as chamas.

- Talvez... - respondeu-lhe Caillean. - Mas não estou completamente certa do que significa. O Tor é muito poderoso, e o lago... - abanou a cabeça. - Prometo que quando perceber o que aí senti o saberás. Entretanto... - Os seus olhos perderam a suavidade quando se viraram para Eilan. - Contaram-me que aqui também aconteceu qualquer coisa. Dieda diz que tiveste um visitante.

- Visitantes, diz antes; mas presumo que te estavas a referir a Cynric.

- Falava de Macellius Severus - disse Caillean. - O que pensaste dele?

Eilan pensou, «podia ter desejado que ele tivesse sido o meu sogro ». Mas não podia dizer isto a Caillean. Arranjou um compromisso, dizendo:

- Ele parece tanto amável como paternal.

- É assim que os Romanos nos levam cada vez mais do nosso mundo - disse Caillean. - Preferia que eles fossem todos maldosos sem compromisso. Quando até tu consegues pensar bem de Macellius, quem é que se irá revoltar?

- Por que nos deveríamos revoltar contra eles? Falas como Cynric.

- Podia fazer pior disse Caillean.

- Não vejo porquê disse Eilan ressentida. - Mesmo que tenhamos de ter uma paz romana, qual é o mal disso? A paz é certamente melhor que a guerra, venha donde vier.

- Mesmo uma paz sem honra? Uma paz em que tudo que faz com que a vida valha a pena ser vivida foi levado?

- Os Romanos podem ser honestos... - começou Eilan, mas Caillean interrompeu-a.

- Pensaria que serias a última pessoa a dizer uma coisa dessas! - A sua voz passou lentamente para um silêncio espantado, como se tivesse chegado à conclusão de que o que quer que pudesse dizer só podia piorar as coisas.

«Mas digo-o», pensou Eilan, sentindo o seu rubor de vergonha a desaparecer. «A mãe de Gaius casou com Macellius para trazer a paz, e eu deixei Gaius casar com uma rapariga romana pela mesma razão.» Pensou que género de pessoa seria a mulher romana dele, e se alguma vez o teria tornado feliz. Nem todas as mulheres procuravam a paz, sabia-o, lembrando-se de Boudicca, que tinha começado uma revolta, de Cartimandua, que traiu Caractus, e de Brigitta, cujas filhas estava a abrigar, mas tinha tomado a sua decisão e mantê-la-ia.

- Cynric está enganado - disse por fim. - O que torna a vida merecedora de

ser vivida não é a glória cantada pelos guerreiros, mas o gado cuidado, campos cultivados e crianças felizes à roda do fogo. Sei que a Deusa pode ser tão terrível como uma ursa quando os seus filhotes são ameaçados, mas penso que Ela preferiria ver-nos a construir e a crescer que a matar-nos uns aos outros. Não foi para isso que aqui tentámos recuperar os antigos métodos de cura?

Olhou para cima por fim, encontrou os escuros olhos de Caillean e ficou espantada ao ver a súplica que eles mostravam.

- Contei-te as razões que tenho para odiar os homens e temer o que eles podem fazer - disse suavemente a sacerdotisa mais velha. - É-me, por vezes, muito difícil acreditar na vida; seria tão mais fácil cair na luta. Há alturas em que me envergonhas. No entanto, quando olhei para o Poço Sagrado pareceu-me que ele transbordou numa centena de pequenos ribeiros que entraram para dentro da terra e transportaram o seu poder de cura para todos os lados. Nessa altura, durante um pequeno instante, acreditei.

- Temos que fazer qualquer coisa sobre esse poço - disse Eilan suavemente pegando na mão de Caillean e, como um eco, pensou ouvir o canto dos cisnes.

Na vez seguinte que Gaius esteve em Deva fez uma visita ao pai. À volta dum copo de vinho, a conversa acabou por cair em Brigitta dos Demetae.

- Chegásteis a encontrar as filhas dela? - perguntou Gaius.

- De certa maneira - replicou o pai. - Sei onde estão, e nunca adivinharás aonde.

- Pensei que lhes ias arranjar pais adoptivos romanos.

- Fá-lo-ei quando chegar a altura, mas por agora penso que a Sacerdotisa dos Oráculos é o melhor guardião que elas podiam encontrar. - Quando Gaius se engasgou, o pai continuou. - Ela é uma mulher nova e eu receei que simpatizasse com os jovens de cabeça quente como Cynric, o qual, digo-to abertamente, enforcaria se lhe pudesse pôr as mãos em cima, mas ela foi surpreendentemente razoável. Como podes supor tenho lá mantido um informador há anos, uma servidora das sacerdotisas, mas esta foi a primeira vez que eu próprio vi a Sacerdotisa.

- Com quem é que ela se parecia? - A voz de Gaius falhou, mas Macellius não pareceu notá-lo.

- Ela estava velada - disse. - Mas, entre os dois, resolvemos que ela guardasse as raparigas até as tensões terem abrandado e depois no-las entregasse para serem adoptadas em lares romanos, e dadas por contrato a maridos romanos; penso que se lho expusermos, até mesmo Brigitta se inclinará a concordar com isto. E faço tenções de lho expor. Receei que alguns dos agitadores que se movem à sua roda transformassem as raparigas numa razão para outra guerra santa, a qual, escuso de to dizer, seria muito dura para nós depois das derrotas de Domiciano nas fronteiras.

Fez uma pausa, e olhou duramente para o filho.

- Penso, por vezes, se fiz as escolhas certas para ti, rapaz. Pensei que Vespasiano vivesse mais tempo; era um bom Imperador e teria olhado pela tua carreira. Depois de tudo o que planeámos, afinal de contas estás a viver nas tuas terras, como um chefe bretão. Mesmo o teu casamento com Julia... - ele interrompeu-se. - Poderás perdoar-me?

Gaius olhou para ele.

- Não sabia que havia algo para perdoar. Construí uma vida para mim aqui, e

esta é a minha casa. No que respeita à minha carreira, bem, há mais que tempo.

«Nenhum Imperador vive para sempre », pensou, lembrando-se do que Malleus tinha dito na sua última carta, mas nem mesmo ao seu pai o diria em voz alta. Quando pensava em Roma recordava as multidões, a sujidade e a detestada toga. Não se importaria de ter um pouco mais de sol aqui, na Bretanha; mas sentia pouca cobiça pelos climas do Sul.

E quanto à sua falta de um herdeiro masculino, pensou se não seria esta a altura para contar a Macellius sobre o filho de Eilan. Teria sido realmente ela quem o seu pai tinha visto? Era um enorme alívio saber que podia ser tão moderada. Não era que ele não amasse as suas filhas, e Gaius sabia que Licinius amava todas as crianças. Mas a lei romana tomava em consideração apenas rapazes. Podia não ser justo, pois, de facto, ele estaria a privar de direitos a pequena Cella, mas a lei era a lei, quer se gostasse quer não.

Finalmente, pareceu mais seguro não dizer nada. O que não fosse dito - e ele tinha-o aprendido à sua custa nunca precisaria de ser lamentado.

VINTE E SEIS

Caillean acordou, a tremer, para a luz cinzenta da precoce aurora. Era apenas um sonho. Mas as imagens estavam ainda vividas, mais reais, mesmo agora, com as cortinas da sua cama e a respiração das outras mulheres ali perto. Sentou-se e enfiou os pés numas chinelas, e depois, tiritando, tirou o xale do cabide e enrolou-o à sua volta.

Mas a quente lã não a confortou. Quando fechava os olhos podia ainda ver a extensão de água prateada, onde brancas brumas se retorciam e redemoinhavam. Eilan estava do outro lado, mas a cada momento que passava as águas entre elas ficavam cada vez maiores, como se uma forte corrente a estivesse a afastar para longe. Era a emoção que acompanhava as imagens que a aterrorizavam, a avassaladora vaga de angústia e perca.

«São apenas os meus próprios medos a falar », disse para consigo, «um sonho que desaparecerá com a alvorada.» Nem todos os sonhos eram prescientes. Levantou-se e bebeu um pouco de água do frasco.

já no final, um cinzento véu de nuvem tinha redemoinhado entre ela e Eilan, afastando-a do mundo. «A morte é assim ... » o pensamento não queria desaparecer. As fantasias normais do sono dissipavam-se, como a neblina da manhã, com o acordar. Um grande sonho - um sonho poderoso - tornava-se ainda mais distinto quando se pensava sobre ele. Não podia ser ignorado.

Quando as outras mulheres começaram a mexer-se Caillean percebeu que não podia ficar aqui e enfrentar os seus olhos curiosos. Talvez no jardim conseguisse encontrar a serenidade que precisava para lidar com isto. Mas uma coisa era certa, devia contar a Eilan.

Nesse ano, as celebrações de Beltane tinham sido precedidas por um generoso Verão e os bosques à volta da Casa da Floresta estavam vívidos com flores. Eilan tinha-se deixado persuadir a sair para colher ervas com Miellyn e Lia, e as crianças tinham-nas acompanhado. Por baixo das árvores, ainda floresciam as cremosas primaveras e os jacintos, mas dourados botões-de-ouro já estavam a começar a estrelar os prados e brancos espinheiros pendiam nos ramos das árvores.

Gawen fez alegremente alarde do seu conhecimento da floresta às duas raparigas de Brigitta, que bebiam cada palavra, de olhos abertos e admiradores. Eilan sorriu, lembrando-se de como ela e Dieda tinham seguido Cynric quando eram pequenas. Ao ouvir os seus risos, compreendeu o que Gawen tinha perdido por não ter outras crianças para brincar e soube que não eram apenas as raparigas

que cedo teriam de a deixar. Gawen teria de ser dado em adopção rapidamente.

já era meio-dia quando voltaram, corados e tagarelando, coroados com flores.

- Caillean está à vossa espera no jardim - disse Eilidh quando Eilan entrou. - Tem estado ali sentada durante toda a manhã. Nem sequer veio tomar o pequenoalmoço mas afirmou-nos que não há nada de errado.

Franzindo as sobrancelhas, Eilan passou para o jardim sem tirar o seu chapéu de palha de abas largas, pois o dia estava quente. Caillean estava sentada num banco ao pé do canteiro de alecrim, imóvel, como se estivesse a meditar, mas ao ouvir os passos de Eilan abriu os olhos.

- Caillean, o que se passa?

A outra mulher olhou para cima e Eilan vacilou com a absoluta calma que viu naqueles olhos escuros.

- Há quantos anos nos conhecemos? - perguntou Caillean. Eilan tentou trazê-lo à memória; tinham-se conhecido quando o filho mais novo de Mairi tinha nascido. Mas, na verdade, parecia que tinha sido há mais tempo, e havia vezes em que se recordava daqueles estranhos lampejos de conhecimento que a tinham atingido, e pensava que tinham sido irmãs em mais que uma vida.

Dezasseis anos, penso - disse por fim, duvidosamente. Na altura era quase Inverno; mas não, não podia ser, pois os selvagens Hibernians estavam em incursão e de certeza que eles não velejariam se tivessem medo de ser apanhados pelas tempestades de Inverno. Não havia neve na altura mas sim chuva, lembrava-se. Tinha sido uma má Primavera. E ela tinha vindo para a Casa da Floresta como sacerdotisa noviça no Verão seguinte.

- já foi há tanto tempo? Tens razão. A criança de Mairi tem quase idade para se casar e Gawen já tem onze Invernos. Eilan assentiu, lembrando-se com uma súbita clareza como Caillean a tinha ido visitar quando do seu exílio na cabana da floresta, e como a mulher mais velha lhe tinha pegado nas mãos e humedecido a testa enquanto a criança estava a nascer. Tinha pensado que essas memórias nunca desapareceriam ou se tornariam vagas; agora eram como um sonho há muito passado. Neste momento o trabalho que ela e Caillean estavam a fazer na Casa da Floresta parecia muito mais real.

- E agora temos duas das filhas de Brigitta dentro da Casa- disse Caillean pensativamente.

- Mas dentro de um ano elas irão para os Romanos para serem adoptadas.

ilan disse, suspirando:

- Odeio pensar que Brigitta tenha de perder as suas filhas.

- Eu não gastaria nenhuma simpatia com ela - respondeu-lhe Caillean. - Duvido que tenha perdido qualquer sono a pensar no que aconteceria às crianças quando deixou que Cynric a persuadisse a planear uma rebelião.

Eilan sabia que isto era provavelmente verdade; mas, como mãe, lembrava-se da sua angústia quando Ardanos tinha levado Gawen.

- Por que falas dessas coisas agora? - perguntou- Não posso acreditar que tenhas passado aqui toda a manhã apenas para contar velhas memórias, como um prestamista romano conta o seu ouro!

Caillean suspirou.

- Há uma coisa que te devo dizer, e não sei como o fazer. É por isso que estou para aqui a tagarelar sobre coisas sem importância. Eilan, tive um aviso daqueles que, dizem, chega a cada sacerdotisa antes da sua morte. Não, não posso explicar...

Eilan sentiu o frio congelar-se à volta do coração, apesar do calor do sol.

- O que queres dizer, um aviso? Estás doente? Talvez Miellyn conheça algumas ervas...

Caillean retorquiu calmamente.

- Tive um sonho, e penso que esta vida cedo terá um fim.

Caillean a morrer? Abalada, tudo o que Eilan conseguiu dizer em voz alta foi:

- Mas como?

Caillean replicou suavemente:

- Na verdade, não sei como to dizer; talvez seja uma coisa que uma pessoa possa perceber apenas quando chega.

«Oh sim », pensou Eilan. «É verdade: também eu sou uma sacerdotisa, mesmo que não uma muito boa.» Na presença de Caillean lembrava-se disso, se bem que, noutras ocasiões, o duvidasse. Desde o seu último encontro com Cynric que tinha estado muito consciente dela própria como sendo um peão no combate dele com os Romanos, tal como, com Ardanos, estava consciente, acima de tudo, do modo como ele a queria usar para manter a paz com Roma. Nas últimas estações as tribos tinham estado sossegadas, mas ela ouviu histórias de problemas entre os Romanos. Cynric seria rápido a tirar vantagem de qualquer fraqueza se os Romanos se revoltassem contra o seu Imperador. Juntar-

se-ia Gaius a tal revolta? Teria ele jamais gostado dela?

Mas com Caillean, desde o primeiro instante em que a tinha encontrado, Eilan era acima de tudo, e apenas, uma sacerdotisa. Quando estava com ela sentia que ainda podia ter alguma utilidade para a Deusa. Por muito profundamente que pudesse ter amado Gaius não podia deixar de se lembrar que ele não tinha permanecido junto a si, Mas Caillean tinha estado sempre ali.

Olhou para a sua irmã-sacerdotisa desamparadamente e pensou, subitamente, «já passámos por isto antes », e via-a morrer no meio de dores.

De repente Eilan zangou-se. Se não podia fazer nada quanto a isso, por que é que Caillean a quereria atormentar contando-lhe? Olhou para a outra mulher quase com hostilidade, e viu um brilho de emoção nos escuros olhos de Caillean, como uma corrente escondida num lago. o conhecimento chegou-lhe repentinamente. Também ela está com medo.

Respirou fundo, e o poder da Deusa, que Caillean conseguia fazer acordar nela, subitamente.

- Como Grã Sacerdotisa de Vernemeton, ordeno-te... conta-me o teu sonho.

Os olhos de Caillean arregalaram-se, mas, passados instantes, a história estava a transbordar dela para fora. Eilan ouviu com os olhos fechados, vendo as imagens enquanto Caillean. as descrevia. E, rapidamente, lhe pareceu que as podia ver antes que a outra mulher falasse, como se fosse o seu próprio sonho que Caillean estava a descrever e, quando Caillean caiu em silêncio, ela própria continuou, com a história do seu sonho dos cisnes.

- Separar-nos-emos - disse finalmente, abrindo os olhos.

- Quer seja pela morte, quer por qualquer outra força, não o sei, mas, Caillean, pensar em perder-te é como morrer.

- Mas se não é pela morte, o que é então? - perguntou a mulher mais velha.

Eilan franziu as sobrancelhas, lembrando-se do brilho de águas prateadas por baixo das nuvens.

O País de Verão - disse subitamente. - De certeza que é esse o lugar que ambas vimos nos nossos sonhos. Tens de ir para lá, Caillean, e levar uma dúzia das donzelas contigo. Não sei se isto é para satisfazer o desígnio da Deusa ou para o desafiar, mas de certeza que é melhor fazer alguma coisa do que ficar aqui sentadas à espera que a morte te leve, mesmo se o que fizermos estiver errado!

Caillean ainda parecia duvidosa, mas a vida tinha e voltado aos olhos.

Ardanos nunca o autorizará. Ele é o Arquidruida e quer todas as sacerdotisas aqui em Vernemeton, debaixo da sua vista!

Eilan olhou para ela e sorriu.

- Mas eu sou a Sacerdotisa do oráculo. Deixa Ardanos comigo!

Na manhã do solestício de Verão, as donzelas da Casa da Floresta saíram de madrugada para apanhar o orvalho das flores de Verão. o orvalho tinha muitos

poderes, tanto para aumentar a beleza como para conferir magia. Dizia-se que qualquer donzela que lavasse a cara, nesse dia, com o orvalho da manhã e depois olhasse para uma corrente límpida, conseguia ver a cara daquele que mais a amava.

Eilan viu-se a pensar por que seria que as sacerdotisas, que, afinal de contas, estavam todas sob votos de castidade ou a caminho disso, quereriam saber tais coisas. Seria que a maioria delas acarinhavam memórias de namorados nas vidas que tinham deixado? Ela tinha feito pior que sonhar com o seu amado. Mas esperava que as outras que serviam a Deusa pudessem ser mais honestas que ela.

Eilan ouviu as raparigas a rir quando voltaram da floresta, mas não saiu para as ir ver. À medida que o tempo passava sentia-se cada vez mais consciente da necessidade da reclusão ritual antes de cada grande festival. Tinha pensado que se tornaria mais fácil com o decorrer do tempo, mas tinha a impressão de que manter o equilíbrio entre todas as forças que lutavam pelo Poder da Deusa se tornava mais difícil cada ano.

Cada vez que Ardanos lhe vinha murmurar as suas instruções ao ouvido lembrava-se que ao manter a paz, ela, não menos que o Arquidruida, estava a servir os Romanos; e pensava se o facto de ambos trabalharem para aquilo que consideravam ser o bem da Bretanha alguma vez justificaria tal aliança.

A porta abriu-se e Caillean entrou. Até ela tinha uma coroa de papoilas vermelhas para festejar o dia. As suas faces estavam coradas do sol e parecia mais saudável que o que tinha parecido desde há bastante tempo.

- Estás sozinha?

- Quem ficaria comigo hoje? Todas as raparigas na casa saíram para colher as flores do solestício de Verão e Lia foi levar Gawen a visitar Mairi. - respondeu Eilan.

- Isso é bom. - Caillean sentou-se num banco com três pernas. - Temos de falar sobre o Oráculo desta noite.

- Não tenho pensado noutra coisa desde que acordei! disse Eilan com amargura. - Gostaria que fosses tu que tivesses de te sentar aqui no escuro, preparando-te. Terias dado uma Grã Sacerdotisa tão melhor que eu!

- Os Deuses o proíbam; não sou pessoa que pudesse obedecer à vontade de Ardanos.

Subitamente furiosa, Eilan disse:

- Se não sou mais que uma criatura dos sacerdotes, sabes bem quem me tornou nisso.

Caillean suspirou.

- Não pensei criticar-te, mo *chridle*. - O tratamento carinhoso fez desaparecer a ira de Eilan. Caillean continuou: - Estamos todas nas Suas mãos e fazemos a Sua vontade, eu não menos que tu. Não te deves zangar comigo.

- Não estou zangada - disse Eilan, não honestamente de todo, mas sem vontade de discutir com a mulher a quem devia tanto. Por vezes sentia que o peso da sua dívida para com Caillean a esmagaria. - Tenho medo - continuou -, mas vou dizer-te uma coisa que mais ninguém sabe. A bebida sagrada que é suposto drogar-me não é a mesma que era na altura de Lhiannon. Alterei-a de modo ao transe não ser completo. Eu sei o que Ardanos me está a pedir para dizer...

- Mas ele parece sempre bastante satisfeito com as tuas palavras - disse Caillean franzindo o sobrolho. - Estás ainda tão apaixonada pelo teu Gaius que serves Roma intencionalmente?

- Sirvo a paz! - exclamou Eilan. - Nunca ocorreu a Ardanos que eu lhe desobedecesse e quando as minhas respostas diferem um pouco das palavras que me foram ditas ele pensa simplesmente que eu sou um recipiente imperfeito. Mas as palavras de paz não são uma decisão minha. Quando me ofereci à Deusa não estava a mentir! Pensas que os rituais que fazemos aqui, na Casa da Floresta, são uma mentira?

Caillean abanou a cabeça.

- Senti a Deusa com força de mais... mas...

- Lembras-te do solestício de Verão há sete anos, quando Cynric veio cá?

- Como me podia esquecer? - disse pesarosamente Caillean.

- Fiquei aterrorizada! - ficou silenciosa durante uns instantes.

- Aquela não eras tu, sei-o, mas um rosto da Deusa que espero nunca mais voltar a ver. É sempre assim?

Eilan encolheu os ombros.

- Uma vezes Ela vem, outras não e tenho de usar o meu próprio discernimento. Mas todas as vezes que me sento no cadeirão faço a oferenda, e cada vez que fico à espera assim eu penso se será esta a vez em que Ela me irá fulminar!

- Estou a ver - disse Caillean, cuidadosamente. - Perdoa-me se não te compreendi quando disseste que forçarias Ardanos a mandar-me para o Sul. Mas, o que farás quanto a mim?

- É este o teste... - Eilan inclinou-se para a frente.

- Para nós ambas. Se quisermos que tudo o que aqui construímos não se transforme numa mentira, tenho de me arriscar tanto como tu. Hoje à noite farei a poção de acordo com a receita antiga. Quando a Deusa me tomar, deves perguntar sobre o teu sonho. Toda a gente ouvirá a resposta, e todos nós, tu, Ardanos, e eu, ficaremos vinculados por ela, qualquer que ela seja.

A qualidade da luz tinha-se alterado consideravelmente à medida que o pôr do Sol se aproximava, quando a porta exterior se abriu e um dos aprendizes de Ardanos entrou; era tão novo que ainda tinha apenas a mais rala das barbas.

O jovem druida disse, com deferência:

- Estamos prontos para vós, minha senhora. - Eilan, que estava já a escorregar para o desinteressado estado de meditação que precedia o transe, levantou-se da cadeira. Eilidh e Senara pousaram o pesado manto ritual sobre os seus ombros e apertaram-no no seu pescoço com uma corrente de ouro maciça.

A noite estava fria apesar da estação do ano e, mesmo no seu pesado manto, Eilan tremeu quando subiu para a liteira. Do meio da escuridão saíram dois sacerdotes vestidos de branco, pálidas figuras movendo-se com passos medidos a seu lado. Sabia que eles estavam ali para a proteger contra qualquer acidente ocasional ou empurrões das multidões, mas, de algum modo, nunca tinha sido capaz de pôr de lado o pensamento que eles eram os seus guardas.

O pensamento atravessou-lhe o espírito como um coelho a correr pelos arbustos: *qualquer sacerdotisa é uma prisioneira dos seus deuses...*

Ela estava vagamente consciente de passar pela longa avenida de árvores que conduzia até à colina. Antes de se chegar ao morro estava a arder uma grande fogueira, uma das muitas fogueiras nesta noite. O seu brilho vermelho brincava nas folhas do velho carvalho que crescia perto do morro. Um som de antecipação percorreu a multidão como um suave suspiro. Não pôde deixar de se lembrar da primeira vez que o tinha ouvido a saudar Lhiannon. Agora estava no lugar de Lhiannon, e o povo que observava tinha tão pouco conhecimento do que realmente se passava aqui como ela tinha tido então.

Dois pequenos rapazes, de cerca de nove ou dez anos de idade, noviços dos bardos, vestidos de branco, escolhidos pela sua inocência e beleza, trouxeram a grande bacia dourada. Eles tinham colares dourados nas gargantas, e cintos bordados a ouro apertavam-lhes os seus hábitos brancos. Quando um raio de luar trespassou as folhas do carvalho, um ramo de visco - cortado por um sacerdote escondido nos ramos - esvoaçou para baixo. Eilan apanhou-o e deitou-o na bacia.

Ela murmurou as palavras de bênção e, fortalecendo-se contra a amargura, bebeu o líquido. As vozes dos druidas levantaram-se em invocação; a pressão da expectativa entre o público chocou contra a sua consciência. O líquido ardeu-lhe na barriga; pensou se não se teria enganado na dosagem, depois lembrou-se de que já antes se tinha sentido assim. Veio-lhe à ideia que de cada vez se envenenava um pouco e que morreria como Lhiannon tinha morrido, embora talvez não tão cedo.

Mas o mundo já estava a tornar-se vago à sua volta; mal teve consciência de cair para trás na cadeira da vidente ou dos solavancos quando eles a transportaram para o cume do morro.

Caillean olhou para a figura mergulhada no cadeirão por cima dela com uma preocupação maior que o habitual. Como sempre, a intensidade do cântico também a estava a empurrar para um transe. Mas havia uma tensão nas energias que pulsavam à sua volta que ela não compreendia. Virou-se e viu o pai de Eilan entre os druidas vestidos de branco, no círculo. Ardanos não tinha dito nada. Teria ele sequer sabido que Bendeigid iria estar aqui?

Eilan retorceu-se no cadeirão e Caillean estendeu as mãos para as suas costas, para o firmar. Era proibido tocar na Grã Sacerdotisa quando ela estava em transe, mas deviam estar preparadas para a apanhar se ela caísse.

«Deusa!», rezou «Tomai conta dela... não me interessa o que me possa acontecer a mim!» Pareceu-lhe que nessa altura Eilan se imobilizou; pelo canto do olho podia ver uma branca mão a balouçar por sobre a borda da cadeira, esguia como a de uma criança. Como podia ela deter tanto poder?

- Senhora do Caldeirão! - gritou o povo. - Roda de Prata! Grande Rainha! Vem até nós! Grande Deusa, falai connosco!

Caillean sentiu a madeira da cadeira tremer por baixo da sua mão. Os dedos de Eilan estavam-se a torcer e, para o fascinado olhar de Caillean, a pálida carne pareceu resplandecer. «É verdade », pensou então, «a Deusa está aqui.» Vagarosamente, a figura no cadeirão endireitou-se, como que para acomodar uma massa maior que a da débil figura da mulher ali sentada. Caillean sentiu um pequeno arrepio correr-lhe pela espinha abaixo.

- Olhai! Oh povo, a Senhora da Vida veio até nós. Deixai o Oráculo falar! Deixai a Deusa manifestar a vontade dos imortais! gritou Ardanos.

Deusa! Livrai-nos daqueles que nos escravizariam! - ouviu-se outra voz.

Bendeigid deu um passo em frente. - Conduzi-nos à vitória!

Soavam como corvos, gritando por sangue e morte. Apenas Eilan se interpunha entre a Casa da Floresta e um povo uivando por guerra. Saberiam eles, ao menos, o que aconteceria a este país, com os Romanos e os seus auxiliares, *se se* chegasse a uma luta aberta? Apesar do seu ódio aos Romanos Caillean pensou como é que qualquer homem, ou mulher, são - ou mesmo uma Deusa - podia espalhar a guerra neste país. Tinha Bendeigid esquecido, já, a sua casa em chamas, esquecido as mortes da sua mulher e da sua filha mais nova?

«Deusa », pensou, «Vós depositastes a paz deste *país nas* mãos de Eilan; deixai-a cumprir a Vossa vontade mesmo que possa parecer ser também a vontade dos Romanos ... »

A figura na cadeira estremeceu e, subitamente, puxou o véu para trás, perscrutando a multidão com o rosto tão frio e desapaixonado como o de uma das estátuas que os Romanos faziam.

- Esta é a noite mais curta - disse suavemente, e o murmúrio do povo silenciou-se para a ouvir. - Mas deste momento em diante as forças da luz vão começar a declinar. Oh vós, cujo orgulho é aprender todos os segredos da terra e do céu - ela apontou o círculo dos druidas com uma mão desdenhosa - não conseguis vós ler os sinais do mundo à vossa volta? As tribos já viram os seus

dias e agora tornam-se cada vez mais fracas; o mesmo acontecerá um dia com o Império dos Romanos. Todas as coisas atingem o seu cume e depois devem declinar.

- Mas então não há esperança? - perguntou Bendeigid.

- Com o tempo até o Sol renasce.

- Isso é verdade - disse a tranquila, calma voz acima dele.

- Mas não antes de o dia mais negro ter passado. Ponham de lado as vossas espadas, pendurem os vossos escudos, filhos de Don. Deixai as águias romanas despedaçar-se umas às outras enquanto vós cuidais dos vossos campos e sêde pacientes, pois o Tempo seguramente vingará os vossos agravos! Eu li os místicos rolos de pergaminho dos Céus; e digo-vos, o nome de Roma não está lá escrito.

Um suspiro, misto de alívio e desapontamento percorreu a multidão.

Ardanos e um dos outros sacerdotes estavam a murmurar. Caillean percebeu que esta era a única oportunidade que podia ter de fazer o que Eilan lhe tinha pedido.

- E então sobre o conhecimento antigo? Como poderá a Vossa adoração ser preservada num mundo em mudança? Ardanos e Bendeigid olharam um para o outro, mas a pergunta tinha sido feita e já a Deusa se estava a virar para responder; Caillean tremeu, completamente certa, nessa altura, que quem estava a olhar para ela, do alto, não era Eilan de todo.

- És tu, filha da raça mais antiga, que mo perguntas? - veio a suave resposta. Houve uma pausa, quando a atenção da Deusa pareceu virar-se para dentro; depois Ela riu-se. - Ah, esta também pergunta. Ela queria fazer-me outras perguntas mas tem medo. Que criança tão pateta, não perceber que o Meu desejo é que todos vós sejais livres. - Encolheu os ombros suavemente. - Mas sois crianças, todos vós - o seu olhar levantou-se para se fixar em Ardanos, que corou e desviou o dele -, *mas* não destruirei as vossas ilusões neste momento. Não sois suficientemente fortes para suportar realidade de mais...

Estendeu um braço, voltando a mão e flectindo os dedos, como para gozar o movimento.

- A carne é doce. - riu com suavidade. - Não me espanta que vós vos agarreis a ela. Mas quanto a Mim, o que pensam que os vossos ridículos esforços podem fazer para me ajudar ou prejudicar? Estou aqui desde o começo e enquanto o Sol brilhar ou as águas correrem aqui continuarei. *Eu sou*... - Havia uma terrível verdade nesta simples declaração de ser, e Cailean tremeu.

- Mas as nossas vidas fluem como as águas que correm...

- disse nessa altura Caillean. - Como transmitiremos o que Vós nos ensinásteis àqueles que virão depois de nós?

A Deusa olhou dela para Ardanos e de novo para ela.

- Tu já sabes a resposta. Em tempos que passaram a tua alma fez o juramento, como o fez a dela. Deixai que uma de vós parta para o País de Verão, lá nas margens do lago, para fundar uma Casa das Donzelas. Aí eu serei servida, lado a lado com os padres do Nazareno. Desse modo a Minha sabedoria sobreviverá aos dias que estão para vir!

Quase imediatamente o corpo da sacerdotisa, que tinha estado tenso como a corda dum arco, foi libertado; a flecha tinha sido lançada, a mensagem tinha sido entregue. Eilan afundou-se na cadeira e Caillean e Miellyn moveram-se rapidamente para a segurarem. Ela estava a sair do transe, a torcer-se e a balbuciar.

Ardanos manteve-se de cabeça inclinada, ponderando no significado deste Oráculo e em como o poderia utilizar. Revogá-lo não o podia - nem ele quereria, um homem piedoso, contradizer a palavra directa da Deusa - mas era um privilégio seu interpretá-la. Depois de um momento a sua cabeça levantou-se. Olhou directamente para Caillean e pareceu a esta vê-lo sorrir.

- A Deusa falou. Que assim seja. Essa casa será fundada pela serva da Deusa; és tu, Caillean, que partirás para fundar a Casa das Donzelas no Tor.

Caillean olhou para ele. Havia triunfo nos seus olhos pálidos. Para Ardanos esta decisão era uma oportunidade fortuita para conseguir uma coisa que há muito desejava: separá-la de Eilan.

Ele agarrou no ramo de visco e aspergiu água sobre o flácido corpo da sacerdotisa e todos os outros sons se perderam num trocista tilintar de sinos de prata.

Para alguém que tem estado fora do ofício há alguns anos, parece que vos tendes mantido ocupado! - Gaius sorriu maliciosamente para o pai por cima dos pergaminhos enrolados e placas de cera empilhados espalhados por cima da mesa. Lá fora, um frio vento de Fevereiro fazia abanar os ramos das árvores que estavam mesmo a começar a inchar com a seiva. No interior, o hipocausto aquecia o chão de ladrilhos e o carvão que ardia em braseiras de ferro lutava com as correntes de ar.

- Espero que o jovem Brutus aprecie tudo o que estás a fazer por ele.

- Ele aprecia a minha experiência - disse Macellius e eu aprecio as suas notícias. Ele está muito bem relacionado, já o sabes, estando aparentado com metade das famílias antigas de Roma. A propósito, o pai dele é um velho amigo do nosso patrono, Malleus.

- Ah. - Gaius bebeu outro gole do quente vinho condimentado, começando a perceber. - E o que pensa o nosso legado das actuais políticas do Imperador?

- Francamente, as cartas que tem recebido de Roma têm-no apavorado. A sua

comissão como comandante acaba no final deste ano e está a pensar no que há-de fazer para não ter de voltar novamente para casa! Como membros da classe equestre, tu e eu temos uma vantagem: a lei não exige que vivamos em Roma. Neste ano a Cidade Eterna tem estado extremamente pouco saudável para os senadores, dizem-me.

- Como Flavius Clemens? - perguntou sombriamente Gaius. Não admirava que os senadores se sentissem inquietos. Se o próprio primo de Domiciano tinha sido executado, o que é que os restantes iriam fazer? - Ouviste mais qualquer coisa sobre as acusações que lhe fizeram?

- A acusação oficial foi a de ateísmo, Mas, de acordo com os rumores, o homem era um cristão que se recusou a queimar incenso ao Imperador.

Tenho a certeza que o nosso *Dominus et Deus* se sentiu extremamente insultado!

Macellius sorriu com amargura.

- Os deuses sabem que esses cristãos são um grupo exasperante, e quando o

Governo não os está a perseguir, perseguem-se eles uns aos outros. Se Nero tivesse tentado colocar as suas diferentes facções umas contra as outras na arena teria poupado uma fortuna em leões - mas o género de adoração que Domiciano está a exigir ultrapassa em muito toda e qualquer decência!

Gaius acenou com a cabeça. Tinha ouvido o suficiente sobre as pregações do Padre Petros por Julia para estar consciente do fascínio cristão pelo martírio e da sua sanha sectária, se bem que Julía se lhe referisse como purgar a Igreja dos ateus. Mas, no esquema maior das coisas, os cristãos eram um problema menor. Muito mais séria era a megalomania do Imperador.

- Ele está a seguir as pisadas de Nero, ou de Calígula? perguntou.

- Ainda não tentou deificar o seu cavalo, se é isso que queres dizer - replicou o pai. - Tem sido um Imperador muito competente em muitas maneiras; e é por isso que é tão perigoso.

O que é que Roma terá de regredir quando aparecer o próximo Imperador louco, se se permitir que Domiciano destrua o que resta da classe senatorial?

Gaius olhou cuidadosamente para o pai.

- Estais mesmo preocupado com isto, não estais?

- No que me diz respeito não interessa muito - disse Macellius, dando voltas ao seu anel de equestre na mão. - Mas a maior parte da tua carreira ainda está à tua frente. Com este Imperador que hipóteses tens?

- Pai... passa-se alguma coisa, não passa? O que é que eles te pediram que fizesses?

Macellius suspirou e olhou à volta do quarto, com as suas paredes pintadas e prateleiras de pergaminhos como se tivesse medo que estivesse prestes a desaparecer.

- Há um... plano... - disse cuidadosamente - para acabar com a dinastia Flaviana. Quando se tiver tratado de Domiciano os senadores elegerão um novo Imperador. Par a que o plano dê resultado, as Províncias têm de o apoiar. O novo Governador é um homem de Domiciano, mas a maioria dos legados legionários pertencem ao mesmo tipo de famílias que Brutus...

- E, sendo assim, querem que nós os apoiemos - disse concisamente Gaius. - O que é que eles pensam que as tribos ficarão a fazer enquanto nós estivermos empenhados nesta limpeza imperial?

- Se lhes prometermos certas concessões, apoiar-nos-ão... Cedo as filhas da rainha Brigitta virão até nós e Valerius está a ajudar-me a encontrar pais adoptivos apropriados para as educar. No final, Romanos e Bretões estão destinados a tornar-se aliados. Desta maneira pode ser que isso aconteça um pouco mais cedo, é tudo.

Gaius assobiou em silêncio. Isto era sedição em grande escala! Engoliu o resto do vinho. Quando olhou outra vez para cima o pai estava a observá-lo.

- Estranhas coisas se passaram - disse Macellius suavemente. - Dependendo de como as coisas correrem, pode ser que haja um interessante futuro para um romano da linha real Silure!

Gaius voltou para casa com a cabeça a andar à roda devido a algo mais que ao condimentado vinho. Tinha cedido a Julia tempo de mais. Tornava-se-lhe

agora perfeitamente claro que tinha de adoptar formalmente o filho que tinha de Eilan. Mas quando chegou a casa viu que Julia não conseguia falar de mais nada senão da sua última visita ao eremita, o Padre Petros.

- E ele diz que é certo, segundo a Sagrada Escritura, e segundo todas as outras profecias, que o mundo cabará com o desaparecimento desta geração - disse-lhe ela com os olhos a brilhar. - Com o advento de cada alvorada devíamos pensar que pode não ser o Sol, mas sim o mundo a começar a arder. E então reunir-nos-emos aos nossos amados. Sabias isso?

Ele abanou a cabeça, espantado que ela, que tinha recebido uma boa educação romana, pudesse acreditar em tal coisa. Mas também, as mulheres eram crédulas, o que era, provavelmente, a razão pela qual elas não podiam ocupar lugares públicos. Pensou se os cristãos estariam a traficar com as actuais ansiedades provocadas pelo Imperador.

- Vais-te tornar numa discípula do Nazareno... esse profeta de escravos e de judeus renegados? - perguntou asperamente.

- Não vejo como qualquer ser pensante pode possivelmente fazer outra coisa - replicou Julia friamente.

«Bem », pensou Gaius, «não sou, obviamente, um ser pensante... pelo menos não do género dela.» Disse apenas:

- E o que é que irá dizer Licinius?

- Não irá gostar - disse tristemente Julia. - Mas esta é a única coisa de que eu estou certa desde... desde a morte da criança. - Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

Isso não faz sentido, pensou, mas não o disse alto; o fazer sentido não parecia tê-la confortado muito. E, de facto, desde a morte de Secunda que ela não lhe parecia tão feliz. A imagem da filha afogada estava ainda no seu pensamento dia e noite. Lógico ou não, quase a invejava.

- Bem, faz como quiseres - disse resignadamente. - Não tentarei deter-te.

Ela olhou para ele com qualquer coisa quase parecida com desapontamento,

depois alegrou-se.

- Se fizesses alguma ideia sobre o que está certo, tornar-te-ias também num nazareno.

- Minha cara Julia, já me disseste muitas vezes que eu não tenho nenhuma noção sobre o que está certo - disse de modo cortante. Ela olhou para o chão e ele percebeu que havia mais qualquer coisa.

- O que se passa?

- Não quero falar disto em frente das nossas filhas - gaguejou. Gaius riu-se, pegou-lhe no braço, e levou-a para outra sala.

- Bem, o que é que é que não podes falar em frente das crianças, Julia?

Mais uma vez ela baixou os olhos para o chão.

- O Padre Petros diz que... como o fim do mundo está tão próximo... - gaguejou - é melhor que todas as mulheres casadas, e homens, façam um voto de castidade.

Ao ouvir isto, Gaius atirou a cabeça para trás e riu-se.

- Percebes que, tal como a lei está, o recusar-se a dormir com o marido é motivo para um divórcio?

Julia, se bem que obviamente perturbada, estava preparada para a pergunta.

- *No Reino dos Céus* - citou -, *não há nem casamento nem entrega em casamento.*

- Isso resolve tudo - disse Gaius, rindo de novo. - Faz todos os votos que quiseres, minha cara. Se considerarmos que no último ano, ou isso, tiveste tanta utilidade na cama como um bocado de pau não consigo imaginar como possas pensar que isso me faça qualquer diferença.

Os olhos dela estavam abertos com a surpresa.

- Então não porás qualquer obstáculo?

- Nenhum, Julía; mas é apenas justo que te diga que se já não estás vinculada pelos nossos votos de casamento, também eu não me considerarei vinculado por eles.

Percebeu que estava a estragar a cena que ela tinha resolvido representar; devia, supunha, ter barafustado ou implorado.

- Nunca consideraria pedir-te para fazer um voto desses - disse ela, e depois, maldosamente, acrescentou -, duvido que fosses capaz de o manter mesmo que o fizesses. Pensas que não sei porque compraste aquela escrava tão bonita no ano passado? Os Deuses sabem a pouca utilidade que ela tem na cozinha! Com

tantos pecados já na tua alma...

Mas Gaius já tinha suportado o suficiente. Não discutiria o estado da sua alma - o que quer que ela entendesse por isso - com ela.

- Pela minha própria alma serei eu o responsável - disse-lhe, e foi para o seu escritório onde encontrou uma cama já feita para ele. Então, ela tinha contado com a sua boavontade para dormir sozinho, o que quer que ele tivesse para dizer.

Gaius pensou brevemente em celebrar a sua liberdade mandando chamar a escrava, mas descobriu que não tinha nenhum desejo de o fazer. Queria algo mais que a complacência duma mulher que não tinha qualquer escolha no assunto. O seu pensamento voou para Eilan. Agora, pelo menos, Julia não podia pôr objecções se ele quisesse adoptar Gawen. Como lhe daria ele a notícia?

Estava finalmente livre para procurar Eilan uma vez mais. Mas o rosto da Fúria que tinha visto no festival do solestício de Verão interpôs-se entre ele e as suas memórias, e foi o rosto da rapariga que tinha encontrado em casa do eremita no ano anterior que, por fim, adormeceu com ele.

VINTE E SETE

A meados de Fevereiro as tempestades deram lugar a um período de belo, límpido tempo, fresco mas ensolarado. Em locais abrigados, árvores de fruto precoces começavam a lançar rebentos e os ramos avermelhavam-se com a seiva que voltava. As colinas ecoavam com o balir dos carneiros recém-nascidos e os brejos ressoavam com os chamamentos dos cisnes que tinham regressado.

Eilan olhou para o céu azul e percebeu que tinha chegado a altura de cumprir a palavra que tinha dado a Macellius. Estava à espera no jardim quando Senara respondeu à sua chamada.

- Está belo um dia - disse Senara, claramente a pensar por que é que Eilan a teria afastado dos seus deveres.

- Está mesmo - concordou Eilan -, um belo e límpido dia para cumprir um dever indesejado. Mas tu és a única a quem posso pedir.

- E qual é ele?

- As filhas de Brigitta já aqui estão há um ano e é tempo de as mandar para os romanos, tal como prometi. Eles cumpriram a sua palavra quanto a Brigitta e confio em que tratarão bem as raparigas. Mas isto tem de ser feito às escondidas, para que a velha inimizade não seja de novo despertada. Tens idade suficiente para as levar para Deva, e sabes o suficiente da língua latina para perguntar o caminho até casa de Macellius Severus. Leva-las lá?

- Severus? - Senara franziu as sobrancelhas. - Penso que me lembro desse nome. A minha mãe disse-me, uma vez, que o seu irmão o servia e que ele era um homem duro, mas justo.

- É esse o meu entendimento - assentiu Eilan. - Quanto mais cedo as raparigas estiverem ao seu cuidado, mais cedo ele as poderá instalar na sua nova casa.

- Mas elas crescerão romanas - protestou Senara.

- Isso seria uma coisa assim tão má? - Eilan sorriu para ela. - Afinal de contas a tua própria mãe era romana.

- Isso é verdade... - disse a rapariga pensativamente. - Por vezes penso na família dela e o que seria crescer naquele mundo. Muito bem - disse finalmente- Irei.

Levou algum tempo a preparar as crianças, pois Eilan queria ter a certeza de que ninguém na cidade romana tivesse motivo para dizer que as raparigas tinham sido negligenciadas enquanto tinham estado entre os druidas; mas, finalmente, até Eilan ficou satisfeita e Senara, segurando numa rapariga em cada mão, ficou pronta para partir para Deva.

O dia estava para o frio mas límpido, e mesmo com uma criança nos braços e a outra a trotar a seu lado, Senara fez um bom tempo. As crianças tagarelavam alegremente, excitadas pela saída. Quando se cansaram, atou a mais pequena ao seu xale, onde cedo adormeceu, e pegou a outra nos braços. Nesta altura já conseguia ver a confusão de casas nos arrabaldes da cidade e as sólidas paredes de vigas da fortaleza para lá dela. Quando chegou ao Forum central sentou-se num banco, ao lado duma fonte, para rearranjar os seus fardos antes de perguntar o caminho para casa de Macellius.

Subitamente o céu foi encoberto. Senara olhou para cima e ficou a olhar para o romano que tinha encontrado em casa do eremita no ano anterior. Mais tarde pareceu-lhe perfeitamente simbólico que ele se mantivesse entre ela e o Sol; mas não pensou nisso agora.

- já te vi antes, não vi? - perguntou ele.

- Na cabana do Padre Petros - disse ela, corando. Uma das crianças acordou e ficou a olhar para ele com os olhos abertos como os de um mocho. Ela não o tinha visto em nenhuma reunião do pequeno grupo de nazarenos locais; mas também, vivendo como actualmente vivia no interior da Casa da Floresta, não lhe era possível ir lá muitas vezes. Tinha ido a primeira vez por curiosidade, e mais tarde porque a língua romana parecia de algum modo um elo com a sua falecida mãe e, finalmente, porque ali encontrava conforto.

O bonito romano estava ainda a olhar para ela. Era mais novo do que ela tinha pensado primeiro, e gostava do seu sorriso.

- Para onde te diriges, donzela?

- Para a casa de Macellius Severus, senhor; estas raparigas devem ser entregues ao seu cuidado...

- Ah, então são estas as crianças. - Por um momento ele franziu o sobrolho, depois o rápido sorriso iluminou-lhe os olhos outra vez. - Estamos todos apresentados, então. Eu próprio também vou para lá; posso ser o teu guia?

Ela olhou para ele um pouco duvidosamente, mas ele atirou com a rapariga para cima dos ombros, e ao ouvir as gargalhadinhas da pequena Senara decidiu que, afinal de contas, ele devia ser de natureza bondosa.

- Agarrais nela como alguém muito habituado a crianças, senhor - disse ela, e se bem que não tenha perguntado mais nada, ele respondeu:

- Tenho três filhas; estou muito acostumado aos pequeninos. «Então », pensou ela, «ele é casado. Será ele um dos nossos?» Passados uns instantes disse:

- Dizei-me, senhor, sois então um membro do rebanho do Padre Petros?

- Eu não sou - replicou -, mas a minha mulher é.

- Então, senhor, a vossa mulher é minha irmã em Jesus e desse modo minha parenta.

Os lábios dele torceram-se bastante sardonicamente e ela pensou, «Ele é novo de mais para sorrir tão amargamente. Quem o terá ferido assim?»

- Sois muito amável em escoltar-me - disse ela em voz alta.

- Não é maçada nenhuma. Macellius é meu pai, vês... Estavam-se a aproximar duma casa com bom aspecto perto das muralhas da fortaleza, caiada e com azulejos, ao estilo romano.

O romano bateu ao portão e, passados uns momentos, um escravo abriu-o e eles passaram por uma comprida entrada até um jardim interior.

O romano perguntou:

- O meu pai está?

- Está com o legado - replicou o homem. - Entrai e esperai por ele se desejardes; ele deve estar quase a chegar. Na realidade não se passaram mais de quatro ou cinco minutos até Macellius chegar. Senara não teve pena de o ver, pois a mais nova das crianças tinha acordado e estava a começar a choramingar. Macellius entregou-as a uma corpulenta e amável escrava que olharia por elas até os pais adoptivos que tinha escolhido para elas as viessem buscar. Agradeceu a Senara e perguntou-lhe polidamente se precisava duma escolta para o regresso.

Senara abanou a cabeça rapidamente. Na Casa da Floresta pensavam que ela tinha trazido as crianças para parentes da mãe na cidade. Regressar com uma escolta de soldados romanos teria, sem dúvida, sido como deitar achas para a fogueira. Seria agradável, no entanto, se o Severus mais novo a pudesse escoltar até casa... expulsou o pensamento.

- Ver-te-ei outra vez? - perguntou ele, e um pequeno tremor de excitação percorreu-a.

- Talvez numa das cerimónias - Depois, antes que fizesse uma completa figura de idiota, escapuliu-se pela porta fora.

Julia Licinia nunca fazia nada pela metade. Uma noite em Abril pediu a Gaius que a acompanhasse a uma cerimónia religiosa da tarde, no templo do Nazareno, em Deva, Se bem que o seu casamento se tivesse transformado numa polida ficção, ela era ainda a senhora da sua casa e Gaius sentia-se obrigado a suportá-la. Tinha considerado o divórcio, mas não via qualquer utilidade em ferir Licinius e as suas filhas para casar com outra rapariga romana qualquer.

Não se encontrava suficientemente nas boas graças do Imperador para fazer uma aliança com uma família do seu partido, e aliar-se com a oposição podia ser perigoso. Se bem que o Macellius mais velho falasse pouco, Gaius sabia que a conspiração estava a avançar. Se o Imperador caísse, tudo seria modificado. Parecia melhor a Gaius pôr de lado as preocupações com o seu futuro pessoal até se saber se tinha sequer algum.

Visto o templo do Nazareno ter sido, em parte, comprado com os lucros das

joias que Julia parecia já não usar, Gaius estava curioso para saber que tipo de valor ela tinha obtido em troca do seu dinheiro. Na altura em que estavam preparados para partir já formavam um grupo bastante grande; não apenas Gaius e Julia, mas também as rapariguinhas e as suas amas, e o que parecia metade do pessoal da casa.

- Por que temos de levar toda esta gente connosco? - perguntou Gaius, não de todo bem disposto. Ele e a sua família dormiriam nessa noite em casa de Macellius, mas o seu pai não tinha espaço para todo o seu pessoal.

- Porque são todos membros da congregação - disse Julia mais agradavelmente. Gaius pestanejou. Nunca lhe teria ocorrido perguntar-lhe como ela dirigia a sua casa, mas não tinha reparado que o seu zelo a tivesse levado tão longe. Ela acrescentou: - Voltarão à villa quando isto tiver acabado. Não lhes posso recusar a oportunidade de prestarem culto.

Gaius pensou se não seria, antes, ela que não os deixaria, mas achou mais sensato calar-se. A nova igreja cristã era um edifício antigo bastante grande, perto do rio, que tinha originariamente pertencido a um importador de vinho. O desagradável cheiro a vinho velho era encoberto pela fragrância de velas de cera, e flores novas estavam amontoadas no altar. Quadros pintados bastante grosseiramente - um pastor carregando uma ovelha, um peixe, alguns homens num barco, adornavam as paredes caiadas.

Quando entraram Julia fez um sinal misterioso; ele ficou descontente ao ver que Cella, Tertia e Quartilla a tentaram imitar. Tinha Julia convertido, não apenas os criados, mas as filhas também? Pensou se estes cristãos não estariam a tratar de minar a autoridade do lar.

Julia encontrou um lugar num duro assento não muito longe -da porta, e sentou-se, rodeada pela sua camareira e pelas filhas. Gaius, de pé atrás dela, olhou à volta para ver se mais alguém na congregação era seu conhecido. A maioria dos adoradores reunidos pareciam ser gente trabalhadora do mais pobre dos géneros, e ele pensou como é que a afectada Julia gostava de se ver no meio de tal gente. Depois reconheceu um rosto: a rapariga que tinha trazido as filhas de Brigitta para a cidade. Ela tinha-lhe dito que vinha às reuniões quando se podia escapar, e ele percebeu agora que uma das razões por que tinha cedido ao pedido de Julia para a acompanhar tinha sido uma vaga esperança de a ver.

Um padre, muito barbeado e usando uma longa dalmática, entrou com dois rapazes, um dos quais carregava uma grande cruz de madeira e o outro uma vela, e um par de homens mais velhos que julia lhe tinha dito serem diáconos, um dos quais transportava na mão um pesado livro, encadernado a couro. Este último era um homem de meia idade, com um aspecto bastante solene. Quando pousou o livro na imensa estante tropeçou numa criança duns quatro anos de idade que estava na coxia; mas, em vez de fugir aterrorizada, a criança riu-se para ele e o diácono inclinou-se e abraçou-a, com um sorriso que lhe transformou a face, entregando-a depois ao pai, um encardido homem com musculosos braços de ferreiro.

Houve orações e invocações; a congregação foi purificada com incenso e

água, tudo suficientemente parecido com uma cerimónia romana para que Gaius não se sentisse desconfortável de mais, se bem que o latim fosse menos puro. Então, os padres e os diáconos sentaram-se e houve um ligeiro movimento de excitação quando outro homem se chegou à frente.

- O Nosso Senhor disse uma vez, *«Deixem as crianças vir até mim* e *não as proíbam; pois delas é o Reino dos Céus »*. Muitos de vós aqui esta noite perderam um filho e lamentam-se; mas os vossos filhos, digo-vos, estão a salvo com Jesus no Céu e vós, pais que vos lamentais, sois mais felizes que aqueles pais que entregaram os seus filhos, em vida, ao serviço dos ídolos. Digo-vos que seria melhor para essas crianças estar mortas fora de perigo, não tendo ainda pecado, que vivas para servir falsos deuses! - fez uma pausa para respirar e o povo suspirou.

«Vieram aqui para serem assustados!», pensou Gaius cinicamente. «Estão a gostar do pensamento da sua própria virtuosa superioridade!»

- Pois o primeiro dos grandes mandamentos é este: amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e toda a tua alma; e o segundo dos grandes mandamentos é este: honrarás o teu pai e a tua mãe. - O Padre Petros estrondeava. - Sendo assim, levanta-se a questão: até onde pode um jovem ser responsabilizado se os seus guardiões o colocam ao serviço dum ídolo pagão? Há padres na nossa Igreja que dizem que todos, mesmo crianças de colo, são culpados se estiverem presentes durante a adoração dum ídolo; mas há outros que mantêm que se os guardiões duma criança o entregam para servir um ídolo antes de ter chegado à idade da razão, então ele não deve ser culpabilizado. O meu próprio sentimento é...

Mas Gaius não se importava verdadeiramente com o que era o próprio sentimento do padre. Nesta altura o seu olhar estava fixo no muito mais agradável espectáculo da rapariga, Senara, que estava inclinada para a frente, absorta nas palavras do eremita. Tinha definitivamente perdido o fio ao discurso do padre, mas já tinha decidido que estas cerimónias cristãs eram aborrecidas de mais para o seu gosto; nenhuns sacrifícios, nenhumas exortações gritadas, nem mesmo o drama que os ritos de Isis ou de Mithras podiam por vezes proporcionar. De facto, estas cerimónias cristãs, em suma, eram mais aborrecidas que tudo o que alguma vez tinha ouvido, com a excepção de algumas das filosofias druídicas.

Mesmo tendo a luminosa face da rapariga para olhar pareceu que se passou muito tempo antes que o discurso do Padre Petros finalmente perambulasse até ao seu final. Gaius estava desejoso de se ir embora e foi com consternação que ouviu que se esperava que ele e outros membros da congregação não baptizados fossem esperar lá fora, enquanto os iniciados participavam numa espécie qualquer de banquete de amor. As suas queixas foram tão audíveis que Julia finalmente concordou em partir, se bem que prometesse às amas e serviçais que podiam ficar.

Ele agarrou na adormecida Quartilla e partiram para casa de Macellius. Mal tinham começado a andar quando Tertia começou a protestar que também queria ser levada ao colo. Gaius disse-lhe bruscamente para se portar como uma rapariga crescida e que andasse; a saúde da sua mãe tinha melhorado mas não estava ainda suficientemente forte para carregar a criança e Cella era ainda pequena de mais. Quando Tertia começou a chorar, alguém se mexeu atrás deles

e ele ouviu uma voz a dizer:

- Eu levarei a tua rapariguinha.

Gaius podia ter recusado, mas a rapariga bretã já tinha agarrado na ensonada criança, que, quase instantaneamente, caiu a dormir nos seus braços.

- Na realidade ela não pesa nada - disse a rapariga -, e estou habituada a trabalhos mais duros que este!

- És uma verdadeira irmã em Cristo - exclamou Julia. Gaius não conseguiu encontrar nada para acrescentar a isto e, assim, caminharam juntos. As mulheres trocaram alguns lugares-comuns em voz baixa, e Gaius viu-se obscuramente aliviado por elas, claramente, não se conhecerem assim tão bem uma à outra. A Lua, apenas umas poucas de noites depois de ter estado cheia, limitava-se a dar-lhes a luz indispensável para iluminar o caminho. Podiam ver com nitidez a estrada por baixo dos pés e muitas das árvores brilhavam com nuvens duma enevoada floração branca.

Quando empurraram o portão, o camareiro de Macellius saiu para vir ao

encontro deles com uma lanterna. Na altura em que Tertia se começou a mexer, a rapariga bretã pousou-a e ficaram a olhar uns para os outros à súbita claridade.

- Tens que ficar e fazer-nos companhia à refeição já que também perdeste o ágape - declarou Julia.

- Oh, não, não posso - disse envergonhadamente a rapariga. - É muito amável da vossa parte, senhora, mas não tive licença para vir; devo voltar para casa já, ou darão pela minha falta, e então, mesmo que não seja castigada, posso poder não voltar outra vez.

- Sendo assim não te reterei; seria uma pobre paga pela tua amabilidade - disse Julia rapidamente. - Gaius irá contigo. Esta parte da cidade é calma, mas antes de saíres os portões pode haver algumas pessoas que não seria seguro uma honesta e decente, rapariga encontrar.

- Isso não será necessário, Domina... - começou, mas Gaius interrompeu-a.

- Vou de boavontade; queria andar um bocado antes de ir para a cama, e posso levar-te a salvo até tua casa.

Pelo menos podia perguntar-lhe o que estava a fazer uma rapariga da Casa da Floresta no meio de cristãos. A resposta, decidiu, podia ser reveladora. Quando ela enrolou o capote - escuro e simples, tal como uma serviçal numa casa respeitável usaria - apertadamente à sua volta, ele pensou se seria porque, por baixo, usava o vestido de uma sacerdotisa. Gaius pegou num archote; mesmo com a Lua, sabia mais que ir afrontar as ruas sem um, e sentiu que uma boa luz podia tranquilizar a rapariga. Ela beijou todas as pequeninas, incluindo a adormecida criança nos braços de Julia, e começou a descer os degraus ao lado dele. Passaram pelas ruas silenciosas sem atraírem qualquer atenção mas, mesmo depois de as últimas casas terem ficado para trás deles, e apesar de a noite estar quente, a sua companheira não fez qualquer tentativa para puxar para trás o seu capuz.

O silêncio parecia opressivo.

- Há quanto tempo tens vindo aos serviços no novo templo? - perguntou Gaius finalmente.

- Desde que foi construído.

- E antes disso?

- Quando era uma rapariguinha, a minha mãe costumava levar-me a encontros nos alojamentos dos criados da casa dum dos pais da cidade cujo camareiro era cristão.

Mas tu vives na Casa da Floresta - disse ele, franzindo o sobrolho.

- É verdade - replicou ela calmamente. - As suas sacerdotisas deram-me abrigo aí... sou órfã. Mas nenhuns juramentos me prendem. O meu pai é bretão, exilado agora, mas a minha mãe era romana. Ela baptizou-me e quando descobri que o Padre Petros estava a viver por perto quis aprender mais sobre a fé dela.

Gaius sorriu.

- E o teu nome é Valeria!

Ela pestanejou. já se tinha passado muito tempo desde que tinha ouvido esse nome.

- Esse é o nome que a minha mãe me chamava, mas já sou Senara há tanto tempo que quase o tinha esquecido. O Padre Petros diz que é o meu dever obedecer aos meus guardiães, mesmo que eles sejam pagãos. Ao menos na Casa da Floresta nada de mal me poderá acontecer. Ele diz que os druidas estão entre os bons pagãos, aos quais um dia será oferecida a salvação; mas não devo tomar votos com eles. E o Apóstolo Paulo ordenou aos escravos que obedecessem aos seus amos. A liberdade é da alma, mas o estatuto legal do corpo não pode ser negado, bem como não o podem ser os juramentos legais.

- Pelo menos têm esse juízo - resmungou. - Uma pena que não possam ampliar esse raciocínio para cobrir o seu dever para com o Imperador!

Senara continuou a conversar como se não tivesse ouvido e ele pensou se o seu tagarelar não esconderia medo, mas estava encantado de mais com a música da voz dela para se importar muito com as palavras. Tinha uma tal inocência... como Eilan quando era nova.

- Claro que, na Casa da Floresta, não me pedem para pecar e são boa gente, mas eu quero ser uma verdadeira crente e ir para o Céu. Teria medo de ser uma mártir, contudo, e costumava ter medo que eles pensassem que era o meu dever

morrer pela minha fé como um dos santos sobre os quais a minha Mãe me falou; era apenas um bebé mas consigo lembrar-me... por pouco.

- Mas o Governo agora não persegue os cristãos... - Ela hesitou. Enquanto Gaius procurava algo para dizer, ela continuou. - Claro, hoje à noite o padre estava verdadeiramente a falar de mim. Algumas pessoas na congregação sabem que eu estou num dos templos pagãos e desprezam-me porque continuo ali... mas o Padre Petros diz que não preciso de os deixar até ser maior.

- E depois o quê? - perguntou ele. - Valerius arranjar-te-á um casamento com alguém adequado?

- Oh não. É mais provável que entre para uma congregação sagrada. Os padres dizem que no céu não há nem casamento nem entrega em casamento.

- Que desperdício - declarou Gaius. já antes tinha ouvido aquela. - Penso, verdadeiramente, que os padres devem estar enganados.

- Oh não; pois quando o mundo acabar não quererеis ser encontrado com nenhum pecado na vossa alma.

Gaius disse, com absoluta honestidade:

- Nunca me ocorreu preocupar-me com a minha alma, nem mesmo perguntar-me se tinha ou não uma.

Ela imobilizou-se repentinamente e virou-se para ele na escuridão.

- Mas que terrível - disse fervorosamente. - Não quereis ser lançado nas profundas do inferno, pois não - Acho-a uma estranha religião, a que condena as pessoas por procriarem crianças, ou pelo acto que as concebe! E quanto às tuas profundas do inferno decerto que é tanto uma fábula como as de Tartarus ou de Hades. Nada que assuste um homem racional. Queres dizer-me que acreditas realmente que é para aí que vão aqueles que ofendem as regras do Padre Petros?

Ela deteve-se novamente e levantou a face para ele, branca como um lírio ao luar.

- Mas claro que quero - disse. - Deveis pensar já sobre a vossa alma, antes que seja tarde de mais.

Se alguém, a não ser uma rapariga tão bonita, tivesse levantado tal tópico de conversa com Gaius, provavelmente ele teria rido na sua cara. As conversas de Julia sobre estas coisas maçavam-no quase até às lágrimas. Em vez disso, respondeu mais suavemente:

- Se te preocupas com a minha alma terás, simplesmente, de me ajudar a salvá-la.

Ela disse duvidosamente:

- Acho que o Padre Petros vos podia ajudar muito melhor do que eu. - Tinham chegado à entrada da avenida de carvalhos que conduzia à Casa da Floresta e ela parou. - Posso achar o meu caminho a partir daqui; e decerto que vós não deveis aproximar-vos mais. Podeis ser visto e então eu também seria apanhada e castigada.

Ele agarrou-lhe nos ombros e disse, meio jocosamente, meio suplicante.

- Deixar-me-ás ir com a minha alma por salvar, então? Temos de nos encontrar outra vez.

Ela pareceu ficar perturbada.

- Eu não devia dizer isto - disse ela abruptamente -, mas levo comida ao Padre Petros ao meio-dia de todos os dias. Se calhasse estares por ali... admito... então podíamos falar.

- Então certamente salvarás a minha alma, se é que ela pode ser salva - replicou Gaius. Não se importava a mínima com a sua suposta alma; mas queria ver Senara outra vez.

- Nunca mais te verei... - Eilan afastou-se de Caillean e ficou a olhar para o jardim.

- Isso é uma parvoíce! - exclamou Caillean, a punhalada de medo que aquelas palavras a fizeram sentir transformando-se em ira. - Agora és tu que estás a ter as precognições idiotas. Foste tu própria que quiseste que eu partisse!

Os estreitos ombros de Eilan estremeceram.

- Não eu, não eu. Foi a Deusa a falar por meu intermédio, e eu devo cumprir a Sua vontade. Mas, oh Caillean, agora que a altura chegou é tão duro!

- De facto é duro! - respondeu-lhe Caillean, - Mas eu é que te devo abandonar e a tudo o que tenho amado. Tens a certeza de que era a Deusa a falar e não Ardanos a murmurar-te ao ouvido? Ele tem querido separar-nos desde que o obriguei a deixar que ficasses com o teu filho!

- Admito que isto lhe agrade - murmurou Eilan -, mas acreditas verdadeiramente que isto tenha sido obra dele? Tudo o que tentei fazer aqui é uma mentira?

Caillean ouviu a sua dor e não conseguiu manter mais tempo a sua ira.

- Minha querida... minha pequenina - pousou uma mão no ombro de Eilan e a outra mulher caiu-lhe nos braços. Não fez qualquer som, mas as suas faces estavam riscadas com lágrimas - Não devemos lutar como crianças quando temos tão pouco tempo! Há alturas em que o poder dos deuses queima como o sol e depois escurece e a luz parece apenas um sonho. Sempre assim tem sido. Mas eu acredito em ti, meu amor.

- A tua fé tem-me aguentado - murmurou Eilan.

- Ouve - disse Caillean. - Isto não é para *sempre*. *Um* dia, quando formos velhas as duas, riremos dos nossos medos.

- Sei que ficaremos juntas - disse Eilan vagarosamente mas se é nesta vida ou noutra não o posso dizer.

- Minha Senhora - Huw dirigiu-se-lhe do portão -, os carregadores estão à espera.

- Agora tens de ir. - Eilan endireitou-se, tornando-se de novo na Grã Sacerdotisa. - Temos ambas de servir a Senhora nos locais para os quais Ela nos tenha chamado, não interessa como nos sentimos.

- Está tudo bem, eu voltarei, verás - disse asperamente Caillean, dando-lhe um último, rápido abraço e largando-a.

Saiu depois, sabendo que se olhasse para trás, para Eilan, se desfaria em lágrimas e não devia fazê-lo, não *em* frente das jovens sacerdotisas e dos homens. Não foi senão quando as cortinas da liteira se fecharam à sua volta que as deixou correr.

Passou a maior parte da chuvosa, lúgubre viagem até ao País de Verão a bordar. A sua disposição não melhorou pelo facto de terem tido de viajar de liteira, uma forma de transporte que ela detestava.

Era acompanhada pelas sacerdotisas escolhidas para a nova casa. Eram na sua maioria jovens, e todas virtuais recém-chegadas à Casa da Floresta e que se sentiam intimidadas de mais até mesmo para se lhe dirigir em nada mais que o

mais inofensivo dos lugares-comuns. Caillean tinha pouco para fazer excepto alimentar a sua raiva.

Aproximava-se o crepúsculo quando a pequena procissão passou através do pequeno desfiladeiro entre as colinas e se transferiu para barcaças a fim de atravessar os estreitos pântanos que rodeavam o Tor. Este mantinha-se rígido de encontro ao céu que se ia desvanecendo, coroado por um círculo de pedras e, mesmo daqui, ela podia sentir o seu poder. As casas redondas dos druidas aglomeravam-se nas suas ladeiras mais baixas. No vale para lá delas, apenas podia entrever uma confusão de cabanas mais pequenas, como uma colmeia, que deviam pertencer aos cristãos que Ardanos tinha autorizado se estabelecessem aqui. A fragrância de alguma árvore perfumada, talvez macieiras, estava suspensa no ar.

Foram recebidas no sopé da colina pelos jovens padres ali deixados de sentinela, que as saudaram com muitas expressões de deferência e de boavontade, se bem que parecessem um tanto incertos quanto ao porquê da sua vinda. Apesar da sua ira começou a ficar divertida com a confusão deles, começando também, relutantemente, a fazer as pazes com o inevitável. Para o melhor ou para o pior, o clero druídico tinha-a enviado para aqui, e até eles não passavam de instrumentos da Deusa, a qual tinha ordenado a sua presença aqui em termos inquestionáveis.

Quando atingiram o santuário estava completamente escuro. *Os* padres saudaram-nas polidamente, se não cordialmente - mas também, Caillean não tinha esperado ser benvinda. Se isto era o exílio, ao menos era um exílio honroso e visto não poder alterá-lo, podia, pelo menos, tirar o melhor partido dele.

Depois das cerimoniosas saudações, viu as suas mulheres amontoadas perto da lareira, de olhos arregalados em confusão. Um dos sacerdotes mais jovens conduziu-as para uma habitação baixa, com um tecto de colmo, que como eles tinham apologeticamente dito não era de modo nenhum conveniente para alojar uma sacerdotisa, muito menos uma da sua posição. No entanto, ter onde pôr mulheres não era um problema com que tivessem tido que lidar até agora. Uma vez que o Arquidruida o tinha ordenado, contudo, foram rápidos a garantir-lhe que uma casa conveniente seria construída para uso delas, logo que tornasse conhecidas as suas necessidades, e que a assistência que ela e as suas mulheres desejassem ser-lhes-ia garantida.

Na altura em que Caillean se tinha assegurado de que todas as jovens mulheres estavam alojadas no dormitório evacuado à pressa que tinha albergado os noviços mais jovens e foi capaz de finalmente procurar a sua própria cama, estava quase a cair de fadiga. Se bem que a cama e o lugar lhe fossem estranhos, dormiu pacificamente, para sua surpresa, durante toda a noite e acordou quando a madrugada ainda avermelhava o céu. Vestiu-se sem acordar as suas mulheres e saiu sozinha para a precoce manhã. Raios de luz rosada estavam a começar a corar o céu. O caminho à sua frente subia pela colina acima.

Quando a luz aumentou Caillean estudou os arredores cuidadosamente. Para o quê, neste remoto país, a teria o seu destino conduzido?

Quando o Sol se levantou ela pôde ver que o Tor aparecia por cima duma vasta extensão de terras selvagens, completamente rodeadas por pesadas brumas que flutuavam no grande lençol de água; tinham chegado tão tarde na noite anterior que mal tinha reparado, na sua fadiga e exaustão, que a parte final da sua viagem tinha sido feito por barcaça. As colinas cobertas por árvores, de outras ilhas, mostravam os seus florestados cumes verde escuros por cima da neblina. Estava tudo em silêncio, mas enquanto o Sol se levantava, e Caillean estudava esta estranha paisagem, começou a ouvir o ténue murmúrio de cânticos vindos de algures não muito longe dali.

Virou-se; o som vinha duma pequena estrutura mesmo no topo da ilha. Deslocou-se mais para cima, para poder ouvir melhor. A música era suave e lenta, a profunda ressonância de vozes de homens estranha para os seus ouvidos depois de tantos anos entre mulheres. Depois de algum tempo percebeu palavras na torrente de som; parecia-lhe que estavam a cantar em grego.

Kyre eleison, Criste eleison. Tinha ouvido dizer que era assim que os cristãos se dirigiam ao seu senhor; esta devia ser a comunidade de refugiados que o Arquidruida tinha autorizado a estabelecer-se aqui. Nos dias de hoje as mais estranhas religiões estavam a espalhar-se por todo o Império.

Pouco depois o som desapareceu, e ela viu um pequeno velho, curvado como se devido a uma avançada idade, a olhar para ela. Pestanejou, pois não o tinha visto aproximar-se, e isso era pouco habitual numa sacerdotisa com o seu treino. Quando ela o fitou, ele baixou os olhos. Deve ser um dos padres cristãos, de facto; tinha ouvido dizer que muitos dos seus padres não olhavam para uma mulher estranha.

Mas, aparentemente, estava autorizado a falar com ela. Ele disse, no latim de mercado que servia de dialecto por toda a Europa:

- Um bom dia para ti, minha irmã. Posso perguntar o teu nome? Sei que decerto não és uma das nossas catecúmenas, pois há muitos anos que não temos tido quaisquer mulheres entre nós, excepto as veneráveis senhoras que nos acompanharam, e tu és nova.

Caillean sorriu um pouco à ideia de que alguém a pudesse considerar jovem, mas o padre tinha barbas brancas e era frágil como uma folha caída. Pelo menos quanto à idade podia ter sido seu avô.

- Não sou - disse ela. - Sou uma daquelas que adoram o deus da floresta. o meu nome é Caillean.

- É verdade? - perguntou ele polidamente. - Sei alguma coisa dos irmãos entre os druidas e não sabia que tinham mulheres entre eles.

- Os que aqui vivem não têm - replicou -, ou pelo menos não tinham até agora. Fui enviada para aqui da Casa da Floresta, no Norte, para fundar uma Casa das Donzelas. Subi a colina para ver para que lugar os deuses me tinham enviado.

- Falas como alguém que tem alguma familiaridade com a verdade, minha irmã. Sendo assim decerto sabes que todos os deuses são um Deus... - fez uma pausa, e Caillean completou:

- ... e todas as deusas uma Deusa.

A sua idosa face era a gentileza em pessoa.

- É assim. Aqueles aos quais o nosso Senhor apareceu como o Divino Filho do Senhor não veriam a face do Senhor em nada feminino, Pelo que, para eles, não falamos da Deusa mas de Sofia, a Sagrada Sabedoria. Mas sabemos que a Verdade é Uma. Assim, minha irmã, a mim parece-me muito adequado que estabeleçam aqui um santuário à Sagrada Sabedoria segundo os costumes do teu povo.

Caillean fez uma vénia. A face dele estava profundamente enrugada mas já não lhe parecia feia, pois brilhava, positivamente, com benevolência.

- Que esplêndido trabalho ao qual devotar o que resta desta incarnação, minha irmã - Ele sorriu, depois o seu olhar voltou-se para o interior. - Parece certo que estejas aqui, pois tenho a sensação que já antes servimos nos mesmos altares...

Não pela primeira vez neste estranho encontro Caillean ficou assombrada.

- Tinha ouvido dizer que os irmãos da tua fé negavam a verdade das encarnações - disse espontaneamente. Mas o que ele tinha dito era verdade. Ela tinha-o reconhecido, com aquela espécie de certeza que tinha sentido quando tinha conhecido Eilan.

- Está escrito que o próprio Mestre acreditava - disse o idoso padre -, pois Ele disse do Profeta, a quem os homens chamavam Jochanan, que ele era Elijah renascido. Também está escrito que ele disse que havia leite para os bebés e carne para os homens fortes. A muitos dos bebés entre nós, novos na fé, é-lhes dada comida tal como é devido a bebés no espírito, não vão eles não emendar as

suas vidas na crença que, na verdade, a Terra esperaria por eles. No entanto o Mestre disse que esta geração não passará antes que o Filho do Homem se nos junte; sendo assim eu estou aqui para que até as pessoas no fim do mundo ouçam e conheçam a Verdade.

Caillean disse suavemente:

- Possa a verdade prevalecer.

- Sucesso para a tua missão, irmã - replicou o velho.

- Há muitos aqui que dariam as boas-víndas a uma congregação feminina piedosa. - Voltou-se como que para partir.

- É permitido perguntar o teu nome, meu irmão?

- Chamo-me Joseph e era um mercador de Arimathea. Há velhas senhoras, ainda a viverem no meio de nós, que viram a face do Mestre ainda em vida. Elas darão as boas-vindas à companhia de mulheres iluminadas, no nosso seio.

Caillean fez outra vénia. Achava-o um estranho mas bom presságio o encontrar entre estes cristãos, que não aceitavam facilmente mulheres, uma recepção melhor que aquela que os seus irmãos druidas tinham oferecido. *Servidora da Luz*.. o título retiniu-lhe na consciência, proveniente de algum lugar antes da memória. Enquanto os velhos padres desciam a colina as suas mãos moveram-se num gesto de reverência mais antigo que os próprios druidas. Se uma alma daquelas se podia aliar aos cristãos, era porque afinal devia haver alguma esperança para eles.

Quando ele desapareceu no interior da pequena igreja, Caillean viu que estava a sorrir. Sabia agora que a Deusa protegeria o seu trabalho e que tinha, na realidade, sido enviada para aqui por uma boa razão. Começaria neste mesmo dia.

Quando Caillean tomava o pequenoalmoço com as outras mulheres ocorreu-lhe que nesta nova casa, onde estavam todas longe de qualquer coisa familiar, não podia manter a reserva que Lhiannon, e depois Eilan, tinham mantido dentro da Casa da Floresta. Tomou a sua primeira decisão: não deviam ser servidas por estranhos. Era o primeiro passo na determinação da medida do contacto que teriam com o clero masculino. Uma decisão mais fácil foi a de escolher uma das mais altas e fortes das jovens noviças para localizar um local adequado para uma horta e semeá-lo o mais depressa que pudesse, e com tantos vegetais quantos fossem praticáveis. Alguma comida seria, claro, fornecida pela população local,

mas queria tornar bem claro, desde o início, que não ficariam, qualquer que fosse o modo, dependentes dos padres druidas. Neste local os padres não teriam nem a sombra duma desculpa para reivindicarem o controlo sobre a vida das mulheres.

Escolheu outra jovem mulher provavelmente a menos inteligente das suas subordinadas para ficar encarregada da cozinha e de servir a comida, prometendo-lhe tanta ajuda quanta a que ela desejasse. Mais tarde durante o dia falou com um dos padres e combinou que devia ser construído um edifício antes que a neve do Inverno se tornasse profunda, o qual albergaria cinco ou seis vezes o seu número original. Polida mas inflexivelmente, descartou a sugestão do velho padre que as suas actuais acomodações podiam ser suficientes pelo menos durante este Inverno.

Quando finalmente o despediu ele parecia bastante atordoado. Ela tinha a impressão de que ele se estava *a sentir como* alguém que tivesse sido atropelado por uma parelha de enormes cavalos, e sentiu que, pela primeira vez, podia ver a sua própria vontade obedecida. Não era uma sensação malvinda de todo. A Deusa estava na verdade a trabalhar aqui, pois a Senhora podia agora fazer uso dos seus talentos ao máximo e isso nunca antes tinha sido verdade.

Sentia a falta de Dieda; podia ter usado a ajuda da mulher mais nova com as donzelas e a ensiná-las a cantar. Mas, pensou, estava melhor sem hostilidade por parte dos seus associados, especialmente por terem sido forçados a um contacto tão próximo. Aqui não havia ninguém para protestar com quaisquer regras que pudesse criar, Resolveu escolher a mulher mais experiente a cantar ou em cânticos para aprender a tocar na sua própria harpa e, talvez, até ensinar-lhe a arte de modelar *esses* instrumentos.

Quando finalmente se deitou para dormir, depois de uma tarde gasta a agrupar as mulheres para a sua primeira lição na não escrita história da Deusa, pôde ouvir o doce som de cânticos vindos uma vez mais da distante igreja. Foi ao som do renovado cântico do «Kyrie eleison » que ela adormeceu, mais contente com o local para o qual a Deusa a tinha enviado que o que jamais tinha imaginado pudesse vir a estar. Nessa noite sonhou com um santuário de pátios e salões sobre o sagrado Tor, servido por donzelas, que poderia, um dia, vir a erguer-se aqui; podia não ser durante a sua vida; mas esse dia chegaria.

VINTE E OITO

Os dias tornaram-se mais compridos depois de Beltane; o gado foi conduzido para as pastagens das colinas, e nos campos homens tratavam o grão. o solestício de Verão chegou e, pela primeira vez, Ardanos não tentou dar instruções a Eilan antes do ritual, a respeito do Oráculo. Quando o viu no ritual ele pareceu-lhe muito frágil. Disseram-lhe depois que a Deusa lhe tinha previsto um tempo de desastres e mudanças, mas prometido que a seguir viria a paz. De facto, toda a terra estava cheia de rumores, mas ninguém sabia dizer de que direcção poderia o perigo vir.

Eilan tinha feito tenções de visitar o Arquidruida depois de recuperar do seu próprio papel no ritual, mas nesta altura do ano havia muito que fazer na Casa da Floresta. Os dias passavam-se mas mesmo assim ela não conseguia arranjar tempo. No pino do Verão, até as donzelas da Casa da Floresta foram para os campos para ajudar no corte do feno. Eilan supervisionava as que teciam linho para os padres, e trabalhava nos potes de tintura, preparando tecido para novos hábitos, mas era de Caillean que se sentia mais amargamente a falta, pois ela tinha sido sempre a mais habilidosa de todas as mulheres a tingir tecidos. Nenhuma lei exigia que Eilan fizesse turnos neste trabalho servil mas a ela parecia-lhe que, enquanto tivesse a responsabilidade pela sua pequena comunidade também lhe competia participar da sua vida.

Estava nos telheiros de tingimento, as mangas enroladas por cima dos cotovelos e os antebraços manchados com tintura azul, quando uma sombra caiu sobre a soleira da porta. Um murmúrio de escandalizada excitação correu pelas mulheres quando viram que era um dos jovens druidas, corado e a transpirar no seu hábito branco. Pois, se bem que o telheiro não estivesse dentro do recinto sagrado no interior dos muros, onde apenas os padres de mais elevado grau podiam entrar, não estavam habituadas a ver homens.

- A Grã Sacerdotisa - disse ele, respirando com dificuldade. - A Senhora Eilan está aqui? - Todas as mulheres se viraram para olhar para Eilan e, quando o rubor do rapaz se acentuou, ela percebeu que ele nunca a tinha visto sem o véu. Ele engoliu em seco. - Por favor, Senhora... o Arquidruida adoeceu. Tendes de vir!

Eilan parou na soleira da porta do quarto de Ardanos, chocada apesar de ter sido avisada. Ouviu Miellyn, que a acompanhava, dar um pequeno ofego e fez-lhe sinal que se deixasse ficar à porta com Huw. Depois sentou-se ao lado da cama do moribundo. E, de facto, não podia haver qualquer dúvida de que ele estava a morrer. A cada inspiração o ar estertorava e fazia um ruído de sucção no peito de Ardanos, e ela podia ver o crânio por baixo da pálida pele. Com uma pancada de dor lembrou-se de como ele se tinha sentado junto a Lhiannon durante a doença desta. Se bem que por vezes o tivesse odiado esperava que esta passagem fosse fácil.

- Teve um colapso ao jantar e esteve inconsciente até há pouco - disse Garic, um dos sacerdotes mais velhos. - Mandámos chamar Bendeigid.

Ela afastou o véu e estendeu a mão para agarrar a dele.

- Ardanos - disse suavemente. - Ardanos, podeis ouvir-me?

As frágeis pálpebras esvoaçaram e, depois de um momento de confusão, ele fixou-se na cara dela.

- Dieda - murmurou.

- Avô, nem mesmo agora me reconheceis? Dieda está no Sul, a testar donzelas que se querem juntar a nós como sacerdotisas. Eu sou Eilan. - Ficou amargamente divertida por ele ainda as confundir ao fim de todos estes anos.

O olhar dele fixou-se nos ornamentos que ela tinha tido tempo de colocar e suspirou.

- Eras a indicada... afinal de contas.

- Ardanos - disse ela firmemente -, como Grã Sacerdotisa é meu dever dizer-te que estais a morrer. Não podeis partir sem nomear o teu sucessor. Diz-nos, Arquidruida, quem deverá ser o portador da foicinha dourada depois de teres partido?

os olhos dele fixaram-se na sua face.

- Deusa, fiz o melhor... que podia - murmurou ele. - O Merlin sabe...

- Mas nós temos de saber! - disse o druida que o assistia.

- Quem escolhereis?

- Paz! - disse Ardanos com súbita energia, como se lhes estivesse a ordenar que se calassem. - Paz... - a palavra foi murmurada num último suspiro; a respiração estertorou na garganta do velho e depois ele imobilizou-se.

Durante uns instantes ninguém se moveu. Depois, Garic estendeu uma mão para tomar o pulso a Ardanos, esperou, a contar, e deixou a flácida mão cair.

- Ele foi-se! - disse acusadoramente.

- Lamento - disse Eilan. - O que ireis vós fazer?

- Temos de convocar os outros membros da nossa ordem disse um dos outros, encarregando-se já de tudo. - Parti agora, Senhora. A vossa parte está terminada. Informar-vos-emos quando os deuses nos tiverem conduzido a uma decisão, visto não terem achado adequado inspirar Ardanos com a sua palavra.

À medida que o décimo quinto Verão do reinado do Imperador Domiciano se passava, o tempo manteve-se abafado e parado, como se uma tempestade se estivesse a formar algures, mesmo para lá do horizonte. Gaius, a cavalo pelas ruas de Deva, via-se constantemente de ouvido à escuta, à espera da trovoada. E não era o único. As vozes dos vendedores, na cidade, tornavam-se agudas e iradas; havia mais lutas nas casernas e nas tabernas, e os rumores de levantamentos e motins abundavam. Até mesmo o seu cavalo parecia ter apanhado alguma da tensão, empinando-se e andando de lado nervosamente.

Os idos de Setembro... os idos de Setembro... as palavras martelavam-lhe na consciência cada vez que os cascos da montada batiam no duro solo. Desde que Macellius lhe tinha dito a data marcada para o levantamento que o sono o tinha abandonado. O seu pai acreditava que as tribos os apoiariam, mas Gaius não tinha a certeza. Se as águias de Roma lutassem umas com as outras os únicos vencedores poderiam ser os Ravens. Valeria a pena o risco de uma insurreição geral, mesmo para apear Domiciano?

«Quando isto tiver acabado ficarei feliz por passar o resto da minha vida a dirigir a minha quinta », pensou enquanto esfregava os olhos. «Não fui talhado para ser um conspirador.»

E foi este o momento que o Arquidruida, que a seu modo tinha sido uma força a favor da estabilidade, tinha escolhido para morrer. Se Gaius acreditasse no inferno dos cristãos de que Julia falava, teria rogado uma praga ao velho que o lançasse para as suas chamas pela sua escolha do momento. Só Mithras sabia

quem os druidas escolheriam para lhe suceder mas, e mesmo que o seu sucessor fosse amigável, levaria tempo até estabelecer o tipo de entendimento que Ardanos tinha tido com Macellius. Mas, pelo menos, as notícias tinham forçado Gaius a tomar uma decisão. A questão da adopção já não interessava. Se o país estava prestes a explodir numa revolução tinha de se assegurar de que o seu filho estava seguro. Os informadores do seu pai tinham confirmado que a Grã Sacerdotisa actual ainda era Eilan. Ia vê-la, munido com uma mensagem oficial de condolências do Legado.

Tinha-se vestido cuidadosamente para a ocasião, no estilo romano mas com um sentido de ostentação celta, uma túnica de linho açafrão bordada com folhas de acanto na bainha, sobre calças de pele de antílope vermelhas escuras e um capote de leve lã acastanhada preso com um broche dourado. Pelo menos ninguém lhe pedia que usasse uma toga quando andava a cavalo. Mas, apesar das elegantes roupas, quando virou a sua montada para a avenida de árvores que levava até à Casa da Floresta, compreendeu que estava nervoso. Os primeiros fios cinzentos tinham acabado de lhe aparecer nas têmporas. Eilan ainda o acharia bonito?

Levaram-no até um jardim onde alguém, envolto num véu azul, esperava por baixo duma latada coberta com madressilvas-dos-bosques. Sabia que devia ser a Grã Sacerdotisa, porque o mesmo pateta de guarda-costas que tinha desmaiado quando o gado tinha estourado em Beltane, há tantos anos, estava de pé a seu lado, a olhar para ele. Mas achava difícil acreditar que esta erecta, velada figura, fosse Eilan.

- Minha Senhora... - fez uma pausa, e compelido por algo que não sabia

explicar, fez uma vénia. - Vim para vos oferecer as condolências do Legado em Deva pela morte do Arquidruida, vosso avô. A sua falta será enormemente sentida. Ele era... - pensou por uns instantes - um homem notável.

- A nossa perca é de facto grande - respondeu ela e, se bem que o seu tom fosse incolor, ele sentiu a sua pulsação acelerar-se. - Quereis tomar algum refresco?

Passados alguns instantes, uma donzela vestida com o pardo traje duma noviça estava a pousar uma bandeja com bolos de mel e um frasco duma bebida qualquer, feita de ervas e água da Nascente Sagrada. Ele bebeu, a tentar pensar noutra coisa qualquer para dizer e, ao olhar para baixo, viu que o tecido do véu estava a tremer.

- Eilan - disse em voz baixa -, deixa-me ver a tua cara. já se passou tempo de mais.

Ela deu uma pequena gargalhada.

- Fui uma louca. Pensei que seria seguro ver-te outra vez.

- Encolheu os ombros e puxou o véu para trás, e ele viu que os olhos dela estavam molhados com lágrimas.

Gaius pestanejou, pois Eilan não parecia mais velha, apenas mais ensimesmada, como se a rapariga que tinha conhecido tivesse sido apenas um obscuro esboço da mulher em que se ia tornar. Apesar das lágrimas e do pescoço, que parecia esguio de mais para o peso do colar dourado, ela parecia forte. «E por que não?», pensou ele então. Durante estes últimos anos, na sua própria esfera de acção, ela tinha detido tanto poder como qualquer comandante das legiões. Esta mulher não podia ser a Fúria que o tinha assustado tanto. A sua visão enevoou-se com memórias antigas. Queria deitar-se aos seus pés e declarar-lhe o amor que sentia por ela, mas aquele palhaço com uma lança estaria em cima dele num instante.

- Ouve, pois não sei quanto tempo cá posso ficar - disse ele rapidamente. - A guerra está a chegar... não por causa da morte do teu avô, mas por causa de acontecimentos em Roma. Não te posso dizer mais nada, excepto que vai haver um levantamento contra o Imperador. Macellius espera que os Bretões nos apoiem, mas ninguém pode dizer como as coisas se irão passar. Tenho de te levar para um local seguro, Eilan, tu e o rapaz.

Eilan olhou para ele, e os seus mutáveis olhos tornaram-se categóricos e duros.

- Deixa-me ter a certeza que te percebo. Agora, que o Imperium está quase a despedaçar-se a si mesmo, queres oferecer-me protecção romana. Depois de todos estes anos! Não é mais provável que se houver problemas durante as próximas semanas eu esteja mais segura aqui - apontou para as paredes e para a tosca figura de Huw com um gracioso aceno da mão -, do que é crível que tu e os teus venham a estar?

Gaius corou.

- Tens tanta certeza que os do teu próprio povo não se virarão contra ti? Os teus Oráculos têm sido uma força a favor da paz com Roma; e agora que o teu avô já não está cá, quem é que pensas que gente como o Cynric culpará se as coisas correrem mal? Não vês que tens de vir comigo?

- Tenho de ... ? - os olhos dela chamejaram. - E o que diz a tua mulher romana a este belo plano? já se cansou de ti depois de doze anos?

- Julia tornou-se numa cristã e jurou um voto de castidade. De acordo com a lei romana isto é motivo suficiente para um divórcio. Podia-me casar contigo,

Eilan, e podíamos ficar juntos. Se não o fizeres, posso adoptar oficialmente o nosso filho.

- Tão bondoso da tua parte! - A face de Eilan estava agora tão vermelha como tinha estado branca. Pôs-se subitamente de pé e começou a descer o caminho, as suas saias a varrerem a gravilha atrás de si. Gaius e Huw deram um salto, ambos, pareceu-lhe, igualmente perplexos, e seguiram-na.

Na extremidade do jardim encontrava-se uma sebe, suficientemente baixa para Gaius poder olhar por cima dela para um espaço plano entre os edifícios e as paredes exteriores, onde diversas crianças estavam a brincar com uma bola de couro cosida. Depois duns instantes tornou-se evidente para Gaius que o líder era um rapaz, um rapaz tão pernalta como um jovem potro que estivesse agora a começar a fortalecer-se. Os seus caracóis estavam fulvos de um Verão ao sol, mas por baixo eram escuros e, quando se voltou para gritar para um dos seus colegas de equipe, Gaius viu algo tão parecido com Macellius na sua expressão que lhe fez parar a respiração.

Eilan tinha começado a falar novamente, mas o olhar de Gaius estava pousado no rapaz. O seu coração batia com tanta força que pensou que o podiam ouvir em Deva, mas a criança, concentrada no seu jogo, nunca olhou à volta.

- Quando o dei à luz naquela cabana na floresta onde estavas tu? - A voz

dela, baixa e furiosa, estava dirigida para os seus ouvidos. - E quando lutei para o manter comigo, durante todos estes anos enquanto cuidei dele em segredo, nunca me atrevendo a admitir que ele era meu? Ele não sabe que sou a sua mãe, mas tenho-o mantido seguro. Agora, quando quase chegou à idade adulta, vinhas tu e levava-lo? Penso que não, Gaius Macellius Severus Siluricus! - ela sibilou. - Gawen não conhece nada sobre Roma!

- Eilan! - murmurou ele. Gaius tinha pensado que o que tinha sentido pelo filho na única vez que lhe tinha pegado tinha sido alguma fantasia passageira; mas podia-o sentir outra vez, uma ânsia que lhe abalava os ossos. - Por favor!

Ela virou-lhe as costas e começou a descer o caminho.

- Os meus agradecimentos, romano, pela tuas condolências - disse ela, em voz alta e clara. - Foi amável da vossa parte terdes vindo. Como dizeis, a morte de Ardanos foi uma grande perca. Leva os nossos respeitosos cumprimentos ao Legado e ao vosso pai.

Gaius viu Huw agigantar-se na sua direcção e, ainda a olhar por cima do ombro, começou a segui-lo. Durante um momento Gawen olhou na sua direcção, a cabeça inclinada para trás, a olhar para a bola. Depois sumiu-se. Gaius deixou o grande homem conduzi-lo ao longo do caminho, sentindo como se a luz tivesse desaparecido do mundo.

Eilan tinha colocado novamente o véu, A sua última visão dela foi a de uma sombra a desaparecer na escura soleira de uma porta. Deixando o cavalo escolher o seu próprio caminho de volta à estrada, pensou como era possível que tudo tivesse corrido tão mal. Tinha ficado tão aliviado por ver que Eilan não se tinha modificado, e tinha feito tenções de lhe dizer que ainda a amava; mas, percebia agora, ela era algo pior que uma Fúria: era uma mulher como as antigas Imperatrizes, ou Boudicca, uma mulher deformada pelo orgulho e pelo poder.

Abruptamente, uma visão de Senara, tal como a tinha visto pela última vez a olhar para ele, encobriu a sua lembrança da raiva de Eilan. Ela era tão boa e tão inocente - como Eilan tinha sido quando a conheceu. Eilan nunca o tinha compreendido verdadeiramente, mas Senara era meio romana, como ele, e dilacerada pelos mesmos conflitos e incertezas. Se pudesse ganhá-la parecia a Gaius que ficaria completo novamente.

Ainda não estava batido. De uma maneira ou de outra, teria Senara e teria o rapaz, nem que todas as legiões de Roma e guerreiros das tribos se metessem no meio.

Eilan passou os dias que se seguiram à visita de Gaius em isolamento. As sacerdotisas pensaram que ela estava de luto pelo avô mas, ainda que a sua morte a tivesse deixado chocada e espantada, neste caso o que tinha predominado era o alívio. A sua reacção a Gaius, contudo, era um assunto

completamente diferente. Ela própria tinha ficado tão surpreendida com a sua fúria como ele. Não se tinha apercebido de como tinha ficado ressentida com o seu abandono durante todos estes anos. Era verdade que tinha concordado com isto, mas decerto que ele já podia ter tentado contactá-la antes! Como é que ele se atrevia a pensar que podia entrar por aqui dentro sem uma palavra de amor e levar embora o filho dela...

Quando os seus pensamentos chegavam a este ponto ela tinha de se obrigar a parar, andar um pouco ou passar algum tempo na disciplinada meditação que Caillean lhe tinha ensinado, para tentar recobrar a serenidade. Passaram-se alguns dias antes que ela começasse a considerar seriamente o que ele lhe tinha dito. Quem, de facto, se sentiria agora privilegiado para a instruir no que ela devia dizer em nome da Deusa? A última coisa que tinha ouvido dizer era que os druidas ainda estavam a discutir uns com os outros. Nesta altura já se tinha tornado claro que o próximo Arquidruida não seria escolhido senão depois de Lughnasad, pelo que não tinha de se preocupar com a preparação para o festival. Mas em Samaine o novo líder já estaria firmemente instalado no poder. E se fosse alguém como o seu pai, exigiria que a Deusa chamasse as tribos para a guerra.

Quando Dieda voltou à Casa da Floresta e veio vê-la, Eilan viu as suas manifestações de simpatia rapidamente repudiadas.

- Ardanos não é nenhuma perca - disse a sua parenta insensivelmente. - O meu pai esteve sempre nas mãos dos Romanos. Pergunto-me quem dará as ordens ao Oráculo agora.

Desde o nascimento de Gawen que Eilan se sentia constrangida na presença de Dieda. Mesmo assim, parecia-lhe impossível que ela não tivesse qualquer sentimento que fosse pelo seu próprio pai. Cada dia que se passava sentia mais a falta de Caillean, a qual poderia ter tirado algum sentido de tudo isto.

Dieda ainda estava com ela quando uma das raparigas entrou para lhes dizer que Cynric tinha vindo. Assim, os Ravens estão a juntar-se, pensou sombriamente Eilan, mas saudou Cynric amavelmente, como uma parenta, quando Huw o fez entrar. Parecia mais velho que a sua idade, pensou com pena, hirsuto como um pónei das montanhas, a sua fina pele desfigurada por velhas cicatrizes.

- O que estás a fazer nesta parte do país? Pensei que estavas a salvo no Norte depois das coisas terem corrido mal com Brigitta e com os Dematae.

- Oh, posso ir e vir como me apetece - disse ele -, mesmo debaixo do nariz do comandante. Sou esperto de mais para eles. - Falou com uma espécie de irritadiça alegria que ela achou perturbadora.

- Quanto mais orgulhoso é o animal mais depressa se vê no laço do caçador - murmurou Dieda sardonicamente. Fingia não se importar com Cynric, mas Eilan pensou que não era tão indiferente como queria dar a entender.

Cynric encolheu os ombros.

- Podia pensar que algum deus me protege mais que o normal; é verdade que a minha vida parece estar enfeitiçada. Penso que me seria possível ir a Londinium e puxar a barba ao Governador.

- Se fosses tu eu não o tentaria - disse Dieda, e ele devolveu-lhe a gargalhada.

- Neste momento não penso tentá-lo; pode ser que dentro de um mês ou dois as coisas sejam completamente diferentes.

Não lamento a morte de Ardanos; nem tu o devias, Eilan. Ele era excessivamente ávido por ter as coisas feitas à sua maneira.

- É verdade - disse ela com honestidade, se bem que o seu sangue se gelasse quando ligou o que Gaius lhe tinha dito com as palavras de Cynric.

- Bom; és honesta até esse ponto - disse ele. - Estou ansioso por saber, irmã adoptiva, até onde é que a tua honestidade vai.

Ela disse prudentemente.

- Eu, pelo menos, sei o que quero.

- Sim? E o que é isso, Eilan?

- Paz! - «Para que o meu filho possa crescer até se tornar num homem », pensou ela sombriamente. Mas não havia nenhuma maneira de dizer isto a Cynric. Ardanos tinha arruinado a sua própria felicidade, bem como a de Cynric e de Dieda, mas, pelo menos no Ocidente, as tribos tinham estado em paz há uma dúzia de anos.

Cynric fez uma careta.

- Paz... as mulheres dão-lhe demasiada importância - disse num ronco. - Pareces o porta-voz de Macellius; como, por vezes, pensei que o velho Ardanos era. Mas ele foi-se. Pode ser que agora tenhamos a hipótese de correr com esses romanos. Brigitta está à espera e sabe o que queremos dela.

- Seria levada a pensar que Brigitta já tinha visto guerra que chegasse - disse Eilan.

- Diz antes que ela já viu que chegue da justiça romana disse amargamente Cynric. - Mas há estranhos rumores a correr nestes dias. Se de facto os Romanos lutarem uns contra os outros, então talvez nos possamos ver livres daquilo a que chamam justiça. Então todas as casas romanas serão devastadas como o foi a casa de Bendeigid!

Eilan interrompeu-o.

- já te esqueceste de que não foram os Romanos que arrasaram a casa do meu pai e mataram a minha mãe, mas os Hibernians e os homens selvagens das tribos do Norte? Os Romanos é que os puniram.

- Pelas nossas próprias casas quem senão nós devemos ser responsáveis? - perguntou Cynric. - É a nós que compete punir ou poupar como acharmos adequado. Devemos aceitar tudo como cães domesticados e deixar os Romanos decidir quando e onde devemos lutar? - Um rubor de fúria estava a crescer por baixo da pele gasta pelo tempo.

Eilan disse teimosamente.

- O que quer que aconteça, a paz é uma boa coisa.

- Sendo assim continuarás a falar as traiçoeiras palavras de Ardanos? Ou serão as palavras de Macellius, ou talvez as do seu elegante filho? - perguntou, sorrindo desdenhosamente.

Atrás dele o gigantesco guarda-costas mexia-se inquietamente. Eilan mal reparou nisso, tão angustiada estava.

- Pelo menos Macellius tem o bem dos nossos dois povos no coração.

- E eu não tenho? - perguntou Cynric, os olhos a chamejar.

- Não digo isso, nem nada que se pareça.

- Mas foi isso que quiseste dizer - atirou-lhe ele. - Sei que o filhote de Macellius esteve aqui. O que é que te disse? Contigo no trono dá a impressão que não precisamos dos Romanos para nada. Mas não ouviremos traiçoeiros conselhos desses nunca mais. Bendeigid foi escolhido como Arquidruida, foi isso que te vim dizer, e ele dar-te-á instruções muito diferentes no próximo festival!

Dieda estava a olhar de um para o outro, a sua face a chamejar. Eilan lutou por se acalmar, sabendo que Cynric estava apenas a tentar feri-la.

- É verdade que Ardanos me dizia o que queria e que interpretava as respostas do Oráculo. Mas o que a Deusa diz enquanto estou em transe não é da minha responsabilidade. Eu não declaro a minha própria vontade, Cynric - disse ela calmamente.

- Estás a tentar dizer-me que a Deusa quer esta traição?

- Por que não o quereria Ela? - gritou Eilan. - Ela é Mãe.

- «Como eu o sou.» Eilan engoliu as palavras, e acrescentou iradamente: - Não tens o direito de me falar assim!

- Eu sou a vingança da Deusa - retorquiu Cynric - e falo como quero... e castigo...

Antes que Eilan pudesse reagir, a mão erguida dele tinha entrado em

contacto com a sua face. Ela gritou, e Dieda exclamou, em choque:

- Como te atreves?

- Cathubodva sabe que eu me atrevo a tratar desta maneira todos os traidores romanizados!

Uma sombra assomou por trás dele. Ainda a olhar fixamente, Cynric começou a virar-se, o cacete de Huw apanhou-o em movimento e a sua cabeça explodiu num banho de sangue e miolos. Dieda gritou e Eilan levantou a mão, mas era tarde de mais.

Durante um momento o corpo de Cynric manteve-se a balançar, uma expressão de surpresa no que restava da sua face. Depois, o corpo percebeu por fim a sua morte e abateu-se no chão.

A tremer, Eilan tocou-lhe no pulso, sabendo já, quando o esguicho de sangue da sua cabeça abrandou, que não encontraria qualquer pulsação. Olhou para cima, para o seu guarda, que estava a começar a ficar verde a olhar para o sangue.

- Huw... por que o fizeste? Por quê?

- Senhora... ele bateu-vos!

Eilan baixou a cabeça. Mesmo que o transgressor tivesse sido o próprio Ardanos, Huw tê-lo-ia atingido. Tinha-lhe sido dito que a Sacerdotisa era inviolável. Mas a morte de Cynric teria de ser mantida em segredo. Os seus seguidores não eram muitos, mas estavam desesperados. Se decidissem vingá-lo, a precária unidade que ela tinha construído entre o seu povo perder-se-ia. A morte de Cynric podia ser mais perigosa do que o que ele tinha sido em toda a sua vida.

Dieda voltou-se, a chorar. Eilan sentiu que ela própria estava para lá das lágrimas.

- Vai-te embora, Huw - disse cansadamente. - Vai dizer a Miellyn o que aconteceu e pede~lhe que mande uma mensagem ao Arquidruida - «O meu pai ... » pensou entorpecida, mas agora não tinha tempo para pensar nas implicações. - Não fales com mais ninguém - instruiu-o - e depois de teres dado este recado

esquece o que aqui aconteceu hoje.

Pôs-se de pé, sentindo-se subitamente cem anos mais velha.

- Dieda, anda para o jardim. Não há nada que possas fazer por ele agora. - E dirigiu-se à chorosa mulher para tentar confortá-la, mas ela afastou-se com um salto.

- É deste modo que recompensas a fidelidade ao teu povo? Então faz com que o teu urso amestrado me mate também. Eilan estremeceu.

- Eu tentei salvá-lo. Teria dado a minha vida de boa vontade...

- Oh de facto isso é muito fácil de dizer... - Dieda virou-se para ela. - Mas tu tiras vidas, não as dás. Alimentaste-te da sabedoria de Caillean e mandaste-a para o exílio quando a tinhas secado. Roubaste a minha reputação e afastastes-te tão intocada como um bebé recém-nascido. E agora tiraste a vida do único homem que jamais amei! O teu romano teve sorte de se ver livre de ti! Eilan a inviolada! Senhora Sublime e Poderosa! Se ao menos as pessoas soubessem!

Eilan disse cansadamente:

- Ninguém te apontou uma espada à garganta para te obrigar a tomar votos aqui, Dieda. Quando se tornou claro que me tinham escolhido a mim, podias ter sido libertada, e quando foste para Eriu nenhuma força foi usada para te obrigar a regressar. já o disse antes, mas admito que não o conseguisses ouvir. Tentou falar calmamente, mas as palavras da outra mulher atingiram-na com mais força que o golpe de Cynric.

- Disse-te uma vez para teres cuidado se alguma vez traísses o nosso povo. Cynric estava certo, Eilan? Tens estado sempre a trabalhar para Roma?

Eilan levantou a cabeça e, a tremer, olhou fixamente para aquela outra face, tão parecida com a sua própria.

- juro... que servi a Deusa tão bem como fui capaz - disse com voz rouca -, e possa o céu cair e cobrir-me, a terra levantar-se para me engolir se estou a mentir - inspirou profundamente. - Ainda sou a Grã Sacerdotisa de Vernemeton. Mas podes ir para junto de Caillean, ou para onde quer que queiras, se sentes que já

não consegues servir a Deusa na minha companhia.

Lentamente Dieda começou a abanar a cabeça, com uma expressão dissimulada de que Eilan gostou ainda menos que da raiva que rastejava nos seus olhos.

- Não te deixarei - murmurou ela. - Não partiria agora por nada deste mundo. Quero estar aqui quando a Deusa te fulminar.

Senara já estava à espera fora da cabana na floresta quando Gaius chegou, o seu brilhante cabelo uma chama contra as escuras árvores.

- Vejo que vieste - disse ele suavemente.

Senara voltou-se e, se bem que estivesse à espera dele, soltou um pequeno grito de surpresa.

- Sois vós?

- Ninguém mais - disse ele quase alegremente -, apesar do mau tempo. Atrevo-me a dizer que vamos ter chuva e muito rapidamente. Olhou para o céu. - O que é que tu pensas que o padre Petros diria de emprestar a protecção do seu telhado a um casal de caminhantes?

- Aos convertidos penso que ficaria encantado. Penso que não seria o mesmo com pagãos - disse ela reprovadoramente.

Entraram juntos. A mobília do eremita consistia nalguns bancos delapidados e, encostado à parede, um informe caixote como cama. Mas onde estava o padre Petros nesta tarde? Lá fora, a tempestade rebentou com um estrépito de vento e um estrondear de chuva. Gaius estremeceu ao ouvir a tempestade.

- Vês, chegámos aqui mesmo a tempo - disse ele.

- *Bellissima!*

- Não deveis chamar-me isso - disse ela timidamente.

- Não? - perguntou, olhando-a cuidadosamente. - Pensei que a verdade era uma das vossas virtudes cristãs. Os estoicos afirmam-no e, até mesmo entre os druidas, ouvi dizer que falar a verdade é apreciado. Preferias que te mentisse, então?

- Sabeis como levar a melhor comigo com as palavras disse ela rabugentamente. - Viemos aqui para falar do estado da vossa alma.

- Ah, sim; uma coisa de que ainda não estou convencido possuir.

Ela disse:

- Não sou nenhum filósofo. Mas não é verdade que até mesmo os estoicos que mencionastes falam daquela parte do homem que lida com a evidência daquilo que não se pode nem ver nem sentir?

- É verdade; e é isso que me convence que de todas as mulheres tu és a mais desejável.

Sabia que estava a forçar a rapariga, mas a tempestade, em vez de aliviar a tensão, parecia tê-lo enchido com a sua própria intensidade. Tinha passado os seus dias desde o encontro com Eilan num tumulto, alternadamente enraivecendo-se e entrando em desespero. Tê-la-ia levado embora e cumprido o seu dever para com ela, mas ela tinha-o recusado. Também Julia tinha desistido do seu direito sobre ele. Decerto agora estava livre para procurar conforto em qualquer outro lado! E quando disse a Senara que ela era linda não tinha mentido.

Ela corou e disse timidamente:

- Não é bem feito da vossa parte falar-me assim.

- Pelo contrário, penso que é muito bem feito e que tu quererias que eu falasse a verdade. E para que outra coisa foste criada, mulher?

Agora ela estava em terreno familiar, tendo ouvido tantas catequizações.

- A Escritura diz-nos - replicou - que fomos criados com o propósito de adorarmos o Criador.

- Que aborrecido para ele - respondeu Gaius. - Se eu fosse um deus pediria mais aos homens do que passarem os seus tempos livres a adorar-me.

- Mas não compete aos Criados discutir os propósitos do Criador.

- Por que não? - prosseguiu Gaius.

- Há alguma coisa melhor para fazer do que adorar Deus? - perguntou ela, levantando os olhos para ele. Assim corada ela parecia ainda mais bonita.

«Decerto que há », pensou Gaius, «e preferiria estar a fazê-lo contigo.» Se havia um deus ele tinha criado a beleza da mulher e Gaius não podia acreditar que condenasse nenhum homem por apreciá-la. Mas ainda não era altura de o dizer.

- Fala-me então desse Criador.

- Quase todas as fés, excepto talvez a de Roma que adora apenas o seu Imperador que é todo maldade, falam dum Criador. Foi Ele que fez todas as coisas que foram feitas e Ele colocou-nos aqui para o adorarmos.

- Para dizer a verdade é *o genius* do Imperador que honramos, a centelha divina que o guia, e através dele, o Império, não o homem. É por isso que aqueles que não queimam incenso são processados como traidores.

- Pode ser que tenha havido bons Imperadores, se bem que alguns padres não acreditem nisso - concedeu Senara. - Mas até vós deveis confessar que Nero, que queimou tantos cristãos na sua arena, era mau.

- Concedo-te Nero - disse Gaius - e Calígula. E há, em Roma, os que pensam que Domiciano foi longe de mais no seu hubris. Quando isso acontece, aqueles que fizeram dum homem Imperador têm o direito de o substituir - «E cedo », pensou, estremecendo. Setembro estava-se a passar rapidamente.

- Tendes muito orgulho em ser romano - disse ela depois.

- Não sei grande coisa da família da minha mãe e sempre pensei no que teria sido ser educada desse modo. Nascestes em Roma? Ele sorriu para ela.

- Na realidade não; sou meio bretão, tal como tu és. A minha mãe era uma mulher real dos Silures. Morreu quando eu era muito novo ao dar à luz a minha irmã mais nova.

- Ah, que triste para vós. - Os olhos dela subitamente inundaram-se de lágrimas; ele não tinha reparado que eram tão azuis. - O que fizésteis depois?

- Fiquei com o meu pai - disse-lhe Gaius. - Era o seu único filho, de modo que me educou com tutores e ensinou-me a ler latim e grego; depois fui para as legiões. Não há verdadeiramente mais nada a dizer.

- E não houve mulheres na vossa vida?

Ele viu-a a lutar com esta curiosidade puramente terrena; mas achou que era um bom sinal que ela quisesse saber.

- O meu pai arranjou-me casamento com Julia quando eu era ainda muito novo - disse cuidadosamente. Um dia ela teria de saber de Eilan e do filho dos dois, mas não ainda. - E como pode ser que saibas, a minha mulher tomou um voto de castidade, o que quer dizer que estou só - disse ele tristemente. Lá fora, ribombou um trovão.

Ela disse:

- Eu não devia dizer isto, e tenho a certeza de que o padre Petros não o aprovaria, mas isso não me parece um tratamento justo. Sei que um voto de castidade é suposto ser a melhor maneira de se viver, mas quando ela estava comprometida convosco...

- Se estivesses casada comigo farias um voto desses? Ela corou outra vez, mas disse seriamente:

- Não o faria. O erudito Paulus escreveu que aqueles que estavam casados deviam continuar nesse estado, e que os que não estavam casados não se deviam casar.

- Se me tivesse casado contigo terias levado os teus votos mais seriamente que Julia - disse suavemente.

- Nunca poderia ser infiel a um voto convosco.

- E não tomaste votos na Casa da Floresta? - Ela ainda estava a olhar para o chão, mas Gaius chegou-se um pouco mais para perto, sentindo o sangue a correr mais depressa por baixo da pele.

- Não tomei - disse ela. - Têm todas sido muito amáveis comigo e feito muito

poucas perguntas, mas eu não posso servir a Deusa delas sem desistir da minha herança romana. Terei de decidir cedo.

- Há outra alternativa - A sua voz enrouqueceu quando inspirou o suave aroma do cabelo dela, mas manteve-a voz baixa.

- Julia desistiu dos seus direitos como minha mulher com o seu voto de castidade, e casámos segundo os ritos romanos, não pelos cristãos. Eu casaria contigo, Senara, ou Valeria, como a tua mãe te chamou. O teu tio Valerius é um bom homem; ficaria feliz se eu te tirasse daqui.

Ele ouviu a respiração dela prender-se. Ela parecia um luminoso pássaro a pairar quase ao alcance da sua mão, como Eilan quando veio até ele em Beltane, há tantos anos. Mas Eilan e Julia tinham-no rejeitado; elas eram sombras, banidas pela vivificante realidade desta rapariga que agora estava tão próxima dele.

- Se ao menos isso pudesse ser - murmurou ela. - Para onde iríamos?

- Para Londinium, ou até mesmo para Roma. Grandes mudanças estão para

acontecer. Não te posso dizer mais, mas não há nada que não possamos fazer juntos se vieres comigo!

Não tocar nela naquela altura pareceu-lhe a coisa mais difícil que jamais tinha feito, pois, agora, estava louco com a incerteza e o desejo. Mas sabia que se o fizesse a perderia. Senara olhou para cima e ele enfrentou o seu olhar, deixando que o ardor que o enchia lhe brilhasse nos olhos.

Ela não fugiu. A tremer, disse suavemente:

- Quem me dera saber o que fazer.

«Sê minha », disse ele silenciosamente. «Ajuda-me a educar o meu filho!» De certeza que ela aceitaria Gawen. Era por isso que ele precisava dela, e não de nenhuma rica donzela romana, que desprezaria o sangue bretão de Gawen. Era por causa do rapaz...

Nesta altura, por fim, Gaius atreveu-se a acariciá-la. Ela não se afastou, mas ele sentiu-a tremer ao seu toque. Com medo de a assustar, levantou as mãos.

- Oh, o que farei! Deus ajudai-me - murmurou ela, virando a cabeça, de modo a que a sua face ficou a repousar de encontro à mão dele.

- Penso - murmurou ele no seu ouvido -, que deve ter sido o teu Deus que nos juntou.

- Deus queira que tenhais razão.

- Falarei com o teu tio e obterei a autorização dele para te tirar da Casa da Floresta. Está preparada para partir quando eu te vier buscar - disse ele. - Na altura em que a próxima Lua tiver deixado de brilhar estarás a caminho de Londinium comigo.

Mais uma vez com grande esforço não lhe tocou. Teve a sua recompensa quando ela, timidamente, se pôs em bicos dos pés e murmurou:

- Meu irmão, troquemos o beijo da paz.

- Ah, Valeria, não é o beijo da paz que quero de ti - murmurou-lhe para o cabelo finamente entrançado. - E algum dia sabê-lo-ás.

Ela afastou-se dele; com uma nova sabedoria - ou astúcia - deixou-a partir. Mesmo a tempo, pois no instante seguinte ouviram-se passos e o eremita, o padre Petros, entrou. Senara, ficou surpreendido ao notá~lo, saudou o eremita sem um rubor. Teriam todas as mulheres aquela habilidade de esconder os seus sentimentos instantaneamente? Lembrou-se da rapidez com que Eilan, ela também, tinha sido capaz de dissimular as suas emoções.

Ela disse:

- Alegrai-vos, Padre. Gaius Macellius prometeu que me tiraria do templo druida e que me encontraria uma nova casa, talvez até em Roma.

O padre Petros olhou penetrantemente para Gaius; ele não era tão ingénuo como a rapariga. Gaius disse:

- Senara tem estado a tentar mostrar-me, bom padre, por que é que eu me devia tornar num dos membros da vossa congregação.

- E fálo-ás? - o padre olhou para ele suspeitosamente.

Gaius disse calmamente:

- Ela tem sido, certamente, bem persuasiva.

O padre Petros, positivamente, resplandeceu.

- Dar-te-ei as boas-vindas ao meu rebanho como um filho - disse enjoativamente. - Serás um bom exemplo para os outros da tua classe.

«De facto », Pensou Gaius, «um nobre romano com os meus conhecimentos seria uma boa presa para este pescador de homens.»

O mesmo se podia dizer quanto à ideia que os cristãos não respeitavam as pessoas. Mas devia haver alguma coisa de bom naquilo para ter atraído uma rapariga como Senara.

VINTE E NOVE

Eilan! Eilan! o Imperador morreu! - Senara entrou pela porta dentro e depois imobilizou-se, tentando assumir a dignidade com a qual se devia aproximar da Grã Sacerdotisa de Vernemeton.

Sorrindo, Eilan pousou o seu fuso na pequena mesa a seu lado e convidou a rapariga a sentar-se. Com Caillean fora, Myellin a sofrer um dos seus periódicos ataques de depressão e Eilidh ocupada a dirigir as donzelas, via-se cada vez mais na dependência de Senara para ter companhia. Dieda não lhe tinha falado mais desde a morte de Cynric. Pelo menos tinham conseguido enterrá-lo sem levantar comentários. Dois dos druidas tinham vindo durante a noite e levado o corpo para o antigo morro na Colina das Donzelas. Talvez a morte de Cynric tenha sido sem honra mas tinha tido o enterro dum herói.

- O homem que nos traz ovos frescos ouviu as notícias em Deva - disse Senara, os olhos arregalados com a excitação. - Foi assassinado há uma semana, mesmo antes do Equinócio, e todo o mundo, desde a Caledónia até à Parthia, está a zumbir como uma colmeia de pernas para o ar! Alguns dizem que o próximo Imperador vai ser um senador e outros pensam que uma das legiões

elevará o seu comandante à púrpura. Alguns afirmam que o mais provável, no entanto, é que haverá uma guerra civil!

- O que se está a passar em Deva? - perguntou Eilan quando conseguiu enfiar uma palavra.

- Os homens da Vigésima estão inquietos, mas até agora mantiveram-se calmos. O comandante deu ordem que se fizesse um grande banquete para eles, com vinho e cerveja à descrição. Senhora Eilan, o que pensais que se irá passar agora?

Eilan suspirou.

- Sem dúvida que o comandante romano está à espera que todos se embebedem e que acordem tão doentes que não causem problemas a ninguém. Se tiverem sorte é assim que tudo se passará. Se em vez disso a bebida fizer com que os legionários lutem como loucos não se pode dizer o que poderão fazer.

Senara deu uma risadinha e abanou a cabeça.

- Queria dizer a respeito do imperador. Achais que os senadores tomarão o poder e Roma voltará a ser outra vez uma República?

Eilan olhou fixamente para ela, pensando por que é que a criança se estaria a preocupar com os acontecimentos em Roma. Claro que ela era meio romana, como Gaius, mas nunca tinha parecido muito interessada naquele lado da sua herança.

- Estou bastante mais preocupada com o que vai acontecer na Bretanha - disse sombriamente. - Cynric não era o único que veria isto como uma oportunidade de ouro para levantar as tribos, e nessa altura poderíamos ter uma guerra civil também aqui!

«O meu pai, por exemplo », pensou com um arrepio interior.

O que é que, em nome da Deusa, devia ela fazer quando ele começasse a fazer-lhe exigências tanto com o poder do Arquidruida como com a autoridade de pai? Mais uma vez desejou desesperadamente poder discutir isto com Caillean.

Os olhos de Senara abriram-se.

- O que devemos fazer?

- Há uma coisa que tu podes fazer - disse Eilan pensativamente. - Leva as novas peças de linho até à casa dos druidas; não estás ainda sob votos e eles não o acharão estranho. Pergunta, com toda a inocência, se ouviram as novidades e conta-me o que eles disserem.

Senara fez um trejeito conspiratório e levantou-se. Um instante depois tinha desaparecido, deixando Eilan a invejar-lhe a energia.

«O que é que, na realidade, devo fazer?», pensou então. Talvez devesse ter aceitado a oferta de Gaius, mas pelo que parecia, agora ele devia ter os seus próprios problemas. A existência de Gawen tinha sido a arma de Ardanos contra ela. Tinha pensado que com o avô morto seria libertada mas, se bem que o seu pai não conhecesse o segredo, Dieda sabia. Quanto tempo se passaria, pensou, antes que o ódio de Dieda desse ao novo Arquidruida um poder sobre ela que ele não hesitaria em usar? A não ser que, claro, ele a matasse imediatamente?

Deixou a cabeça descansar nas mãos, sentindo o princípio das dores de cabeça que a tinham afligido cada vez mais nos últimos dias. «Como posso lidar com isto? Deusa ajudai-me!»

Um dia, quando todos soubessem porque tinha feito o que tinha - quando toda esta terra estivesse em paz e não houvesse nem romanos nem bretões - ah, então poderia ser perdoada! Abanou a cabeça angustiadamente, não vendo para onde se virar.

E, nesse momento, uma dor como um raio do céu trespassou-lhe a têmpora. Do que parecia uma grande distância veio o pensamento, «Mas nessa altura já eu estarei morta há muito ... » Depois a consciência desapareceu.

Quando Eilan recuperou os sentidos estava tombada por cima da mesa. Sentia-se curiosamente vazia e em paz, mas com a certeza interior de que alguma coisa tinha mudado. Tinha estado sempre consciente de que algumas das ervas na bebida sagrada que usava antes do Oráculo podiam enfraquecer perigosamente o sangue, e causar, por vezes, uma fraqueza no cérebro. Talvez fosse isso o que estava a acontecer agora.

Quando te acontecer, tinha-lhe Caillean dito uma vez, saberás. Uma morte demorada como a de Lhiannon era pouco habitual. A velha Latis tinha dito uma vez que a maioria das Grã Sacerdotisas morriam de repente. Mas não, suspeitava-o Eilan agora, sem aviso.

«Será isto o meu aviso?», pensou. «Mas o meu trabalho não terá sido acabado.»

«Está acabado.» O conhecimento chegou-lhe de novo, como num transe quando a Deusa falava com ela.

Mas quem lhe devia suceder no seu trabalho, dizer os Oráculos em vez dela? Não devia deixar os assuntos numa confusão como Ardanos tinha feito.

«Não interessa.» Com estas palavras veio a calma. A Deusa tinha falado. O que estava para acontecer estava nas Suas mãos, e já não dizia mais respeito a Eilan. Se ela morresse, seria um raio de clemência, não de vingança, que a atingiria. Os druidas não tinham o direito de impor como as sacerdotisas deviam viver.

O que interessava era que ela tentasse o seu melhor para cumprir a vontade da Senhora.

No Outono as neblinas levantavam-se espessas sobre os pântanos do País do Verão e rodopiavam à volta do Tor. Em manhãs dessas, quando Caillean trepava até às pedras que o coroavam, para a sua meditação da manhã, parecia como se o Tor fosse na realidade uma ilha e ela estivesse a olhar para um cinzento mar ondulante. Contudo, à medida que o ano corria em direcção a Samaine, viu-se a pensar obsessivamente em Eilan.

Primeiro, pôs de lado estes pensamentos, sabendo que não era bom para Eilan ficar agarrada a ela; nem para si própria distrair-se. Mas, à medida que os dias escureciam, a face da outra mulher aparecia nas suas visões com uma frequência que não podia ser ignorada. Eilan tinha uma grave necessidade dela, e era perigoso ignorar tais mensagens.

Por fim chegou uma manhã em que acordou com palavras a tinirem-lhe nos ouvidos:

«Aqui onde estamos na escuridão, e sob a sombra da morte chamamos-vos, ó, Mãe, Irmãs e mais que Irmãs ... »

E soube que, por juramentos que ela e Eilan tinham feito juntas, não apenas como sacerdotisas do Bosque Sagrado, mas em vida a seguir a vida antes disso, estava destinada a ir até ela.

Mas não foi senão duas semanas antes de Samaine que conseguiu arranjar as coisas de modo a poder voltar à Casa da Floresta. Uma vantagem da sua posição no novo templo, pensou, era que era tomado como certo que o que quer que ela decidisse fazer era bem feito; admitia-se que todos os seus actos eram directamente inspirados pela vontade da Deusa, como os de Eilan eram em Vernemeton. reverso claro, era que ela era responsável por se assegurar que todos os seus deveres seriam executados enquanto estivesse fora.

Uns meros três dias levá-la-iam até Vernemeton. Teria preferido muito mais viajar com a simplicidade das roupas dos homens e a pé, mas o templo ainda não estava preparado para isso; pelo menos não este ano. Assim, resignou-se a viajar na sua liteira formal e com todas as prerrogativas duma sacerdotisa. Uma escolta de dois jovens padres seguiu com ela. Tratavam-na com tanta deferência como se ela fosse a sua avó; o que não era particularmente surpreendente, pensou Caillean, pois eram ambos verdadeiramente muito novos.

Quando passava através dos pântanos por baixo do Tor, começou a chover; Caillean sabia que isto iria atrasar a sua progressão, o que a aborreceu, mas não havia nada a fazer. Tinha estado a chover a intervalos desde o Equinócio, como se os céus estivessem a chorar pelo Imperador morto, e ninguém, por muito

dotado de magia que fosse, tinha jamais sido capaz de controlar o clima da Bretanha.

Dois dias de viagem levaram-nos até Aquae Sulis, e daí uma estrada romana conduzia em direcção ao Norte, até Glevum. Para sua surpresa, estava num mau estado considerável; as chuvas recentes tinham-na deixado esburacada e as pedras todas fora do lugar. Havia grandes sulcos no cascalho, o que a fez ficar contente por não terem de guiar uma carroça, ou até um carro de bois, numa estrada destas.

Tinha quase adormecido, quando das profundezas da floresta que ladeava a estrada apareceram a correr uns poucos de homens; sujos e com um aspecto duro, vestidos com roupas esfarrapadas e nojentas. «Bacaudae », pensou Caillean, uma turba de escravos fugidos e criminosos que infestavam muitas partes do Império. Tinha ouvido falar deles mas nunca tinha encontrado nenhuns antes. A agitação que se seguiu à morte do Imperador deve tê-los encorajado.

- Afastem-se, companheiros - pediu um dos da sua escolta. - Levamos uma Grã Sacerdotisa connosco.

- Isso não nos diz nada - disse um dos bandidos, escarnecendo. - O que é que ela pode fazer? Atirar-nos fogo para cima, talvez? Há uma barraca em todas as feiras com um ilusionista que pode fazer truques desses.

Caillean tinha de facto lamentado que não houvesse nenhum fogo dentro da liteira, mas estes sujeitos eram claramente mais sofisticados que os assaltantes irlandeses que ela tinha assustado desse modo. Saiu para fora da liteira e perguntou a um dos jovens padres:

- Por que é o atraso?

Ele ainda estava a espumar de indignação.

- Estes... estes sujeitos... - começou.

Caillean olhou para eles calmamente; depois agarrou na pequena bolsa que levava à cintura. Ainda, só o compreendeu mais tarde, não tinha absorvido completamente o que se estava a passar. Há tanto tempo que os Romanos mantinham as estradas seguras que o perigo não parecia real.

Puxou a pequena bolsa atada à cintura e disse, com uma cortesia distante:

- A caridade é um dever para os deuses. Aqui, homem - e estendeu-lhe um denário. Ele olhou fixamente para ele durante um momento, depois deu uma gargalhada.

- Não queremos a vossa caridade, senhora - observou, com uma estranha, exagerada cortesia. - Mas podeis começar por nos dar essa pequena bolsa...

Então, finalmente, Caillean percebeu o que eles se atreviam a querer dela. O espanto deu lugar ao ultraje. Com os sentidos subitamente intensificados, sentiu a energia nas nuvens acima dela e a sua ressonância no seu interior. Nesse momento soube que, afinal de contas, tinha algum poder sobre o tempo. Levantou as mãos e sentiu a visão a escurecer quando o bandido, que tinha sentido o perigo, a atingiu com o seu cacete. Raios chamejaram, escurecendo a visão, e quando o trovão ressoou, o céu caiu-lhe na cabeça e o mundo desapareceu.

Passaram-se muitas horas antes que ela recuperasse a consciência de novo.

Nos dias que se seguiram à primeira dor, Eilan tentou aceitar a vontade dos deuses. Mas, se bem que pudesse acreditar que a Deusa olharia por Vernemeton e pela sua gente, ainda temia pelo seu filho. Podia ter confiado Gawen a Caillean. Mas Caillean - a trabalhar num extremo do país - não estava ali. Dieda era parenta do rapaz, mas desde a morte de Cynric ela era a última pessoa a quem Eilan o podia confiar. Lia, sabia-o, morreria pelo seu filho de leite, mas não passava de uma mulher pobre, sem lugar para onde ir. Talvez Mairi pudesse estar disposta a ficar com a criança, mas Gawen não estaria seguro, nem mesmo com ela, se o pai descobrisse a sua identidade.

Se ao menos soubesse quanto tempo tinha... Mas, qualquer que fosse a maneira como Eilan colocava a questão, as forças que a tinham avisado da sua própria morte continuavam tão obstinadamente silenciosas que, se não fosse por um ocasional latejar de dor no seu cérebro, todo o assunto poderia não ter passado dum mórbido produto da sua própria imaginação. Tudo o que podia fazer era passar tanto tempo com o rapaz quanto se atrevia.

Gawen tinha acabado de sair para o seu jantar quando Senara entrou a fim de acender as lanternas. Como de costume, Huw era uma presença silenciosa junto à porta. Durante tantos anos tinha pensado nele como oferecendo tanta protecção quanto a dada por uma galinha à solta, contudo ele tinha sido bem letal. Olhar para ele fazia-a lembrar-se da não sarada dor pela morte de Cynric.

- Vai também e trata do teu jantar - ordenou. - Senara ficará comigo até voltares.

Senara moveu-se vagarosamente à volta do quarto com uma pederneira, e as lanternas de barro - de feitura romana, claro - iluminaram-se para a vida uma a uma. Só depois da rapariga ter ficado a olhar fixamente para a última durante alguns minutos é que Eilan perguntou:

- O que se passa, criança. Não estás bem?

- Oh, Eilan - a respiração prendeu-se-lhe com um soluço.

Eilan sentou-se num dos bancos.

- Vem aqui, criança - disse gentilmente.

Quando Senara se aproximou viu que a face da rapariga estava molhada.

- O que é, meu amor, o que se passa? Conheces-me suficientemente bem para saber que o que quer que seja não deves ter medo de me contar.

Luzentes lágrimas brilhavam nas faces de Senara.

- Sois tão boa para mim, sempre fostes tão boa... e eu não o mereço - disse ela, sufocando, e caiu aos pés de Eilan, a chorar desesperadamente.

- Oh, minha querida - acalmou-a Eilan -, não deves chorar; não sou suficientemente forte para isto. O que quer que seja, não pode ser assim tão mau - estendeu os braços e gentilmente puxou a rapariga até esta ficar de pé. - Vem, senta-te aqui ao meu lado.

O choro de Senara diminuiu um pouco mas, em vez de se sentar ao lado de Eilan, começou a andar pelo quarto, Finalmente, disse, a voz meio estrangulada pelo choro:

- Nem sei como vos dizer.

E, de repente, Eilan soube qual era o mal que afligia a rapariga. Disse:

- Vens dizer-me que não queres ser ajuramentada como sacerdotisa na Casa da Floresta.

Senara olhou para cima, as brilhantes lágrimas ainda a traçarem reluzentes sulcos na sua cara à luz da lanterna.

- isso é parte do problema - murmurou -, a parte menor.

- Ela lutou por encontrar as palavras. - Não sou merecedora de estar aqui de todo; não sou adequada; se soubésseis, correríeis comigo daqui para fora...

«Não és merecedora!», pensou Eilan. «Oh, se apenas soubesses!», e depois, em voz alta, repetiu o que Caillean lhe tinha dito uma vez.

- Talvez aos olhos da Deusa nenhuma de nós seja verdadeiramente merecedora. Tenta parar de chorar, minha querida, e conta-me o que te aflige.

Senara acalmou-se um pouco, se bem que ainda não conseguisse enfrentar os olhos de Eilan. Esta lembrava-se de estar assim parada à frente de Lhiannon, há tantos anos. Mas, decerto que estava a *ser* injusta com a rapariga; Senara tinha andado a passar o tempo com os cristãos e eles ainda se preocupavam mais com a castidade que as mulheres de Vernemeton.

- Eu... eu encontrei um homem... e ele quer que eu parta com ele - disse ela laconicamente, por fim.

Eilan agarrou Senara nos seus braços.

- Ah, minha pobre criança - murmurou. - Mas tu ainda és livre para nos deixar, e até para te casares, se quiseres. Foste trazida para aqui tão nova. Nunca foi verdadeiramente planeado que tomasses votos entre nós; mas isso foi há tanto tempo que a maior parte de *nós* o esqueceu. Conta-me sobre isso. Onde encontraste esse homem? Quem é ele? Não tenho nenhuma objecção se queres

casar, mas gosto de ti como qualquer mãe e gostaria de me assegurar que estás a escolher bem.

Senara olhou fixamente para ela, mal compreendendo que, não só Eilan não estava zangada, mas também que a mulher mais velha a libertaria.

- Conheci-o no eremitério do padre Petros. Ele é romano, um amigo do meu tio Valerius...

Parou ao som da voz dum homem.

- Senara? - respondeu uma das raparigas mais novas do outro lado da porta. - Acho que a encontrarás ali dentro, «Tenho que falar com aquela criança », pensou Eilan. «Isto não é maneira de anunciar visitantes, especialmente um homem.» Senara, lembrando-se que com Huw fora era seu dever proteger a Grã Sacerdotisa, tomou posição entre ela e a porta. Um homem entrou pela porta e, quando a fechou atrás de si, Eilan viu toda a cor a desaparecer da face de Senara e, depois, inundá-la de novo.

- Este homem. - balbuciou. - Ele veio por mim... Chegou-se para o lado, e à

tremeluzente, enganadora luz da lanterna, Eilan viu-lhe a cara.

- Gaius... - murmurou. Decerto isto era algum pesadelo nascido duma imaginação febril. Ela fechou os olhos, mas quando os abriu outra vez ele ainda ali estava, a olhar estupefacto dela para Senara.

Senara deu um passo na sua direcção.

- Gaius! - gritou. - Não vos esperava tão cedo! O meu tio deu autorização para que vos casásseis comigo?

Gaius olhou loucamente à sua volta.

- Rapariga tonta, o que estás aqui a fazer?

Eilan sentiu como *se as* chamas das lanternas lhe tivessem incendiado o

peito. Vagarosamente pôs-se de pé.

- O que estás tu a fazer aqui? - Virou-se para Senara.

- Estás a tentar dizer-me que Gaius Macellius Severus é o homem que tu amas?

- É. Por quê, o que é que está errado? - Senara olhou para Eilan em confusão.

Eilan virou-se para Gaius.

- Diz-lhe tu o que está errado - ordenou. - Diz-lhe toda a verdade... se ainda fores capaz.

- Que verdade? - perguntou Senara, a voz a falhar-lhe. Sei que ele tem uma mulher romana que se recusou a honrar os votos do casamento. Claro que se

divorciará dela antes *de casar* comigo...

Claro que o fará - disse Eilan com uma voz terrível.

- Sendo assim, Gaius, ela sabe das filhas pequenas que estarás a abandonar. Ela também sabe sobre o nosso filho?

- O vosso filho? - abalada, Senara olhava de cá para lá, de Eilan para Gaius. - Dizei-me que isto não é verdade - disse a Gaius, suplicante. A voz prendeu-se-lhe na garganta.

- Tu não percebes - murmurou Gaius.

- Perceber - repetiu Senara aos solavancos. - Eu queria salvar-te, e tu quase me arruinaste! Percebo que tenho sido uma idiota!

Quando ela se afastou dele a porta abriu-se de repente e o gigante Huw entrou pelo quarto dentro, cacete levantado. Mas depois da morte de Cynric ele tinha sido severamente castigado e não queria cometer o mesmo erro de novo.

- Senhora - resmungou - disseram que estava aqui um homem. Ouvi gritos. O que devo fazer?

Eilan olhou para Gaius, pensando que se o perigo não fosse tão real ele teria parecido ridículo, ali de pé. Mas talvez ser apanhado nesta situação fosse o pior castigo que um orgulhoso romano tivesse podido tolerar. Passado um longo momento, Eilan levantou a mão indicando a Huw que se mantivesse quieto.

- Vai - disse ferozmente para Gaius. - Vai ou ele rebenta-te os miolos - acrescentou, na direcção de Senara. - Vai com ele, se quiseres... enquanto ainda te posso proteger.

Senara olhou para Gaius durante um bocado e depois fechou os braços à volta de Eilan.

- Oh, não o faria - gritou -, nem pelo mundo e tudo o que contém eu iria com

ele agora!

Eilan, surpreendida, apertou os seus braços à volta da rapariga e depois virou-se para Gaius.

- Sai daqui para fora - disse, em voz baixa. - Sai ou deixo Huw fazer o seu pior. - Depois, perdendo o controlo, gritou:

- Sai daqui para fora, ou mato-te eu própria!

Gaius não parou para discutir. Empurrou a cortina da porta e esta fechou-se atrás dele.

Gaius estava sentado na taberna Águia Azul e pediu ao proprietário que lhe trouxesse outro frasco de ácido vinho gaulês. Tinha passado a maior parte dos últimos três dias a beber, indo duma taberna para outra quando abusava da hospitalidade.

Os taberneiros sabiam quem ele era, e quem era o seu pai. Eventualmente seriam pagos.

Por vezes Gaius pensava se teriam dado pela sua falta, mas admitia que Macellius devia pensar que ele tinha voltado para *a villa,* e que Julia pensasse que ele ainda estava com o pai, na cidade. A maioria das vezes pensava era em quanto vinho teria de beber antes que a dor desaparecesse.

Tinha ficado em Deva, primeiro por causa da situação política, e depois porque não tinha querido enfrentar Licinius e informá-lo que estava prestes a abandonar Julia e as inúteis filhas que ela lhe tinha gerado. Com uma tardia imparcialidade admitia que Licinius, se bem que fosse um pai excessivamente apaixonado, pudesse estar inclinado a protestar com Julia. Ele próprio sem filhos, não quereria Julia divorciada por essa razão. Mas se Licinius persuadisse a filha a honrar as suas obrigações conjugais Gaius não poderia casar-se com Senara, e o pensamento dela tinha sido um ardor que conseguiu manter os seus temores sobre o futuro bem contidos.

Não que isso ainda importasse, pensou, sentindo o gelado fogo do vinho a descer por ele. Senara não o amava. Julia não o amava. E Eilan - especialmente Eilan - não o amava de todo. Estremeceu, lembrando-se uma vez mais da face da Fúria quando ela lhe ordenou que se fosse embora.

A porta da taberna abriu-se e outro grupo de legionários entrou com um grande estardalhaço. Nesta altura já o comandante devia estar a pensar se não teria calculado mal, pensou Gaius acidamente. O banquete que tinha oferecido não tinha senão enfraquecido a disciplina militar. Se isto fosse Roma, o Imperador estaria a esvaziar os cofres para oferecer espectáculos de circo aos homens, mas umas poucas de lutas de ursos era tudo o que esta província esquecida de deus podia fornecer. Quase não chegava para os distrair, e os soldados Pareciam ficar mais selvagens cada dia que passava.

Mas ninguém prestou qualquer atenção ao homem solitário que se embebedava calmamente no canto, e isso era tudo o que neste momento interessava a Gaius. Suspirou, e estendeu a mão para o frasco de novo.

Uma mão fechou-se à volta do seu pulso. Olhou para cima, e pestanejou quando ali viu Valerius de pé.

- Por Mercúrio, homem, o que me -obrigaste a procurar!

- Valerius chegou-se para trás, para olhar para ele e fez uma careta. - Agradece aos deuses que o teu pai não te veja agora!

- Ele sabe ... ? - começou Gaius.

- Estás doido? Importo-me com os sentimentos dele, mesmo que tu não. Um dos homens disse-me que te tinha visto. O que é que se passou contigo para te embebedares agora? Não interessa - disse quando Gaius começou a protestar. - Primeiro, meu rapaz, temos de te tirar daqui para fora!

Gaius ainda estava a protestar quando Valerius o arrastou para a rua, e através da cidade até aos banhos. Mas não foi senão quando foi atirado para dentro da piscina fria que Gaius começou a ficar suficientemente sóbrio para perceber o que lhe estava a ser dito.

- Diz-me - disse~lhe Valerius quando ele veio ao de cima, a cuspir - a minha sobrinha Valeria ainda está na Casa da Floresta?

Gaius acenou com a cabeça.

- Fui lá, mas ela... mudou de ideias, não quis vir comigo - os acontecimentos estavam a voltar-lhe. Tinha dado a Valerius uma versão expurgada da situação e obtido a sua autorização para casar com Senara; isso dava ao homem alguns direitos; mas por que estava ele tão preocupado agora?

- Ouve - disse rapidamente Valerius. - Não és o único que tens estado a beber. Na noite passada estive com alguns legionários, destacados no gabinete do Quaestor, os seus nomes não interessam, que estavam a especular sobre as sacerdotisas em Vernemeton. E um deles disse, «Não é como se as mulheres ali fossem verdadeiras Vestais; são apenas mulheres bárbaras como quaisquer outras ». Eu protestei, mas finalmente apostaram que podiam tirar de lá uma das suas virgens sagradas e que isso não seria sacrilégio.

Gaius agarrou numa toalha e começou a esfregar-se furiosamente, tentando perceber.

- Anda para o quarto quente - disse Valerius, oferecendo o braço. - Suarás os venenos para fora de ti mais depressa - Quando estavam instalados, ofegando quando o vapor quente o atingiu, o secretário continuou. - Pensei que fosse a espécie de aposta idiota que os bêbedos fazem, até que na revista se viu que três dos homens tinham desaparecido. Um dos meus companheiros de bebida da noite anterior disse-me que eles tinham deixado Deva para tentar ganhar a aposta.

- O centurião... - A cabeça de Gaius ressoava, mas estava a ficar capaz de raciocinar uma vez mais.

- ... tem mais que suficiente em mãos que isto, assim como o têm os tribunos. A disciplina foi para o inferno desde o assassínio. Tu e o teu pai conhecem os Bretões melhor que ninguém.

O que pensas que acontecerá se alguns dos nossos homens forem descobertos a violar uma sacerdotisa nativa? A rebelião de Boudicca não será nada comparada com isso, e nós não estamos em condições de ripostar!

- Sim... claro! - disse Gaius. - Eu irei. Sabes exactamente quando eles partiram? Fazes alguma ideia que caminho tomaram?

- Nenhuma de todo, lamento dizê-lo - replicou Valerius.

- Suponho que podia perguntar por aí.

- Não, não há tempo suficiente. Tenho de ir até casa buscar roupas - esfregou os olhos.

- Eu trouxe-as - disse Valerius. - Pensei que poderias precisar duma muda.

- O meu pai tinha razão - resmungou Gaius -, pensas mesmo em tudo.

Deixou que os escravos o secassem e o barbeassem, e forçou-se a comer alguma coisa. Tinha sido um idiota, pensou amargamente, tentando afogar os seus desgostos em vinho quando o mundo estava a desfazer-se em pedaços à sua volta. Algures durante o processo de retorno à sanidade tinha realizado que amanhã devia ser Samaine. Metade dos homens das tribos no Oeste deveriam estar a convergir em direcção a Vernemeton para o festival. Não interessava o que Eilan e Senara pensavam dele. O sangue gelou-se-lhe ao pensamento do perigo que corriam se ali começasse uma guerra.

- Porei a tua sobrinha em segurança - disse a Valerius quando se preparava para sair de Deva. E Eilan, e o rapaz... e se ainda me odiarem podem falar-me sobre isso a caminho de casa. Enrolou o capote para libertar os braços, e deu uma pancadinha na última coisa que tinha pedido emprestada a Valerius - uma espada.

Nem todos os anos desde a vinda dos Romanos - nem todos os anos desde a construção do grande Templo do Sol na planície, podiam ter sido tão compridos para Eilan como os dois dias que se seguiram. A noite antes do festival de Samaine pareceu durar mil anos. Tinha mandado Senara embora há horas. Quando as luzes se extinguiram, pareceu-lhe que as crescentes sombras também estavam a engolir o seu espírito.

Deve ter sido isto o que estava destinado quando o aviso lhe tinha chegado; a morte tinha aguardado dentro do seu coração e do seu espírito como uma semente; parecia agora espalhar-se por todo o seu corpo como uma flor a desabrochar. O seu coração batia como se quisesse partir através de paredes de osso. Nem quando o seu filho tinha nascido ela tinha sentido tal dor. Mas se a dor era do corpo, ou da mente e do espírito não o podia dizer.

Quando dormitava os seus sonhos foram caóticos; viu Caillean rodeada por homens diabólicos. Depois a sacerdotisa levantou os braços ao céu, um raio fulgurou, e quando Eilan conseguiu ver outra vez, os seus atacantes estavam estendidos sem vida no chão. Mas Caillean também jazia imóvel, e Eilan não conseguia dizer se vivia.

Veio a si, tremendo, a sua face molhada com lágrimas. Tinha esta sido uma visão verdadeira? Caillean devia estar a salvo no sagrado Tor com as suas sacerdotisas. Mas se não estava, então que esperança havia no mundo?

Pela manhã, Eilan arrastou-se até ao quarto em que Lia tinha deitado Gawen. Huw, descalço, marchava suavemente nos seus calcanhares. Quase pela primeira vez desde que tinha assumido os seus deveres como Grã Sacerdotisa, viu-se a ressentir-se com o grande homem, como se Huw estivesse a roubar o ar que ela precisava para respirar.

Lembrou-se de uma história de terror que tinha ouvido quando estava na Casa das Donzelas; como uma Sacerdotisa do passado tinha sido atacada pelo seu próprio guarda e o tinha entregue aos padres para que fosse morto. Pela primeira vez, podia perceber como essa mulher, desesperada por um pouco de calor humano, se podia ter dirigido à única coisa humana ao seu alcance e como o seu apelo pode ter sido mal compreendido. Estremecendo, virou-se para Huw e disse-lhe para esperar à porta, «Ah, deuses », pensou, «se ao menos Caillean estivesse aqui... ou Lhiannon... ou até a minha mãe... ou alguém, para que eu não estivesse tão desesperadamente só.» Mas não havia ninguém. Na sua mente, até Senara, apesar de todo o seu choro e negações, era um inimigo. E o seu pai? Esse era o maior dos seus inimigos.

Olhou longamente para a adormecida face de Gawen. Parecia impossível que o bater do seu coração não fosse suficientemente audível para o acordar. Tinha este grande rapaz sido verdadeiramente tão pequeno que pôde caber nas duas mãos do pai? Tinha crescido, de algo mais pequeno que a semente duma flor, engendrado naquele momento na floresta em que as suas últimas defesas tinham cedido diante da necessidade de Gaius. E no entanto, na altura, ela tinha-se sentido triunfante, certa que era uma coisa sagrada.

E Gawen era lindo. Como, saída de tal dor, podia nascer tanta beleza? Perscrutou de novo as feições infantis e o comprido corpo, com as mãos e os pés um pouco grandes de mais, vendo-se neles a promessa do homem em que se tornaria. Não podia ver que se parecesse assim tanto com Gaius. Numa altura isso tinha-a desapontado, mas pelo menos agora não teria de suprimir um lampejo de ódio sempre que visse o pai nos seus olhos.

Mas ele era o filho de Gaius; e por causa dele tinha estado disposta a deixar Gaius casar-se com a filha dum oficial romano. Só agora, parecia, ele se ia divorciar de Julia e renunciar a todas as suas promessas por causa de Senara, que podia bem ter sido a sua irmã mais nova. Senara, que era mais nova, e aparentemente, para Gaius, mais bonita.

À cintura de Eilan pendia a adaga curva que lhe tinha sido dada quando se tornou numa sacerdotisa. Apalpou-a com os dedos durante uns instantes. Tantas vezes, nos rituais, a tinha usado para deitar a gota de sangue ritual para o caldeirão da profecia. Ali, no pulso, onde podia ver o batimento do sangue, um golpe, firme e profundo, acabaria com todos os seus problemas, pelo menos neste tempo de vida. Por que teria de esperar pelo destino que a Deusa lhe prometeu? Mas se ela tirasse a sua vida, o que seria feito de Gawen?

Deliberadamente, Eilan agarrou na foicinha e voltou a colocá-la na pequena bainha à cintura. À vacilante luz da lanterna a sua face deve ter mostrado alguma

coisa que não era suposto, pois Huw arremessou-se para a frente.

- Senhora?

- Agora vamos voltar para os meus aposentos e depois deves ir-me buscar Senara.

Não se passou muito tempo até ele trazer a rapariga a reboque. O vestido de Senara estava amarrotado; os seus olhos estavam vermelhos e as faces manchadas como se tivesse estado a chorar. Viu Eilan e gritou:

- Senhora, perdoai-me; nem por tudo...

- Está sossegada - disse Eilan. - Não tenho forças para mais nada disto. Tive um aviso de morte; é um dom da Deusa que a Grã Sacerdotisa saiba quando chegou a sua altura. - Inspirou algum ar e Senara, vendo a pequena adaga solta na sua bainha à cintura, ficou branca por baixo das lágrimas.

- Isso não pode ser verdade - disse ela desesperadamente.

- Está escrito nos livros sagrados que nenhum homem sabe o que um dia pode gerar...

- Silêncio - disse Eilan cansadamente. - Há uma coisa muito importante que tenho de te dizer. Se eu estiver enganada não importa se acreditas em mim ou não, mas se estiver certa há uma coisa que tenho de te pedir.

- A mim? Tudo - disse Senara submissamente. Eilan inspirou profundamente.

- Ouviste-me dizer que eu e Gaius tivemos um filho. Gawen é essa criança. Quero que te cases com Gaius e leves o seu filho contigo. Promete-me - a sua voz, que tinha sido firme quando tinha falado da sua própria morte, quebrou-se -, promete-me apenas que serás boa para ele.

- Oh não - gritou Senara. - Não casaria com Gaius Severus nem que ele fosse o último homem à face da terra.

- Prometeste fazer o que eu te pedisse - disse Eilan calmamente. - É assim que cumpres a tua palavra?

Senara olhou para cima, e mais uma vez os seus olhos transbordaram. Disse:

- Apenas quero fazer o que estiver certo. Se pensais... parou, respirando fundo. - Se Deus escolheu levar-vos, suponho que seja um assunto Seu, mas vós não deveis levantar uma mão contra a vossa própria vida, Eilan!

Eilan colocou toda a dignidade sobre si como um capote quando disse:

- Não me interessa verdadeiramente se acreditas em mim ou não. Mas se não me ajudares, Senara, então podes ir.

Senara tremeu.

- Não vos deixarei sozinha neste estado.

- Então, por causa de Gaius toma conta do seu rapaz.

- É por causa do rapaz que vos digo que deveis viver implorou Senara. - Tendes um filho, como quer que isso tenha acontecido, e a vossa vida não vos pertence. Gawen é um belo rapaz. Tendes que viver para o ver crescer. E Gaius...

- Ah, não me fales dele, peço-te...

- Minha Senhora - disse Senara a tremer -, digo-vos que Gaius ainda se interessa por vós e pelo seu filho.

- Ele esqueceu-me.

- Tenho a certeza que não - insistiu Senara. - Deixai-me lembrá-lo do que é devido à mãe do seu filho. Deixai que fale com ele do seu dever como pai, e como romano. Tenho a certeza de que isso atingirá a sua melhor natureza mesmo que mais nada o faça.

Seria possível? Poderia na verdade Senara consegui-lo? E fá-lo-ia?

- Acredito no aviso que a Deusa me enviou - disse por fim -, mas se sobreviver a Samaine podes tentar. Mas antes que o faças, tens de pôr Gawen em segurança. Tenho medo do que possa acontecer no festival. Amanhã... não, hoje à noite corrigiu-se a si própria, pois já era quase alvorada - deixa a Casa da Floresta. Leva Gawen para o teu padre Petros na floresta. Ninguém se lembrará de te procurar aí!

TRINTA

Quando Caillean recuperou os sentidos percebeu que devia ter estado inconsciente durante algum tempo, pois tinha o vestido completamente encharcado. O que a acordou foi o ruído duma carroça de quinta aos solavancos nos sulcos e buracos da estrada. Na carroça estavam quatro ou cinco homens bem armados com cacetes, e um par de robustos guardas marchavam alguns passos à frente, com archotes. Teria assustado os assaltantes? Alguma coisa devia tê-lo feito, pois não tinha sido violada depois de o seu assaltante a ter atingido.

Caillean conseguiu pôr-se de pé se bem que o esforço a tivesse feito sentir como se a parte de cima da cabeça fosse cair. Espalhados à sua volta podia ver corpos, e um fedor a carne queimada atingiu-a mesmo através da chuva.

Um dos homens com os archotes viu-a e estremeceu.

- Sois um fantasma, senhora? Não nos façais mal...

- Dou-te a minha palavra que não sou um fantasma - disse Caillean tão firmemente quanto podia - mas sim uma sacerdotisa do templo no País do Verão, deixada aqui depois de um ataque de bandidos.

Agora podia ver a sua liteira, virada de lado, com os dois jovens sacerdotes jazendo a seu lado, as gargantas cortadas, os seus colares dourados saqueados, a olhar vaziamente para o céu. Caillean observou-os com desalento.

Depois olhou para os negros cadáveres à sua volta e percebeu que onde ela tinha sido impotente os deuses pelo menos não o tinham sido. Teria preferido ter salvo os dois jovens, mas pelo menos eles tinham sido vingados.

- Para onde íeis, senhora? - perguntou o lavrador, sentado no seu poleiro no banco de condutor da carroça.

Ela controlou a voz com um esforço, virando as costas aos mortos.

- Para a Casa da Floresta, perto de Deva.

- Ah, isso explica tudo, então; parece-me que ainda aí resta uma das legiões e as estradas são patrulhadas. Nos dias de hoje, por aqui, ninguém põe o nariz fora da sua própria porta sem um par de guarda-costas. Será bom quando tivermos um novo imperador e as estradas patrulhadas outra vez.

Caillean pestanejou, pois o homem falava a língua bretã como um nativo. Era uma medida de quanto a Bretanha se tinha tornado romana o facto de os nativos lamentarem a falta dum Imperador.

- Vejo que mataram o vosso guarda-costas, senhora - disse o homem que conduzia a carroça. - Tinheis escravos para carregar a vossa liteira? já não os tendes... sem dúvida deram aos calcanhares. - Ele parou a seu lado, a olhar para os corpos *dos bacaudae.* Voltou a olhar para ela e fez um antigo sinal de reverência.

- Minha Senhora... vejo que os Deuses olham por vós. Temos de ir para o lado oposto, mas deixar-vos-emos na próxima aldeia, onde podereis arranjar portadores e guardas.

Ajudou-a a subir para a carroça e embrulhou-a num cobertor seco. Alguns dos seus homens colocaram os corpos dos jovens padres no vagão. Cailean, embrulhada no seu capote e no áspero cobertor do lavrador, reflectiu miseravelmente que, de agora em diante, teria o melhor que esta gente lhe pudesse oferecer, mas que nenhum poder na Terra a poderia fazer chegar à Casa da Floresta antes de Samaine.

Gaius ficou surpreendido por ver a estrada a sul de Deva apinhada com outros viajantes. Levou um certo tempo até perceber que eles deviam estar a ir para o festival. Mas os olhares que recebia não eram amigáveis, e depois dum certo tempo achou mais prudente sair da estrada e tomar um atalho através das colinas que o levaria até à Casa da Floresta passando pelo eremitério do padre Petros.

Um vento frio estava a abanar os ramos das árvores como se fossem ossos, se bem que de momento tivesse deixado de chover. Samaine era a festa dos mortos; os Romanos consideravam-na um dia de mau augúrio. Bem, pensou, de certeza que para ele o era. Tinha caído numa disposição fatalista, que o fazia lembrar dos seus tempos nas legiões; a sombria aceitação que os homens por vezes encontravam antes da batalha, quando a sobrevivência é menos importante que a honra. Não estava seguro de ainda ter alguma, depois dos últimos dias, mas redimiria o que pudesse, não importa o que custasse.

Enquanto viajava, a beleza nas florestas de Outono tocou-o apesar, ou talvez por causa, da sua disposição sombria. Gaius compreendeu, então, que no ano passado, ou isso, tinha aprendido a amar esta terra. Quem quer que triunfasse no actual conflito, ele não voltaria para Roma. Por muito que tentasse satisfazer as ambições de Macellius, nunca tinha pertencido completamente ao mundo do pai, contudo era romano de mais para não se sentir mais que um impostor no meio das tribos. Mas as árvores não o desprezavam como um bárbaro, nem as pedras o odiavam como um conquistador. Na paz da floresta, Gaius sentia-se em casa.

Viu fumo a subir da cabana do padre Petros, e pensou por um momento em entrar. Mas o lugar lembrava-lhe Senara. Gaius não pensava poder suportar essa memória, e estava certo de que não poderia aguentar o seu génio se o padre se saísse com qualquer um dos seus lugares-comuns.

Supunha que os seus errantes legionários ficariam escondidos num sítio qualquer até ao cair da noite. Prendeu a montada de modo suficientemente frouxo para que esta se pudesse libertar se não voltasse cedo e começou a andar cuidadosamente à volta do edifício, mantendo-se no interior do bosque que bordejava o espaço desbravado.

O crepúsculo começou a cair antes que ele visse um movimento nos arbustos à sua frente. Cuidadosamente, como um gato, seguiu em frente. Dois soldados estavam agachados abrigados por algumas aveleiras. Tinham estado a jogar os dados para passar o tempo e, neste momento, estavam a discutir sobre se haviam ou não de acender uma fogueira.

- Flavius Macro! - disparou Gaius na sua melhor voz de comando. Os homens puseram-se automaticamente em sentido, depois olharam como loucos à sua volta.

- Quem é... - o segundo soldado tinha a mão na sua espada. Gaius pisou audivelmente num ramo caído para o avisar e moveu-se para o extremo da luz.

- E, olha, é Gaius Macellius - disse Macro. - Senhor, o que estais a fazer aqui?

- Pensaria que me competiria mais a mim perguntar-lhes isso a vocês - disse Gaius, soltando a respiração. - Em Deva sabem que vocês partiram. O que é que pensam que acontecerá se souberem que vocês vieram até aqui?

A face do homem ficou cinzenta.

- Não lhes diríeis, pois não senhor?

Gaius fingiu hesitar o tempo suficiente para os homens ficarem a tremer, depois encolheu os ombros.

- Bem, eu não sou o vosso oficial. Se voltarem já para trás não se meterão em grandes sarilhos, não com tudo o que se tem passado na cidade.

- Senhor, não podemos fazer isso - disse o outro homem.

- Longus ainda está para ali.

Gaius sentiu o coração afundar-se.

- Não o podem ajudar ficando aqui - disse simplesmente. - Partam, é uma ordem. Farei o que puder pelo vosso amigo.

O estado de tensão em que estava aliviou-se um pouco quando os ouviu a andar ruidadosamente pelo meio das árvores, mas até apenas um legionário era de mais se encontrado onde não tinha nada que estar.

Movendo-se como se estivesse a comandar uma patrulha na fronteira, Gaius deslizou pelo espaço aberto, até ao muro. Devia haver um portão das traseiras num sítio qualquer - o muro era mais um símbolo de separação que uma verdadeira protecção. As suas mãos tocaram no ferrolho e, depois, já se estava a movimentar cuidadosamente no espaço aberto onde tinha visto o seu filho jogar à bola. Senara tinha conversado muito sobre a sua vida aqui. O grande edifício à sua frente devia ser a Casa das Donzelas. Havia um pedaço de terreno na escuridão, atrás da cozinha, que parecia um bom local para observar. Rastejou na sua direcção.

Alguém tinha pensado também o mesmo. Quando se ajoelhou, tocou em pele nua. Alguém rosnou e houve uma pequena luta antes de Gaius conseguir imobilizar o homem com uma mão sobre a sua boca.

- Longus? murmurou. O seu cativo abanou a cabeça vigorosamente. A tua aposta foi cancelada. os teus companheiros foram para casa, e se souberes o que é melhor para ti farás como eles. - Longus suspirou, depois abanou a cabeça outra vez, e Gaius deixou-o partir. Mas quando o homem estava a atravessar o pátio, abriu-se uma porta e a luz de lanternas espalhou-se pelo terreno. Longus imobilizou-se, como uma lebre apanhada numa armadilha.

- Corre, louco! - sibilou-lhe Gaius das sombras. Longus trepou por cima do portão, mas, subitamente, o local ficou cheio com homens em hábitos brancos. Sacerdotes druidas! pensou Gaius. O que estavam eles a fazer aqui? O seu esconderijo seria descoberto num instante, pois estavam a trazer archotes. Começou a andar à roda do edifício. Alguém praguejou em bretão atrás de si e ele virou-se, desembainhando instintivamente a espada.

O homem gritou quando a espada o atingiu e os outros vieram a galope na sua direcção. Gaius lutou tanto quanto foi capaz, e admitia que tinha provocado alguns estragos, tendo em vista a brutalidade com que eles o golpearam e pontapearam depois de a sua superioridade numérica o ter finalmente derrubado.

- Bem, Filha, estás pronta para o festival? - Bendeigid, vestido com o capote cerimonial e os ornamentos dourados do Arquidruida sobre o seu hábito branco de linho parecia magnificente, mas o coração de Eilan estremeceu quando lhe devolveu a saudação.

- Estou pronta - disse suavemente. As donzelas tinham vindo, tal como faziam antes de qualquer festival, para a preparar. Pela última vez, gritou-lhe o coração quando elas a lavaram e lhe colocaram a coroa sagrada de verbena na fronte. Pelo menos iria até à Deusa lavada e santificada.

Durante uns instantes ele apoiou-se no seu bordão, a olhar para ela.

Depois fez um gesto aos padres e às mulheres para que os deixassem sós.

- Ouve, criança, já não há nenhuma necessidade de dissimular. Disseram-me como Ardanos costumava vir até ti, e os truques que usava para vergar a tua vontade. Lamento ter-te acusado de nos teres traído.

Eilan manteve o olhar em baixo, com medo que ele visse a ira nos seus olhos. Tinha sido a Grã Sacerdotisa durante treze anos, senhora da Casa da Floresta, a mulher mais respeitada na terra. Por que estava ele a falar como se ela fosse ainda uma criança? Mas este era o pai amante que tinha dito uma vez que preferia vê-la afogada que noiva dum romano. Não se podia dar ao luxo de o antagonizar; com a confusão, era já de tarde quando Senara e Lia tinham sido capazes de deixar a Casa da Floresta com Gawen. Tinha de lhes comprar tempo para que se pusessem bem longe.

No mesmo tom neutral, perguntou:

- O que quereis de mim?

- Os Romanos estão a desfazer-se uns aos outros em bocados. - O seu sorriso foi como o de um lobo. - Nunca haverá outra altura tão boa para nós para nos erguermos contra eles. Esta é a estação do massacre, quando as portas entre os mundos se abrem. Chamemos por Cathubodva, levantemos os espíritos dos nossos mortos contra eles. Levanta as tribos contra Roma, Filha, chama-os à guerra!

Eilan reprimiu um arrepio. Por muito que se tivesse ressentido com Ardanos pelo menos o seu avô tinha sido um homem subtil, nunca tão cego pelos seus próprios sonhos que não pudesse ser conversado se visse outra coisa que servisse. O seu pai era mais perigoso porque sacrificaria tudo aos seus inflexíveis ideais. Contudo, tudo o que ela tinha a fazer para ficar a salvo era concordar com ele. Nessa altura sentiu o familiar latejar na têmpora e lembrou-se de que o que quer que fizesse não seria por muito tempo.

- Pai - começou -, Ardanos interpretava as minhas respostas como lhe apetecia, e suponho que fareis o mesmo, mas não percebeis o transe sagrado e como a Deusa vem.

Ouviu um tumulto no exterior e percebeu que ele já não a estava a ouvir. A porta abriu-se num repelão, *e padres* com o cabelo emaranhado e sangue nos hábitos abriram caminho através da multidão, a arrastar alguma coisa que tinha sido um homem.

- O que é isto? - Eilan colocou na voz toda a arrogância que doze anos de treino lhe tinham ensinado e o murmúrio calou-se.

- Um intruso, Senhora - disse um dos sacerdotes. - Encontrá-mo-lo fora da Casa das Donzelas. Havia outro homem mas fugiu.

- Ele matou Dinan!

- Deve ter estado atrás de uma das sacerdotisas!

- Mas qual delas?

Desta vez foi o Arquidruida quem impôs o silêncio, batendo com bordão no chão.

- Quem és tu, homem, e o que estavas a fazer aqui? Eilan fechou os olhos, esperando que ninguém reparasse que a rasgada túnica do homem era feita de bom tecido romano. Mesmo sujo com sangue e pó reconheceu Gaius, mas talvez mais ninguém o fizesse se ela não desse nenhuma indicação. «Ele veio até aqui por causa de Senara », pensou, «ou pelo filho?»

- Não o reconheceis, Senhor Druida? - Dieda forçou a passagem até à frente. Eilan encolheu-se com o gume na gargalhada da outra. - Bem, talvez agora não esteja tão elegante, Os teus homens capturaram um belo porco para o nosso banquete. Se olhares verás a cicatriz do fosso dos javalis no ombro dele.

«Bendeigid devia ter sido teu pai », pensou Eilan histericamente, «e Ardanos o meu!» Puxaram a cabeça do prisioneiro para cima e durante um momento o aterrorizado olhar dele encontrou o seu, depois a consciência abandonou-lhi os olhos de novo.

- Tu! - a voz de Bendeigid tinha uma mistura de espanto e fúria. - Não provocaste já danos suficientes a mim e aos meus para nos vires agora perturbar? - Subitamente a sua expressão mudou. - Bem, não voltarás a fazê-lo. Dieda, mostra aos meus homens onde o podem lavar e tratar das suas feridas, mas que

de modo algum o desatem. Garic e Vedras - apontou para os dois druidas mais antigos -, temos de falar. Os restantes, deixem-nos sós!

os sacerdotes arrastaram Gaius e o quarto esvaziou-se. Eilan sentou-se na cadeira, pensando se a dor na sua barriga seria um eco da cabeça se medo.

- Vejo que conheceis o homem - disse Vedras, o mais velho dos dois druidas que tinham ficado. - Quem é ele?

- O seu nome é Gaius Macellius Severus, o mais novo rosnou Bendeigid.

- O filho do Prefeito! - exclamou Garic. - Pensais que ele veio atrás duma das sacerdotisas, como dizem?

- Não interessa por que é que ele veio - disse Vedras.

- Temos de o levar daqui para fora. Os capotes-vermelhos negariam o nosso direito de castigar nem que fosse um simples legionário. Só os deuses sabem o que eles nos fariam se puséssemos as mãos no filho dum chefe!

- De facto - Bendeigid sorriu ardilosamente. - Mas não acredito que o seu próprio povo saiba onde ele está. E ninguém aqui sabe o nome dele ou mesmo que ele é romano, excepto Dieda e nós próprios.

- Então quereis matá-lo secretamente?

- Não secretamente - o olhar de Bendeigid ardia como uma chama. - Não percebem? É um sinal dos deuses que um homem como este se tenha entregue assim nas nossas mãos. Ao menos que a sua morte sirva algum propósito. Nunca encontraremos uma oferenda tão grandiosa!

Voltou-se para Garic.

- Vai e diz aos homens que estão a guardar o prisioneiro que lhe vistam o hábito mais requintado que possam encontrar.

Eilan sentiu um arrepio eriçar-lhe os pelos dos braços. Veio-lhe uma imagem do Rei do Ano a passear pela feira de Beltane, engrinaldado e vestido numa túnica bordada.

- E se os Romanos vierem a saber disto? - perguntou Vedras.

- É verdade, a sua fúria será terrível - disse o Arquidruida triunfalmente. - Tão terrível que até mesmo aqueles que agora clamam pela paz não terão outro remédio senão seguir-nos na guerra!

O outro druida ficou a olhar para ele durante um longo momento. Depois acenou com a cabeça e seguiu Garic.

- Gaius veio com o teu conhecimento, Eilan? - perguntou Bendeigid quando ficaram sozinhos. - Tens andado a ver este monstro desde sempre?

- Não tenho - murmurou ela -, juro-o pela Deusa!

- Suponho que não interessa se te acredito ou não resmungou o Arquidruida. - Toda a verdade será testada nas fogueiras de Samaine.

«Olhai, a sagrada sacerdotisa chega, as sagradas ervas na sua coroa », os padres estavam a cantar, mas nesta noite havia mais versos no seu hino, com palavras diferentes, *«Guerra! Guerra! Deixai os campos britânicos Um guerreiro gerar por cada ãrvore; Como vorazes lobos a atacar o rebanho Assim também faremos os romanos fugir!»*

Gaius gemeu, mas a ponta duma espada fê-lo continuar a andar. Se ao menos aquela cabra da Dieda não o tivesse identificado! Macellius lamentar-se-ia quando soubesse da morte do filho; mas sentir-se-ia envergonhado quando se soubesse como tinha acontecido. Como podia ele ter agido tão mal, provocando exactamente o incidente que tinha esperado evitar? Nem sequer tinha conseguido salvar aqueles que amava. O único raio de esperança em tudo isto é que ele ainda não tinha visto nem Senara nem o rapaz em parte alguma.

A estrada que subia a Colina das Donzelas nunca antes tinha parecido tão íngreme. Preferia mil vezes a última vez que aqui tinha vindo, pensou sombriamente, com uma arma na mão e um destacamento de cavalaria atrás dele! A roupa bordada raspava-lhe nas escoriações e a grinalda sagrada picava-

lhe a testa. Tinham-no lavado e dado uma bebida que lhe clareou a cabeça, mas Gaius não tinha qualquer ilusão sobre o que o esperava.

No topo da colina podia ver o brilho duma grande fogueira. Memórias dum tempo antes de entrar no mundo do seu pai estavam-lhe a voltar com uma nitidez assustadora. Os Silures tinham sacrificado um dos seus próprios príncipes nesses últimos dias antes de os Romanos os terem completamente esmagado.

O homem tinha sido um dos seus tios, com os dragões reais tatuados nos braços. A mãe de Gaius tinha tentado esconder a sua criança meio-romana mas ele tinha-os visto a levarem o Rei do Ano embora. Ele estava a sorrir, pensando que a sua morte ajudaria o seu povo.

«E para que é que », pensou então, «estou eu a morrer?» Nessa altura chegaram ao topo da colina. Um anel de padres rodeava-os; para lá deles, Gaius viu um mar de rostos, sombrios ou alegres enquanto ouviam a canção dos druidas. Estaria Eilan contente ou triste por o ver aqui? Desejava ter podido ver a sua face atrás do véu.

Eilan mantinha-se atrás do pai, com Dieda e duas outras sacerdotisas atrás dela. Pela primeira vez pensou se ela não seria também uma prisioneira.

Ela tinha-o rejeitado. Parecia-lhe que devia ficar contente pela sua desgraça, mas mesmo o seu próprio perigo não o tinha enchido com tanto medo quanto o medo que sentia a respeito do dela.

«Destruí-os a todos! Vingai a nossa vergonha! Deixai que o massacre comece!

As tropas romanas cairão em filas Tal como pela foice o trigo é segado!»

O cântico terminou e os tambores silenciaram-se, mas um murmúrio correu pelo povo e Gaius soube que era apenas uma pausa na tempestade.

- Filhos de Don! - gritou o Arquidruida. - É Véspera de Samaine! É um tempo de mudanças! o novo ano está a começar e uma nova era para esta terra! Deixem que a mudança de estações varra os Romanos que arruinam a Bretanha! Hoje à noite alegraremos os deuses da guerra com um sacrifício. Mas devemos purgar as nossas fileiras de todos os transgressores. Traidor - virou-se para Gaius -, podemos tornar a tua morte fácil ou difícil. Diz-nos o que vieste fazer a Vernemeton!

- Matem-me se quiserem mas não façam perguntas disparatadas! - disse Gaius com voz rouca. - Apenas direi que não queria fazer nenhum mal a ninguém aqui - talvez não tivesse vivido bem, mas pelo menos podia morrer com dignidade.

- Estavas no recinto sagrado, onde nenhum homem excepto os druidas pode entrar. Seduziste uma das nossas donzelas? Qual delas vieste para levar embora?

Gaius abanou a cabeça e ofegou quando a ponta duma espada fez pressão no seu flanco. Houve uma sensação de calor e ele sentiu o sangue a pingar.

- Era Rhian, Tanais, Bethoc? - a litania continuou. Por cada nome eles cortavam-no outra vez. Uma vez tentou afastarse da ponta da espada, mas os seus captores sabiam do seu ofício e mantiveram-no imobilizado. A perca de sangue e os maus tratos que já tinha sofrido estavam a fazer com que ficasse tonto. «Cedo desmaiarei », pensou, «e não interessa o que façam comigo.»

- Senara...

Ao ouvir o nome, Gaius mexeu-se involuntariamente. Tentou disfarçar imediatamente, mas ninguém o estava a ver. Eilan tinha avançado e atirado o véu para trás.

- Parem! - disse claramente. - Posso dizer-vos quem o romano buscava. Era eu!

O que está ela a dizer? Gaius olhou para ela horrorizado. Depois percebeu que devia estar a tentar proteger Senara e, talvez, a criança. Neste momento ela tinha uma beleza irreal. Em comparação, a ainda não formada beleza de Senara era como uma estrela empalidecida pela majestade de uma lua cheia. Tal como por vezes tinha acontecido nos instantes antes das batalhas, Gaius viu no seu próprio coração com uma terrível clareza, Gostava de Senara, mas o seu desejo por ela não tinha sido amor. Na mulher mais nova tinha apenas tentado recuperar a Eilan tal como esta tinha sido quando ele a conheceu, a donzela que o tempo e os seus próprios erros tinham posto para sempre fora do seu alcance.

Num silêncio de choque, o único som era o crepitar do fogo. Durante um momento alguma emoção poderosa contorceu as feições do Arquidruida, depois dominou-a e virou-se de Eilan para Gaius.

- Por ti e por ela, pergunto-te pela tua honra que me digas se isto é verdade.

Verdade... Por um momento a palavra não teve qualquer significado. Dividido entre Roma e a Bretanha, ele nem sequer sabia quem ele próprio era. Como podia saber quem amava? Gaius endireitou-se vagarosamente, e enfrentou o límpido olhar de Eilan. Os olhos dela pareciam estar a fazer-lhe uma pergunta. Ao vê-lo, toda a tensão o abandonou num longo suspiro.

- É verdade - disse suavemente. - Sempre amei Eilan.

Eilan fechou os olhos uns instantes, entontecida por uma onda de alegria. Gaius tinha-a percebido, mas não tinha falado apenas para proteger Senara. Ela tinha visto uma expressão como aquela - uma tal expressão de maravilha - na sua face apenas uma vez, quando ele a teve nos braços naquele Beltane, há tanto tempo.

- Então tens-nos estado sempre a trair? - sibilou Bendeigid, inclinando-se para o seu ouvido. - Mentiste-me quando me juraste que ele não te tinha tocado? Ou tudo começou mais tarde, quando eras uma virgem do templo? Tem-te estado a ensinar mentiras romanas juntamente com a suas conversas de amor, e traição com as suas carícias? Dormiste com ele nos recintos sagrados ou no Bosque Sagrado?

Ela podia sentir a fúria do pai, mas parecia que o estava a ver através duma parede de vidro romano. No fim tudo se tinha tornado tão simples. Ela já estava a viver debaixo duma sentença de morte e tinha enfrentado os seus terrores. Agora que a altura tinha chegado não sentia medo nenhum.

- Dormi com o Rei Sagrado apenas uma vez - disse calmamente -, como era meu direito, nas fogueiras de Beltane...

- O que queres dizer? - exclamou Miellyn atrás dela. - Foi Dieda quem teve de ser mandada embora... foi Dieda que teve uma criança!

- Não foi! - O chocado eco de especulação cessou quando Dieda se chegou para o lado do Arquidruida. - Elas fizeram com que eu concordasse com o logro. Tomei o lugar dela enquanto ela partiu para ter o bebé e, quando voltou, elas exilaram-me! Ela tem reinado na Casa da Floresta desde então como se fosse casta como a Lua, mas foi tudo uma mentira!

- Mas eu servi sempre a Deusa, não os Romanos! - gritou Eilan, a sua compostura quebrando-se com a ameaça ao seu filho. Viu a fúria a substituir as

perguntas nos olhos de Bendeigid quando este se virou para ela. O povo chegou-se mais perto, tentando ouvir; vozes levantaram-se em interrogação ou em condenação. Rumores de problemas entre os Romanos tinham-nos transformado em um material que qualquer faísca podia incendiar. Se ela lhes apelasse, iria pôr em movimento exactamente a catástrofe pela qual tinha sofrido tanto para tentar evitar?

- Por que te deveria acreditar, cabra? - rosnou o pai dela. - Toda a tua vida tem sido uma mentira!

Ele levantou a mão para lhe bater. Uma volumosa forma explodiu através da linha dos druidas; Huw, com o seu cacete levantado para a defender uma última vez. Mas mais padres se estavam a interpor entre eles. Antes que Huw conseguisse atingir Bendeigid, lâminas de bronze brilharam à luz das fogueiras, subiram um vermelho mais escuro e voltaram a descer. Mais uma vez os druidas golpearam, e outra vez, e Huw, ainda a tentar chegar ao pé dela, caiu sem um grito.

«Huw teria atacado mesmo o próprio Arquidruida se ele me tivesse ameaçado ... », pensou estarrecida Eilan e, finalmente, tinha-o feito.

- Levem-no - Bendeigid estava a ofegar. - Ele era um louco. Virou-se abruptamente e agarrou Eilan por um braço. Se tivesses sido honesta, teria

pedido que invocasses a Deusa para nos abençoar. Em vez disso, serás o Seu sacrifício!

Por que é que isso me devia assustar? A minha vida tem sido uma longa oferenda, pensou Eilan quando o seu pai a arrastava através do círculo para ficar ao lado de Gaius. Houve um murmúrio do povo quando o viram. Alguns dos que tinham ouvido as acusações queriam o seu sangue imediatamente, outros pensavam ser sacrilégio por as mãos na Grã Sacerdotisa, qualquer que fosse o crime.

- Eilan, podes perdoar-me? - disse Gaius em voz baixa.

- Nunca fui merecedor do teu amor. Querias que eu fosse o teu Rei Sagrado, mas sou apenas um homem comum...

Virou-se para olhar para ele e viu uma nobreza na sua machucada face que nunca ali tinha estado. Queria poder agarrá-lo nos braços mas os padres estavam a segurá-la, e ela percebeu que ele não precisava; já não via a criança perdida que anteriormente tinha sempre espreitado nos seus olhos. Ele enfrentou o seu olhar sem vacilar, finalmente em paz consigo próprio.

- Vejo um deus em ti - disse Eilan ferozmente. - Vejo um espírito que nunca morrerá. Fizemos o que nos era exigido e, mesmo que não o tenhamos feito tão bem como teríamos gostado, o desígnio da Deusa foi cumprido na mesma. Seguramente que nos será concedido passearmos juntos na Terra do Verão durante algum tempo, antes de voltarmos de novo.

- Chamaste-lhe um Rei Sagrado - disse Bendeigid com a voz rouca - e como tal ele morrerá.

Vagarosamente ela viu a teimosa aceitação que tinha sustentado Gaius afundar para uma espécie de espanto. Ele continuou a olhar para ela quando eles colocaram o laço à volta do seu pescoço e começaram a apertá-lo. Mas antes de a espada *entrar entre as* suas costelas, os seus olhos tinham perdido o foco, fixos para sempre em qualquer coisa para lá do mundo.

O sangue ainda estava a sair do seu peito quando o levaram para a fogueira.

- Diz-me, Sacerdotisa, que augúrios lês neste sacrifício?

- Eilan voltou o seu olhar das chamas para o pai, e algo na sua face fê-lo dar um passo à retaguarda, se bem que ela não se tivesse movido.

- Vejo sangue real que santifica o chão - disse numa voz tranquila. - Neste homem estava misturada a semente de Roma e da Bretanha, e tu vinculaste-o para sempre à terra ao entregá-lo ao fogo sagrado.

Eilan inspirou fundo. O seu coração estava a bater de tal modo que ela mal conseguia ver, mas isso já não interessava. A última coisa que tinha desejado ver neste mundo foi a glória nos olhos de Gaius. Sentiu um rugido nos seus ouvidos. Sentiu a vaga do transe a tomá-la se bem que não tivesse provado as ervas sagradas, e ouviu uma voz que não era a dela a ressoar.

- Ouvi-me, ó homens dos Cornovii e dos Ordovice, e todos vós das tribos, pois esta é a última vez que uma sacerdotisa profetizará nesta colina sagrada. Escondam as vossas espadas, ó guerreiros, e ponham de lado as vossas lanças, pois não será senão depois de a nona geração ter nascido e morrido que as águias romanas partirão. E depois de terem voado aqueles que levam o vosso sangue e o deles juntos serão deixados para defender esta terra!

- Estás a mentir! Tens de estar a mentir! - a voz de Bendeigid quebrou-se. - Traíste os teus juramentos!

Eilan sentiu-se a cair de novo no seu corpo; a dor apunhalava-lhe a têmpora mas abanou a cabeça.

- Não o fiz, pois Gaius era o Rei do Ano. Tu próprio o fizeste, e assim o meu amor por ele não foi nenhum pecado! Bendeigid balançou, a sua face a contorcer-se com a agonia dum homem que vê todas as suas certezas a desfazer-se.

- Se o que dizes é verdade - gritou - que a Deusa nos mostre um sinal antes de te entregarmos ao fogo!

Na altura mesmo em que ele falou pareceu a Eilan que um grande trovão ribombou através da sua cabeça; espantada pelo seu peso, sentiu-se cair de joelhos. O pai estendeu as mãos, mas ela estava a escorregar por um longo túnel para longe dele.

O bater do seu coração era um tambor a desvanecer-se; depois cessou subitamente, e ela estava livre.

«Assim a Deusa acabou finalmente por me fulminar », pensou Eilan com uma estranha clareza. «Mas foi a Sua clemência, não a Sua fúria!»

Muito lá em baixo podia ver gente inclinada sobre o seu corpo imóvel. Este era o fim que a tinha esperado desde que tinha dormido nos braços de Gaius, mas tinha-o adiado o tempo suficiente para construir uma ponte entre o povo dele e o seu. Dois dos druidas estavam a manter o seu pai direito; ele ainda estava a gritar mas o povo estava a afastar-se dele com faces assustadas, começando a descer pela colina abaixo.

Viu os padres levantarem a carne que tinha abandonado e levá-la para a pira onde Gaius já estava a arder. Depois virou-se dessa luz menor para a radiância que se estava a abrir à sua frente, mais brilhante que o fogo, mais encantadora que a Lua.

EPÍLOGO

CAILLEAN FALA

Quando cheguei à Casa da Floresta na tarde seguinte, todas as fogueiras de Samaine tinham ardido e apenas restavam cinzas. Levou algum tempo até encontrar alguém que me pudesse fazer um relato coerente do que se tinha passado. Miellyn não tinha sido vista; algumas pessoas pensavam que ela tinha morrido tentando proteger Eilan com o seu corpo. Eilidh tinha sido morta na luta que se seguiu ao sacrifício. Dieda também estava morta; jazia no santuário e era evidente que tinha caído pela sua própria mão.

De certeza que não se podia tirar qualquer sentido das palavras de Bendeigid e, excepto os druidas que tinham ficado para cuidar dele, o clero tinha-se espalhado. Assim, graças aos deuses, como o tinham feito os guerreiros que se tinham juntado para o festival. Mas percebi que o povo que tinha ficado estava desejoso de me obedecer, pois eu era a coisa mais próxima com uma Grã Sacerdotisa que agora tinham.

Movimentei-me pelo tumulto, dando ordens com uma calma que me espantava, pois não me atrevia a abrir caminho a uma dor que se podia mostrar incomensurável. Contudo tinha de haver um sentido qualquer para tudo isto; uma vida - ou uma morte - não deve ser desperdiçada.

No dia seguinte fui acordada pelas notícias de que um grupo de romanos tinha solicitado uma entrevista com a Grã Sacerdotisa. Saí e vi Macellius Severus com o secretário atrás dele e outro homem, que eles disseram ser o pai da mulher romana de Gaius, com os seus cavalos parados sob um lacrimejante céu de Outono. Fiquei impressionada com o facto de ele ter vindo aqui sem um destacamento de soldados para o protegerem. Mas, também, no final o seu filho tinha sido corajoso.

Era duro enfrentar Macellius, sabendo a resposta à pergunta que ele não se atrevia a fazer-me, e compreendendo que nunca lhe podia dizer como o seu rapaz tinha morrido. Nesta altura já os mais espantosos rumores voavam pelo país. Gaius tinha morrido como um Deus do Ano britânico, e se bem que alguns pensassem que ele era romano, as únicas pessoas que sabiam o seu nome tinham uma poderosa razão para guardarem silêncio.

O desorganizados que os romanos pudessem estar, ainda tinham a força para banhar o país em sangue se encontrassem provas de que um oficial romano tinha sido sacrificado naquela colina. Mas, claro, não havia nenhum corpo, apenas uma pilha de cinzas misturadas com os tições das fogueiras de Samaine.

Quando se estavam a ir embora, Macellius virou-se para mim, e vi que a esperança ainda não estava totalmente morta nos seus olhos.

- Havia um rapaz a viver na Casa da Floresta - disse ele. - Chamavam-lhe Gawen. Creio que ele é... meu neto. Podeis dizer-me onde está ele agora?

Desta vez, pelo menos, podia responder honestamente que não sabia, pois Gawen não tinha sido visto desde a Véspera de Samaine, o dia em que a sua ama e Senara também tinham desaparecido.

Não foi senão passados três dias que Senara voltou a arrastar-se, a sua jovem face desfigurada pelas lágrimas, seguida por um esbelto rapaz que olhava à sua volta com olhos perturbados.

- Ela morreu por minha causa - Senara soluçava quando lhe contou o que tinha acontecido a Eilan. - Ela condenou-se a si própria para me salvar... e ao seu filho.

A minha garganta doía-me, mas forcei-me a falar calmamente.

- Então o seu sacrifício não deve ser perdido. Tomarás os votos e servirás a Deusa em seu lugar, agora que ela se foi?

- Eu não posso, eu não posso - lamuriou-se Senara.

- Seria um pecado pois eu sou uma nazarena. O padre Petros está-se a mudar para Deva. Deixar-me-á ficar no seu eremitério e passarei o resto dos meus dias em oração!

Pestanejei, pois subitamente pareceu-me que podia ver uma casa na floresta rodeada por muitas outras. Com o tempo, pensei, mais mulheres eremitas se juntarão à sua volta. E o que vi então veio na realidade a passar-se, pois esta foi uma das primeiras das piedosas congregações que agora servem o povo, tal como a Casa da Floresta o fez na altura; mas isso seria muitos anos no futuro. Tinha-o Eilan previsto? De qualquer modo, a mulher mais jovem tinha representado o seu papel. Senara podia recusar tornar-se Grã Sacerdotisa de Vernemeton, mas, num certo sentido, ainda era a herdeira de Eilan.

- Levarás Gawen para o seu avô? - perguntou Senara.

- Não posso mantê-lo comigo depois de ter tomado os votos cristãos.

Qual deles? Pensei retorcidamente, e nessa altura percebi que não tinha vontade de entregar o rapaz a qualquer um desses velhos, ambos ainda aprisionados pelo ódio de um passado moribundo.

- Gawen... - Olhei para ele, e vi uma criatura, nem romana nem bretã, nem rapaz nem homem, imobilizado na ombreira da possibilidade. No final Eilan tinha morrido para que este rapaz pudesse viver num novo mundo. - Vou voltar para o País do Verão, onde as brumas ondulam no vale a que chamam Avalon. Virás comigo?

- Isso é a Terra do Verão? - perguntou ele. - Dizem-me que a minha mãe foi para aí.

- Não verdadeiramente - os meus olhos encheram-se de lágrimas. - Mas perto disso, diriam alguns.

Ele olhou à sua volta e estremeceu, e eu pensei quão duro deve ser para ele, não sabendo ainda verdadeiramente o que tinha perdido. Quase tão duro como era para mim, que percebia bem de mais.

Depois olhou para cima, para mim, e vi um espírito, que não se assemelhava com nenhum dos avós, nem com os pais também, a transparecer-lhe nos olhos.

- Muito bem. Irei convosco para Avalon.

Aqui no coração do País de Verão penso por vezes por que é que, de todos os que tiveram um tal papel nesta história, apenas eu é que fui poupada. Sei que estou apenas a começar a ver o grande desígnio em tudo isto. Será que o filho de Eilan, que representa duas grandes linhagens que entraram na criação do nosso povo, virá a ser o fundador duma linha da qual o nosso salvador nascerá um dia?

Não me foi dito. Não tenho sequer o conselho do Merlin, se bem que Eilan tivesse dito uma vez que ele tinha falado com ela sobre o seu destino. Deve

haver algum padrão. Apenas sei que é do Dragão e da águia, não do Corvo da vingança, que virá um salvador para a nossa terra, e talvez o Merlin encarne para ajudar o herói no seu dia...

Aqui no País de Verão, onde os anéis de pedra protegem o poderoso Tor e a promessa de poder se mantém, eu espero o resultado da história.